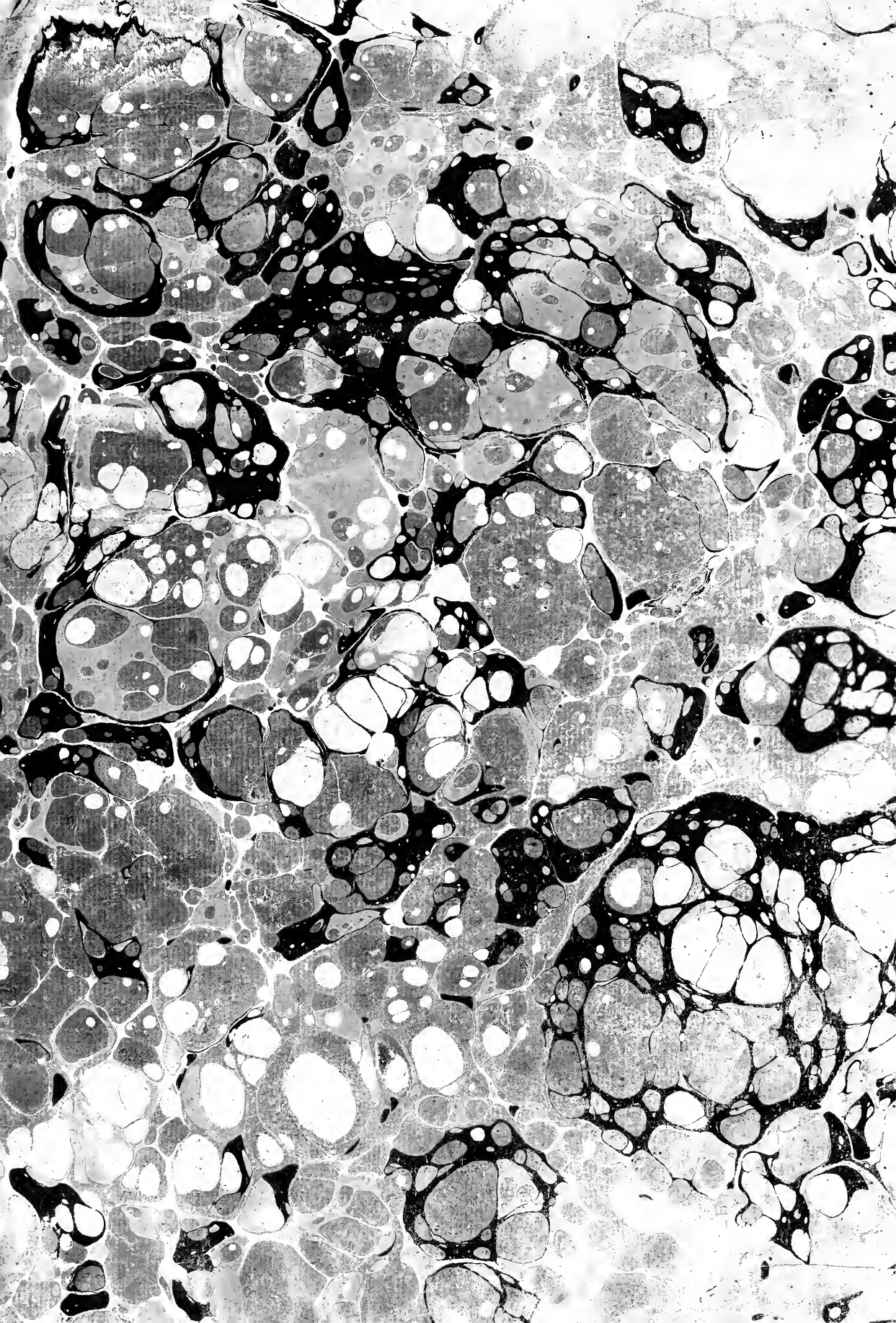
The background of the image is a complex marbled paper pattern. It features a dense, irregular arrangement of dark, almost black, veins and blotches of varying sizes and shapes, set against a lighter, off-white or light gray base. The overall effect is reminiscent of traditional stone or shell marbling, with a rich, organic texture. In the center of the image, there is a white rectangular label with a thin, dashed black border. Inside this label, the text "BOSTON PUBLIC LIBRARY" is printed in a classic, black, serif font, centered horizontally. Below it, the words "BENTON FUNDS" are printed in a smaller, similar serif font, also centered.

BOSTON PUBLIC LIBRARY

BENTON FUNDS



HA-17 489

\$3,800⁰⁰

of the
of the
of the

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
Boston Public Library



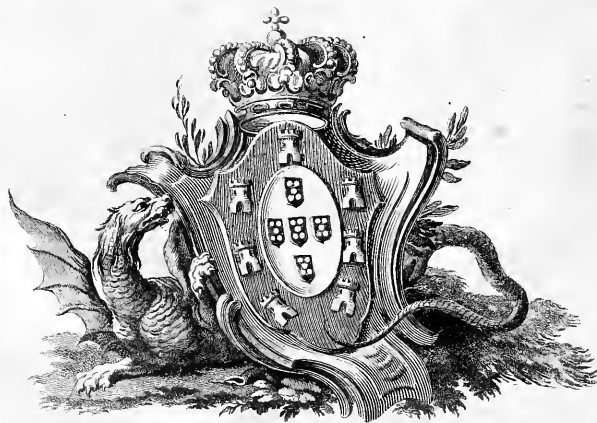


Silva delat.

Froy Sculp. Liz.

L U Z
DA LIBERAL,
E
NOBRE ARTE
D A
CAVALLARIA,
OFFERECIDA
A O
SENHOR
D. JOÃO
PRINCIPE DO BRAZIL,
P O R
MANOEL CARLOS DE ANDRADE,
PICADOR DA PICARIA REAL DE SUA Magestade FIDELISSIMA.

PARTE PRIMEIRA.



LISBOA,
POR ORDEM DE SUA Magestade
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
A N N O M. DCC. XC.

RB SF309.A63

82-289

Folio

SENHOR



O *M* voz fraca , e desconhecida imploro a Real protecção de *VOSSA ALTEZA* , bem certo de que o Principe mais benigno , e affavel , que conhece o Mundo , se ha de dignar de proteger este meu Tratado da Liberal , e Nobre Arte da Cavallaria , ainda mais do que a protegêrão os Principes famosos da Persia , da Macedonia , da Grecia , da Italia , da Grão Bretanha , de França , e de Alemanha , não só porque *VOSSA ALTEZA* a todos excede em proteger as sciencias , mas tambem porque a todos vence na instrucção da Arte , que faz o objecto deste Livro.

A multiplicidade dos conhecimentos , de que *VOSSA ALTEZA* he revestido , me anima a esperar que o seu Excelso Nome no

frontespicio deste volume o fará em todas as partes respeitado da voraz , e cruel mordacidade.

De hum Principe insigne Cavalleiro só podia ser digno Elogiador outro Principe igualmente insigne no mesmo exercicio ; mas sendo a grandeza do animo , e a benignidade em VOSSA ALTEZA igual á sua vasta , e profunda intelligencia , espero que este meu obsequio estará tão longe de offender a VOSSA ALTEZA , que antes me conciliará na sua presença os seus Reaes agrados ; porque o caracter proprio de VOSSA ALTEZA he promover , e patrocinar as utilidades da humanidade , e da Republica.

DE VOSSA ALTEZA

O mais humilde, e fiel criado

Manoel Carlos de Andrade.

A O L E I T O R .

P ELO titulo de qualquer Livro se dá a conhecer a materia que nelle se contém ; e pelo Prologo se dá aos Leitores hum breve desenho do contexto de toda a Obra para se excitar a vontade de a lerem aquelles , a quem ella pela sua qualidade se faz necessaria.

Nesta Obra servirei de guia aos que quizerem seguir as regras mais proprias da Liberal , e Nobre Arte da Cavallaria , tão precisa , e praticada em todos os Paizes da Europa , da Africa , da Asia , da America , e ainda dos Póvos mais rudes , e barbaros que elles contém. Tratarei sómente daquellas Regras , que tiverem repetidas vezes sido averiguadas por mim , ou pelos Authores que cito : e farei que em toda a sorte de ares , e trabalhos do Manejo seja a minha explicação acompanhada das razões mais perceptíveis , e claras , que me forem possíveis.

Sei que hum espirito , ainda que livre , e cuidadoso em seguir a verdade , muitas vezes abraça o engano : e por isso acontece haver quem condemne o bom , e approve o máo ; e da mesma sorte ha quem de huma , e de outra cousa não faz caso. Os rigidos censores querem sem pejo desluzir os Authores : os nescios intromettidos só cuidão em perverter ; e os que mal chegão a curiosos , em desprezar ; e como poderá a penna dos Escretores fugir a estes castigos ?

Não chega porém minha vaidade a persuadir-me que posso escrever nesta Arte com toda a exacção. Meus sentimentos são mais modestos ; e os meus desejos bem longe deste desvanecimento , unicamente se encaminhão a mostrar os bons principios , que podem conduzir os Principiantes Cavalleiros aos conhecimentos de tão bella Arte ; e em quanto não ap-
pa-

parecer outra melhor , não he justo que os inscientes da lingua Franceza , e Ingleza deixem de conhecer os principios , e utilidades della : para estes escrevo com a certeza de que elles serão indulgentes comigo , esperando se lembrem que merecem alguma gratidão todos os que como eu tanto se empenhão por servir a Patria , querendo ser util aos meus Nacionaes.

Vale.

INDICE

DO QUE SE CONTÉM NA PRIMEIRA, E SEGUNDA PARTE.

LIVRO I.

ARGUMENTO.

Mostra-se a razão, por que temos pouca certeza de quem forão os primeiros Inventores da Nobre Arte da Cavallaria: Nomes dos melhores Autores, que tratão della: Obrigações civis, que devem observar os Picadores, tanto para serem cortezes, e polidos no Picadeiro Real, e nos Picadeiros particulares, como por não ignorarem as suas obrigações, e regalias. Pag. 1.

ESTAMPA I. Das proporções do terreno do Picadeiro. 5.

Instrucções, e civilidades, que se devem observar, principalmente no Picadeiro Real. 8.

Modo de repartir os Potros aos Picadores. 17.

Descree-se a ordem, com que alguns Soberanos de Portugal montárão a cavallo para entrar de Estado em algumas Povoações. Ibid.

LIVRO II.

ARGUMENTO.

Mostra-se o modo, com que se devem repartir, e tratar os Parques: como se devem fazer as raças, recolher, e tratar os Potros, e as Egoas: nomes das cores dos Cavallos: nomes dos finies, que devem ter os bons Cavallos, e quaes os nomes dos máos, de que se deve fugir, segundo a opinião dos melhores Autores, e creadores de raças: observações, que se podem fazer para conhecer as idades dos Cavallos, com huma breve noção das partes externas, e internas, de que se compõem os seus corpos, &c. 20.

EST. II. Dos Potros no campo. Ibid.

Carta de Luiz XIV. aos Magistrados, e Grandes dos seus Dominios. 22.

Mostra-se qual seja o tempo mais proprio para as Egoas se disporem para o acto de geração; e quaes seião os Cavallos melhores para Garanhões. 23.

Mostra-se o modo como se gera, e nutre o Potro no ventre da Egoa. 25.

Mostra-se o tempo que as Egoas andão prenbes, segundo a melhor opinião. 26.

Signaes, por que se conhece estar proximo o parto das Egoas. 27.

Trata-se do modo de repartir o terreno dos Parques, e da quantidade de cabeças, que elle pôde sustentar. 28.

Mostra-se qual seja o terreno mais proprio para crear os Potros. 29.

Motivos, pelos quaes deve haver nos Parques arribanas, ou cavalbariças. 31.

Modo, por que se devem tratar os Garanhões. 32.

Continua-se o modo de tratar os Potros. 33.

Trata-se das qualidades, que fazem os Cavallos mais propios para Garanhões. 34.

- Dos Cavallos Arabios.* Ibid.
- Dos Cavallos Andaluzes.* Ibid.
- Dos Cavallos Marroquianos.* 35.
- Dos Cavallos Inglezes.* Ibid.
- Dos Cavallos Napolitanos.* Ibid.
- Dos Cavallos Corredores.* Ibid.
- Quaes são os bons signaes, e qualidades, que fazem os Cavallos finos, e vistosos.* 36.
- Da idade, em que as Egoas estão capazes de servir para o lançamento.* 39.
- Quaes são as melhores cores dos Cavallos pais.* Ibid.
- Das molestias, que se communicão dos pais aos Potros.* Ibid.
- Que cousa he a molestia chamada Pulmoeira.* 40.
- Qualidades que devem ter as Egoas destinadas para as raças.* 42.
- Da razão, por que as Egoas devem ser cubertas por Garanhões de diferentes Paizes.* 44.
- Como se devem emparelhar os Garanhões com as Egoas para fazerem produzir bem as raças.* 45.
- Da razão, por que não devem trabalhar as Egoas destinadas para as raças.* 47.
- Do modo de fazer as listas das raças.* Ibid.
- Dos signaes, por que se conhece estar a Egoa disposta para o lançamento.* 48.
- Do modo, por que se põe em prática o lançamento.* 49.
- Como se devem tratar as Egoas para o lançamento, e a fôrma da travadoura.* Ibid.
- Modo, com que devem ser tratados os Garanhões, e conduzidos para o acto do lançamento.* 50.
- Modo de marcar os Potros: e fôrma que devem ter os ferros de marcar.* 52.
- Mostra-se o melhor modo, com que se devem desmamar os Potros.* 53.
- Que cousa he a molestia chamada Congocha.* 54.
- Do modo, com que se nutrem as partes do corpo do Cavallo.* 55.
- Modo de fazer as raças para produzir Machos.* 56.
- Quaes são as partes, que devem ter os Burros mais proprios para o lançamento.* 57.
- Do modo, com que se fez na baixa Nurmandia produzir a raça dos Jumardos.* 58.
- Mostra-se o modo mais facil de dispôr os Potros, e Machos destinados para os coches, e carruagens.* 59.
- Nomes das cores dos Cavallos.* 61.
- Nomes dos signaes, que se dizem bons, segundo a opinião dos melhores Autores, e creadores de Cavallos.* 62.
- Nomes dos signaes chamados communmente máos, e que fazem os Cavallos muito desagradaveis.* Ibid.
- Mostra-se quaes são os redopios, a que communmente chamão bons, e quaes os que denomião máos.* 63.
- Signaes, pelos quaes se conhece a idade, em que estão os Cavallos até chegarem aos sete annos pouco mais, ou menos.* 64.
- EST. III. *Dos nomes de algumas partes dos corpos dos Cavallos.* 65.
- Noções preliminares dos ossos em geral.* 68.
- Das eminencias dos ossos, e seus prestimos em geral, e em particular.* Ibid.

- Dos ossos *Atremoides*, a quem outros chamão *Uides*, *Capillares*, ou do *Vacilar*. 70.
 Dos ossos das faces superiores, e inferiores. *Ibid*.
 Do Tronco do corpo do Cavallo. *Ibid*.
 Das *Vertebras cervicaes*, ou do pescoço em particular. *Ibid*.
 Das extremidades posteriores. 75.
 Numero dos ossos do corpo do Cavallo. 77.
 Das *Cartilagens* em geral. *Ibid*.
 Dos *Ligamentos* em geral. 78.
 Dos *Ligamentos das Vertebras* em particular. 79.
 Dos *Ligamentos da palbeta da espadua*, e do osso do braço. 80.
 Dos *Ligamentos do Joelho*. 81.
 Dos *Musculos* em geral. 84.
 Da *Estrutura dos Musculos*. *Ibid*.
 Dos *Musculos proximos á pelle*. *Ibid*.
 Dos *Musculos da cabeça*, do pescoço, e dos lombos. 85.
 Dos *Musculos da respiração*, da cauda, da verga, e dos testiculos. *Ibid*.
 Dos *Musculos da espadua*. 86.
 Dos *Musculos do Braço*, da *Canela*, da *Quartela*, dos *Machinhos*, e do osso *Coronario*. 87.
 Dos *Musculos do Femur*, e seus adjacentes. 88.
 Dos *Musculos*, que dão movimento ao pé. 89.
 Dos *Musculos do Farrete*, da *Canela*, da *Quartela*, e do Osso *Coronario*. *Ibid*.
 Do *Cerebro*. *Ibid*.
 Das partes, de que se compõe a cabeça. 90.
 Dos *Ouvidos*. 91.
 Dos *olhos*, da primeira, segunda, terceira *Tela*, e das *lagrimas*. *Ibid*.
 Da divisão dos *Nervos*. 92.
 Da composição do *Peito*. 93.
 Da composição do *Espinhaço*. *Ibid*.
 Continua-se a tratar das partes do *Peito*. 94.
 Do *Calor natural*, dos *Espiritos Vitaes*, dos *Animaes*, e do *Coração*. *Ibid*.
 Das *Veias*, e *Arterias*. 95.
 Dos movimentos do coração, das suas *valvulas*, e *fibras*. 96.
 Diferença do movimento do *Sangue*, das *Veias*, e *Arterias*, e da construção dellas. 97.
Valvulas das veias. 98.
 Divisão da *Veia Cava*. *Ibid*.
 Mostra-se que cousa he o *Sangue*, e a sua circulação. *Ibid*.
Vasos mais principaes por onde se filtra o sangue. 99.
 Das *Glandulas da boca*. 100.
 Da *Trachea*. 101.
 Nomes dos *intestinos principaes*. *Ibid*.
 Distinção dos nomes de algumas partes do corpo do Cavallo. 102.
 Modo, por que se distribuem as *arterias*, e as *veias* nos braços dos Cavallos. 103.
 Distribuição dos *Nervos* nos braços dos Cavallos. *Ibid*.

- Modo, por que se distribuem os Nervos nas pernas dos Cavallos.* 104.
Do modo, por que se distribuem as arterias nas pernas dos Cavallos. 106.
Do modo, por que se distribuem as veias nas pernas dos Cavallos. Ibid.
Do nervo Entrecostal, e da parte menor do Mesenterio. Ibid.
Divisão dos nervos da Medulla espinhal. 107.
Dos nomes das enfermidades visíveis, que correspondem aos numeros da Est. III., e algumas das suas qualidades. Ibid.
Das Molestias dos olhos. Ibid.
Das Molestias da boca. Ibid.
Dos Sapinbos. 108.
Dos Sobredentes. Ibid.
Dos signaes do defluxo, e mormo. Ibid.
Da Erisipéla. Ibid.
Do Espasmo. Ibid.
Dos esforços das espaduas. 109.
Dos Cavallos abertos dos peitos. Ibid.
Dos que tem os peitos fumidos. Ibid.
Das sob-rodas. Ibid.
Das Lupas. Ibid.
Do Estabão. Ibid.
Da Sobrecana. Ibid.
Da extensão dos nervos dos braços. 110.
Das Ovazs. Ibid.
Das Gretas. Ibid.
Da Sobremão. Ibid.
Do Cavarro. 111.
Do Galapo. Ibid.
Dos Quartos. Ibid.
Das Raças. Ibid.
Dos Figos. Ibid.
Das Mataduras. Ibid.
Dos Lamparões. Ibid.
Dos Agnamentos. 112.
Das Terçans. Ibid.
Da Sarna. Ibid.
Da inchação dos testiculos. Ibid.
Dos Sobrenerros. Ibid.
Dos Agriões. 113.
Dos Alifafes. Ibid.
Das Curvas, Sobcurvas, e Curvaças. Ibid.
Dos Espravões. Ibid.
Dos Cavallos Topmbos. Ibid.

L I V R O III.

A R G U M E N T O.

B Reve instrução de alguns principios da Geometria para melhor intelligencia dos termos pertencentes ás lições do Manejo. Modo com que se devem separar, ou apartar os Potros das Egoas: como se devem enlaçar, recolher, pensar, e tratar na cavalharia, principalmente quando os dispuzerem para os deitar á guia, pôr-lhes a sella, e dispollos para aquelle exercicio, para o qual mostrão ter mais propensão. 114.

Definições da Geometria. Ibid.

Demonstração. 115.

EST. IV. De algumas figuras da Geometria. 116.

Do modo de enlaçar os Potros no Picadeiro. 117.

Do modo de pôr a cilha mestra aos Potros. 118.

Do modo de pôr a sella nos Potros. Ibid.

Mostra-se como devem ser fabricadas as sellas, que se põem a primeira vez nos Potros. 119.

EST. V. De alguns instrumentos, com que se castigão os Cavallos. Ibid.

Utilidades da Guia, e de como deve ser construida. Ibid.

Modo de deitar os Potros as primeiras vezes á guia. 120.

Do modo de obrigar as primeiras vezes a passar de mão. Ibid.

Continua-se o modo de deitar os Potros á guia. 122.

Fôrma, com que se deve usar do chambrié. 123.

Do modo de fazer passar o Potro de mão, obrigando-o com o chambrié. 124.

Explica-se que cousa he Açoute, e o modo de usar delle. 125.

Do modo de montar o Potro debaixo da guia. 126.

Explica-se o modo, com que se devem atar as redeas do cabeção ás cilbas para esta lição ser util. 127.

Difereença do modo de atar as redeas do cabeção, para formar o Potro na primeira lição do trote. Ibid.

EST. VI. Do circulo de duas pistas para a direita. 130.

Leis pertencentes aos movimentos do corpo do Cavalleiro nesta lição. Ibid.

Leis pertencentes aos movimentos dos Cavallos nesta lição. Ibid.

Defeitos, que concorrem para os Cavallos se não poderem formar bem no seu movimento, e acção sobre o circulo. 132.

Difereenças do modo de atar as redeas do cabeção ás cilbas, e seus efeitos, estando o Cavallo capaz de passar á lição do galope. Ibid.

EST. VII. De hum Cavallo andando á guia, trazendo na sella o Pilar do cepilho. 133.

L I V R O I V.

A R G U M E N T O.

Explica-se a fôrma com que devem dispôr os Principiantes para montar a cavallo : e as qualidades , de que devem ser dotados os homens para serem bons Cavalleiros. Mostrão-se tambem as que devem ter os Cavallos , em que principiarem a dar lição aos Principiantes , &c. 137.

EST. VIII. Do Principiante a cavallo para a esquerda. 139.

L I V R O V.

A R G U M E N T O.

Definição dos nomes , que são proprios nesta Arte , para com o soccorro delles poderem os Discipulos , livres de confusão , perceber facilmente o que lhes mandão fazer. Nomes das partes de que se compõem alguns arreios , e o modo de usar delles. Mostra-se qual he a origem dos sentidos naturaes dos Cavallos , e fôrma com que os Cavalleiros devem servir-se das ajudas , e castigos , para a sensação ser perceptivel aos sentidos do animal : e tambem que cousa he passo natural , que cousa he andadura , que cousa he o movimento do trote : modo de formar a lição dos quatro circulos para a direita , e para a esquerda , ao passo , e trote. 153.

Do occultos movimentos com que se ajuda o Cavallo. 156.

Nomes dos andares naturaes. 160.

Nomes dos movimentos artificiaes. Ibid.

Explicações da Estampa V. Ibid.

Do Fiador. 161.

Do Pilão do centro. Ibid.

Do cabeção dos Pilões. Ibid.

Do Bridão. Ibid.

Do Cabeção ordinario. 162.

Dos Pilões. Ibid.

Do Açoute. Ibid.

Do Freio. Ibid.

Do Correão do Pilão. 163.

Do Gancho do Correão. Ibid.

Do Guia. Ibid.

Da Rabeira. Ibid.

Do Chambricé. Ibid.

Das Çapatilhas. Ibid.

Do Peitoral do mato. Ibid.

Do Páo de espora. 164.

- Das Mangas.* Ibid.
 EST. IX. *Explicações das Embocaduras, e Caimbas.* Ibid.
Do Fiel. 165.
Das Barbellas. Ibid.
Dos Copos. Ibid.
Dos Antolbos. Ibid.
Da sella, e suas explicações. Ibid.
Dos Estribos. 166.
Dos Loros. Ibid.
Do Chairel. Ibid.
Do Rabicho. Ibid.
Do modo de enfrear os Cavallos. Ibid.
Da qualidade de freios, que servem aos Cavallos, que tem a boca sensível. 167.
Dos freios, que servem aos Cavallos, que tem a boca grossa. Ibid.
Do freio, que serve para os Cavallos, que tem o pescoço mal formado. Ibid.
Do freio para os que tem a cabeça grande, e os assentos mais grossos. 168.
Do freio que serve para os Cavallos, que se encapotão. Ibid.
Do freio para os Cavallos, que levantão muito a cabeça. Ibid.
Do freio, que serve para o Cavallo, que entizoura os queixos. Ibid.
Do freio, que serve para os Cavallos, que sorvem os beiços. 169.
Dos freios para os Cavallos, que tem a boca muito rasgada. Ibid.
Dos freios para os Cavallos, que tem a boca pouco rasgada. Ibid.
Dos sentidos naturaes dos Cavallos. 170.
Do sentido do Ver. Ibid.
Do sentido de Ouvir. Ibid.
Do sentido do Olfacto. Ibid.
Do sentido do Taeto. Ibid.
Mostra-se em que consiste o sentido de Ouvir. 172.
Mostra-se o modo, por que se communica o Taeto ás partes nervosas da cutis. 173.
Lição do Passo natural, e origem deste movimento. 175.
 EST. X. *Do Cavalleiro, fazendo marchar o Cavallo a passo para a direita.* Ibid.
Mostra-se que cousa he passo travado. 177.
Lição da andadura, ou furtapassô. 178.
 EST. XI. *Do Cavalleiro, fazendo marchar hum Cavallo de andadura.* 179.
Mostra-se que cousa he o movimento chamado Traquinar. 180.
Continua-se a mostrar mais alguns effeitos da andadura. Ibid.
Lição do trote. 181.
Modo facil de fazer passar os Potros de mão ao passo, e trote. 183.
 EST. XII. *Do Cavalleiro, fazendo trotar o Cavallo sobre linbas parallelas á largura do Picadeiro.* 186.
Modo de emendar com as mãos, e pernas algumas defezas, de que os Cavallos usão.
 Ibid.
Modo de emendar o Cavallo com o tronco do corpo. 187.

- Do movimento dos joelhos, das barrigas das pernas, do contrapezo dos estribos, e do castigo das esporas.* 188.
- Differença dos feitios das esporas.* 190.
- Disposições para a lição da espadua dentro, ou garupa ao muro.* 191.
- EST. XIII. *Do Cavalleiro, dobrando hum Cavallo na lição da espadua dentro, ou garupa ao muro, ao passo, e ao trote pelo comprimento da muralha para a direita.* 192.
- Modo de formar as passagens de mão da direita para a esquerda na lição da espadua dentro, ao passo, e trote.* 195.
- EST. XIV. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição da espadua dentro sobre as linbas da muralha, dobrado para a esquerda.* 196.
- Modo de passar os Cavallos de mão da esquerda para a direita na lição da espadua dentro.* 197.
- Differença que fazem humas de outras passagens de mão.* Ibid.
- Modo de marcar o terreno, trabalhando nesta lição.* 199.
- EST. XV. *Do quadrado longo, em que se mostra o modo, por que os Cavallos marcão o terreno, quando trabalhão na lição da espadua dentro.* Ibid.
- Lição da meia garupa dentro ao passo, e trote para a direita.* Ibid.
- Modo de passar de mão na lição da meia garupa dentro.* 200.
- Disposições para a lição dos circulos de quatro pistas.* Ibid.
- Leis da lição dos quatro circulos pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro.* 201.
- Leis pertencentes á direcção dos movimentos dos corpos dos Cavallos nesta lição para a direita.* Ibid.
- EST. XVI. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição dos quatro circulos, dobrado para a direita, com o freio, e cabeçaõ ao passo, e trote.* 202.
- Defezas, que ordinariamente buscão os Cavallos para fugir desta lição.* Ibid.
- Modo de evitar que os Cavallos se deixem possuir de alguns destes defeitos.* 203.
- Modo de formar as passagens de mão da direita para a esquerda ao passo, e trote nesta lição.* 204.
- EST. XVII. *Do modo com que o Cavallo marca os circulos de quatro pistas para a direita, e fórma com facilidade as passagens de mão ao passo, e trote.* 205.
- Lição dos quatro circulos para a esquerda, ao passo, e trote.* Ibid.
- Da velocidade do movimento do trote.* 206.
- EST. XVIII. *Do Cavalleiro, dobrando hum Cavallo com o freio, e cabeçaõ na lição dos quatro circulos ao passo, e trote para a esquerda.* 208.
- Advertencias sobre o modo de regular o trote aos Cavallos destinados para a lição dos quatro circulos.* Ibid.
- Motivos, por que o movimento das espaduas dos Potros podem ser desiguaes: e o modo de os remediar.* 210.
- Do Cavallo quarteludo.* Ibid.
- Do Cavallo topimbo.* Ibid.
- Do modo de trazer a mão de fóra para o centro na lição dos quatro circulos.* 211.
- EST. XIX. *Na qual se mostra o modo, com que o Cavallo marca no terreno com os pés,*

pés, e mãos os circulos de quatro piflas para a esquerda, ao passo, e trote: e o modo de formar as passagens de mão. 212.

LIVRO VI.

ARGUMENTO.

Mostra-se qual he a origem do movimento chamado Galope; e que coisa he a Carreira: Lição dos quatro circulos para a direita, e para a esquerda: Lição da carreira contra a muralha, ou testa ao muro, ao passo, e trote. Que coisa he a Passada: Lição da garupa ao pilão, ao passo, e trote: Lição da volta ao revés, ao passo, e trote. Trata-se de como se passeia o Cavallo no seu comprimento, e da lição de terra a terra com o freio só. 217.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, quando faz galopar qualquer Cavallo. 219.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos Cavallos, quando se fórmão na acção da galopada. 220.

EST. XX. Do Serenissimo Principe D. José, formando hum Cavallo na lição, e acção do galope, alguma coisa dobrado para a direita sobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro. 222.

Lição do galope, fazendo marchar o Cavallo sobre a direita. 223.

Modo, pelo qual S. A. fazia passar de mão qualquer Cavallo, galopando da direita para a esquerda. 224.

Da razão, por que os Cavallos galopão falso. Ibid.

Causas, por que os Cavallos facilmente se desinam das espaldas. 225.

Das causas, por que os Cavallos se desinam da garupa. 226.

Lição para fazer galopar qualquer Cavallo para a esquerda. 227.

EST. XXI. Do Serenissimo Principe D. João, formando qualquer Cavallo na lição, e acção do galope, fazendo-o trabalhar com o freio, e cabeção dobrado para a esquerda sobre linhas parallelas á largura do Picadeiro. Ibid.

Modo de formar as passagens nesta lição, desdobrando o Cavallo da esquerda para a direita. 228.

Trata-se da lição da carreira, e as leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, quando faz partir hum Cavallo a toda a brida. 230.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos Cavallos na carreira. Ibid.

EST. XXII. Do Cavalleiro, fazendo partir hum Cavallo na acção da carreira a toda a brida para a direita sobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro. 231.

Fórmãs exteriores, que devem ter os bons Cavallos corredores. Ibid.

Modo de instruir os Cavallos na carreira. 232.

EST. XXIII. Do Cavalleiro, fazendo partir hum Cavallo a toda a brida para a esquerda sobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro. 234.

Causas, por que duvidão os Cavallos formarem bem a carreira. Ibid.

Disposições, e Leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, para fazer galopar qualquer Cavallo na lição dos quatro circulos. 235.

- Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos corpos dos Cavallos , galopando nesta lição. Ibid.*
- EST. XXIV. *Na qual se mostra o modo, com que o Cavallo marca o terreno, quando se fórma na lição, e acção dos quatro círculos, galopando sobre a direita. 238.*
- Modo de formar as passagens de mão da direita para a esquerda. 239.*
- Lição dos quatro círculos, galopando hum Cavallo dobrado para a esquerda. 240.*
- EST. XXV. *Em que se vê a fórma com que os Cavallos marcão o terreno, galopando na lição dos quatro círculos dobrados para a esquerda. 241.*
- Modo, com que o Cavallo marca o terreno, e faz as passagens de mão, galopando na lição dos quatro círculos da esquerda para a direita. 242.*
- Modo de formar o Cavallo na lição da cara contra a muralha, ou testa ao muro, ao passo, e trote dobrado para a direita, e as leis pertencentes ás determinações do corpo do Cavalleiro. 245.*
- Leis pertencentes ás determinações dos Cavallos. Ibid.*
- EST. XXVI. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição, e acção da cara contra a muralha, ao passo, e trote para a direita. 246.*
- Defezas, de que ordinariamente usão os Cavallos, quando lbes principião a formar a lição da cara contra a muralha. 248.*
- Lição da cara contra a muralha, ao passo, e trote para a mão esquerda. Ibid.*
- Modo, por que o Cavallo marca no terreno quatro pistas, trabalhando na lição da cara contra a muralha, ao passo, e trote sobre huma, e outra mão. 249.*
- Modo de marcar o terreno, galopando na lição da cara contra a muralha. Ibid.*
- EST. XXVII. *Do Cavalleiro, formando o seu Cavallo na lição, e acção da cara contra a muralha, ao passo, e trote para a esquerda. 250.*
- Lição para tirar os Cavallos atrás; e as leis pertencentes á determinação dos seus movimentos, formando-os na acção do recuar. 252.*
- EST. XXVIII. *De hum Cavallo, recuando sobre as linhas da muralha, obrigado das sensações da guia, e vara, &c.: e as defezas, de que ordinariamente usão, quando os cuspão a recuar. 253.*
- Modo de remediar estas, e outras defezas, de que alguns usão, quando os obrigão a recuar. 254.*
- Lição do suspender, e as leis pertencentes á direcção dos movimentos do corpo do Cavalleiro. 255.*
- Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos Cavallos na lição do piafer, ou suspender. 256.*
- EST. XXIX. *Do Serenissimo Principe D. João, formando hum Cavallo na lição, e acção do suspender, dobrando-o para a direita. 257.*
- Modo, pelo qual S. A. faz passar de mão qualquer Cavallo, trabalhando-o na lição do suspender da direita para a esquerda. Ibid.*
- Modo, por que o Cavallo marca o terreno com as pistas dos pés, e mãos, quando se fórma na lição, e acção do suspender. 258.*
- Trata-se do modo de formar os Cavallos na lição do suspender dobrados para a esquerda. 259.*

- EST. XXX. *Do Serenissimo Principe D. José, formando hum Cavallo na lição, e acção de suspender, alguma coisa dobrado para a esquerda.* 260.
- Modo, com que S. A. fazia passar de mão da esquerda para a direita qualquer Cavallo que formava nesta lição.* Ibid.
- Mostra-se que coisa he o movimento das passadas, e o modo de formar o Cavallo nesta lição, e acção para a direita, e para a esquerda.* 261.
- Das passadas furiosas.* 262.
- Defezas, de que ordinariamente usão os Cavallos para fugir do trabalho das passadas.* 263.
- Lição da garupa ao Pilão, ou ao centro, ao passo, e trote, dobrando o Cavallo para a direita com o freio, e cabeção.* 264.
- EST. XXXI. *Do Serenissimo Principe D. José, formando hum Cavallo na lição, e acção da garupa ao Pilão, fazendo-o marchar ao passo, e trote para a direita.* 265.
- EST. XXXII. *Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, formando-os na lição da garupa ao centro, ao passo, e trote para a direita: e o methodo, por que S. A. obrigava qualquer Cavallo a passar de mão da direita para a esquerda.* 267.
- Defezas de que usão alguns Cavallos, quando são obrigados a formar as passagens de mão, sabindo dos circulos do centro para as linbas da muralha, e o melhor modo de as emendar.* 268.
- Lição da garupa ao Pilão, ao passo, e trote para a esquerda.* 270.
- EST. XXXIII. *Do Serenissimo Principe D. João, formando qualquer Cavallo na lição, e acção da garupa ao Pilão, obrigando-o com o freio, e cabeção a marchar de passo, e trote para a esquerda.* Ibid.
- EST. XXXIV. *Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, e as passagens de mão, formando-se na acção da garupa ao Pilão para a esquerda ao passo, e trote.* 273.
- Modo de obrigar qualquer Cavallo a formar a passagem de quatro pistas.* Ibid.
- Modo, por que S. A. obriga hum Cavallo a formar o semicirculo a passadas.* 274.
- Lição da volta ao revés, e as leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, fazendo trabalhar qualquer Cavallo nesta acção.* 275.
- Leis pertencentes á determinação dos movimentos do Cavallo.* Ibid.
- EST. XXXV. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição, e acção da volta ao revés junto ao Pilão do centro, dobrando-o para a direita ao passo, e trote.* 276.
- Da volta ao revés irregular.* 277.
- Effeitos da volta ao revés regular.* 278.
- Defezas, de que usão alguns Cavallos para fugir do trabalho a que os conduz a lição da volta ao revés.* 279.
- EST. XXXVI. *Do modo, por que o Cavallo marca o terreno, formando-se na lição, e acção da volta ao revés, ao passo, e trote dobrado para a direita, e as passagens de mão da direita para a esquerda, sabindo dos circulos da Fig. 1. para a Fig. 2., e para a Fig. 3.* 280.
- Modo de fazer passar de mão qualquer Cavallo nesta lição, cortando o terreno, Est. XXXVI.* Ibid.
- Mostra-se como o Cavalleiro deve usar das sensações das suas mãos, pernas, e corpo, quando*

- do faz desdobrar o Cavallo em qualquer destas passagens da direita para a esquerda, fazendo-o trabalhar sobre a Fig. 1., Fig. 2., e Fig. 3. da Est. XXXVI. 281.
- Modo, por que o Cavallo com as suas pistas marca os circulos da Fig. 1., Est. XXXVI., como tambem os da Fig. 2., e da Fig. 3. ao passo, e trote. Ibid.
- EST. XXXVII. Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição, e acção da volta ao revés, dobrando-o para a esquerda ao passo, e trote. 282.
- EST. XXXVIII. Do modo, por que o Cavallo marca o terreno com as pistas das mãos, e pés, trabalhando na lição da volta ao revés dobrado para a esquerda, marchando de passo, e trote sobre a Fig. 1., sobre a Fig. 2., e sobre a Fig. 3. 284.
- Modo, por que se fórmão as passagens de mão, trabalhando-o na lição da volta ao revés da esquerda para a direita, como tambem a ordem, pela qual o Cavalleiro deve determinar os seus movimentos para obrigar qualquer Cavallo a passar de mão. 285.
- Modo de ensinar o Cavallo a galopar na lição da volta ao revés. 286.
- Motivos, por que muitos Cavallos se desigualão dos seus movimentos, trabalhando na lição da volta ao revés. 287.
- Lição para passear o Cavallo no seu comprimento, dobrando-o para a direita. Ibid.
- EST. XXXIX. O Cavalleiro, passeando hum Cavallo sobre circulos de radio do seu comprimento, dobrando-o para a direita. 288.
- Defezas, de que usão alguns Cavallos para se eximir do trabalho desta lição. Ibid.
- Modo, por que o Cavalleiro deve firmar a sua figura, trabalhando-o para a direita. 290.
- Passagens de mão da direita para a esquerda, trabalhando o Cavallo nos circulos, que tem o radio do comprimento do seu corpo, sem mudar de terreno. Ibid.
- Passagens de mão, fazendo-o sabir da circumferencia, vindo por hum angulo completalla sobre o mesmo terreno, em que o trabalhão. 291.
- Lição para passear o Cavallo no mesmo circulo dobrado para a esquerda. Ibid.
- EST. XL. Do Cavalleiro, passeando o Cavallo no radio do seu comprimento, dobrando-o para a esquerda; e modo, por que elle marca o terreno com as pistas das mãos, e pés ao passo, e trote. 292.
- Lição do Terra á terra. 293.
- Leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, formando o Cavallo nesta lição. Ibid.
- Leis pertencentes aos movimentos dos Cavallos. Ibid.
- Definição do Terra á terra em commun. 294.
- EST. XLI. Do Serenissimo Principe D. José, ensinando, e obrigando hum Cavallo com o freio, e cabeção a que se dobre na lição, e acção do Terra á terra para a direita. 295.
- EST. XLII. De como os Cavallos marcão o terreno com as pistas dos pés, e mãos, trabalhando na lição do terra á terra dobrados para a direita: e o modo mais facil, e usual de os fazer passar de mão, sabindo da Fig. 1. para a Fig. 2. por duas tangentes parallelas. 296.
- Modo, por que se devem formar as passagens de mão, fazendo sabir o Cavallo da Fig. 1. para a Fig. 3., marcando quatro pistas. 297.
- Sensações, e movimentos com que se deve obrigar o Cavallo a mudar de acção da direita

- para a esquerda sobre a Fig. 3. , Est. XLII. , trabalhando-o na lição do terra á terra. 298.
- Lição do terra á terra para a esquerda, ensinando o Cavallo com o freio, e cabeçaõ. Ibid.
- EST. XLIII. Do Serenissimo Principe D. João, ensinando hum Cavallo na lição do terra á terra, dobrando-o para a esquerda. 299.
- Defezas de que communmente usão os Cavallos para fugir do trabalho desta lição. Ibid.
- Passagens de mão, sabindo dos circulos da Fig. 1. pelas tangentes A, e I, indo-as depois completar por semicirculos sobre a Fig. 1. da Est. XLIV. , Letra H, e N. , como tambem a fôrma de ensinar os Cavallos a fazer as passadas de L para M. 301.
- EST. XLIV. Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, trabalhando-os dobrados para a esquerda. 302.
- Lição para ensinar o Cavallo de passo, trote, e galope a marcar com as pistas dos pés o quadrado, e com as das mãos as porções dos circulos nos angulos, como se mostra na Est. XLV. 303.
- EST. XLV. Quadrado regular, ou modo, por que o Cavallo marca com as pistas dos pés as linhas do centro N. 3. , e N. 4. , B, e C; e com as das mãos as da maior circumferencia N. 1. , e N. 2. , A, D. Trata-se tambem do modo de formar as passagens de mão. 304.
- Defezas, de que usão alguns Cavallos para fugir do trabalho das passadas, quando lhes ensinão a formar as passagens nesta lição. 305.
- Lição do quadrado regular para a esquerda. 306.
- Passagens de mão sobre a Fig. 2. , e Fig. 3. da Est. XLVI. Ibid.
- EST. XLVI. Quadrado regular, marcando o Cavallo com as pistas das espaduas as linhas exteriores, e com as da garupa as interiores mais proximas ao centro, &c. 307.
- Lição da volta ao revés sobre o quadrado regular. Ibid.
- Modo, por que o Cavallo marca o terreno, marchando sobre a direita. 308.
- Passagens de mão, cortando o terreno. 309.
- Movimentos, pelos quaes o Cavallo pôde conbecer que o Cavalleiro o pertende desdobrar da direita para a esquerda. Ibid.
- EST. XLVII. Em que se vê como o Cavallo deve marcar o quadrado da volta ao revés regular para huma, e outra mão. 310.

L I V R O VII.

A R G U M E N T O.

Mostra-se como se deve ensinar o Cavallo a galopar com o freio só: o modo de lhe ensinar a fazer toda a sorte de passagens de mão: prestinos das falsas redeas: effeitos, que fazem os differentes movimentos da mão da redea em todo o corpo do Cavallo: Lição do Terra á terra, trabalhando-o com o freio só: lição da volta ao revés tambem com o freio sómente: e lição do meio ar só com o freio. 312.

Lição do galope, fazendo marchar o Cavallo sobre a direita, ensinando-o com o freio só.

- EST. XLVIII. *Sua Magestade ensinando hum Cavallo a galopar para a direita com o freio só, dobrando-o sobre linbas parallelas á largura do Picadeiro.* 314.
Passagens de mão, galopando da direita para a esquerda. 315.
Modo de formar as passadas, ensinando o Cavallo com o freio só. Ibid.
Lição do galope, fazendo marchar o Cavallo dobrado para a esquerda sómente com o freio. 316.
- EST. XLIX. *O Serenissimo Principe D. João ensinando hum Cavallo a galopar, dobrando-o para a esquerda com o freio só.* Ibid.
Fórma, com que S. A. ensina qualquer Cavallo a passar de mão, galopando-o da esquerda para a direita. 317.
Modos de ensinar os Cavallos, que fogem de formar as passagens de mão, ficando para trás. 319.
Dos que fogem de formar as passagens, arremessando-se a ellas, entrando muito na mão, ou fugindo para diante; e dos que tomão sentido no lugar, e modo de os passar de mão. 320.
Contra-passagens de mão, e passagens transformadas, trabalhando com o freio só. Ibid.
Passagens de mão, esperando o tempo, e o modo de as fazer tambem sobre a meia parada, e sobre a meia curveta. 322.
Effeitos da mão da redea em commum, trabalhando o Cavallo com o freio só: e os movimentos principaes, com que ella faz uteis as sensações da embocadura, e da barbella. 323.
Effeitos da força da embocadura do freio, e da barbella. 326.
Explicão-se os modos de render a mão, trabalhando o Cavallo com o freio só. 329.
Trata-se do modo de formar a meia parada, e dos effeitos da parada firme, trabalhando-o com o freio só. Ibid.
Effeitos da lição das falsas redeas. 330.
Lição das redeas de vencer cruzadas. 331.
- EST. L. *De hum Cavallo, andando á guia para a direita com as correas de vencer cruzadas.* 332.
Defezas, de que muitas vezes usão os Cavallos, e meios de as remediar. 333.
Modos de corrigir os Cavallos, que se defendem da sujeição das correas de vencer cruzadas. 334.
Dos que parão mal, por serem compridos, e pouco sensiveis. 335.
Dos que não parão bem, porque se encapotão: dos que parão mal, por se doerem de alguma das partes do corpo: dos que não usão bem das forças, por serem sellados, como tambem dos que se levantão na parada. 336.
Motivos, que fazem a parada intempestiva. Causas, por que alguns Cavallos na parada forção a mão do Cavalleiro, e dão bicadas; e as razões, por que outros temem as paradas. 337.
- EST. LI. *Do Cavalleiro formando hum Cavallo na acção da parada firme para a direita: e a lição para o tirar atrás, depois de montado.* Ibid.
- EST. LII. *Do Cavalleiro, fazendo recuar hum Cavallo sobre linbas parallelas á largura do manejo, obrigando-o com o freio só.* 339.

- Disposições para a lição do terra á terra, trabalhando o Cavallo com o freio só.* 340.
Modo, por que o Cavallo equilibra o seu peso entre os Pilões; e a variedade com que o devem ajudar, e castigar. Ibid.
- EST. LIII. *De Sua Magestade, trabalhando hum Cavallo na acção do terra á terra para a direita sómente com o freio.* 342.
- Modos, por que Sua Magestade fazia passar de mão qualquer Cavallo sobre a Fig. 2., e Fig. 3. da Est. XLII., trabalhando-o com o freio só. Metodo, com que acordava toda a sua bella figura para o fazer mudar de acção, e unir-se bem sobre a garupa na passagem.* 343.
- Lição da volta ao revés para a direita ao passo, e trote com o freio só.* 344.
- EST. LIV. *De Sua Magestade, formando hum Cavallo na acção da volta ao revés para a direita com o freio só.* 345.
- Fórmãs de fazer passar de mão os Cavallos, trabalhando-os na lição da volta ao revés, ao passo, e trote com o freio só, marcando as espaldas os semicirculos da maior circumferencia, e a garupa os da menor, Fig. 2., Est. XXXVI., como tambem marcando as pistas dos pés as linhas da maior circumferencia, e as das espaldas a menor, como se vê na Fig. 3. da mesma Estampa.* 346.
- Lição do terra á terra para a esquerda.* 347.
- EST. LV. *Do Excellentissimo Marquez de Marialva, formando hum Cavallo na lição, e acção do terra á terra, obrigando-o a dobrar-se para a esquerda com o freio só.* 349.
- Passagens de mão da esquerda para a direita.* 350.
- Modo de obrigar o Cavallo a passar de mão da esquerda para a direita, marcando quatro pistas, como se mostra na Fig. 3.* 351.
- Lição da volta ao revés, trabalhando o Cavallo dobrado para a esquerda com o freio só.* 352.
- EST. LVI. *Do Excellentissimo Marquez Estribeiro Mór, formando hum Cavallo na acção da volta ao revés, dobrando-o para a esquerda com o freio só.* 353.
- Passagens de mão da esquerda para a direita, formando o Cavallo na acção da volta ao revés.* Ibid.
- Modo de obrigar o Cavallo a formar as passagens de mão; marcando as pistas dos pés as linhas maiores, e as das mãos as linhas menores, sendo obrigado com o freio só.* 354.
- Lição do meio ar para a direita.* Ibid.
- EST. LVII. *De hum Cavallo junto ao Pilão do centro na acção do meio ar de firme a firme.* 355.
- EST. LVIII. *Do Serenissimo Principe D. João, ensinando hum Cavallo na lição do meio ar, dobrando-o para a direita com o freio só.* 357.
- Passagens de mão da direita para a esquerda.* Ibid.
- Modo de os obrigar a passar de mão sobre a meia volta da direita para a esquerda.* 358.
- EST. LIX. *Dos modos de repartir o terreno para formar as passagens de mão sobre o quarto, e sobre a meia volta para huma, e outra mão.* 359.
- Lição do meio ar para a esquerda.* Ibid.
- Defeitos, que servem de embaraço para os Cavallos se formarem bem na acção do meio ar; e os modos, por que alguns se remedeão.* 360.

Passagens de mão da esquerda para a direita. 361.

Modo, por que S. A. fazia passar de mão qualquer Cavallo sobre a meia volta, da esquerda para a direita. 362.

EST. LX. *Do Serenissimo Principe D. José, formando hum Cavallo na lição, e acção do meio ar, dobrando-o para a esquerda com o freio só.* Ibid.

L I V R O V I I I .

A R G U M E N T O .

TRata-se do modo com que se deve obrigar qualquer Cavallo a formar na lição, e acção da Pirueta, e da meia Pirueta para a direita, e para a esquerda. Fôrma com que se devem continuar a ajudar os Cavallos entre os Pilões, para se disporem para os ares altos. Mostra-se que consta he o ar das Pousadas, e qual o melhor methodo de fazer recuar os Cavallos, obrigando-os o Cavalleiro com o freio só: a mesma lição das pousadas de firme a firme junto ao Pilão do centro. Volta ao revés na acção das curvetas sobre a direita, e esquerda, tanto sem Cavalleiro, como depois de montados os Cavallos. 363.

Lição da Pirueta para a direita. 364.

EST. LXI. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção da Pirueta para a direita; e o modo, por que marca o terreno com as pístas dos seus pés, e mãos.* 365.

Modos de remediar algumas defezas, de que usão os Cavallos para se exinirem de fazer as Piruetas. Ibid.

Lição da meia Pirueta para a direita; e o modo, pelo qual o Cavallo marca o terreno para formar esta acção. 366.

EST. LXII. *Do modo, por que o Cavallo marca o terreno, quando fôrma a Pirueta para a direita, e para a esquerda, como tambem os semicirculos: do modo de marcar o terreno da meia Pirueta, marchando sobre hum, e outro lado, e a lição da Pirueta para a esquerda.* Ibid.

Lição da meia Pirueta para a esquerda. 367.

EST. LXIII. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção da meia Pirueta para a esquerda.* 368.

Lição das Pousadas. Ibid.

EST. LXIV. *Do Cavalleiro, ensinando hum Cavallo a fazer as pousadas para a direita: e o modo, pelo qual marca o terreno nesta lição.* 370.

Disposições para a lição das Curvetas. 371.

Causas, por que muitos Cavallos não fazem bem as Curvetas. 372.

EST. LXV. *De hum Cavallo na acção das Curvetas entre os Pilões para a direita.* Ibid.

EST. LXVI. *De hum Cavallo entre os Pilões na acção das Curvetas para a esquerda.* 373.

Lição das Curvetas antes do Cavallo ser montado; junto ao Pilão do centro de firme a firme. 374.

EST.

EST. LXVII. *Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, formando-se na acção das Curvetas sobre linhas paralelas ao centro do manejo, marchando tanto para diante, como para a direita, e para a esquerda: modo, pelo qual marcão os círculos de quatro pistas junto ao Pilão do centro sobre a volta a Curvetas para a direita, e para a esquerda, como também os círculos de quatro pistas junto ao Pilão do centro, formando-se na acção das Curvetas sobre a volta ao revés para hum, e outro lado.* 375.

Disposições para esta lição, marchando o Cavallo sobre a volta para a direita. 376.

EST. LXVIII. *De hum Cavallo na acção das Curvetas junto ao Pilão do centro sobre a volta simples para a direita.* 377.

Disposições para a lição das Curvetas sobre a volta simples para a esquerda junto ao Pilão do centro. Ibid.

EST. LXIX. *De hum Cavallo na acção das Curvetas sobre a volta para a esquerda junto ao Pilão do centro.* 378.

Disposições para a lição das Curvetas sobre a volta composta ao revés, dobrando-se para a direita. Ibid.

EST. LXX. *De hum Cavallo na acção das Curvetas, dobrando-se sobre a volta composta ao revés para a direita.* 380.

Disposições para a lição das Curvetas, dobrando-se para a esquerda. Ibid.

EST. LXXI. *De hum Cavallo na acção das Curvetas sobre a volta composta ao revés dobrado para a esquerda.* 381.

Continua-se a lição das Curvetas de firme a firme, depois do Cavallo montado. Ibid.

EST. LXXII. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas de firme a firme para a direita.* 382.

Continua-se a lição das Curvetas, ensinando o Cavalleiro o seu Cavallo a formar-se nesta acção sobre a volta simples para a direita. 383.

EST. LXXIII. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas sobre a volta simples para a direita.* Ibid.

EST. LXXIV. *Do Excellentissimo Marquez de Mariaiva, ensinando hum Cavallo a fazer as Curvetas sobre a volta para a esquerda.* 385.

Continua-se a lição das Curvetas sobre a volta composta ao revés para a direita. 386.

EST. LXXV. *Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas sobre a volta ao revés para a direita.* 388.

Lição das Curvetas sobre a volta composta ao revés para a esquerda. 389.

EST. LXXVI. *De hum Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas sobre a volta composta ao revés, dobrando-o para a esquerda.* 390.

Lição das Curvetas, recuando. 392.

L I V R O IX.

A R G U M E N T O.

Mostra-se o modo, por que se devem ensinar, e dispôr os Cavallos entre os Pilões, para os formar nas lições dos ares altos; e como se preparão junto ao Pilão do centro de firme a firme para apreender a fazer as Garupadas, as Balotadas, e Capriolas: qualidades, que devem ter os Cavallos destinados para estes exercicios: e o modo, por que se devem fazer toda a sorte de escaramuças, e mais festejos pertencentes a esta Arte. 394.

Disposições para a lição das Garupadas. 395.

Lição das Garupadas junto ao Pilão do centro, dobrando-se o Cavallo alguma coisa para a direita. 396.

EST. LXXVII. De hum Cavallo na acção das Garupadas de firme a firme junto ao Pilão do centro. Ibid.

Dezezas, de que usão alguns Cavallos, quando os principião a formar para a lição das Garupadas entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro sem Cavalleiro. 397.

EST. LXXVIII. Do Excellentissimo Marquez de Marialva, formando hum Cavallo na acção das Garupadas para a direita. 398.

Lição das Garupadas para a esquerda, e noticia de algumas defezas, de que ordinariamente usão os Cavallos, quando os obrigão a formar-se nesta acção. 399.

EST. LXXIX. Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Garupadas para a esquerda. 400.

Lição das balotadas para a direita, e algumas explicações de varias defezas, de que usão muitos Cavallos, ordinariamente quando os principião a formar nesta acção. 401.

EST. LXXX. De hum Cavallo na acção da Balotada junto ao Pilão do centro de firme a firme. 402.

EST. LXXXI. Do Excellentissimo Marquez de Marialva, ensinando o Cavallo a formar a acção da Balotada, dobrando-o para a direita. 404.

Lição das Balotadas para a esquerda. Ibid.

EST. LXXXII. De hum Cavalleiro, formando o Cavallo na acção das Balotadas, dobrando-o para a esquerda. 405.

Lição das Capriolas entre os Pilões, e a mesma de firme a firme. Ibid.

EST. LXXXIII. O Cavallo na acção das Capriolas de firme a firme junto ao Pilão do centro para a direita. 407.

Modo, por que se deve montar o Cavallo das Capriolas entre os Pilões. Ibid.

Modo de formar o Cavallo na acção das Capriolas, dobrando-a para a direita. 408.

EST. LXXXIV. Do Excellentissimo Marquez de Marialva, ensinando o Cavallo a completar a acção das Capriolas, dobrando-o para a direita: e o modo de continuar a mesma lição, dobrando-o para a esquerda. 409.

EST. LXXXV. O Cavalleiro formando hum Cavallo na acção das Capriolas, dobrando-o para a esquerda. 410.

Trata-se de como se costumão formar as Escaramuças , e outros divertimentos proprios para se adestrarem os Cavalleiros na Arte da Cavallaria , e no modo de manejar as armas.

411.

Regras geraes das Escaramuças , usando os Cavalleiros nellas das lanças decontoadas.

413.

Modo de manejar os arremeções das lanças decontoadas. 414.

EST. LXXXVI. *Seis Cavalleiros correndo lanças decontoadas para a direita.*

415.

Advertencias. Ibid.

Regras geraes das Escaramuças , fazendo-as os Cavalleiros com a espada na mão. 416.

Metbodo de correr Parelbas. 418.

EST. LXXXVII. *Dous Cavalleiros correndo Parelbas ; e o modo de pôr em prática o desafio das Alcanzias.* Ibid.

EST. LXXXVIII. *Dous Cavalleiros correndo Alcanzias.* 420.

Desafio das canas. Ibid.

Advertencias. 421.

EST. LXXXIX. *Dous Cavalleiros correndo canas para a direita.* 422.

Modo de correr os Pombos. Ibid.

Advertencias. Ibid.

Modo, por que se devem formar os Cavalleiros. Ibid.

EST. XC. *Dos Cavalleiros correndo aos Pombos.* 424.

Disposições para correr ao Estafermo , e a sua construcção. Ibid.

EST. XCI. *Do Cavalleiro correndo ao Estafermo.* 425.

Modo de correr á Barquinba. Ibid.

EST. XCII. *De varios Cavalleiros , correndo as Cabeças.* 426.

L I V R O X.

A R G U M E N T O.

TRata-se das qualidades , que devem ter os Cavallos destinados para a guerra : razão , por que devem seguir alguns ares , e trabalhos da Escola : instrucções , que devem saber os Picadores dos Regimentos para ensinar os Soldados , e os Cavallos delles , segundo o Regulamento do Senbor Rei D. José I. ; e como devem ser exercitados os Cavallos destinados para a caça , tanto de viação , como volatil , a fim de serem agradaveis , e cómodos nos seus movimentos para os Cavalleiros. 429.

Qualidades , que devem ter os Cavallos destinados para a guerra. 430.

Instrucções , que devem saber os Picadores dos Regimentos. Ibid.

Os Picadores devem saber pôr em prática as seguintes evoluções para adestrar os soldados com propriedade para ellas. 434.

Para apear , formar a pé , e montar outra vez a cavallo. 436.

Modo , por que devem ser trabalhados os Cavallos destinados para a guerra. 439.

Disposições para os Cavallos saltarem vallados , fossos , e tranqueiras. 442.

EST.

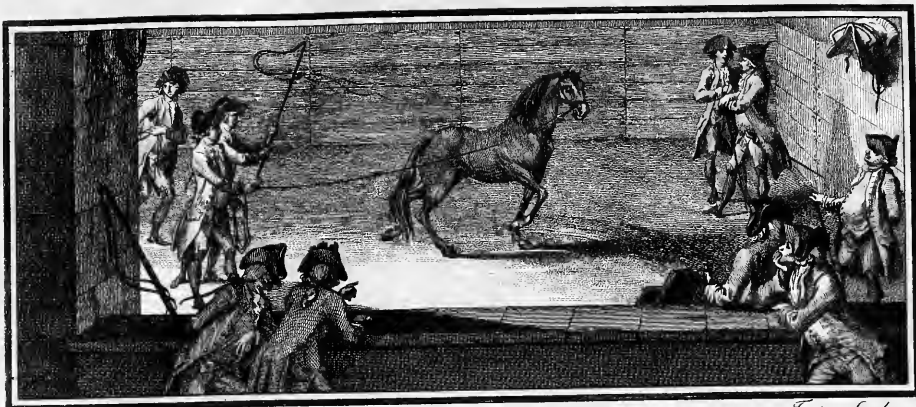
EST. XCIII. *Hum soldado a pé junto ao Cavallo, outro montando, e outro saltando a tranqueira. Ibid.*

Construcção, e costumes, que devem ter os Cavallos corredores, que servem para a caça.
444.

Movimentos, por que se conhece a falta de folgo nos Cavallos. 446.

Modo, pelo qual o Senhor Rei D. José I. hia ás caçadas. 448.

Modo, por que Sua Magestade sabia á caça das Lebres. 450.



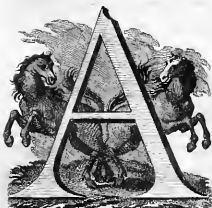
Silva delin.

Trois Sulp.

LIVRO I.

ARGUMENTO.

Mostra-se a razão , por que temos pouca certeza de quem forão os primeiros Inventores da Nobre Arte da Cavallaria: Nomes dos melhores Autores , que tratão della: Obrigações civís , que devem observar os Picadores , tanto para serem cortezes , e polidos no Picadeiro Real , e nos Picadeiros particulares , como para não ignorarem as suas obrigações , e regalias.



INDA que o Sabio Author da Natureza na producção das creaturas nos deixou admiraveis vestigios da sua Divina Omnipotencia , e deo aos homens huma idéa de algum conhecimento da mesma Natureza , para que admirando a sua contextura , faibão louvar o seu sublime , e Divino Artifice: com tudo , eu não me persuado que possa haver engenho tão perspicaz , que se anime a penetrar segredos os mais reconditos , quaes os da organização , e movimentos dos irracionais: por ser em todas as Artes , e Sciencias tão limitado o entendimento humano , que a pesar de todos os seus esforços , e diligencias fica ignorando mais do que conhece. Mas ainda que eu esteja persuadido da certeza desta verdade , não me parece justo deixem os homens de conhecer , quanto lhes for possível , senão o total da organização , da medulla , e movimento dos corpos dos animaes , ao menos os seus prestimos. E como entre todos seja muito para a admiração dos mortaes o regular movimento dos Cavallos , e as suas utilidades , eu escreverei a este respeito , e discorrerei nesta Liberal , e Nobre Arte que me proponho , vulgarmente cha-

mada da Cavallaria, na qual segurei a lição dos melhores Authores que della tratão, e direi sem sujeição o que mais me parecer se conforma com a razão, e verdade, pois que me agrada melhor acertar só, que errar acompanhado.

He sem duvida, que Deos creou ao Cavallo com superioridade no seu prestimo a todos os mais animaes. Job Cap. xxxix. Elle he admiravel na fortaleza, na ligeireza, e na ousadia, como se vê nas campanhas, rompendo com intrepidez por meio dos maiores horrores da guerra: alegra-se com a voz, e rumor dos instrumentos bélicos, e estrepito das armas, que põem em confusão os homens, e defanima a todos os mais animaes; elle porém se embravece, e cheio de colera excava a terra com mais furia, do que hum Leão, e de longe conhece a guerra pela preparação, e vozes dos inimigos: por todos estes motivos nós podemos dizer, ser o Cavallo o mais nobre de todos os irracionaes.

Os Numidas de Africa (referem as Historias) pelejavão na Libia em cavallos, mas sem sellas: os Centauros Póvos da Grecia acháráo o uso dellas, e forão os primeiros que formáráo militarmente correrias para a guerra, e escaramuças para a paz. Os Principes Persas (affirma Aristoteles) forão os primeiros que descubríráo o uso do freio, e domináráo scientíficamente estes generosos animaes. A maior parte das Nações mais abalizadas, e bellicosas attribuíráo a si a invenção desta bellissima Arte: motivo talvez, por que nós ignoramos qual foi o seu primeiro inventor.

A nobre Arte da Cavallaria he entre todas as Artes a mais sublime, a mais principal, e a mais illustre. Justificão as suas utilidades tantas victorias alcançadas na campanha pela grande força da Cavallaria: pois (como diz Aristoteles Liv. III. Cap. xxxiii.) ella he o nervo principal dos Exercitos. Os maiores Capitães, os maiores Principes, e os Monarcas mais famosos, e abalizados se prezavão mais de serem grandes Cavalleiros, que de serem grandes Principes.

Nas maiores façanhas dos mais famosos Heroes achamos terem nellas grande parte os Cavallos; porque sobre elles todos se servião do seu prestimo para dar principio, e pôr em prática as suas mais heroicas grandezas, e avultadas acções militares.

Os Principes da Asia montavão a cavallo com grande apparatus, e magestade no dia, em que fazião patentes as suas mais notaveis memorias, e troféos.

Cyro não conquistára Babylonia, senão se valéra da agilidade, com que o seu Cavallo passou nadando o famoso braço do Ganges.

Salamão, o maior de todos os Reis, e o maior de todos os Sabios, fez sempre as suas funções mais publicas todas a cavallo; e era tão inclinado a esta nobre Arte da Cavallaria, que todos os dias montava ao menos em tres, ou quatro Cavallos, de forte que para serviço de sua Real Pessoa sustentava nas suas cavalharias sincoenta e dous mil Cavallos, como consta da Escriitura Sagrada, Livro III. dos Reis Cap. iv. v. 26., e do segundo do Paralip. Cap. i. v. 14.

O Grande Macedonio, ainda que pela boca de Philippe seu Pai se augurasse no seu Bucefalo para Conquistador do mundo, com tudo elle talvez não fahiria vencedor de Thebas, se deixasse de soffrer o seu Cavallo tanto trabalho, e tantas

feridas naquella grande batalha. Heitor , Annibal , Veriato , Pompeio , Vitelio , Castro , e em fim todos aquelles Heroes , com que o clarim da fama atroa todas as partes do Mundo , de ordinario se conduzirão ás suas maiores heroicidades nos seus Cavallos.

Cesar mefmo se prezava mais de ser grande Cavalleiro , do que de ser Imperador dos Romanos : porque (dizia elle) para ser Imperador , dependia de muitos ; e para ser Cavalleiro , só de si precisava.

Pelo espaço de dilatados seculos houve na Asia , e na Africa este costume : que os Principes pertendentes do Throno deverião primeiro justificár-se dignos daquelle excelso lugar pelos merecimentos de bons Cavalleiros. Os Persas elegião para seu Soberano aquelle Principe , que no dia da eleição mostrava ser melhor Cavalleiro. Na Persia , e na Grecia só foi permittido á Nobreza por muitos tempos montar a cavallo ; e para os povos daquelles Estados o poderem fazer , precisavão de licença , cuja graça concedia o Rei , quando queria honrar com distincção aquelle a quem a fazia.

Das Sagradas Letras se vê que a maior honra que Assuero podia fazer aos vassallos , que pertendia engrandecer , e honrar muito , era , que montados em hum dos seus cavallos , passassem pela Cidade , Esther Cap. vi. v. 8. Os Gregos , e á sua imitação os Romanos , seguirão por muitos tempos estes usos , e por isso dividirão a Republica em Equestres , e Plebeos , chamando Equestres a toda a Nobreza.

Estes costumes passarão á Europa mais civilizada , e forão bem recebidos das nossas Hespanhas. Os Cavalleiros das Ordens Militares de Portugal , Hespanha , França , e mais Estados , onde os sujeitos mais distinctos da Nobreza são contados , e tratados por Cavalleiros , são geralmente as Personagens mais illustres das Monarquias. He bem certo que nós não podemos dizer com certeza , qual foi o primeiro inventor desta bella Arte ; e póde ser talvez , porque as suas recommendaveis utilidades a tem feito adoptar , não só pelos já referidos , mas geralmente por todos os Principes , por todas as Nações , e por todos os Povos ; pois que a todos se tem feito precisa , e util esta tão bella , como Nobre Arte.

Todas as Artes , e Sciencias tem conseguido o ter Professores , cuja curiosidade ainda nos communicão pelos seus escritos os frutos dos seus trabalhos , e experiencias ; porém esta de que tratamos , sendo cultivada , e protegida por tantos Principes , Soberanos , Nobreza , e Povos de todo o Mundo , tão pouco tem encontrado , por desgraça della , quem nos transcreva as suas recommendaveis utilidades. Só Pignatelli Italiano de Nação , Mestre famosissimo da Academia de Napoles , foi o primeiro que se abalçou ao trabalho de escrever da Arte da Cavallaria da brida , posto que mui succintamente. Elle nos dá hum bom methodo de dispôr os Potros , e de instruir os principiantes Cavalleiros para a lição : foi sua a invenção do circulo de duas pistas , (Est. VI. Fig. 1.) que depois foi aperfeiçoado por Le Brove , que tambem escreveu sobre esta materia ; e os Escriitores que a este respeito tem havido , e que tem chegado até nós , são Pluvinel , Newcastle , Sollisfel , La Gueriniéri , Figenberg , La Nu-é , João Taqw , Brogelat , e João Grine de Previl : estes

são igualmente os Authores , cujas obras são cheias de merecimento , e se fazem dignas da mais fêria recommendação.

Le Brove compoz hum volume em folio , o qual contém as maximas principaes de João Baptista Pignatel , feu Mestre , e da Academia de Napoles. Esta Escola chegou a tão alta estimação no seu tempo , que era reputada pela melhor do Mundo ; pois que toda a Nobreza da Italia , de Napoles , de França , e de Alêmanha se jactava de haver tomado lições de tão excellente Mestre. Pluvinel passou de França a Napoles , e tambem foi discipulo de Pignatel ; e quando em 1589. Henrique IV. o Grande , Rei de Navarra , foi chamado para succeder na Coroa de França , elle o acompanhou , e foi seu Mestre da Picaria , e Mestre de Luiz XIII. o Justo. Foi Pluvinel hum grande Cavalleiro ; e Henrique confessava dever em grande parte as suas victorias á boa ordem , com que lhe havia disciplinado as suas Tropas no exercicio de montar a cavallo , constituindo-as promptas em todas as evoluções Militares. Elle nos deixou hum volume em folio , o qual mereceo a geral acceitação dos Sabios ; e posto que seguisse as maximas de Pignatel , e de Le Brove , com tudo elle descobriu , e inventou alguns ares proprios aos Cavallos , e ao manejo.

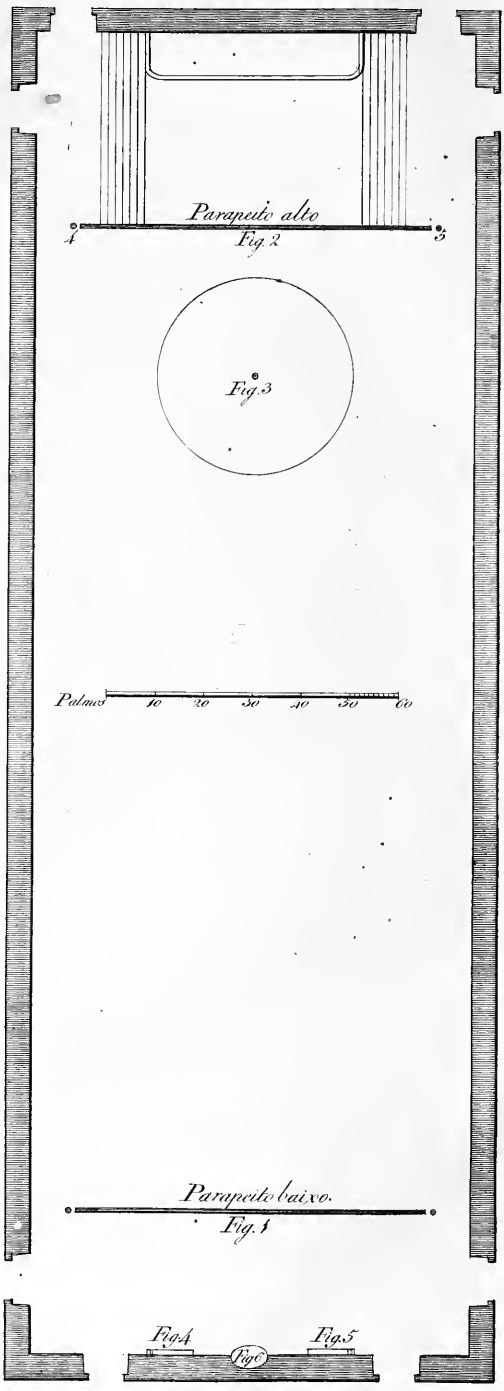
O Marquez Duque de Newcastle foi hum insigne Cavalleiro , e como tal nos deixou hum tomo em folio impresso na lingua Ingleza , e Franceza , feliz producção do feu avultado engenho , e ornado com primorosas Estampas. Porém como elle fez imprimir sómente sincoenta volumes para fazer delles offerta a varios Principes , e Senhores , os desta primeira impressão hoje são tão raros , que com difficuldade se acha algum. Em França se publicárão segunda , e terceira vez as obras deste Author , sendo a sua impressão muito custosa , tanto pelas finas Estampas , de que se acha ornada , como pelas bellas encadernações com que apparecem muitos volumes , que ainda hoje existem ; pois a curiosidade da Nação Franceza para todas as Sciencias os fez reimprimir , sem que lhe servissem de obstaculo os grandes gastos , que trazem consigo as diligencias desta natureza , para que a dilatada carreira dos tempos não sepultasse no esquecimento obra tão apreciavel , e de tão distincto merecimento.

As Obras de Jaques de Sollifel , e La Guerinieri , ainda que posteriores aos sobreditos , merecem muita estimação , não só pelas bellas Estampas , de que são ornadas , como pelas grandes intelligencias que nos dão da lição , e das enfermidades dos Cavallos.

O Barão de Figenberg , João Taqw , e La Nu-é forão Traductores livres de Le Brove , Pluvinel , e Newcastle ; mas como erão bons Cavalleiros , não deixão as suas traducções de trazer algumas novidades , e ser de muito merecimento. Eu me sirvo de todos elles em differentes lugares desta Obra , elegendo tudo quanto me parece mais conforme da sua doutrina , para que os rudimentos da boa escola fiquem sendo perceptíveis a todos aquelles , que desejarem seguir a boa lição que praticárão aquelles prudentes , e habeis Cavalleiros.

Estando bem persuadido , de que o agradavel de huma obra consiste em tratar nella de todas as cousas pertencentes ao seu inteiro conhecimento , me determinei a principiar esta pelas instrucções , que devem ter os Picadores para obser-





var no Picadeiro , para que não ignorem as suas obrigações , e regalias ; propondo-lhes primeiramente na planta regular do Picadeiro a formalidade da sua melhor construção.

E S T A M P A I.

Das proporções do terreno do Picadeiro.

O Terreno do Picadeiro deve ter de comprimento duzentos e setenta palmos , e noventa de largura. Do intervallo do parapeito até á tribuna deve ter quarenta palmos , os montadouros occupão ao menos seis palmos , o parapeito dous , e assim deve ser repartido o terreno , de forte que da tribuna até ao fim do Picadeiro devem haver os referidos duzentos e setenta palmos de fundo , e noventa de largo : advertindo que tambem póde ser mais pequeno , porque os do mencionado tamanho são proprios para huma Academia.

O parapeito deve ter onze , ou doze palmos de altura , (Est. I. Fig. 2.) e pela parte da tribuna deve ser o pavimento alto , de forte que o parapeito tenha de altura pela parte de dentro sómente de seis até seis palmos e meio : o dito pavimento deve ser assoalhado de madeira : e do lugar dos Pilões podem haver entradas para o parapeito por hum , e outro lado por modo de humas rampas de madeira fahquiadas de sarrafos da mesma , bem pregados , e fortes , para subirem os Cavallos do piafé , se for preciso. Digo que deve ter o referido parapeito pela parte do terreno onze , ou doze palmos , para os Potros não faltarem alguma delle , e pela parte da tribuna pertendo tenha sómente seis palmos , para quem estiver no intervallo do parapeito se encostar a elle , e lograr bem o que se faz no Picadeiro.

Senão houver capacidade para que seja fabricado o parapeito , como temos dito , poderá ter seis até seis palmos e meio de altura. Deste parapeito á parede do comprimento do terreno do Picadeiro deve mediar hum intervallo de oito palmos de huma , e de outra parte. Em cada hum destes intervallos deve haver hum Pilão firme na sua linha recta , e distante da parede seis palmos , ficando o Pilão por consequencia dous palmos distante do parapeito , como se mostra nos pontos dos Num. 4. , e Num. 5.

Os Pilões devem ter de altura quatorze até quinze palmos com grossura proporcionada , e quatro até seis argolas pela parte fronteira á parede , descendo da parte superior para baixo , havendo entre huma , e outra a distancia de hum até palmo e meio , como se vê na Est. V. Fig. 6.

A tribuna deve ser fabricada sobre columnas com guarnições , e balaustradas magestosas. Nos lados da tribuna Real devem haver duas tribunas mais ordinarias , huma para os hospedes , e outra para os Fidalgos , e Camaristas de Suas Magestades , e Altezas , sendo as escadas , que derem ingresso das tribunas para o Picadeiro , separadas humas das outras , largas , claras , e por baixo do vão que occupa a tribuna Real.

A altura do prospecto das tribunas , e a altura do tecto do Picadeiro deve ser proporcionada á grandeza do terreno , tanto pelo que respeita ao seu comprimento,

to, como á sua largura, conforme as leis da Architectura. As janellas, que derem luz ao Picadeiro, devem ficar na altura de dezefete, ou dezoito palmos do terreno, para não ficarem as luzes horizontaes com as vistas dos Cavalleiros, quando andão trabalhando: e devem tambem ser proporcionadas na sua largura, e altura á largura, e grandeza do terreno.

No meio do tecto deve ter duas, ou tres lanternas, para o terreno do Picadeiro junto ás paredes não ter escuros, causados pelas luzes das janellas partirem horizontaes de huma para a outra, o que succede principalmente de tarde em o Sol declinando, cujas fombas fazem de forte medo aos Cavallos, que não querem por isso chegar-se á parede.

Ainda que eu na planta do Picadeiro dou ás paredes a grossura de cinco palmos, pôde ser mais grossa, segundo o terreno em que edificarem, e tambem ter hum corredor pelo meio della, pelo qual se passe para todas as janellas, que em tal caso podem ter balaustradas entre as hobreiras, para se poder ver a Picaria com commodidade, sendo todas as janellas regulares na sua altura, e largura. Pela parte de fóra do Picadeiro podem haver entradas com escadas separadas, assim para as Pessôas Reaes, como para os hospedes.

As janellas podem ter divisões com entradas por fóra do Picadeiro para se poder ver, sem passar pelas entradas principaes: isto se pôde tambem fazer, se o Picadeiro tiver pela parte de dentro varandas em roda, pois no caso de haver hum Viajante, ou Personagem que venha assistir, estando Suas Magestades na tribuna, possa ter a commodidade decente para ver, sem passar por onde estão as Pessôas Reaes.

No fundo da frente opposta á tribuna deve haver huma fonte com sua chave, para o moço do Picadeiro aguar o terreno: não precisa na fonte haver hum grande receptaculo, basta huma pequena concha que tenha esgotadouro, em que se possam encher os regadores, sem que saião gotejando, e estes molhem demaziadamente o terreno junto a ella.

O intervallo do parapeito, seja alto, ou seja baixo, até á tribuna, deve ser assalhado de madeira, e de modo que esta não assente na terra, para dar bom tom aos Cavallos do piafé, e costumar juntamente os mais Cavallos a passar sem susto por cima de pontes de madeira.

Todo o terreno do Picadeiro deve ser fabricado com hum maffame forte bem calcado, ou de pedra, e cal, sobre cujo fucalco se deitará a arêa precisa para preparar o terreno, de forte que os Cavallos andem bem nelle sem esbarrar.

No meio da primeira volta mais proxima ao parapeito (Est. I. Fig. 3.) deve haver hum Pilão da altura de dezoito palmos com grossura proporcionada; advertindo porém que elle seja portatil, para se pôr, e tirar, fazendo-lhe hum pedestal subterraneo, em que se possa segurar o Pilão. O pedestal pôde ser de alvenaria, e ter huma pedra forte, e nella hum buraco quadrado com fundo de tres até quatro palmos, no qual se possam introduzir tanto os Pilões das extremidades do parapeito, como o Pilão do centro da volta, para no caso de quebrar algum dos Pilões, não ser preciso cavar o terreno no seu fucalco para defenterrar o resto do Pilão quebrado, e da mesma fórma substituir outro no seu lugar.

Eu digo que o Pilão do centro deve ter tres , ou quatro cavidades , como se vê na Est. V. Fig. 2. para se poder nellas segurar o correão de gancho do Pilão (Fig. 9.) Póde tambem haver no alto do Pilão hum buraco , em o qual se possa arvorar huma bandeira , ou estandarte , para que os Cavallos percão o medo á vista destas insignias militares , ás quaes devem andar bem costumados.

Os Pilões das extremidades do parapeito devem tambem ter quatro , ou cinco argolas , (Est. V. Fig. 6.) e seus gonzos fortes , e lizos , que se possam apertar pela parte de fóra com suas porcas , ficando as argolas , os gonzos , e as porcas bem recolhidas por huma , e outra parte dentro da madeira do Pilão. Deve haver na parede outras tantas argolas , que correspondão ás dos Pilões , e seguras pela mesma fórma. O intervallo de oito palmos que diffe deve haver do parapeito á parede em toda a largura das portas , deve ser de terra , e não affoalhado , para os Cavallos poderem entrar , e sair sem escorregar , maiormente em quanto não são costumados a vir ao Picadeiro , ou são Potros.

A tribuna Real deve ficar sómente hum até dous palmos mais alta , do que a aresta , em que estiver assentada a balaustrada da frente das mais janellas , ou varandas do Picadeiro. Debaixo das tribunas dos lados devem haver dous lugares com suas balaustradas pela frente , para os Picadores se assentarem , ou descansarem ; e junto á parede , em que assentar esta balaustrada , no fim do intervallo dos Pilões , podem haver dous montadouros de tres degráos por hum , e outro lado , que enchão a altura de tres até tres palmos e meio com outro tanto de largo.

Assim o Picadeiro regular deve ter o comprimento , largura , commodidades , e as proporções que a planta mostra , e eu tenho dito , para que nelle possam trabalhar ao mesmo tempo tres guias , huma na primeira , outra na segunda , e na terceira volta outra , e tambem para que hum Cavallo possa dar huma boa carreira pelo comprimento do manejo.

Deve a tribuna Real ter gabinetes , e nelles todas as commodidades precisas , para que as Pessoas Reaes gozem de todo o bom commodo.

Nos lados dos intervallos dos Pilões junto á parede da tribuna Real podem haver duas portas , que dem ingresso ao Picadeiro para a entrada , e saída dos Cavallos ; e da mesma forte podem haver portas para a entrada , e saída dos Cavallos nos angulos da parede da fonte para o mesmo fim , e para dar melhor serventia ; advertindo que as portas , e bem assim os intervallos dos Pilões , e lugar da fonte podem ter portas de tal forte unidas , que fiquem iguaes com a madeira do forro do Picadeiro. Os montadouros , de que fiz menção , devem servir para os Cavalheiros costumarem os Cavallos a que se cheguem a elles , e se deixem montar mansamente , quando houverem de os chegar ao degráo.

O parapeito baixo , de que já fiz menção , deve ter seis palmos até seis e meio de altura ; e se for de pedra e cal , deve ser por dentro forrado de madeira ; e da mesma forte o parapeito alto , a aresta , ou quina por cima deve ser redonda , maiormente sendo o parapeito baixo : deve ser almofadado , e forrado de couro bem estofado , e pregado pela parte de dentro do terreno do Picadeiro , para que no

caso que succeda algum Cavallo defender-se, e encoftar-se, ou cahir fobre o para-
peito, não magoar tanto o Cavalleiro.

O Picadeiro deve ter as paredes forradas de madeira até ás janellas, ou pelo menos até á altura de oito, ou nove palmos, para o Cavallo não experimentar tanta aspereza, quando se chegar a ella, e tambem para não roçar o Cavalleiro pela parede de pedra, e cal, que he muito mais aspera, e evitar ao mesmo tempo que o Cavallo, andando com a cara contra a muralha, chegue com os joelhos a ella, se fira nos mesmos joelhos, e faça nelles contusões. Não he menos prejudicial para o Cavalleiro a parede de pedra e cal, pois se o Cavallo faz algum defmancho, e chega com as pernas, ou outra qualquer parte do corpo do Cavalleiro á parede, não sendo ella forrada, elle se magôa com excessão.

Os lados do parapeito devem ser separados da parede, e na extremidade de cada huma parte deve ter hum Pilão, dous palmos distante do parapeito, e seis palmos distante da parede do comprimento do terreno, para formar os Cavallos nos ares altos, e relevados, como digo, nos seus respectivos lugares.

O lugar da fonte deve ficar recolhido na parede, como se vê na planta Fig. 6. da Est. I. com huma porta por diante, que se possa fechar, e, como já difemos, ficar bem unida á mesma parede, ou forro do Picadeiro.

Nos espaços, que medeão entre as janellas, podem haver humas Estampas dos ares principaes do manejo: e nos angulos do Picadeiro tambem se podem collocar espelhos, de maneira que os Cavalleiros vejam o estado da figura em que vão, e o seu Cavallo, para se emendarem a si, e a elle.

Tambem se podem pendurar lampiões na frente das janellas, ou com prizações no meio do tecto para allumiar o Picadeiro, no caso de se querer trabalhar de noite.

Fóra da porta da entrada do Picadeiro deve haver hum lugar cuberto para desembarcar das carruagens, e coches, e para os Cavallos esperarem a occasião de entrar para o Picadeiro sem se molharem quando chover, nem tão pouco esperarem ao Sol no tempo de verão.

*Instrucções, e civilidades, que se devem observar, principalmente
no Picadeiro Real.*

Quando ElRei, Principe, e Senhores Infantes vierem ao Picadeiro montar, ou dar lição, o Mestre deve deitar á guia os Cavallos, em que os Senhores houverem de andar, mandando-os apertar, e pôr promptos. A elle toca tambem o passallos, se o precisarem. Se estiver presente o Estribeiro Mór, o Mestre lhe deve dar parte, de que está prompto o Cavallo. Vindo Sua Magestade montar, o mesmo Estribeiro Mór deve metter no estribo o pé de ElRei, e ajudallo a montar: o mesmo devem praticar com o Principe o Mestre, e o Estribeiro Mór: o Mestre deve pegar, ou segurar na guia, ou nas caimbas do freio; e se estiver presente o Estribeiro de ElRei, deve segurar o estribo direito: se elle porém não assistir, o primeiro ajudante, isto he, o primeiro immediato ao Mestre, de-

deve supprir o lugar do Estribeiro, segurando o estribo direito para Suas Magestades, e Altezas montarem a cavallo; senão assistir o Estribeiro Mór, pertence ao Mestre da Picaria metter o pé no estribo a ElRei, ao Principe, e aos Senhores Infantes: ao primeiro Ajudante pegar na guia, ou caimbas do freio; e ao segundo Ajudante segurar o estribo direito; porque só os homens, que tem conhecimento desta Arte, devem servir nestas acções, para evitar que aconteça a Suas Magestades, e Altezas algum perigo.

O Estribeiro do Rei deve ser hum sujeito illustre: elle deve chegar o degráo, pegar, como fica dito, no estribo direito, e dar a vara a Suas Magestades, e Altezas, a qual deve receber da mão do moço da casa dos arreios.

Se houver Principe viajante, ou Personagem, a quem Sua Magestade, e Altezas queirão obsequiar, mostrando-lhe como manejão os Cavallos, o Estribeiro Mór deve assistir, como tambem o Estribeiro de ElRei, e os Estribeiros de Suas Altezas: advertindo que em Suas Magestades, e Altezas estando a cavallo, só deve ficar dentro do Picadeiro o Estribeiro Mór, retirando-se todos os mais ao intervallo do parapeito.

O moço da casa dos arreios deve nas funções publicas (segundo se tem praticado em França, e Alemanha, e ainda no nosso Portugal praticava o Senhor Rei D. Duarte o Eloquentes, como elle diz na sua Arte da Cavallaria folh. 93., e como se praticou com o Senhor Rei D. Pedro II., quando montou a cavallo com o Imperador Carlos III.) tirar o teliz, e a capa da sella, dando-a, e o teliz ao moço da Estribeira: advertindo que quando Sua Magestade se aprear, elle deve tornar a tomar o teliz, e a capa, e cubrir as sellas dos Cavallos, em que forem Suas Magestades, e Principes; e tambem deve assistir particular, e publicamente nas cavalgatas, para fazer apromptar todos os jaces, que forem precisos em semelhantes occasiões.

Carlos V. o Sabio, Rei de França: Carlos VII. o Victoriouso: Francisco I. o Rei das Letras: Henrique IV. o Grande: Luiz XIII. o Justo; e Luiz XIV. o Grande, derão sempre o primeiro lugar ao Estribeiro Mór, assim no Picadeiro, como em todas as funções publicas. O mesmo praticou Henrique II. o Magnifico, Rei de Hespanha, e seus Successores até Philippe V., e Segismundo de Luxemburg, Imperador de Alemanha, até ao tempo de Leopoldo, Arquiduque de Austria. E de então até ao presente creio terão os mais sempre praticado o mesmo, razão, por que nestas Cortes o Estribeiro Mór he sempre hum Principe do sangue Real, ou hum Cavalleiro o mais illustre, e prendado de toda a Nobreza da Corte. Elle deve assistir no Picadeiro, quando Suas Magestades, e Altezas se vão exercitar a cavallo, ou dar lição: elle deve rigorosamente presidir, e por isso ter conhecimento da Arte de montar a cavallo, para evitar que por algum descuido se exponhão as Pessoas Reaes a algum desastre, e juntamente para lhes explicar o que o Mestre lhes ensina; motivo, por que já dissemos elle deve ser sciente na Arte da Cavallaria.

Em quanto ElRei, o Principe, e os Senhores Infantes andão a cavallo, seja para dar lição, seja para se divertirem, ou exercitarem, ninguem mais deve mon-

tar. Quando ElRei, e o Principe fahirem fóra a cavallo, o Estribeiro Mór os deve acompanhar; e o feu lugar he ao lado direito de ElRei, ou do Principe; e o Camarista que estiver de femana, ou o Aio, deve acompanhar ao lado esquerdo. Se acontecer fahirem fóra juntamente ElRei, o Principe, e os Senhores Infantes, sempre o Estribeiro Mór deve conservar-se á direita de ElRei hum pouco mais atrás.

Se o Estribeiro Mór não acompanhar a Sua Magestade, deve o Mestre da Picaria acompanhallo, e o feu lugar he ao lado esquerdo de ElRei, do Principe, e dos Senhores Infantes, e o Camarista, ou Aio ao lado direito; com advertencia porém que as cabeças dos Cavallos, em que elles forem, não passarão adiante do lugar da sella dos Cavallos, em que forem Sua Magestade, e Altezas; pois só ao Estribeiro Mór he permittido ir sempre á direita de ElRei quasi junto a elle: com o Principe herdeiro tambem se pratica o mesmo.

Fernando II., Arquiduque de Gartes, da Casa de Austria, Imperador de Alemanha, achando-se em muitas, e varias batalhas, sempre o feu Estribeiro Mór Frederico, Duque de Suecia (conforme tinha de costume) o acompanhou; porém deixando de o fazer na expedição de Suecia, por causa de estar gravemente molesto, nomeou o Imperador para lhe supprir o lugar com a mesma qualidade de Estribeiro Mór a Ladislao Estuardo, Duque de Bermen: e vendo este grande Imperador que o Duque o seguia hum pouco distante delle, lhe disse: *O Duque de Suecia sempre me assistio ao meu lado; e ensinou, como meu Estribeiro Mór, e como bom Cavalleiro, a pelejar, e a vencer: assim não perca o Duque o feu lugar, que por meu Estribeiro Mór, e meu companheiro lhe pertence.* Isto dito por este Heroe, creio justifica bem quaes são as prerogativas do Estribeiro Mór, e qual o feu lugar, o que bem se colhe da Chronica de Fernando II. folh. 327.

Quando os Picadores estiverem no Picadeiro sem a presença das PESSOAS REAES, ou do Estribeiro Mór, póde o Mestre mandar conduzir assentos para o intervallo do parapeito, e sentar-se com aquelles a quem elle quizer dar assento: o que não se deve fazer por fórma alguma, em quanto as PESSOAS REAES, ou o Estribeiro Mór estiverem nas tribunas, como tambem nem ainda encoftar-se ao parapeito; e quando os Picadores quizerem descançar, devem ir sentar-se nas varandas para elles destinadas.

O Mestre mandará trabalhar o feu immediato para a primeira volta, e os mais para as outras. Os Discipulos devem estar junto á cadeira do Mestre para este lhes explicar todas as duvidas que elles tiverem sobre os diferentes lances, que forem acontecendo.

Logo que as PESSOAS REAES chegarem ao Picadeiro, devem todos os que andarem trabalhando parar os seus Cavallos, e apearem-se, e os moços pegar nelles. Estando todos os Picadores a pé, irão beijar a mão a Suas Magestades, e Altezas, que, depois de assentir a isso, mandará ao Mestre (sendo do feu agrado) continuar com a escola; e quando os que vão trabalhar chegarem junto aos Cavallos, primeiro de os montarem, farão cortezia ás PESSOAS REAES, e assim tambem quando passarem a primeira vez por diante da tribuna Real.

Se

Se o Picadeiro for cuberto, e os Picadores trabalharem sem chapéo, farão a cortezia, baixando fómte a cabeça; porém se trabalharem cubertos, devem fazer cortezia, tirando o chapéo com desembaraço, e boa graça, pegando nelle com a mão direita pela parte direita do bico de diante; e quando forem estendendo o braço, irão inclinando a cabeça para baixo, ficando o corpo direito, e o braço estendido sobre a ilharga, ou lado da coxa da perna direita, e da mefina forte devem cortejar ao Estribeiro Mór, quando elle vier ao Picadeiro.

Se ElRei, Principe, e os Senhores Infantes quizerem fentar-se no intervallo do parapeito, ou no Picadeiro, devem trazer-lhes cadeiras; e os Camaristas logo que ellas forem conduzidas á porta, as devem chegar para Suas Magestades, e Altezas se fentarem; e se não estiverem Camaristas, (segundo praticou o Senhor Rei D. Duarte, e o Senhor Rei D. Pedro II.) deve o Mestre fazer esta diligencia, posto que estejão presentes pessoas de avultada grandeza.

Quando vierem Personagens da primeira Nobreza da Corte, ou os filhos do Estribeiro Mór, o Mestre ou esteja a pé, ou a cavallo, deve ir logo cumprimental-os, mandando-lhes conduzir assentos para o lugar, onde elle costuma estar. Todos os Picadores devem parar; e o Mestre em havendo-os cumprimentado, deve mandar continuar com a escola, e todos seguir o seu costume.

As Personagens, com quem se devem praticar estes cortejos, são os Nuncios, Principes viajantes, Cardiaes, Arcebispos, ou Bispos, Embaixadores, Principes do Sangue Real, Enviados, primeiros Ministros, Generaes, Conselheiros de Estado, e Guerra, Principaes, e os filhos do Estribeiro Mór, (como já diffemos) Duques, Marquezes, Condes, Viscondes, &c. Advertindo porém que só os Cardiaes, Nuncios, Arcebispos, e Embaixadores tem a permissão de mandar assentar o Mestre, e elle o não deve fazer (segundo se praticou no Picadeiro de Luiz XIII. o Justo, Rei de França) sem que elles assim o ordenem.

Aos mais Cavalleiros, e Pessoas distinctas, se o Mestre quizer por civilidade mandar parar os que andão trabalhando, póde-o fazer; mas quando o não faça, de nenhum modo incorre em defattnção. Se o Mestre precisar demorar-se em fallar a algum sujeito, o primeiro Ajudante seu immediato irá reger, e continuar a escola em quanto elle lhe falla.

Se as Pessoas Reaes vierem ao Picadeiro em horas determinadas, devem os principiantes já ter dado lição. Se Suas Magestades vierem ao Picadeiro sem serem esperadas, e os principiantes estiverem dando lição, deve o Mestre mandar parar; (como deixamos notado) e mandando Suas Magestades continuar a escola, os discipulos mais instruidos he que devem trabalhar, e assim tambem devem ficar de parte os Cavallos menos adiantados na lição; e o Mestre só deve fazer continuar no exercicio aos principiantes, se Suas Magestades, e Altezas assim o determinarem.

Se alguma Personagem estrangeira vier ao Picadeiro ver trabalhar o Principe, e os Senhores Infantes, o Estribeiro Mór lhe mandará deitar os estribos abaixo; e se Suas Altezas tiverem muito pouca idade, particularmente lhes dirá que trabalhem os seus Cavallos naquellas lições, que sabem já bem executar, pois he indecente andar sem estribos em semelhantes occasiões, como tambem fazer andar

Suas Altezas diante de semelhantes Pessoas , em quanto precisão de successivas advertencias. O mesmo deve praticar o Mestre , não só com Suas Altezas , mas tambem com todos os outros Cavalleiros.

Se as Pessoas Reaes assistirem do principio até ao fim da Picaria , o Mestre deve dar , ou fazer dar lição primeiramente aos principiantes , e depois fazer andar todos os Picadores nos seus Cavallos em toda a forte de ares , e trabalhos do manejo : e em Suas Magestades , e Altezas querendo montar , já para dar lição , já para fazer exercicio , o Mestre lhes deve apromptar os Cavallos , como dissemos , fazendo suspender aos mais que andão trabalhando no seu exercicio (como fica ponderado.)

Recommendo que as portas , que dão ingresso ao Picadeiro , sejam altas , e largas , e tambem nos lados junto á parede do comprimento do manejo , para não se embaraçarem os Cavallos na entrada , e fahida. Devem tambem os Pilões expostos (como já disse) ser nas extremidades do parapeito , para que das tribunas , e varandas se possa lograr bem o modo , e graça com que os Cavallos se apresentão nos ares , e trabalhos para que os destinão , cujas acções não se podem lograr bem , estando os Pilões muito distantes das tribunas.

Os Picadores , ou Ajudantes , quando quizerem passar da primeira , ou da segunda para a terceira volta , se na primeira , ou segunda andarem trabalhando , seja deitando Cavallos á guia , seja trabalhando em Cavallos que andem montados , devem esperar que o Cavallo principie a volta do lugar , em que o fujeito que pertende passar estiver , e então entrar pelo meio da volta direito ao Pilão , ou ponto do centro della , e esperar que o Cavallo passe no circulo da parte de cima para diante , e então entrar na seguinte volta da mesma forma , e com as mesmas cautelas com que devem (como dissemos) entrar na primeira.

Parece-me ser justa esta recommendação , para que não succeda embaraçar o trabalho que se andar fazendo , nem he civilidade servir de obstaculo ao Cavalleiro , ou quem andar deitando Cavallos á guia , e embaraçar a lição que quer dar aos seus Cavallos : da mesma forte , quando for preciso que o moço do Picadeiro leve guia , açoute , chambrié , ou outra qualquer coufa , que seja necessaria em alguma das voltas do Picadeiro , deve ir (como temos dito) pelo meio da volta , e não junto ás paredes , para não fazer embaraço a quem andar trabalhando pelo largo.

Quando vier Cavalleiro pelas linhas da muralha , ou pelas linhas dos circulos , e do centro direito aos cantos , sejam as entradas para o terreno pela frente do Picadeiro , ou pelos lugares dos Pilões : não devem os moços entrar para dentro , em quanto o Cavalleiro não passar do angulo para diante , para não o embaraçar , e atravessar diante d'elle hum Cavallo á mão , que facilmente lhe póde dar alguns couces , ou offender o Cavallo que vem montado , e tambem porque he incivilidade embaraçar quem anda trabalhando.

Os moços que trouxerem os Cavallos ao Picadeiro , devem trazer vestida a sua libré , principalmente aquelles , que conduzirem os que servirem para andarem as Pessoas Reaes , e o Estribeiro Mór : tambem devem trazellos entrançados ; e os que

que forem para montar ElRei , Principe , e Senhores Infantes , terão pelo menos as pontas das tranças rematadas com fittas. As fellas dos Cavallos , em que andarem os Senhores , deverão trazer capas , as quaes só se lhes tirarão quando nelles montarem.

Tambem devem os Cavallos vir para o Picadeiro bem cubertos com telizes , ou mantas , para evitar , no caso que chova , se molhem as fellas , e os Cavallos , quando vão suados , tenham alguma dor.

Se o Estribeiro Mór vier montar a cavallo ao Picadeiro Real , o Mestre lhe deve preparar os Cavallos , em que elle quizer andar ; e quando por algum incidente elle o não possa fazer , o primeiro Ajudante immediato ao Mestre os deverá fazer apertar quanto baste , e , se for preciso , passeallos , e pollos promptos , chegando-os ao montadouro.

Querendo montar o Estribeiro Mór , estando o Cavallo no meio do terreno , devem mandar conduzir o degraó pelo moço do Picadeiro ; mas em elle chegando ao intervallo dos Pilões , ou á porta , hum dos Picadores deve pegar nelle , e levalllo ao lugar , em que estiver o Cavallo.

Estando alli o Mestre , deve metter-lhe o pé no estribo , e ajudallo a montar. O primeiro Ajudante deve pegar , ou segurar na guia , ou caimbas do freio ; e se houverem mais Ajudantes criados do Rei , deve hum segurar o estribo direito , e o moço da casa dos arreios dar-lhe a vara. Os moços da cavallariça devem apertar a fella , deitar os estribos abaixo , pôr as redeas do cabeção , as correias , tirár o rabicho , e preparar toda a forte de arreios , &c. e elles só poderão servir nas acções , em que tenho dito que servem os Picadores , quando estes não assistirem , pois estes serviços devem sempre ser praticados por pessoas intelligentes da Arte , que evitem os perigos , que podem acontecer de servirem nestas acções pessoas ignorantes.

O mesmo se deve praticar com as Pessoas Reaes , ainda que não assista o Estribeiro Mór , e o Estribeiro de ElRei .

Havendo-se de erigir Academias na Corte , os Mestres para ellas devem ser nomeados , e approvados pelo Estribeiro Mór ; e se os eleitos forem Picadores da Picaria de ElRei , o Estribeiro Mór lhes mandará continuar o ordenado que vencerem na Picaria Real , e da mesma forte determinará que a Academia lhes arbitre hum rendimento proporcionado ao trabalho que nella tiverem , e segundo as mudanças dos tempos , para elle se poder sustentar com decencia.

Se faltar o Mestre , ou os Ajudantes no Picadeiro Real , e ElRei não os nomear , o Estribeiro Mór deve eleger quem seja promovido áquelles lugares. Em França , e Alemanha o Estribeiro Mór he que costuma arbitrar os ordenados aos Picadores. O Senhor Rei D. Duarte o Eloquentes lhes mandava pagar pelo Thefoureiro Real , que pagava as moradias , e á sua imitação o Senhor Rei D. José I. foi servido que por alli se lhes pagassem.

No Picadeiro Real ninguem deve montar a cavallo sem licença do Estribeiro Mór ; e se os Fidalgos , e Pessoas da mais conspícua grandeza quizerem aprender no dito Picadeiro , devem primeiro dar parte ao Estribeiro Mór , e este conceder-

lhes

lhes licença, porque pertence á mais distincta Nobreza da Corte aprender no Picadeiro de ElRei.

Eu ignoro os motivos, por que em Portugal deixão os Picadores de ir com espada á presença de Sua Magestade, e Altezas, como tambem a casa do Estribeiro Mór; porque sendo elles contados por Cavalleiros, como taes devem nas acções mais sérias apparecer compostos, não só por possuírem em profissão esta illustre Arte, mas tambem por serem constituídos na obrigação de acompanhar a Suas Magestades, e Altezas; não como Homens froxos, e inuteis, sim como Cavalleiros, promptos a defender os seus Soberanos, no caso de lhes acontecer algum insulto, e por isto os bons Cavalleiros devem ser vigorosos, promptos, e, como diz Pluvinel folh. 19., e Luiz XIII. o Justo, e Previl no Capitulo II., dotados de hum bom juízo; e a mim me parece que hum homem com estas qualidades está mais apto para servir, do que outro qualquer, em toda a occasião que sobrevenha.

O Senhor D. Duarte o Eloquentes, Rei de Portugal, compoz huma Arte de Cavallaria, que no dia dos seus annos em 1435. deo a alguns Fidalgos, escrita da sua propria letra: elle concedeo os fóros de Cavalleiros Fidalgos ao seu Mestre da Picaria, e ajudantes, que entravão armados em todas as funções, em que Sua Magestade se achava.

Carlos VII. o Victorioso, Rei de França, fez educar na Arte da Cavallaria hum grande numero de homens de todos os seus estados; e tanto os distinguiu, que até os filhos dos pais mais humildes, logo que entravão em o numero dos Picadores, erão tidos por Nobres, e apparecião compostos em todas as Assembleas, em que se achavão as Pelloas Reaes, e mais Nobreza da Corte. De huma Escola assim applicada, e exercitada he que ElRei tirava os Officiaes para as suas tropas: e por esta razão ellas chegarão a tal auge de promptidão nas acções militares, que sempre que se encontravão com tropas inimigas, fossem Inglezas, ou de outra Nação, fahião os Francezes vencedores, não lhes servindo de obstaculo acharem-se muitas vezes nas acções, inferiores em numero áquelles com quem tinhão de combater. E he tambem por esta via que este grande Rei chegou a ser tão temido de todos os Principes seus inimigos, que impellidos de raiva, e cheios de ciúme de verem que o não podião vencer, procurárão a todo o risco o pessimo recurso de o envenenar; e conheceo elle tanto a força desta perseguição, que disse: *Eu me deixarei morrer de fome; porém com os meus Cavalleiros serei sempre vencedor dos meus inimigos*; e assim lhe succedeo, acabando á pura fome o mais precioso dos seus dias em vinte e dous de Julho de 1461.; porém sempre invencivel aos esfratagemas da maldade, e violencias, maquinadas pelos seus adverbarios, como consta da sua Chronica folh. 409., e da Historia Chronologica dos Reis de França folh. 234.

Os Picadores da Picaria de ElRei não devem aceitar (principalmente no Picadeiro Real) dinheiro a pessoa alguma, que vá aprender, nem ir trabalhar a Picarias particulares, excepto se ElRei, ou o Estribeiro Mór os mandar, e neste caso não devem levar ordenado daquelle particular a quem servirem; e só os que forem para as Academias, devem perceber dellas ordenados, por irem ser uteis ao

Eftado , aonde o que percebem pela Academia , como eſtabelecimento Real , fe póde reputar foldo; e elles, fe for preciso , devem fer diſpenſados pelo Eſtribeiro Mór de vir ao Picadeiro Real ſem perda dos Privilegios , e honras de Picadores da Picaria de ElRei.

Ao Picador que põe a primeira vez ElRei a cavallo , e da meſma forte áquelles , que põem a primeira vez a cavallo os Principes , e os Infantes , coſtumão eſtes Senhores , como praticou Luiz XIII. o Juſto , Leopoldo Arquiduque de Auftria , e outros , dar huma tença ; e aos ajudantes coſtumão contemplar com o mimo de algum traſte , para que ſe lembrem de que aſſistirão áquelle acto.

Aos Moços da Cavalhariça a primeira vez que ElRei montar a cavallo no Picadeiro , pelos meſmos motivos ſe coſtuma mandar dar algumas moedas para ſe repartirem por todos , e o meſmo coſtumão praticar os Principes , e os Senhores Infantes , &c.

Quando algum Cavalleiro montar a cavallo no Picadeiro Real a primeira vez , deve dar alguma coufa ao moço que lhe trouxer o primeiro Cavallo.

Os Eſpectadores que ſe acharem no Picadeiro não devem , ainda que ſejaõ Picadores , fallar aos Cavallos , que andão á guia , ou montados , nem a ciſlar , ou a abanar-lhes a vara , porque he incivilidade de que ſe póde eſcandalizar , e com baſtante motivo , o que anda deitando o Cavallo á guia , ou o que anda montado trabalhando ; pois quem eſtá de fóra , nem ſempre , ainda ſendo Profeffor , conhece a tenção de quem deita o Potro , ou Cavallo á guia , ou o que pertende executar o Cavalleiro , que anda a Cavallo trabalhando ; por exemplo : ſe quem deita o Potro , ou Cavallo á guia , vai na idéa de o fazer parar , e de fóra lhe fallarem , ou abanarem a vara , he certo que já naquelle lugar não póde lograr bem o ſeu intento. Quem anda a cavallo ainda tem maior motivo para eſtranhhar hum tal procedimento , porque muitas vezes ſe vê o Cavalleiro precisado (para remediar o ſeu Cavallo) a uſar de meios bem differentes daquelles , que as regras geraes enſinão ; e ſe houver de fóra quem lhe falle , ou abane a vara , ſerão fruſtradas as idéas do Cavalleiro : e bem ſe deixa ver que a boa politica tambem não permite ſemelhan-te procedimento , pois com elle moſtra o que o põe em prática , que ou he ignorante das civilidades deſta profiſão , ou que quer emendar o que o Cavalleiro anda fazendo.

Se o Eſtribeiro Mór tiver Picadeiro , e quizer que o Meſtre , ou Ajudantes da Picaria Real vão a elle trabalhar , póde mandallos ir , e devem-lhe obedecer : da meſma forte póde *ex officio* mandar ir ao ſeu Picadeiro todos os Cavallos , em que andarem as Peſſoas Reaes , para ver , e examinar ſe elles eſtão no bom eſtado de poderem ſervir a Suas Mageſtades , e Altezas : o que muitas vezes praticou o Conde de Viana , Eſtribeiro Mór do Senhor Rei D. Pedro II. , e outros.

O Sota-cavalhariça deve fer Alveitar , e Ferrador , para conhecer do curativo , e das moleſtias dos Cavallos : elle deve aſſistir á Picaria , maiormente quando Suas Mageſtades , e Altezas vierem ao Picadeiro montar , tanto para informar ao Meſtre do eſtado da faude , em que ſe achão os Cavallos , em que as Mageſtades andão , como tambem para fatiſfazer a todas as obrigações do ſeu officio ; por
exem-

exemplo: se os Cavallos em que Suas Magestades, e Altezas andarem, se desferrarem, o Sota os deve logo ferrar, seja para tornarem a trabalhar, seja para irem para a Cavalharia sem quebrar os cascos. Deve tambem da mesma fórma fazer outra qualquer operação, que Suas Magestades queirão se faça na sua presença pertencente ao officio de Ferrador, e Alveitar.

Deve o Sota dar parte dos Cavallos que adoecem, e da qualidade da sua molestia, e dos que estão melhores, não só ao Estribeiro de ElRei, mas ao Mestre, como foi sempre costume, para elle ver como ha de governar a Picaria; e se assim se não fizer, não poderão os Soberanos ser bem servidos, porque falta a boa regularidade das Escolas bem ordenadas.

Quando ElRei for de jornada, ou vá com Suas Altezas, ou inteiramente sem mais alguma Pessoa Real, deverá ser acompanhado por hum, ou mais Picadores, os quaes deve nomear o Estribeiro Mór, e o mesmo se deve praticar quando Sua Magestade, e Altezas forem á caça.

O Estribeiro de ElRei deve, quando o Sota lhe der a diaria parte de tudo quanto acontece nas Reaes Cavalharias, mandar pelo mesmo Sota dar parte ao Mestre da Picaria de tudo o que differ respeito aos Cavallos della, para elle conferir com o Estribeiro de ElRei, do qual devem emanar todas as providencias precisas a tudo quanto diz respeito ás Reaes Cavalharias, por ser dellas hum fiscal, e economico administrador, sómente subordinado ao Estribeiro Mór.

O Estribeiro de ElRei deve ser hum sujeito distincto, e illustre não só pelas acções, que exercita particular, e publicamente em serviço de Suas Magestades, e Altezas, como tambem por ser elle quem deve receber as ordens do Estribeiro Mór, cujo cargo exercita sempre hum Principe do Sangue Real; e não seria justo huma Personagem da primeira ordem conferir com hum Sota-cavalharia, ou outra pessoa humilde, as disposições precisas ás Reaes Cavalharias; e tambem porque se o Estribeiro Mór por algum incidente faltar, o Estribeiro de ElRei deve supprir o seu lugar á excepção de presidir em lugar a todas as Personagens da Corte nas funções públicas.

O Moço do Picadeiro deve indireitar, limpar, e apromptar o terreno da Picaria todos os dias, e tambem os traques do serviço della, tomando sentido em que estejam concertados, e promptos para servirem quando for preciso: elle deve ter huma pauta, em que se comprehendão os nomes de todos os Cavallos que vem á Picaria, com humas marcas que vá tirando em os Cavallos, entrando no Picadeiro, para saber pelas marcas que ficão no seu lugar, quaes são os que faltão para dar parte ao Mestre, e elle averiguar a razão da falta.

Deve tambem estar á porta da entrada, e mandar entrar os Cavallos para aquelles Picadores, que tem acabado de trabalhar outros, e da mesma forte reparar se os que vão sahindo, precisão ser cubertos, desapertados, tirado o fuor, ou passados.

Quando entrão moços novos, deve enfinallos a entrar no Picadeiro, para não embarçarem quem anda trabalhando, e tambem como devem preparar os Cavallos, e aonde devem esperar que elles acabem de trabalhar.

Tam-

Tambem deverá reparar se as pessoas, que entrão a ver a Picaria, estão com a decencia precisa, para os advertir do que for necessario.

Quando forem precisos guia, chambrié, açoute, correias, varas, ou outra qualquer cousa, elle a deve levar promptamente, como tambem tirar da Picaria os trastes, que já não são precisos, tendo-os todos bem dobrados, e pendurados na casa dos arreios, que em todos os Picadeiros deve haver.

Modo de repartir os Potros aos Picadores.

OS Potros destinados para o exercicio da Picaria devem ser repartidos aos Picadores pela maneira seguinte.

A primeira vez que os Potros entrarem no Picadeiro para os principiarem a deitar á guia, o Mestre tomará huma moeda, que tenha o retrato de ElRei; e dando-a ao primeiro Ajudante seu immediato, este a deitará para o ar: se ella ficar com o retrato voltado para cima, pertence aquelle Potro áquelle Picador para o dispôr, e trabalhar; e se a moeda não ficar com o retrato voltado para cima, o Picador, que for immediato áquelle, que já deitou a forte, pegará na moeda, e fará o mesmo: e assim os mais até se distribuirem os Potros por todos os Picadores em igual numero. Isto se deve fazer deste modo, para que os Picadores não se queixem de que o Mestre escolhe todos os melhores Potros para hum, e deixa os outros mais inferiores para os mais discipulos; e para que elles fação maior diligencia para se adiantarem, e aos Potros, que lhe pertencerem, he bom pelas causas ditas, que se repartão assim os Potros; pois não he justo fazer o Mestre mudar de Cavallos áquelles discipulos, que já tem conhecimento da Arte; porque deste modo nem elles forcejão por se adiantarem a si, nem os Potros em que andão.

Describe-se a ordem, com que alguns Soberanos de Portugal montarão a cavallo para entrar de Estado em algumas Povoações.

QUando ElRei montar a cavallo para entrar de Estado em alguma Povoação, devem os Cavallos, em que hão de montar as Pessoas Reaes, o Estribeiro Mór, o Aio de ElRei, os Camaristas actuaes de ElRei, e Principe, os dos Aios, os dos Camaristas de Suas Altezas, os do Estribeiro de ElRei, os do Mestre da Picaria de ElRei, os dos Mestres da Picaria, ou Picadores de Suas Altezas, ser conduzidos pelos moços da Estribeira para o lugar, em que ha de ser a cavalgata; e ao mesmo sitio, mas separadamente, devem ser conduzidos pelos moços da Cavalhariça os mais Cavallos necessarios ao transporte de toda a comitiva, a quem Sua Magestade fizer a graça de mandar dar dos seus Cavallos.

O Cavallo; em que ElRei ha de montar, deve ser preparado pelo Mestre da Picaria; e em o havendo passeado, deve dar parte ao Estribeiro Mór de que está prompto, para elle dar parte a Sua Magestade de que póde montar.

O Estribeiro de ElRei mandará chegar o moço do degráo; e tomando-o da sua mão, o porá ao pé do Cavallo da parte esquerda: o Mestre da Picaria fará

chegar o Cavallo ao degráo, pegando-lhe nas caimbas do freio : apôs isso o Estribeiro Mór, quando ElRei montar, lhe metterá o pé no estribo, e o ajudará a montar. O Estribeiro de ElRei deve segurar o estribo direito, e a elle pertence, se for preciso, levantar, ou abaixar os estribos.

O Conde de Viana o praticou assim com o Senhor Rei D. Pedro II., quando Sua Magestade entrou de Estado em Aldêa-gallega.

O Moço da casa dos arreios deve fer hum fujeito distincto : elle deve descobrir a sella do Cavallo, em que ElRei ha de montar, e dar o teliz, e a capa ao moço da estribeira, e este deve ir montar a cavallo, levando o teliz bem fobraçado : o moço da casa dos arreios a pé, e descuberto deve acompanhar do lado esquerdo de ElRei pela parte de dentro da ala dos moços da Camera ; e se houver quebramento de redea, loro, cilha, ou rabicho do Cavallo, em que vai Sua Magestade, a elle pertence concertallo, e fazer apromptar quantos arreios forem precisos em taes casos.

O Estribeiro Mór, o Mestre da Picaria, e o Estribeiro de ElRei devem ir praticar as mesmas acções com o Principe ; e depois d'elle montar, irão tambem montar a cavallo.

O Mestre da Picaria fará chegar o Cavallo, em que ha de montar o Estribeiro Mór, passeallo-ha se for preciso, e pelas caimbas do freio o deve conduzir ao degráo, e hum Picador segurará o estribo direito ; e senão o houver, então o moço da estribeira descuberto segurará o estribo direito, o ajudante immediato ao Mestre deve segurar as caimbas do freio, e o Mestre lhe metterá o pé no estribo, e ajudará a montar o Estribeiro Mór, que irá para o pé de ElRei ao lado direito, seguindo-o hum pouco mais atrás.

Logo que o Estribeiro Mór desoccupar o degráo, pôde o Estribeiro de ElRei mandar ao moço da estribeira que chegue o Cavallo ao montadouro para elle montar, e o moço do degráo logo depois disso o deve defarmar, e cubrir para o transportar para onde Sua Magestade se ha de ir apear. O Mestre deve acompanhar atrás do Estribeiro Mór, e os mais Picadores irão cada hum occupar o lugar que lhe corresponde.

Os Camaristas dos Senhores Infantes, não tendo Suas Altezas Estribeiro Mór, devem acompanhar á direita Suas Altezas ; e o Mestre da Picaria, ou Picador, que os for servindo, á esquerda, como já diffemos se deve praticar com Sua Magestade.

Os Senhores Infantes devem ter Estribeiro Mór, e Estribeiro, que os sirva pelo mesmo modo em semelhantes funções, como temos dito devem ser servidos Sua Magestade, e o Principe ; e quem lhes sirva de Mestre da Picaria, e de moço da casa dos arreios.

O Estribeiro de ElRei segue-se logo immediato ao ultimo Camarista de Suas Altezas, e a elle os Estribeiros de Suas Altezas : ao ultimo Estribeiro de Suas Altezas segue-se o Sota-cavallariço de ElRei, e a elle os Sotas de Suas Altezas, e logo os moços da Estribeira, que conduzirão os Cavallos, em que vão montados Sua Magestade, e Suas Altezas. Vai o Estribeiro de ElRei naquelle lugar

gar para determinar ao Sota, e moços da Estribeira, e Cavalhariça o que devem fazer.

Posta a comitiva toda a cavallo, tomando os Officiaes da Casa, os Grandes, Nobreza, e os mais os seus respectivos lugares, o Magistrado da Povoação revestido das insignias, que lhe pertencerem, presidido do Alcaide Mór da dita terra, se encaminhará para onde está Sua Magestade. Elle, ainda que seja Principe do sangue Real, fará as continencias a Sua Magestade, como Chefe daquelle Povo: após isso pegará no guarda-faceira do Cavallo, em que ElRei for, e assim o irá conduzindo até ao lugar, em que ElRei se apear.

Quando o Alcaide Mór faz a primeira continenciá, toda a Corte se descobre; e o Senhor Rei D. Pedro II. tirou o chapéo quando entrou em Aldêa-gallega, servindo o Excellentissimo Duque de Cadaval de Alcaide Mór; então o Duque conduzio o Cavallo, em que ElRei hia montado, até se apear.

Em o Alcaide Mór pegando no guarda-faceira, sendo dos Grandes do Reino, ElRei o manda cubrir, e logo se cobrem todos os Grandes da Corte; e dos que não fazem o corpo da Corte, só o Estribeiro de ElRei se cobre até chegar ao lugar, em que ElRei se ha de apear, que sempre costuma ser em pouca distancia do lugar, em que se fez a cavalgata.

Quando Sua Magestade se apear, o Estribeiro Mór, o Mestre da Picaria, o Estribeiro de ElRei, e o moço da casa dos arreios devem praticar o mesmo serviço, que praticarão quando Sua Magestade, e Altezas montarão a cavallo.

Não fallamos dos mais lugares pertencentes a outras Personagens, porque não dizem respeito á Arte, de que tratamos.

Finalmente o que digo sobre a nobreza desta Arte, e sobre esta materia eu o poderia justificar pelos costumes dos Persas, dos Gregos, e dos Romanos, se elles não ficassem tão remotos aos nossos tempos: satisfaço-me porém com mostrar, ainda que succintamente, que os Authores, que della tratão, são pessoas Illustres, e da mais avultada grandeza, e que estes costumes forão já praticados nas Academias de França, de Napoles, e de Alemanha, e assim nas funções particulares, e públicas, que alguns Soberanos deste Reino já algumas vezes fizeram.

LIVRO II.

ARGUMENTO.

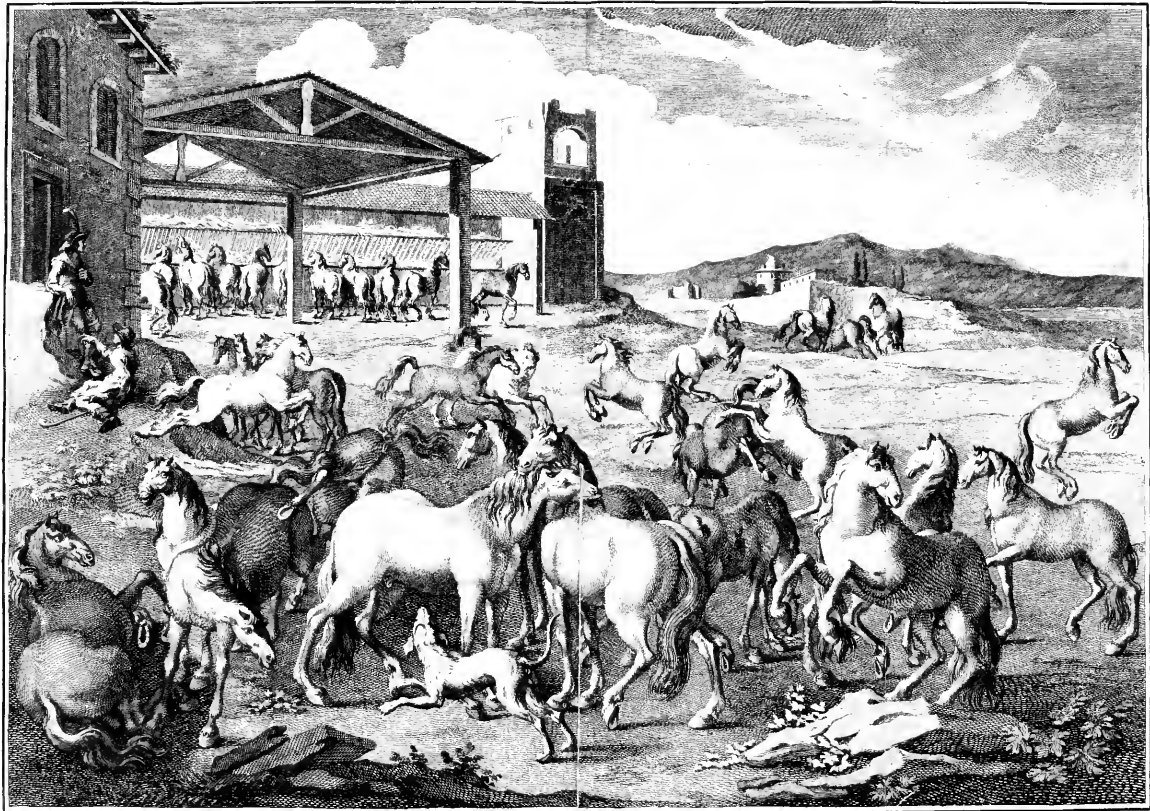
Mostra-se o modo, com que se devem repartir, e tratar os Parques: como se devem fazer as raças, recolher, e tratar os Potros, e as Egoas: nomes das cores dos Cavallos: nomes dos sinaes, que devem ter os bons Cavallos, e quaes os nomes dos máos, de que se deve fugir, segundo a opinião dos melhores Authores, e creadores de raças; e as observações, que se podem fazer para conhecer as idades dos Cavallos, com huma breve noção das partes externas, e internas, de que se compõem os seus corpos, &c.

HE fem dúvida ter o Supremo Creador de todas as cousas dado a todos os animaes de huma mesma especie semelhantes movimentos, semelhantes prestimos, e semelhantes obras; e dahi vem que os boggios são huns aos outros semelhantes nas galanterias, os cães nas habilidades, e os Cavallos nos seus movimentos, &c. Elles quando são Potros, nos mostram, brincando no campo, com os seus saltos, e diversões, qual será a sua natural inclinação, como observou o Marquez Duque de Newcastle, e outros curiosos creadores de Cavallos; porque elles quando se alegrão, além de andarem pelo campo a passo, de trote, e de galope, saltão, e tomão nestes saltos hum ar correspondente á sua natural propensão, e á sua construcção, formando huns nos seus saltos as curvetas, outros as passadas, as garupadas outros, e finalmente as cabriollas, &c. porque na sua estrutura, e articulações dispoz o Supremo Artifice a máquina dos seus corpos com milhares de diferentes operações, que os conduzem áquelles infinitos, e galantes movimentos, como se vê na seguinte

ESTAMPA II.

Dos Potros no campo.

MOstrando pois a Omnipotencia Divina a sua idéa mais prodigiosa na producção dos brutos animados, que em todas as outras cousas infensíveis pela maior semelhança, que tem com o Homem, sendo este a obra a mais perfeita que
fa-





fahio da Omnipotente mão : com tudo o Cavallo não tem liberdade ; nem verdadeiro juizo : os feus movimentos são meramente espontaneos , como pelo decurso da lição hei de mostrar ; e para fazer pôr em acção natural todos os movimentos , que áquellas máquinas permittio de propriedade a Superior Providencia , usárão os homens por força de diligencias , de toques externamente applicados para conduzillos áquellas acções , que elles podem fazer. Antes porém de tratarmos do modo destes toques , e suas applicações , eu me proponho dizer como se devem fazer as raças , crear , recolher os Potros , e dispollos para a lição , por me parecer justo não deixar em silencio estas fórmas , e conhecimentos da sua propagação , pois não havendo Cavallos , não póde haver Cavalleiros.

Os Principes da Persia estabelecerão raças , ou caudelarias , para que os feus paizes abundassem de bons Cavallos. O Sofi tinha grandes caudelarias , e esta era huma das cousas a que extremosamente applicava os feus cuidados. O mesmo faziaão todos os Grandes , e Nobreza daquella parte do Mundo , e por isso conservárão por largos tempos tão boas caudelarias , ou raças , que cada hum procurava por competencia fazellas chegar ao summo auge da maior perfeição , que se podia alcançar ; e em premio destas fadigas , possuíão sem contradicção os melhores Cavallos. As honras mais distinctas , que o Rei , ou o Sofi concedia naquelles tempos aos vassallos , era o poderem andar a cavallo , pois que sem isso não podião entrar com a Nobreza da Corte nas funções mais públicas , e solemnes do Soberano , o qual para adiantar as raças se dignou fazer estas mercês a qualquer particular , que fizesse certo , ou mostrasse sustentar cento e vinte Egoas creadeiras.

Os Gregos , porque forão os primeiros em os imitar , forão igualmente os primeiros bem instruidos na cultura das raças , e creações dos Cavallos , como tambem na Arte de montar a cavallo.

D. Fernando III. , Rei de Hespanha , em todas as suas grandes batalhas conheceo , e vio que quem o constituirá vencedor , e o fizera gozar de tão completas victorias fora o corpo da sua Cavallaria , com o qual elle se esforçou , e conseguiu expulsar os Mouros de Cordova , Murcia , Sevilha , Jaen , e Baeça , em cujos terrenos estabeleceo as excellentes raças dos admiraveis Cavallos , que todos sabem tem produzido aquellas regiões : e tanto foi o seu cuidado , applicação , e disvelo no augmento da Tropa , que nos trinta e quatro annos do seu Reinado conseguiu ter hum exercito de nove mil Cavallos de Tropas regulares , além dos auxiliares dos vassallos : forças para aquelles tempos grandes , e com as quaes fez chegar os Mouros á mais alta consternação , aos quaes elle mostraria sem dúvida o vigor das suas forças na execução do formado projecto para a conquista de Marrocos , se a morte não lhe embargasse , e roubasse em 30 de Maio de 1252. com a sua suspirada vida a gloria desta empreza , como se deixa ver da sua Chronica folh. 388. , e da Historia Chronologica de Castella folh. 288. , e no seu tempo se principiárão a formar , e aperfeiçoar as raças na Andaluzia , Jaen , e Baeça , que produzirão sempre muitos , e muito bons Cavallos.

D. Affonso o Sabio seu Filho tambem alcançou dos Mouros não poucas victorias ; porque elle não só conservou a Tropa de Cavallaria , que seu Pai havia fei-

feito crear, porém augmentou-a grandiosamente, e escreveu Cartas firmadas do seu proprio punho a todos os Principes, e Ricos homens dos seus Dominios, a fim de applicarem os seus cuidados á producção das caudelarias, e raças. Este mesmo systema tem seguido os seus Successores até ao presente, fazendo toda a diligencia porque os seus dominios abundassem de bons Cavallos, e boas creações de Machos, de quem os Póvos seus vassallos adquirem consideraveis utilidades com os Estados confinantes: e nós vemos ainda hoje de Hespanha chegar a Portugal todos os dias grandes quantidades de Cavallos, e Machos transportados, de que os Hespanhoes percebem avultadas sommas.

O mesmo fazião na França, até que Luiz XIV. no anno de 1660., no qual casou com Maria Teresa de Austria, indagando os direitos, que se haviam pago dos Cavallos, e Machos, que se tinham comprado para o seu serviço, para o das suas Tropas, e dos seus vassallos, e achando que montavão á quantia de oito milhões de libras torneas, então este grande Rei applicou o seu cuidado a que pelos seus Dominios se fizessem boas creações de Cavallos, e Machos, dando aos seus vassallos muitos privilegios, e escrevendo do seu proprio punho a todos os Magistrados, Camaras, e Sujeitos mais distinctos dos seus Reinos, para que interessados, quanto lhes fosse possível, na producção destes animaes, e augmento das caudelarias, evitassem a extracção de tantas, e tão copiosas sommas, que diariamente se transportavão para Hespanha.

Nos tempos deste grande Monarca he que a França se vio verdadeiramente elevada ao maior auge; e as caudelarias, e procreações dos Cavallos, e Machos forão em tal quantidade, que no anno de 1715., em que ElRei faleceu, já aquelle Paiz abundava tanto na propagação dos Cavallos, e Machos de boas raças, que não só não precisava dos de Hespanha, mas antes; além do fornecimento, que se empregava nas suas Tropas, a mesma França podia sem objecção deixar fahir hum grandissimo numero destes animaes.

Transcreverei aqui huma das varias cartas, que este Rei escreveu de sua propria mão, como consta da sua Chronica pag. 274., aos principaes Senhores, e Camaras dos seus Estados, porque nella se deixa ver bem claramente os cuidados, que o occupavão a respeito das caudelarias, e o amor, com que animava os seus vassallos, &c.

Carta de Luiz XIV. aos Magistrados, e Grandes dos seus Dominios.

” **E** Stando Eu bem informado pelo meu Estribeiro Mór do cuidado, com que
 ” **E** os Gentis-Homens, Camaras, e Magistrados dos meus Dominios se inte-
 ” resão em fazer produzir, e adiantar o restabelecimento das raças dos meus Ca-
 ” vallos, como huma das cousas, que Eu tenho no meu maior cuidado, agradeço a
 ” todos os meus vassallos este bom serviço, e peço a Deos os tenha na sua santa
 ” guarda. Escrita em S. Germain aos 30 de Maio de 1669. = Luiz. = ”

Este grande Rei nos 72 annos, que durou o seu Reinado, venceu esta, e outras

tras grandes coufas , que premeditou , talvez por ser tão dilatado o tempo do seu governo.

O Senhor D. João o I. de boa memoria , e seu Filho o Senhor D. Duarte o Eloquentes , Reis de Portugal , fizeram consideraveis diligencias por estabelecer nos seus Dominios raças , e creações de bons Cavallos , e Machos , não só para o seu Real serviço , e adiantamento das suas Tropas , como tambem para a utilidade dos seus vassallos , concedendo para este fim privilegios aos que bem se applicassem ao desempenho destas diligencias.

O Senhor Rei D. José o I. , o Pai da Patria , o Agricultor das Artes , e das Sciencias não fez nem menores , nem vãos esforços para o adiantamento das raças : e com effeito pela assidua applicação do Mestre da sua Real Picaria , o Coronel Bartholomeu de Aranda , Homem grande Cavalleiro , e bom cultor de caudelarias , conseguiu crear muitos , e bons Cavallos ; e chegou a ter tantos , e tão bons , como ha poucos tempos todos sabemos. Eu vi Cavallos de vultos sem dúvida tão proporcionados , e juntamente cheios de tanta nobreza , graça , e boas qualidades , quaes os da Macedonia , tão decantados na Historia.

Sendo esta huma das coufas interessantes aos Estados , eu me proponho dizer como se devem fazer as raças , ou creações de Cavallos , e o que seja muito conducente para dellas se colher huma boa producção.

Mostra-se qual seja o tempo mais proprio para as Egoas se disporem para o acto da geração ; e quaes sejam os Cavallos melbores para Garanhões.

AS Egoas todo o anno podem usar do acto venereo na conjunção das Luas , porque a natureza não lhes signalou limite , ou termo huma só vez no anno , como a outros brutos ; mas Aristoteles , e Plinio com outros de bom sentir , dizem que o tempo , em que se logra melhor a disposição das Egoas , he do Equinoccio da Primavera até ao Solticio do Estio : e sem dúvida o tempo mais proprio para o lançamento he de Março até Junho.

Os melbores creadores sempre cuidarão muito em procurar que os Cavallos pais , ou Garanhões fossem das melbores qualidades , que se pudessem achar , persuadidos , e com razão , de que de hum máo principio se não seguirão senão máos effeitos , e perniciosas consequencias : e ordinariamente succede que os defeitos , e enfermidades , a que estão sujeitos os corpos dos Potros , ou Cavallos , lhes vem pela maior parte dos defeitos dos pais , e culpa da geração ; e ninguem deve esperar que de Cavallos arruinados , e de ruim casta se produzão Cavallos sãos , finos , e bons ; por isso he muito conveniente que os Garanhões , além de serem de hum bom tamanho , talhe , e côr , sejam de huma raça purificada , e distincta , costumada a produzir bons , e bem assignalados Cavallos.

Em Hespanha se aproveitão de ordinario para Garanhões dos Cavallos de Andaluzia , de Arangués , de Obeda , Baeça , da Mancha , e Cordova , por serem cheios de muita nobreza , e graça : elles pela maior parte são bemfeitos ,

tem

tem bom tamanho , e boa côr : são finos , sensíveis , e leaes , dotados de grande viveza , e animo : tem de ordinario boa boca : são direitos de pés , e mãos ; e elles são finalmente mais livres das paixões , e enfermidades , que são ordinarias aos Cavallos de outros paizes.

A experiencia tem mostrado muitas vezes que tendo os Cavallos pais enfermidades nas juntas dos pés , e mãos , ellas se communicão aos Potros no acto da geração , maiormente sendo as sobreditas enfermidades espravões , agriões , curvas , subcurvas , curvas , e outras , que deixo de referir , por não ser prolixo ; e posto que os Potros logo que nascem não mostrem estas enfermidades , em principiando a trabalhar , elles se enchem das sobreditas molestias , por haverem herdado dos pais huma disposição de órgãos propria para se fomentarem as referidas queixas.

Os melhores creadores tem innumeraveis vezes observado herdarem os filhos dos pais os defeitos , que elles possuíão , e nascerem com as mesmas paixões , e enfermidades , sinaes , e difficuldades dos seus Garanhões , ou pais.

Março , Abril , e Maio são os mezes da melhor compleição , que ha em todo o anno. Este tempo produz nos viventes terrestres , principalmente nos Cavallos , hum humor sanguineo , quente , e humido da melhor compleição de todos os humores , e tambem produzem naturalmente os campos herva com abundancia : este he o sustento proprio das Egoas , e que lhes faz crescer , e nutrir huma boa cópia de sangue , preciso para a natureza se preencher de força necessaria para a producção , pois com o calor interno , que lhes fomenta o sustento , e com o exterior calor do tempo , então afsás benigno , vem as Egoas a dispôr-se bem para o acto da geração.

Em Junho , Julho , e Agosto já são as Egoas dominadas de hum humor quente , e colerico : a estação rigorosa do tempo consome com o seu ardor , e seccura aservas , e pastagens dos campos , e alcança tambem a fazer hum poderoso effeito na humidade das crias no ventre das mãis. Se as Egoas produzissem , ou parissem neste tempo , ellas terião pouco leite para alimentar os seus fetos por nascerem em huma estação mais secca , e rigorosa , em que os campos estão despidos deervas , e de pastagens.

Nos seguintes tres mezes de Setembro , Outubro , e Novembro he nas Egoas mais difficultosa a disposição para a geração , por ser o tempo , em que ellas se achão dominadas de hum humor melancolico , frio , e secco comparado ao elemento da terra , no qual de todo se acaba nos campos a pastagem , por ser já inverno , haver pouco calor , e muita frialdade na terra , pelo que se faz improprio este tempo para as Egoas se disporem para a geração.

Dezembro , Janeiro , e Fevereiro he tempo frigido , e esteril , sem mantimentos , ou pastagens , e nos campos ha grande frialdade : por isso nesta quadra , ou estação domina tanto nas Egoas o humor fleumatico , que he frio , e humido , e como tal comparado ao elemento da agua. Esta frialdade attenua a actividade propria para a disposição da geração ; e a próvida natureza se dispõe de Março até Junho , por serem estes tempos benignos , e temperados , então os campos abundão em pastagens. Estes mezes forão sem dúvida nos nossos climas ordenados pela

vontade do Eterno Ser , para que a Natureza exercite na massa fanguinaria o dever natural entre o macho , e a femea. Ella he huma causa prima , e univerval , porque do ajuntamento do macho , e femea se faz , e compõe esta massa oriunda dos quatro humores , que vivificação as máquinas dos corpos dos Cavallos.

A Superior Providencia ordenou que a Natureza formasse , e organizasse daquella massa hum corpo , sem que nada lhe faltasse do que lhe fosse pertencente , tanto no interior , como no exterior ; e depois de se achar assim ordenado , organizado , e formado com todas as partes , que o constituem perfeito , segundo a sua especie , se lhe infundissem os espiritos animaes , ou vitaes , e fique o mesmo corpo esperando que a potencia , e a natureza o aperfeiçoem , e fação fahir daquelle claustro , em que se tem creado.

Mostra-se o modo como se gera , e nutre o Potro no ventre da Egoa.

Todos sabem que hum Potro no ventre da Mãi anda mettido em hum como sacco , este he formado de muitas membranas : a primeira he delicada , e transparente ; a segunda he mais grossa , chamada *Chorion* : depois pela parte debaixo do corpo do Potro ha huma pelle esponjosa , que lhe serve como de colchão , talvez para o livrar das pancadas , que no utero da mãi póde receber. Ha mais no ventre da Egoa a *Placenta* , e outras membranas , que cercão o corpo do Potro.

Na primeira membrana delicada , porém fechada por todas as partes , se fórma o corpo do Potro , e vive nadando em hum liquido , que depois de ter concorrido para o formar , concorre tambem para elle se nutrir. A sua postura he encurvada , de maneira , que tem os pés junto da boca , as mãos encolhidas , e assim está todo em hum arqueado ; porém esta postura se muda , e desenvolve no tempo vizinho ao parto. Desta sorte elle não respira por modo algum ; e por isso os bofes do Potro , quando nasce morto , lançando-se na agua , vão ao fundo ; a causa he , porque como nunca se enchêrão de ar , não se dilatão as suas porosidades , e se achão , como estão dentro do ventre , muito densos , e pezados.

Nutre-se o Potro no ventre da Egoa , mediante o canal umbilical ; como hum pomo unido á arvore , que por huma collecção de fibras percebe o succo , e o sustento : assim elle dentro do ventre está unido á mãi pelo canal umbilical , e por elle se nutre , e percebe a substancia para se formar , e crescer. Este canal se compõe principalmente de huma veia grande , e duas pequenas arterias : entre ellas vai o *Ovraxo* , que he huma veia , que nasce da parte superior da bexiga do Potro : vem ao embigo , e juntamente com as arterias prende na região superior da *Placenta* do ventre da mãi.

Assim se nutre o Potro , sem que nelle haja parte , em que se prepare o alimento , sómente com o sangue , e substancia , que se lhe communica pelo *Ovraxo* , ou vide ; e do liquido , em que anda nadando , elle se vai assim augmentando , e crescendo.

O fangue da mãi preparado nos muitos vasos, e fílctros, que ella tem na Placenta, entra pela veia umbilical do Potro, e vai direito ao figado, donde passa ao coração; e o resto, que entra no ventriculo esquerdo, sahe pela grande arteria a circular por todo o corpo do Potro, e vem recolher-se á Egoa pelas arterias umbilicaes, que torcidas com a veia umbilical, ou vide, ordinariamente sobem pelo embigo do Potro, e vão por cima da espadua até prender na Placenta da Egoa: e desta maneira, segundo a melhor opinião, he mais provavel que se nutre o Potro, e circúla nelle o fangue. Isto se tem observado em muitas anatomias; com a differença porém de que a huns Potros lhes vem o Ovraxo, ou vide do embigo pelo lado da espadua direita, e a outros pelo da esquerda; mas sempre a vide se conduz da Placenta ao embigo do Potro.

Logo que o Potro nasce, o ar lhe entra pela Trachea, e todas as porosidades do bofe se dilatão, quando elle principia a respirar, e então o fangue todo, que está nas veias pulmonares, se recolhe ao coração, e fica mais defembaraçado o lugar, que elle occupava nas pulmonares. O fangue, que vem á aurícula esquerda, por ser o canal mais largo, he mais copioso, e pulsa com mais força, porque já os bofes tem movimento.

O liquido, em que o Potro nada, tambem faz com que elle esteja defendido da oppressão do utero. Este liquido facilita o parto, e humedece todas as fibras da vagina para dilatar-se a uretra, como he preciso para o Potro poder nascer.

Mostra-se o tempo que as Egoas andão prenhes, segundo a melhor opinião.

AS Egoas andão prenhes doze mezes, pouco mais, ou menos; e ainda que alguns creadores dizem que onze mezes, e nove dias, quanto a mim isto padece alguma dúvida; e segundo a melhor opinião, o mais certo he andarem prenhes doze mezes, pouco mais, ou menos. Salver pag. 197. no seu Tratado das Raças tambem diz o mesmo; com a differença porém de lhe parecer serem humas mais tardas na sua prenhez, porque não tiverão no tempo da preparação huma perfeita faude, e outras mais temporans, porque tiverão sempre boa faude, e avançarão por esta, e pelo seu temperamento mais a formação das suas crias.

A idade, em que as poldras estão no bom estado de virem a ser parideiras, de ordinario he dos quatro, ou cinco annos até aos quinze, ou dezeseis, pouco mais, ou menos, segundo a sua disposição, e vigor. He preciso considerallas em duas estações, como fica notado: pelo Inverno frias, e faltas de potencia, e nutrição; e no principio da Primavera com mais calor, mais vigorosas, aptas, e promptas para a geração.

As Egoas que pegarão, ou enchêrão na cubrição, devem ser lançadas em parques muito abundantes de pastagens, para se nutrirem bem, e sustentarem as suas crias com abundancia, e com o preciso vigor. No fim de cinco mezes, pouco mais, ou menos, deve-se examinar quaes são as que estão cheias para as separar daquellas, que deixarão de reter, ou não pegarão pelos motivos que ao diante diremos.

He

He difficuloso conhecellas antes , e ainda passado este tempo ; de forte que os mais curiosos , e experientes creadores se enganão maiormente com aquellas , que são costumadas a parir , porque até este tempo se conserva sempre o seu ventre na mesma redondeza , e gordura : com tudo eu vou dizer sobre esta materia algumas observações , de que tenho noticia , e me parecem mais veridicas.

As Egoas , que estão cheias , conservão a sua gordura por mais tempo , do que aquellas , que deixarão de reter , maiormente no inverno. Conhece-se tambem que estão cheias , quando ellas fogem , e se retirão das outras , e quando os Potros no ventre se remechem. Tambem se conhece estar prenhes , por mostrarem alguns enjoo ás hervas , a que erão mais affeioadas.

Senão se manifesta por estes signaes a prenhez , he necessário que obriguem as Egoas a que fação algum moderado exercicio , dando-lhes algumas poucas voltas á Guia , se forem mansas , e depois fazellas conduzir ás cavalhariças ; e pondo-lhes a mão na barriga , necessariamente se ha de sentir mecher o Potro dentro no ventre.

Se as Egoas forem bravas , devem em hum parque bem plano fazellas dar algumas voltas correndo , conduzindo-as depois ás cavalhariças , ou arribanas , e fazer-lhes as averiguações que já dissemos.

Signaes , por que se conhece estar proximo o parto das Egoas.

Quando o tempo do parto se vai approximando , dous mezes antes , pouco mais , ou menos , os bicos das tetas das Egoas se endurecem , e se estendem mais : as suas ancas depois , e os seus ilhaes se fazem vasios. Em os guardadores vendo nas Egoas estes signaes , devem duplicar o seu cuidado , e vigilancia sobre ellas para foccorrerem aquellas , que forem mais trabalhosas nos seus partos , ajudando-as , e sangrando-as no tempo dos esforços , concertando os Potros , quando elles estão mal situados ; e se sentirem que o Potro está morto , he preciso fazer promptamente por livrar a mãe , introduzindo-lhe azeite na matriz , e hum vergalho de boi pela boca , de forte que lhe chegue ao Ezofago , para ver se ella se esforça , e lança fóra a cria.

No caso de se demorar , he bom usar de remedios proprios para este caso. Tambem costumão atar-lhe hum nafro á cria , na parte que primeiro apparece na uretra , para puchar por ella , e fazella sahir para fóra ; mas deve isto ser feito com muito cuidado , sem puchar de repente , ou com muita violencia : devem sim esperar faça a Egoa algum esforço , e então pouco a pouco puchar pelo cordel ; e tanto que a mãe estiver livre , devem tratalla como se tivesse abortado , porque fica assás perigosa.

Se o Potro principia a nascer mal , devem indireitallo , untando , quem o concertar , bem as mãos com banha de porco , porque ella ajuda a expellir o feto. Se o Potro está morto no ventre , o hálito da boca da Egoa tem máo cheiro , porque o feto se corrompe com muita facilidade.

Se a Egoa pare sem grande custo , apparece o Potro na vagina direito ; e fazendo a Egoa alguns esforços , ao mesmo tempo rebentão as membranas que o li-

gão, e embrulhão dentro do ventre, e elle nasce, sahindo com elle alguma quantidade daquelle liquidó, em que foi creado: a mãe o lambe em quanto elle está deitado; mas logo que os bofes principião a enfartar-se do ar, e o sangue das pulmonares a fazer o seu gyro, o Potro se levanta, e segue a mãe.

Aristoteles, e outros Filozofos dizem, que quando o Potro nasce, traz pegada na testa huma pequena porção de carne, a que chamão *Hippomanes*, a qual a mãe lhe arranca com os dentes. Deste dito *Hippomanes* dizem tambem muitas virtudes, as quaes eu tenho por ficção, de que se servião para ornato das suas allegorias: motivo, pelo qual deixo de tratar desta materia.

Trata-se do modo de repartir o terreno dos Parques, e da quantidade de cabeças, que elle pôde sustentar.

Para se formar huma Raça, ou criação de Cavallos, he preciso ter quantidade de Egoas parideiras, e Cavallos, que fação multiplicar a producção dos Potros: feito o cálculo do terreno, em que pertendem formar, e estabelecer a raça, devem proporcionar a elle o numero de cabeças, que pôde com abundancia sustentar. De forte, que aonde se podem sustentar cinco bois, podem crear hum Potro, ou Egoa: assim aonde se podem sustentar cem bois, podem crear até vinte e oito, ou trinta Potros, ou Egoas. Devem-se com as Egoas, e Potros crear bois, e vacas, porque estes conservão o terreno, e gostão de comer a herva grande, e os Cavallos, e Egoas gostão mais da herva tenra, e curta.

O lugar destinado para estabelecer as raças deve ser repartido em varios, e grandes parques, cercados de vallados, muros, ou estacadas, que embarcem a passagem de huns para outros. Os parques destinados para as Egoas pastarem, quando estão prenhes, devem ser abundantes de pastagens; e da mesma forte aquelles, em que andarem as que derem leite aos Potros: faço esta recommendação, para que tanto as que estão prenhes possam nutrir bem os seus Potros, como as que estão creando possam ter bastante leite para nutrirem as suas crias, porque deste primeiro sustento provém muito aos Potros a sua boa criação, e as qualidades de membrudos, e vigorosos.

D. Garcia Xemenes de Haro, Estribeiro de D. Garcia IV., o Valente, Rei de Navarra, diz pag. 78. no seu Tratado das Raças, que os Potros precisam tanto de ser bem alimentados no ventre da mãe, como depois de nascidos ser a mãe bem abundante de boa qualidade de leite, para elles bem se crearem, e se põem no estado de se nutrirem vigorosamente, e serem na contextura de todos os seus musculos fortes, e sensíveis. E pag. 89. afirma que o Potro, ao qual no ventre da mãe faltar o bom, e preciso sustento, ou ella tiver máo leite para a sua criação, elle será pouco igual de todos os ligamentos do seu corpo, e terá pouco espirito, e por consequencia será pouco sensível. A natureza dispõe como mestra a máquina do corpo do Potro; e logo que por falta de alimento a mãe tiver poucas forças para nutrir, e prestar á sua cria no ventre o preciso vigor, o Potro nascerá com pouco alento, ou folego, pouca actividade, e pouca vista. Isto mesmo diz Salver o me-

lhor

lhor agricultor das creações de Cavallos, que Luiz XIV., Rei de França, fez estabelecer nos seus Reinos, a pag. 26. do seu Tratado das Raças.

As Egoas, que não estão prenhes, não devem andar misturadas com aquellas, que o estão, porque facilmente lhes podem dar alguns couces, que as fação abortar, e por isso devem andar separadas.

Se no mez de Fevereiro se acharem as Egoas muito gordas, então as devem passar a hum parque, em que hajão menos pastagens, e deixallas nelle andar até diminuirem da sua demaziada gordura, para que no tempo do lançamento estejão mais aptas para o acto de geração.

As Poldras novas podem andar juntamente no mesmo parque, em que andão as que não andão prenhes. Os Potros porém devem andar separados de humas, e outras Egoas, e da mesma forte os castrados; porque os inteiros de dous para tres annos já fazem muita diligencia por cubrir as Egoas: neste caso elles tomão muito cio, e se tornão muito fracos; e os castrados, fazendo esforços inuteis, atormentão as Egoas sem effeito, e assim huns, e outros se arruinão muito da sua garupa, e curvilhões.

Mostra-se qual seja o terreno mais proprio para crear os Potros.

OS parques, em que se hão de crear os Potros depois de separados das Egoas, devem ser de hum terreno aspero, e montuoso, mas que tenha huma quantidade de pastagens sufficientes para os sustentar com abundancia, sem os engordar muito; porque assim como o preciso sustento os nutre, sustenta, e cria bem fortes, assim a demaziada abundancia os engorda extraordinariamente, e lhes faz o sangue espesso, viscoso, e fleumatico, e por consequencia disposto para se corromper, e motivar nos Potros graves molestias: pelo contrario o preciso sustento conserva no Potro o seu sangue delgado, e espirituoso, e por isso mais proprio para sustentar, e fortificar todos os seus membros, porque então elle se distribue, e gyra com mais vivacidade, e facilidade por todos os conductos do corpo do Potro.

Os Potros, que são demaziadamente nutridos nos pastos, de ordinario são faltos de vigor: tem a cabeça, e os pescoços grossos, a vista fraca, as espaduas carnosas, maiormente se o terreno do parque he de terra fria, ou alagadiça: ao contrario, se o parque, em que andarem os Potros tiver partes montuosas, e asperas, elles terão bons cascos, e muito desembaraço, ou ar nas suas espaduas. Advertindo que eu não quero dizer nisto, que os criem com fome, pois em tal caso não lhes servirá o ferem de boa raça haverem sido bem creados, e lacteados por boas Egoas, antes a fome os tornará fracos, pequenos, e incapazes de bom serviço.

Os Potros de huma figura delicada, e fina, creados em terrenos asperos, mas abundantes de pastagens, de ordinario tem mais graça, e desembaraço nos movimentos das suas espaduas, do que aquelles, que são creados em terras humidas, alagadiças, e planas. Os Potros, que são creados em terras alagadiças, a que chamão frias, tem ordinariamente os cascos brandos, chatos, e com muitos debruns, a tapa delgada, os talões unidos, as ranilhas humidas, e as palmas cheias: elles

fim crecem muito; mas pela maior parte adquirem as más qualidades, que tenho referido, por se crearem com hum mantimento debil, e em hum terreno demaziadamente humido, por cujas causas elles são ao mesmo tempo faltos de memoria, e actividade prompta nas suas sensações.

Os Cavallos de Hollanda justificação bem o que digo: elles crecem muito, são de hum formoso vulto; mas por serem creados em humas terras alagadiças, planas, e muito abundantes de fenos, elles são extraordinariamente froxos, tem más calcos, padecem nelles muitas molestias, tem pouca actividade nas suas sensações, e são consequentemente faltos de espirito.

Diffo que os parques das raças devem ter divisões, não só pelas causas, que temos ponderado, mas tambem para elles se poderem concertar, e reparar do damno, que os Potros, e Egoas nelles fazem. Diffo tambem que os bois são bons para a reparação deste damno, e que elles cortão a herva alta para rebentar junto á terra, por ser assim que os Potros gostão mais della: a ourina dos Cavallos, e Egoas enfraquece o parque, ao qual tempera, e torna fructifero o excremento, e ourina dos bois: o dos carneiros, e ovelhas he igualmente bom para o temperamento das terras, que arruinárão os Cavallos; porém precisa ser bem misturado com ellas, e os Potros estarem separados daquelle terreno, ou parque, em que os carneiros andárão pelo menos quatro mezes, porque antes disso o terreno não produzirá bem; além de que os Cavallos, e Egoas aborrecem muito o excremento dos carneiros.

Na Hollanda, e na baixa Normandia, quando os Senhores de terras as arrendão, huma das condições do arrendamento he, que os rendeiros não possão crear mais de dez, ou doze Potros naquelle terreno, em que se podem sustentar fincoenta até sessenta bois. He bem certo que o terreno se conserva na sua bondade, e sem damnificação, se onde se podem sustentar finco bois, trouxerem quatro, e hum Cavallo, ou Egoa, que tudo vale o mesmo: e á proporção onde andarem doze, ou treze bois, se podem crear dous, ou tres Cavallos, sem que o terreno se arruine, maiormente se puderem fazer com que os Potros, ou Cavallos mudem de parque, como temos dito.

Os parques devem ter aguas sufficientes para dar de beber ás Egoas, e Potros das raças. As aguas de tanques, prezas, e lagôas são para este fim melhores, do que as das ribeiras, ou regatos, a quem commummente chamão vivas, porque estas muitas vezes fazem dores de barriga nos Potros, as quaes são muito mais perigosas nas Egoas, que andão prenhes, porque facilmente abortão, e em abortando por este motivo, pela maior parte morrem. As aguas que são turvas, por se bolverem as prezas, ou lagôas, são boas para os Cavallos, e Egoas beberem, por não lhes fazerem tantas dores de barriga.

As prezas, e lagôas, que crearem muitas sanguefugas, não deixão de ser nocivas para bebida destes animaes. Em hum semelhante caso não será fóra de proposito mandar fazer pequenos tanques para de tempos em tempos se poderem limpar, e esfregar com sal, porque isto destroe muito as sanguefugas, e faz que as Egoas bebão mais, e tenham mais leite, e os Potros tambem alarguem mais.

De-

Devem plantar-se algumas arvores , que fação boas sombras pelos lados dos lugares , em que estiverem semelhantes receptaculos , para que elles não criem tanta babugem , ou limos com o calor do Sol ; e tambem para que os Potros , e Egoas se abriguem á sua sombra dos ardores do estio em tempo caloroso , e da grande perseguição das moscas , que mais os affligem ao Sol , do que á sombra : se bem que ellas , não obstante estas prevenções , perseguem tão vivamente no verão os Potros , e as Egoas , que quasi sempre emmagrecem , principalmente nos mezes de Julho , e Agosto.

Como ha diferentes especies de moscas , que neste tempo mordem os Cavallos , e ellas tem diversas fórmãs , e feitiços , segundo os paizes , em que se reproduzem , eu não me cançarei em tratar nem das suas differenças , nem dos effeitos que costumão causar.

Tambem não devem haver covas , vallas , ou fossos nos parques , em que andarem Egoas prenhes , para que ellas não dem quedas , e abortem. Pela mesma razão se devem arrancar as raizes que as arvores deitão muitas vezes á superficie da terra , e os estrepes , que houver nos parques , não deixando nelles obstaculos , de que se possão occasionar ás Egoas alguns perjuizos.

He igualmente util haverem guardadores destinados para ter cuidado que não aconteça defaltres ás Egoas , e aos Potros. Os lobos são acerbissimos perseguidores dos Potros , maiormente em quanto novos : para a sua perseguição se evitar , he bom que os guardadores sejam vigilantes , e tenham bons rafeiros , para que os Potros , e Egoas sejam bem defendidos de tão vorazes perseguidores.

Se os parques tiverem arvores silvestres , e brejos abrigados , ou valles com bosques espessos , em que pelo verão se crie , e conserve a herva tenra , e verde , as Egoas , e os Potros gostarão muito desta hervagem em tal tempo ; e se com este sustento engordarem muito os Potros , he bom mudallos de sitio para parte , aonde se sustentem com feno , &c.

Motivos , pelos quaes deve haver nos Parques arribanas , ou cavalhariças.

NOs parques devem haver arribanas , ou cavalhariças para recolher os Potros , e Egoas , pondo-os ao seu abrigo dos rigorosos frios do inverno , as quaes elles procurão quando são constringidos da fome , e do frio. Nellas os podem desde logo ir costumando a chegar á manjadoura , onde lhes darão algum feno. Então os podem ir affagando ; e querendo elles sahir para o campo , não os devem embaraçar , porque deste modo se vão amañando , para quando os enlaçarem não fazer nelles tanta impressão o recolhellos á cavalhariça. O modo de os affagar será pondo-lhes os moços a mão na testa , e pescoço , por serem estas açções áquellas , que os Cavallos mostrão tem mais em signal de agrado que lhes fazem.

As arribanas são humas estancias cubertas de telhas , ou de colmo com manjadouras por hum , e outro lado , ou pelo meio , sendo que as cavalhariças regulares são melhores para accomodar as raças , porque nellas se podem separar os

Potros huns dos outros , isto he , os mais fortes dos mais fracos , e assim os mais velhos dos mais novos , para que não se apertem , ou briguem.

Os parques produzem diferentes hervas , humas mais , outras menos proprias para sustento dos Cavallos: humas de que elles gostão mais , e outras de que gostão menos. Ha tambem algumas que são venenosas ; e segundo o clima , e os Paizes , diferentes nas qualidades , e nomes. Em Portugal , em o Alemtéjo dão o nome de trevagem (por exemplo) á mesma herva que em Lisboa denominamos *Anafá* , e no campo de Ourique , e Algarve *Trevo bravo* , porque só differe do Trevo manso em ter a flor azul. Na Beira , e outras partes , aonde a ha , lhe chamão *Balça*.

Por causa destas diversidades deixo de dar os nomes das hervas , que são mais proprias para sustento dos animaes de que tratamos , assim como os dá Colbert no seu Tratado das Raças pag. 94. : só recommendo aos creadores observem que os parques , em que estabelecerem as raças , sejam abundantes de hervagens , em que os Potros gostem de pastar , e comão sem lhes magoar as bocas ; pois seja qual for a sua qualidade , a Natureza sempre próspera lhes suscitará assim o conhecimento das que lhes forem nocivas , como o das que lhes são proprias ; e ella mesma por effeito da Providencia lhes ministrará todo o vigor preciso para os crear , sustentar , e fortalecer dentro dos seus parques , segundo os climas , onde se acharem estabelecidos.

Podem os creadores , sendo curiosos , fazer produzir com abundancia nos seus parques anafa , avêa , e feno , mandando buscar as sementes , e semeando-as , com especialidade a anafa , porque a sua semente não he agradavel ás formigas ; e a sua raiz , tendo sido semeada em terrenos frescos , produz por seis , e sete annos : maiormente se houver cuidado em a fazer ceifar , quando ella está em flor. O feno produz por tres annos ; mas precisa ser semeado em terrenos baixos , e frescos , quaes os da Hollanda.

Na baixa Normandia ha huma hervagem , a que chamão *Alfif* , a qual sendo semeada em terrenos frescos , faz huma producção excellente pelo espaço de oito , ou nove annos ; porém a sua semente he perseguida das formigas , e por isso fóra daquelles terrenos , em que se produz por natural costume , se extingue , passado o sobredito tempo , maiormente senão ha cuidado de a tornar a semear.

Modo , por que se devem tratar os Garanhões.

OS Garanhões , que servem para o lançamento , não devem andar pastando soltos nos parques ; porque em se encontrando huns com os outros , brigão até se matarem , e não seria facil haver estacada , ou vallado , que os embaraçasse a ir ter com as Egoas , onde quer que as houvesse , ou estivessem , baralhando por este modo todas as raças contra a vontade de seus donos , pelas razões que deixamos ponderadas.

Devem pois os Garanhões estar recolhidos em cavalhariças , e nellas bem pensados , ou tratados para servir a seu tempo. Em lugar de baias costumão alguns

In-

Inglezes tapar com taboado de alto abaixo os lugares das cavalhariças , em que estão encerrados os seus Garanhões , tendo porém cada lugar huma largura , e extensão proporcionada para os poder tirar da cavalhariça , como tambem para elles se deitarem , e estarem á sua vontade.

Não deixão de fer boas estas divisões de madeira , porque ellas evitão que os Garanhões se maltratem de couces huns aos outros , principalmente no tempo do cio , e que se soltem , e briguem. Finalmente são boas estas divisões tambem para evitar aos Garanhões o costume de lançarem as pernas sobre as baias , e por este modo se arruinarem nellas.

Não devem os Garanhões fer muito trabalhados , principalmente quando se aproximar o tempo do lançamento , para não lhes extrahir pelo fuor a substancia que os póde espiritalizar , e fortalecer para o acto do lançamento. Devem sim passeallos pelo decurso de todo o anno , e dar-lhes hum moderado exercicio , sem os obri-garem a que sejam copiosamente , pois o moderado passeio ferve para não se entorpecerem , e incharem de pés , mãos , barriga , e grãos.

Continua-se o modo de tratar dos Potros.

Será muito bom , como temos dito , haver huma cavalhariça , onde se recolhão os Potros , e hum terreno , em que os vão passeando , ou deitando á guisa com muita moderação , até que chegue o tempo competente de serem recolhidos , e conduzidos ao Picadeiro para lhes porem a cilha mestra : isto se fará se os enlaçarem no campo ; mas se os enlaçarem no Picadeiro , podem conduzillos logo para as cavalhariças , e dellas trazellos á picaria , como digo no seu respectivo lugar , para os ir dispondo , e pôr-lhes a sella , montallos , e principiar-lhes a formar a lição propria ao seu prestimo ; sendo elles porém enlaçados , seja no Picadeiro , seja no campo , sempre devem ser tratados com a maior brandura , e moderação que puder fer.

Alguns creadores , depois dos Potros recolhidos ás cavalhariças , querem que allí se lhes dê verde : outros seguem diversa opinião , e querem que nos primeiros sete , ou oito dias , que se lhes dê secco para lhes matar os guzanos , dando-lhes depois verde. Eu não trato dos motivos , que para isto allegão ; porém sendo os Potros meus , teria bom verde para os sustentar na cavalhariça , quando os enlaçasse , e recolhesse , porque assim estranhão menos.

Os creadores devem fazer diligencias por terem bons Garanhões , e boas Egoas para as raças produzirem bem , e dellas poderem recolher formosos , e bem assignalados Potros.

Em Portugal communmente chamão Rocins aos Cavallos ordinarios , inteirros , grossos , e fortes : aos Cavallos finos , que se destinão para o manejo da Picaria , se chamão Cavallos de escola , ou de lição. Destes se destinão os melhores para Garanhões , e então lhes chamão Pais.

Aos destinados para fazer produzir Cavallos para puchar por carruagens , e coches , chamão Frizões ; e tambem por elles serem grossos , nervosos , e fortes ,

femelhantes aos da Provincia de Frise ; e como os pais devem ser os modélos das raças , que os creadores pertendem fazer produzir , elles devem escolher para ellas Garanhões proprios para a producção que delles pertendem : advertindo que a raça dos Cavallos finos sempre foi , e he a mais estimada ; e por esta razão communmente os creadores buscão para Garanhões os melhores , mais formosos , e finos Cavallos , que podem alcançar , a fim de que os Potros , e Poldras , que produzirem , participem das boas qualidades do pai.

Devem pois os Garanhões ser de bom tamanho , talhe , e côr , bem proporcionados em todas as partes do seu corpo , de finco , ou seis annos de idade até deze-feis , ou dezoito , segundo a sua disposição , fortes , e nervosos ; mas com boa proporção , tanto na formosura do seu corpo , como da proporção , e igualdade dos seus ossos , musculos , e nervos ; o pello não só de boa côr , mas fino , e lustroso , e sem molestias , que se possão fazer hereditarias pelo acto da geração , para que os Poldros , e Poldras nascão mais vistosos , e com menos enfermidades.

Trata-se das qualidades , que fazem os Cavallos mais proprios para Garanhões.

São bons , e proprios para Garanhões os Cavallos Perfás , Arabes , de Andalu-zia , de Cordova , de Arangués , de Ubeda , de Baeça , de Napoles , de Marrocos , de Inglaterra , que são da raça dos Arabes , e os Corredores ligeiros de Polonia , e da baixa Normandia.

Os Cavallos Perfás são excellentes ; porém o muito que de nós estão remotos nos embarga , e impede os meios de os podermos ir buscar para este fim.

Dos Cavallos Arabios.

OS Cavallos Arabios são finos , flexiveis , e tem boa boca : são muito corredores , e custão muito caros : elles sem dúvida misturados com as Egoas de Hespanha , e Portugal farião huma raça de bons Cavallos muito proprios para o manejo , para a caça , e para a guerra.

Dos Cavallos Andaluzes.

OS Cavallos Andaluzes , Cordovezes , os de Arangués , Ubeda , e Baeça , sendo elles das raças distinctas , e bem cultivadas destes Paizes , produzem , misturados com as Egoas Portuguezas , Potros , e Poldras de bom talhe , finos , flexiveis , e muito proprios para a lição ; porque além das boas qualidades , que deixamos notado , os Cavallos de Hespanha tem boa memoria , e são de hum genio muito fiel. La Guerinieri pag. 29. , e Newcastle pag. 23. são tambem desta opinião.

Dos Cavallos Marroquianos.

OS Cavallos Marroquianos misturados com as Egoas Portuguezas produzem Potros, e Poldras de bom talhe, viveza, e disposição; mas de ordinario elles tem as queixadas grossas, e juntas, e por consequencia tem a boca grossa, sendo que a volta do peçoço, e mais feiço do corpo he pela maior parte delicado, e vistoso.

Dos Cavallos Inglezes.

OS Cavallos Inglezes trazem a sua origem dos Arabes, e tambem são bons: misturados com as Egoas Portuguezas, e Hespanholas produzem Cavallos de hum bom talhe, bem proporcionados, e finos, ainda que alguma cousa faltos de ventre. São bons corredores; e as Poldras são tambem algum tanto faltas de ventre, e por isso menos proprias para a producção das raças, que as filhas dos outros Garanhões, de que tratamos.

Dos Cavallos Napolitanos.

OS Cavallos Napolitanos misturados com as Egoas Portuguezas, e Hespanholas produzem Potros, e Poldras de excellentes vultos; e os Potros são muito proprios para o manejo, e para as tropas; e juntos com aquellas Egoas, que forem muito estofadas, e fortes, produzirão huns Potros grossos, fortes, e proprios, não só para as tropas, mas ainda para os coches.

Se se fizerem ajuntar os Cavallos Napolitanos com as Egoas de Dinamarca, de Polonia, da Provincia de Holstein, de Ausburg, e Frise, fahirá huma raça de Potros muito formosos para as tropas, e para os coches. As Poldras desta producção ordinariamente são de hum formoso vulto, tem boa caixa de ventre, e fazem huma excellente liga com os Cavallos Andaluzes, Cordovezes, de Ubeda, e Baeça, segundo a opinião de Colbert pag. 17. no seu Tratado das Raças, e as experiencias de Salver pag. 34.

Dos Cavallos Corredores.

OS Cavallos corredores ligeiros de Polonia, e Inglaterra, e da baixa Normandia, misturados com as Egoas Hespanholas, e Portuguezas, produzem huns Potros delicados, sensiveis, e bons corredores; mas as Poldras desta producção são commummente faltas de ventre.

Os Cavallos finos, e bem assignalados são aquelles, em quem concorrem as partes, e perfeições, que ao diante diremos; e ainda que raras vezes se acha hum Cavallo com todas ellas, com tudo aquelle, que participar mais das referidas boas qualidades, deve preferir-se a todos os outros, maiormente sendo de huma raça purificada, distincta, e costumada a produzir bons, e bem assignalados Cavallos, como são ordinariamente as de que temos feito menção.

Quaes são os bons signaes, e qualidades, que fazem os Cavallos finos, e vistosos.

DEve o Cavallo ser bem proporcionado em todas as partes do seu corpo: ter boa côr, as orelhas juntas huma da outra na parte local da cabeça, e direitas para cima, e a membrana junto á cabeça, larga, direita, e alguma coufa inclinada para o topete: o pello de todas ellas curto, lustroso, e fino, de forte que deixe ver bem a ramificação das veias por toda a cutis da parte externa das membranas das orelhas, não tendo estas muito talhe, ou volta na ponta: o topete deve ser comprido para a testa, não as sedas, mas sim aquelle lugar, aonde ellas nascem: as sedas do referido topete devem ser finas, lizas, e lustrosas, a testa larga, e sem grandes covas sobre os pariaes dos sobrolhos. As queixadas estreitas com proporção no lugar das faces, e bem largas huma de outra no lugar do ezofago, e ganacha, junto ao osso axilar, para que a articulação, e a respiração não fiquem opprimidas; ou mais propriamente, para que as queixadas por juntas não embarquem ao Cavallo o poder elle voltar-se facilmente para huma, e outra mão, ou dobrar bem o pescogo para huma, e outra parte.

Devem ter os olhos grandes, e claros, alegres, e bem sahidos fóra, mas sem difformidade, isto he, os sobrolhos, e capelladas não devem ser muito grossas, nem os olhos tão avultados, que pareça estão saltando fóra do seu lugar; porque tão máo he serem os olhos demaziadamente encovados, como sahirem com excesso fóra das capelladas. As alvas devem ser bem cheias de côr, ou fogo, de forte que ainda quando o Cavallo volta sobre hum, ou outro lado, não mostre, ou deixe ver o branco da alva. Toda a distancia do focinho que ha dos olhos até ás ventas, deve ser bem delgada: as espinhas das ventas direitas, e escarnadas: o pello fino, lustroso, e não muito junto, as ventas compridas, largas, e córadas; e quando as abrir para respirar, deve mostrar poucas rugas na parte superior dellas: o bico, ou beijo superior comprido, delgado, e bem agudo na ponta, o beijo da parte de baixo delgado, mas que cubra bem os dentes, e se una a elles. Todas estas partes da cabeça do Cavallo devem ter a fórmula que havemos dito, sendo ellas bem proporcionadas humas com as outras, aliás em lugar de concorrerem para fazer o Cavallo formoso, o farão defeituoso, e desagradavel. Os dentes devem ser bem claros, e bem iguaes, e direitos: a boca estreita na largura dos queixos, e rasgada com proporção para a altura das faces, o lugar da barbela escarnado com a pelle fina, e o pello bem raro, delgado, e curto.

O pescogo deve ser estreito no lugar do ezofago, e ganacha, sendo para o meio da taboa largo, e cheio, e para o nascimento das crinas falto de carne. A volta do pescogo deve ser bem arqueada, para fazer o seu nascimento bem recolhido sobre as espaduas, ao que communmente chamão volta do pescogo ás direitas. Digo, que o nascimento do pescogo deve ser relevado, e falto de carne junto ás crinas para o Cavallo ter facilidade, e não ficar sujeito a ter gato no seu pescogo, que he pender o nascimento das crinas com o pezo da carne mais para huma que

para outra parte, porque isto faz defeito ao Cavallo na sua formofura, embaraçando-o tambem muito para se dobrar com facilidade para aquella parte, para a qual pende mais a carne, ou gato.

A cruz, ou cernelha deve ser alta, larga, e grossa; e o ponto da sua altura deve ser mais elevado que o ponto da altura da garupa, entre os quadrís sobre o osso sacro.

As espaduas devem ser bem redondas, iguaes, direitas, e lizas; as duas extremidades dos ossos dos braços, que fórmão a frente do peito escarnadas, junto ao omoplate da palheta, (Est. III. N. 27.) e não cheias de signaes, quando o Cavallo se move, que isso indica não ter elle bastantes forças nas suas espaduas, nem o preciso desembaraço, e agilidade nellas. Os meios das polpas das espaduas, (Est. III. N. 51.) grossos, e avultados, de sorte que as polpas fação as espaduas bem redondas no meio, declinando a grossura da carne para as pontas da frente do peito, e para os codilhos com igualdade.

Os codilhos devem ser direitos, isto he, em linha horizontal com a linha tirada perpendicular da ponta da frente da espadua á ponta do casco da mão; porque sendo os codilhos muito fahidos para fóra, são as espaduas, e os seus movimentos defeituosos; e de ordinario os Cavallos, que tem este feitio de codilhos, voltão as pontas dos cascos muito huma para a outra, a que chamão ser cravenhos; e se os codilhos são muito recolhidos para os fovacos, os movimentos de todás as articulações dos braços tambem são máos; porque os Cavallos, que tem semelhante feitio de codilhos, voltão as suas mãos demaziadamente para fóra, a que chamão ser esquerdos.

Os peitos devem ser largos, isto he, as cartilagens, que há entre as duas primeiras costelas, ou clavículas; e os ossos dos braços, e espaduas devem ser largas, bem fahidas para diante, sem demaziada carne na parte baixa entre as mãos.

Aquelles rodopios, que todos os Cavallos tem sobre estas polpas, ou cartilagens do peito, devem ser bem compridos, e largos: as canas dos ossos dos braços grossas junto ao codilho com hum declive proporcionado para o joelho, e canella.

As polpas das canas dos braços grossas, musculosas, e nervosas, de maneira que pela parte de fóra se mostrem membrudas, mas bem proporcionadas com as espaduas.

Os joelhos devem ser planos pela frente, e as cabeças da cana, e da canella grossas por hum, e outro lado. O nervo principal da canela do braço, grosso, e bem enxuto: a cana, e a canela do braço toda bem proporcionada, e liza: as juntas dos travadouros bem enxutas, sem pequenas grossuras, sem garras nos machinhos, nem sedas grossas, e compridas na pelle sobre os nervos, ou músculos principaes dos braços: os travadouros, ou quartelas, antes curtas que muito compridas; mas de tal forte proporcionadas, que nem o Cavallo pareça mal por quarteludo, nem por demaziadamente falto de quartela para ter boas articulações nas mãos, e braços.

O pello da coroa do casco deve ser comprido, e derramar-se bem sobre o mesmo casco: a caixa do casco não deve ser mais larga em cima do que em baixo. Os talões devem ser direitos, largos hum do outro, e altos: a tapa, ou cinta do casco, negra, liza, e igual; sendo que tambem póde ser boa, sendo parda, ou listada; mas sempre deve ser a tapa liza, e igual: o calcanhar largo em cima, para os talões serem mais estreitos em baixo, sem com tudo serem unidos: a caixa do casco de huma figura na linha da frente alguma coufa oval, e mais larga em baixo, do que em cima: as ranilhas enxutas, a palma recolhida de huma côr parda, hum pouco mais clara, que a cinta do casco, e sem nodoas fanguineas, ou aquosas, quando se alimpa: finalmente deve o casco ser bem vazio pela palma para ter boa cinta, e soffrer bem a ferragem. As mãos, e espaldas devem ser bem direitas debaixo até cima, para que todos os seus movimentos, e articulações sejam igualmente direitos, e bons.

Os lombos devem ser direitos, e não muito estofados junto ao espinhaço: as costelas largas, lizas, e bem formadas: o ventre largo com proporção, e não muito descachido para baixo: o lugar dos rins lizo, e igual: as ancas bem formadas, isto he, ambos os quartos da garupa redondos, iguaes, e separados com canal pelo meio das ancas: o fubugo do cabo com bom nascimento, curto, grosso, e bem provido de sedas finas, lizas, e lustrosas: os testiculos pequenos: a verga curta: as cochas largas, e bem grossas por dentro, e por fóra; a volta das nadegas pela parte exterior pouco arqueada, para que o Cavallo não seja muito curvo; mas de forte que não pareça tambem demaziadamente direito: porque o ser muito curvo, faz os movimentos, e articulações da garupa hum pouco fracos; e o ser muito direitos das pernas, faz com que os Cavallos tenham pouca propensão para recolher a garupa para baixo do corpo: as soldras nas suas musculagens devem ser bem sahidas, e avultadas: os curvilhões direitos, de forte que os ossos dos jarretes fiquem bem na linha perpendicular do osso da canela, e da tibia: os seus nervos principaes, que passão por detrás das canelas das pernas, grossos, e lizos: os jarretes pequenos, mas bem proporcionados com os curvilhões: os cascos dos pés largos, e com boa tapa: e finalmente as quartelas bem proporcionadas para os Cavallos não serem quarteludos, por ser o travadouro do pé muito comprido, ou tambem não serem topinhos, por ser o travadouro muito curto.

Todas estas boas proporções, e qualidades fazem os Cavallos perfeitos, vistosos, e agradaveis, segundo vemos, e os mais distinctos Authores nos ensinão; mas he preciso que os Cavallos animem todas estas boas partes com hum coração cheio de viveza, huma externa sensibilidade, e huma paixão moderada, que se deixe vencer, e dominar para elles fazerem bom uso das suas naturaes bellezas, e perfeições. He certo que raras vezes se podem encontrar estas boas circumstancias todas unidas em hum Cavallo; porém como todas ellas constituem os bons Cavallos, e os fazem vistosos, e finos, devem escolher-se para Garanhões aquelles, em quem concorrem mais das referidas qualidades, para que os Potros nascão semelhantes aos pais, bem proporcionados, bem assinalados, vistosos, finos, e proprios para servirem bem para o manejo; porque a maior parte dos signaes, e perfeições, de que

que he bom serem dotados os melhores Cavallos , segundo a melhor opinião , serve , e concorre muito para justificar o seu prestimo , e a sua bondade , e para que as suas naturaes propensões se deixem conhecer na sua primeira idade.

Já deixamos notado que os Cavallos , sendo finos , podem servir para a cubrição de idade de cinco até seis annos ; e os Cavallos estofados , fortes , e muito reforçados , estão capazes de servir para este ministerio em tendo quatro para cinco annos : estes porém acabão , ou cansão mais cedo , porque lhes falta o vigor , e se constituem incapazes de servir neste exercicio com mais brevidade ; e se principiarem a servir de sete annos , e os fortes de seis , elles servirão bem até aos dezefete , ou dezoito annos , principalmente senão adquirirem a molestia chamada *Palmoeira*.

Da idade , em que as Egoas estão capazes de servir para o lançamento.

AS Egoas , em tendo quatro annos , principião a servir bem ; pois ainda que algumas aluão em tendo dous , ou tres annos , se concebem , os Potros nascem fracos , e ellas se debilitão com excessão.

Quaes são as melhores cores dos Cavallos pais.

AS cores mais agradaveis , e vistosas são : Castanho escuro rodado , Castanho dourado rodado , Castanho maduro , Castanho picarfo , Rabicão , Lazão rodado , Lazão tostado , Lazão dourado , Murzello andrino , Murzello rodado , Murzello malhado de castanho , Murzello mosquiado , Russo queimado , Russo rodado de preto : os Cavallos destas cores commummente provão bem ; e posto que tambem sefão muito vistosos os Castanhos malhados de branco , os Murzellos malhados de branco , os Pelle de Tigre , os Salmonetes , os Baios rodados , os Baios dourados , estes ordinariamente são mais vistosos na pelle que no prestimo : advertindo que todas estas cores devem ser vivas , e lustrosas : o pello do Cavallo deve ser fino , e curto de tal forte , que , em trabalhando alguma coufa , deixe bem perceber as ramificações das veias na superficie de toda a cutis.

Das molestias , que se communicão dos pais aos Potros.

AS enfermidades , que se communicão dos pais aos filhos por meio , ou no acto da geração , principalmente são as dos olhos , e a vista fraca , os defluxos habitaveis , e as queixas dos corvillhões , com primazia os espravões , os agriões , as curvas , as sobcurvas , e curvaças , &c. Muitos creadores são da opinião que os Potros , e Poldras herdão dos pais o máo genio , e a insensibilidade do nariz , boca , e ventre. Eu conformo-me com elles neste modo de sentir , porque a experiencia me tem mostrado , que se os Garanhões tem más inclinações , tem ordinariamente os filhos propensões semelhantes. O mesmo succede se os Garanhões tem pouca sensibilidade , quasi todos os filhos sahem com os mesmos defeitos ; e se pelo con-

trario os pais são vivos , e sensíveis , os filhos nascem com as mesmas qualidades. A experiencia a todos os curiosos tem mostrado ser isto certo ; e por esta razão todos os cultores das raças , que melhor sentem sobre esta qualidade de produção , assentão de commum acordo , que devem ser escolhidos os Garanhões , e dotados das melhores qualidades que deixamos referidas , tanto para estabelecer as raças , como para as reformar , purificar , e emendar.

Os Cavallos , que tem máo nariz , e máos assentos na boca , isto he , que são pouco sensíveis destas partes , que tem máos curvillhões , e máo genio , não servem para o manejo , nem tambem para Garanhões. Os Cavallos , que tem bom nariz , bons assentos , boa sensibilidade , e bom genio , servem bem para a escola , para a caça , e para a guerra , por consequencia elles são bons para Garanhões , pois naturalmente se deve esperar que os Potros que produzirem , tenham bom prestimo , e se deixem vencer , e dominar até aonde as suas forças puderem alcançar.

Os Cavallos , que tem bons curvillhões , e por consequencia bons rins , tendo ao mesmo tempo máo nariz , máos assentos na boca , máo genio , e pouca sensibilidade , ainda que tenham boa lição , nunca servirão bem , como os que tem boas qualidades , porque esta casta de Cavallos são propensos a defenderem-se vigorosamente , não se deixando vencer , ou dominar ; e por terem menos prestimo , creio são pouco proprios para Garanhões.

Que cousa he a molestia chamada Pulmoeira.

OS Garanhões estão pelo seu exercicio ordinariamente sujeitos a serem accommettidos de huma molestia , a que chamão *Pulmoeira*. Ella costuma trazer a sua origem de causas antecedentes , e primitivas ; e porque os Cavallos se esquentão muito no tempo do lançamento , os bofes , e orgãos da respiração padecem , pela dissipação da substancia , as ramificações das arterias pulmonares se debilitão , o cansaço altera o movimento das partes minimas , de que se compõem os bofes : e nas suas ramificações se deposita huma linfa , ou humor pezado , que embarça aos brônquios a passagem livre do ar. Disse , que os orgãos da respiração padecem , porque os membros , que trabalham nesta admiravel fábrica , todos sabem são os Bofes , o Diafragma , e os musculos de todo o peito , que alternadamente se enchem de ar , que logo lanção fóra , trabalhando toda a máquina do thorax neste movimento alterno successivamente.

Da boca até ao peito se continúa hum canal , que tem principio na Laringe , a que chamão *Ezofago* , ou *Guéla* , e outro chamado *Trachea* , do qual pendem os bofes. Pelo *Ezofago* entra o alimento para o bucho ; e a *Trachea* he hum canal de cartilagens , as quaes fórmão quantidade grande de circulos , ou roscas , e em cima a sua entrada he defendida por huma membrana chamada *Epiglotes*. Quando o Cavallo come , esta membrana se dobra sobre a *Trachea* , e embarça que o alimento entre por ella , deixando-lhe franca passagem pelo *Ezofago* , ou *Guéla* ; e quando acontece a *Epiglotes* deixar cahir alguma particula na *Trachea* , o Cavallo tosse , e procura lançar fóra tudo o que a *Epiglotes* deixou entrar para a *Trachea*.

Es-

Esta Trachea , quando chega aos bofes , se divide em duas partes : depois se vai dividindo cada huma em muitos raminhos até ás ultimas extremidades dos bofes. A Arteria Pulmonar sahe do ventriculo direito , reparte-se em dous ramos , e hum se divide , e se diffunde pelas duas partes do bofe : de cada huma destas sahem dous ramos , que se unem , e tornão a formar a Veia Pulmonar , que então entra no ventriculo esquerdo.

Os Bofes são compostos de huma innumeravel multidão de miudissimas partes porosas , por entre as quaes se diffundem os muitos raminhos , onde se vai separando , e diffundindo a Trachea , e estes se chamão *Bronquios* : elles são os que dão passagem franca ao ar que entra , e sahe pela boca do Cavallo , e assim se repartem pelas miudissimas partes , de que se compõem os bofes ; e por isso quando o Cavallo respira , visivelmente se conhece a impressão que faz o ar em toda a máquina do peito , de forte que ella agita com força os sovacos , e os ilhaes. He o movimento da respiração necessario para a conservação da vida , como todos sabem , e o seu fim he promover a circulação do sangue , e refrescar o seu activo calor.

Ha , como temos dito , nos bofes tres castas de vasos , que são : os Bronquios , as partes porosas , que recebem o ar , e as veias , ou arterias pulmonares. Os bronquios estão diffundidos , e intertecidos por entre as partes porosas , ramificações , e veias , e tudo isto assim compõe os bofes : logo todas as vezes que as partes porosas se encherem de ar , necessariamente se hão de espremer os vasos do sangue , e se ha de promover a sua circulação.

Se apertarem a Trachea no pescoco ao Cavallo junto á ganiacha , em não podendo respirar , o sangue precisamente se ha de estagnar nos bofes , e ha de diminuir o movimento , ou fluxo da sua circulação ; porque todo o sangue , que ha de fahir pela veia chamada *Aborta* , para se diffundir por todo o corpo , primeiro entra pela veia Pulmonar no ventriculo esquerdo. O sangue quando passa pelos bofes , se estes estão cheios de ar , e fresco , tambem elle se refrigera , e por isso quando faz calma , entrando o ar quente nos bofes , o sangue se agita , e o Cavallo opprimido da sua acceleração se afflige. Quando elle toma a respiração , dilatão-se os bofes ; e pelo contrario se abatem , quando a lança fóra , e desta intumescencia dos bofes procede o movimento alterno nos ilhaes , quando respira.

Quando o Cavallo respira , entra o ar sómente pela Trachea para os bofes ; porém quando estes se dilatão , he necessario tambem se dilate a capacidade do ventre. Esta capacidade dilata-se de dous modos , elevando-se hum pouco as costellas , e atrazando-se o diafragma , fica maior o lugar dos bofes ; porém fica menor a capacidade do ventre , e he força que em se dilatando o diafragma , as entranhas , que são impellidas delle , fação intumescer para fóra o ventre , e os ilhaes.

Por estes effeitos se conhece a pulmoeira. O Cavallo arqueja muito com os ilhaes , abrindo muito as ventas , porque se lhe difficulta a respiração , por se achar a Trachea embaraçada de alguns humores viscosos , que por effeito desta molestia lhe opprimem a Epligotes , cujos humores são viscosos , espumosos , e tem origem nas ramificações dos bofes. Se esta ansia , e falta de respiração for antiga , o Cavallo terá tosse , e lançará pela boca , e ventas algumas fleumas , e muitas vezes

misturadas com fangue. Neste caso o melhor he não canfar com medicamentos, maiormente sendo o Cavallo velho, porque então esta casta de molestia o vai consumindo sem remedio.

A dissipação de substancia assidua feminal, e a aceleração, e cansaço fórmão esta molestia, e padecem os bofes por effeito della huma tão violenta oppressão, como tenho mostrado. Esta aceleração, esta dissipação, a viscosidade de humores, e a espeffura do fangue, fomentão, e avivão este mal, de forte que algumas vezes entre as Pulmonares, e Bronquios se fazem inflammações, que matão o animal; e esta he sem dúvida huma das peiores enfermidades, que podem accommetter os Cavallos.

No tempo do lançamento os Cavallos, que tem pulmoeira, como comem verde ordinariamente, parece que a molestia se alivia em quanto elles o comem; mas depois se requinta, e sobe a maior ponto.

Em se acabando o lançamento, he bom fazellos fangrar, dando-lhes, como diz Ogan no seu Tratado de Alveitaria folh. 159., juncadas, e a ração de cevada passada por agua fervendo, para que o seu fangue se adelgace, e faça melhor movimento; e o depósito, e a alteração do bofe, quando não se diminua, ao menos não se exalte.

Muitos creadores são da opinião, de que a pulmoeira não se communica aos Potros pela geração; mas eu tenho observado que ou porque os pais tenham disposição interna para ella, ou porque de alguma forte se communique aos Potros, por elles sahirem semelhantes aos pais na estrutura interna, em os potros filhos dos que tem pulmoeira, tendo nove, ou dez annos, elles tambem são accommettidos della: o que talvez não succeda com tanta facilidade, se os Garanhões não forem ao lançamento possuidos desta molestia.

Qualidades que devem ter as Egoas destinadas para as raças.

Ainda que as Egoas, destinadas para fazer produzir as raças por meio do ajuntamento de Garanhões, contribuão para o acto da geração menos essencialmente do que elles, com tudo ellas trazem, e nutrem no seu ventre os Potros, e Poldras com aquella abundancia que as suas forças permittem. Por estas razões devem ser as Egoas escolhidas de hum formoso talhe, e boa côr: devem ter a testa larga: as orelhas juntas, e bem direitas para cima, alguma coufa inclinadas para diante: os olhos grandes, claros, e bem cheios de fogo, ou de côr por toda a alva: as queixadas largas huma da outra no lugar do Ezofago, ou ganacha: as espinhas do nariz escarnadas: a pelle delgada: o queixo inferior escarnado, e delgado com proporção: a boca rasgada sem excessão: o pescoço com boa volta, e antes comprido do que curto: as espaldas redondas, e bem formadas: as mãos direitas com as boas proporções nos braços, quartelas, e calcos, que já diffemos devem ter os Cavallos: os peitos largos: a cernelha na cruz grossa, alta, e larga: as costelas largas, e bem formadas, e antes redondas que chatas: de idade de quatro, ou cinco annos até dezefcis, ou dezoito pouco mais, ou menos, sendo juntamente vigorosas, e boas createiras.

Os Potros communmente fahem mais femelhantes ao pai que á mãe , ainda que ha tambem Egoas , que pintão os seus Potros muito femelhantes a ellas pela maior parte da sua dianteira : pelo que eu recommendo busquem para as raças Egoas de hum bom talhe de espadas, pescoco, cabeça, e corpo, sendo estas partes bem proporcionadas, e bem cheias de nobreza, e graça.

Não devem os creadores esperar possa produzir huma Egoa avulsa, como aquellas, que são de huma raça purificada, e distincta, que isso raras vezes acontece. As mais estimadas, e mais proprias para as raças, segundo a opinião dos melhores creadores, são as Persas, as Portuguezas, as Hespanholas, as Napolitanas, as Polacas ligeiras, e as da baixa Normandia.

As Egoas Portuguezas são estimadas em Hespanha para as raças, e todos os annos os Hespanhoes fazem transportar para as suas terras grande quantidade dellas, por serem bem formadas, terem as costelas largas, e grossas, e por consequencia boa caixa de ventre.

Eu creio que se em Portugal houver o preciso cuidado na boa administração das raças, o Reino facilmente abundará de bons Cavallos, assim como succedeo no tempo do Senhor Rei D. José o I., quando elle as fez cultivar, como já disse. Recommendo que as Egoas tenham boa caixa de ventre para as suas crias se nutrirem bem, e á sua vontade; porque a experiencia tem mostrado que neste clima as Egoas estreitas, e que tem pouco ventre, parem os seus Potros delgados, e faltos de nutrição.

Não devem as Egoas ter o rabo cortado, para se defenderem das moscas no verão: devem tambem conservar-lhes todas as suas crinas; porque Salver, e outros creadores de Cavallos affirmão, que não se lhes cortando as crinas, terão mais profusão de leite; e ainda que eu não tenho isto por certo, com tudo aconselho se observe.

Devem as Egoas parideiras não trabalhar, não ser doentes, nem ser velhas, para serem boas creadeiras, e para que os seus Potros cresçam bem, e sejam robustos, e fortes, pois se lhes communição estas qualidades pela abundancia de leite, e pelas mais disposições que dizemos devem ter.

As Egoas não trazem mais que hum só Potro no ventre por cada vez; e sendo elles mal nutridos dentro nelle, ou sendo as Egoas apertadas, nascem fracos; e em nascendo, muitas vezes morrem.

Alguns creadores dizem, que tendo a Egoa, que está prenhe, a teta direita mais avultada, e dura que a esquerda, ella tem concebido Potro, porque elle occupa mais o lado direito do ventre; e succedendo ao contrario, será femea; e posto que Aristoteles, Plinio, Salver, e outros sejam desta opinião, com tudo, ella nem sempre se verifica, e acho mais razão áquelles, que dizem que a materia dominante influe mais: quero dizer, se a materia generante do pai tem mais consistencia que a da Egoa, concebe Potro; e sendo a da Egoa mais forte, e a do Garanhão mais debil, seja por elle ser velho, por ser falto de potencia, ou por estar cansado deste exercicio, será femea. Alguns affirmão que ha nestes animaes tambem hermafroditas com sexo de macho, e femea: eu porém nunca achei quem os visse.

Não querem tambem alguns , que no acto do lançamento se confintão outros animaes , porque as Egoas não ponhão nelles o fentido , e nascão os Potros com algumas partes do corpo desfiguradas , e semelhantes áquelles , que virão as Egoas ao tempo de conceber. Eu não seguro ser isto certo; mas em lugar de outros animaes , podem ellas então ver bons Cavallos.

Da razão , por que as Egoas devem ser cubertas por Garanhões de diferentes Paizes.

Devem os creadores das raças para a boa , e fecunda producção dellas fazer que as Egoas sejam sempre cubertas por Cavallos de Paizes diferentes daquelles , em que ellas nascêrão , e habitão. A experiencia tem mostrado , que se se ajunta hum Garanhão com huma Egoa oriundos da mesma raça , e de hum mesmo Paiz , as crias , que vão produzindo , sempre vão cada vez degenerando mais.

Para que as raças vão requintando , e produzindo bons Potros , devem dar ás Egoas Portuguezas Garanhões Napolitanos , Polacos ligeiros , de Arangués , Obeda , Baeça , Inglezes , Andaluzes , e da Mancha.

Para as Egoas Hespanholas são igualmente bons os Garanhões Polacos , Napolitanos , e Inglezes , e com as Poldras desta producção fazem os Garanhões de Arangués , Obeda , Baeça , Andaluzia , e da Mancha huma excellente producção.

Para as Egoas Inglezas são bons os Garanhões Portuguezes , Hespanhoes , e Napolitanos , &c. Da mesma forte devem praticar com todas as mais raças , porque as bem mescladas vem a produzir melhor , porque participão de diferentes Paizes , e formarão huma raça de bons Cavallos.

Devem os creadores fazer desemparelhar os Garanhões com as Egoas na figura , e signaes , para reparar em huns as faltas dos outros , e não ser a producção desproporcionada; se bem que eu não pertendo dizer nisto , que a desproporção seja tão dissimelhante entre o macho , e a femea , que mutuamente não se possam communicar , porque isso viria a fazer huma desigualdade defeituosa na formosura , e bondade dos Potros; por exemplo : se emparelharem hum pequeno Cavallo com huma grande Egoa , o Potro que produzirem , raras vezes será bem proporcionado , cheio de nobreza , e agradavel na sua figura , e bellezas naturaes , antes pelo contrario elle será pela maior parte desproporcionado em muitas partes do seu corpo.

Devem pois desemparelhar os Garanhões com as Egoas , de forte que reparem as imperfeições de hum com as perfeições do outro. Com semelhantes diligencias fizeram os Persas , os Gregos , e os Romanos produzir bem as suas caudelarias : elles fazião conduzir de climas muito distantes por copiosas sommas os Garanhões , com quem renovavão amiudadas vezes as suas raças.

D. Fernando III. , o Santo , Rei de Hespanha , fez grandes esforços para conquistar Cordova aos Mouros inimigos da nossa Santa Fé , e se senhoreou da excellente raça de Cavallos , que Ismar Abenserraje conservava naquella cidade , de quem procedem ainda hoje os Cavallos Cordovezes.

Como se devem emparelhar os Garanhões com as Egoas para fazerem produzir bem as raças.

O Estabelecimento das raças se vence, como já dissemos, fazendo-se diligencia por ter bons Garanhões de diferentes Paizes, dando a huma Egoa espessa, e grossa hum Garanhão de huma figura mais fina, e delicada, para que possa produzir hum Potro de huma figura tambem mais fina, do que, segundo a construcção della, se podia esperar, diminuindo assim com esta diligencia no Potro; ou Poldra a demaziada espessura, e grossura da mãe.

Se a Egoa for delicada, e alguma cousa viva, e sensível, podem dar-lhe hum Garanhão mais estofado, e grosso, ainda que seja mais froxo, porque póde ser se remedee com a viveza da mãe a froxidão do pai.

Se a Egoa for baixa da agulha, e alguma cousa defengraçada da sua dianteira, devem dar-lhe hum Garanhão, que seja bem formado, isto he, que tenha muita nobreza nos movimentos das suas espadas, braços, peçoço, e cabeça, sendo bem desembaraçado de todas as articulações destas partes do seu corpo, a fim de se emendar a falta que tem a mãe, por meio das boas partes, e nobreza do pai.

A'quellas Egoas, que são pequenas, se deve dar hum Garanhão mais avultado; mas de forte que não lhe fique por extremo desigual. O mesmo se deve praticar com os Garanhões, dando-lhes Egoas, que os possam ajudar a supprir os seus defeitos: isto se deve entender não só pelas partes, e feições naturaes, que fazem os Garanhões na sua figura perfeitos, e finos, mas tambem pelo que respeita ao seu genio, á sua sensibilidade do nariz, boca, e ventre; e ainda que as Egoas feris não podem mostrar tanto como os Garanhões, se ellas são, ou não sensiveis: com tudo, da sua natural viveza, disposição, modo de se mover, e construcção se vê pouco mais, ou menos se ella he, ou não sensível.

Da mesma forte os devem emparelhar na boa formosura, e feitio dos seus rins, garupa, e curvilhões; e póde ser que a pezar de todas estas diligencias, e prevenções não se possam vencer todas as difficuldades, que temos notado, como eu por meio de tantas diligencias premedito.

Muitas vezes se tem visto de huma boa mãe, e de hum bom pai nascêr hum muito inferior rocim; porém se os Garanhões, e Egoas forem de huma raça requintada, e fina; se tirarem raça daquelle máo rocim, que elles produzirão em diferente Paiz, a maior parte dos Potros, e Poldras, que elle produzir, representaráo as boas qualidades dos avós, e da boa raça donde procede. Isto não he huma idéa vaga, he sim huma experiencia veridica, e por muitos averiguada. He bem verdade que a natureza algumas vezes falta ao seu dever; mas não absorve porém absolutamente as causas originaes: ella de ordinario restitue á segunda producção o que usurpou á primeira; mas isto se deve sómente entender daquelles Cavallos, que vem de huma raça purificada, e distincta.

O Senhor Rei D. José o I., mandando conduzir Cavallos de varios climas

para ter boas raças, entre elles veio hum Cavallo formosíssimo, foi ao lançamento; porém todos os filhos, e filhas, que produzio, fahirão máos, e os netos peiores: ao mesmo tempo vierão com elle outros Cavallos para o mesmo fim; e ainda que menos formosos, os seus filhos, e filhas fahirão bons. Ora indagando eu a causa disto achei, que o tal Cavallo era de huma má raça de Italia, que por acaso o havião para alli transportado; e como não se lhe conhecia bem a marca, e era tão formoso, veio entre os outros, que erão de boa raça, que não obstante não serem tão formosos, produzirão Potros, e Poldras muito melhores.

Já disse, que os Garanhões vão degenerando; mas as Egoas, ou Poldras não precisão ser reformadas de Paizes diferentes, porque ellas não influem para a degeneração, como os Garanhões. Esta opinião he seguida pelos melhores creadores, e cultores de Cavallos nas mais distintas raças que tem havido. O mais a que alguns se alargão, por fugirem á maior despeza, he dizerem, que destinando-se para a boa producção de huma raça tres, ou mais Cavallos, cada hum do seu Paiz, por exemplo, hum Hespanhol, outro Inglez, e outro Napolitano, os filhos do Garanhão Hespanhol podem cubrir as filhas do Garanhão Inglez; e da mesma forte os filhos do Garanhão Napolitano podem cubrir as filhas dos outros Garanhões, e assim os mais; porque desta forte, posto que sejão nascidos de hum mesmo clima, elles são produzidos de diferentes raças.

Se quizerem servir-se dos netos, e bisnetos daquelles Garanhões para cubrirem as mãis, filhas, netas, e bisnetas da sua propria raça, os creadores verão os Potros ir degenerando cada vez mais, principalmente senão foubarem administrar bem os parques.

Desta opinião he Salver, e João de Sobseidi, Duque de Normandia, as quaes Luiz XIV. encarregou do cuidado de fazer estabelecer a producção das raças: a hum no Delfinado, e a outro na baixa Normandia, que elles purificarão, e chegarão ao ponto da sua maior perfeição, tanto em qualidade, como em numero.

Do mesmo sentir são tambem a maior parte dos creadores das melhores raças, em que tem havido infinitos Cavallos bons; e não obstante haver sujeitos de bom juizo que dizem, que a falta de haver bons Cavallos he procedida da influencia do seculo, eu sempre me persuado ser origem desta influencia o pouco cuidado com que se fazem estabelecer, e produzir as raças; ou talvez haja outros motivos, de que eu não pertendo tratar. Antigamente os maiores Principes, e Cavalleiros fazião a cavallo as suas funções mais solemnes: e he por esta causa que as raças se tratárão sempre com todo o cuidado; hoje porém querem que as raças faltas de boa administração, e cultura, fação as mesmas producções que fazião, quando erão bem administradas, estando as Pessoas da maior grandeza entregues á poltroneria dos coches, e carruagens, deixando reduzir as raças ao deploravel estado de se não ver hum Cavallo bom, ainda nos mesmos Paizes, que os produzirão excellentes.

A muita vivacidade, e abundancia de calor do Garanhão, e da Egoa tornão muitas vezes inutil o acto da geração; da mesma forte a falta de vivacidade, ou de calor faz em hum, e outro o mesmo effeito: pelo que me parece que a huma Egoa

Egoa nova, e muito viva se deve dar hum Garanhão de mais idade; e a hum Garanhão novo, huma Egoa tambem mais velha.

O primeiro Potro que a Egoa pare, he sempre o mais delgado, porque elle he quem principia no ventre da mãi a preparar o lugar, onde se fórmao, e crião os que vem depois. O segundo com os mais, que se lhe seguem, vão sahindo mais fortes, porque achão o habitaculo mais largo, e mais disposto, e por esta causa he que devem dar a primeira vez ás Poldras hum Garanhão mais forte, e mais estofado do que ellas, para que os Potros, que conceberem, tenham mais consistencia, e sejam mais membrudos, e fortes, e assim elle faça o cofre mais laxo.

Da razão, por que não devem trabalhar as Egoas destinadas para as raças.

AS Egoas, que estão recolhidas na cavalhariça, não servem bem para o lançamento, porque os seus Potros nascem fracos, e ellas ordinariamente não tem bastante leite para os crear: se as deitarem no campo, hão de estranhar muito o sustento; e por não estarem costumadas á irregularidade do ar, soffrerão pouco a violenta actividade dos tempos.

As Egoas que tem servido para carregar, seja andando a cavallo nellas, seja dando-lhes outro exercicio, com que as apertem, e lhes ponhão pezos, a primeira vez que parem as suas crias, são consideravelmente debeis, e crescem pouco. Isto se deixa ver na differença que fazem os Potros de Alter na sua grandeza a respeito de todos os outros.

Se as Egoas tiverem sido creadas com sustentos seccos, e as deitarem ao campo, fer-lhes-ha preciso muito tempo para se costumarem ao novo modo de vida. Por tanto as Egoas destinadas para as raças, devem ser creadas, e conservadas no campo, e não devem ser trabalhadas, nem recolhidas nas cavalhariças, senão quando for o Inverno demaziadamente rigoroso; e ainda neste caso as devem deitar para o parque em estando melhor tempo.

Do modo de fazer as listas das raças.

OS Garanhões precisam ter nomes, pelos quaes sejam conhecidos. Para este fim haverá huma lista com quatro columnas: na primeira se lançaráo os Potros, ou Poldras: na segunda o nome da mãi: na terceira o nome do pai: e na quarta o nome do avô do Potro, ou Poldra; porque sendo certo que as raças, sendo finas, e bem administradas, requintão (como deixamos dito): he bom fazer lembrança na lista do nome do avô, porque só desta fórma se póde julgar qual he a qualidade de producção que a raça vai fazendo.

As Egoas entrão em calor do Equinoccio da Primavera até ao Solticio do Estio, isto he, de Março até Junho, tempo commummente chamado do lançamento. As que vem mais cedo, ou se dispõem mais tarde, não he conveniente o fazellas cubrir; porque se ellas parem no inverno, antes do campo estar cheio de boas pas-

tagens, ellas não podem sustentar bem as suas crias ; e se parem mais tarde , durante os grandes calores do verão , as crias são fortemente atormentadas da rigorosa estação , é da praga das moscas , que as perseguem por tal maneira , que facilmente morrem, ou tem muito má criação.

Dos signaes , por que se conhece estar a Egoa disposta para o lançamento.

Quando as Egoas estão dispostas para a geração , mostram signaes de calor. Estes consistem em lhes inchar a vagina pela parte debaixo : em o Garanhão a perseguir com excesso : em ella mostrar na mesma vagina , ou uretra algum humor viscoso , e esbranquiçado , ao qual os Historiadores antigos chamavão *Hippomanes* , que he huma palavra Grega , que significa potencia , e furor dos Cavallos. Aristoteles , os Platonicos , e outros fizeram menção deste Hippomanes : eu não fallarei do seu modo de sentir sobre elle , porque no systema que vou seguindo , o meu fim , e principal objecto he mostrar unicamente o como se devem cultivar as raças , e a razão , por que as melhores , e mais distinctas caudelarias da Europa se achão presentemente atenuadas , degeneradas , e destruidas ; e sendo boas , e finas , unicamente estão produzindo huns máos rocins.

Já deixo notado , que o Senhor Rei D. José o I. protegeo tódas as coufas interessantes ao bem commum dos seus vassallos : elle fez estabelecer huma raça , que produziu muito bons Cavallos ; mas para vencer esta difficuldade , mandou conduzir Garanhões de diferentes Paizes , e elles produzirão os excellentes Cavallos , que todos sabem , e ha pouco tempo se virão. Mandou-lhes Sua Magestade proporcionar as pastagens á quantidade de Egoas que havia na raça , e da mesma forte á proporção da quantidade de Potros , que fazia crear ; mas não obstante isto , os Garanhões degenerarão , de forte que os Potros , e Poldras sahirão defragradaveis por irem pintando mal as Egoas no seu vulto , e formosura , de que são naturalmente dotadas as Portuguezas.

Tornando á continuação do nosso intento , para se ver se as Egoas estão em calor , além dos signaes de que temos tratado , devem ter hum Cavallo alguma coufa ciofo , prezo , e bem seguro para fazer passar revista , conduzindo as Egoas por diante delle ; porque aquellas , que não estão ainda dispostas , retirarão-se delle ; e pelo contrario as que estão já dispostas , o deixão chegar a si , e mostram signaes de calor , que os guardadores conhecem bem : estas devem ser conduzidas ao lugar destinado , aonde estão os Garanhões para o lançamento.

As Egoas parideiras , a quem , parindo com felicidade , por algum incidente morreo a cria , ao seccar do leite aluão , e podem fazellas cubrir , se ellas se dispõem no tempo do lançamento ; e dahi a nove dias se ainda se acharem em calor , devem outra vez fazellas conduzir ao Garanhão : advertindo porém que todas as vezes que as Egoas forem a cubrir , devem ser lançadas ao mesmo Garanhão ; que lhe derão a primeira vez no lançamento de cada hum anno , e o mesmo devem praticar até ao fim do tempo do lançamento , se ella o consentir ; porque

logo que a Egoa está cheia , ou o seu calor se acaba , ella se retira muito do Garanhão.

Algumas Egoas ha , que passando por todos estes lances , não chegam a pegar ; e outras , que estando cheias , se deixão cubrir todas as vezes que lhes deitão o Garanhão. Tambem outras mostrão falsos calores sem o quererem consentir : por isso recommendo não deixem andar em companhia das Egoas Cavallo algum , nem ainda sendo castrado , porque ellas não se agitem com excessõ em todas as Luas , nem se conservem em calor por muito tempo depois de cheias. Sobre este caso ha muitos abusos , de que eu não trato , persuadido de que elles sómente devem ser praticados por aquelles homens , que ignorão a independencia da natureza. As Egoas , que não concebem por terem demaziado calor , com as sangrias , e alguns refrigerantes , podem temperar-se de modo que venhão a conceber.

Do modo , por que se põe em prática o lançamento.

DE dous modos se põe em prática o lançamento : hum se executa com os soccorros dos homens , e o outro se faz em liberdade. O primeiro he menos sujeito a inconvenientes , e por esta razão tem melhor sequito. O segundo se faz lançando o Garanhão no parque com aquellas Egoas , que quizerem elle cubra.

Devem ter cuidado em que as Egoas na occasião do lançamento não estejam ferradas , principalmente dos pés , porque estes animaes costumão satisfazer as recompensas do seu affecto á força de couces , e patadas , ainda estando em bastante calor : ellas ordinariamente são tão coceguas , que sempre dão couces no Garanhão. Para obviar este inconveniente , he bom travallas , para que não possam estender tanto os pés , e alcançar com toda a violencia ao Garanhão.

Se as Egoas ficão de voluto de hum para outro anno , seja por estarem creando , seja por não haverem pegado , devem ser lançadas em mostrando calor no referido tempo do lançamento.

Como se devem travar as Egoas para o lançamento ; e a forma da travadoura.

A Travadoura para travar as Egoas na acção do lançamento se compõe de duas betas de canhamo unidas : em huma das pontas haverá hum anel , ou prezilha , que se possa metter no pé á Egoa ; e na outra huma prezilha , e botão , como as maniotas , para metter , e apertar no travadouro da mão.

Tambem ha outro modo de travar as Egoas , que são mais desconcertadas , e inquietas. Compõe-se a travadoura de duas betas de canhamo bem torcidas : devem ellas ter no meio hum anel , e botão para apertar no travadouro do pé : as duas pontas da travadoura então passadas , ou cruzadas por baixo da barriga , irão dar huma volta a cada braço , e dahi atar sobre o pescoço em duas argolas , que deve ter a coleira , á qual chamão peitoral do lançamento.

Deve o referido peitoral ser de dous couros fortes , e bem cozidos pelas ex-

tremidades, com sua fivella, e passador, em que possa segurar-se a ponta do peitoral, que terá alguns furos para o apertar á proporção do que a Egoa precisar. Deve tambem ter duas argolas de ferro, huma de cada parte, para atar as pontas da travadoura com laçadas, que se possam facilmente desfatar, para no caso que aconteça algum incidente, que obrigue a ser preciso destravar a Egoa, se possam facilmente desfatar as pontas da travadoura.

Modo, com que devem ser tratados os Garanhões, e conduzidos para o acto do lançamento.

AS cautelas, que se devem ter com os Garanhões, são: em quanto não to-mão verde, fazer-lhes dar a ração de manhã bem fedo: depois dar-lhes agua, e deixallos descansar algum espaço, conduzindo-lhes pela manhã com a fresca as Egoas para perto da cavalhariça.

O terreno destinado para este acto deve ser desigual, e não plano, a fim de ajudar o Garanhão, quando cobre; e se a Egoa for mais alta do que elle, devem conduzilla a huma parte mais baixa, e o Garanhão á mais alta, para que por meio desta vantagem possa alcançar melhor a Egoa; e ao contrario se ella for mais baixa.

Quando o Garanhão sair da cavalhariça, e o conduzirem para o lugar, em que se ha de fazer o lançamento, deve levar hum cabeção com duas cordas, ou guias, nas quaes devem pegar dous moços da cavalhariça, e conduzir o Garanhão para o lugar, em que estiver a Egoa, que tambem deve estar pela mão de hum, ou dous moços, e não preza, porém travada, como já diffemos: então deixarão chegar a ella o Garanhão em liberdade; e logo que elle se lançar, o devem ajudar com as guias, tanto pelo que toca a levantar-se o Garanhão, como tambem pelo cabo da Egoa, se for preciso.

Quando o Garanhão tem satisfeito ao seu dever, percebe-se por hum certo movimento que faz com o sabugo do cabo junto ás ancas; e se este signal se não conhecer, então o devem deixar descansar hum pequeno espaço distante da Egoa, mas em parte que elle a veja; e pelo mesmo cabeção deitallo poucas voltas á guia, e tornallo a chegar á Egoa para vencer da segunda o effeito que se não logrou da primeira; mas se o Garanhão he facil, e a Egoa está quieta, custa pouco a cubrir.

Ha Garanhões, que se lanção muitas vezes á Egoa inutilmente, por serem inquietos com excessão, e neste caso lhes devem pôr antolhos, para serem mais focgados, e não fatigarem tanto a Egoa. Outros tanto se levantão que chegão a cahir para trás: isto se acauteia, abaixando os moços (sendo preciso) até ao chão as cordas, ou guias do cabeção, as quaes servem tanto para este, como para outros incidentes se evitarem.

Outros Garanhões porém são tão froxos, que por tempo dilatado ficão immóveis junto das Egoas, sem que se movão a fazer caso dellas: a estes raes he preciso passallos á mão, e não muito distantes das Egoas, chegando-os depois a ellas com

as prevenções que havemos ponderado: pelo contrario outros são tão cheios de demaziada vivacidade, que pela furia, e precipitação, com que se lanção á Egoa, se cobrem de fuor repentinamente, sem que cheguem a pôr em execução o pretendido effeito, e estes não fervem para o lançamento. Os novos são mais sujeitos a estes defeitos, ou acontecimentos, em cujos casos os devem cubrir com huma manta, recolhellos á cavalhariça, e deixallos descansar em sitio abrigado.

Tambem não he fóra de propósito nos dias, em que descansar dar-lhes banhos de vinho das coxas, e espaduas para baixo, a fim de que se fortaleção os póros da rede cutanea, e não padeção tanta dissipação os musculos, e tendões das espaduas, e curvilhões.

Se a Egoa não está quieta, e incommóda ao Garanhão, he preciso que o homem, que a segura pela redea, lhe falle, e toque alguma coufa o cabeção, tendo-lhe as redeas mais curtas; e se isto não bastar, estando ella bem travada, podem pôr-lhe o aziar, o qual se lhe tirará promptamente em ella consentindo o Garanhão. Se este em fazendo o seu dever, pelo excessão fuar muito, devem tambem limpar-lhe o fuor com huma faca de páo propria para isto, e depois cubrillo com huma manta, conduzindo-o a descansar na cavalhariça em sitio abrigado do vento.

Devem tambem as Egoas ser conduzidas ao parque, sem que os creadores se firvão daquelles segredos, ou abusos de que não tratamos, certos de que elles só podem ser praticados pelos sujeitos que ignorão, como já dissemos, a valentia, e a independencia da natureza; pois certamente se tem enganado, nem aquellas ficções são proprias para fazer reter, como erradamente cuidarão, e elles sem dúvida não farião taes projectos, se examinassem bem a Natureza.

Ainda que no regimento das caudelarias está estabelecido o numero de Egoas, que se podem dar a cada Garanhão, com tudo devo advertir que huns são mais robustos, e outros mais fracos: por cujos motivos o administrador das raças deve regular a quantidade de Egoas aos Garanhões pela sua possibilidade, de modo que elles se irriteem menos, para não fazer alguns ajuntamentos pouco fecundos.

Já deixamos notado que o lançamento se póde tambem fazer em liberdade, e para isto se não precisa mais do que lançarem folto em hum parque o Garanhão com aquellas Egoas, que pertenderem que elle cubra. He certo que as Egoas retem assim melhor; mas o Garanhão se damnifica muito pela grande quantidade de couces, que dellas recebe; e em hum lançamento desta qualidade, elle se arruinaria mais em huma só vez, do que em seis, ou sete annos que servisse neste exercicio, sendo conduzido á mão da cavalhariça para o lançamento.

Os bons creadores não costumão servir-se do methodo de lançar no parque os Garanhões em liberdade, excepto quando pertendem haver delles algumas cuberturas antes de os reformarem: em tal caso as Poldras novas, que tem parido huma, ou duas vezes, retem melhor, e com mais facilidade.

Os Garanhões, durante o tempo do lançamento, não devem trabalhar para não se exaltarem, e atenuarem no exercicio em que estão: basta para os alegrar que no dia, em que não forem ao lançamento, os deitem alguma coufa á guia. E ainda que elles sejam vivos, em boa idade, e fortes, que pareça podem cubrir todos

os dias, com tudo se quizerem que elles durem, não os devem levar a cubrir, senão havendo huma alternativa de hum dia fim, e outro não, ou de dous em dous dias mais pelo seguro.

He evidentissimo o dissiparem-se muito de forças, e potencia os Garanhões occupados neste exercicio: e esta he a causa, pela qual alguns creadores se capacitão fer bom dar-lhes no tempo do lançamento mantimentos quentes, para que por meio delles se excite mais a potencia; porém como com isto se esforça, e obriga a natureza a exceder as suas operações naturaes por falta de tempo que a fazone, deve-se escusar esta agitação.

Estes recursos quanto a mim são máos, e improprios, porque elles alterão no Garanhão o costume, e humores: e he sem dúvida mais natural, tanto para o exercicio, em que estão, como para a sua faude tratallas no tempo do lançamento da mesma fórma que os tratão em todas as mais estações do anno: e fou de parecer, que se o Garanhão pela actividade da estação, e do exercicio se esquentar, se lhe faça passar a cevada por agua fervendo, para que se refrigere mais. Este mantimento, como tambem o verde, he mais proprio aos Cavallos que são novos: advertindo porém, que se lhe derem verde, e o Cavallo purgar muito com elle, devem tambem dar-lhe a ração da cevada para o temperar mais, pois em quanto purga com excessão, não está em bom estado de faude, e por consequencia bem disposto para servir neste exercicio.

Salvar he da opinião, de que acabado o tempo do lançamento, lhe dem a cevada como temos dito, e pelo decurso de oito, ou nove dias alguma juncada para o refrigerar, e lhe adoçar a agitação do sangue, e humores viscosos, que com este exercicio muitas vezes se depositão nos Bronchios, e mais partes dos bofes, como deixamos notado.

Modo de marcar os Potros: e fórma que devem ter os ferros de marcar.

TEndo os Potros a idade de hum anno, quando os apartão da mãe, commumente os costumão marcar: então se apanhão; e estando o ferro com que os hão de marcar em braza, assim o porão na polpa da perna do Potro; e para que fique bem impressa a marca, devem carregar com força o ferro, quando o applicão, para ficar a marca bem estampada no lugar em que a puzerão.

Não se deve retocar a marca, porque então ordinariamente fica mal gravada, tanto porque custa muito applicar o ferro bem sobre a marca já impressa, como porque o Potro agitado da dor não está quieto. Tambem se marcão na frente do beijo superior, e nas faces; mas nas polpas das pernas fica a marca mais perceptivel. A marca deve ser posta bem no meio da polpa da perna na linha horizontal da verilha para não fazer a perna desagradavel.

A superficie dos ferros, em que está gravada a marca para imprimir bem, deve ser liza nos planos das partes que hão de gravar: o espição em que se ha de introduzir o cabo de madeira, em que se péga, deve ser do comprimento de dous, ou

ou tres palmos , para o calor do ferro não queimar o cabo de madeira , tendo este outros tantos palmos para não escalear as mãos a quem o applicar.

Depois de impresso o ferro , seja na perna , beijo , ou face , devem esfregar com cebo o lugar marcado , não só para modificar a dor ao Potro , mas para o ajudar a curar mais depressa.

Não he máo cortar as crinas aos Potros para se poder ver melhor o seu fei- tio , pois estes sendo com excessõ mal formados , não devem ser marcados , antes fim devem ser excluidos por defeituosos , e degenerados , para não os buscarem pelas marcas para o lançamento. Tambem será bom cortar-lhes as sedas da cauda rente ao sabugo para esta nascer melhor , isto he , maior porção de sedas , sendo que em quanto lhe não crecem , não se podem defender da grande perseguição das moscas.

Mostra-se o melhor modo , com que se devem desmamar os Potros.

Seguem os Potros as mãis depois de nascidos até se desmammarem , que he com- mummente depois de haverem já mammado doze mezes. Então os devem separar da mãi para huma arribana , ou cavalhariça , que não seja extraordinariamente quente , ou escura , porque o muito calor os torna brandos , e delgados ; e a muita escuridade os entristece. Devem deixallos ir ao parque todas as vezes que elles quizerem , para que lhes dê o ar , e se alegrem , continuando-se isto pelo espaço de doze , ou quinze dias , pouco mais , ou menos , até que totalmente percão a lem- brança , ou saudades da mãi , e da mamma.

Na mesma arribana devem passar o tempo invernoço , sendo alli bem trata- dos , deitando-os ao parque todas as vezes que não chover , ou nevar muito , sus- tentando-os com bom feno , e boa palha , dando-lhes , quando não sahirem fóra , duas vezes ao dia alguma palha , e fêmeas , e não cevada , e avêa , que os esquentam muito neste primeiro anno.

Logo que virem os Potros esquecidos da mãi , e da mamma , em o tempo es- tando bom , os lançarão para o parque , dando-lhes agua huma hora antes de fahir- rem ; advertindo que não os deixem fahir muito cedo , nem tão pouco recolher muito tarde , principalmente sendo a estação muito defabrida , porque as grandes chuvas , e frios tambem lhes são gravemente damnosos.

No dia , em que deitarem a pastar os Potros , e Poldras no parque , não he bom dar-lhes ração de cevada , nem fêmeas , porque a herva que elles comem lhes arruina , e vicia aquelle sustento dentro do bucho , pelo que he melhor dar-lhes bom feno , ou palha.

Alguns agricultores das raças querem que os Potros se recolhão de tres an- nos , outros de quatro : a mim me parece que isto se deve entender em particular , e não em geral ; porque assim como são distinctos os climas , tambem são distinctas as compleições , como se vê cada dia por experiencia , pois os Potros de algumas regiões em chegando a tres annos , já principião a ter cio , e neste caso o adminis-

trador das raças os deve fazer recolher. Da mesma forte os Potros de outros sítios ainda aos quatro annos estão livres delle, como se vê nos de Alter: razão, por que eu recommendo os recolhão de quatro annos.

He certo que em quanto os Potros não tem as sufficientes forças para soffrer o aperto das cilhas, elles tem os seus ligamentos, e musculos das espaldas, e espinhaço debeis, e não podem resistir á impressão que faz o pezo, e o trabalho sobre as máquinas dos seus corpos: elles perdem a actividade nas suas articulações, emmorecem, e muitas vezes se arruinão para sempre das espaldas, das canas dos braços, e dos curvilhões travadouros.

Que cousa he a molestia chamada Congocha.

Alguns Potros se affigem tanto com o demaziado aperto das cilhas, em quanto os seus ligamentos estão pouco vigorosos, que se dobrão sobre o ventre, mancão das espaldas, ou tomão nellas máo movimento; e se continuão a apertallos muito, não tendo ainda trabalhado, elles vem a padecer huma molestia chamada *Congocha*: de forte que por effeito della se lanção ás paredes, e ao chão obrigados da desesperação, ou oppressão que lhes causa o aperto violento das cilhas.

Todos sabem que a figura do coração he conica, e pyramidal, e o seu lugar he no meio do peito entre os bofes, que de huma, e de outra parte o acompanhão, e que o mediaestino que reparte o peito, fica pela parte direita mais proximo ao coração, este inclina o cuspide para a parte esquerda, obrigado da proximidade do medeaestino, e por esta disposição he que se sente palpitar o coração do Cavallo junto ao fovaco esquerdo.

O Pericardio, que cêrca o coração, e a Veia cava, que attrahe o fangue de todo o corpo: a arteria Pulmonar, que deixa communicar o fangue aos bofes: a Aorta, que reparte o fangue por todo o corpo, forçosamente hão de padecer detrimento com o demaziado aperto das cilhas, em quanto a robustez do animal não tiver chegado ainda ao ponto de lhe poder resistir. Tambem pôde o movimento do coração padecer no tempo da systole, ou diastole, em que talvez que as valvulas, que dão ingresso ao fangue das veias para o coração, fiquem pelo aperto mais opprimidas para o seu movimento.

He certo que o fangue se conduz pelas arterias com huma força incrível ás ultimas extremidades do corpo, e de lá vai impellindo todo o que acha até pelo seu gyro o fazer subir outra vez ás duas auriculas do coração, em que a veia cava, e a pulmonar se unem para entrar por meio da systole no coração. Tambem he verdade que posto que apertem muito os Potros, o seu fangue sempre sahe do coração, sempre corre pelas veias, e não pára, e que elle no tempo da systole se conserva nas auriculas, que então se enchem com mais pausa; e no tempo da diastole o fangue entra nos ventriculos com mais pressa: o que succede continuamente para não fazer retroceder o fangue das veias, que sobe mais froxo; mas pôde tambem fazer alguma opposição a isto o demaziado aperto das cilhas pela muita proximidade em que fica desta máquina toda composta de delicadissimas fibras. Não obstante

estas causas , he preciso apertar as cilhas aos Potros ; mas deve quem os manda apertar observar attentamente se elles são em capacidade de ser , ou não muito apertados , attendendo assim á sua idade , como á sua construcção , e possibilidade.

Do modo , com que se nutrem as partes do corpo do Cavallo.

OS membros , e membranas de toda a máquina do corpo do Cavallo tem á proporção da sua estrutura quatro faculdades principaes , e quatro virtudes , que se derivão dellas. A primeira faculdade natural he a alma vegetativa , a quem animão os espiritos vegetativos , cujas acções pertencem á conservação do Cavallo , e em particular á nutrição , e augmentação da substancia , que se extrahe do alimento para a sua conservação , e da especie da geração. A segunda he a faculdade attractiva , que converte o alimento em substancia do corpo , e suppre a falta de substancia , que se está continuamente consumindo. A terceira he a faculdade nutritiva , e augmentadora , que faz crescer o corpo em todas as suas partes , assim internas , como externas , até elle chegar á sua total perfeição , em que resplandece a agilidade , e a graça da primeira idade. A quarta he a faculdade generante , por cujo beneficio se consegue a propagação da sua especie.

A estas faculdades principaes se seguem quatro virtudes , ainda que menos essenciaes muito necessarias. A primeira he a virtude attractiva , que attrahe a substancia precisa para o nutrimento de todos os membros , e membranas. A segunda he a retentiva , que faz demorar a substancia para o fortalecimento dos membros , membranas , e medullas até se digerir a substancia superflua , reformando-se sempre de nova materia. A terceira he a nutritiva , a qual faz cozer , e servir o alimento , que a retentiva segou para o animal crescer , e se reforçar. A quarta he a digestiva , ou dispulsiva , que faz adelgaçar , e dirigir a demaziada enchente de substancia , que os mesmos membros , e membranas não podem consumir ; ou finalmente faz expellir dos membros , e membranas os humores demaziados , sejam fluidos , sejam viscosos , porque estes só podem servir de embaraço á sua conservação.

Estas faculdades , e virtudes aperfeiçoão a disposição dos órgãos. A attractiva faz-se por partes rectas dispostas pela longitude dos membros ; e a retentiva faz-se por aqueductos obliquos , aperfeiçoando-se todas pelo calor natural , sem o qual não produzirão humas , e outras bem as suas operações.

Por todos os expostos motivos se devem recolher os Potros no nosso clima , para entrarem a servir em tendo quatro annos , observando se elles padecem das suas mãos , e pés , isto he , se lhes inchão os pés , se tem as rasilhas humidas , se tem debruns inflammados nas coroas dos cascos das mãos , e se tem grossuras nas articulações das juntas dos joelhos , e travadouros das mãos , e pés , e nas juntas dos curvilhões ; pois em havendo estas inchações , e inflamações , he certo que não ha a boa distribuição de humores , que elles devem ter , sendo logo preciso curar os Potros , para que os humores detidos nestas partes não venhão a demorar-se de forte que lhes causem molestias difficultosas de remediar.

Alguns creadores (como já diffemos) não dão aos seus Potros outro sustento , quan-

quándo os recolhem, que não seja palha, ou feno, isto pelo espaço de sete, ou oito dias, para lhes dissipar os guzanos, que a má digestão das hervas resfriadas lhes causão; e passado o dito tempo, lhes dão verde até se acabar: e outros logo que os Potros são recolhidos, lhes dão verde: he bem certo que sendo elles assim tratados, estranhão menos.

Acabado o verde, se lhes deve dar palha, e a sua ração de cevada, que podem os primeiros dias fazer-lhes passar por agua fervendo, porque os refrigera muito.

Alguns creadores com a ração de cevada costumão dar aos Potros huma medida de favas misturadas com ella, estando primeiro de molho hum dia, em que lhes devem mudar a agua, para que estejam brandas, e os Potros as comão bem. Ellas lhes fazem bom cabello, e os engordão, e nutrem muito; mas allaxão-lhes os poros da cutis, e elles suão muito, e por consequencia se tornão alguma coufa brandos: motivo, por que me parece podem usar dellas, quando a constituição dos Potros for demaziadamente adusta, e secca; porém tanto que elles se dispuzerem para nutrir demaziado, persuado-me será bom não usar dellas.

Nos primeiros dias, em que os Potros são recolhidos, muitas vezes succede, pela mudança que fazem de exercicio, incharem-lhes os pés, e mãos, cuja inchação muitas vezes se dissipa, lavando-lhos com algum dos cozimentos proprios para hum tal acontecimento, em que tambem as sangrias tem lugar, &c.

Modo de fazer as raças para produzir Machos.

OS Machos são producção dos Burros com as Egoas, e poucas vezes de Cavallo, e Burra. Esta especie de animaes he mistiça, monstruosa, e imperfeita; e posto que elles sejam parecidos aos Cavallos na apparencia, com tudo differem muito delles na essencia. Isto se justifica pela impossibilidade com que elles nascem para a propagação: não se deve negar porém ser este misto de muito prestimo para o trabalho, e serviço ordinario.

Algumas Mulas tem chegado a conceber, e parir; porém já mais tive a noticia de que ellas chegassem a crear em Paiz algum do mundo as suas crias.

Os Machos pela maior parte são muito fortes, e de ordinario tem bons cascos, e boa faude nas juntas das mãos, e pés. Elles são dotados commummente de boa fortidão nos rins, espinhaço, e espaduas, e por consequencia podem conduzir, e arrastar maiores pezos que os Cavallos, sem se arruinaem tanto nos seus cascos, nas mãos, e pés.

Alguns ha, que tem huma andadura muito cómoda, na qual aturão muito, por terem (como temos dito) boa faude nas mãos, e pés.

O trote dos Machos he aspero, e secco: e da mesma fórma o he o seu galope, e o seu passo ordinario, pois quer em hum, quer em outro, os movimentos das suas espaduas são muito debaixo do seu corpo; mas são bons para carregar, e puchar por carruagens, e coches, vivem muito, (se os tratão bem) comem ordinariamente menos que os Cavallos, e tem menos enfermidades em todo o corpo.

Quando quizerem que huma Egoa conceba hum Macho, ou Mula, farão con-

conduzir hum Burro, e huma Burra; e logo a Egoa, a qual mostre estar disposta, havendo a prevenção de estar travada, e prevenida, como dissemos o deve estar para o lançamento da propagação dos Potros; e logo que o Burro estiver prompto, lhe tiraráo a Burra, e apresentaráo a Egoa; e senão pegar da primeira vez, e ella mostrar está em calor, a tornaráo a fazer cubrir pelo mesmo Burro: advertindo que os Burros, em estando no costume de cubrir as Egoas, não precisão de negaça.

Quaes são as partes, que devem ter os Burros mais proprias para o lançamento.

OS Burros, que se destinarem para o lançamento, devem ser de grande corpo: tendo a testa larga, as orelhas compridas, largas, e não importa que sejam derramadas para os lados, as sedas das crinas, e topete finas, e lizas, os olhos grandes, sem grandes covas sobre elles, o focinho comprido, e escarnado, as ventas largas, a taboa do pescoço comprida, e larga em proporção, as espaldas largas, lizas, e bem formadas, as polpas dos braços grossas, as canas dos mesmos direitas, grossas, e lizas, os joelhos lizos, e planos, as juntas das quartellas, e travadouros bem proporcionadas, os cascos bem formados, a cernelha alta, e grossa, o espinhaço direito, o ventre largo, a garupa redonda, e as pernas bem formadas. No caso porém de não se acharem com todas as qualidades que ficão ditas, será melhor para este fim aquelle, que for grande, e dellas tiver mais participação. Os de melhor côr para este caso são os Castanhos, os Murzelos, e os Ruffos. Os de Andaluzia, Ubeda, Baeça, e Jaen lográo entre todos boa estimação.

Os Creadores, ou quem estiver encarregado da regencia das raças, sejam cavallares, sejam muares, devem mandar acondicionar com toda a capacidade viveres, que pela estação do tempo gozem de ser bem fazonados, para que pelo outono, se os parques estiverem faltos de pastagens, se sustentem com os viveres recolhidos as raças encerradas nas arribanas; e já mostrámos a razão, por que se devem abrigar das chuvas, e dos frios; e quando o tempo for benigno, fazer fahir para o parque os Machos, assim como já recommendámos fação fahir as Egoas, os Potros, e Poldras, não só para se alegrarem, mas até para fazerem exercicio.

As chuvas, e frios são muito desagradaveis a estes animaes, porque lhes tapa os póros, e difficulta a transpiração. Isto he visível; pois em fazendo grande frio, o pello dos Cavallos, e Machos se irriça, e se faz desagradavel pela falta de transpiração. Os dous tempos de chuvas, e frios lhes motivão defluxos, e outras enfermidades, de que eu deixo de tratar; porém sempre recommendo toda a diligencia que as evitem, recolhendo as raças ás suas estancias, quando a estação se constituir mais rigorosa.

Em as Egoas se aproximando ao parto, devem os Guardadores ter com ellas as mesmas cautelas, que já dissemos devem ter com as que estão produzindo Potros; porque a differença da producção não as preserva dos terriveis effeitos, que costumão os partos trazer consigo; pois de qualquer forte que aconteça, ellas sempre

pre neste caso estão sujeitas aos mesmos lances, por onde paixão, quando a prenhez he de Potro, ou Poldra, e por tanto carecem de hum igual tratamento.

Nos abortos que as Egoas tiverem, sejão as crias Potros, Poldras, Machos, ou Mulas, sempre devem ser tratadas como doentes, e muitas o fião sendo effectivamente sempre. Ellas, segundo boas opiniões, abortão, por haverem levado couces de outras, por se encontrarem com os lobos; e dizem alguns que ellas abortão por verem a pelle do lobo, e ainda as pizadas delle. Se a Egoa está prenhe de Cavallo, e ou por conservar calor, ou por outro caso tem communicação com o Burro, logo aborta pela opposição que faz a substancia feminal do Burro á substancia feminal do Garanhão. Tambem abortão por desejo de comer alguma couza a que não podem chegar, e podem tambem mover por enfraquecer a mesma Egoa, ou adoecer. Conhece-se o aborto na Egoa por lhe inchar o ventre, os ilhaes, e da mesma forte por lhe inchar a vagina: a Egoa então se deita, e levanta muitas vezes, baixando, e levantando a cabeça sempre com hum gesto melancolico, e triste: neste caso lhe devem applicar os remedios, que a arte ensina para a fazer lançar fóra o feto.

Se o Potro dá volta, e se embrulha com a vide á roda do pescoço, tambem o devem concertar pelo mesmo modo, procurando desfazer-lhe aquella volta, ainda que he difficiloso.

Algumas Egoas fazem tanta força, que lhes sahe a madre fóra: neste caso devem logo metter-lha para dentro; porque se a deixarem arejar, a Egoa espasma, e morre: por isso recommendo a untem, a preparem, e banhem logo com aquelles cozimentos que a Arte ensina em taes casos.

A profusão do leite, e a malignidade do sangue he para temer nestes casos. Por esta razão deve a Egoa ser conduzida á cavallariça, e alli bem cuberta, procurar por meio da transpiração ajudar a utilizar os curativos, que se applicão nestes lances. Tambem devem mugilla para não lhe encaroçarem as tetas, em quanto os dessecantes não fazem effeito. Além disto não será sem utilidade o fazer-lhe observar por algum tempo huma restricta dieta no sustento, e na agua, misturando nesta alguma farinha de trigo para o leite não se augmentar, e fazer cahir a Egoa em graves enfermidades.

Do modo, com que se fez na baixa Normandia produzir a raça dos Fumardos.

EM alguns Paizes, como na baixa Normandia, e Delfinado, se tem feito produções de huns animaes, a que chamão *Fumardos*, produzidos do ajuntamento dos Touros, e Egoas: elles são tão monstruosos como os Machos, e servem maravilhosamente para carregar, e puchar, por serem muito fortes. Salver no seu Tratado das Raças affirma tambem nascer esta casta de animaes do ajuntamento do Touro, e Burra, e do Burro, e Vaca, sendo todos igualmente monstruosos.

Os que nascem do Burro, e Vaca são mais pequenos, e não tem dentes de fima adiante na frente do queixo, como as Vacas: o resto do seu corpo, ainda que
não

não seja muito avultado, he muito grosso, e forte: elles são como os mais imperfeitos, e monstruosos, porque não podem fazer qualidade alguma de producção. Os Jumardos produzidos de Burra, e Touro, e de Egoa, e Touro, tem dentes no queixo de diante, e tambem não podem fazer qualidade alguma de producção.

Quando pertendem que o Touro faça o seu dever, tendo-o prezo em parte, onde haja pouca claridade, trarão huma Vaca alluada, e huma Egoa; e chegando a Vaca perto do Touro, em elle se querendo lançar a ella, lhe appresentará a Egoa travada, como já diffemos, pois com semelhantes negaças se obtem as producções de Jumardos.

Devem os Jumardos ser creados no parque até á idade de quatro annos, como deixo recommendado para a creação dos Potros, e Machos; e depois de recolhidos á cavallariça, fazellos trataveis, e mansos, do mesmo modo que se devem dispôr os Potros, e Machos, destinados para servir nos coches, e carruagens.

Mostra-se o modo mais facil de dispor os Potros, e Machos, destinados para os coches, e carruagens.

OS Potros grossos, e fortes, ainda que sejam applicados ao grosseiro exercicio de puchar por hum coche, ou carruagem, não perdem as effencias qualidades que tenho dito, que os faz nobres, ou os mais distinctos entre todos os animaes, por cuja causa os Cocheiros, e Sotas os devem tratar com mais mimo, e cuidado, do que elles costumão tratar os Machos, e Urcos; porque se os Cavallos obrigados da violencia, ou do castigo chegam a desobedecer, raras vezes tornão a servir bem. Por tanto, deste principio depende muito o seu bom prestimo de poder trabalhar: pois he sem dúvida que os principios, donde emanão todas as acções dos Cavallos, existem parte na sua organização, e parte nas sensações, que lhes faz a pessoa que os governa. Isto não precisa de muito para se provar manifestamente.

Com o Potro ferril devem metter, ou emparelhar no carro outro Cavallo, ou Macho, que tenha de costume puchar pelos coches, aliás o Potro fará defordens, em nada conformes á determinação, que pertendem que elle tome, para andar bem no coche, ou carruagem. Por meio de sensações gratas, ou ingratas he que se obrigação os Cavallos a satisfazer promptamente áquelles movimentos, que delles se exigem, e se esperão: isto se observa a cada passo. Quando o Cavallo foge da vara que lhe mostrão, o faz só porque já com ella o castigarão, pois quando lhe derão com ella, se lhe imprimirão no cerebro duas especies, huma da vara, mediante a sua vista, outra da dor, mediante o sentido do tacto; e como estas impressões ficarão juntamente impressas no cerebro, a vista de huma facilmente excita a outra. Eis-aqui a razão, por que os Cavallos quando lhes mostrão algum daquelles instrumentos com que lhes derão, ou lhes fazem alguma acção daquellas, de que já se lhes seguiu o castigo, elles fogem á impressão da dor, e determinão os seus movimentos, como os determinarão, quando os castigarão com elle a primeira vez.

Em se recolhendo os Potros, os devem deitar á guia por algum tempo; e depois

pois de os costumarem a andar naquelle gyro do circulo largo com muita moderação, e brandura, lhes irão pondo os arreios, ou apparatus, e com elles, sem lhes dar muita pancada, os continuarão a deitar á guia; e em mostrando que estão manfios, e costumados aos arreios, os metterão em hum carro, ou coche, emparelhando-os com algum Cavallo, ou Macho já enfinado, pondo-lhes na embocadura do freio humas estopas bem embrulhadas; porque sendo naturalmente os Cavallos mais sensíveis dos affentos da sua boca, do que os Machos, em as guias, ou fiadores, (quando puchão por elles) obrigando-os com muita força, por não poderem pela distancia, em que trabalhão, adquirir hum tacto delicado na mão do cocheiro, e boca do Cavallo, elles desobedecerão; e a prevenção das estopas embrulhadas na embocadura, irá minorando a actividade das sensações, ou dores, produzidas pelo freio sobre os affentos da boca do Potro, e o irá juntamente constituindo no bom modo de servir.

Todos sabem que para hum Potro andar, se lhe devem fazer sensações, que, determinando-lhe o movimento, o fação ir para diante por huma linha recta, o que se vence, puchando-o por huma guia para diante, e tocando-lhe com huma vara, ou com o açoute brandamente sobre a garupa, a fim de que se determine a andar. Pelo contrario, para o fazer andar para trás, se lhe deve facudir amiudadas vezes a guia sobre o cabeção, porque assim se costumão, e obrigão a recuar. He bom porém, e deve ser, que hum homem a pé ajude as primeiras vezes os Potros a que vão para diante, como tambem a que recuem.

Depois do Potro mettido no carro, podem mudar a guia do tronel do meio do cabeção para o tronel de fóra, ou para o arco do olho do freio; e ou a pé, ou a cavallo, o devem ajudar pela guia a que ande para diante, sem lhe darem muita pancada, para que pouco a pouco se vá costumando, até que o considerem em estado de poder servir, sem o auxilio da guia: e isto se fará se determinarem os Potros para os coches, logo que forem recolhidos, sem que dante-mão os tenham dispostos para esse fim no Picadeiro.

Em tempo competente se devem pôr as fellas naquelles, que houverem de servir para andar á fota, como tambem fazellos andar algum tempo com bridão, para adquirirem mais governo, e não fatigarem tanto o braço ao Sota. Eu recomendo tanto que deitem os Potros á guia, seja para lhes pôr os apparatus, seja para lhes pôr a fella, ou para os montar as primeiras vezes, obrigando-os a determinar-se por sensações moderadas áquillo que pertendem que elles fação; porque se nos seus principios os const rangerem por meio de sensações violentas, elles tomarão, obrigados da colera, e falta de costume, determinações muito desordenadas, e em tudo inteiramente oppostas á vontade de quem os pertende domesticar, e enfinar.

Quando montarem os Potros as primeiras vezes, devem (como já diffemos) deitallos á guia, e abatellos de forte, que elles consentão se chegue a elles o homem que os houver de montar, o qual baterá com a mão no coxim da fella; e se o Potro mostrar que soffre, póde com agilidade metter o pé no estribo, e sem perder tempo montar, ou ganhar a fella de hum tempo. O que tiver a guia na mão,

a deve segurar com todo o tento para evitar ao espotrigador, se o Potro faltar, o funesto acontecimento de algum defastre.

Por este modo devem ir dando aos Potros algum exercicio, e ensino, tanto por se acharem em huma boa idade de se disporem a aprender, trabalhar, e estar promptos para servir em tendo finco annos de idade, como tambem porque a falta de exercicio não vá produzindo nelles molestias, que os incapacitem para servirem, e as suas forças os não determinem á defeza, e os fação mais difficeis de sujeitar-se.

Assim tambem se deve praticar com os Machos, e Mulas, ainda que estes tenham ordinariamente a boca mais grossa, isto he, são menos sensiveis ás sensações do freio, do que os Cavallos. Eu digo succintamente o como se deve dar principio ao ensino daquelles Cavallos, e Machos, que logo que são recolhidos do campo, os destinão para servir em coches, e carruagens; pois não sendo isto pertencente á Arte, de que trato, sómente o faço por dar huma idéa de fazer uteis os Cavallos para todos aquelles exercicios, de que elles são capazes.

Nomes das cores dos Cavallos.

Todos os Authores assentão de unanime acordo, em que os Cavallos tem quatro cores produzidas dos quatro humores, de que elles se compõem; a saber: *Sangue, Fleuma, Colera, e Melancolia.* Os sanguineos são de côr Castanho maduro, Castanho rodado, Castanho dourado, Castanho escuro, Castanho claro, Castanho pezenho mais, ou menos escuro, Castanho rosilho, Castanho malhado: sendo maior a parte castanha, que a malhada, se deve entender influe mais nelle o humor sanguineo. Os Cavallos de todas estas cores são de bom temperamento, maiormente se elles tem a cauda, as crinas, os braços, e pernas dos joelhos, e curvilhões para baixo tudo preto.

Os Cavallos Ruffos claros são fleumaticos, e da mesma fórma os Ruffos queimados, os Ruffos rodados, o Ruffo cardão, o Ruffo tordilho, o Ruffo abatar-dado, o Ruffo pezenho, o Ruffo rosilho, o Ruffo manchado, e o Ruffo sabino.

Os Lazões são colericos, e nelles domina o fogo: ha Lazão escuro, Lazão claro, Lazão alaranjado, Lazão tostado, Lazão melado, Lazão dourado, huns mais escuros, outros mais claros: ha Lazão picarso, e rabricão. Os que provão melhor, he o Lazão tostado, o Lazão escuro, o Rabricão, e o Lazão alaranjado, maiormente se alguma destas cores he manchada de preto, ou bem rodada, tendo o Cavallo as crinas ou da mesma côr, de que he o corpo, ou pretas, e da mesma fórma os braços dos joelhos para baixo, e as pernas tambem dos curvilhões para baixo.

Os Murzellos são melancolicos. Ha Murzello andrino, Murzello rodado, Murzello amelroadado, Murzello acastanhado, que tem alguns pellos castanhos nas verilhas, no ventre, e nos ilhaes. Ha Murzellos manchados, ou mosqueados de branco, e outros malhados de branco, e de castanho. Os que são malhados de castanho, são bons. Os que são mosqueados, e nascem com estes signaes, são da
mes-

mesma forte bons ; porém se as pintas são produzidas de os haverem picado as moscas, tem a pelle molle, e são ordinariamente froxos.

Os pellos dos Cavallos, de qualquer côr que sejam, devem ter a côr viva, sendo finos, e de tal forte lustrosos, que em o Cavallo trabalhando alguma coufa, deve mostrar bem por toda a cutis as ramificações das veias. Os Murzellos pardos de huma côr çuja, e defengraçada, os côr de rato com o pello grosso, como de boi, não provão bem: os totalmente brancos com o pello grosso, e arripiado, de ordinario provão mal, maiormente se elles tem as crinas, e as fedas da cauda grossas, e crespas.

Os salgados manchados de ordinario tem feia cara: os Murzellos malhadados de branco, e os Castanhos da mesma fórmula malhadados, pela maior parte são mais vistosos na pelle, do que no prestimo.

Os Cavallos baios, çopa de leite, zabellos, e de cores deslavadas com o pello grosso, são quasi todos froxos, defengraçados, e pouco vistosos, elles ordinariamente são dotados de hum espirito cobarde, e de humas determinações muito defanimadas.

*Nomes dos signaes, que se dizem bons, segundo a opinião dos melho-
res Authores, e creadores de Cavallos.*

O Signal branco que alguns Cavallos tem no meio da testa affima dos olhos, vulgarmente chamado Estrella, he bom. Ao signal, ou laivo branco, que principia affima dos olhos no meio da testa, e acaba declinando para as ventas, se chama Silva. Ao signal branco, largo, e direito, que, principiando no meio da testa, e sem tocar os olhos, se estende até ás ventas, chamão Frente aberta. O signal branco na verga dizem que he bom, e o mesmo dizem do pé esquerdo branco; e sendo ambos com algumas manchas, ou arminhos nos murzellos, castanhos, e nos lazões brancos, e nos ruffos pretos, he melhor.

As moscas pretas, e os signaes pretos nos Cavallos ruffos são de ordinario hum bom signal. As moscas brancas nos castanhos, murzellos, e lazões tambem são bom signal, não sendo (como deixamos notado) produzidas pelos haverem picado as moscas em quanto novos. Sendo que todos estes signaes quanto a mim concorrem mais para fazer os Cavallos vistosos, do que para prognosticar com infallivel certeza a sua boa, ou má inclinação, e o seu prestimo.

*Nomes dos signaes chamados communmente máos, e que fazem
os Cavallos muito desagradaveis.*

A Estrella, que principia abaixo dos olhos, he feio signal, e assim o he a silva que tem principio do mesmo lugar; e se tiver manchas da mesma côr do pello do Cavallo, a que chamão Sobrefaltados, he peor. A silva que se derrama do meio da testa para as queixadas, he feia, e he tida por máo signal. Se o Cavallo tem a meia queixada branca, a que chamão falfalvo, he feio signal; e se for a esquer-

querda, dizem que he peor. Ao signal branco, que alguns Cavallos tem, e lhes cobre toda a frente, e entra na boca, chamão Mortalha, ou Touca branca, ou Toalha: os Cavallos, que tem as pontas dos labios brancos, dos quaes se diz que bebem em branco, são tidos por mal affinalados. Os Cavallos, que tem as alvas dos olhos faltas de fogo, ou de côr, e ficão as sobreditas alvas sendo claras, e brancas, he tambem máo signal.

Da mesma forte são ruins todas as nodoas brancas, que alguns Cavallos tem fobre as retinas, e alvas dos olhos, a que chamão gazios. E finalmente qualquer outro signal branco, que tenham os Cavallos dos olhos para baixo, segundo a geral opinião dos melhores Cultores das mais distinctas raças, se devem reputar inteiramente por máo signal.

Ao Cavallo, que tem sómente o pé direito branco, chamão Argel: ao que tem branco o pé, e mão direita, chamão Argel-travado: o mesmo nome dão tambem ao que tem branco o pé direito, e a mão esquerda; e quando he juntamente branco o pé, e mão direita, e a mão esquerda, Argel-trestavado, ou Argel-manalvo; e aquelles, que não tem signal algum, chamão Zaino.

No modo de sentir, e ajuizar fobre os bons, e máos signaes discordão os Authores não pouco huns dos outros. Eu porém não pertendo tratar de semelhantes assumptos, porque me persuado que os bons signaes só são vistosos, e enfeitão os Cavallos; e a maior parte das razões, que todos dão fobre os bons, e máos signaes, são pouco veridicas; pois eu tenho observado máos Cavallos com bons signaes, e ás vezes bons Cavallos com máos signaes. E póde ser que alguns curiosos destas observações em outro tempo, e em outra idade, alcançassem o mesmo, e dahi venha aquelle ditado de que obras desmentem signaes.

*Mostra-se quaes são os redopios, a que communmente chamão bons;
e quaes os que denominão máos.*

Tambem entrão na classe dos signaes aquelles redopios, que os pellos dos Cavallos fórmão em diferentes partes do corpo. Os redopios, que alguns Cavallos tem na testa, dizem que he bom sinal, assim como o são os que tem na taboa do pescoco junto ás crinas, a que chamão Espada Romana; e se o houver das partes ambas, melhor. Da mesma fórma são bons os redopios, que alguns Cavallos tem junto á cauda, feção elles fobre as ancas, ou fobre as nadegas, e feção embora mais altos, ou mais baixos.

Os redopios, que ordinariamente todos os Cavallos tem, são: hum no meio da testa assim dos olhos, outro fobre o ezofago, dous entre as polpas das cartilagens do peito, e as espadas, dous nas verilhas, dous nos ilhaes: estes, e os do peito he bom feção grandes. Costumão tambem ter hum no embigo; e se os Cavallos são faltos destes redopios naturaes, elles são tidos por mal affinalados.

Assim como dizem serem bons os redopios, de que tenho tratado, assim dizem serem máos os muitos redopios pequenos, que muitos Cavallos tem fobre o ezofago, fobre o ventre, e nos fovacos dos braços: a estes dos fovacos dos braços

ços dão o nome de *Guaias*. E mais dizem, que havendo destes redopios nos fovacos dos braços de huma, e de outra parte, he peor. Se bem que eu tenho visto alguns Cavallos muito bons com estes redopios, que são reputados por máos.

Signaes, pelos quaes se conhece a idade, em que estão os Cavallos até cbegarem aos sete annos pouco mais, ou menos.

Cada Cavallo tem quarenta dentes; a saber, vinte e quatro queixaes, doze adiante, e quatro colmilhos. Aos tres mezes de nascidos lhes fahem, ou nascem os doze de diante chamados de leite. Aos trinta mezes pouco mais, ou menos cahem quatro destes dentes da frente, dous debaixo, e dous de cima: os que estão mais adiante no meio dos outros, e nascem em seu lugar outros mais fortes, os quaes ha de o Cavallo conservar em quanto vive. Aos tres annos e meio cahem os quatro seguintes, e vem outros da mesma forte. Aos quatro annos e meio cahem os ultimos, que são os que estão junto ao lugar, aonde assenta o freio, e vem da mesma forte outros novos, que ainda aos cinco annos não estão iguaes: aos seis annos são os dentes da ultima muda iguaes aos outros; mas conservão huma cova aberta pela parte de dentro da boca, que não acaba de cerrar senão depois do Cavallo fazer sete annos. E daqui vem dizer-se *estar cerrado*; porém ainda se mostra nos referidos dentes parte daquella cavidade, ou ao menos huma nodoa (femelhante no feitio a huma fava) que até aos oito annos se conserva, e todos estes signaes se gastão com a continuação de moer, ou mastigar. A' excepção destas, as mais averiguações são falliveis, sendo que depois do Cavallo haver cerrado, tambem ha modo de as tornar a fazer abrir artificialmente para fazer apparencias de que tem menos idade.

A malicia dos homens tem juntamente descoberto o modo de fazer com que hum Cavallo, que tem sómente de idade trinta mezes, pareça ter completos os cinco annos. Os que usão desta invenção, a concluem, arrancando aos Potros os dentes de diante na idade de dezoito mezes, cujos lugares a Natureza facilmente occupa com outros novos dentes, e assim fica o Cavallo parecendo de cinco annos, se quem lhe reconhecer a idade não reparar se os comilhos vem já fahindo.

Em fim, em os Cavallos cerrando são infructiferas, e de nenhum momento as tentativas, que se fizerem para lhes reconhecer a idade; e ainda quando elles são acompanhados dos signaes que lha manifestão, ás vezes enganão, porque a malicia dos que contratão neste genero tem excogitado estes, e outros semelhantes modos de lhes viciar os signaes das idades pelo conhecimento dos dentes.



Silva delin.

Frois sculp.

E S T A M P A III.

Dos nomes de algumas partes dos corpos dos Cavallos.

P A U T A D O S N U M E R O S.

- | | | | |
|----|---------------------------------|----|---------------------------------|
| 1 | L Agrimal. | 37 | Distancia da quartela. |
| 2 | Pupillas. | 38 | Coroa do casco. |
| 3 | Alvas dos olhos. | 39 | Tapa, ou cinta do casco da mão. |
| 4 | Covas dos parietaes, ou olhais. | 40 | Ponta do casco. |
| 5 | Offos petrosos. | 41 | Palma da mão. |
| 6 | Orelhas. | 42 | Talão. |
| 7 | Topete. | 43 | Machinho da quartela. |
| 8 | Testa. | 44 | Nervo principal do braço. |
| 9 | Agulhas das ventas. | 45 | Curva do joelho. |
| 10 | Ventas. | 46 | Polpa do braço. |
| 11 | Membrana das ventas. | 47 | Ranilhas, ou amilhas. |
| 12 | Beijo superior. | 48 | Travadouros da quartela. |
| 13 | Beijo inferior. | 49 | Codilho. |
| 14 | Barbada. | 50 | Offo do braço. |
| 15 | Agulhas da queixada inferior. | 51 | Polpa da espadua. |
| 16 | Boca. | 52 | Costelas. |
| 17 | Faces. | 53 | Espinhaço. |
| 18 | Queixada superior. | 54 | Lugar dos rins. |
| 19 | Nuca. | 55 | Ventre. |
| 20 | Axilar, ou Ganacha. | 56 | Sovacos. |
| 21 | Cernelha, ou Crinas. | 57 | Embigo. |
| 22 | Taboa do pescoço. | 58 | Verga. |
| 23 | Ezofago. | 59 | Testiculos. |
| 24 | Jugulares. | 60 | Bargadas. |
| 25 | Cruz, ou agulha do Thorax. | 61 | Verilhas. |
| 26 | Ponta superior da espadua. | 62 | Ilhaes. |
| 27 | Ponta da frente da espadua. | 63 | Quadrís. |
| 28 | Claviculas. | 64 | Ancas. |
| 29 | Peito. | 65 | Canal da garupa. |
| 30 | Cartilagens do peito. | 66 | Nascimento do cabo. |
| 31 | Ponta do offo externo. | 67 | Nadegas. |
| 32 | Junta do codilho. | 68 | Sabugo do cabo, ou cauda. |
| 33 | Cana do braço. | 69 | Polpa da nadega. |
| 34 | Joelho. | 70 | Polpa do femur. |
| 35 | Canela do braço. | 71 | Curva da nadega. |
| 36 | Junta da quartela. | 72 | Tibia. |

73 Soldra.	83 Junta superior do curvilhão.
74 Jarrete.	84 Junta da fôrma, e polé.
75 Nervos principal da perna.	85 Junta do articular, e entre-offo.
76 Comprimento do travadouro do Jarrete.	86 Machinho do Jarrete.
77 Junta do Jarrete.	87 Tapa do casco do pé.
78 Calcanhar.	88 Comprimento do travadouro do Jarrete.
79 Coroa do casco do pé.	89 Palma do pé.
80 Ponta do casco do pé.	As Letras E, e as letras C manifestão o lugar das fobcurvas, e curvas.
81 Canella da perna.	
82 Junta inferior do curvilhão.	

Fazemos menção de algumas partes externas dos corpos dos Cavallos, mostrando os seus lugares pelos numeros da Est. III., para que sejam conhecidos os seus nomes, como tambem os de algumas partes internas, que lhes correspondem, a fim de que pelo decurso da lição não faça dúvida, ou embaraço o meu modo de explicar.

Eu passo a dar hum breve conhecimento em commum da analogia que tem as partes internas com as externas dos corpos dos Cavallos, para não se ignorarem as suas proporções; e posto que a Arte da Cavallaria não tenha dependencia dos conhecimentos da Anatomia, he bom saberem os Cavalheiros a formalidade destas partes, para fazerem boa escolha dos Potros, ainda sendo magros, e novos, e dos Cavallos em qualquer estado, e idade.

Na cabeça tem principio, e origem os nervos, que communicão a toda a máquina do corpo a virtude animal, e de onde se diffundem por todos os membros inferiores os sentidos, e movimentos. Ella se compõe da Cutis, Gordura, Membrana carnosa, do Pericranio, e do Cranio.

A *Cutis* he huma membrana, vulgarmente chamada *Pelle*, que reveste não só a cabeça, mas todas as partes do corpo.

A *Gordura* he huma substancia oleosa, intertecida de glandulas, em as quaes residem tambem por diversas partes do corpo grande numero de vasos, em que se vai filtrando o sangue, e deste continuamente se está extrahindo huma parte oleosa, que por meio de fermentação se converte na referida gordura.

A *Membrana carnosa* da cabeça até aos olhos he hum paniculo musculofo, mais, e menos grosso, que cerca a cabeça. Esta membrana pela parte externa se une á gordura, e cutis; e pela interna ás partes nervosas, que fôrmaõ os ligamentos dos ossos.

O *Pericranio* he huma continuação de fibras, que sahindo pelas juntas, e póros do cranio, extendidas, e entretecidas sobre elle, o fôrmaõ para revestir os ossos, ou partes de que se compõe o cranio.

Querendo-me desenganar de algumas dúvidas, que eu tinha a este respeito, tomei o expediente de examinar os corpos dos Cavallos, e achei que se compõem das partes que vou dizendo.

As partes que constituem o Cavallo, se comprehendem debaixo dos nomes de par-

partes fluidas , e de partes solidas. As solidas comprehendem os ossos , as partes cartilaginofas , e homoplatos. As partes moles comprehendem os musculos , tendões , membranas , ligamentos , producções membranofas , ligaduras dos nervos , arterias , veias , e glandulas , &c.

Commummente chamão-se partes fluidas todos os liquidos , que ha no corpo do Cavallo , como o Sangue , a Linfa , o Quilo , a Bilis , o Suco medullar , a Saliva , e o Semen , &c.

A cabeça do Cavallo se divide em testa , ou Cranio , e extremidades , ou em queixada superior , e inferior. He verdade que rigorosamente fó deviamos chamar queixada áquellas peças , em que estão encaixados os dentes ; mas fomos obrigados a tomar o todo pela parte , a fim de multiplicar os termos , e a integridade.

Todos sabem que os ossos dos Cavallos são huma parte a mais simples , dura , e terrestre de todo o corpo ; mas elles são os sustentaculos das suas corporaes máquinhas. São de sua natureza pezados , e livres de todo o sentimento , nutrem-se do Periofteo , e a sua medulla se differença em huns dos outros , assim como tambem são differentes na sua grandeza , fórma , e usos.

Os principaes ossos da cabeça do Cavallo são o Cranio , ou Osso Coronal , que está collocado debaixo do N. 8. , o qual se divide em dous , chamados *Frontaes* , dous *Parietaes* , e hum *Occipital*. Aos *Parietaes* seguem-se dous chamados *Temporales* , dous petrosos *Capillares* , ou *Athemoides* , e dous nas cavidades dos olhos chamados *Rotundos*. Estes ossos são unidos por finco juntas , sem movimento. Tem a cabeça mais duas espinhas das ventas , e osso do angulo maior , dous dos queixos superiores , dous dos queixos inferiores , dous do paladar , e hum chamado *Agulha do paladar*.

O queixo inferior se divide em duas peças ; mas em o Cavallo fazendo finco annos , de tal modo se fortalece a junta N. 13. , que parece o queixo se compõe de huma só peça. As queixadas do Cavallo se compõem das extremidades solidas , gengivas , e dentes. Entre a queixada inferior está a lingua.

O tronco do corpo divide-se em tres partes , Espinha , Thorax , e Bacim. A Espinha he huma continuação de peças , a quem chamão *Vertebras* , e humas se denominão verdadeiras , outras falsas : as verdadeiras são dezoito , as falsas seis , as do pescoço sete , e as da cauda dezefeis.

As *Vertebras* do pescoço chamão-se *Cervicaes* , e no principio do Thorax , pouco antes de chegar ao N. 26. se unem com as do espinhaço chamadas *Dorsaes* ; e ás do espinhaço junto ao N. 54. se unem as *Lombaes* , que se continuão até ao osso sacro.

As costellas , que fórmão a cavidade do peito , e parte da cavidade do ventre , são trinta e seis , dezoito de cada lado. Ellas se dividem em Verdadeiras , e Falsas ; porque as Cartilagens das verdadeiras immediatamente se unem ao osso externo N. 31. ; e as falsas vão-se unir a elle por meio de duas trenilhas membranofas , que partem do segundo N. 31. para o N. 55.

O Bacim he composto de seis ossos , tres de cada lado ; a saber : *Ilium* , *Isochion* , e *Pubis*. As suas extremidades chamão-se *Anteriores* , e *Posteriores*.

Adverte-se que os numeros de toda esta noticia Anatomica pertencem á Est. III. posto que os lugares apontados fiquem pouco mais abaixo , ou mais affima do lugar em que está o numero.

Noções preliminares dos ossos em geral.

Compõe-se o corpo do Cavallo de ossos grandes , ossos menores , e ossos minimos. A figura dos ossos de cada meia parte do corpo he differente em cada hum , á excepção das vertebrae , costelas , e nós ; e ainda estes sendo muitos de hum feitio , são diversos no seu tamanho , e juntas , e são antagonistas huns dos outros.

Os ossos das canas , e canelas dos braços , e assim os ossos do femur das tibias , e canelas das pernas são longos. Os moplatos são do numero dos ossos minimos. O occipital , o vomer , a queixada inferior , o osso da base da lingua , as vertebrae , o osso sacro , e o osso externo separão verticalmente o Cavallo em duas partes iguaes.

A's faces , que os ossos tem em cima , em baixo , adiante , atrás , e nos lados , damos os nomes de superiores , posteriores , inferiores , anteriores , e lateraes. Assim como denominamos outras , internas , externas , obliquas , extremidades , e bordas , &c.

Das eminencias dos ossos , e seus prestimos em geral , e em particular.

Os ossos sobre as suas faces , e extremidades tem desigualdades mais , e menos visiveis , a quem os Anatomicos cummummente chamão *Eminencias*. Nas articulações correspondem as eminencias do osso da cana do braço N. 33. ás cavidades do osso do braço N. 50. , e assim nos mais.

Os ossos , fallando em geral , são os sustentaculos de todas as partes do corpo do Cavallo : elles fórmão a construcção da máquina , a qual facilitão com a sua estrutura , cabeças , cavidades , eminencias , e chanfraduras , necessarias aos differentes exercicios a que se destinão , e por isso huns ossos servem de ponto na máquina para a execução do movimento ; outros servem pelas suas degradações para levantar , e abaixar , ou para ubilicar , já á direita , já á esquerda , á vontade das mais partes do corpo , tanto no interior , como no exterior : e podemos dizer que muitos fazem o officio de mollas. Tambem ajudão a depurar parte dos alimentos proprios á nutrição de diversas partes do animal ; outros servem para ajudar a formar as cavidades dos verterfis , facilitar a respiração , e defender differentes órgãos. Finalmente os ossos do corpo do Cavallo são a base de todo o feu esqueleto , ou organização.

Fallando dos ossos em particular , a cabeça do Cavallo he composta de duas partes : á superior chamão *Cranio* , ou *Queixada superior* , e á posterior *Queixada inferior*.

A parte superior se divide em Cranio , e faces. O Cranio he hum capacete formado de doze peças unidas intimamente por humas juntas , ou articulações sem movimento. E as suas peças tem humas nomes geraes , e outras particulares: estes ossos na parte superior fórmão huma figura oblonga N. 7. , e na parte local se comprehende huma cavidade , a que chamão Cavidade do callo de Cranio, ou Cavidade da medulla.

Dos ossos do Cranio N. 8. se continuão os das faces N. 17. Como já disse-mos quaes são os ossos , de que se compõe o Cranio, passaremos a tratar das suas fórmas.

Os ossos *Frontaes* estão situados na parte anterior , e superior das faces : elles são de huma fórma irregular , tem huma face externa , duas lateraes , e huma interna.

A face externa he polida , ainda que tem algumas eminencias : a interna tem algumas cavidades , e he mais porosa.

As faces lateraes tem duas prolongações , huma interior , e outra posterior : a interior vai-se unir ao osso fenoides , ou vides ; a posterior fórma com os parietaes , e petrosos as falleiras.

A face interna circunda a dura mater , e se continúa até á crista do osso vides ; e a face inferior tambem se articula com os parietaes , e petrosos.

Os ossos *Parietaes* são por duas juntas unidos aos frontaes ; e pela parte longitudinal N. 9. se articulão com as espinhas das ventas , com os ossos do grande angulo N. 10. , e pela junta transversal até aos temporaes N. 18.

Tambem os Parietaes fórmão huma pequena parte do Cranio. Elles tem duas faces , huma convexa , externa , liza , e polida ; outra interna , porosa , e desigual , que fórmão quatro angulos nas suas juntas , hum superior , outro inferior , e dous lateraes.

Os ossos *Temporaes* fórmão as partes lateraes do Cranio : são irregulares , e não deixão conhecer a junta em o Cavallo , tendo cinco annos , antes elles parecem huma continuação dos Parietaes , e frontaes. La Foce pag. 15. quer que os Temporaes sejam quatro. Brogelat pag. 26. , e Ogan pag. 19. dizem que são dous. He certo que estes , e outros ossos da cabeça do Cavallo com a idade se unem de maneira que as mais exactas averiguações não lhe descobrem as juntas , que tinhão na sua primeira idade , quando Potro ; e eu em todas as cabeças que tenho averiguado , tenho achado sómente dous.

Os ossos *Capillares* são de huma figura irregular , tem quatro faces , que terminão em ponta aguda : a base deste osso he interior , e o seu principio na parte alta he lizo , e pouco poroso.

O *Occipital* N. 19. está situado na parte posterior do Cranio , e elle se une aos frontaes por cinco partes , de que se deixão bem perceber as juntas , em quanto os Potros tem de tres até quatro annos ; mas depois de terem mais idade , já se não conhecem ; advertindo que tambem alguns nascem com estas , e outras partes da cabeça unidas de maneira , que se não deixão já mais perceber as juntas dellas : e eu vi huma cabeça , em que não havia junta alguma , posto que a examinasse com cuidado.

Dos ossos Athemoides, a quem outros chamão Vides, Capillares, ou do Vacilar.

OS ossos *Athemoides* estão situados na parte interior do Cranio, e separados pelas cartilagens das ventas. Elles são unidos ás extremidades do Cranio, e ás espinhas das ventas: tem huma figura irregular, e huma cavidade junto aos frontaes com hum póro, por onde se conduzem os nervos, que dão movimento aos beiços.

Estes ossos tambem estão unidos ao fenoides pela parte inferior, aos frontaes pela superior, e pelas partes lateraes aos ossos do grande angulo.

Dos ossos das faces superiores, e inferiores.

JA'houve Anatomico, que dividio os ossos das faces dos Cavallos em dezefeis partes; a saber: dous ossos das ventas, hum offo do grande angulo, hum offo do queixo superior, dous chamados extremidiarios, dous das gengivas superiores, dous das inferiores, dous chamados Platins, dous chamados Pereguides, e dous denominados Corneas. Nós porém supponmos dous superiores, e dous inferiores, que são os que temos encontrado nas faces de todos os Cavallos, separados pelas juntas de que já fizemos menção.

Do Tronco do corpo do Cavallo.

Divide-se o tronco do corpo do Cavallo em tres partes, *Espinha, Thorax, e Bacim.*

A espinha he huma collecção de quarenta e sete ossos nos Cavallos velhos unidos por quarenta e tres juntas; e nos Potros por quarenta e feis: succede isto, porque alguns ossos com a idade tambem na espinha de tal modo se unem, que se lhes não conhece a junta. Estes ossos, de que ella se compõe, chamão-se *Vertebras*, que tambem se denominão humas *Verdadeiras*, e outras *Falsas*.

As verdadeiras são vinte e quatro: e em raros Cavallos ha vinte e cinco. As falsas são vinte e tres. As verdadeiras denominão-se *Cervicaes, Dorfaes, e parte Lombaes*. As falsas, ou do offo sacro N. 54. são 16., e as do pescoço 7. As vertebras cervicaes, dorfaes, e lombaes são differentes na figura, volume, e uso, como já deixamos notado.

Das Vertebras cervicaes, ou do pescoço em particular.

A Primeira he larga, alguma coufa torta, e tem duas faces, huma superior, outra inferior, e cada huma tem quatro eminencias. A face superior articula-se com o occipital: tem quatro póros, e outras tantas cavidades em cruz, com hum aqueducto consideravel no meio, por onde passa a medulla espinhal ás mais

vertebras : os aqueductos dos lados servem de passagem ás arterias , e veias vertebraes. A face inferior se articula com a segunda vertebra , e assim as mais se articuláo humas com outras até ás primeiras vertebraes do Thorax , em que se articuláo ás clavículas da primeira vertebra do Thorax N. 26. até ao N. 28.

As *Vertebraes dorsaes* differem , como dissemos , das cervicaes , e lombaes , em não terem as juntas das suas faces tão cavadas nos lados das suas eminencias , e em serem menos compridas , e irem em augmentação da primeira do Thorax para a terceira , e desta em diminuição para as lombaes , e humas , e outras são formadas com tres eminencias , duas lateraes , e huma superior : ellas são prezas humas ás outras por huns ligamentos chamados Entre-espinhaes.

Os corpos das vertebraes Dorsaes tem alguns aqueductos para vaços sanguineos. As treze vertebraes primeiras jogáo nas articulações alguma coufa para os lados , e para diante , as outras são mais directas , e articuláo-se para os lados , mais do que para cima , e para baixo.

As *Vertebraes lombaes* differem das outras em serem grossas , e os seus espondis largos , e curtos , as suas cavidades obliquas são mais redondas , e fórmão o canal vertebral de hum , e outro lado de huma figura quasi triangular.

O *Osso sacro* principia na parte posterior da espinha , e ultima vertebra lumbal : a sua figura he triangular , e fórma duas faces , huma externa , alguma coufa desigual , e outra interna polida , e clara.

Este osso compõe-se de seis peças : as suas juntas se conhecem em quanto o Potro não chega aos tres annos , e dahi para diante de tal modo se ossificáo as juntas , que se não conhece o lugar da sua união.

O osso sacro está junto aos ossos innominados , á ultima vertebra lumbal , e ao primeiro nó , ou vertebra da cauda : as suas juntas são esponjosas , e nellas se fórmão algumas molestias chamadas dos rins , que são más de curar.

Os *Ossos da cova* , ou *canal* N. 65. montáo ao numero de dezefeis , ou dezefete , que finalizáo na ponta da cauda N. 68.

Todas as vertebraes , e assim o osso sacro , e os ossos da cova , e cauda são unidos por muitos ligamentos fortes , e fibras , que vão formar na ponta da cauda huma espiral.

Os *Ossos do Thorax* N. 52. , vulgarmente chamados *Costelas* , são trinta e seis : dezoito de cada lado : a sua figura he oval , e chamáo-se as referidas costelas , humas verdadeiras , e outras falsas : entendem-se por verdadeiras aquellas , que prendem no osso externo , como já dissemos ; e por falsas aquellas , que se unem ás cartilagens dos lados do ventre.

As costelas todas prendem nas vertebraes do Thorax , e no osso externo , ou nas já referidas cartilagens , e ternilhas.

O *Osso externo* está situado na parte baixa do Thorax entre hum , e outro condilho : elle alcança do N. 29. até ao N. 31. , a sua figura he em fórma de meia lua : he largo junto ao primeiro N. 31. , e finalmente se termina de huma , e outra parte por cartilagens : no meio he poroso. A cartilagem do N. 30. he mais larga , e as suas extremidades se continuáo , até que debaixo do ventre acabáo em ponta aguda no segundo N. 31.

O *Bacim* he formado pelos ossos innominados, e pelo osso sacro. Os ossos innominados são huma composição de seis peças, que facilmente se separão pelas suas juntas, em quanto o Potro tem de hum até dous annos de idade; depois até aos tres annos se officião as juntas dos lados; e dos quatro para os cinco annos já se não conhecem, nem a junta do bacim, nem a do pubis, antes estão os referidos ossos reduzidos a hum. As seis peças, de que se compõem o chamado bacim, se denominão as duas superiores N. 64. *Ilion*, as duas dos lados *Ischion*, e as duas inferiores chamão-se *Pubis*; e assim a reunião destas seis peças fórmão o Osso Sacro, ou Bacim.

O *Osso Illion* he triangular na parte superior na letra B convexo, e nos lados concavo: tem huma extremidade, ou borda interior, e duas lateraes: elle fórma tres angulos, e em cada hum tres faces; a saber: huma superior, huma inferior, e huma interna. A extremidade superior fórma-se por angulos, de quem pelas partes oppostas procedem as extremidades lateraes: tem huma face cartilaginosa junto ao *Ischion*, e ao *Pubis* pela parte da face inferior do Sacro. Sobre a sua extremidade inferior tem huma cavidade, e hum buraco, por que passa huma arteria, huma veia, e hum nervo; e na face interna sobre as suas desigualdades se unem as eminencias do Osso Sacro.

Como os *Ossos*, *Ischion*, e *Pubis* com a idade vem a reunir-se, de forte que fórmão sómente hum, semelhante a hum osso triangular; para nos explicarmos, dividiremos este osso em parte superior, e inferior.

A superior he mais larga que a inferior, e fórma duas faces, huma externa, e outra interna.

A face externa se compõe de tres faces, huma interna, outra menos interna, e outra superior. Na mais inferior se fórma a face maior deste osso. Nas suas extremidades se unem os ligamentos chamados *Suspensorios*, e junto a elles se prendem os ligamentos capsulares interiores, os quaes dão a esta cavidade huma fórma quasi femicircular. Sobre esta mesma face se conduz huma grande collecção de vasos sanguíneos, que nutrem o perioftio.

A face interna fórma tres lados, hum interior, que faz frente ao abdomen; outro interno, que faz frente ao intestino recto, e outro lateral.

A parte inferior deste osso he plana, e tem duas faces, e cada huma dellas tem huma face externa, e huma interna, algum tanto em covas, as quaes fórmão tres extremidades, huma posterior, e duas lateraes.

As extremidades do corpo do Cavallo são quatro; a saber: as duas espadas anteriores, e as duas ancas posteriores.

As espadas fórmão-se de diversos ossos; a saber: a *Palheta* N. 26., o *Osso do braço* N. 50., o *Codilho* N. 49., a *Cana do braço* N. 33., a *Canela* N. 35., a *Quartela* N. 37., o *Osso coronario* N. 38., o *Petipe*, ou da *Palma* N. 39., e a *Naveta*, &c.

A *Palheta*, e *Omoplato* da espada alcança do N. 26. até ao N. 27. está situada na parte lateral do Thorax junto á sexta, e sétima costela, cuja palheta na parte superior he de huma figura quasi triangular.

Tem a palheta duas faces, huma externa, outra interna: a externa he nos
pla-

planos dos lados concava , e junto á espinha convexa ; mas a face interna he em toda concava. A palheta se compõe de tres extremidades , huma superior alguma coufa porosa , em que principia a espinha junto de huma cartilagem , que cêrca a sua extremidade N. 26.

A extremidade inferior da palheta he alguma coufa pungente , e de huma figura oval , em que na parte baixa ha huma concavidade para se articular a cabeça superior do Omoplato N. 27.

Este Omoplato articula-se na parte inferior com a cabeça superior do osso do braço , e fórmão estes ossos debaixo do N. 27. hum movimento encontrado , como o de huma tífoura , de sorte que ao tempo que a ponta da palheta N. 27. se move para diante para fazer levantar o braço , a ponta superior da palheta N. 26. se move para trás ; por consequencia quando baixa o braço , avança-se a ponta da espadua N. 26. , e atraza-se a ponta N. 27.

O osso do braço he situado no lado do Thorax N. 50. : elle desce em linha obliqua do N. 27. até ao N. 32. : a parte superior tem huma eminencia alguma coufa redonda , chamada testa do osso do braço , que se articula no Omoplato , em que se prendem os ligamentos cafulares , nella ha tres cavidades , e tres eminencias interiores , que fórmão duas passagens para os tendões da espadua , que se prendem nas faces do osso junto ás suas cavidades , e tambem junto ás referidas cavidades tem algumas glandulas mucilaginosas.

Na parte menor deste osso ha tres faces , huma interna , huma anterior , e huma posterior. Na parte lateral externa tem huma eminencia , em que se prendem alguns ligamentos da espadua , e na parte baixa he esta eminencia menor que as extremidades altas do osso. Na face externa , e interna ha duas cavidades para a distribuição das veias. A extremidade inferior do osso do braço he terminada por quatro eminencias , que servem á articulação do codilho N. 49. A posterior fórma huma grande cavidade , em que se articula o cubito , e outra interior , em que se prendem os musculos do braço ; e nas duas faces lateraes se atão , e prendem os ligamentos , tambem chamados lateraes.

A cana do braço N. 33. compõe-se da cana , ou radio , e do cubito , ou codilho : o radio , ou cana do braço he longa ; e as suas extremidades superiores , e inferiores são desiguaes em grossura. A parte superior tem duas eminencias , huma externa pela parte lateral , e outra interna. A parte anterior deste osso he dura , e tem huma face redonda , e na parte posterior duas bordas , huma interna , e outra externa. Na parte inferior anteriormente ha quatro eminencias , duas são mais avultadas nas partes lateraes , e fórmão todas quatro tres cavidades , oroadas de cartilagens , que fazem a eminencia do meio mais consideravel ; e tanto da parte superior , como da inferior se prendem os ligamentos a todas ellas.

O cubito , ou codilho está situado na parte posterior do radio N. 49. , e elle fórma hum canal , que o divide em parte superior , e inferior : a superior he mais larga , e a inferior mais pungente. A cabeça superiormente he acompanhada de cartilagens , que enchem a cavidade superior para se unir atrás da junta N. 32. no lugar do N. 49. Entre as eminencias da cana , e canela está situada huma cavida-

de, que serve posteriormente como de conducto aos principios dos musculos , que revestem o braço.

O joelho do Cavallo N. 34. se compõe de sete ossos em duas divisões , tres em cada huma , e hum pela parte do N. 45. Os ossos da divisão superior são o *Irregular*, o *Triangular*, e o *Semilunar*. Os ossos da divisão inferior são *Pequeno uniforme*, o *Grande uniforme*, e o *Tapizado*; e finalmente o fetimo se chama *Curvo*, ou *Corco*, ao qual se unem os ossos de toda a articulação de huma , e outra divisão do joelho. O osso irregular fórma cinco cavidades cartilaginofas, huma superior para se unir ás eminencias do radio, ou cana do braço; outra inferior para se unir ao primeiro osso da segunda divisão; outra na parte lateral externa para se unir á articulação do curvo, e duas nas partes lateraes internas para ligarem os dous ossos da primeira divisão.

O osso triangular representa cinco faces, huma superior, tres lateraes, e huma inferior. O osso femilunar tem quatro faces, huma superior, huma inferior, e duas lateraes. O pequeno uniforme he, como dissemos, o primeiro osso da segunda divisão: tem cinco faces, huma superior convexa, huma anterior convexa, huma inferior em parte plana, huma exterior, e huma interna: estas duas ultimas ambas são chanfradas.

Junto a este está o grande uniforme: elle tem cinco faces, huma externa convexa, huma interna concava, que tem huma extremidade redonda, em que se prende o ligamento cafular commum, e duas faces cartilaginofas para se articular com o radio, ou cana do braço, e com o osso irregular da divisão superior. O curvo he o fetimo osso desta junta, está situado atrás da junta N. 34., como se mostra pelo N. 45.: nelle se ata o ligamento cafular commum, e elle tem duas faces cartilaginofas para se articular de huma parte com o radio, e da outra com o osso irregular.

Os ossos da canela são tres, hum, que serve de sustentaculo, chamado *Canela*, a sua figura he hum pouco cylindrica, e de hum, e outro lado tem dous ossos pungentes na parte superior, junto ao fim do osso curvo pouco abaixo do N. 45., que chegam quasi á parte inferior, ou ao pé da junta N. 43. Nos Cavallos velhos estes ossos pungentes se ossificão á canela de maneira que parecem hum só.

A quartela tem hum osso quasi triangular, que fórma huma cavidade na parte interior N. 48. para a passagem do tendão principal, e tem huma face posterior convexa N. 37., na borda da qual articulação se atão muitas partes tendinofas, que se articulão pela parte superior com o osso da canela.

O osso coronario he de huma figura quasi quadrada, está situado entre a coxa do casco N. 38., e o osso da quartela: elle tem seis faces, huma superior, huma inferior, huma anterior, huma posterior, e duas lateraes.

Na parte superior tem este osso duas faces cartilaginofas, e na parte inferior duas eminencias tambem cartilaginofas, que fórmão o seu entalhe: este osso he hum pouco concavo posteriormente, e fórma no referido entalhe duas bordas desiguaes: na face anterior he hum pouco convexo, e desigual, e da mesma sorte nas partes lateraes, e na parte inferior. Elle superiormente se articula com o osso da quartela N. 37., e inferiormente com o osso da palma N. 41.

O osso da palma está situado junto á parte inferior do osso coronario : a sua figura he semelhante ao coronario, e na parte superior fórma tres faces na sua circumferencia, huma anterior convexa, e huma inferior concava, e a posterior desigual, e oval. Na parte superior he polido, e tem tres eminencias, huma na parte anterior, em que se prende o tendão extensorio, e duas nas partes lateraes, em que alguns ligamentos ligão este osso ao coronario : elle entre as suas eminencias tem duas chanfraduras, que dão passagem a alguns vasos fanguineos.

Na parte inferior concava se prende o tendão flexorio, que articula o coronario, e o osso da palma, detrás da qual junta, ou articulação está hum osso menor, chamado osso da naveta : dão-lhe este nome, porque se parece no seu feitio com este instrumento: fortalece elle a junta, que ha entre o coronario: he pequeno, e tem duas faces lisas, e polidas na parte superior, e nas suas bordas se atão fortemente os ligamentos, extensorio, e flexorio para fortalecer a junta do coronario, e da palma.

Das extremidades posteriores.

AS pernas cada huma se compõe de dez partes ; a saber : Femur N. 70., Soldra N. 73., Tibia N. 72., Jarrete N. 74., Curvilhão N. 83., Canela da perna N. 81., Travadouro do jarrete N. 76., Coroa do casco do pé N. 79., Osso do pé, e Naveta N. 78. Adverte-se que estes dous ultimos nomes vão debaixo de hum só numero, porque com ambos se nomeia a mesma junta.

O osso do femur he o maior, e mais grosso do corpo do Cavallo, divide-se elle em corpo, e extremidades, o seu corpo he lizo, e desigual: nelle posteriormente ha huma crista, que parte da extremidade superior até á inferior, e por isso fórma duas faces, huma da parte posterior, e outra da parte lateral externa ; e na parte posterior tem huma cavidade, que dá passagem a huma arteria, a huma veia, e a hum nervo.

Na parte superior deste osso ha quatro eminencias, e outras tantas cavidades. As eminencias são consideraveis, e a principal he a chamada *Testa do Femur*, que se inclina hum pouco para as tres, a fim de se articular na cavidade da face inferior do sacro : as tres são situadas interiormente, como inclinadas huma após das outras, huma he superior, a outra menor, e a ultima alguma coufa ainda mais pequena. Na primeira se prende o ligamento rod, o qual he curto, grosso, e composto de milhares de fibras unidas, e por isso fortissimo ; e entre as tres ha tres chanfraduras formadas para a articulação da referida testa do Femur.

Na parte inferior da primeira articulação N. 72. ha no Femur semelhantes eminencias, e semelhantes cavidades, que se articulão na junta da Soldra N. 73., e na parte superior da Tibia, em que se prendem os ligamentos lateraes, se bem que todas são alguma coufa menores que as superiores.

Na Soldra N. 73. ha hum osso, que tem duas faces, huma interior convexa, e desigual, e huma posterior em parte liza, que fórma quatro angulos, hum superior, hum externo, hum interno, e outro inferior: o inferior he obtuso, e nelle ha huma crista transversal, em que prendem alguns ligamentos desta junta.

O osso da Tibia he de huma figura prismal, elle fórma tres faces, huma externa, outra interna, e huma posterior: tem mais huma crista anterior, huma interna, e outra externa. Na parte superior deste osso ha cinco eminencias, duas na parte anterior, duas na posterior, e huma externa N. 72.: nesta prendem os ligamentos da Soldra: ellas são separadas por huma cavidade, que dá passagem aos referidos ligamentos para se irem prender por partes tendinosas das cabeças posteriores até ao esporão. Ha entre estas eminencias duas chanfraduras pela parte externa: huma dá passagem ao tendão; e a outra ás veias arteriaes.

O corpo deste osso do primeiro N. 72. até junto ao N. 83. he lizo, e polido nas faces externas; e nas internas tem hum buraco por onde passa huma arteria, huma veia, e hum nervo.

A parte inferior deste osso vem a finalizar quasi quadrada, e por consequencia tem huma face anterior, huma posterior, huma interna, e outra externa; e tem duas eminencias lateraes, e huma posterior, que se articulão com o osso da polé, ou do jarrete, e fórmao duas cavidades cartilaginofas separadas por huma crista, que ajuda a referida articulação.

O osso do jarrete está situado atrás da articulação do curvilhão: he de huma figura longa, e á semelhança da boca de hum jarro, tem huma face lateral externa, huma posterior, e huma interna: a ponta superior N. 74. he desigual, e dá passagem ao tendão principal. A face interna deste osso he concava, e marca quatro faces cartilaginofas, para se articular com o osso da polé na parte lateral; e na externa tem huma chanfradura para a referida articulação; e na parte inferior he este osso cartilaginoso para se articular com os de toda a junta.

Os ossos da junta do curvilhão N. 83. montão ao numero de sete; a saber: Jarrete, Polé, Roda superior, Roda inferior, a Fórma, o Articular, e o Entre osso: as suas juntas são unidas por oppostas eminencias, cavidades, chanfraduras, e cartilagens, todas necessarias para se formar o movimento desta junta do curvilhão.

Ao curvilhão segue-se a canela N. 81. A sua figura he alguma coufa cylindrica, e vai em declinação para a parte posterior: o seu corpo he pouco poroso, e lizo, a extremidade superior he maior, a inferior menor: entre as duas faces da parte posterior tem hum aqueducto, que dá passagem a huma arteria, a huma veia, e a hum nervo.

A extremidade superior he cartilaginosa, e cavada pelos lados: desta cavidade passão algumas veias, que ramificação a canela. Na parte posterior tem quatro eminencias cartilaginofas, debaixo das quaes se une a canela aos esporões, ou estes á sua face; e pouco abaixo do N. 85. ha duas chanfraduras, huma por hum, e outra pelo outro lado da canela, pelas quaes passão veias de todo o genero.

A extremidade inferior he cartilaginosa, e semelhante á superior: tem nos lados duas grossuras, em que se prendem os ligamentos lateraes. No machinho do jarrete N. 86. ha dous ossos atrás do osso da canela, chamados *Satelêtes*, que fortificação a junta. Na frente da junta inferior da canela ha duas pequenas eminencias N. 77., que se articulão com o osso da quartela.

O osso da quartela tem na parte superior cavidades, e eminencias, que se engradão nas eminencias, e cavidades da extremidade inferior da canela.

O osso coronario do pé he quasi quadrado, he forte, pouco poroso, e nas extremidades lizo: elle se articula com o osso da quartela, e com o osso do pé.

O osso do pé, e a naveta são semelhantes ao osso da palma: articuláo-se com o osso coronario, bem assim como se articuláo semelhantes ossos; que já diffemos ha dentro no casco da mão. Advertindo que não supponmos os esporões do Femur, e pungentes das canas, tibias, e canelas divididos, porque em tal caso seriamos obrigados a reduzir os ossos minimos a numero, muitos dos quaes em alguns Cavallos são imperceptiveis, posto que os busquem nos seus proprios lugares.

Numero dos ossos do corpo do Cavallo.

Ossos da cabeça	- - - -	25.	Ossos das pernas	- - - - -	16.
Ossos da espinha	- - - -	47.	Ossos dos joelhos	- - - - -	14.
Ossos de costelas	- - - - -	36.	Ossos de curvilhões	- - - - -	14.
Ossos do bacim	- - - - -	6.	Satelêtes dos travadouros da mão	-	4.
Ossos das mãos	- - - - -	16.	Satelêtes dos travadouros dos pés	-	4.
					<u>182.</u>

Das Cartilagens em geral.

AS Cartilagens são huns corpos brancos, elasticos, menos duros que os ossos, e algumas hum pouco mais duras que todas as outras partes do corpo do Cavallo, á excepção dos ossos: ellas são alguma coufa transparentes, ou diafanas, situadas em differentes extremidades dos ossos, e em diversas articulações, ou juntas. Ha duas fortes de Cartilagens da primeira ordem, humas articulares, e outras, que se produzem fóra das articulações.

A primeira forte de Cartilagens está unida ás extremidades dos ossos longos, em que ha engradação: estas Cartilagens são lizas, polidas, e bem unidas ao osso, e não são compostas de huma só parte: ellas se distinguem tambem nos buracos, pelos quaes em algumas partes se conduzem alguns vasos fanguineos, e muitos se movem sobre Cartilagens, que lhes são contiguas.

A segunda forte de Cartilagens observa-se sobre alguns corpos dos ossos, para unir, e formar corpo a algumas partes delicadas, como são os ouvidos, orelhas, focos, &c. Ha outras Cartilagens, que servem para ajudar a conduzir os fluidos já da Laringe, e Trachea, já das partes internas das ventas, e outras partes delicadas: ordinariamente ellas são unidas aos ossos por ligamentos, ou fibras, que ligão as juntas.

Ha tambem huma grande multidão de Cartilagens nos vasos fanguineos, que differem humas de outras na sua figura, e prestimo. Ha outra especie de Cartilagens, que participão dos ligamentos, como são as de entre as articulações do Femur para a Tibia, a Cartilagem ligamentosa, intermediaria da queixadá inferior, e as das extremidades de alguns tendões, que são em parte cartilaginofos.

As Cartilagens do osso externo unem por cada lado seis ternilhas, que prendem as costelas: estas Cartilagens cercão em torno o osso externo da parte anterior N. 28. até á posterior do segundo N. 31.

A palheta da espadua na borda superior N. 26. tem huma Cartilagem larga, e forte que a rodeia: he, como o osso, convexa exteriormente, e concava interiormente, como já ponderámos: na parte superior tem alguns pequenos póros, que servem de passagem a alguns vasos fanguineos. Exteriormente he ligada a Cartilagem da palheta por hum ligamento forte, que nasce da espinha da palheta, e abraça em torno a Cartilagem, que se une ao periofte da palheta. A face interna he mais tenue, e une-se ao osso por fibras ligamentosas, que partem dos angulos da palheta para lhe ajudar a fazer as suas funções.

As juntas das quartelas nas coroas dos calcos das mãos, e pés são revestidas de huma Cartilagem que as endireita, e une pela parte superior, e inferior. He o travadouro N. 48., e as juntas N. 43., e N. 38. compostas de diferentes partes unidas por pequenas fibras ligamentosas, que por alguns póros se introduzem no osso da quartela, no osso coronario, no osso da palma, naveta, fuaco, e tapa, &c. advertindo que as Cartilagens, tanto das mãos, como dos pés, estão prezas aos ossos exteriormente por fibras, que procedem das eminencias dos ossos, seião da quartela da mão N. 37., ou da quartela do pé N. 76.

Dos Ligamentos em geral.

OS Ligamentos são porções de fibras muito duras, e fortes, flexiveis, e elasticos. Huns são longos, e redondos, exteriormente unidos em roda das articulações, e outros são á maneira de cordões, e tambem alguns são chatos: o pref-timo de todos os ligamentos he conter algumas partes moles, e prender as partes duras humas ás outras.

Ha duas fortes de ligamentos: huns são compostos de fibras parallelas formadas como de pequenas partes separadas, destinados a prender os ossos, e partes moles para elles fazerem diversos movimentos, e funções: outros mucilaginosos, como os tendões nas extremidades, &c.

Para as ligaduras dos ossos ha diferentes especies de ligamentos; a saber: ligamentos lateraes, e ligamentos cafulares: advertindo que se chama ligamento cafular aquelle, que une outros a si. Ha ligamentos contrapostos, ligamentos transversaes, e ligamentos suspensorios: a maior parte destes ligamentos se prendem em ossos sólidos para os fazer móveis, bem assim como a Tibia N. 72., e a Soldra N. 73., a Quartela N. 77., e o Coronario N. 79., a Queixada superior N. 18., e a inferior N. 20., a articulação superior do curvilhão N. 83., e a inferior N. 82., &c.

Destes ligamentos huns são communs, e outros proprios. Os communs são: o ligamento vertebral superior, o ligamento vertebral inferior, o ligamento commum do osso externo, e os ligamentos das articulações dos joelhos, e dos jarretes, &c. Os ligamentos proprios são o cafular dos Omoplatos N. 26. até ao Femur N. 70. Os ligamentos das partes moles tem diferentes fórmãs, e huns são

com-

communis , outros particulares : ha outros longitudinaes , outros rectos , e outros transverfacs.

Os ligamentos na fua côr são huns amarellados , e outros brancos. Os primeiros vão prender nos musculos da parte baixa do ventre N. 57. , e nas frentes das pontas dos Omoplatos N. 27.: e os ligamentos, que prendem os offos , tam-bem são desta natureza , e os brancos fórmão quasi todas as prizões das partes moles , &c.

A queixada inferior he unida á superior nas eminencias N. 20. junto ao offo das faleiras atrás das temporaes por dous ligamentos, hum posterior , e hum cafular : o posterior prende atrás da eminencia Zigomatica , e vai-fe terminar atrás da eminencia da articulação.

O cafular prende nas bordas cartilaginofas de hum , e outro offo , e as fua prizões são em parte cartilaginofas , e em parte ligamentofas , e elles tem huma fórma quasi redonda, e ovada, que dá á queixada a facilidade de mastigar.

Os dous ramos dos offos da base da lingua communicão-fe com os offos temporaes por huns ligamentos lateraes femelhantes aos ligamentos cafulares , que fazem concorrer diversos a hum mefmo fim.

A cabeça na parte local N. 6. he unida á primeira vertebra do peſçoço N. 19. por hum ligamento cafular, e outro longitudinal, que fe conduzem pelo N. 21. O cafular prende na eminencia da articulação do Occipital , e na borda superior da primeira vertebra do peſçoço. O longitudinal prende na parte inferior do Occipital entre as duas eminencias da fua articulação, e na primeira vertebra do peſçoço.

As vertebbras são ligadas por ligamentos communis , e particulares. Os communis são os ligamentos vertebral superior externo , e o ligamento vertebral inferior interno : o externo principia da eminencia do Occipital até ao fim da eſpinha : elle da ſegunda vertebra cervical vai unindo a fi muitas fibras com que fe engroſſa , de forte que da quinta vertebra para diante por hum , e outro lado das cervicaes vai cada vez mais forte , e largo , até fe unir , e prender na primeira vertebra do Thorax N. 53. , e fe continúa por hum , e outro lado da eſpinha , diminuindo em groſſura , e largura , até fenecer na ponta da cauda N. 68. , como já fica notado, em huma eſpiral.

O ligamento vertebral interno liga, e une as vertebbras do eſpinhaço, e lombos: elle he de huma constituição alguma coufa differente do vertebral externo , e participa da natureza dos ligamentos articulares, para extender, e ter direito o corpo das vertebbras até ao offo ſacro.

Dos Ligamentos das Vertebbras em particular.

A Primeira vertebra do peſçoço he unida do Occipital á ſegunda por quatro ligamentos; a ſaber: hum cafular, dous longitudinaes, hum inferior, outro superior, e hum transverfal.

O ligamento cafular vai-fe atando ás bordas das articulações de todas as vertebbras. O longitudinal superior vai-fe prendendo por cima do ligamento lateral , e

cafular, na parte superior das eminencias das referidas vertebrae pela parte superior N. 21. O longitudinal inferior vai prender ás vertebrae pela parte inferior N. 23.

A terceira vertebra está ligada á primeira, e segunda por tres ligamentos; a saber: dous cafulares, que se prendem nas circumferencias das eminencias obliquas, e hum que de entre ambos se prende no corpo das vertebrae com huma porção de fibras circulares, que se distribuem pelo corpo das vertebrae do pescoço para ellas andarem collocadas em boa ordem.

As vertebrae do Thorax, espinhaço, e lombo são continuadamente prezas por ligamentos cafulares, que as vão prendendo nas eminencias obliquas, e por ligamentos intermediarios, que vão unindo os seus corpos em todos os seus lados. A' ultima vertebra lumbal, que está unida pelos referidos ligamentos longitudinaes ao osso sacro. Os ossos da cova são juntos por ligamentos intermediarios, &c.

As costelas já diffemos se dividem em verdadeiras, e falsas: as verdadeiras são pela parte superior unidas ás vertebrae do Thorax N. 53., e da inferior ao osso externo. As falsas são aquellas, que se unem ás vertebrae do espinhaço, e ás ternilhas do ventre N. 55.

As verdadeiras são na parte superior unidas, além dos ligamentos longitudinaes, por dous ligamentos lateraes, e pela parte inferior se unem ao osso externo por dous ligamentos lateraes, que prendem nas eminencias transversaes do Thorax na face cartilaginosa que ha em cada eminencia transversal de cada vertebra; e descendo junto a cada costela, vão prender na parte baixa juntos por huma membrana cafular, que os une ás ternilhas do osso externo, e por hum ligamento particular de cada costela, que prende immediatamente o cafular no osso externo.

O Bacim está junto ao osso sacro, e á face interna do osso Ilion por dous grandes ligamentos extramediaes, os quaes são em parte cartilagosos. O osso Pubis he contraposto ao Sacro na parte baixa entre o Ilion, em que participa dos ligamentos do Sacro, e Ilion.

Dos Ligamentos da palheta da espadua, e do osso do braço.

A Palheta da espadua na parte superior N. 26. está unida ao Thorax por ligamentos proprios, e da mesma forte o osso do braço. A espadua está junta inferiormente ao Omoplato N. 27., e ao osso do braço N. 50. por hum ligamento cafular, que prende simplesmente na borda exterior da cavidade glinoides, e da parte superior N. 25. aos ligamentos longitudinaes, e entrecostaes. As suas fibras são grossas, e obliquas desde o N. 26. para o N. 27. O ligamento cafular he forte, redondo interior, e posteriormente, conduzido de fibras reunidas, que fórmão dous cordões, que vão por hum, e outro lado da espinha da palheta sendo mais largos, e partem ambos do N. 25. até ao N. 27., &c.

O osso do braço he unido ao radio, ou cubito por tres ligamentos; a saber: hum cafular, hum lateral externo, e hum lateral interno. O ligamento cafular une a si tres ligamentos fortes, entre os quaes se descobre huma grande quantidade de glandulas, e na parte anterior do osso ha huma eminencia, em que se prende hu-

ma membrana larga , que passa sobre a articulação , e ella pela parte anterior se vai prender , e terminar nas bordas , e cartilagem da cana , ou radio , e posteriormente se ata da cana do braço ao codilho em huma borda cartilaginosa , que se vai terminar no cubito ; e nesta parte he o ligamento menor que na anterior.

O ligamento lateral externo he á maneira de hum cordão redondo , e forte , que se ata de huma parte na face do osso do braço , e do codilho , e assim forte se divide em duas partes , a mais curta passa sobre o cafular , e a outra junto ao cafular , e vão prender na cana N. 33. , e no cubito N. 49.

Dos Ligamentos do joelho.

OS ligamentos dos joelhos huns são communs , e outros proprios. Os communs são seis : o primeiro he cafular , o segundo , o terceiro , o quarto , e o quinto são obliquos , e o sexto he direito.

O ligamento cafular passa pela parte inferior N. 45. , e vai ramificar as juntas dos ossos dos joelhos N. 34. , de maneira que se confunde com os ligamentos lateraes , com quem se vai terminar , e prender na parte superior do osso da canela. Este ligamento cafular he sensível na parte interior do joelho N. 45. , e em que ha huma multidão consideravel de fibras transverfaes , que prendem as fibras rectas. A membrana interna dos ligamentos do joelho he liza , e fórma huma prizão , em que se separa para se atar , ou prender aos diferentes ossos do joelho. Na parte posterior do ligamento cafular ha hum composto de diferentes fibras ligamentosas , que fortificação os tres tendões , e ossos do joelho , de forte que será difficiltofo distinguillas dos ligamentos particulares.

Os ligamentos obliquos são quatro , dous internos , e dous externos. O primeiro dos internos está prezo na parte interior da canela , e passa com os mais ligamentos , com quem se confunde até ao lateral direito.

O segundo está prezo na parte lateral da cana , e da canela , alguma coufa posteriormente , passa por cima do primeiro , e vai-se terminar na parte lateral hum pouco adiante no osso da canela.

Os ligamentos obliquos externos só differem dos internos em não se dividirem como elles , antes partem da parte inferior da cana N. 33. , e vão-se terminar na parte superior lateral externa da canela N. 35. , havendo-se ligado por muitas fibras com os ossos da junta do joelho.

São os ossos da junta do joelho tenues , e por isso o Supremo Authior da natureza determinou que fossem bem ligados , não só pelos ligamentos , de que já fizemos menção , mas por mais quatro ligamentos transverfaes , e quatro lateraes , que todos ligão a junta á cana , e á canela , como os já referidos. O osso irregular lateralmente está prezo a hum ligamento forte , que se ata na parte inferior da cana. Este osso irregular tambem se prende por hum ligamento transversal na parte lateral do osso triangular.

O osso triangular por outro semelhante ligamento se prende á parte lateral do osso femilunar , e todos estes se unem por huma grande porção de fibras liga-

mentofas , que sahem do segundo ligamento obliquo lateral interno para o prender bem sobre o femilunar.

O grande uniforme he junto superiormente ao osso irregular , e o alcança da borda superior á inferior por hum successiva porção de fibras ligamentofas , participadas dos ligamentos obliquos lateraes externos , e internamente está ligado ao tapizado por hum ligamento transverfal. O tapizado está unido ao pequeno uniforme por hum ligamento transverfal , e muitas fibras participadas dos ligamentos do grande uniforme.

O corco , ou curvo N. 45. está exteriormente junto ao irregular por muitas fibras ligamentofas , e por hum forte ligamento , que se estende pelas extremidades deste osso até á parte superior do osso da quartela junto ao N. 43.

Os ossos minimos estão situados entre os ligamentos obliquos para divisão das fibras ligamentofas transverfaes , que ligão os ossos do joelho á cana , e á canela , formando delles , por assim dizer , quasi hum mesmo osso , que engradado por este modo , fórma de todas estas partes a junta N. 34.

O osso da canela N. 35. está junto ao osso da quartela N. 37. por dous ligamentos lateraes , e hum ligamento cafular. Os lateraes estão prezos na parte inferior do osso da canela junto ao machinho da quartela N. 43. O cafular he sensivel por toda a cana , e canela N. 44. até á articulação da quartela : elle se liga transverfalmente com toda a junta N. 36., e fortalece as suas partes cartilaginofas , &c.

Os ossos minimos da junta da quartela estão situados entre dous ligamentos fortes chamados longitudinaes , que passão pelos lados posteriores do osso da quartela , e prendem na parte superior do osso coronario.

O osso coronario não só está ligado pelos ligamentos , de que havemos tratado , mas por mais dous lateraes , e por hum cafular , que pela parte superior se unem ao tendão extensorio da mão , e da outra á quartela , ao coronario , á naveta , e ao osso da palma. A parte inferior do coronario está junta ao osso da palma por dous ligamentos lateraes , e hum cafular.

O osso da noz , ou naveta está ligado ao osso da palma por dous ligamentos fortes , e largos , que se prendem pela parte superior ao tendão flexorio da mão ; e as outras vão-se prender nas bordas superiores da naveta , e pela parte inferior nas suas muitas extremidades cartilaginofas , &c. e todas estas ligaduras , juntas , e articulações , de que havemos tratado , contribuem para os diversos movimentos das mãos.

Os ligamentos , que unem o Femur ao Bacim , são dous : hum suspenfario , e hum cafular : o suspenfario vai prender na cavidade da coxa na parte inferior do Bacim , em que faz huma pequena separação junto a huma chanfradura , e concavidade , que ha nesta parte , donde se vai prender na testa do Femur : este ligamento he largo , e ajuda o movimento da elevação.

O ligamento cafular prende-se em torno da borda da cavidade da coxa a hum ligamento transverfal , que se fórma nesta cavidade , e depois se vai terminar com huma forte prizão na testa do Femur : o prestimo deste ligamento he segurar o osso grande dentro na articulação.

O ligamento transverfal prende-se na parte interior interna da cavidade grande do osso Pubis , e Ilion , e se vai terminar na parte posterior da sua cavidade , havendo abraçado os ligamentos da articulação do Femur , e Bacim.

A articulação do Femur com a Tibia se faz por dous ligamentos lateraes , e por hum posterior , e hum cafular: os lateraes são , hum interno , e hum externo , que se vão prender , e terminar na face interna da Tibia defronte do N. 71. Em dous ligamentos cruzados defcança a cabeça interna do Femur , os quaes estão presos a huma chanfradura profunda , que ha atrás do referido osso do Femur , na qual joga a eminencia da articulação , e estes dous ligamentos são extremados por huma cartilagem , que se articula na cabeça do Femur.

O ligamento cafular com huma porção de fibras ligamentofas fortes , prende na parte posterior do Femur , e nas suas eminencias internas , e da borda da sua articulação se vai terminar nas partes cartilaginofas da Soldra N. 73.

O ligamento da rodela da Soldra prende a referida rodela sobre a junta N. 73. para defensão da junta , e dos tendões , e principios de alguns musculos delicados da coxa da perna , e elle da eminencia do Femur vai prender por diante da rodela na Tibia.

O ligamento commum prende na parte lateral interna , e da rodela da Tibia abraça algumas fibras , e muito principalmente as do ligamento transverfal , com as quaes se vai prender na eminencia da Tibia. O prestimo dos ligamentos proprios , e communs todos sabem se dirige a resistir á violenta contracção dos musculos internos , e externos.

O curvilhão tem ligamentos communs , e ligamentos proprios. Os ligamentos communs são quatro , dous lateraes , hum cafular , e hum posterior. Os ligamentos lateraes são hum externo , e outro interno : o externo vai junto ao osso da Tibia prender no jarrete N. 74. , e ao osso da canela na cavidade externa N. 85. O ligamento interno he mais curto , que o externo , e prende-se na parte inferior da Tibia N. 83. , donde passão muitas fibras , que se vão prender na cabeça superior interna do osso da canela.

O ligamento cafular dividido em duas partes fortalece interiormente a articulação do curvilhão , cujo ligamento desce das extremidades cartilaginofas da Tibia até ao osso da canela ; e junto ao N. 83. se une aos ligamentos lateraes , que vão prender no osso do jarrete. O ligamento posterior por muitas fibras prende os ossos da junta , e vai-se prender no principio da canela pouco abaixo do N. 85.

Os ligamentos da quartela , e do pé são da mesma qualidade , e natureza : elles ligão a quartela á canela , e ao coronario em roda da articulação , deixando somente passagem aos tendões , veias , e nervos , que ao diante diremos se conduzem até dentro do casco.

Dos Musculos em geral.

OS musculos são huns órgãos fibrosos , que communicão ao animal a faculdade de se mover , e por isso destinados a varios usos. Elles dão ajuda ao sangue para a continuação do seu impulso , movimento , e circulação , favorecem a digestão dos alimentos , e facultão a entrada do ar pela Trachea aos Bronquios , e mais órgãos da respiração. Elles permittem os movimentos voluntarios , os involuntarios , e os mistos , de que depende o animal , quando os seus órgãos são na disposição de movimento , seja univerval , ou particular.

Da Estructura dos Musculos.

OS Musculos se compõem de hum grande numero de fibras transverfaes , diversamente unidas ; ou para melhor dizer , cada Musculo são muitas fibras delgadas , brancas , e polidas , reunidas em torno para formar huma extremidade , a que chamão Tendão , ou dilatação membranosa. A dureza do tendão mostra ser elle huma collecção de fibras musculofas. Os Musculos , que não se prendem aos ossos , são as tunicas musculares , os dos verterres , e os das veias. Os Musculos , que se atão nos buracos , e póros das articulações , acabão em tendões longos junto ás extremidades móveis , as suas fibras são ligadas por collecções membranofas , que admittem hum succo fluido de natureza oleoso , cujas fibras ligão , e grafão por todos os Musculos do corpo.

Nos Musculos ha huma quantidade prodigiosa de nervos , arterias , veias , e vasos linfaticos , de que percebem o succo , e substancia. As fibras nervias fazem a organização perfeita , e dellas resulta o equilibrio de todas as partes do corpo.

Logo que o Cavallo vai formar qualquer movimento , os seus Musculos se comprimem , e fórmão huma elasticidade , que se lhes communica do principio vital , e força da contracção : finalmente , para o Cavallo andar , depende do equilibrio , e da união dos Musculos.

Dos Musculos proximos á pelle.

OS Musculos mais proximos á cutis são quatro ; a saber : hum , que cobre as costelas , e o baixo ventre ; outro , que cerca o peçoço com parte da espadua , e desce pelo braço até á canela ; outro , que se estende do principio do Thorax pela espinha , e polpas do Femur até ao curvilhão : e o quarto finalmente que cobre as faces até á testa.

A cavidade do baixo ventre he formada superiormente pelas vertebraes lombaes : anteriormente pelo diafragma , e pelas ultimas costelas do Thorax : posteriormente pelo osso do Bacim : inferiormente pelos Musculos da pelle. Tem o baixo ventre cinco Musculos de cada lado : o grande obliquo , o obliquo descendente , o

pe-

pequeno obliquo , e o obliquo ascendente , a quem se unem tres Musculos direitos, e tres transverfos dos lombos.

Dos Musculos da cabeça, do pescoço, e dos lombos.

OS principaes Musculos da cabeça são o da face N. 17., o das ventas N. 10., o dos lados das espinhas das ventas N. 11., o dos olhaes N. 4., e os das orelhas N. 6.: além destes ha na cabeça dos Cavallos outros menores. A queixada inferior tem dous Musculos, que fórmão parte da face, os quaes tem principio do N. 20., passão carnosos pelo N. 17., adelgação junto ao N. 18., e vão formar a barbada do N. 14. até ao N. 13. Ha na queixada inferior alguns Musculos menores, que unidos aos de que fazemos menção, todos revestem a referida queixada.

A lingua he hum Musculo composto de muitas fibras, e da mesma forte o paladar, ou paladar, como dizemos em outra parte. Na testa ha oito Musculos, cinco extensorios, e tres flexorios.

O pescoço tem vinte e sete Musculos; a saber: doze extensorios, sete flexorios, e oito lateraes.

As vertebrae do espinhaço são unidas tambem por tres Musculos, que as prendem por hum, e outro lado: o primeiro chama-se *Entrecoostal*, ou *Dorsal*, e os dous chamão-se *Espinhaes*.

O Musculo *Dorsal* he forte, principalmente da segunda costela N. 25. para o Omoplato N. 26.: prende-se na terceira eminencia das vertebrae do Thorax entre o N. 25., e o N. 53.: ata-se, e confunde-se com os Musculos da espadua, primeiro, e segundo chamados *Triangular*, e *Romboide*, e depois fórma huma dilatação membranosa, que se vai prender aos Musculos espinhaes, ao Dentado interior, pela sua parte membranosa, donde algumas das suas fibras vão terminar-se na parte anterior das vertebrae do Thorax.

O prestimo deste Musculo he fazer elevar as costelas, logo que a respiração entra pela Trachea.

Dos Musculos da respiração, da cauda, da verga, e dos testiculos.

OMusculo chamado *Dentado* prende-se aos Musculos espinhaes debaixo do N. 25., e continua-se até á decima vertebra; e por huma grande membrana elle se vai confundir com o Musculo obliquo do baixo ventre.

O seu prestimo he ajudar a abaixar as costelas no movimento da respiração: advertindo que todos estes Musculos se ligão aos Musculos Entre-costaes por muitas fibras.

Os Musculos da cauda, e falsas vertebrae são dez: quatro ajudão a levantar a cauda, quatro a fazem abaixar; e dous lateraes, que tem as referidas vertebrae, as segurão direitas humas sobre outras, e lhes dão movimento para os lados, e por isso elles são mais fortes.

A verga compõe-se de tres Musculos, hum posterior, e dous lateraes, que se atão : o posterior por fibras delicadas ao orificio do intestino recto, e os dous lateraes aos angulos posteriores do osso *Ecbion*. O musculo posterior dá á verga movimento para cima, e os lateraes dão-lhe movimento para os lados.

Os testiculos são sustentados por dous Musculos, que se compõem de hum tendão membranoso do iliaque do Bacim : tem a sua origem na união do Crimafre, ou Musculo suspenfario : he forte, e tem origem na união dos Musculos do baixo ventre, e vai-se terminar na parte inferior dos testiculos N. 59. junto á membrana que os cerca, e embrulha, &c.

O orificio do intestino recto compõe-se de tres Musculos : hum que fecha, hum que abre, e hum que fórma o circulo : este he composto por huma grande collecção de fibras circulares, e algumas longitudinaes.

Dos Musculos da espadua.

OS Musculos da espadua são seis; a saber: o *Triangular*, o *Romboide*, o *Revelante*, o *Trapezio*, o *Dentado*, e o *Peitoral*.

O primeiro he de huma figura triangular : está situado na parte superior da espadua : principia do ligamento cervical na terceira eminencia das vertebrae dorsaes até á terceira eminencia da quarta vertebra. As suas fibras do N. 26. para o N. 27. degenerão em hum tendão, que se termina sobre a espinha do Omoplato. Este Musculo ajuda a levantar a espadua.

O segundo Musculo chamado *Romboide* desce pela frente da espadua, prende nas eminencias da terceira, quarta, e quinta das vertebrae dorsaes, e se termina por dous tendões carnosos na parte interna do Omoplato N. 27. Este Musculo ajuda a avançar a espadua para diante.

O terceiro Musculo chamado *Revelante* he quasi redondo, e de huma figura pyramidal : parte do ligamento cervical, e por fibras tendinosas vai prender nas extremidades interiores, e superiores do Omoplato. Este Musculo serve tambem de levar a espadua para diante, e para os lados, &c.

O quarto Musculo dito *Trapezio* está situado junto á membrana do Musculo da cola entre o N. 21., e o N. 25., e cobre o segundo Musculo na parte superior. De huma parte se prende por algumas porções carnosas á membrana, e tendões do ligamento cervical até á primeira vertebra, e da outra parte está prezo por duas pranchadas de fibras ao Musculo commum, e assim vai prender nas eminencias transversaes das vertebrae cervicaes, e vai-se terminar finalmente por huma larga membrana junto ao tendão espinhal. Este Musculo faz elevar o Omoplato N. 27.

O quinto Musculo dito *Dentado* he largo, e forte, e o mais consideravel da espadua : corre sobre a palheta, e ata-se por dez fibras carnosas ás cinco primeiras vertebrae do Thorax : após isso communica-se na parte baixa com o grande obliquo, e na parte alta com os ligamentos das cinco primeiras costelas, e com os musculos entre-costaes. As referidas dez fibras carnosas tambem se atão ao largo

Den-

Dentado, e por fibras tendinosas ás eminencias das vertebraes cervicaes, e vão terminar-se na borda superior da cavidade do Rhomboide. O prestimo deite tendão he abaixar, e aprumar a palheta sobre o Omoplato, este sobre o osso do braço, e o osso do braço sobre a cana, aprumando huns sobre outros, para ser mais fixo o sustentaculo do braço.

O sexto Musculo, que he o peitoral, he longo, e grosso: está situado na parte anterior da espadua: ata-se na parte anterior lateral externa á borda das cartilagens das tres primeiras costelas, e vai terminar em hum tendão curto na borda superior, e anterior do osso do braço N. 50. O prestimo deste Musculo he ajudar a baixar, e a prumar o Omoplato entre a palheta, e o osso do braço.

*Dos Musculos do Braço, da Canela, da Quartela, dos Machinhos,
e do Osso Coronario.*

O Braço move-se para diante, para cima, para trás, para a direita, e para a esquerda, por effeito de doze Musculos. Os primeiros tres chamão-se *Relevantes*, porque o fazem levantar a espadua; os outros tres chamão-se *Rectos*, porque o fazem aprumar; e os seis, tres de cada lado, servem de fazer mover o braço para a direita, e para a esquerda, e por isso alguns lhe chamão *Flexorios diagonaes*.

Tem mais o braço do N. 27. até ao N. 32. sete Musculos, dous Flexorios, e cinco Extensorios, que se ligão por muitas fibras aos doze já referidos.

No joelho ha tres Musculos, dous Flexorios, e hum Extensorio. Os Flexorios he hum externo, e outro interno.

O externo se prende por muitas fibras tendinosas no osso do braço N. 50., e desce em augmentação de volume pela face externa dos cubitos a formar hum tendão consideravel, que se divide em duas partes, huma das quaes ata na borda superior do corco, ou curvo N. 45., e a outra desce hum pouco mais a prender na cabeça da canela letra A pouco assima do N. 44.

Na canela ha quatro Musculos, hum Extensorio, dous Flexorios, e hum Interior. O Extensorio prende na parte inferior da cana: he forte, passa por cima do Musculo extensorio do joelho, e por hum ligamento tendinoso particular vai prender na parte interior, e superior do osso da canela.

Os Flexorios na parte inferior da cana descem por hum, e outro lado do radio, e por hum tendão forte vão prender ao posterior na parte superior da canela; e o interior rege, e ramifica o joelho até á parte inferior da canela: elle fórma huma pequena dilatação membranosa, que se prende por muitas fibras ao Perioste, e á parte inferior do osso da canela N. 43. O prestimo deste Musculo he ajudar a comprimir as juntas N. 45., e a do N. 43., e N. 42.

Fórma a Quartela N. 36. huma articulação semelhante á do joelho N. 77., e os seus movimentos são produzidos em parte por hum Musculo Extensorio, e hum Flexorio. O Extensorio prende na parte superior lateral da canela, e vai-se terminar na parte interior, e superior do osso da Quartela N. 37. O Flexorio he hum

pou-

pouco mais carnosos: o seu tendão he forte, prende-se na parte superior, e posterior da canela, divide-se em dous fortes tendões, que se prendem na parte superior do osso da Quartela.

O Machinho N. 43. he hum adjunto de vasos linfaticos: compõe-se de dez Musculos, que fazem dous pequenos corpos unidos de huma figura pyramidal, e se atão por dez fibras carnosas na parte lateral interna do tendão Flexorio N. 43., e produzem dous tendões pequenos, que vão prender no osso Coronario N. 38. pela parte interna, e externa.

O osso *Coronario* tem hum Musculo proprio, e hum tendão commum, com que se prende ao osso da palma. Finalmente os Musculos do braço se conhecem pelos seguintes nomes: o *Cubital*, os *Flexorios externos*, os *Flexorios menores*, o *Flexorio interno*, e os *Radiaes*, &c.

Dos Musculos do Femur, e seus adjacentes.

O *Femur* articula-se com o osso do Bacim, donde se move para diante, para trás, para hum, e outro lado com mais, e menos inclinação: produzem-se estes movimentos por effeito de quatorze Musculos, tres Extensorios, dous Flexorios, dous addictos aos Extensorios, dous adjutorios, dous Flexorios, e quatro do gyro. Os Extensorios são o grande Extensorio, o pequeno Extensorio, e o Extensorio menor. O prestimo destes Musculos he baixar as ancas, logo que a perna tem avançado, e da mesma forte apumar os ossos do Femur, e da Tibia huns sobre outros até ao Curvilhão, depois do cavallo haver recuado, avançado, ou ubilicado.

Os Musculos Flexorios são o Grande Flexorio, e o Iliaque. O prestimo destes Musculos he comprimir a curva da perna de cima do Bacim até ao Curvilhão para avançar para diante.

Os Adjutorios se nominão, hum *Pequeno adjutorio*, e outro *Pequeno escarnado*, ou *Nu*. O prestimo destes Musculos he puchar, e comprimir a cocha de hum, e outro lado.

Os Musculos da curva da perna são: hum grande, e hum menor, chamados da *Nadega*. Estes Musculos se prendem no osso Sacro, e vão sempre em diminuição de largura terminar-se por hum tendão forte, que se une ao tendão principal N. 71. O seu prestimo he ajudar a comprimir a curva, e estender a perna.

Ha mais quatro Musculos na curva da Nadega: o primeiro prende-se na circumferencia do Pubis, e na parte posterior, e superior do Femur. O segundo prende-se na face interna do osso Íschion, e vai-se confundir com o Sacro ciatico. O terceiro, e quarto prendem-se no osso Ilion, do mesmo modo que os precedentes, e confundidos se prendem no Femur, na Tibia, e no Tendão principal. O prestimo destes Musculos he fazer recuar a perna.

Dos Musculos, que dão movimento ao pé.

OS Musculos, que fazem mover o pé, são doze: tres, que o fazem estender para diante; hum, que o faz dobrar o travadouro; quatro, que o fazem mover para a direita; e quatro, que o fazem mover para a esquerda: advertindo que não obstante prenderem-se os outros Musculos, de que já tratámos em diversas partes da perna, de todos se conduzem fibras a estes Musculos, que fazem mover o pé.

Dos Musculos do Jarrete, da Canela, da Quartela, e do Offo Coronario.

NO *Jarrete* ha quatro Musculos: hum, que o ajuda a estender, quando a perna se levanta; dous, que o sustentão de hum, e de outro lado; e hum, que o une á junta.

A *Canela* tem hum só Musculo, que por duas ligaduras se ata ás eminencias da junta inferior do Femur: prende-se em hum buraco, que ha no offo da Tibia; defce junto com o Flexorio do Jarrete, e passa á parte interior do offo da canela, por onde se diffunde por ella.

Na *Quartela* ha tres Musculos, o *Flexorio maior*, e os dous *Flexorios menores*. O primeiro prende-se ás faces dos offos irregulares; e junto ao N. 77. separa-se em dous tendões, que se terminão na parte superior, e posterior do offo da Quartela.

Os dous menores são longos, e se prendem aos lados do precedente, que circundão a face posterior do Flexorio, e vão terminar nas partes lateraes do offo da referida Quartela.

O offo *Coronario* tem hum Musculo, que o ata ao offo da Quartela, e vai-se terminar na parte inferior do Coronario unido ao Flexorio do pé.

Os Musculos, o feitio, e disposição dos offos todos são antagonistas huns dos outros, quero dizer: se o Musculo pucha o cubito para dobrar o braço, o seu antagonista pucha o mesmo offo para o estender, e por isso tem huns feitio opposto aos outros.

Os Musculos, que movem offo, tem antagonistas, que os puchão para partes oppostas; porém os Musculos circulares não movem offo algum, e servem só para alargar, e apertar algum orificio circular, como são os das Pupillas dos olhos, os do intestino recto, e outros: advertindo que nestas mesmas partes ha huns que fechão, e outros que abrem: e até nos orificios se justifica serem os Musculos huns antagonistas dos outros.

Do Cerebro.

Dentro do Cranio se contém o *Cerebro*. O Cranio pela parte de fóra he forrado com huma membrana chamada *Pericranio*, e pela parte de dentro he tambem forrado com duas membranas, ou pelles chamadas *Meninges*: entre huma,

e outra ha mais huma pelle delicada chamada *Arachnoides*. A membrana mais exterior, que toca no Cranio, chama-se *Dura mater*, e a mais interior *Pia mater*: huma, e outra constão de muitas veias, a que se chama tambem *Rede admiravel*. A *Dura mater* no meio do cerebro faz huma dobra para dentro com que divide o cerebro em lado direito, e esquerdo: esta dobra na parte que fica para a testa he mais aguda, e para trás he mais larga, de modo que o seu feitio he semicircular, e por isso se denomina *Foice*. Debaixo destas membranas estão o cerebro, e o cerebello: o cerebro com a dobra da *Dura mater*, chamada *Foice*, ou *Falsa mesforia*, se divide em dous hemisferios. A substancia exterior do cerebro he molle, e a porção mais interior, a que chamão *A medulla do cerebro*, he mais solida, e branca.

Tem o cerebro quatro cavidades principaes, ou ventriculos: duas ficão na frente da testa debaixo do N. 8., e as outras duas ficão huma de cada lado, a terceira do lado esquerdo he mais profunda: nella está a Glandula Pineal, e o Plexo Choroides: a glandula tem o feitio de huma pinha, e o Plexo he hum mólho de muitas veias, e arterias juntas. A quarta cavidade fica entre o cerebello, e a medulla oblongada: chama-se *Corpo Caloso*, que em fôrma semicircular junta a parte direita do cerebro com a esquerda.

O cerebello tambem se divide em parte direita, e esquerda: consta de huma porção molle como o cerebro, e desta porção a mais interior chama-se *Medulla do cerebello*, cuja he huma parte muito mais pequena.

Ao cerebello segue-se a *Medulla oblongada*, que he huma continuação do cerebro, e do cerebello, posto que de huma substancia mais dura: he vestida, como o cerebro, das tres membranas, que procedem da *Dura mater*, da *Pia mater*, e da *Arachnoides*: esta *Medulla oblongada* enche o Cranio na parte alta N. 6., de sorte que chega ao buraco do toutiço, e dahi se envia pelo interior das vertebrae do pescoco á espinha, e cauda, a que chamão a *Medulla espinhal*. Se bem que alguns a toda esta *Medulla do cerebro* até á cauda, que já diffemos fica no fim do espinhaço, chamão *Medulla oblongada*. O cerebro he huma substancia branca, e ella he principio, e origem de todos os espiritos animaes, dos nervos, musculos, e membranas do corpo do Cavallo, assim interiores, como exteriores.

A *Glandula pineal* está continuamente recebendo novas emoções para communicar pelo orgão Mobil ao cerebro, cujo orgão he redondo, e largo, e por elle se communica grande parte da virtude sensitiva a todas as partes do corpo do Cavallo. A sua substancia pela parte externa he membranosa, e pela interna medullar.

Das partes, de que se compõe a cabeça.

Compõe-se a cabeça do Cavallo de Cutis, Gordura, Membrana carnosa, Cranio, Piricranio, *Dura mater*, *Pia mater*, Rede admiravel com os seus vasos, e cavidades, a Glandula pineal com o seu orgão, e os nervos que se envião a todas as partes do corpo.

Dos Ouvidos.

OS Ouvidos se compõem de ossos, musculos, tunicas, veias, arterias, nervos, e cartilagens conduzidas pelo seu aqueducto, que á maneira de caracol traspassa por junto dos ossos petrosos parietaes, e osso coronal até ao cerebro, para se formar na sua máquina o sentido de ouvir, como em outro lugar dizemos.

Dos Olhos, da primeira, segunda, terceira Tella, e das Lagrimaes.

OS Olhos, instrumentos da vista, são collocados parte entre o osso Coronario, e parte entre os Capillares, e entre os petrosos. Na parte interior da cavidade dos olhos ha hum pequeno osso polido, mas desigual, que se une ao Cranio, e aos mais que fôrmao a referida cavidade, chamado *Rotundo*, o qual tem sinco bu-racos: os dous mais proximos á frente do Cranio são por onde se conduzem os nervos opticos para a vista, e os muntorios para as lagrimas; e os tres he por onde se conduzem as Tellas, que envolvem os humores dos olhos.

A primeira Tella nasce de entre as fibras, que vão ao Pericranio: chama-se *Lactea* por ter a sua côr branca: ella contém o uso de ajuntar no orificio rotundo as mais tunicas, de que se compõem os olhos.

A segunda Tella nasce da Dura mater: he lustrosa pela parte interior, e opaca pela posterior, envolve em si os humores dos olhos: he crassa, e duplicada pela parte interna, e chama-se pela transpiração, e variedade de côres, que representa, *Iris*.

A terceira, que vai formar a Retina, he huma textura da Pia mater, e nervo Optico, he subtil, e crySTALLINA, e inseparavel do humor crySTALLINO; e posto que as referidas tunicas, ou Tellas sejam conhecidas por diversos nomes, ellas são sómente tres.

Nos olhos ha tres humores: o primeiro chama-se Aqueo, porque he semelhante á clara de ovo, e está situado entre a Lactea, e a Cornea. O segundo he CrySTALLINO, e está collocado no meio dos centros dos olhos; pela parte posterior he Vitreo, como tambem pelos lados: elle he o principal orgão da vista, a sua figura he esferica, e o seu lugar entre a tunica Cornea, e a Retina. O terceiro humor he totalmente vitreo: a sua substancia he fluida, e occupa os lados do crySTALLINO. Tem os olhos parte oleosa, para o seu movimento não consumir as particulas humidas, de que são em grande parte compostos.

Nas Lagrimaes N. 1. ha huma colleção de fibras glandinosas, que recebem a humidade excrementicia, que baixa do cerebro aos olhos. Quando estas fibras se comprimem, humedecem-se os olhos, e arrojão de si lagrimas. Isto supposto, as tunicas, de que fizemos menção, conservão os tres humores que dizemos; e a pintura da vista dentro das retinas se faz, como em outro lugar temos notado.

Humas das partes, de que se compõe a cabeça do Cavallo, são os dez pa-

res de nervos , que della se envião a todas as partes do corpo , e elles se distribuem pela maneira seguinte.

I. O primeiro par de nervos tem origem , como todos os outros , no cerebro : elle vai terminar-se no olfacto , e se espalha pela membrana Petuitaria até ao N. 10. , havendo-se diffundido pelos orgãos principaes deste sentido.

II. Os do segundo par vão ter aos olhos , chamão-se nervos Opticos : elles parecem dous cordões brancos cylindricos , que pafsão pela bafe do Cranio junto ao Fenoides , entrão pela Orbita , e vão-se distribuindo pelos globos dos olhos até á Retina.

III. O terceiro par compõe-se de fios delicados , que se unem ao cordão do quinto par por tres ramos principaes , que se communicão ao pequeno Obliquo.

IV. O quarto par nasce da parte superior lateral da Medulla oblongada , e vem-se unir ao cordão do quinto par : entra pelo buraco da queixada , donde se distribue pelas faceiras , e beiços , e ajuda a mover algumas partes do Grande Obliquo.

V. O quinto par he consideravel : elle se espalha pela lingua , pelas ventas , e outras partes , e vai finalizar no Musculo commum.

VI. O sexto par divide-se em alguns ramos : huns vão á raiz do nervo entrecostal , outros ao periofte , e finalmente alguns se conduzem pela orbita a varios musculos , &c.

VII. O setimo par he consideravel : reparte-se em varios ramos , huns vão á queixada inferior , outros aos ouvidos , e se espalhão pelas cavidades do labyrintho , outros vão á concavidade da boca , outros prendem-se aos musculos das faces , e ao paladar.

VIII. O oitavo par fórma huns pequenos ramos , que alguns se unem ao nervo Espinhal : communica-se com os musculos da lingua , com os musculos do peçoço , penetra por alguns lugares interiores do Peito , e Ezofago , e outras importantes partes , &c.

IX. O nono par junto ao Occipital se divide em ramos , que se communicão ás Queixadas , ao musculo da lingua , á Laringe , e ao quinto par.

X. O decimo par nasce na parte inferior da Medulla oblongada : divide-se em ramos junto ao Occipital , para se distribuir aos musculos da testa , e do peçoço. Todos estes dez pares de nervos se espalhão por partes muito delicadas , e minimas , e tambem por partes mais , e menos delicadas , mas fortes se communicão a todos os nervos , musculos , perioftes , cutis , e mais partes do corpo , &c.

Da divisão dos Nervos.

QUando hum nervo se divide em ramos , fica separado em partes chatas , que se compõem de humas porções de fibras maiores , outras menores , conforme a grandeza da parte que se separa.

Os nervos estão vestidos de duas pelles , que são huma continuação da Dura mater , e da Pia mater : por dentro das suas fibrás se move a parte mais espirituosa do

do fangue, a que chamão *Espiritos animaes*, posto que a subtileza dos referidos espiritos he tal, que se não sujeita a exame; mas se elles não passassem, não poderião por meio delles encher-se os musculos quando trabalhão.

Nós já dissemos que os musculos são huma collecção de fibras carnosas, que de huma, e outra parte se terminão com huns como cordões de fibras muito fortes, a que chamão *Tendões*, e pelo musculo de cada Tendão se communica hum nervo até ao cerebro; e o Tendão que se prende no osso, e o faz mover, chama-se *Cauda do musculo*.

A acção dos musculos nos movimentos espontaneos depende da alma animal, cujos espiritos animaes intrusos nas arterias, fazem encher as fibras, ou ventres dos musculos do fangue arterial, ou espiritos animaes, para se formarem os movimentos dos musculos.

O fangue mais espirituoso, e subtil se recolhe pelos raminhos das veias, que estão diffundidas pelos musculos; e com o alterno movimento do gyro do fangue tornão ao coração, para novamente da cabeça pelos nervos excitarem outra nova acção nos musculos.

Já deixámos notado que o tronco do corpo do Cavallo se divide em duas regiões: a do Peito, ou Thorax, que se comprehende no espaço que rodeião as costelas, e região inferior chamada *Ventre*, ou *Abdomen*. No peito está o Coração, e os Bofes o acompanhão por hum, e outro lado. Os bofes dependem dos vasos da respiração, que desde a boca descem ao peito. Estes vasos tem o nome de *Trachea*, ou *Aspera arteria*, junto a ella se conduz o Ezofago, ou *Guelra*, que desde a boca vai até ao bucho.

Da composição do Peito.

HE o Peito huma cavidade, em que residem os membros espirituosos: elle tem o seu principio do encontro das claviculas N. 28., e se continúa até ao Diafragma: tem pela parte baixa o osso Externo N. 31., a quem se unem as costelas, e assim tambem se compõe de parte Externa, e Interna.

A parte Externa comprehende a cutis, ou pelle algumas partes das membranas carnosas, e do osso externo, como tambem os seus omoplatos da espadua, vertebrae, e costelas.

Os musculos do Thorax, instrumentos do movimento do peito, são oitenta e quatro: huns são externos, outros internos, como já dissemos.

Da composição do Espinhaço.

AS juntas nervosas, e partes, de que se compõe o Espinhaço, tem musculos, nervos, e partes cartilaginosas, que enchem muitos espaços dos seus espondes, ou vertebrae, e costelas até ao osso externo. As vertebrae são huma continuação de ossos com hum feitio, e tal disposição, que o Cavallo se póde mover bem para os lados, sem que ellas lhe consintão mais que hum pequeno movimento

pa-

para baixo, e para cima, como já deixámos notado, não obstante as muitas ligaduras, que dellas se envião pelas costelas ao osso externo.

As vertebrae do peçoço principião, como deixámos notado, da junta da nuca N. 19.: ellas se continuão até á cruz, ou vertebrae do Thorax N. 25., e estão unidas por meio de huma successiva ligadura, que lhes permite o já referido movimento. O feitio dos sobreditos sete ossos, de que se compõe o peçoço do Cavallo, tambem concorre muito para elle ter o movimento já referido, ainda que por elle se continuem ligaduras ás clavículas, e osso externo.

Continua-se a tratar das partes do Peito.

TEm o Cavallo tambem huma membrana grossa, e nervosa, que lhe rodeia o peito chamada *Pleura*. Apòs ella se segue a membrana chamada *Mediastino*: he delgada, e reparte o peito em lado esquerdo, e lado direito, a qual se vai unir ás extremidades da *Pleura*.

Os Omoplatos do osso externo são humas semelhanças de palas nervosas nas extremidades do referido osso, em que se une a *Pleura*.

As Clavículas são as duas primeiras costelas N. 28. no seu feitio alguma coufa semelhantes ás outras, as quaes se unem huma á outra debaixo do Numero já referido.

O osso Externo he, como já dissemos, alguma coufa femicircular na sua figura, alcança das clavículas N. 28., em que principia o seu Omoplato, e o osso principia do N. 31. superior, e continua-se até ao N. 31. inferior.

Do Calor natural, dos Espiritos Vitaes, dos Animaes, e do Coração.

Todos sabem que o calor natural he o governo do corpo, ou da vida. Elle agita a substancia espirituosa, para que a vida se possa dilatar, e da mesma forte faz com a sua actividade ir communicando aos ligamentos, medullas, e musculos hum humido subtil, e oleoso, que se chama *Humido radical*. Elle he huma substancia assidua feminal, que com o calor, e movimento ferve, cresce, e se augmenta. Esta substancia espirituosa jámais está firme, antes discorre por todas as partes do corpo, já baixando, já subindo, ou nadando nas partes fluidas, e liquidas: domina toda a máquina organica, em que se conserva assim fycicamente o calor natural, cujo humido radical, e feminal tem a sua origem no cerebro.

Os *Espiritos Vitaes* tem origem na substancia feminal vegetativa, e descem do cerebro ao coração, em que se introduzem no sangue, para se diffundirem por toda a região do corpo, arterias, veias, e mais conductos.

Os *Espiritos Animaes* tem da mesma forte a sua origem no cerebro: descem delle ao coração, e mais officinas principaes, como em outros lugares se pondera, e bem assim como os Vitaes se conduzem a todas as partes do corpo.

A vida fycica todos sabem he huma luz, que está em todas as creaturas, cuja luz

luz lhe communicou o supremo Creador, por isso os espiritos naturaes conservão a vida nutritiva, e vegetativa: e do cerebro se derramão como benignos raios por toda a região corporea organica, de que emana a vida sensitiva.

Do humido radical, e da substancia material percebe o corpo do Cavallo a nutrição: e assim como o corpo humano vive pela racionalidade da alma intellectiva, assim se póde dizer que os espiritos animaes são quem vivifica o Cavallo, e lhe prestão forças, actividade, e movimento.

Os Espiritos sensitivos, sem participação dos vitaes, e naturaes, são humidos.

Os Espiritos naturaes, sem a mistura dos espiritos sensitivos, são cálidos, e secos, porque a sua substancia he acre, e adstringente; e por isso quando as substancias de todos os espiritos são juntas com proporção, os Cavallos possuem huma faude benefica, e temperada.

O *Coração* está no meio do peito, os bofes o acompanhão: elle tem em cima huma glanduila chamada *Timo*, que está cheia de linfa, e algumas vezes de quilo.

Todos sabem que a figura do Coração he conica, e pyramidal. He justo não se ignore ser elle huma membrana composta de fibras delicadissimas, as quaes unidas, e entretecidas, fórmão esta membrana com todos os seus vasos, e ductos, que a constituem o deposito principal dos espiritos vitaes, ou vivificantes do corpo do Cavallo.

O *Mediastino* he huma pelle membranosa, transparente, que reparte o peito em lado direito, e esquerdo: fica pela parte direita do coração, e por isso elle obriga a cuspide, ou ponta do coração a inclinar-se para a parte esquerda: he isto bem perceptivel, pois logo que o coração se dilata, bate nas costelas, e o sentimos palpar junto ao fovaco esquerdo N. 56.: sustenta-se o coração no meio do peito obrigado das prizões com que o suspende o *Mediastino*, e o *Pericardio*. Este he hum como sacco, o qual rodeia o coração em torno cheio de hum fluido, que ajuda o seu movimento, e he tambem o coração suspendido pelos troncos das veias, e arterias que delle nascem.

Tem o coração na sua base duas cavidades: huma chama-se *Ventriculo direito*, outra *Ventriculo esquerdo*. O *Ventriculo direito* he mais largo, e menos profundo, e o *Ventriculo esquerdo* he profundo, de forte que chega quasi á ponta do coração. Separão-se estes dous *Ventriculos* hum do outro com huma porção de fibras, em que ha interiormente varias pequenas cavidades.

Das Veias, e Arterias.

Diffemos que nascem do coração *Veias*, e *Arterias*, e todos sabem que na base do coração ha quatro grandes canaes por onde o sangue entra nelle, e sahe. Dous chamão-se *Arterias*, e dous chamão-se *Veias*: pelas *Arterias* sahe o sangue do coração, e pelas *Veias* se conduz o sangue a entrar nelle.

No *Ventriculo direito* ha huma *Veia*, e huma *Arteria*. A *Veia* chama-se *Veia*

cava, e a Arteria chama-se *Arteria pulmonar*. A Veia reparte-se em dous ramos: hum, que se conduz á cabeça; outro, que se conduz pelo Thorax, e vai aos bofes.

O Ventriculo esquerdo tem outra Veia, e outra Arteria: a Veia chama-se *Veia pulmonar*, e ella traz o fangue dos bofes ao coração: a Arteria chama-se a *Grande Arteria*, que reparte o fangue por todo o corpo.

Dos movimentos do coração, das suas valvulas, e fibras.

O Coração tem dous movimentos alternadamente: ao primeiro chamão *Systole*, e ao segundo *Diastole*. O *Systole* he huma contracção, com que o coração espreme os seus ventriculos, e lança o fangue com força pelas arterias. Quando o coração se comprime, necessariamente fica mais comprido, e então he que bate nas costelas, ao que chamão palpitação: o segundo movimento chamado *Diastole* fórma-se quando o coração se dilata, e se enche de fangue: elle então fica mais largo, e por consequencia mais curto.

No *Systole* sahe o fangue fómente pelas duas arterias, porque o coração tem duas valvulas, que deixão entrar o fangue das veias para o coração; mas não o deixão fahir senão pelas arterias.

A Veia *cava*, e a Veia *pulmonar* vasão o fangue nas auriculas do coração, cujas auriculas são duas cavidades, que tem as orelhas, que ficão na entrada dos ventriculos, onde se entroncão as Veias, e tambem tem *Systole*, e *Diastole*; porém ás avéssas daquelles, que diffemos tem os ventriculos do coração; de maneira, que quando os ventriculos se comprimem, as auriculas se dilatão: elles com a sua compressão vasão o fangue, e as auriculas com a sua dilatação o recebem para o vasar, ou deixar introduzir nos ventriculos no proximo *diastole*, e por este modo se encontrão os movimentos dos ventriculos com os movimentos das auriculas.

A Auricula Direita tem tres valvulas, que se chamão *Trescuspidaes*, e a Auricula Esquerda tem duas, que se chamão *Mitraes*. Estas valvulas com o seu feitio, e movimento deixão entrar o fangue para o coração; mas não o deixão fahir, como já diffemos.

As valvulas *Mitraes*, ou *Trescuspidaes* estão pegadas ao coração por humas fibras tendinosas, que obrigão a tapar com as valvulas a sahida do fangue para as veias.

As Arterias tambem tem valvulas, que deixão fahir o fangue para fóra dos ventriculos do coração; mas não o deixão entrar para dentro d'elle, as quaes valvulas são fêmicirculares: ellas deixão fahir o fangue com impeto no tempo do *Systole* do coração, cujo fangue pára no espaço, em que os ventriculos se tem vasado, e as valvulas lhes tapão a entrada, por isso o fangue sahe do coração ás golfadas pelas arterias; e tambem effe he o motivo, por que só nas referidas arterias se sentem os impulsos da palpitação, que nas veias se não percebe.

O grande musculo, de que se compõe o coração, tem duas ordens de fibras, humas que o comprimem, outras que o dilatão; e quando o Cavallo se esforça com

com movimentos mais violentos, os espiritos se agitação mais; e passando de huma a outras fibras, fazem o movimento da palpitação mais violento, e apressado.

Esta he a grande, e maravilhosa fábrica do Coração, e as suas partes, ou vasos mais principaes, considerados em commum, cuja delicada fábrica tem hum movimento alterno, e delle dependem todos os espiritos animaes, por isso nós temos dito se apertem os Potros, principalmente as primeiras vezes, com moderação; e ainda depois dos Cavallos estarem costumados a ser apertados, os deitem primeiro á guia, para que a agitação do impeto, e do furor não lhes fomentem a molestia, a que chamão *Congocha*, já pelas causas ditas, já por lhes fazer grande effeito o aperto nas Vertebrae do thorax, e Omoplatos do osso externo.

Finalmente, as partes internas do peito mais principaes são o Coração, o Pericardio, a Veia Cava, a Arteria pulmonar, a Veia pulmonar, a Grande Arteria, a Trachea, e o Ezofago, os Bofes, o Mediafino, e o Diafragma.

*Differença do movimento do Sangue, das Veias, e Arterias,
e da construcção dellas.*

Repartem as Arterias o fangue do coração por todo o corpo, e as Veias o tornão de todas as partes delle a conduzir para o coração. Sahe o fangue (como diffemos) ás golfadas; mas como faz gyro dilatado, he repartido o seu movimento por diversas partes, principalmente em entrando nas capillares, onde se unem as arterias com as veias: elle se conduz sem se alterar, como nas arterias, porque os capillares são tenuissimos, e depois vão alargando cada vez mais para o corpo da veia, e sem dúvida o fangue ha de perder a força dos intercadentes impulsos que conserva nas arterias.

Arteria he hum aqueducto, ou cano oco, e largo, que consta de quatro tunicas, as quaes humas sobre outras fórmão o canal por onde corre o fangue: a mais interior he de huma substancia nervosa, a segunda he musculosa, a terceira he fibrosa, e cinge com as suas fibras as arterias; e a quarta consta de muitos nervos, e vasos fanguineos.

A Arteria Pulmonar do ventriculo direito vai aos Bofes: a Grande Arteria sahe do ventriculo esquerdo, e logo della se dividem dous ramos, hum ascendente, outro descendente: o ascendente sobe por junto das vertebrae do pescoço á cabeça, e se reparte pelas partes superiores della: o descendente por hum, e outro lado do ventre se conduz ás ancas, e dellas até aos pés: estas Arterias se dividem em ramos, huns grandes, outros menores, e outros tenuissimos: dellas se vai repartindo o fangue por todas as entranhas, e membros por onde vão passando, cujos ramos quanto mais se apartão do coração, mais subtis, e delicados vão sendo.

As veias são huns canos ocos mais, e menos largos, que constão de tres tunicas, a primeira mais externa chama-se *Vasculosa*, a segunda *Cellulosa*, e a que se lhe segue *Musculosa*: esta consta de muitas fibras circulares, que embaração ao fangue por meio de muitas valvulas o retroceder para trás.

As tunicas affim das Arterias , como das veias só se podem ver com microscopio.

Valvulas das veias.

NAs veias, que vão do coração para baixo, e nas que descem das vertebrae do peçoço, e das ancas, fervem as Valvulas para embaraçar que o fangue com o seu movimento, e pezo perturbe a ordem das circulações, nas veias que sobem para cima: fervem as Valvulas, para que os movimentos violentos do Cavallo não fação retroceder no fangue a ordem do seu movimento.

A Veia Pulmonar recebe dos Bofes o fangue , que por elles se diffunde da Arteria Pulmonar.

Divisão da Veia Cava.

DA Veia Cava em sahindo do ventriculo direito se dividem dous ramos: hum, que vai para a cabeça com o ramo da Arteria, de que já fallámos; e outro, que se reparte pelas espaldas, pelos braços, e mais partes do corpo. O resto da Veia Cava, que he hum ramo maior, se divide em Veias Coronarias, que á maneira de coroa rodeião o coração, e depois se vão dividindo em ramos, de maneira que se espalhão por todas as partes do corpo do Cavallo, pois que todo o corpo se nutre do fangue.

Os ultimos ramos affim das Arterias, como das Veias, são tão delicados como cabellos, e tão multiplicados, que se não podem contar: por isso entre os ultimos raminhos arteriaes, e os das Veias fazem os das arteriaes anastomoses com os das Veias para o fangue immediatamente passar das Arterias para as Veias. Finalmente eu não faço menção de todas as Arterias, e Veias, por me não parecer isso ponto effencial, e tambem por não ser fastidioso no systema breve, que vou seguindo.

Mostra-se que cousa he o Sangue, e a sua circulação.

EM sahindo o Sangue do coração pela Grande Arteria, ou Aorta, sahe do ventriculo esquerdo, e logo de lá nascem dous pequenos ramos, que chamão *Arterias Coronarias*, que rodeião o coração.

A Arteria divide-se em dous ramos grandes, que se chamão *Aorta Ascendente*, que sobe á cabeça; e *Descendente*, que se conduz por todas as Arterias ás ultimas extremidades do corpo do Cavallo, em que, como já diffemos, fazem as Arterias capillares anastomoses, com que se communicão aos raminhos ultimos das Veias, que vem desembocando em ramos cada vez maiores até á Veia Cava, que he grossa, e desemboca no ventriculo direito do coração, em que introduz o Sangue no Diaftole, o qual no Syftole seguinte sahe do ventriculo direito pela Arteria Pulmonar, vai aos bofes, corre por todas as ramificações das suas Arterias, e dellas passa para as Veias dos Bofes, por onde se vai conduzindo pela Veia Pulmonar ao ventriculo esquerdo do coração, em que entra por meio do Diaftole, e torna no Syftole seguinte a sahir pela Aorta; e continuando affim, gyra, e faz o seu

movimento, sahindo do coração pelas Arterias, e recolhendo-se a elle pelas Veias: isto se justifica, pois em ligando huma Veia, incha a parte que fica mais distante do coração; e ligada huma Arteria, incha a parte que está mais perto do coração.

Finalmente o Sangue corre do coração para todo o corpo pelas Arterias, e torna pelas Veias ao coração; e posto que pareça que o Sangue se dilatará grande espaço de tempo, discorrendo pelo corpo do Cavallo, primeiro que torne ao coração, he engano; pois, segundo as averiguações de Ogan, Kulmo, Cowper, e outros muitos, em hum minuto faz hum gyro inteiro em toda a primeira região: pelo que se póde suppôr gastará menos de dous minutos em toda a segunda.

De todo o alimento, que o Cavallo come, se conserva no corpo a parte util para a nutrição: ella se converte em quylo: este quylo tem quasi a côr, e propriedades do leite, porque se compõe de partes oleosas, partes pingues, e partes salinas: estas partes com o calor do coração, e dos vasos do sangue se agitação, e se envolvem as particulas oleosas, pingues, e salinas, de maneira que tomão huma diversa configuração, transformando-se toda a materia quylosa de branca em vermelha com a força do movimento, calor, e ar.

Vasos mais principaes por onde se filtra o sangue.

A Circulação, e movimento do sangue se dirige a fazer nutrir os membros do corpo do Cavallo, cujo sangue passando por diversos filtros, se vai separando de alguns humores. As partes, ou filtros principaes do sangue são o *Pancreas*, o *Figado*, o *Baço*, e os *Rins*.

O *Pancreas* he huma entranha, que fica junto ao bucho: a sua figura he mais comprida que larga, e pelas partes baixas tem algumas glandulas, em que se separa do sangue o succo pancreatico: este humor entra junto com a bilis no intestino duodeno, que tem no pancreas o seu principio, cujo humor pancreatico facilita a digestão dos alimentos.

No *Figado* ha huma bexiga do feitio de huma peira, vulgarmente chamada Fel, onde se contém a colera, que no Figado se separa do sangue. Primeiramente o Figado he huma entranha á maneira de sangue congelado: o seu lugar he pouco abaixo do diafragma: este diafragma separa a região do peito da região do ventre: elle fica mais ao lado direito, e compõe-se de duas partes maior, e menor; e esta parte menor abraça por cima parte do bucho, e do pancreas. He o Figado no centro grosso, e para as extremidades mais, e mais delgado: sobrepõe a extremidade da parte maior alguma coufa sobre a menor; e na parte interior mais grossa, em que ha este sobreposto, está a bexiga do Fel: esta bexiga tem quatro membranas, tres proprias, e huma commua a todo o Figado: na referida bexiga se contém a colera, que se separa do sangue, quando este se vai filtrando no Figado.

Pela veia Porta entra o sangue no Figado, e esta veia tem o seu feitio á maneira de huma arvore: as raizes desta arvore espalhão-se parte pelo Figado, e parte com alguns ramos pelos intestinos, dos quaes intestinos pelas delicadas extremidades da veia Porta vai passando o sangue dos mais delgados aos mais grossos ramos,

mos, até chegar ao tronco mais grosso da veia: ella passa pelas pelles membranofas do mesenterio para a veia cava, havendo-se filtrado pelos raminhos delicados, que a veia Porta já dissemos tem no Figado, em que o fangue se separa da colera.

A bilis, ou colera da bexiga chamada *Fel* por hum aqueducto delicado se communica ao intestino duodeno, onde se encontra com o succo pancreatico, que vai tambem ao mesmo intestino, e ambos ajudão a fermentar o alimento, que vem já do bucho com principio de digestão.

A veia Porta não póde ter pulsação, porque o fangue dos intestinos passa para ella, e della para a veia cava, e tambem porque ella não tem valvulas, e por isso o fangue na veia Porta corre alguma coufa mais froxo, que em todas as outras officinas do corpo.

O *Baço* do lado esquerdo corresponde ao Figado, se bem que alguma coufa distante do bucho: elle fica immediato ao diafragma, e proximo ao rim: tem a figura semelhante a huma lingua de boi, e a parte concava fica voltada para o bucho: tem o baço huma arteria chamada *Splenica*, e huma veia chamada veia *Splenica*. A arteria de hum ramo da arteria pulmonar, que traspassa o diafragma, recebe o fangue, que pela veia Splenica se communica ao Figado, e por outro ramo aos intestinos. Compõe-se o baço de muitas fibras, e vasos: nelle, segundo a melhor opinião, se adelgaça o fangue para quando entra no Figado se poder mais facilmente separar da bilis.

Os *Rins* são outro filtro, onde se separa a ourina do fangue: tem a figura alguma coufa semicircular, estão postos em correspondencia junto do espinhaço por cima do diafragma, e do baço: a parte convexa está virada para os lados; e a parte concava, pela qual estão prezos ás mais entranhas, fica voltada de hum para o outro Rim, de hum, e outro lado da espinha.

Cada Rim tem hum canal, a que vulgarmente chamão *Verterres*, que ambos vão á bexiga da ourina. Compõem-se os Rins de tres partes, bacia, cortica, e verterres: na cortica se separa a parte forosa, que he a chamada *Ourina*, do fangue: a bacia he huma pelle situada no meio da parte concava de cada Rim, que recebe o humor foroso, donde pelos verterres se encaminha á bexiga da ourina, e cada hum dos referidos verterres se compõe de diversos aqueductos.

Aos Rins se conduz o fangue por humas arterias chamadas *Emulgentes arteriaes*; e depois de separado do foro, se conduz o fangue tambem por humas veias chamadas *Emulgentes venaes* para a veia cava. Eu não trato dos argumentos, que grandes homens fazem nesta materia, porque na brevidade que observeo sigo a opinião mais commua.

Das Glandulas da boca.

TEm a Boca do Cavallo algumas glandulas, principalmente entre o canal da queixada inferior N. 15., donde continuamente se está extrahindo hum humor chamado *Saliva*: ella, e o mastigar dos dentes desfazem o alimento em pequenas partes, de forte que póde o referido alimento conduzir-se pelo Ezofago ao bucho.

Ha glandulas de diferentes cores: humas mais, outras menos volumosas: humas

mas se chamão *Simple*s, outras *Compostas*: o seu prestimo he separar do sangue parte das suas impuridades: as da primeira especie servem de aperfeiçoar a Linfa, como são os Axilares, as Jugulares, as Miliare, e as do Mesenterio: as da segunda especie separão do sangue grande parte de humor acrimonioso, do mesmo modo as glandulas salivares, as glandulas lacrimaes, que descem aos lagrimaes, purificação a materia excrementicia dos opticos, e todas se compõem de veias sanguineas, de nervos, de veias brancas, e de huma parte esponjosa, como já dissemos: só com a differença de participarem humas de mais, outras de menos vasos na quantidade, e qualidade de que ellas se compõem.

Da Trachea.

A *Trachea* do N. 23. vai emparelhada com o Ezofago até ao peito, e por ella se conduz o ar aos órgãos da respiração, como dissemos em outro lugar; e o Ezofago continuado até á cardia, entra no bucho, em que depõe o alimento: este, passado o espaço do tempo preciso, sahe para os intestinos por outra boca chamada *Piloro*, em cujos intestinos se digere, e separa a parte util para as duas veias lacteas, que se conduzem á veia Cava, e os excrementos vão correndo os intestinos, até que elles pelo Recto os expulsem fóra.

Nomes dos intestinos principaes.

OS intestinos principaes são seis: o primeiro chama-se *Duodeno*, o segundo *Jejuno*, o terceiro *Ileon*, o quarto *Cecum*, o quinto *Colon*, e sexto *Recto*.

O primeiro dos primeiros tres he mais largo, e glandinoso, de cujas glandulas continuamente se está produzindo nelle hum humor, ou succo semelhante ao pancreatico, que serve junto com a bilis para a digestão. O segundo quasi sempre está vaio. O terceiro conserva mais tempo as fezes, e estes intestinos são delgados, e ficão rodeados dos mais grossos. O quarto he hum pouco mais largo que os já referidos, e tem hum appendix desigual por hum, e outro lado. O quinto he de todos o mais largo. E o sexto he por onde sahe a parte inutil do alimento.

Estes em summa são os intestinos, agora parece justo façamos alguma, ainda que breve, demonstração das qualidades do Mesenterio, aonde se conduz a parte util do alimento chamada *Quylo*, a qual nutre o corpo do Cavallo.

O Mesenterio he huma membrana transparente composta de duas tunicas fibrosas, por entre as quaes passão algumas veias, e diferentes vasos. Está o Mesenterio junto das vertebrae lombares N. 54. letra B pela parte interna da espinha, os seus vasos são occupados de huma linfa clara, e por isso se denominão *Linfaticos*; outros chamão-se *Veias Lacteas*, porque estão cheios de quylo, que já dissemos he branco como o leite: estes vasos nascem muito delicados nos intestinos, principalmente no duodeno, donde passão ao mesenterio, os quaes se chamão *Vasos do primeiro genero*.

Das glandulas do Mesenterio se dirigem alguns vasos chamados *Lacteos do segundo*

gundo genero á Cisterna Lactea, ou orgão mobil, que junto com a Ahorta vão á fobclavia esquerda depositar o quylo na veia Cava.

O receptaculo do quylo fica por baixo do rim esquerdo, e chama-se *Thoracico*. Não certifico esta opinião, porque o que todos sabem, poucas vezes entra em dúvida.

Já dissemos que os Musculos são huma collecção de fibras carnosas, com os quaes se exercitão os movimentos voluntarios, mediante os espiritos animaes, que nelles influem. Compõem-se elles de carne fibrosa para a sua fortaleza, de veias para a sua nutrição, de arterias para a sua vivificação, de nervos para ajudar o seu movimento, de ligamentos para os unir nas partes precisas, e de tendões, que são os seus remates, com que se dividem huns dos outros.

Distinção dos nomes de algumas partes do corpo do Cavallo.

OS Musculos *Temporales* são de huma substancia carnoza, e fibrosa, situados junto aos petrosos, que servem de ligar a queixada inferior N. 20. á superior N. 18.

Os Musculos *Entrecostrales* compõem-se de huma grande multidão de fibras, que servem de ligar as vertebraes da espinha, e de encher os espaços de entre as costelas, e ajudar o movimento alterno da respiração, e do peito.

Ternilhas he huma parte espermatica, mais branda que os ossos, e mais dura que os ligamentos: em humas partes fazem officio de osso, como nas orelhas, na ponta das agulhas das ventas, no osso externo, &c. e em outras servem de continuar os ossos em algumas articulações.

Tendões já deixámos notado que são fins, e remates dos Musculos. *Ligamentos* são humas partes espermatias, redondas, e lizas, que ligão os ossos, e tem a sua origem nelles. *Membranas* são humas partes espermatias, mais, e menos delgadas, e fortes: humas, que vestem o corpo externamente, como dizemos em outro lugar; e outras necessarias, principalmente na região do peito, e ventre.

Periofte he huma tella delgada, tegumento immediato aos ossos, que os rodeia do segundo genero externamente.

Glandulas são humas partes brandas esponjosas entre os emunctorios, redenho, e outras partes do corpo, que servem de filtrar o sangue, receber os excrementos dos membros principaes, filtrallos, e ser defeza, e defcação dos vasos maiores.

Ha tres differenças de fibras: Rectas, para attrahir por meio da sua natural virtude nutritiva: Obliquas, para reter por meio da sua virtude retentiva; e Transversas, para expellir por meio da sua virtude expulsiua.

Modo, por que se distribuem as arterias, e as veias nos braços dos Cavallos.

HA huma arteria em cada braço, que sempre se acompanha da veia chamada da *Arca*, indo entre ella, e o braço até ao joelho, em que se divide em dous ramos: hum, que segue a veia axilar; e outro, que segue o maior ramo da omoraria até ao casco, &c.

As veias, que ramificação cada braço do Cavallo, são duas: a maior nasce da veia Cava, antes que se aparte na divisão das jugulares N. 24.: e da cavidade do peito se encaminha ao foyoco, e por cima do Codilho N. 32. volta para o braço. Chama-se esta veia *Axilar*: ella pela cutis se vê discorrer até á parte anterior do joelho.

A segunda procede das jugulares no ramo superior depois da separação já referida, e pela parte posterior passa junto ás cartilagens do peito N. 30., e desta sorte se conduz pelo braço a chamada *Aomoraria externa*, ou *Veia da cabeça*. Divide-se em dous ramos: o primeiro se ajunta logo com a Aomoraria, e se chama *Veia communia*, na qual commummente se costuma sangrar do peito, e dalli vai discorrendo até ao joelho, em que se costuma sangrar dos terços.

No joelho se divide esta veia em dous ramos, que descem por detrás da canela de hum, e de outro lado do nervo principal do braço, e no fim das caudas dos musculos do machinho N. 43. passam á quartela, e entram por hum, e outro talão N. 42. no casco até á sua meia região, ou divisões capillares, &c.

Distribuição dos Nervos nos braços dos Cavallos.

OBraço tem, como deixamos notado, doze musculos, e cada hum delles ao menos he acompanhado de hum nervo; mas os nervos principaes, com que se determina o movimento do braço, são cinco, ainda que da medulla espinhal, e nervo entrecoftal nascem os que governão com os musculos a boa organização da espadua: com tudo he preciso saber que o quinto, sexto, e sétimo nervo da espadua, depois de se haverem unido ao osso do braço N. 50., se reduzem os tres a hum, em que principia o primeiro dos cinco principaes do braço: o quarto, o oitavo, o nono, o decimo, o undecimo, e o duodecimo tambem se unem no quarto. Succede isto, porque os nervos, e musculos do braço, e espadua no codilho se ligão contrapostos huns com os outros. E assim como os ossos no feitio das suas articulações são antagonistas huns dos outros, assim tambem os nervos, e musculos se continuão huns com os outros contrapostos para regularem melhor a boa harmonia do movimento do braço em todas as suas articulações.

O primeiro Nervo da espadua acompanha os primeiros tres musculos Relevantes, de quem o nervo toma tambem este nome, e d'elle se distribuem ramos, que vão fortalecendo a espadua, e assim dos mais nervos se diffundem ramos, que fortalecem as cartilagens do peito, e as ramificações das juntas do codilho, e do

fovaco. Isto supposto, bem assim o primeiro nervo do braço conduzido com o primeiro musculo, ramifica o braço até ao joelho, e elle communica aos musculos na junta do codilho, e joelho a virtude de se dobrar; e junto com a veia commum, ramificação toda a maior parte da cutis do braço.

O segundo Nervo desce junto ao primeiro, e participa muitos ramos á parte anterior do braço, e aos musculos do joelho, em cuja articulação produz, ou se reparte em tres ramos, que vão fortalecer os musculos, que fazem dobrar a quartela.

O terceiro Nervo da junta do codilho N. 32. vai provendo de ramos os musculos, e toda a cutis do braço pelo N. 33., e na parte anterior do joelho N. 34. se junta ao nervo principal N. 44.; e espalhando muitos ramos por toda a cutis da canela N. 35., vai ramificar a quartela do N. 36. até ao N. 38.

O quarto Nervo he o maior do braço no seu tamanho, e grossura: nasce do terceiro, encorporão-se nelle os que já dissemos, ramifica a junta do codilho, e une todos os nervos, que fórmão o tendão principal do braço pela parte anterior até dentro do casco.

O quinto he delgado, ramifica parte da cutis, e fenece da quartela até á coroa do casco.

Todos sabem que os Nervos, que se vão terminar na cutis, são sensitivos, assim como os que fortalecem os musculos são motorios, e sensitivos, ou causa do movimento, e sensibilidade: por isso em sendo os nervos da cutis offendidos com actividade, padece o movimento; não porque os musculos cheguem á superficie externa, mas sim porque offendidos os nervos, se participa a actividade do impulso, ou penetração ao musculo, com quem o nervo, que está ferido, mais se communica, de forte que havendo huma contusão, e esta apostemando, o damno se communicará dos nervos aos musculos, e em huns, e outros padecerá o sentido da sensibilidade, e movimento.

Modo, por que se distribuem os Nervos nas pernas dos Cavallos.

JA' dissemos que os musculos da perna do Cavallo são quatorze, e tantos são os Nervos mais principaes, que lhe correspondem, e os governão: ora os referidos Nervos quasi todos procedem do Nervo Entrecostal, da Medulla espinhal, das Vertebrae, e dos ultimos Espondis do espinhaço, e osso Sacro, como passamos a mostrar.

Nasce o primeiro Nervo junto ao Bacim, e principia do encontro de muitas fibras do Nervo Entrecostal, que unidas fórmão hum tendão nervoso, que acompanha o primeiro musculo; e do osso do femur passa á foldra, e vai prender na parte anterior da tibia.

O segundo procede da Medulla espinhal: elle tambem se fórma de muitas fibras perto da ultima vertebra lombal junto ao bacim, e vai fenecer na tibia como o primeiro.

O terceiro procede da junta do bacim, e osso sacro, desce por entre as polpas do

do segundo , e terceiro musculo vai prender na tibia , e passa a unir-se com os de que já tratámos ao nervo principal da curva.

O quarto vem do mesmo principio , he mais delgado , e liga-se com hum tendão curto , com que o quarto musculo se une á eminencia do meio do femur , donde passa á cabeça da tibia , e della ao curvilhão.

O quinto principia de muitas fibras do Nervo entrecoostal , e do ajuntamento de outras , que procedem da medulla espinhal de entre os ligamentos do osso sacro , e bacim : elle se conduz com o quinto musculo até á cabeça do femur , e dahi vai indo cada vez mais delgado da foldra para a tibia , e curvilhão. Os dous primeiros nervos entretrecidos de algumas fibras musculofas abração pela frente externa a junta inferior do curvilhão : o terceiro , e quarto abração a mesma junta pela parte interna , e o quinto dividido em dous ramos abraça a parte anterior , e posterior : e assim estes cinco nervos ajudam os musculos a encolher-se , levantar para cima , e avançar para diante : advertindo que todos elles ramificação a foldra , a tibia , a junta , e a curva , indo-se depois unir no nervo principal do curvilhão para irem fazer as mesmas funções no travadouro do machinho do jarrete.

O sexto nervo procede da parte interna do osso do bacim de algumas fibras do Nervo entrecoostal , e de outras que se lhe juntão do osso sacro , e do osso pubis , que fórmão o tendão maior de todo o corpo : junta-se com o sexto musculo , e da cabeça baixa do femur vai ao jarrete N. 74. : elle une a si quasi todos os musculos da perna , que pela curva da nadeга N. 71. se conduzem da tibia , e polpas musculofas para o jarrete.

O sétimo , oitavo , e nono tem os seus principios no bacim , no pubis , e no osso sacro : elles acompanhão o sétimo , o oitavo , e o nono musculo ; e dos tendões , ou caudas , que fórmão nas suas extremidades , passão a unir-se ao tendão principal , que desce a unir-se sobre o nervo principal do curvilhão , donde se vão entroncando pelo nervo maior da canela ; sendo certo que todos estes nervos obrigão a indireitar , e aprumar os ossos da canela huns sobre os outros para ajudar o movimento da perna.

O decimo , posto que não seja muito avultado , une a si os quatro , que se lhe seguem , e tem como elles origem nos principios dos musculos , que lhes correspondem , e de muitas fibras que se lhes ajuntão do osso Pubis : elles em se unindo da cabeça alta da tibia em linha obliqua , passão ao curvilhão , e por hum , e outro lado do nervo principal da canela N. 75. ao travadouro , e ao centro do casco : elles finalmente ajudam por força dos seus musculos a dar á perna o movimento obliquo , pois todos os musculos tem ao menos hum nervo que os ajuda a fazer bem as suas funções.

Do modo , por que se distribuem as arterias nas pernas dos Cavallos.

DA grande arteria parte hum ramo , que junto ao offo Sacro se une com hum ramo da veia Porta , e baixa pela parte interna junto do femur á tibia , lançando ramos para hum , e outra parte : e do curvilhão para baixo ramifica a canela sempre encoftada ao offo , ou encuberta com a veia até entrar no casco do pé , donde torna a subir , e vem paffar para fima entre o curvilhão N. 84. , e a curva N. 82.

Do modo , por que se distribuem as veias nas pernas dos Cavallos.

DA veia Cava junto ao figado se juntão alguns ramos com a veia Porta , que fórmão hum ramo , que alguns querem pertença mais á veia Porta , e outros que pertença mais á veia Cava ; e a mim me parece que lhe pertence huma , e outra , cujo ramo se encaminha ao offo Sacro N. 64. , e fobre elle se divide em dous ramos , que defcem por hum , e outro lado do femur ; e depois de haverem enviado ramos a algumas partes do ventre , vão ramificar as Ingleas , e as Bargadas N. 60. , em que fe costuma fangrar : dahí se vai dividindo em tres ramos , e hum delles vai pela parte interior da tibia , outro vai declinando pela parte posterior da perna , e paffa pelo lado da canela ; e o terceiro ramo , que he o maior , defce pela curva , e interiormente se efconde por entre os musculos posteriores da perna ; e por baixo da junta inferior do curvilhão se reparte em grande numero de pequenos ramos , que ramificação a canela , e por hum , e outro lado entrão no casco.

Do nervo Entrecostal, e da parte menor do Mefenterio.

ONervo entrecostal fe extende da ultima vertebra cervical até á primeira vertebra lombal : elle fe continúa ao longo das mais vertebbras , trazendo a fua origem do oitavo par : tambem fe lhes unem dous fortes ramos , que partem da medulla efpinhal : o primeiro fe produz entre a fexta , e a fetima vertebra cervical junto ao N. 26. , e o fequndo na fua conjugação : eftes dous ramos partem para as ancas , e vão-fe unir debaixo do N. 54. no ganglião entrecostal.

Este nervo por hum , e outro lado da efpinha recebe , e une a fi muitos ramos da medulla efpinhal : elle fe fepara em duas porções , que junto á costela decima quinta , huma fe junta com alguns nervos dorfacas , e paffa junto ao diafragma para ir ajudar a formar o plexo , mefenterio interior , por huma prodigiofa quantidade de nervos entrettecidos , que vão affim distribuir-fe ao mefenterio , e aos grossos intestinos ; e a parte menor fóрма hum cordão confideravel , que fe vai auginentando até aos rins , e parte menor do mefenterio.

Do pequeno mefenterio anterior parte hum cordão , que recebe muitas fibras da

da medulla espinhal , que vão ao mesenterio posterior , e parte vai aos intestinos delgados, e ultimamente vai prender no intestino recto, &c.

Divisão dos nervos da Medulla espinhal.

A Medulla espinhal se conduz pelo canal vertebral, que do occipital se deriva da medulla oblongada até á cova, e cauda. Della nascem sete pares de nervos serviçaes, dezoito dorfaes, e seis lombaes. O resto da medulla espinhal fornece de muitas fibras as costelas, as vertebraes, e os nós da cova, e da cauda do Cavallo, assim pelas partes externas, como pelas internas.

Finalmente dos nervos entrecostaes da medulla espinhal, e dos nervos, de que havemos tratado, se envião a todas as partes do corpo do Cavallo infinitas linhas nervosas, que ajudão a fortalecer as ligaduras de todas as partes do corpo, pois todos os musculos tem varios nervos, ou ao menos hum que os ajuda no seu fortalecimento, e determinação dos seus movimentos, e além disso pelas fibras nerveas se fazem presentes ao cerebro todos os toques externos, como em outra parte dizemos.

Dos nomes das enfermidades visiveis, que correspondem aos numeros da Est. III., e algumas das suas qualidades.

Das Molestias dos olhos.

E Stão os Cavallos sujeitos a varias enfermidades nos olhos por diferentes causas, que se conhecem por diversos finaes: por exemplo, em havendo fluxão, se infla o lagrimal N. 1., e lança o Cavallo lagrimas cáldas, e mordazes, que muitas vezes ferem os lagrimaes, e as capelladas.

Nas pupillas dos olhos N. 2. ha diversas enfermidades: neste lugar engrossão ás vezes as tunicas, de maneira que o Cavallo vê pouco, e a isto chamão *Cataractas*. Conhece-se esta molestia por se observar a pupilla pouco crystallina: e no mesmo lugar se fórmão as bellidas, e os mortinhos.

No angulo superior dos olhos N. 3. se fóрма a alguns Cavallos huma fluxão, que esbranquecendo as alvas, os olhos se cobrem de nevoas: chama-se a esta casta de Cavallos, *Lunaticos*; e alguns, passada a conjunção da Lua, tornão a ficar bons.

Das Molestias da boca.

NA boca do Cavallo ha algumas molestias, primeiramente ha a chamada *fava*, a qual he huma inchação, que se fóрма no padar junto aos dous dentes do queixo superior N. 12. Ha outra chamada *Boca cheia*, que consiste em lhe incharem os Tolanos, ou carne das gengivas, de maneira que o Cavallo não póde comer.

Dos Sapinhos.

Tambem padecem alguns Cavallos huma molestia chamada *Sapinhos*, que são humas excrescencias de carne, que nascem debaixo da lingua, que os não deixão beber, mas são faceis de curar.

Dos Sobredentes.

Alguns Cavallos deixão de comer por lhes nascerem sobredentes, isto he, por lhes nascerem dentes sobre outros, principalmente queixaes.

Dos sinais do defluxo, e mormo.

OS defluxos, e mormo, sendo diversos em qualidade, tem huma só causa, a qual he a occurrencia de purgação, que faz chagas, e ulceras nas ventas dos Cavallos, que muitas vezes se conhecem na inchação dos angulos das ventas, e na inflammação interior das mesmas ventas N. 10.

Nasce hum tumor aos Cavallos entre as agulhas da queixada inferior pouco affima do N. 14., a quem vulgarmente chamão *Tumor das queixadas*, e em quasi todos os Potros se vê esta enfermidade, que ordinariamente se desfaz com emulsões, que adocem a parte inchada, e os fação purgar pelas ventas.

Entre as queixadas junto ao Ezofago N. 23. ha humas glandulas pequenas, que muitas vezes inchão, porém são moventes, e faceis de resolver. Entre ellas ha outras maiores, que são firmes; e quando estas inchão, a sua inchação he mais custosa de dissolver, e de ordinario fazem suppuração: ellas indicão estar o Cavallo accommettido de mormo, que todos sabem he huma fluxão contagiosa.

Da Erisipéla.

DA' na cabeça de alguns Cavallos huma molestia, a que chamão *Erisipéla*, communmente accommette mais a testa N. 8., e as faces N. 17., e humas vezes fórma inchação com borbulhas, que o Cavallo gosta de coçar, e lanção hum humor acre, e mordaz: outras vezes faz este mal inchar huma, e mais partes da cabeça, e a parte inchada he quente, particularmente sendo a membrana das ventas N. 11.: tambem faz tumores nas faces N. 17., e no touthço N. 19.; e quando ella accommette as faces, ou a nuca, faz com que o Cavallo lhe custe a soffrer a cabeçada, por ficar ella apertada mais junto ao pericranio, que em taes casos padece, inflamado por causa desta molestia.

Do Espasmo.

O Espasmo he huma especie de apoplexia: ella se conhece em o Cavallo se entristecer com excessõ, ter pouco vigor nos braços, e pernas, baixar a cabeça, ter febre intercadente, derramarem-se-lhe as orelhas para hum, e outro lado, sem fazer as operações naturaes; e he sem dúvida molestia perigosa, senão se lhe acode promptamente.

Dos esforços das espadas.

OS esforços das espadas procedem de movimentos violentos, e de occurrencia de humores, principalmente sendo magoada a junta da frente da espada N. 27.; e como as sobreditas espadas estão ligadas ao thorax pelos musculos, e nervos que já diffemos, em algum delles, ou por occurrencia de humores, ou por outro motivo se magoão, necessariamente as espadas hão de padecer.

Dos Cavallos abertos dos peitos.

Diz-se vulgarmente que os Cavallos são abertos dos peitos, quando elles não podem mover com bastante agilidade, e igualdade as mãos; e na ponta da espada N. 26. se lhes não conhece o movimento, antes sim lhes custa a sustentar-se nos braços.

Dos que tem os peitos fumidos.

Tambem dizem he molestia o ter o Cavallo as cartilagens do peito N. 30., e ponta do osso externo N. 31. pouco avultadas, a que chamão peitos fumidos.

Das Sobradas.

NOs lados dos joelhos N. 34. nasce a alguns Cavallos hum tumor, a que chamão *Sobrada*: elle occupa hum parte da junta, e humas vezes he mais callosa, e dura a inchação, e outras mais branda; porém em ella chegando a endurecer, o Cavallo manca, e principalmente quando ellê dobra o joelho com mais velocidade.

Das Lupas.

NA frente da junta do joelho N. 34. tambem se fórma hum tumor a alguns Cavallos, a que chamão *Lupas*, cuja inchação em huns tem mais, e em outros menos consistencia; e ordinariamente os Cavallos, que dão tropeções, possuem esta molestia, que lhes attenua muito a articulação da referida junta.

Do Eslabão.

NA junta N. 45. pela parte opposta ao N. 34. se fórma a alguns Cavallos hum tumor, a quem denominão *Eslabão*, que á maneira das *Lupas* embaraça o movimento da junta na curva do joelho.

Da Sobrecana.

Sobre as canelas N. 35. pela parte interior pouco abaixo do joelho se fórma a alguns Cavallos huns tumores duros, em que elles não padecem dor, que se chamão *Sobrecanas*: ellas procedem algumas vezes de se tocarem com as ferraduras nas canelas, como tambem de receberem naquella parte algumas pancadas; e sendo as sobrecanas procedidas dos referidos motivos, não fazem mal ao Cavallo, salvo se ellas por juntas ao musculo da canela, ou tendão principal N. 44. lhes fervem de embaraço.

Ha outras sobrecanas, que procedem de fazerem os Cavallos esforços violentos,

tos, não só em quanto novos, mas ainda depois de estarem em boa idade: estas são peiores, porque principião em hum póro, que se abre na canela, e da medulla da referida canela vai fahindo hum humor, ou suco, o qual se endurece sobre a fractura: estes tumores engrossão ao comprimento da canela; e quando o Cavallo affenta a mão em terrenos sólidos, mostra que sente dor, advertindo que toda a forte de fobrecanas desfigura, e torna a canela defagradavel.

Da extensão dos nervos do braço.

OS nervos principaes do braço do Cavallo N. 44. padecem extensões, ou relaxações, já por fazerem os Cavallos saltos, e movimentos violentos sobre as mãos, em quanto novos, já por lançarem as mãos á manjadoura, e magoarem os nervos principaes do braço: ora se com effeito os nervos fizerão extensão, custa muito a remediar.

Das Ovazs.

POr cima da junta da quartela N. 36., e N. 43. entre os ligamentos dos mufculos dos machinhos se fórmão por hum, e outro lado humas grossuras, a que chamão *Ovazs*, são ellas redondas á maneira de nozes, os quaes tumores estão cheios de hum humor sifoso, mas brando; e he isto cousa, que quasi todos os Cavallos tem, só com a differença de crescerem a hums muito, e a outros não: os que as tem avultadas, se se alcanção nellas, padecem grande dor; e se crescem, e o humor se endurece, occupão a junta de modo que ella tem pouco, e máo movimento.

Das Gretas.

NAs quartelas N. 37. padecem tambem alguns Cavallos huma molestia, a que chamão *Gretas*, communmente causadas do máo tratamento: ellas abrem o couro irregularmente do lugar dos machinhos até aos candados, por cujas gretas se distilla hum humor acre, e mordaz, que escandaliza aquella parte, de modo que o Cavallo algumas vezes manca; mas não he perigosa esta molestia.

Nos travadouros fazem muitas vezes os Cavallos com os travões, e maniotas humas feridas, a que chamão *Encabrestaduras*, que não sendo muito profundas, são facéis de curar.

Da Sobremão.

Sobremão he hum tumor, que se manifesta no carpe, ou junta do osso coronario N. 38.: esta molestia he má de curar, maiormente se ella se complica com decubitos, ou outras inchações, que por outras causas sobrevem ás mesmas juntas.

Na referida junta ha tambem huma inflammação, que se manifesta com hum debrum, que rodcia a coroa do casco: procede esta molestia de estar o casco infartado de humores acres, e mordazes, que se evacuação pelo referido debrum, o qual não só está inflammado, mas tem alguma fogagem, pela qual se conhece estar continuamente evaporando o referido humor.

Do Gavarro.

HE o Gavarro originado por huma descarga de humores corruptos , que se juntão na coroa do casco N. 38. ; e em fermentando , rebentão huns sem tocar o casco , e são melhores de curar , e outros rebentão mais sobre o casco : estes raras vezes ficão bem curados. Esta molestia sempre se manifesta com hum tumor pequeno , grande dor , e materias fetidas.

Do Galapo.

O Galapo he hum tumor mais benigno que o gavarro : elle tambem nasce na coroa do casco , mas não penetra a tapa tanto como o gavarro , e por isso he mais benigno , e facil de curar.

Dos Quartos.

Quartos são humas aberturas , que principião na coroa do casco junto ao pelo , e abrem para baixo : chamão-se *Quartos* , porque pouco mais , ou menos abrem na quarta parte do casco pouco adiante do N. 42. quasi sempre pela parte de dentro : isto ordinariamente justifica ser a qualidade do casco má , se bem que com o tempo cresce a cinta , e fica o Cavallo sem este defeito ; e se o casco for de boa qualidade , em encabeçando o quarto , ficará como de antes era.

Das Raças.

A Raça he huma greta , que se abre na frente da tapa , ou cinta do casco do pé na coroa N. 79. até ao N. 80. , e raras vezes abrem á largura ; porém as que abrem atravessadas , são mais facéis de curar , e desfigurão menos o casco.

Dos Figos.

NAs ranilhas se fórmão humas molestias chamadas *Figos* , e outras *Formiguiros* , e huns , e outros procedem commummente do máo tratamento. E as esponjas , e vivos tambem procedem das mesmas causas , ou de humores acrimoniofos , e viscosos.

Das Mataduras.

AS mataduras , ou feridas penetrantes na cruz N. 25. são perigofas , e diffíceis de curar. As feridas penetrantes , ou mataduras sobre os rins N. 54. tambem são más de curar , principalmente se a ferida he profunda , ou faz suppuração , ou fermentação.

Dos Lamparões.

AMolestia vulgarmente chamada *Lamparões* todos sabem he contagiosa , e cutanea , não tem lugar certo , pois discorrem por todas as partes do corpo , já em cordas , já em porções de pequenos tumores , que rebentão , e seccão huns , e apôs elles vem outros , que tem varias diversidades , segundo o seu lugar , e fermentação.

Dos Aguamentos.

A Guamentos he huma revolução de humores , que se derretem em liquidos de diferentes qualidades , que descem ás palmas N. 41. Ora tendo a palma pouca força para resolver os liquidos , que descem a ella , elles se demorão , e infartão as partes cartilaginofas de toda a região do casco , opprimindo sobre maneira as nervofas , e musculosas , fórmão na palma nodoas fanguineas , e aquofas , e he preciso tratar bem do Cavallo para o livrar das perniciosas consequencias , que de semelhante moleftia podem resultar.

Das Terçans.

AS dores de barriga , vulgarmente chamadas Terçans , nos Cavallos são perigosas : ellas tem sinaes externos , por que se manifestão , quaes são olhar o Cavallo triste , e repetidas vezes , ora para hum , ora para outro ilhal , deitar-se , e frequentes vezes espojar-se , dando alguns arrancos , e fazendo huns géftos tristes , com que manifesta a actividade do feu mal : he bem verdade que esta moleftia tem origem no quinto intestino chamado *Colon* , que fica entre o *Cecum* , e o *Recto* , e por isso esta dor he interna ; mas como se manifesta por tantos sinaes externos , e os Cavallos são com facilidade accommettidos deste mal , por isso fazemos menção dos sinaes do feu conhecimento , e tambem porque he moleftia perigosa.

Da Sarna.

ASarna procede de humores acrimoniosos , e exaltados , que fazem a cutis aspera , arripiado o pello , e algumas vezes faz nascer borbulhas , e caspa sobre as partes mais offendidas : he mal contagioso , mas com facilidade se cura.

Da inchação dos testiculos.

Muitas vezes se inchão os testiculos N. 59. aos Cavallos por trabalhar pouco , e descerem áquella parte foros , e humores ; e neste caso em fazendo exercicio , se dissipa a inchação. Porém se a inchação procede de haverem apanhado alguma pancada nelles , então he preciso applicar-lhes remedios , e dar-lhes pouco trabalho em quanto os curão.

Tambem estão sujeitos os Cavallos a ter ernias , que se conhecem por lhes inchar hum grão mais que o outro : esta moleftia tem pouco remedio.

Dos Sobrenervos.

Sobrenervo he huma grossura , que se manifesta sobre os nervos dos braços N. 44. , e sobre os nervos das pernas N. 75. : em taes casos o Cavallo padece dor , e inchação nos machinhos do travadouro N. 43. , e do machinho do jarrete N. 86. , os quaes sobrenervos procedem de relaxação , de pancadas , de extensão de nervos , e outras causas : elles em taes casos precisão ser curados com cuidado , logo que mostrão qualquer inchação nas referidas partes.

Dos Agriões.

OS Agriões são humas grossuras , que se gerão sobre o osso do jarrete N. 74. entre o tendão principal da curva , que , como já dissemos , se une ao jarrete : elles procedem commumente de se depositar naquella parte hum humor fleumatico acrimoniofo , que se endurece pela sua viscosidade ; e sendo os agriões procedidos desta caufa , podem ser hereditarios.

Dos Alifafes.

OS Alifafes he hum tumor , que nasce entre a fórma articular , e o entre osso N. 85. : elles procedem de se depositar naquella parte hum humor frio , fleumatico , e firroso , que fórma huma inchação mole ao principio , mas com o tempo se endurece , e faz então hum grande embaraço aos movimentos da junta.

Das Curvas , Sobcurvas , e Curvaças.

AS Curvas , Sobcurvas , e Curvaças são humas grossuras , que se fórmão , a Sobcurva na junta N. 82. , a Curva logo affima da junta letra E , e a Curvaça pouco abaixo da junta letra C. A Curva caufa dor activa ; porém a Sobcurva , e Curvaça são de menos sentimento , e todas se manifestão com humas grossuras nas partes já referidas , as quaes crescem com a occurencia de humores , com o trabalho , e com a idade.

Dos Espravões.

OS Espravões são huns occultos , e outros manifestos : os occultos chamão-se *Gravansuelos* ; e os manifestos chamão-se *Espravões durazios*. Os occultos fórmão-se de hum humor , que dentro da junta do tendão , e nervos N. 82. se endurece , e embaraça o movimento , de maneira que o Cavallo em cada passo que dá , se espinha , ou levanta a perna de repente : este espravão , ou tumor tem o feitio de hum grão de bico , e acaba com o cavallo.

O Espravão Durazio , ou Bujuno manifesta-se com hum tumor duro , que procede da junta da perna pela parte de dentro N. 84. em huma , e outra perna : elle não faz espinhar tanto o Cavallo , como o espravão occulto ; mas embaraça-lhe fortemente o movimento , de maneira que manca alguma coufa , e não póde entrar bem com a perna , ou pernas para baixo do seu corpo : isto se deve entender sempre da mesma forte , seja o espravão em huma , ou em ambas as pernas , e seja de huma , ou de outra qualidade.

Dos Cavallos Topinhos.

CHama-se *Topinho* aquelle Cavallo , que tem a quartela curta , ou o osso da articulação da junta coronaria N. 38. , e N. 79. muito dentro do casco : o Cavallo em taes casos senta mais no chão a ponta do casco , do que as palmas : dobra a junta do pé , ou mão para diante , e facilmente tropeça , sendo o defeito nas mãos ; e trepinha , sendo nos pés.

Finalmente estas molestias se investigão com facilidade em se sabendo os lugares , em que ellas se produzem.

LIVRO III.

ARGUMENTO.

Breve instrução de alguns principios da Geometria para melhor intelligencia dos termos pertencentes ás lições do Manejo. Modo com que se devem separar, ou apartar os Potros das Egoas: como se devem enlascar, recolher, pensar, e tratar na cavalbariça, principalmente quando os dispuzerem para os deitar á guia, pôr-lhes a sella, e dispollos para aquelle exercicio, para o qual mostrão ter mais propensão.

O SUPREMO, e Increado Ser, o Grande, e Unico Author da Natureza em tudo admiravel, em nada comprehensivel nas extraordinarias producções da sua eterna fabedoria entre todos os entes do terraqueo globo, produzio a máquina do Cavallo tão estimavel pela sua utilidade, como insigne pela sujeição que tem ao homem. Nelle se descobrem, entre as diversas acções com que se move, milhares de diferentes operações, e movimentos, que lhe determinão os caminhos, por que elle se conduz. Os trabalhos, e fadigas litterarias a que pela diuturnidade dos séculos se tem dado os homens, não deixa de ter attingido, e tocado na meta da investigação, e conhecimentos de todas estas naturaes producções. Ainda que a Arte da Cavallaria he muito differente da Geometria: com tudo, eu trato de algumas das suas leis em commum, para com estes principios precisos para a intelligencia do modo de se mover todo o corpo do Cavallo com promptidão, e facilidade seguir sempre a melhor ordem dos seus movimentos naturaes; e como para isto são indispensaveis as leis do movimento, eu vou tratar por tanto destes principios, e figuras da Geometria, que se fazem precisos pelo decurso da lição, para me fazer perceber melhor, quando me servir de alguns dos seus termos, ou figuras.

Definições da Geometria.

1 **L**inha recta he aquella, que parte de hum ponto ao outro, sem se desviar para algum dos lados: donde se segue que entre dous pontos he a mais curta que póde haver, como se vê da Fig. 1. Est. IV.

2 Linha curva he aquella , que he mais comprida do que a recta entre dous pontos, donde se fegue que entre dous pontos póde haver infinitas curvas. Fig. 2.

Demonstração.

SEguindo, ou determinando-se o Cavallo, como se vê na Fig. 1., que he mover-se pelas linhas rectas , ou se determine o feu movimento de A para B , ou de B para A, sempre as linhas, por que se determina, são rectas, e os seus movimentos. E da mesma forte são curvas as linhas da Fig. 2. , ou o Cavallo determine o feu movimento de D para C, ou de C para D.

3 As duas linhas, que se mostrão na Fig. 3., estando igualmente equidistantes entre si , de forte que por muito que se continuem , nunca se podem encontrar, conservando-se sempre na mesma distancia huma da outra , chamão-se *Linhas parallelas*.

O Angulo fórma-se de duas linhas , que se encontrão em hum ponto. Estes angulos recebem diferentes nomes, segundo a inclinação das linhas, de que elles se fórmão.

4 Angulo recto he aquelle , que he formado do encontro de duas linhas , cahindo huma sobre outra perpendicularmente , de forte que não se incline para algum dos seus lados: este angulo he de 90 grãos, como se vê na Fig. 4.

5 Angulo agudo he menor que o angulo recto, e inclina hum lado sobre o outro : este angulo tem menos de 90 grãos , como mostrão as linhas L M , M N. Fig. 5.

6 Angulo obtuso he maior que o angulo recto , e por isso não se inclina hum lado sobre outro , antes sim elle se inclina sobre o prolongamento do outro lado: este angulo tem mais de 90 grãos, como O P , P Q. Fig. 6.

Ao ponto em que se encontrão as linhas , que fórmão qualquer angulo , se chama *Vertice do angulo*, como M. Fig. 5.

Angulo rectilineo he aquelle , que he formado por duas linhas rectas , como I G H. Fig. 4.

7 Angulo curvilineo he o que he formado pelo encontro de dous arcos do circulo, como R S , R T. Fig. 7.

8 Angulo mistilineo he formado pelo encontro de huma linha recta , e de huma linha curva, como V Z , Z X. Fig. 8.

9 Circulo he huma Figura terminada por huma só linha , que tambem se chama *Circumferencia*, dentro da qual se considera hum ponto, a que se chama *Centro*: as linhas tiradas deste ponto á circumferencia são iguaes , e se chamão *Rádios do circulo*, como A C E G. Fig. 10.

10 Todas as linhas rectas tiradas do ponto do centro são perpendiculares á circumferencia, como se vê na Fig. 10.

As linhas , que partem de huma parte da circumferencia do circulo para outro do mesmo circulo, são obliquas, como se vê na Fig. 11.; advertindo que a linha sahindo da superficie para o circulo , não esteja em linha recta com o ponto do centro, como se vê na Fig. 12.

11 Cahindo huma linha de qualquer ponto sobre hum circulo (não passando ella pelo centro d'elle, nem da sua periferia) he obliqua a este circulo com o A B. Fig. 13.

12 A linha que vem a prumo, como se vê na Fig. 14., tambem cahe obliquamente; porque ainda que muitas linhas venhão parallelas, e a prumo para baixo, determinando no seu fluxo cahir perpendicularmente, he preciso attender á linha, ou superficie sobre que ellas cahem; porque se a de prumo cahe sobre huma recta, fica perfeitamente perpendicular; mas quando a de prumo cahe sobre linhas obliquas, concavas, ou convexas, fica a de prumo cahindo obliquamente, porque se deve attender á superficie sobre que ella cahe.

Duas linhas, que se cruzão perpendicularmente no centro de qualquer figura, fórmão angulos rectos, quer ella seja rectilinea, ou curvilinea, como Fig. 15. e 16.

E S T A M P A IV.

De algumas figuras da Geometria.

OS Geometras dividem o circulo em trezentas e sessenta partes iguaes, a que chamão *Grãos*. Os grãos dos circulos pequenos são menores, os grãos dos circulos grandes são maiores; porém tantos grãos tem os circulos grandes, como os pequenos, por isso para a medida dos angulos todos sabem se usa dos numeros dos grãos.

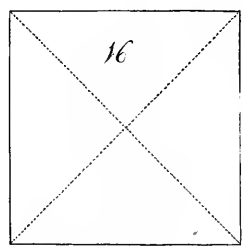
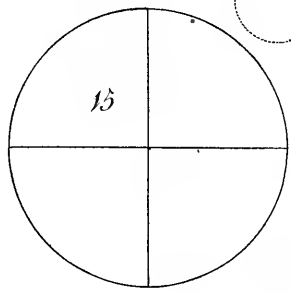
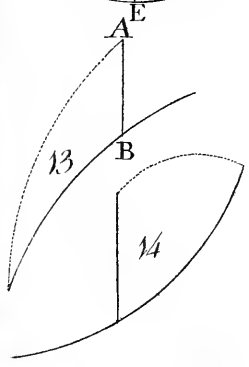
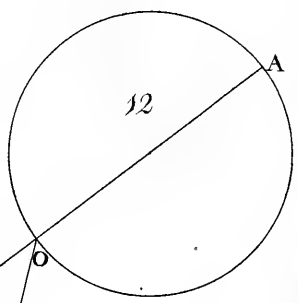
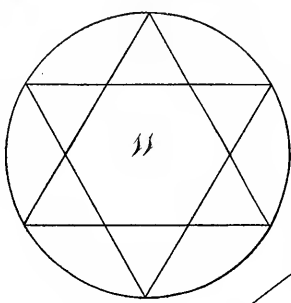
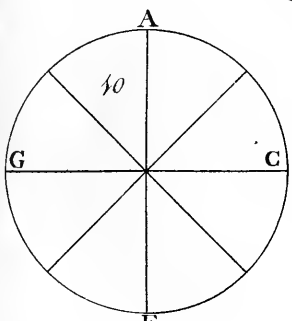
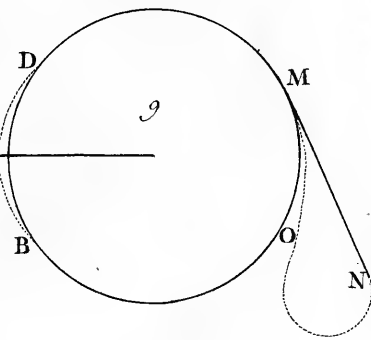
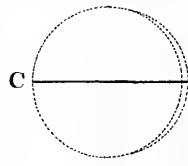
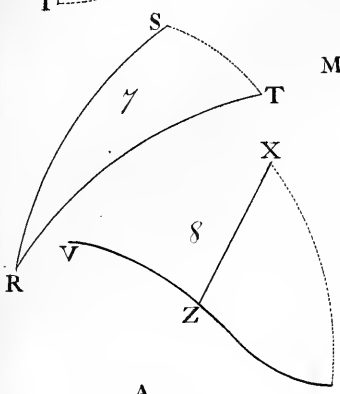
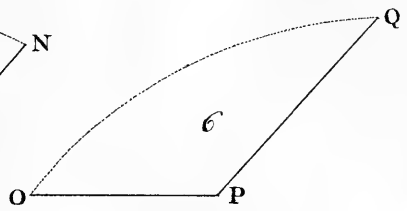
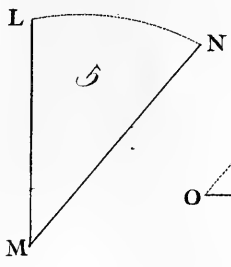
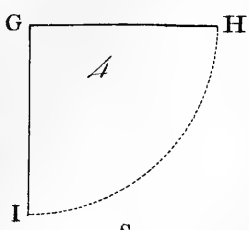
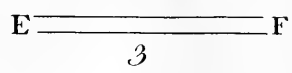
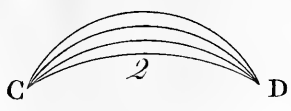
Os angulos rectos tem noventa grãos, que fazem huma quarta parte do circulo.

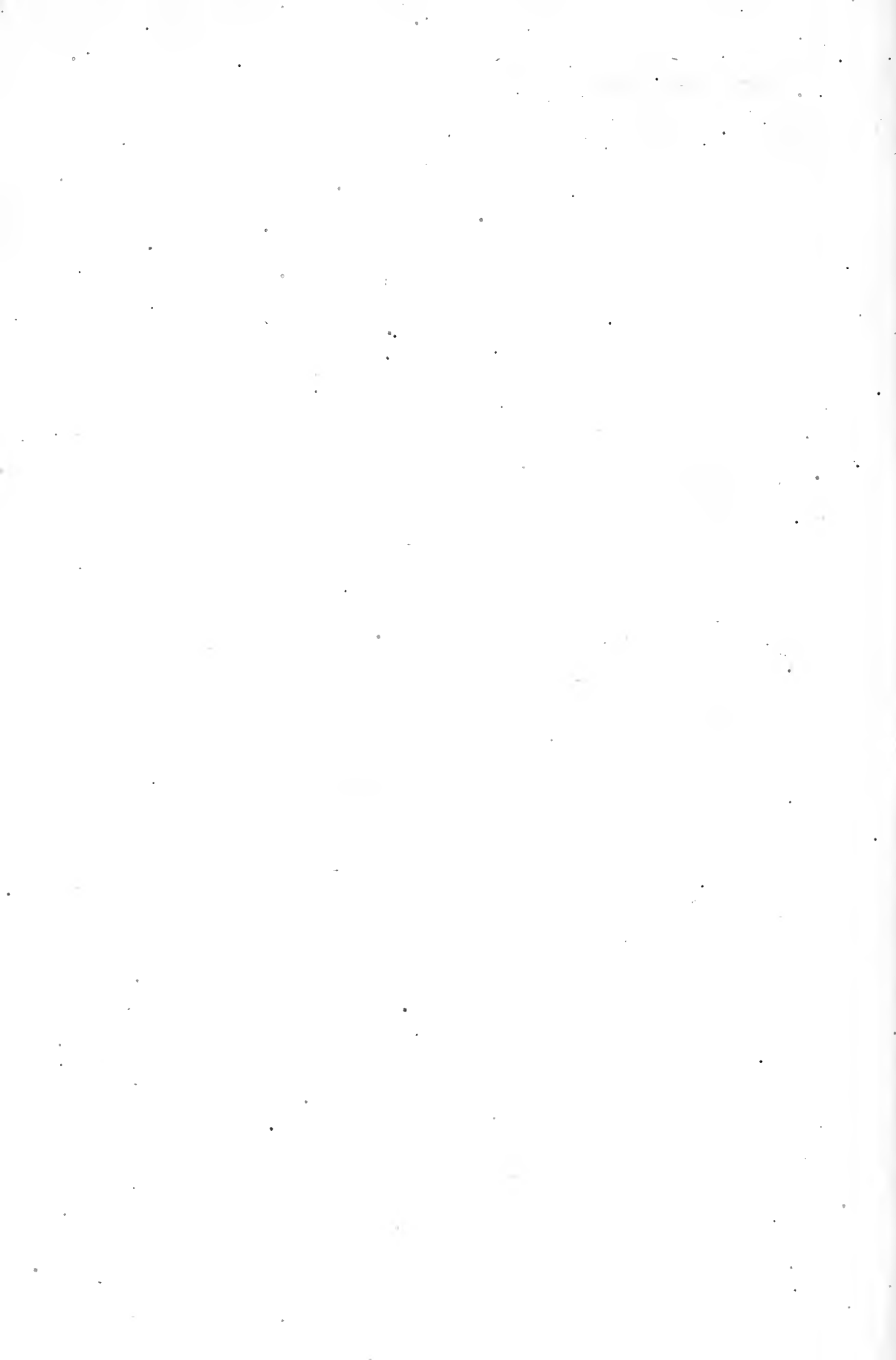
Os angulos, que tem menos de noventa grãos, chamão-se *Agudos*; e contando as partes de que o circulo se compõe, se diz, por exemplo, que hum angulo he de sincoenta grãos, o outro mais agudo he de trinta e sinco, &c. ao contrario os angulos obtusos todos devem passar de noventa grãos, sendo huns de noventa e sinco, outros de mais, &c.

O quadrado, de que se usa para trabalhar, e render os Cavallos, comprehende quatro angulos rectos, como se vê na Fig. 16.; e quando o Cavallo sahe do circulo para fóra, já para passar de mão, já para ficar trabalhando sobre os reversos, fórna hum angulo mais, ou menos agudo, e logo torna a buscar o mesmo terreno, em que andava, seja para ficar trabalhando sobre a mesma acção, em que antes de passar, ou contrapassar de mão trabalhava; seja para dividir o quadrado, ou o circulo em quatro partes iguaes: advertindo que o Cavallo não póde fórmã as passagens, ou contrapassagens de mão, determinando os seus movimentos sobre linhas rectas dos angulos do quadrado, e dos angulos no centro do circulo, como se vê na Fig. 15., e na Fig. 16., porque precisa sempre conduzir-se nas passagens sobre linhas obliquas, como havemos de mostrar.

Os Cavallos para se moverem com alguma graça, e commodidade para o Cavalheiro, dependem muito do movimento circular, e obliquo; e sem o haver adquirido, nem podem dobrar-se bem, nem podem ser commodos, e agradaveis nos seus

A *Figura 1* B





feus movimentos : por isso os Cavalleiros encaminhão os Cavallos mais pelas linhas obliquas, e circulares, que pelas rectas.

He certo que os Cavallos naturalmente andão para diante sem algum artificio, determinando o seu movimento pelas linhas rectas : por isso quando trabalhão sobre o quadrado longo, ou toda a terra, fórmão perfeitamente linhas parallelas; mas se o Cavalleiro os faz atravessar o terreno, os Cavallos já não podem seguir bem as linhas perpendiculares, e parallelas; porque em fazendo no seu pescoço, e corpo alguma pequena dobra para se conservar dobrados, hão de terminar os seus movimentos mais pelas linhas obliquas, e circulares, que pelas linhas rectas : bem entendido, que os movimentos de toda a máquina do corpo do Cavallo, em elle se dobrando, seguem mais as linhas obliquas, do que as perpendiculares, e rectas; e quanto mais dobrado o Cavallo se mover, mais obliquas hão de ser todas as articulações, e determinações dos seus movimentos. Isto supposto, eu faço menção destas figuras, e doutrina Geometrica tão sómente para dar alguma idéa mais perfeita das Leis dos movimentos dos Cavallos, e por fazer mais perceptivel o meu plano. Agora passemos a mostrar o modo com que se devem apanhar, ou enlaçar os Potros para os encabrestar, e para os recolher.

Do modo de enlaçar os Potros no Picadeiro.

DEpois de apartados, e separados no parque os Potros das Egoas no tempo, e idade que deixamos notado, se forem destinados para o exercicio da Escola, ou Picaria, será bom, tendo elles quatro annos, fazellos conduzir ao Picadeiro para os enlaçar, ou apanhar. Para este fim mandava o Senhor Rei D. José viessem ao Picadeiro quantidade de Moços da cavalhariça : elles, e os Guardadores apanhavam os Potros á mão, lançando-se-lhes ás orelhas, e pescoço aquelles, que primeiro lhe podião pegar; mas disto commummente resultão aos Guardadores, e Moços alguns desastres : motivo, por que eu prefiro antes o seguinte modo de os enlaçar. Para este fim haverá prompta huma beta, ou corda de canhamo do comprimento de oitenta até cem palmos, pouco mais, ou menos: em huma ponta deve ter huma prezilha de dous palmos de comprido, em que se fará o laço, mettendo pela dita prezilha a beta dobrada sem mais obstaculo algum, que lhe embarrace o poder correr o laço, e apertar-se no pescoço ao Potro.

Hum homem porá o laço no laçador, que he huma vara comprida, na qual o laço dará duas, ou tres voltas, ficando a argola delle bem larga para se poder collar pela cabeça do Potro. Em elle estando assim laçado, alguns Guardadores, e Moços da cavalhariça segurarão a ponta da corda até poderem segurar o Potro, que estando cançado de pugnar por fugir, e salto de folgo pelo aperto do laço, elle ficará sem tanto risco, em termos de que o possão encabrestar, ou metter-lhe a cabeçada. Assim irão apanhando os que houver, e os conduzirão ás cavalhariças, onde os devem tratar, e pensar, como em outro lugar já fica ponderado.

Recolhidos assim os Potros, os devem conduzir ao Picadeiro hum dia sim, e outro não, para os principiar a deitar á guia, indreitando-os na terra, quanto pu-

derem, obrigando-os, e ajudando-os ao mesmo tempo com o chambricé, sem lhe dar muita pancada, para não abater, e tornar froxos aquelles, que são de si defanimados, fazendo-os trotar em hum movimento igual, cuja cautela não deixa tambem de ser boa para não os constituir viciosos, e malignos, se elles forem dotados de hum genio activo, e inoffrido.

Do modo de pôr a cilha mestra aos Potros.

LOgo que o Potro mostrar algum respeito ao cabeção por effeito de o haverem deitado á guia, lhe porão huma cilha mestra, apertando-o sem excessão; e após isso, em estando manso, lhe atará as redeas do cabeção ás cilhas, alguma coufa largas, e com tanta igualdade, que a cabeça, e pescoço do Potro fique direito, para com muita liberdade o ir indireitando do seu pescoço, e espaduas, sem lhe dar grandes cabeçonagos com a guia; porque se o obrigarem a soffrer o cabeção, como se tivesse já muito tempo de trabalhar com elle, ainda que o cabeção seja macio, e bem forrado, as repetidas pancadas o farão rude ás sensações do cabeção.

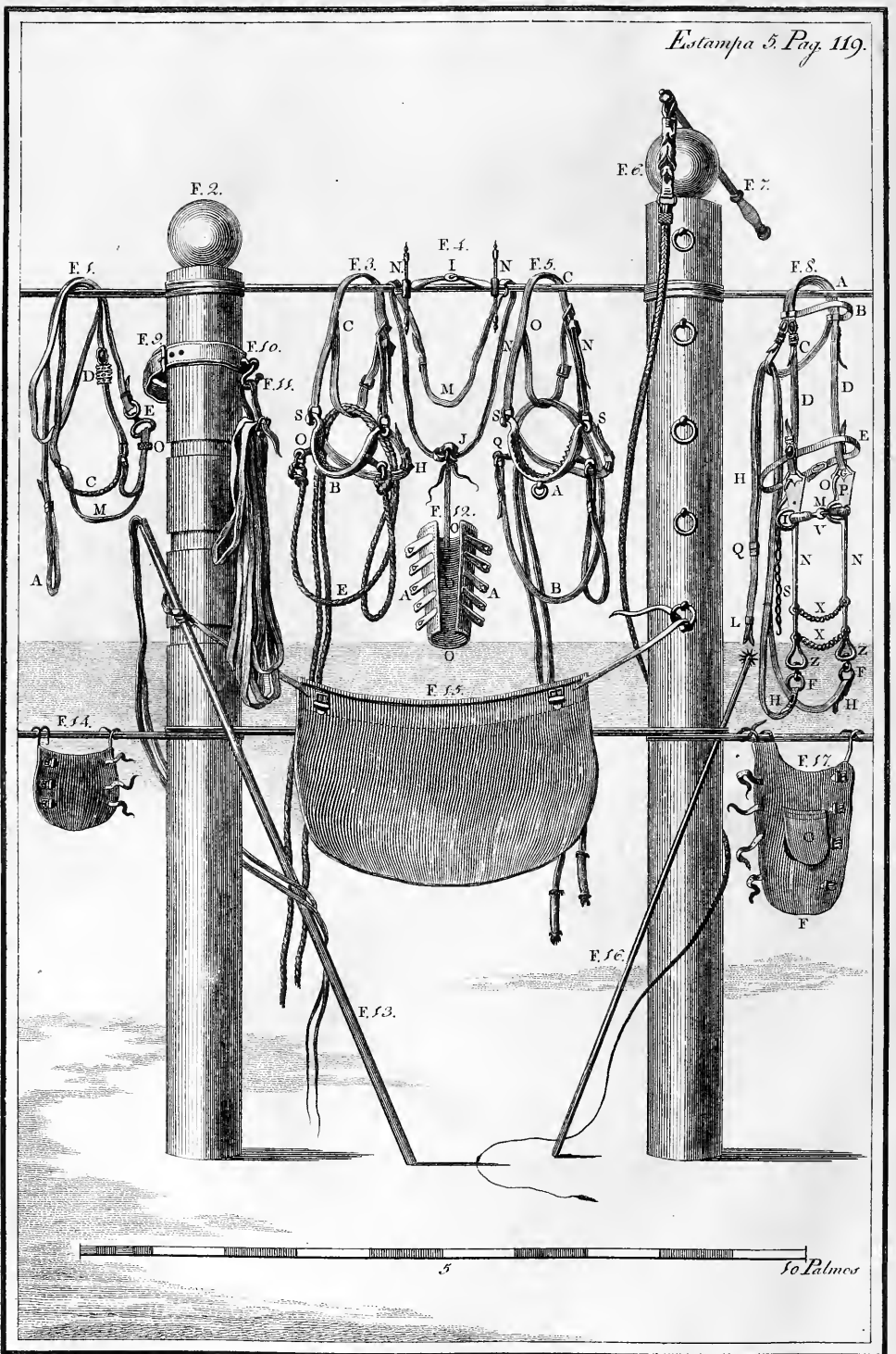
Quem andar com a guia, e quem andar ajudando com o chambricé, deve ter cuidado em que o Potro não caia no terreno; e se saltar, seja por braveza, seja por alegria, e desejo de brincar, seja por se apaixonar com a sujeição da guia, do cabeção, e do aperto da cilha, não deve quem o deitar á guia deixallo ir dar pelas paredes do Picadeiro, e parapeito, para que as suas desordens, e paixões o não fação dar alguma grande pancada, que o possa para sempre arruinar de alguma das partes do corpo.

Do modo de pôr a sella nos Potros.

PAssados dous mezes pouco mais, ou menos, lhe porão a sella, que tão sómente deve ter a cilha mestra, e rabicho, sem estribos, chairel, ou outra alguma coufa, que sirva de embarço a pôr-se ella com brevidade, havendo-se primeiro cuberto os olhos ao Potro com hums antolhos Est. IX. Fig. 16., ou com hum panno, que facilmente possa segurar na cabeçada: isto para elle soffrer mais, e não se desordenar tanto ao pôr da sella; pois he certo se inquietão muito, quando estão vendo todas as acções, que he preciso fazer neste caso.

He bom fazer-lhe pôr a sella a primeira vez na volta ultima do fundo do Picadeiro; e em lhe ajustando a cilha mestra, de forte que se conserve a sella no lugar em que a puzerão, lhe devem apertar o rabicho sem excessão; e após isso desatapar-lhe os olhos, e deixallo sahir para diante por todo o comprimento do Picadeiro. Aquelle, que estiver com a guia, por muito que o Potro falte, havendo-se-lhe posto a sella, como temos dito, poderá facilmente, sem risco dos moços que a puzerem, fazer-se senhor delle, e acautelar todos os movimentos, de que o Potro usa, seja para fugir, para saltar, ou para se defender.

O costume de pôr a sella nos Potros as primeiras vezes no meio da primeira vol-



volta do Parapeito junto ao Pilão do centro, não he tão bom; porque neste lugar se o Potro se defender, e faltar, póde facilmente offender os moços que lha põe, e ir marrar no Pilão, ou no Parapeito, sem o Conductor da guia ter tempo de se fazer senhor della, e embaraçar ao Potro as suas defordens, como o poderia fazer, se lhe fosse posta na volta ultima do fundo do Picadeiro.

Mostra-se como devem ser fabricadas as sellas, que se põem a primeira vez nos Potros.

AS sellas mais proprias para pôr nos Potros as primeiras vezes, devem ter huma cilha mestra, que passê por entre o coxim, e as chapas: depois do Potro soffrer a sella, devem pôr-lhe os estribos prezos no porte estribo, o chairel, e as cilhas ordinarias. Em elle soffrendo isto, lhe farão deitar os estribos abaixo, tendo os loros em tal comprimento, que não vão dando os estribos nos codilhos, ou principios dos braços dos Potros N. 49. Est. III., onde muitas vezes por effeito destas pancadas se lhes fazem humas contusões, a que chamão *Codilheiras*, que depois custão muito a diffolver, e gastar.

E S T A M P A V.

De alguns instrumentos, com que se castigão os Cavallos.

Utilidades da Guia, e de como deve ser construida.

EM todas as Escolas bem regradas se ferverem da Guia para encaminhar, e diffôr os Potros, moderando-lhes com ellas a sua braveza, e fazendo-lhes soffrer, e sentir as sensações do cabeção sobre o focinho, e do chambricé sobre a garupa; e ainda que Newcastle, e outros scientes não tratem das suas utilidades pelo decurso da sua lição, com tudo este instrumento he preciso para dispôr os Potros, e principiar a fazer com que elles soffrão as sensações não só do cabeção, e chambricé, mas do açoute, vara, e falla. He tambem util a Guia áquelles Cavallos, que se tem feito rebeldes, e malignos, ou impellidos da má lição, ou da sua natural inclinação. Ella serve para nas suas difficuldades os ajudar a reduzir, e ferá em todas igualmente util, se fizerem sempre hum bom uso do seu prestimo.

Deve a Guia ter de comprimento quarenta e quatro até quarenta e seis palmos; e o seu feitio, como se vê na Est. V. Fig. 11.: deve ser de canhamo, e tecida da mesma fórmula, que se costumão tecer as redeas ordinarias do cabeção: em huma das suas extremidades, ou pontas, deve ter huma correia de palmo e meio de comprimento com sua fivela, e passador forte para se afivelar na argola do tronel do cabeção, ou aonde a fizerem servir. Na outra extremidade, ou ponta, deve haver huma prezilha feita da mesma fórmula, que o he a guia, e com pouco mais de hum palmo de comprimento, para se poder pegar bem nella, e dobrar na mão todo o resto, como se vê na Est. V. Fig. 11.

Do modo de deitar os Potros as primeiras vezes á guia.

Devem-se principiar a deitar á guia os Potros sobre hum largo circulo , obrigando-os o mais que puder fer a que observem hum terreno igual na sua circumferencia , trazendo sempre a guia com a possível liberdade , e com aquelle apoio que ao mesmo tempo permittir a sensibilidade do Potro.

Se o Potro baixar a cabeça , deve quem o deitar á guia ter mais alta a mão direita , e dar-lhe com a mesma guia alguns toques para cima , e para diante ; e tanto que o Potro levantar a cabeça , e fahir para diante , e para fóra , devem logo render-lhe a guia , isto he , deixalla correr pela mão , para que o Potro , havendo levantado a cabeça , e sahido para fóra , levante as suas espaduas , e fique em melhor acção.

Quando o Potro com os seus pés alcançar as mãos , ou se alargar demaziadamente das suas ancas , he bom ter repetidas vezes a guia para dentro , quanto baste , para o Potro unir a perna de dentro á perna de fóra , porque de outro modo elle não poderá tão facilmente adquirir o bom costume de recolher a perna de dentro para baixo do seu corpo.

Se o Potro ficar para trás , isto he , se se detiver , he preciso que o que trazer a guia ande para diante , puchando-a alguma cousa para si. E da mesma forte se o Potro entrar demaziadamente para diante , deve quem trazer a guia andar menos , e tocar-lhe com ella amiudadas vezes para trás ; e se neste caso o Potro fahir muito para fóra , puchando com violencia , devem muitas vezes ter a guia para dentro , e render-lhe logo a mão até que o Potro deixe de commetter aquelles defeitos. Advertindo que neste caso as sensações do cabeção sobre o focinho do Potro devem principiar por miudos toques da guia , que vão fazendo mover o cabeção sobre o mesmo focinho do Potro sem grande força , para que elle se vá pondo em boa acção , e soffrendo o cabeção sem violencia.

Se o Potro quizer faltar , deve quem o deitar á guia observar se elle falta , ficando para trás , ou indo para diante ; e da mesma forte se elle falta mais para huma , que para outra parte , para lhe encontrar esta defordem , e ir remediando os seus máos costumes , a fim de que não se obtine mais nestes defeitos , e por meio delles adquira alguns esforços nas espaduas , canas , joelhos , e travadouros ; pois todo o cuidado de quem deita os Potros á guia deve encaminhar-se a que elles não se arruinem de alguma das referidas partes.

Do modo de o obrigar as primeiras vezes a passar de mão.

Quando fizerem passar de mão o Potro , ou Cavallo , que anda á guia , devem observar se elle vai igual no seu movimento , e por consequencia com melhor tenção , para então lhe render a guia , dando quem a trazer alguns passos para fóra do centro ; e depois do Potro fahir da linha da circumferencia do circulo em que andava para fóra , andando o Conductor da guia alguns passos para

a garupa do Potro , puchando-o então com ella para si , para que elle ande para diante , e entre por hum angulo curvilineo , Est. IV. Fig. 7. , para o centro , e assim do mesmo modo torne a fahir para fóra , e por outra semelhante curvatura vá buscar a linha da circumferencia do circulo , em que andava antes de entrar nesta passagem. Serve tambem a guia para obrigar o Potro , ou Cavallo a andar para trás , em lhe dando com ella alguns toques sobre o focinho.

Quando quizerem que o Potro vá para fóra , e para diante , devem ter a guia na mão direita , sahindo a parte della , que vai afivelar no cabeção da palma da mão por entre o dedo pollegar , para fóra ; e quando quizerem que o Potro abaixe a cabeça , entre para o centro , e não vá tanto para diante , devem conservar a guia na mão direita , entrando por entre o dedo pollegar , e a palma , e sahindo a parte que vai afivelar no cabeção , por entre o dedo minimo , e a palma , tendo sempre o resto da guia bem dobrado na mão esquerda , e assim lhe darão com ella os toques sómente que bastarem para fazer obedecer o Potro , ou Cavallo ; e logo que elle ceder , devem render-lhe a guia , e continuar em trabalhillo com muita liberdade , e o possível apoio.

Se o Potro puchar muito para fóra , e fizerem nelle pouco effeito as diligencias , de que já fizemos menção , podem deixallo andar bem largo , e muitas vezes ter , e render-lhe a guia até elle ceder , e andar bem para diante. Se elle porém quando chegar aos quatro angulos da volta quadrada ficar para trás , podem segurar a guia no Pilão do centro , para que , ainda que puche muito , se defengane de que não póde fugir para fóra. Neste caso porém não he bom obrigarlo com violencia de chambrié , ou açoute , porque não faça alguns esforços nos seus quadrís , e curvilhões , antes sim o devem ir conduzindo com mais brandura , e moderação ; e pela parte de fóra podem haver alguns ajudantes , que o encaminhem com mandão para deixar o seu máo costume , e seguir melhor direcção.

Serve a guia para ajudar a render os Cavallos , que duvidão voltar para huma , e outra parte por malicia , e para embaraçar , e corrigir tambem os que rápidamente querem voltar já para huma , já para outra mão contra a vontade do cavalleiro. A mão da guia trabalhando alta , ajuda o Cavallo a levantar a cabeça , e as espaduas : logo pelo contrario trabalhando a mão baixa , ha de forçosamente obrigar-lhe a cabeça , e espaduas para baixo.

Todas as vezes que renderem a guia , ficará o Potro , ou Cavallo mais em liberdade ; e quando firmarem a guia , o Potro , ou Cavallo ficará para trás : semelhantemente quando tem a guia para dentro , obrigão o Potro a que volte a cabeça para a volta , trazendo-lhe infensivelmente as espaduas para o centro ; e por consequencia ha de fahir a garupa á proporção para a circumferencia , e por este motivo necessariamente o Cavallo ha de unir a perna de dentro á perna de fóra , como já diffemos.

A cilha mestra deve ser posta aos Potros pelas primeiras vezes no Picadeiro , e debaixo da guia , depois dos Potros haverem feito algum exercicio , para com ella evitar que faltem , e commettão desordens , por meio das quaes se arruinem : o mesmo se deve praticar , quando as primeiras vezes lhes puzerem a sella , e os montarem.

Continua-se o modo de deitar os Potros á guia.

Quando a guia estiver afivelada no tronel do cabeção da parte de fóra do centro, que he, se o Potro anda para a mão direita, estar a guia afivelada no tronel do cabeção da parte esquerda, elle olhará com os olhos ambos para o centro da volta: este modo de usar da guia lhe faz não só voltar a cabeça para o centro, mas obriga-o a dobrar-se do lugar do Ezofago por todo o pescoço, e isto o faz entrar bem consideravelmente das cilhas para diante, para dentro da volta, e fahir conseqüentemente á proporção com as ancas para fóra do centro: ainda quando o Potro, ou Cavallo faça diligencia por entrar para o centro com a garupa, seja por aliviar o sentimento da perna de fóra, que soffre maior oppressão com o movimento circular a que fica obrigada, quando a garupa sahe da linha da circumferencia, em que trabalhão as espaduas; seja por lhe custar a entrar com as espaduas para o centro, e cruzar a mão de dentro por cima, e por diante da mão de fóra. Serve mais a guia para abater os Cavallos caprichosos, e dispollos para o cavalleiro os montar sem risco; e maiormente serve se os Cavallos são raivosos, colericos, reabiados, ou tem congocha.

Se o Potro, ou Cavallo he raivoso, e por consequencia sensível, devem deitallo á guia mansamente, fazendo-o trotar, e galopar igual no seu movimento, sem lhe atenuar a sensibilidade do focinho com pancadas fortes, e violentas. He bem verdade que os órgãos do tacto, quando o Cavallo he naturalmente sensível, não perdem facilmente a sua propriedade; mas não obstante isso, não devem com o costume das repetidas pancadas do cabeção sobre o focinho do Cavallo fazer com excessõ calosa a parte, em que o cabeção faz as suas sensações, em quanto o deitão á guia.

Se o Cavallo tiver congocha, e quando lhe apertarem a fella, elle mostrar que quer puchar para trás, não he bom segurar-lhe a guia forte; porque se lhe pucharem por ella para diante, o Cavallo quasi sempre cahirá para trás. He muito natural parecer a todos, que, puchando pela guia para diante, evitarão o perigo de lhe cahir o Cavallo para trás, e talvez de forte que fique morto, ou muito maltratado da quéda. Isto porém só o poderia sempre conseguir aquelle homem, que tivesse mais forças que o Cavallo (coufa sem dúvida impossivel), por isso se lhe deve render a guia para evitar este perigo; e antes de o apertarem, se tiver esta molestia, o devem deitar mais tempo á guia, do que se elle não tivesse congocha, para quando o apertarem não estranhar tanto o aperto.

O Cavallo, que tem congocha, agitado da oppressão que lhe faz o aperto das cilhas, se afflige, e o seu primeiro impulso quasi sempre he levantar-se para cima, firmando-se igualmente nos seus pés, e mãos; e em sentindo que lhe segurão a guia, elle pucha para trás com mais excessõ, e por isso cahe: se pelo contrario achar a guia frouxa, elle, depois de saltar para cima, ou para os lados, fahirá para diante; e ainda que dê alguns saltos, elle se deixará vencer sem risco; e quem o deitar á guia, logo depois dos primeiros saltos, fallando-lhe forte para o

di-

divertir, e tendo-lhe a guia, ferá facilmente fenhor delle; e quando caia no chão, ha de fer com menor violencia, que se o puchassem para diante.

Se o Potro, depois de apertado, duvidar fahir para diante, he igualmente bom o ajudante ficar bem por detrás delle, e tocar-lhe sobre a garupa com o chambrié, ou açoute, e quem está com a guia puchar a cabeça do Cavallo ora para huma, ora para outra parte; mas se elle se deitar, he melhor desaperter-lhe as cilhas, do que magoallo com pancadas para se levantar.

Ajuda-se o Cavallo com a guia entre os Pilões a suspender, e formar as curvetas, as garupadas, as balotadas, e as cabriolas, &c. e serve tambem a guia no gancho do correão do Pilão do centro, para obrigar os Cavallos a que se formem com liberdade nos ares altos: serve para tirar o Cavallo atrás pelas linhas rectas da muralha, e linhas do centro, e sobre as mesmas linhas obrigarlo, e ajudallo a que faça as poufadas, as curvetas, e os mais ares altos.

Todos estes prestimos, que digo tem a guia, justificação bastantemente as suas utilidades: os que fizerem della hum bom uso, verão o quanto he proveitosa; e se produz algumas vezes máos effeitos, he porque muitos usão della, ignorando o modo de a fazer util.

Fórma, com que se deve usar do chambrié.

O Chambrié (como fica notado) he huma hastea de madeira, como se vê na Est. V. Fig. 13., commummente do comprimento de sete, ou oito palmos e meio; com grossura proporcionada ao seu comprimento. Os melhores são de faia, a ponta deve ser fendida, e dentro da abertura intrufas, e seguras duas correias de couro grosso, e macio da largura de quasi duas pollegadas, e do mesmo comprimento de que he a hastea.

Quem ajudar o Potro com o chambrié, deve trazer o seu braço da parte de fóra do centro da volta sobre que anda, estendido, e alto, de forte que as pontas das correas fiquem detrás da garupa do Potro, para que elle obrigado desta ajuda saia para diante, e para fóra. Se não obstante tudo isto, elle ainda o duvidar, quem trazer o chambrié dará com as correas no chão, para que com o temor da pancada ande para diante. Isto a que nos termos da Arte chamão ajuda, he hum remedio mais forte que o primeiro que fica notado, para fazer determinar os Potros, ou Cavallos a que andem para diante: assim como tambem tocar com as pontas das correas do chambrié sobre a garupa do Potro, he já huma ajuda mais forte que as precedentes; e se elle se demorar, ou desobedecer, tanto que seja preciso dar-lhe fortemente com o chambrié sobre a garupa, como isto já passa de ajuda a castigo, devem servir-se delle o menos que puder ser, para que no Potro se conserve mais a actividade do espirito, e a natural sensibilidade.

Se deitarem o chambrié ao Potro de dentro para fóra do lugar, donde se apertão as cilhas até ao meio da espadua, isto o fará ir para fóra do centro, e obrigará a adquirir alguma dobra no corpo. Se deitarem o chambrié á espadua do Potro detrás para diante, elle fahirá para diante, e unirá, posto que por breve tempo, a

espadua de dentro á espadua de fóra. Se deitarem o chambrié á cocha da perna de dentro do centro, o Potro unirá então a perna de dentro á perna de fóra, extendella-ha para baixo do corpo, e fahirá para diante. Se lhe deitarem o chambrié de fóra que elle alcance a garupa do Potro pela parte de fóra do centro, elle entrará com a sua garupa alguma coufa para o centro, e unirá a perna de fóra á perna de dentro; e se quem andar com o chambrié, o abaixar para o chão, o Potro andará mais manso, porque não observa o chambrié em acção de o ajudar, ou castigar. Se lhe tocarem com as pontas do chambrié fobre o meio das ancas, o Potro dobrará os curvilhões; fahirá para diante, e metterá as suas pernas igualmente para baixo do corpo, igualando-se muito nos movimentos do feu trote, e nos do galope.

Não he bom castigar os Potros por baixo da barriga com o chambrié, porque elles á pancada se encolhem, detem-se, e perdem o feu melhor movimento: por isso creio que isto justifica bem o quanto he máo este modo de usar d'elle. Tambem não devem chegar-se muito com elle aos Potros, nem demaziadamente á guia, para que não fiquem para trás, vendo diante de si quem os castiga, ou possam offender o ajudante, por se chegar muito a elles. Devem sim andar com o chambrié, de forte que se conservem defronte do meio do corpo do Potro, hum pouco distante de quem traz a guia, tendo muito sentido em o obrigar com o feu modo de andar mais, e menos apressado, e com os movimentos do chambrié, para que elle vá para diante, conservando os seus movimentos com a maior igualdade que puder fer, seja que o conductor do chambrié o obrigue a mover-se com velocidade, por se dar mais pressa nos seus passos, ou que por andar de vagar, se mova o Potro com menos pressa.

*Do modo de fazer passar o Potro da mão, obrigando-o
com o chambrié.*

Quando o fizerem passar de mão, o que andar com o chambrié, observará se o Potro em lhe rendendo a guia, sahe para fóra da circumferencia para o seguir com o chambrié quanto baste, e apôs isso quando a guia o segura, se elle entra para o centro do circulo por hum angulo curvilineo, porque então deve o ajudante passar por detrás do conductor da guia, para o ajudar a que por outra curvatura vá immediatamente outra vez buscar a linha da circumferencia, pois que de outra forte não podem os Potros na passagem fahir da circumferencia para fóra, e apôs isso entrar para o centro, tornar a fahir para a circumferencia, e marcar o terreno, como se vê na Est. VI. Fig. 2. N. 4. e Fig. 3. N. 6.: por estes motivos se deixa ver bem claramente de quanta utilidade he o chambrié para ajudar, e facilitar os Potros na maior parte das lições, e trabalhos, que se lhes devem formar nos seus principios.

Explica-se que cousa he Açoute, e o modo de usar delle.

O Azurraque , vulgarmente chamado *Açoute* , he muito differente no seu feitiço do chambrié , como se vê na Est. V. Fig. 7. : com tudo o seu prestimo he quasi o mesmo que o de chambrié ; e ainda que os Potros o não temem tanto , em quanto não provão os seus effeitos , logo que com o açoute levão alguma pancada , o temem muito mais que temem o chambrié ; porque a sensação , que elle imprime nas suas corporeas máquinhas , se lhes faz mais violenta , e ingrata que a do chambrié.

Sendo pois o castigo do açoute violento , tanto por isso , como por incommodar com os estalos todos os Cavallos , que andão trabalhando no Picadeiro , muitos prudentes são de parecer que elle se deve para sempre desterrar das Academias bem reguladas. Eu porém attendendo ao que elle tem de bom , e ao que tem de máo , creio o devem conservar para ajudar , e castigar aquelles Cavallos , nos quaes o chambrié não produz o esperado effeito ; ou porque tenham o couro grosso , e por isto sejam menos sensiveis , ou porque sejam tambem demaziadamente malignos.

Deve o açoute ter hum cabo de madeira de dous palmos , e hum terço de comprimento , com grossura proporcionada : na ponta deste cabo deve haver hum cabrestilho de tres quartos de comprimento , e no fim do cabrestilho huma argola , em que se prenderá o açoute. Tambem póde não ter argola , ser o cabrestilho menor , e com outro cabrestilho , sendo enlaçado hum no outro , ir prender no açoute.

O açoute he tecido de quatro correas ; e sendo no principio mais grosso , irá declinando até á ponta , de forte que venha a finalizar em huma correa , cujo comprimento venha a ser de hum palmo , e hum terço , e largura de huma pollegada. No fim da referida correa haverá huma abertura , em a qual se possa introduzir huma ponta delgada , feita de pita , e na sua falta seja de retroz , ou de cordel , vindo a ficar o açoute na extensão de quinze até dezeseis palmos no seu comprimento.

A pancada do açoute , sendo forte , corta o couro ao Cavallo , principalmente se com elle lhe derem sobre o ventre , ou sobre as soldras , e bargadas , onde ordinariamente o couro he mais delgado ; mas isto não obstante , devem conservar o açoute nas Escolas bem reguladas , não só pelas razões que deixamos notado , mas tambem porque se o que andar com elle fizer bom uso do seu prestimo , o póde fazer util ; pois que para ajudar o Cavallo , nem he preciso andar-lhe sempre dando , nem tão pouco dar aniudados estalos , com os quaes se faça perder o sentido da lição aos mais Cavallos , que andão trabalhando.

Newcastle , e outros scientes não tratão , como já diffemos , da guia no discurso da sua lição , e com tudo elles se servião della para dispôr os Potros , e Cavallos , usando-a para os fazer soffrer as sensações do cabeção , e todas aquellas , que nos seus principios lhes são desagradaveis. He sem dúvida que os primeiros rudimentos , pelos quaes se principião a formar as primeiras disposições de qualquer

Arte, ou sciencia, ainda que na apparencia representem ser cousa de pouca entidade, nem por isso deixão de ser os fundamentos, sobre que rodão, e se vão estabelecendo as maiores difficuldades das Artes, e sciencias. Isto supposto, em todas as Escolas, e bem reguladas Academias se usa, e tem sempre usado da guia, chambríe, e açoute; e ainda que as mãos, e as pernas do Cavalleiro são as que dão aos Cavallos governo, facilidade, e sensibilidade na sua boca, e ventre: com tudo, he tambem innegavel ser a guia, o chambríe, e açoute hum grande remedio para dispôr os Potros, e trazellos de bravos, ferris, e indomitos ao bom estado do Cavalleiro poder sem tanto risco, dominallos.

Do modo de montar o Potro debaixo da guia.

Quando montarem o Potro as primeiras vezes, devem abatello tanto quanto parecer bastante, a quem o deitar á guia, para que elle não commetta grandes defordens. Logo quem o houver de montar, se chegará a elle, de forte que não o espante; e depois de o affagar, quanto o Potro permittir, pegará no estribo, metterá nelle o pé, e baterá com a mão direita no coxim da fella: advertindo que se o Potro estranhar muito a novidade, em tal caso o tornarão a deitar á guia até elle estar mais manso; e tanto que o fizerem parar, tornarão a chegar-se a elle, cubrindo-lhe os olhos, de forte que se pofsão desfatar, ou tirar facilmente os antolhos, ou mandil, para evitar que o Potro com os olhos tapados falte, e vá dar affim pelas paredes.

Quem trazer a guia a deve ter na mão esquerda bem dobrada, segurando-a curto com a direita para melhor embaraçar as defordens, que o Potro emprender para a sua defeza.

O Espotreador as primeiras vezes que montar o Potro, deve tirar as esporas; e em mettendo o pé no estribo, montar com agilidade, isto he, fazer diligencia por montar de hum tempo, e ganhar a fella da primeira vez. O mesmo Espotreador deve reparar em que esteja o estribo em bom comprimento, isto he, que esteja o comprimento do loro proporcionado á medida do comprimento da perna, porque o estar o loro muito comprido, faz que o Espotreador não possa alcançar bem a fella; e se o loro está muito curto, tambem não he bom, porque a perna direita falva a fella para a parte de fóra com excessõ, por isso deve o loro estar em hum comprimento justo, e proporcionado ao comprimento da perna do Espotreador.

Quem estiver com a guia, deve, como fica recommendado, estar bem prevenido; e logo que o Espotreador estiver mettido na fella, dar liberdade ao Potro para fahir para diante, cuidando muito em que levante a cabeça para cima, e trote igual, ajudando-o muito com a guia para aliviar mais ao Cavalleiro: este deve conduzir com ambas as mãos o Potro para fóra, não só para o indireitar mais no terreno, mas tambem para a guia o divertir, e ajudar, a fim de que o Potro vá seguindo com facilidade as linhas do circulo de duas pistas, marcando a terra, como se vê na Est. VI. Fig. 1., e sobre o quadrado, como se vê na Est. XV. do quadrado longo N. 2., e assim lhe irão continuando a lição até o costume della o redu-

duzir da sua braveza , e desigualdade a determinar os seus movimentos por humas linhas já circulares , ou já rectas , como temos dito.

Pelo methodo já referido deixamos notado , resumida , e succintamente o como o Espotreador deve montar o Potro ferril as primeiras vezes. Agora he justo passermos a mostrar como devem ir dispondo , e principiando a deitar o Potro á guia , para o fazer mais facil nos seus movimentos , e mais igual , e desembaraçado , tanto das suas espadas , como tambem da garupa , porque estes são os objectos principaes a que se encaminhão todas as minhas diligencias , e se tem sempre dirigido as laboriosas fadigas dos mais famigerados Professores desta Arte. Pignateli , Mestre da Academia de Napoles , affirmava aos seus discipulos , que em quanto o Cavallo não está desembaraçado das suas espadas , não usa bem dos seus movimentos naturaes , nem se póde dispôr para os artificiaes.

Explica-se o modo , com que se devem atar as redeas do cabeção ás cilhas para esta lição ser util.

AS redeas do cabeção atadas ás cilhas iguaes são excellentes para ajudar com o foccorro da guia , e chambrié a trazer o Potro , ou Cavallo com mais facilidade no conhecimento do cabeção , e á perfeição de se igualar nos movimentos naturaes : he preciso porém fazer hum bom uso dos seus effeitos , por isso Previl no Capitulo II. afirma que a Arte só , applicada com prudencia , produz maravilhosos effeitos. Ora para o Cavalleiro usar bem das diligencias da Arte , deve conhecer bem as difficuldades dos Cavallos , para fazer-lhes atar as redeas naquella situação que elles precisarem. Logo por consequencia não se devem mandar atar por costume as redeas do cabeção iguaes , e justas a toda a sorte de Cavallos ; porque tanto que o trabalho não he opposto ás difficuldades do animal , necessariamente ha de ficar conforme ás suas defezas , e com isto elle se confirmará cada vez mais nos seus erros.

As redeas atadas ás cilhas com igualdade são boas , como já dissemos , para endireitar os Potros das espadas , e pescoço , quando lhe principião a formar a primeira lição sobre as linhas da circumferencia , ou sobre as linhas do quadrado , seja longo , ou regular. Passemos agora a ver a differença com que se devem atar as redeas do cabeção para ajudar a render o Cavallo sobre o redondo , e sobre o quadrado.

Differença do modo de atar as redeas do cabeção , para formar o Potro na primeira lição do trote.

PRimeiramente para o Potro trabalhar com as redeas do cabeção atadas ás cilhas , andando elle sobre a circumferencia , devem as redeas ficar proporcionadamente iguaes , e com tal liberdade , que em se puchando a guia para dentro , deixe a redea do cabeção de fóra voltar ao Potro a ponta do focinho alguma cousa para o centro.

Para o Potro trabalhar com as redeas iguaes sobre o quadrado, podem ellas ficar alguma coufa mais justas; mas de tal forte iguaes, que elle finta a fenção das redeas ambas produzida igualmente pelo ferro do cabeção sobre o focinho. Newcastle recommenda que deixem entrar, e dar os Potros no cabeção ao principio, tanto quanto baste, para que elles avancem as suas espadas com igualdade de movimentos cada huma no seu tempo, e a garupa liga da mesma forte os movimentos das espadas. Isto porém se deve pôr em prática á proporção do sentido, e sensibilidade, com que os Potros soffrem as fenções do cabeção; e senão se accommodarem a isto, os Potros, ou Cavallos, em lhes apertando as redeas mais do que elles podem soffrer, se confundem de modo que chegão muitas vezes a defender-se, por não poderem soffrer o demaziado aperto, e tambem porque não conhecem o que pertendem que elles fação: motivos, por que deve cuidar muito quem deitar Potros á guia em conhecer bem as suas difficuldades, e não se descuidar de os ir obrigando, e conservando na figura correspondente á lição, em que os fazem trabalhar.

Se atarem a redea do cabeção da parte de fóra mais curta que a de dentro, ficará assim o Potro em huma figura falsa, e por consequencia mal posto no chão: elle dobrará a sua espada, e peçoço, á proporção do que lhe apertarem a redea de fóra, entezando-se sobre a espada de dentro; neste caso a garupa entrará para o centro, e virá a ficar trabalhando por dentro das linhas das espadas. O Potro, ou Cavallo fica assim irto, e tezo, sem poder ser senhor dos seus movimentos; de forte que esta lição, sendo por este modo applicada, faz situar mal o Potro, e o conduz ao estado de se arruinar dos seus rins, garupa, e curvilhões, maiormente se quando o deitarem á guia, lhe derem cabeçonassos fortes, estando elle situado desta maneira.

As redeas do cabeção atadas ás cilhas com igualdade segurão ao Potro a espada de fóra para o centro, e da mesma fórma a meia anca de fóra. Por isso eu recommendo atem as redeas do cabeção de tal forte iguaes, andando sobre o circulo, que o Potro possa olhar alguma coufa para dentro da volta, para quem o deitar á guia o poder alargar, e ajuntar das suas espadas, e garupa o mais que esta lição póde permittir, e o Cavallo precisar. Recommendo tambem que deitem os Potros algumas vezes á guia sobre o quadrado, humas vezes regular, outras longo, para que indo por linhas rectas, seja mais brilhante na determinação dos seus movimentos, seguindo a ordem que lhe he mais natural: passando-o porém dos quadrados aos circulos, primeiro largos, e depois mais curtos, serve isto para que vá adquirindo a determinação circular.

Para conseguir que o Potro chegue a unir a sua perna de dentro á de fóra, andando á guia sobre os circulos, deve ter quem o deitar a ella, a mão firme para dentro; e quem trazer o chambrié, deve após isso ajudar com elle o Potro sobre a coxa da perna de dentro, para que por effeito destas diligencias elle se vá costumando a recolher a perna de dentro para baixo do corpo, e a vá unindo á sua perna de fóra, para marcar com as pistas dos seus pés, e mãos os circulos, como se vê na Est. VI. N. 4.

Se o Potro deitar muito para fóra a garupa , e por esta causa elle unir com extremo a perna de dentro á de fóra , nem por isso se deve entender que elle vai bem , em quanto não recolhe a perna de dentro para baixo do corpo ; porque ordinariamente elles tomão aquelle costume para usarem mal da sua garupa , e ficar para trás : então quem trazer a guia , lhe dará liberdade nella , e repetidas vezes alguns toques para diante , e para fóra , regulando a força com que os applicar , pela proporção do sentimento que o Potro mostrar á impressão destas sensações.

Se o Potro se detiver , devem os toques da guia ser poucos , e muito moderados , ainda que elle os precise ; e quem ajudar com o chambricé , deve amiudadas vezes tocar-lhe com elle sobre a garupa ; e se o Potro não fizer caso disto , então lhe podem dar com elle fortemente sobre as ancas , obrigando-o por este modo a deixar-se encaminhar da guia , e a determinar os seus movimentos bem , e para diante , deixando de rolar para fóra , e seguindo com os movimentos da garupa os movimentos das espaduas pelas linhas circulares.

Newcastle , e todos os scientes pertendem que as duas ancas do Potro sigão com os seus movimentos as duas espaduas com promptidão , igualdade , e desembaraço. Eu me persuado que todas as disposições , de que precedentemente havemos tratado , são hum grande meio para os Potros conseguirem estas perfeições , e poderem com a pista do pé de dentro da volta buscar a linha da mão de fóra , seguindo as recommendações de Pignateli Pag. 19.

Tanto que a garupa do Potro , andando á guia , fica sobre o circulo de menor circumferencia , que as espaduas , já anda adiante dellas , porque ella se move em menos terreno para o ponto do centro , e já o Potro não póde determinar os seus movimentos com perfeição por huma linha circular , como se vê na Est. VI. N. 4. , antes fica em huma figura falsa , e torcida ; e creio não ha sciente algum nesta Arte , que mande formar os seus Cavallos em hum terreno , em que a parte do centro embaraça á parte de fóra seguir a determinação circular , com que a força centrifuga deve fazer a acção do corpo do Cavallo concava da parte do centro , e convexa da de fóra.

Em quanto a pista do pé de dentro marca o terreno por dentro da linha , que marca a mão de dentro , a linha do pé não póde ter a curvatura precisa ao movimento circular , em que precisamente o Potro deve mover toda a máquina do seu corpo , seguindo as linhas do circulo , sobre o qual anda trabalhando. O mais a que alguns Authores se alargão , he a mandar segurar a redea de fóra para remediar o defeito daquelles Cavallos , que por se lançarem sobre a espadua de fóra com excessão , não querem observar as linhas dos circulos de duas pistas inventados por Pignateli , como se vê na Est. VI. , já por darem a cara muito para dentro , já por fugirem com a garupa muito para fóra , quando elles devem marcar o terreno , como se vê na Fig. 4. da seguinte

E S T A M P A VI.

*Do circulo de duas pistas para a direita.**Leis pertencentes aos movimentos do corpo do Cavalleiro
nesta lição.*

1 **D**evem as espaduas do Cavalleiro perfilar-se com o radio do circulo tirado de qualquer parte, em que elle se achar na circumferencia, para o ponto do centro.

2 Deve pezar sobre o estribo de dentro á proporção da velocidade, e inclinação com que pertende que o Cavallo se mova.

3 Deve com as forças do equilibrio do tronco do seu corpo, mãos, e pernas fazer conduzir o Cavallo, de forte que forme o circulo igual na circumferencia das suas linhas, para ser agradável na sua acção, e andar bem para diante.

Leis pertencentes aos movimentos dos Cavallos nesta lição.

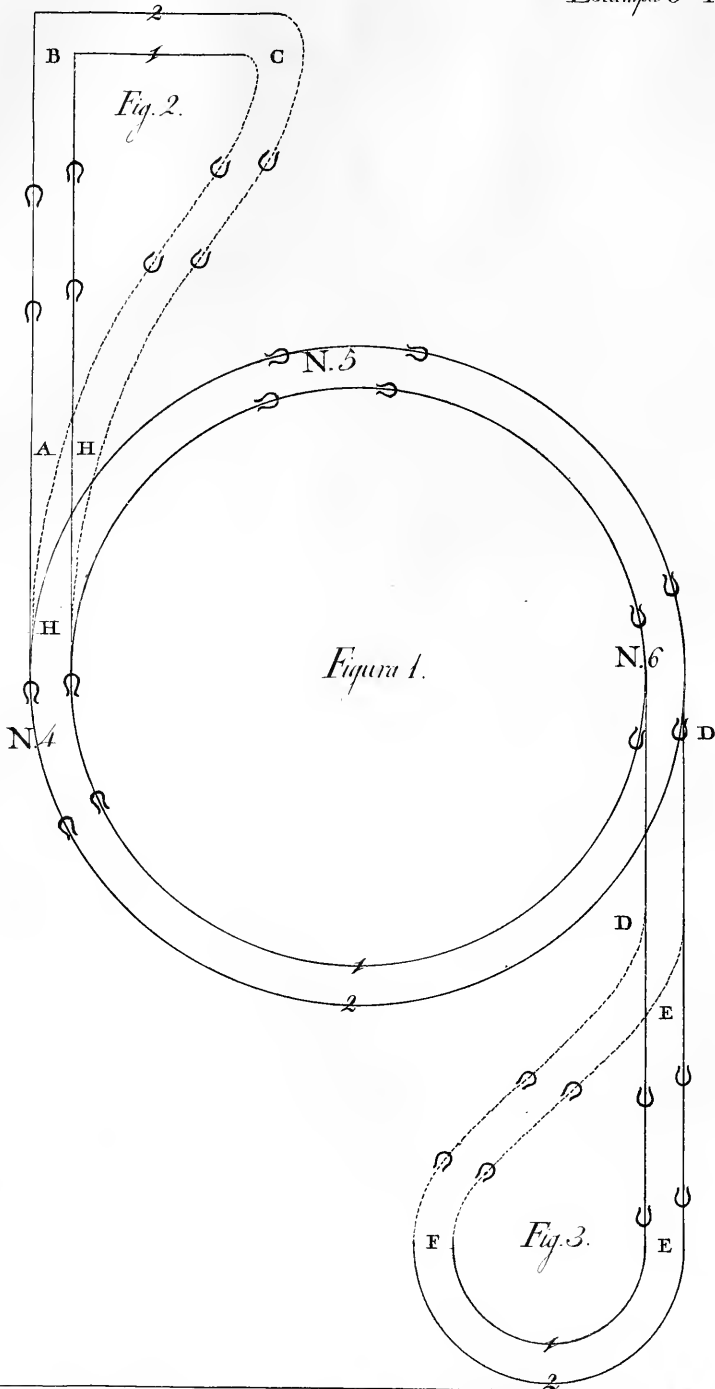
1 **Q**uanto maior for a velocidade dos movimentos dos Cavallos, tanto maior ha de ser a sua inclinação para o centro.

2 Os toques da guia, os do chambríe, e açoute applicados pela parte do centro fazem fahir o Cavallo para a circumferencia, impellido da inclinação circular, e força centrifuga.

3 Em quanto o Cavallo róla para fóra, não anda para diante: por consequencia, se neste caso o pezo, a força, e o movimento do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro deixarem de o obrigar a entrar para o centro, elle fahirá por huma tangente para fóra da circumferencia, como se vê na Est. IV. Fig. 9. da letra M para a letra N. Isto supposto, continuemos em mostrar como o Potro se deve mover no circulo de duas pistas.

Logo que o Potro, ou Cavallo galopar, marca o circulo, avançando o seu pé, e mão de fóra, como se vê nas pistas da Est. VI. N. 5., indo pela parte de fóra concavo, e pela parte de dentro convexo; e se olha para o centro, em quanto marca o terreno desta maneira, e conserva esta acção, vai em má figura, e he por consequencia defagradavel no seu movimento para o Cavalleiro, e vai no risco de cahir, porque a inclinação do seu pezo recahe mais sobre a parte de fóra, que sobre a do centro; e sendo o movimento circular das espaduas quem principia a dirigir a determinação de toda a máquina, deve a dobra do pescoço, espaduas, e corpo seguir huma mesma acção.

Galopando o Cavallo sobre o circulo, para andar bem, deve olhar para o centro, e pelos expostos motivos marcar o terreno, como mostrão as pistas da Est. VI. N. 6., de forte que trotando sobre os circulos de duas pistas, marca o terreno, como se mostra nas pistas da Est. VI. N. 4.; e quando galopa, deve marcar o ter-



reno, como mostrão as pistas da mesma Est. VI. N. 6.: isto se deve igualmente entender, trabalhando tanto sobre a direita, como sobre a esquerda.

Logo que o Potro principia a obedecer, quando o deitão á guia, quando se lhe põe a sella, e quando se atão as redeas dos cabeções ás cilhas iguaes, como temos dito, elle se vai dispondo para se dobrar; e em seguindo assim nos circulos com perfeição as pistas naturaes, vai pouco e pouco adquirindo a curvatura precisa, tanto na linha que o Potro marca com o seu pé, e mão de dentro, como tambem na que elle marca com o seu pé, e mão de fóra, e por consequencia elle se vai dispondo para os circulos de Newcastle.

Devem-se exercitar os Potros nalição dos circulos de Pignateli pelo largo, não só á guia, e com as redeas dos cabeções atadas ás cilhas, mas tambem depois de os haver montado até elles serem flexiveis, obedientes, e faceis para huma, e outra parte com igualdade, para depois os passarem a trabalhar na lição dos circulos de Newcastle, como em seu lugar diremos. O trabalho dos quatro circulos de Newcastle he hum rigoroso castigo, que o Cavalleiro dá ao seu Cavallo, como bem justificação os seus effeitos; mas he muito util para desembaraçar, e facilitar os Potros de todas as partes do seu corpo.

Eu disse que a redea do cabeção de fóra, atada ás cilhas, mais curta que a de dentro, põe o Cavallo, ou Potro em má figura, torcido, e mal situado no terreno: e seja trotando, seja galopando, elle obrigado da sujeição da redea da parte de fóra, e da força com que a guia o obriga da parte de dentro, entra com a cernelha, orelhas, e parte superior da queixada para o centro, mas dá o bico para fóra, porque a prizão da redea não o deixa voltar para dentro: ella lhe dá alguma dobra no pescoço pela parte de fóra, e o obriga a entrar com a espadua de fóra para dentro. A embocadura do freio, em quanto o Potro se conserva nesta figura, obriga, e magôa sem effeito a boca do Cavallo da parte do centro. Este modo de atar a redea do cabeção ás cilhas da parte de fóra mais curta que a de dentro, só pôde ter alguma desculpa, quando o praticarem com aquelle Cavallo, que rompe o pescoço, dando a cara com excessão para o centro. E eu sigo a opinião de que ainda neste mesmo caso, se o Cavallo não se remediar do seu defeito, fazendo-lhe atar as redeas iguaes, de pouco se servirá a redea de fóra atada mais curta que a de dentro.

Trabalhando o Potro mal situado sobre os ligamentos dos seus quadris, e curvilhões, pôde arruinar-se delles, porque o jogo dos ligamentos do corpo do Cavallo mutuamente se foccorrem, e puchão huns pelos outros, de forte que em ficando algum fóra da ordem natural, elle pôde com facilidade arruinar-se, e depois toda a máquina padecer.

As espadas, mais que alguma outra parte do corpo, dão ao Cavalleiro o maior trabalho a desembaraçar, igualar, e collocar no seu proprio, e devido lugar, porque a construcção dos Cavallos se augmenta as difficuldades, como passamos a mostrar.

Defeitos, que concorrem para os Cavallos se não poderem formar bem no seu movimento, e acção sobre o circulo.

A Cabeça, e o pescoço do Cavallo com o seu pezo, feiito, e movimento fazem hum poderoso effeito de grandes consequencias sobre a facilidade do movimento das espadas, maiormente se a cabeça he grossa, a taboa do pescoço mal formada, curta, e carnosa, será muito difficuloso dar ás espadas daquelles, que tiverem estas qualidades, hum movimento facil, e hum desembaraço brilhante; porque ainda áquelles Cavallos, que tem a cabeça delicada, o pescoço bem formado, e são dotados de huma sensibilidade agil, e desembaraçada, he difficuloso facilitar os movimentos das suas espadas tanto, que prompta, e facilmente voltem, e se dobrem para huma, e outra mão, avançando a parte convexa por effeito da dobra do seu corpo, de modo que pareça a quem está no ponto do centro, que a parte concava se avança mais que a convexa.

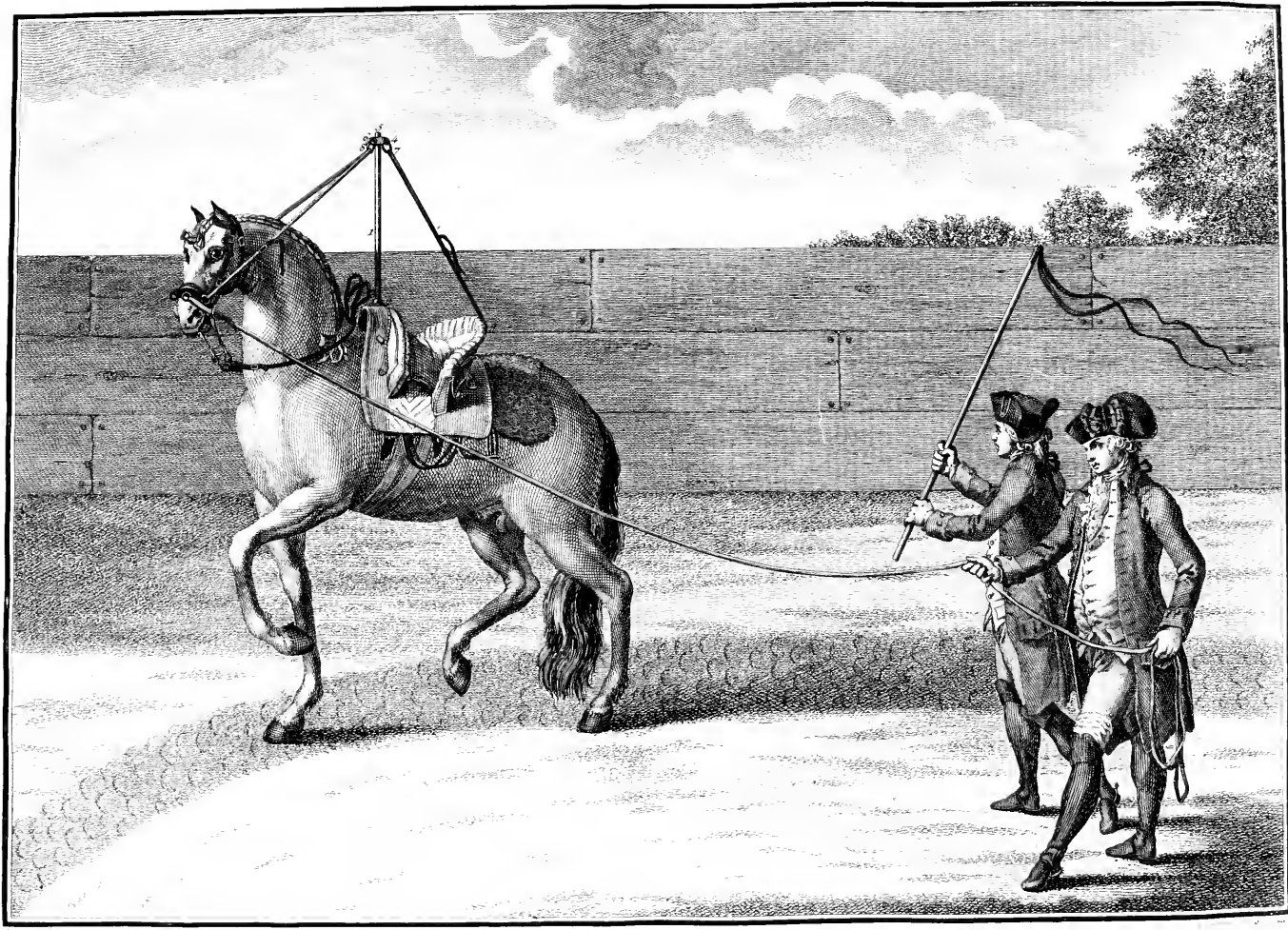
Em o Cavallo trotando sobre os circulos, sempre deve com a pista da mão de dentro ir ganhando terreno do centro para a circumferencia, por cima, e por diante da pista da mão de fóra; mas em galopando, elle deve avançar mais visivelmente a parte de dentro do centro para onde olha, e se dobra, que a parte de fóra, porque sempre deve principiar a caminhar com o seu pé, e mão de dentro, como diremos na lição do galope. A perna de dentro he a que fica mais a prumo debaixo do corpo do Cavallo, assim trotando, como galopando sobre os circulos. E a mesma perna, e mão de dentro fazem o primeiro tempo do seu movimento por cima, e por diante do pé, e mão de fóra, trotando, ou galopando.

Trabalhando pelos quatro circulos de Newcastle ao passo, e trote para andar bem, ha de andar tanto para diante, e dobrar-se por effeito do movimento circular, de modo que do ponto do centro do circulo se ha de ver ao Potro a ponta da espada de fóra, ainda quando elle nos circulos de Newcastle vá cruzando sobre o segundo circulo do centro, como mostra a Est. VI.

Differenças do modo de atar as redeas do cabeção ás cilbas, e seus effeitos, estando o Cavallo capaz de passar á lição do galope.

AS redeas do cabeção atadas ás cilbas iguaes, e curtas, unem consideravelmente os movimentos das espadas aos Potros. As redeas do cabeção atadas com liberdade deixão mover o Cavallo com mais desembaraço, e graça nas espadas. Se o Potro se desigualar dos movimentos do pescoço, e espadas, devem atar-lhe as redeas mais curtas, até elle ser mais igual nos seus movimentos. Se he incerto, por ter raiva ao cabeção, he bom atar as redeas curtas, sendo o cabeção forrado, até elle soffrir com mansidão as suas sensações. Se for sensível das ventas, sem se desordenar nos movimentos do seu pescoço, e cabeça, devem atar-lhe as redeas com mais liberdade. Se andar para diante com temor, devem atar-lhe as redeas iguaes, e largas.





Se o Potro , ou Cavallo levantar muito a cabeça , nem por isso lhe devem apertar muito as redeas , pois os que tem este defeito , seja pela sua construcção ser má , seja por terem este costume , sendo deste modo apertados , os primeiros encostão-se ao cabeção desesperados , e os segundos ficão para trás ; e quando os obrigão a ir para diante , são muito desiguaes nos seus movimentos.

Quem deitar os Potros á guia , deve observar attentamente qual he o modo de atar-lhes as redeas mais conforme a remediar-lhes os seus defeitos : advertindo em que os Potros mudão facilmente de costume , pois eu tenho visto hum mesmo Cavallo humas vezes andar com desigualdade , outras não entrar para o cabeção , e outras entrar nelle com excessõ ; e quando elles tem estas incertezas , o melhor he amansallos muito , não lhes darem com a guia , e atar-lhes as redeas com liberdade , até elles cederem , entrando para diante.

Se o Potro se puzer no costume de olhar para fóra do centro , em quanto persistir neste defeito , he bom atar-lhe sómente a redea de dentro ás cilhas , e a de fóra deixalla de todo larga , ou segura na cabeçada ; e quando o passarem de mão , fazello parar , e todas as vezes desfatar-lhe a redea de dentro , e atar-lhe a daquella parte para onde faz a passagem , aliàs poderá ficar para sempre com o máo costume de olhar para fóra , como já tenho visto alguns.

Finalmente estas , e semelhantes diligencias ajudão a dobrar bem o Cavallo , e o vão fazendo flexivel , desembaraçado , e igual nos movimentos das suas espaldas : e eu ouso dizer que em elles estando flexiveis , e iguaes dos movimentos dellas , seguirão com facilidade as acções , que o Cavalleiro quizer.

O Excellentissimo Marquez de Marialva , Estribeiro Mór do Senhor Rei D. José I. , e da Senhora D. Maria I. com os seus vastos , e profundos conhecimentos na Arte de montar a Cavallo , descobrio , e inventou hum instrumento , ou ferro muito util , para obrigar os Potros , ou Cavallos a que levantem a cabeça ; e sem romper o peçoço , os firma iguaes nos movimentos das suas espaldas , e faz produzir os bons effeitos , e utilidades , que passamos a referir.

ESTAMPA VII.

De hum Cavallo andando á guia , trazendo na sella o Pilar do cepilho.

DEve o *Pilar do cepilho* N. 1. ser de ferro , e ter o comprimento de dous palmos : no cepilho da sella deve haver huma peça tambem de ferro N. 2. de tamanho tal , que se possa accomodar bem o pilar no dito cepilho : nesta peça haverá huma rosca chamada *Femea* , em que se introduzirá o Pilar , o qual terá outra rosca N. 3. intitulada *Macbo*. A haste , ou Pilar terá a grossura proporcionada ao seu comprimento : em cima terá outra peça de huma pollegada N. 4. , que embarbará no Pilar : este deve sahir fóra da referida peça N. 5. pelo meio do centro , e sobre ella ser de tal forte rebatido , que não se possa separar della , mas que ande á roda.

A peça do Pilar N. 4. deve ter dous buracos com huma argola maior N. 6. ,
ou-

outra menor N. 7.: na maior, que he a de diante, como se vê na mesma Est. VII., haverá duas correas, N. 8. e na outra argola huma correa: esta irá afivelar na fivela do chairel N. 9., ou em huma argola, que costuma haver no meio da caixa do fundo da sella. As duas correas da argola de diante virão passar pelas argolas dos torneis do cabeção, e afivelar-se junto a ellas, mais, ou menos apertadas, segun-do se precisar.

Quando deitarem o Potro, ou Cavallo á guia, devem levantar-lhe a cabeça áquella altura, que elle póde alcançar sem violencia: nesta situação podem afivelar as correas do Pilar do cepilho iguaes; e se elle se lançar mais sobre huma que sobre outra espadua, em tal caso podem fazer-lhe atar as redeas do cabeção ás cilhas, para lhe segurar as espaduas mais direitas, e iguaes.

As correas, que vem do Pilar do cepilho aos torneis do cabeção, não só o obrigão a levantar a cabeça, porém obrigão o Potro, ou Cavallo a que se faça mais attento ao cabeção, a que se defencapote, e firme igual o seu pescoço no lugar das cruces sobre as mãos. A estas utilidades, que produzem o Pilar do cepilho, se seguem tambem as de se levantar o Cavallo por diante; e á proporção do que elle se levanta das espaduas, se abaixa tambem dos seus quadrís, dobra os curvilhões, e he obrigado a mover-se bem direito, em quanto assim trabalha nas pistas naturaes.

Se o Potro tiver raiva ao cabeção, devem fazer apertar menos as correas de diante, porque elle não commetta alguma defordem, vendo-se muito opprimido. Tambem devo advertir que o devem deitar á guia em huma volta larga; e se puder ser pelo quadrado, melhor, para que o Potro determine os seus movimentos sobre linhas rectas, em que a igualdade das redeas, ou correas do Pilar do cepilho necessariamente hão de fazer melhor o seu dever.

O conductor da guia fará mal em a puchar com força de repente para dentro, e peor em dar com ella cabeçonassos fortes no Cavallo; porque huma, e outra cousa o faz deixar de seguir o seu movimento nas linhas, por que se vai conduzindo.

Para fazer bom uso desta lição, devem muitas vezes, e moderadamente soffrer a guia, e tocar com ella sobre o cabeção, de forte que possam vencer que o Potro observe aquella figura, em que o pertendem formar, e render facil na sua determinação para huma, e outra parte.

Não são bons, como deixo notado, os cabeçonassos fortes nesta qualidade de trabalho; porque como o Potro, ou Cavallo deve firmar-se no cabeção, levantar-se por diante, mover as suas espaduas altas, e iguaes, sentar-se sobre a garupa, e ir usando bem della, dobrando com igualdade ambos os seus curvilhões, os puchões fortes pela guia, e os cabeçonassos violentos, embaração os bons effeitos, que são o objecto desta lição.

He tambem excellente o uso do Pilar do cepilho da maneira, e fórma já dita, para embaraçar que os Cavallos brinquem indo á mão, principalmente de jornada: elles não podem abaixar a cabeça; e como assim, conservão mais em equilibrio o seu pescoço, e cabeça sobre as espaduas, ou para melhor dizer, sobre as suas

suas mãos : elles não ficão tão sujeitos a ter aguamentos , como de ordinario lhes acontece em jornadas grandes , não se usando desta prevenção.

Ha outro modo de atar as redeas ordinarias do cabeção , que he : depois de atadas nas pontas huma á outra , mettellas dentro da sella. Em o Cavallo principiando a trabalhar , e a guia ficando alguma coufa firme , a redea do cabeção de dentro se encurta ; porque como ellas estão atadas sómente , e seguras entre o coxim , e o arção da sella , em puchando a guia , e o Cavallo dobrando alguma coufa o pescoço para o centro , com facilidade correm as redeas , ficando a de dentro curta , e a de fóra larga ; e ainda que o Cavallo se dobra por effeito desta lição , tem o inconveniente de sahirem as redeas muitas vezes para fóra dos arções da sella , maiormente quando se passa de huma para outra mão ; porém em quanto ellas existem entre os arções , e o coxim , forma-se o Cavallo dobrado em boa acção : advertindo que este modo de atar as redeas , sendo conveniente aos Cavallos , que lhes custa dobrar-se do pescoço , não póde servir para remediar o defeito daquelles , que são incertos na mão , isto he , que humas vezes levantão muito a cabeça , e outras abaixão com o mesmo excesso , voltando para dentro humas vezes , e outras para fóra ; a estes pois , como já diffemos , he conveniente atar-lhes as redeas ordinarias sómente curtas , e iguaes.

Se o Cavallo entra na mão com excesso , e por consequencia elle se encoستا ao cabeção , devem atar-lhe as redeas iguaes ; mas de tal forte froxas , que o ferro do cabeção por isso , e por estar alguma coufa largo fobre as ventas do Cavallo , lhe vá fazendo huma successiva , e branda ferra , para que elle se torne mais ligeiro , e attento ao cabeção. Advertindo que se o Cavallo se encoستا ao cabeção , por ser fraco do seu espinhaço , garupa , e curvilhões , então devem as redeas ser atadas mais largas , e de forte que elle não sinta o cabeção forte fobre o focinho , pois estes defeitos da natureza não se podem remediar.

As redeas do cabeção atadas ás cilhas , estando o Cavallo montado , tem seus inconvenientes (posto que alguns scientes o tenham assim praticado) : a mim me não parece isto bem , nem ainda estando o Cavalleiro bem certo da sujeição , obediencia , e genio do Cavallo ; porque se o Cavalleiro fizer algum movimento com a sua mão do freio para governar , e emendar o Cavallo , a redea do cabeção opposta áquella parte para onde a redea do freio o quer dobrar , embaraça o effeito do freio ; e ainda que a redea do cabeção de fóra atada , segura a espadua de fóra para o centro , com tudo , se o Cavallo duvidar obedecer ao freio , elle se aproveitará do effeito da redea do cabeção de fóra para desobedecer mais á mão , porque a redea do cabeção neste caso lhe fica servindo de hum castigo muito conforme á sua defeza.

Tambem se o Cavallo tropeçar , e cahir , tendo as redeas do cabeção atadas ás cilhas , ellas lhe servirão de muito embaraço para se levantar. Newcastle mandava atar sómente a redea do cabeção de dentro ao cepilho da sella no tempo , em que o Cavallo estava já com sujeição , e obediencia ao freio , e cabeção : elle afirma que serve esta lição para remediar o defeito de alguns Cavallos , que tirão pela mão , levando a cara do centro para fóra : e a redea assim atada os faz dobrar para

o centro com graça , e principiar a dobra do pescoço do lugar do Ezofago até á ponta das ventas.

He bem certo que todas as lições , de que tenho tratado até agora de dispôr os Potros , deitallos á guia , fazellos trotar , e galopar iguaes nos seus movimentos fobre as linhas da muralha , linhas dos quadrados , e fobre os circulos com as re-deas do cabeção atadas ás cilhas , e com as correas do Pilar do cepilho afiveladas pelas argolas dos torneis do cabeção , e o fazer outras semelhantes diligencias , como temes ponderado , não servem senão para ir dissipando a grossura , aspereza , e desigualdade dos movimentos dos Cavallos , fazendo-os agradaveis nas acções , em que se fórmão no Picadeiro , para os ir pullindo nos seus mais brilhantes movimentos. O apoio , e governo da boca do Cavallo , a obediencia , e sujeição á mão , e pernas do Cavalleiro só o podem dar as mãos , e as pernas do proprio Cavalleiro , ainda que os modos de que eu tenho tratado , sejam aquelles , pelos quaes todos os scientes mais abalizados costumão reduzir os seus Potros , e Cavallos para se disporem para todas as lições , de que elles são capazes.

Os homens ignorantes desta Arte , e os Campinos he verdade que sem todas estas prevenções montão hum Potro ferril no campo ; mas primeiro que o montem , o canção muito , fazendo-o andar á roda prezo por huma corda largo tempo. Elles usão disto , porque próvida a natureza lhes suscita este recurso , a fim de que elles possam senhorear-se do Potro , ou Cavallo , que ainda assim o fazem sujeitos a passar por defastres tão grandes , quaes os dos Vaqueiros , quando se lanção a hum Touro de cara a cara. Os Professores porém devem seguir huns caminhos mais racionaveis , e tão livres de perigo para o Cavalleiro , como de ruina para o Cavallo.



LIVRO IV.

ARGUMENTO.

Explica-se a fôrma com que devem dispôr os Principiantes para montar a cavallo : e as qualidades, de que devem ser dotados os homens para serem bons Cavalleiros. Mostrão-se tambem as que devem ter os Cavallos, em que principiarem a dar lição aos Principiantes, &c.

OS homens, que fazem profissão da Nobre Arte da Cavallaria, já diffemos são estimados, pois os bons Cavalleiros não podem deixar de ser dotados das seguintes qualidades : elles devem ter destreza, valor, e prudencia, huma comprehensão penetrante; huma particular intelligencia da Filofofia, e leis do movimento, inclinação aos excellentes Cavallos, aversão aos de pouco prestimo, hum genio altivo, e docil, huma alma grande, e hum juizo intelligente, elevado, e discursivo.

Ainda que os Authores, e Professores da Nobre Arte da Cavallaria tenham tratado com exacção da formalidade, com que hum Principiante deve estar montado sobre hum Cavallo ensinado, e tenham igualmente sido todos de commum acordo no seu modo de sentir, elles não se recordarão de hum dos mais effenciaes pontos sobre que rola (póde-se dizer assim) o principal objecto da instrução do Principiante Cavalleiro. Este consiste em dispôr, e prevenir o Principiante para saber como ha de montar a cavallo : cousa sem dúvida a mais interessante, tanto para os que de novo querem dedicar-se ao laborioso deste bello exercicio, como para aquelles, que já pelas suas fadigas vão alcançando as primeiras noções desta profissão. Ora os principios, e disposições para formar ao Principiante na sua figura, varião, e mudão, segundo os Paizes, e o gosto dos Mestres, de que nasce diversidade de opiniões; e sendo o solido principio desta Arte sómente hum, não se podem destruir estes respeitoos.

Os Alemães, os Italianos, os Inglezes, os Francezes, os Hespanhoes, e todos os Póvos, entre os quaes ainda se acha em estimação a Arte da Cavallaria, adoptão huma postura singular na aptitude, segundo o gosto da nação. Elles seguem, por assim dizer, regras differentes para a situação dos Principiantes. Esta variedade, que tem o seu principio na preocupação mais, que nos motivos legitimos, dá lugar a varios discursos, e cada maxima acha sectarios, como se o verda-

deiro não fosse hum, e se pudesse reproduzir sobre fórmulas arbitrárias, e oppostas: tão depressa prevalece huma opinião, tão depressa outra se destróe; de modo que desta forte só podem ficar ao Principiante dúvidas, e perplexidades. Sem embargo de tudo isto, ha methodo com que posso (segundo me parece) destruir todos os systemas pouco solidos, sem que entre em huma superflua relação de pareceres contrarios.

Eu vou delinear os principios, que me parecem mais solidos, para estabelecer a formalidade da boa postura dos Principiantes, e com razões convincentes. Ora para acertar em huma Arte, na qual se faz, e he totalmente necessario o maquinismo do corpo, e onde cada parte da sua máquinha tem funções particulares, que lhe são proprias, he incontestavel que estas partes deixem de estar em huma postura natural; pois logo que alguma das partes do corpo do homem está em huma postura desigual, ella se priva da facilidade, e liberdade, que acompanha toda a graça da direcção que a dirige: o movimento forçado, e desigual he incapaz de regularidade; porque a parte desigual, sendo huma dependencia do corpo, não póde alcançar aquelle ponto fixo do contrapezo, e equilibrio, em que consiste a perfeição de huma acção igual.

Não basta para instruir o Principiante na lição da sua boa postura, dizer-lhe unicamente as regras triviaes, e seguidas independentemente: he necessario que o Mestre as saiba dirigir, proporcionando-as pela estrutura mais, ou menos vantajada do seu Principiante; porque hum movimento natural póde ser proprio a hum homem, e improprio a outro; e aquelles defeitos, que parecem incorrigiveis em certos sujeitos, não tendo o Principiante muita idade, a prática, e a Theorica bem applicada torna muitas vezes daquelle homem desagradavel hum Cavalleiro capaz de lisongear a vista ainda dos mais abalizados Professores.

Os objectos sobre que os Mestres, zelosos dos progressos dos seus Principiantes, devem applicar a sua attenção, são infinitos: eu estaria continuamente occupado do exame que se deve fazer sobre as partes do seu corpo, e sem descânço buscaria o meio de reparar os diversos defeitos, e sem numero, que se descobrem na postura de cada Principiante, em quanto elle não tem chegado ao conhecimento íntimo da connexão, e jogo, que devem fazer as partes do seu corpo no movimento de humas com outras pela acção sympathica dos musculos que as governão. Finalmente as primeiras lições devem ser bem applicadas, porque dellas depende o bom successo das outras.

Huma das principaes diligencias de hum Cavalleiro, antes de montar a cavallo, he, conforme diz Newcastle Pag. 38., de examinar se todas as coufas, que estão sobre o Cavallo, existem em boa ordem: o mesmo affirma La Guerinieri Pag. 82., e que elle o deve fazer em hum instante: o mesmo diz tambem Pluvinel Pag. 8.; mas parece necessario para hum Principiante fazer huma semelhante observação, que primeiro lhe ensinemos como a deve fazer, por isso entendo que o devem prevenir, e dispôr da maneira seguinte.

O Mestre, ou quem fizer montar o Principiante as primeiras vezes, mandará apromptar hum Cavallo com lição sufficiente, e propria para este effeito. Muitos





Silva delin.

Frois sculp.

Cavalleiros querem que se dê ao Princiante hum Cavallo de lição , outros hum Potro, ou Cavallo com pouco governo: eu porém encontro hum, e outro com suas difficuldades para este fim ; porque se o Cavallo tiver hum governo firme , e delicado , ha de por consequencia ser fino , e sensível aos toques , e movimentos da mão , e pernas do Cavalleiro , e por isto não será bom para dar lição a hum Princiante, que não tem affento de sella, que se péga á mão, ou redeas, e da mesma forte se segura, chegando demaziadamente as pernas ao ventre do Cavallo, o qual neste caso não conhece o que pertendem que elle faça ; e talvez que pelas causas ditas , elle venha a commetter algumas defordens , que o Princiante não possa remediar , posto que o advirtão , por não saber executar ainda o que lhe mandão fazer.

Os que dão ao Princiante Cavallos absolutamente ignorantes , ou viciosos, quanto a mim commettem maior erro , porque he muito difficil ensinar a hum mesmo tempo dous ignorantes ; e bem se deixa ver que a ignorancia do Princiante se augmentará, se o Cavallo for ignorante, ou vicioso ; e multiplicando-se as suas defordens , ficará o novo Cavalleiro exposto a grandes riscos , por não ter ainda conhecimento dos effeitos das redeas do freio , nem desembaraço , e accordo para usar bem dellas, elle em tal caso se embaraçará, e confundirá infallivelmente. Os Cavallos ignorantes , e os viciosos devem ser montados por Cavalleiros , que os encaminhem, e governem; o Princiante porém não póde fazer isto, porque todo o seu fim he ver por que modo se ha de segurar para não cahir.

Finalmente o Cavallo, em que se der lição ao Princiante, deve ser dotado de hum genio lizo, ter os seus movimentos suaves, e firme governo, voltando facilmente para huma, e outra parte com huma, ou com ambas as redeas. O tamanho do seu corpo deve ser proporcionado pelas disposições do Cavalleiro, isto he: se o Princiante for de huma boa, e arazoada altura, qualquer Cavallo serve para elle tomar lição. Se elle porém for de pequena estatura, e por consequencia tiver as pernas curtas, o Cavallo, em que lhe principiarem a dar lição, não deve ser muito largo dos lombos, e ventre, antes sim elle será pequeno do corpo, não estofado dos lombos , e hum pouco estreito do ventre , para que o Princiante com mais facilidade se possa firmar sobre elle.

Da mesma fórma se o Princiante for corpulento , o Cavallo , em que lhe derem lição, deve ser de bom tamanho, estofado, e largo do seu lombo , e ventre , para que o Princiante possa mais facilmente formar-se na figura que mostra a seguinte

E S T A M P A VIII.

Do Princiante a cavallo para a esquerda.

DEpois de haverem deitado á guia, e feito apertar, e pôr prompto o Cavallo, em que hão de dar lição ao Princiante, devem deixar a guia na argola do tronel do meio do cabeçaõ , e mandar tirar fóra as redeas ordinarias. Logo o Mestre ensinará ao Princiante a pôr o chapéo , que deve ser proporcionado na

grandeza á sua altura; e armado para montar a cavallo, deve calçar luvas, e que estas sejam de couro macio; porque sendo grosso, e áspero, tira o bom tacto das mãos: os dedos das luvas não devem ser curtos, nem muito apertados, ou demaziadamente compridos, para não embaraçarem o movimento dos dedos ao Principiante.

Deve o Mestre ensinar-lhe a fazer o exame preciso a todos os arreios, que estão sobre o Cavallo, reparando se estão o cabeção, e o freio bem postos, e a barbella em boa altura, e largura: se está a sella bem apertada, tendo o rabicho antes largo, que justo, e os estribos nos seus loros em comprimento proporcionado á perna do Cavalleiro Principiante.

Então o Mestre (depois de o haver instruído a examinar todas estas cousas) o deve chegar para si, e para junto da espada esquerda do Cavallo, não só para estar prompto para montar com mais facilidade, mas tambem para evitar que o Cavallo o possa alcançar com alguma patada, se o Principiante estiver defronte delle, ou com alguma pernada, se estiver mais junto ao ventre que á espada: deve lembrar ao Principiante (se elle o precisar) tenha a sua cara alta, e pégue nas redeas junto ao botão com a mão direita, e com a esquerda junto ás crinas, tendo-as iguaes, e examinando se ellas são de couro macio, e delgado para darem melhor tacto á mão.

Havendo o Principiante fechado as redeas na mão esquerda separadas pelo dedo minimo, como se vê na Est. VIII., conservando-as antes mais compridas, do que curtas, para quando montar não dar alguma soffreada no Cavallo, que por effeito della se possa empinar, e cahir para trás; terá na mão esquerda a vara com a ponta para baixo, e o cabo sahido fóra da mão huma, ou duas pollegadas, havendo tomado juntamente na mão huma porção da crina do Cavallo, para ficar mais seguro, e evitar o acontecimento de lhe custar a montar, por não se haver assim acautelado. Estando assim junto ao meio da espada esquerda do Cavallo, levantará a sua perna esquerda, e com a mão direita metterá o pé no estribo, para que elle não lhe escape, e lhe aconteça cahir, é dar com a cara no arção, ou burrainas da sella, sendo que isto pôde tambem acontecer por quebramento do loro, ou de estribo.

Deve tambem reparar em que o chato do loro fique direito, quando pegar no estribo para o chato da perna; que assim he que o loro deixa de ficar torcido, e o estribo fica direito no pé. Deve juntamente reparar em que não seja tão grande o arco do estribo, que possa colar-se no pé, porque isto tem sido gravemente funesto a muitos Cavalleiros. Faça estas advertencias de prevenção, e de cautela para evitar que semelhantes desastres aconteçam aos Principiantes Cavalleiros.

Finalmente deve montar a cavallo de tres tempos: o primeiro se executa, mettendo o pé no estribo: o segundo levando a mão direita ao vaso, ou caixa do fundo da sella, levantando-se sobre o estribo esquerdo até ficar igual sobre elle: o terceiro, e ultimo tempo se executa, levantando a perna direita, extendendo a ponta do pé, e levemente, sem tocar as ancas do Cavallo, metter-se na sella. Este ultimo tempo deve ser executado com muito desembaraço, e ficar o Principiante Cavalleiro bem direito na sella.

Escrevo todas estas particularidades, e contínuo motu de acções, para que os Principiantes com hum pequeno estudo percebão facilmente o que lhes mandão fazer sem se confundirem. Tambem recommendo que executem todas estas cousas com tanto desembaraço, e facilidade, que não pareça as praticão com ficções, e vaidade.

Depois de montado o Principiante, deve o Mestre considerar no seu corpo duas partes móveis, e huma immovel. A primeira das móveis he os braços, e o corpo até á cintura: a segunda dos joelhos, e curvas até ás pontas dos pés.

As partes, que já mais se devem mover, são o assento, e coxas das pernas. Estas partes devem ter hum ponto de apoio tal, e de tal firmeza, que já mais o movimento do Cavallo o possão fazer perder. Este equilibrio, apoio, ou assento de sella he a base da melhor segurança do Cavalleiro, pois que a firmeza não he outra cousa mais que o ponto de apoio, e equilibrio; consequentemente da boa posição das partes immóveis depende da segurança, e boa symmetria da aptitude inteira.

La Brove, Pluvinel, Newcastle, e outros sciétes dizem, que o Principiante se deve pôr sobre a forquilha. Eu creio que isto se deve entender desta maneira. O Principiante deve sentar-se no meio da sella sobre as suas nadeugas com hum apoio mediano para soffrer todo o pezo do seu corpo, e alcançar hum equilibrio igual. As duas coxas das pernas devem estar voltadas sobre o seu chato, principiando esta volta do quadril até ao joelho, sendo além disto o equilibrio o gráo unico de força, de que o Cavalleiro deve usar para a sua segurança, e para vir apezar igual sobre os estribos, e ajudar como bom Cavalleiro o Cavallo com igualdade para huma, e outra parte. Mas se pelo contrario o Mestre deixar sentar o seu Principiante demaziadamente inclinado para trás, ou para diante, ou mais para hum que para outro lado, elle ganhará huma postura má, e huma desagradavel figura, e será preciso, ficando assim mal posto na sella para obrigar o seu Cavallo a que lhe obedeça, fazer movimentos muito desagradaveis a quem estiver de fóra vendo.

Entre o assento do Cavalleiro, e a caixa, ou vasos do fundo da sella, deve mediar (como diz Pignateli Cap. II. Pag. 41.) o intervallo de duas, ou tres pollegadas, e outras duas, ou tres entre o cepilho, e a cintura. Ficando porém o Principiante sentado fóra do meio da sella, elle não póde observar estas distancias; porque em elle se assentando muito inclinado para trás, e sobre a caixa, os seus joelhos irão demaziadamente para diante, e as pernas se extenderão sem graça para as espadas do Cavallo, ficando por consequencia fóra daquelle lugar, em que se deve conservar para o ajudar, e fazer mover igualmente, e o castigar com facilidade, e promptidão.

Os Cavalleiros, que pelo contrario ficão muito unidos ao cepilhó da sella, ou postos com excessó sobre a forquilha, entézão as curvas, e os seus joelhos, e pernas para trás, não tem agilidade de movimentos nellas, e chegão sem querer com os calcanhares, e puas ao ventre do Cavallo, fazendo assim hum máo uso dellas, muitas vezes contra a vontade do proprio Cavalleiro, e o commum sentir de

todos os fabios nesta Arte, os quaes recommendão que as pernas do Principiante, e de qualquer Cavalleiro se unão pelo lugar das cilhas ao ventre do Cavallo, tendo sómente na curva huma pequena dobra, por ficar com mais graça, e facilidade para fazer aquelles movimentos, que o mesmo Cavalleiro quizer, sem que padeça a menor violencia o assento, e a figura do Principiante, ou Cavalleiro; e logo que elle está de fóra do equilibrio, que deve ter no meio da fella, sem dúvida está posto a cavallo contra a melhor opinião.

O apoio da mão, e do assento da fella são a estabilidade sobre que a theorica, e a prática vão insensivelmente formando hum vistoso Cavalleiro. Elle deve estar sentado, como já dissemos, no meio da fella, sem se apoiar com excessõ sobre a caixa, e coxim, ou sobre a forquilha, e cepilho, mas entre huma, e outra acção, para fazer sentir com facilidade os movimentos do seu corpo, mãos, e pernas ao Cavallo, sem perder o seu equilibrio.

Recommendo que a volta das coxas das pernas do Principiante proceda do offo do quadril; porque só procedendo do encache do quadril, he que a volta da coxa fica sendo natural; e tambem que o Cavalleiro não deve pôr força nas suas coxas, porque quanto mais as fortalecer, tanto mais o assento se levantará do coxim, quando os movimentos do animal forem mais violentos, por isso os Cavalleiros não devem já mais perder o equilibrio, que se adquire no meio, e fundo da fella.

O Mestre, ou quem trazer a guia, e der lição ao Principiante, em elle estando dentro do meio da fella, deve fazello pegar com a mão direita na redea direita do freio, e com a mão esquerda na redea esquerda do mesmo freio, para que dos braços ambos se vá desembaraçando com igualdade. Depois de elle ser mais desembaraçado, se lhe podem mandar unir as redeas do freio na mão esquerda, sómente separadas pelo dedo minimo, para que vá adquirindo o movimento de render, e fuster a mão com facilidade.

Devem tambem recommendar-lhe que recolha o espinhaço no lugar dos rins para dentro, tendo-o firme, para elle poder resistir aos movimentos mais fortes, e violentos, que o Cavallo faz, quando tem a garupa alta, ou procura defender-se.

Huma das partes móveis he, como dissemos, o corpo até á cintura. Eu comprehendo nesta parte a cabeça, o pescocoço, as espaldas, o peito, os braços, as mãos, os rins, e cintura, &c. Se o principiante for mal formado de alguma das partes do seu corpo, e não puder conservar a boa figura que se pertende, elle já mais será bom Cavalleiro, tendo impossibilidade para segurar-se no perfeito equilibrio.

O Principiante deve conservar a cabeça firme, livre, e facil: deve estar livre para seguir todos os movimentos naturaes, que o corpo faz: deve estar firme para não pender para diante, para trás, para huma, ou outra parte, e deve estar facil, sem que a firmeza o faça irto; porque se ao contrario a cabeça do Cavalleiro estiver teza, e sem facilidade, todas as partes do corpo terão huns movimentos violentos, e constringidos, principalmente o espinhaço, o peito, e os hombros.

Deve o Cavalleiro conservar a sua cara alta, e direita, o pescocoço firme, e prompto, para que possa olhar por entre as orelhas do Cavallo, ou elle vá direi-

to, ou vá dobrado, de forte que se elle for marchando direito, a cabeça do Cavalleiro deve olhar por entre as orelhas do Cavallo, sem pender mais para huma, que para outra parte, mas sem affectação; e logo que elle obrigar o seu Cavallo a marchar dobrado, deve tambem á proporção do que o faz dobrar, atrazar a sua espada, da parte para onde o dobra, para a sua cabeça sem violencia olhar por entre as orelhas do Cavallo, que de outra forte não fica o Cavalleiro bem posto, e conforme com a acção, em que elle vai formando o seu Cavallo.

O Mestre deve ter cuidado em recommendar ao Principiante que abaixe os hombros, e os firme para trás igualmente direitos: as espadas dirigem com o seu movimento o do peito, dos rins, e da cintura. O Cavalleiro deve deitar o seu peito para fóra, mas sem affectação, porque por estes meios elle facilita a sua mais perfeita aptitude: deve-lhe fazer firmar para dentro o espinhaço no lugar dos rins, para que esta situação o deixe alcançar mais o equilibrio, e segurança sobre os movimentos do Cavallo: assim, firmando a cabeça, os hombros, as espadas, e o espinhaço, conseguirá o Principiante os bons effeitos que temos dito, e o irão conduzindo ao ponto do equilibrio.

O Principiante, deitando o seu peito para fóra, deve retirar os cotovellos para trás, de forte que elles fiquem perpendiculares com o seu corpo, sem chegallos tanto a elle, que fique como encolhido, e sem defembaraço. Da mesma forte, estando os cotovellos muito afastados do corpo, elles ficão sem graça, e com pouca força. Os sangradouros devem sim estar dobrados, mas naquella natural largura, que a construcção do Principiante sem affectação permitem; e quem lhe der lição, deve desta forte fazer-lhe procurar a aptitude particular, e universal das differentes partes do seu corpo, examinando bem a connexão que tem os movimentos de humas com os movimentos de outros.

Os cotovellos, como já dissemos, devem ter por huma linha perpendicular a sua direcção dos hombros aos ossos dos encaixes dos quadris, para que as mãos nem fiquem muito baixas, nem muito afastadas do seu proprio lugar; pois estando os cotovellos mal situados, dão ás mãos huma desigualdade grande: logo não produzirão as mãos hum governo igual, e firme na boca do Cavallo, em quanto os cotovellos tiverem má direcção. He bem verdade que sempre parece que a mão da redea, ou esquerda, o braço, e o cotovello está mais alguma cousa avançado que o direito; porém toda a figura deve ser regular na symmetria das partes do corpo, seja fazendo o Cavalleiro determinar os movimentos do seu Cavallo sobre linhas rectas, seja fazendo-o trabalhar sobre linhas curvas; e logo que hum braço do Cavalleiro se une mais ao corpo do que o outro, a sua figura he desagradavel, por apresentar á vista hum espectáculo desigual.

Devem lembrar ao Principiante conserve a sua mão da redea, quatro pollegadas pouco mais, ou menos, mais alta que o cepilho da sella, a fim de poder usar bem dos effeitos das redeas do freio. Andando para a mão direita, deve a mão da vara, ou direita estar mais baixa, e a mão da redea mais alta; andando para a mão esquerda, deve a mão da vara estar mais alta, e a esquerda, ou da redea mais baixa; mas sempre a mão esquerda, tanto andando para huma, como para outra parte, de-

deve conservar-se na altura do cotovelo , de forte que o osso do dedo minimo , e o osso do cotovelo fiquem fobre huma linha horizontal , para que a mão fique voltada , de forte que o pulso com graça , e sem violencia dirija as fuas acções , e movimentos.

Eu pertendo que a aptitude da mão de dentro para a parte do centro seja mais baixa , tres , ou quatro pollegadas , pouco mais , ou menos ; porque andando de nivel com a de fóra , não embarace huma os movimentos da outra , principalmente quando fizerem marchar o Cavallo fobre linhas curvas. A mão de dentro , ou do centro , sendo , como temos dito , mais baixa , e defronte do corpo do Cavalleiro , faz boa posição na symmetria da sua figura. Os pulsos (quer as mãos trabalhem direitas , ou de unhas abaixo , ou de unhas affima) devem sempre ser ligeiros , direitos , e flexiveis. As unhas dos dedos das mãos do Principiante devem sempre estar bem fechadas para a palma da mão em todas as acções , em que a puzerem , para segurar bem as redeas , e conservar a igualdade das articulações dos pulsos : para huma , e outra parte o dedo pollegar deve extender-se bem fobre as redeas para as segurar , e evitar que lhe faião pela mão fóra , e para que não andem defiguaes. O dedo minimo deve separar as redeas por baixo da palma da mão ; affim como o dedo pollegar as deve unir , e segurar por fima dellas para as dividir , e fazer alargar , ou encurtar mais huma do que a outra.

Logo que se servirem da redea direita mais que da redea esquerda , dobrando o Cavallo para aquella parte , he necessário que a mão direita puche pela redea do cabeção , e ainda do freio mais para trás , e alguma coufa mais baixa que a esquerda , o que tambem se faz tirando a mão para a roupa da caixa do fundo da sella ; sendo que Newcastle , e outros fcientes , quando dobravão os seus Cavallos para a direita , querião que a mão direita do Cavalleiro sustentasse a redea , ou correa da parte direita alguma coufa de unhas affima , e mais alta , que a esquerda , para a dobra do pescoço do Cavallo ser mais alta , e elle dar a cara para o centro mais obliquamente , e com mais graça.

Newcastle , e os mais recommendavão aos seus discipulos troueffem a mão de fóra para dentro da volta , logo que o Cavallo unia a espadua de dentro á espadua de fóra , e se inclinava para fima da linha da mão de fóra : presentemente costumão os Cavalleiros trazer sempre a mão de dentro mais baixa , porque pertendem que o Cavallo dobre o pescoço , trazendo o focinho mais perpendicular. Qualquer destes dous modos de trazer as mãos , e usar das redeas do freio , e cabeção he bom ; e hum , e outro serve com mais propriedade a huns , que a outros Cavallos , e por isso o Cavalleiro os deve applicar segundo a utilidade que exigirem do animal. A vara póde cruzar-se fobre o pescoço do Cavallo , de forte que não embarace os movimentos da mão ao Cavalleiro , inclinando-se sempre a ponta para a orelha do Cavallo da parte de fóra.

Não devem os Cavallos voltar por medo da vara , fim por obediencia que elles devem ter á mão do Cavalleiro ; e andando para a mão esquerda , podem trazer a vara alta , e direita para diante , ou pela parte de fóra , para ajudar com ella fobre a garupa , ou levemente fobre huma , ou fobre outra espadua , e isto tanto

quan-

quando andarem fobre a mão direita, como fobre a mão esquerda, pois que de todas estas fórmãs se usa bem da vara.

Devem ensinar ao Principiante como deve igualar as redeas, dar, e fofter a mão, levalla para a direita, e trazella para a esquerda: da mesma forte lhe devem fazer conhecer quaes são os effeitos, que produzem as redeas do freio, e cabeção, como diremos em outro lugar.

Se o Principiante cerrar, e unir os cotovellos ao corpo, e por este motivo elle tiver os seus braços, e pulsos fortes, e com pouco movimento, devem fazer-lhe alargar os cotovelos do seu corpo, para que nesta figura, em que os braços estão fóra da linha perpendicular do hombro, e do corpo em huma linha obliqua, e por consequencia fóra da sua força, o Principiante delles se vá rendendo mais suave, e mais flexivel: advertindo que em o Mestre vendo que o seu Principiante com o tempo, lição, e trabalho se acha livre dos seus defeitos, isto he, com as suas mãos, e os seus pulsos suaves, flexiveis, desembaraçados, e firmes, deixará os recursos, ou remedio, de que temos dito que póde usar para o render, capaz de seguir a lição como a Arte manda.

As pernas, joelhos, e os pés do Cavalleiro fórmão a segunda das partes móveis. Ellas tem dous usos, e huma posição: o primeiro uso he para ajudar o Cavallo, o segundo he para o castigar, e a sua principal posição deve ser junto ás cillhas, perto do ventre, para dalli ajudar, encaminhar, e castigar o Cavallo, quando elle o precisar; e como as pernas são huma dependencia do corpo, se estiverem, como deixamos notado, com as coxas fobre o seu chato, ellas estarão por consequencia bem voltadas, e em boa postura, e communicarão esta boa volta, e postura aos pés, porque estes dependem dellas.

As pontas dos pés devem estar hum pouco mais altas que os calcanhares na linha horizontal, em quanto o Principiante não traz estribos; mas sem fazer força nos tornozelos para fóra, e sem encolher os calcanhares para cima; pois que se encolher, facilmente póde, sem querer, chegar os calcanhares ao ventre do Cavallo, e ficar neste máo costume, pois em trazendo esporas, andarás sempre com a rozeta beliscando o ventre ao animal. Não deve empregar a força dos musculos das suas pernas para mover os seus pés, porque o homem tem a articulação do peito do pé, que a natureza lhe deo para determinar os movimentos do pé, tanto para cima, como para hum, e outro lado.

Principiando a volta das coxas das pernas, como já dissemos, dos quadrís, e verilhas até ao joelho, não só ficão as pernas em boa acção, mas com o successivo exercicio vão adquirindo aquella vigorosa firmeza, que caracteriza os bons Cavalleiros, e aquella flexibilidade, e equilibrio, a que em termos da Arte chamão assento de sella.

Se o Principiante cerrar, ou apertar com força os joelhos, não poderá situar-se bem na sella, terá os joelhos fortes, ou, como dizem os sabios, de ferro, e nas suas pernas pouco, e máo movimento; e por consequencia os Cavallos, em que andarem os Cavalleiros, que tiverem este defeito, serão rudes ás sensações das pernas, e das esporas. Por isso eu recommendo que o Principiante esteja ligado á

fella desde as verilhas até aos joelhos, porém sem força : e por esta causa me parece tambem que se principie a dar lição ao novo Cavalleiro em Cavallos obedientes, e proprios para elle firmar a sua figura com perfeição.

As pernas do Cavalleiro devem estar direitas, e livres, isto he, com desembaraço nos seus movimentos do joelho para baixo, e junto ao lugar das cilhas, para dalli ajudar, e castigar o Cavallo, se for preciso: o que não se pôde bem executar se as pernas estão muito avançadas, ou pelo contrario muito atrazadas, e tezas; porque se estão muito avançadas, quando querem ajudar, e castigar os Cavallos, he preciso fazerem os Cavalleiros com ellas grandes movimentos, que servem mais de desordenar os Cavallos, do que de os emendar dos seus defeitos.

Se as pernas do Cavalleiro estão muito atrazadas, ou muito encolhidas, e juntas ao ventre do Cavallo, as esporas não só tocão a barriga ao Cavallo, sem o Cavalleiro o querer, mas vão ajudar, e castigar junto ás verilhas, e aos ilhaes. Ora sendo ordinariamente nos Cavallos estas partes do seu corpo mais sensiveis, que o lugar do ventre, em que se devem applicar as esporadas, este castigo sem dúvida fará nellas máo effeito.

Os mais abalizados Professores nesta Arte recommendão que fação os Mestres diligencia; porque os seus discipulos deixem cahir as pernas direitas, e unidas pelo lugar das cilhas : a mim me parece que as diligencias que temos referido, os conduzirão a conseguir esta perfeição; e senão obtante ser o Principiante advertido pelo methodo que temos dito, entezar as suas pernas para diante, afastando-as do seu devido lugar, o Mestre quando lhe der lição, lhe fará dobrar as curvas, levantar as pontas dos pés para cima, e trazer as pernas perto do ventre do Cavallo junto á ultima cilha, até que perca a demaziada força das curvas, e se torne dellas brando, e flexivel dos joelhos.

Se pelo contrario tiver o Principiante as pernas froxas (o que ordinariamente succede aos rapazes) devem obrigarlo a que enteze os joelhos, e as curvas das pernas para trás, baixando ao mesmo tempo as pontas dos pés para baixo, porque todos estes movimentos fortificão as pernas, e tornão fortes os joelhos, e curvas.

Vendo o Mestre que o Principiante está mais remediado dos seus defeitos, deve fugir destes recursos, fazendo-o observar huma figura perfeita; pois o Principiante deve conservar as suas pernas naquella distancia que a sua disposição permite : ex. gr. Se elle for de huma avultada estatura, e consequentemente comprido de pernas, neste caso as deve, e pôde trazer então direitas, e juntas ao lugar das cilhas, como fica dito; e se for de pequena estatura, e á proporção tiver as pernas curtas, então elle as deve avançar alguma cousa mais para diante, para os calcanhaes, e esporas não andarem tocando o ventre do Cavallo : as pernas do Principiante sempre devem ser flexiveis, e ao mesmo tempo firmes; e fallando com propriedade nos termos da Arte, o chato das coxas das pernas deve voltar-se para o coxim, e roupas da fella, e isto do osso do encaxe do quadril, e verilhas até aos joelhos; porque logo que as coxas se voltão como devem, as pernas tomão a sua boa, e devida situação. Tal he o concerto mecanico destas partes do corpo do homem

mem a cavallo : materia , que tem sido amplamente tratada por muitos Authores desta Arte.

Os Cavallos quando andão trabalhando sobre a volta , obrigados da força centrifuga , avanção a meia parte do seu corpo da parte do centro á proporção da maior , ou menor grandeza do circulo , em que se movem , e atrazão a meia parte de fóra. Este he o motivo , por que os Mestres devem cuidar muito em que o seu principiante avance a sua espadua de fóra para diante , e atraze á proporção a de dentro para trás , pois que de outra forte elle não vencerá esta difficuldade , não se conservará bem no meio da sella , não será igual na perspectiva da sua figura , nem acordará os movimentos das ajudas do seu corpo , mãos , e pernas conformes humas com outras , quando o Cavallo o precisar , obrigando-o com a precisa propriedade. Ora eu creio por estes motivos que o Principiante precisa ser muitas vezes advertido , maiormente quando faz voltar o seu Cavallo para adquirir o costume , e facilidade de avançar a espadua de fóra , e atrazar a de dentro , conforme as linhas circulares por onde se determina o movimento do Cavallo , attendendo á proporção da estreiteza do terreno , em que o fazem trabalhar.

Se o hombro , e a espadua do Cavalleiro da parte de fóra se víra para fóra da volta do corpo do Cavallo , não só fica o Cavalleiro torcido , e em má figura , mas em quanto elle assim vai , o Cavallo não volta com facilidade , nem se dobra bem para dentro.

Depois do Mestre haver feito estas advertencias ao discipulo , o fará trabalhar o seu Cavallo pelas linhas da muralha , e no quadrado , até elle adquirir algum desembaraço , e firmeza na sua figura ; porque ainda que quem anda com a guia dê menos passõs , fazendo andar o Principiante sobre a volta , do que se o faz andar sobre as linhas do comprimento da muralha , e sobre as linhas do quadrado : com tudo devem ao principio fazello andar mais sobre o direito , e quadrado , porque se firme , e adiante mais na sua figura. Nos circulos foge o assento da sella muito para fóra ; e pelo direito , e quadrado , só foge mais nos cantos , quando o Cavallo volta : por isso recommendo tambem o não mandem obrigar a dobrar muito os Cavallos , em quanto elle não está pelo direito seguro na sua figura , e capaz de resistir aos movimentos mais fortes do animal.

A maior perfeição do Cavalleiro consiste no acordo , união , e conformidade , com que elle faz sentir ao seu Cavallo as sensações com que o obriga , e estas só podem emanar com facilidade de hum Cavalleiro , que está bem assentado na sella , e posto no ponto do equilibrio , e por consequencia em boa figura , pois sem esta harmonia , e propriedade as sensações do corpo , mãos , e pernas não produzem hum bom effeito , e o Cavallo não póde com sensações mal applicadas observar a igualdade de hum ar sustido , ou diligente na determinação dos seus movimentos. Estes principios mostrão com evidencia que os toques , ou movimentos do corpo , mãos , e pernas do Cavalleiro contribuem , e podem conduzir para a boa determinação dos movimentos dos Cavallos.

Vendo o Mestre que o Principiante está capaz de fazer trotar bem o Cavallo pelas linhas rectas , e linhas do quadrado , o póde fazer trotar sobre huma volta

larga em hum trote curto, suave, e unido, para que possa firmar a sua figura, ganhando o assento da sella, e adquirindo na mão bem o tacto, que produz a embocadura pelas caimbas, e redeas do freio, reciprocamente na mão do Cavalleiro, e boca do Cavallo: digo isto, porque se quizerem fazer trotar o Cavallo no grande trote sobre a volta, o Principiante nos seus principios irá saltando na sella como hum boneco, e não poderá firmar a sua figura, agarrar-se-ha á mão, tendo-a aspera, e mal posta, quando todos os cuidados do Mestre devem dirigir-se a conduzir o seu Principiante, de modo que elle se firme em boa figura com perfeição, e faça a segurança no equilibrio do seu corpo, e não na sua mão.

Recommendo muito que mandem ao Principiante repetidas vezes renda a mão ao Cavallo para não cahir no terrivel defeito de lhe engrossar a sensibilidade da boca, e tambem porque isto o fará desembaraçado dos seus braços, e pulsos. Quando quizerem que o Principiante faça passar o seu Cavallo de mão, devem as primeiras vezes fazello parar em parte, onde elle sem difficuldade possa logo ir para a outra mão. Exemplo: Se o fizerem passar no meio do comprimento das linhas da muralha, devem ensinar-lhe a formar a parada, tendo o corpo, e as mãos firmes; e apòs isso, tendo o Cavallo parado, devem ensinar-lhe a mudar a acção da sua figura, para o obrigar assim a que se dobre para aquella mão, em que vai continuar o seu trabalho com a mesma graça, com que se dobrava em toda a acção do corpo antes de passar de mão; e quando o Mestre observar ao seu Principiante em estado de passar de mão, sem parar na passagem, o deve fazer principiar a passar da direita para a esquerda pela maneira seguinte.

Logo que estiver o Cavallo direito sobre as linhas da muralha, deve o Mestre mandar firmar o corpo ao Principiante alguma cousa para trás, mas sem força: e da mesma forte segurar, principalmente a mão esquerda diante de si firme, deixando vir a perna de dentro, que he a direita, perto da primeira cilha, para segurar as espadas ao Cavallo, e obrigallo a que vá direito para diante, e não volte rapidamente para dentro, conservando a perna de fóra junto á ultima cilha, para que lhe não fuja com a garupa muito para fóra, e vá igual na sua acção, e movimento entre ambas as mãos, e pernas até ao fim da passagem, que as primeiras vezes deve ser executada de passo: depois em o Principiante as executando bem, devem mandallo formar as passagens do trote, e ultimamente o podem fazer passar galopando.

Quando hum Principiante segura a mão esquerda adiante de si, dando geito ao pulso, para que a mão fique de unhas assim, e o dedo minimo se incline para defronte da sua espada esquerda, o movimento da mão, em passando a esta figura, faz sentir a sensação de ambas as redeas na mão do Cavalleiro, e na boca do Cavallo ao mesmo tempo, e mais a direita que a esquerda. Desta sorte deve ir até ao fim da passagem, que deve ser feita cortando o terreno; e quando o Cavalleiro formar a acção da passagem, ha de fazer sentir ao seu Cavallo a redea esquerda, inclinando o dedo minimo para defronte da espada direita, para fazer sentir na boca do Cavallo a sensação da redea esquerda mais activa pelo aperto, que faz a barbella sobre o assento, e barbada da parte direita: então deve fazer-lhe sentir

as pernas igualmente , a fim de o obrigar a passar no primeiro tempo do balanço com as espaduas , por effeito das sensações das mãos , e no segundo com a garupa , tambem por lhe fortalecer a ajuda da perna de fóra ; e depois , affroxando a perna de dentro , o fará completar a passagem , advertindo que todas estas sensações devem ser continuadas , e reguladas pela velocidade , e sensibilidade do Cavallo para fazerem bom effeito.

Quando o Principiante faz passar qualquer Cavallo de mão , ou execute a passagem de passo , de trote , ou de galope , deve avançar a sua espadua direita para diante , tanto quanto antes da passagem avançava para a mão direita a espadua esquerda , sendo que isto he difficuloso para esta mão , em que a espadua de fóra he a direita. O Mestre neste caso repetidas vezes lhe mandará ter a mão esquerda para si , e o dedo minimo para a sua espadua direita , o que o Principiante não pôde fazer sem ter a mão de unhas affima.

Tambem deve lembrar-lhe não leve a mão esquerda da linha da cernelha para a parte de fóra em o Cavallo , unindo a espadua de dentro á de fóra , pois quanto mais a espadua esquerda do Cavallo se unir á direita , tanto mais a esquerda do Cavalleiro se avançará para diante , e a direita ficará para trás.

Depois do Principiante formar bem as passagens de mão , cortando o terreno , como se vê na Est. XV. das linhas N. 5. para as linhas N. 4. principiará a formar as passagens da mão no fim da linha da muralha sobre angulos rectos , como se vê da Fig. 4. Est. IV. Quando fizer passar o seu Cavallo de mão da esquerda para a direita , logo que o obrigar a deixar a linha recta da muralha , tiver passado o canto , e estiver direito sobre a linha do quadrado , lhe deve principiar a formar a passagem ; então firmando o seu corpo alguma cousa para trás , deve fuster muito principalmente bem a mão esquerda adiante de si firme , deixando unir a sua perna esquerda á primeira cilha , não de repente , para que o Cavallo não se desmanche da sua figura , e acção , voltando rapidamente para dentro. Apôs isso deve chegar-lhe a perna de fóra , que he a direita , á ultima cilha , para que não fuja com as ancas para fóra , antes sim elle vá igual no seu movimento para diante seguro entre as mãos , e as pernas até ao fim da passagem : então para a completar , o Cavalleiro voltará a sua mão esquerda de unhas affima com o dedo minimo inclinado para a sua espadua esquerda , e o obrigará com a redea direita , e a perna esquerda a passar de mão para a direita. O Principiante no tempo da passagem deve mudar toda a acção da sua figura , como já diffemos , para o Cavallo tambem com facilidade se desdobrar da esquerda para a direita ; e logo que por meio das expostas diligencias o animal tiver mudado de acção , e completado a passagem , o Cavalleiro com ambas as redeas , e ambas as pernas o deve encaminhar para diante.

A causa de eu recommendar que mandem ao Principiante que forme ao seu Cavallo as passagens de mão sobre os angulos rectos , e pelo direito , cortando o terreno , he porque são mais faceis , e são igualmente aquellas , em que o Cavalleiro , e o Cavallo se desmanchão menos na sua figura , e acção , como tambem em o Cavallo se dobrando , se põe em direcção com mais facilidade.

Affim que o Principiante com desembaraço fizer trotar , e galopar hum Caval-

vallo pelo direito, fobre o quadrado, e fobre os circulos, passando-o de mão da direita para a esquerda, e da esquerda para a direita, o devem fazer montar em Cavallos, que suspendão, ou fação o piafé entre os Pilões, para aprender a sentir estes movimentos, e ir pondo em prática as senhações proprias a este ar, ou trabalho: Depois o devem fazer montar em Cavallos, que saibão fazer as poufadas; e tendo mais defembaraço, em Cavallos, que fação as curvetas, mas entre os Pilões, ensinando-lhe todas as ajudas, e castigos, ou senhações proprias para os fazer determinar aos movimentos proprios destas lições.

Estando o Discipulo mais adiantado, o Mestre o deve mandar montar nos Cavallos das Garupadas, Balotadas, e Cabriolas, não sómente para que elle perca o medo, mas para que vá tomando conhecimento das senhações com que deve ajudar, e castigar os Cavallos em todos estes ares, e lições.

Se os Mestres seguirem este methodo, os Principiantes com tempo competente serão firmes, e direitos na sella, faceis, e promptos em ajudar os seus Cavallos em toda a forte de ares, e lições, e conservarão a aptitude da sua figura na melhor situação, que a construção, e possibilidade delles o permittirem.

Disposto assim o Discipulo, o deve o Mestre fazer trotar varios Cavallos em hum trote vivo, e depois em hum trote bem avançado, e muito continuamente, para que possa adquirir bem o equilibrio, e assento da sella, cuidando sempre o Mestre, e tendo toda a attenção a que o seu Principiante não se desmanche em trabalho algum da bem symmetriada acção da sua figura.

He certo que o trote he o movimento mais desagradavel que os Cavallos fazem para a commodidade do Cavalleiro; mas elle he ao mesmo tempo o movimento, que o faz mais forte, e o dispõe para melhor firmar a sua figura defembaraçada, e facil no ponto do equilibrio. Além disto serve tambem o trote para o Cavallo se igualar nos movimentos, para se defembaraçar, e aperfeiçoar em todos os ares, e trabalhos do manejo, tanto naturaes, como artificiaes.

De nenhum modo deve o Mestre consentir que o seu Discipulo enteze demasiadamente o corpo, nem que á proporção elle se affroxee, ou abandone com excesso, e de que venha a ter a sua mão áspera, e mal situada, como tambem de que se pégue mais a huma que a outra redea, vindo por este motivo a dobrar o Cavallo com desigualdade, que não cerre os joelhos, e os faça tão fortes, que fiquem sendo, como dizem os Sabios, de ferro: que não una por costume ao ventre do Cavallo os calcanhares: que não traga as pernas em hum continuo movimento: que não lhe ande sempre dando com a vara: que não lhe ande fazendo cocegas com as rosetas das esporas: que não lhe dê as esporadas rasgadas, como fazem os arceiros: que não deixe pender o seu corpo, e assento da sella mais para huma, que para outra parte: que não lhe falle continuamente; e finalmente que não ponha em prática acção alguma com ficção, e vaidade, porque todas estas cousas são defeitos reprehensiveis em hum homem Cavalleiro: logo todo o fim, e objecto dos Professores desta Arte deve encaminhar-se a conservar os Cavallos no seu vigor, rendendo-os sensiveis, e obedientes em todos os ares, e trabalhos, de que elles forem susceptiveis.

He certo que em todas as regras ha excepção, assim ha occasiões, em que o Cavalleiro deve cerrar os joelhos, tendo-os fortes, e as pernas, e da mesma forte o corpo firme quanto puder, para evitar que o Cavallo, quando se defender, furiosamente, o arroje fóra de si, quer elle se defenda por ignorante, raivoso, ou por maligno. Mas logo que cessar esta causa, deve o Cavalleiro tornar-se flexivel para trabalhar com o equilibrio, e facilidade por meio dos preceitos, que a Arte ensina.

Em todas as Academias devem haver Cavallos ensinados em toda a qualidade de ares, e trabalhos do manejo, não só para os Discipulos verem, sentirem, e aprenderem, mas para o Mestre fazer ver a sua pericia, e sciencia. Eu creio que todos os Cavalleiros sabem que para aperfeiçoar bem hum Cavallo em qualquer trabalho, ou lição, que lhe he propria, segundo a sua construcção, devem seguir-lhe a sua natural inclinação, para que possa servir bem, e não se arruine facilmente de alguma das partes do corpo pelo haverem applicado a trabalhos, ou lições que lhe são improprios.

Não he menos necessario ao Mestre observar attentamente se o Principiante (estando firme na sella) tem nas suas pernas hum desembaraço igual ao que vai adquirindo por meio da lição nas mais partes do corpo, ou se se conserva, tendo fortes as curvas, e os joelhos, porque neste caso o deve dispôr de maneira que vá adquirindo nas pernas facilidade, e igualdade dos joelhos até á ponta do pé, fazendo-lhe (além das diligencias que temos dito) affroxar os joelhos, e curvas das pernas alguns espaços ao trote pelo direito, para que sem perder o equilibrio perca o defeito de se agarrar á sella por costume, antes sim se torne facil dos joelhos, e tenha bom movimento nas curvas, e pernas, aliás se o Principiante se agarrar, o Cavallo será rude aos movimentos das barrigas das pernas, calcanhares, e esporas; pois huma das grandes perfeições dos Cavallos de manejo consiste em serem sensiveis a todos os movimentos das pernas do Cavalleiro.

Vendo o Mestre que o seu discipulo está desembaraçado, e facil (conforme fica recommendado) pôde, quando o julgar conveniente, fazello montar com estribos; advertindo que a medida dos loro deve ser bem á proporção da perna do Cavalleiro; mas o loro sempre mais curto que a perna, isto he, o calcanhar do pé do Cavalleiro deve ficar mais baixo que a ponta do pé na linha horizontal huma pollegada pouco mais, ou menos.

Pignateli Cap. III. Pag. 27. mandava aos seus discipulos estender a perna para baixo, e então collocar o loro em tal medida, ou comprimento, que a soleira do estribo ficasse tocando ao Cavalleiro no meio do seu peito do pé, por ser esta sem dúvida a boa, e justa medida, em que deve ficar o loro, e o estribo. E ainda que pareça estar o loro curto, he engano, pois em o Cavallo andando, fica o loro no seu devido comprimento; e aquelles, que fizerem experiencia, ella lhe mostrará esta verdade; e se pelo contrario puzerem o loro no comprimento da perna, logo que o Cavallo se principiar a mover, o calcanhar do Cavalleiro subirá para cima, a ponta do pé descerá para baixo, e na ponta do mesmo pé andarâ o estribo dançando, maiormente se o Cavallo for estreito do ventre.

Os arcos dos estribos não devem ser muito altos, nem muito baixos, nem também muito largos, porque huma, e outra cousa os póde deixar colar no pé do Cavalleiro. A foleira não deve ser muito larga, nem muito estreita, porque de huma, e de outra fórma dá máo commodo ao pé. Os dentes da grade devem ser vivos, ou agudos, e não muito grandes, para que a fola da bota não escoregue sobre elles, o que facilmente succede se o estribo tem a grade liza; e cada vez que isto acontecer, o Cavallo se perturbará no seu movimento, e se incommodará com o temor do castigo.

Devem os Mestres fazer preparar todas estas commodidades aos discipulos, para lhes dar boas noções, porque no principio está o ficarem bem, ou mal situados para sempre. Se seguirem em todas as escolas esta ordem, os seus Discipulos serão postos a cavallo com a melhor graça, e desembaraço, que a sua disposição, construcção, e talentos o permittirem: e eu não affirmára assim huma cousa de tanta consideração, senão estivesse bem certo nos effeitos. Vi Principiantes inflexiveis de mãos asperas, os braços cerrados ao corpo, os joelhos de ferro, o espinhaço irto, e toda a sua figura mal situada; e por meio das disposições, que ficão ditas, os vi depois flexiveis, bem situados, e com aquelle equilibrio, que todos os Sabios mandão observar aos seus Principiantes para chegarem a ser bons Cavalleiros.

Pignateli Cap. XI. Pag. 61. diz, que bem póde o homem ser vistoso, e agradável a cavallo, e com tudo não ser bom Cavalleiro; mas que não póde ser bom Cavalleiro, sem estar bem posto a cavallo. O mesmo affirma Le Brove Cap. V. Pag. 50., e outros muitos Sabios Cavalleiros, cujos sentimentos são nesta materia uniformes. As reflexões de Pignateli bem appropriadas nos fazem conhecer de quanta importancia são as primeiras noções da Arte. Se o Cavalleiro estiver torto, e mal situado na sella, não sómente será desagradavel a quem o vir trabalhar, mas também não poderá conseguir que o Cavallo lhe obedeça conforme a Arte.

Ainda que os mais dos homens sejam naturalmente cheios de desejo, e gosto de andar a cavallo, nem por isso se segue que sejam todos igualmente próprios para este exercicio. Os mais recommendaveis para este fim são aquelles, a quem o Omnipotente Creador, além de hum bom juizo, confiou bastantes forças acompanhadas de agilidade, e hum corpo bem proporcionado. Os Homens de estatura mediana são firmes; e ao mesmo tempo se ajudão com mais promptidão, do que os que são muito corpulentos. Os que são demaziadamente pequenos, não só não são vistosos, mas nem ainda ajudão os Cavallos como devem, e muito principalmente com as pernas. Necessita-se pois de que o Cavalleiro, para ser agradável á vista, seja dotado de huma figura bem proporcionada, e de presença agradável: elle tendo sido conduzido debaixo dos principios, que ficão estabelecidos, e sendo dotado também das qualidades ponderadas, com facilidade fará bom uso da ligação.

Finalmente o que pertender ser bom Cavalleiro, deve empregar-se no exercicio da picaria o tempo competente para adquirir o equilibrio, e o desembaraço preciso, não só para ser vistoso, e agradável a quem o vê trabalhar, mas também para que os Cavallos lhe obedeçam, debaixo dos preceitos da Arte, a todas as sensações com que os obrigar.

LIVRO V.

ARGUMENTO.

Definição dos nomes , que são proprios nesta Arte , para com o soccorro delles poderem os Discipulos , livres de confusão , perceber facilmente o que lhes mandão fazer. Nomes das partes de que se compõem alguns arreios , e o modo de usar delles. Mostra-se qual he a origem dos sentidos naturaes dos Cavallos , e a fôrma com que os Cavalleiros devem servir-se das ajudas , e castigos , para a sensação ser perceptivel aos sentidos do animal : e tambem que cousa he passo natural , que cousa he andadura , que cousa he o movimento do trote : modo de formar a lição dos quatro circulos para a direita , e para a esquerda , ao passo , e trote.

NADA contribue mais para a comprehensão , e conhecimento de qualquer Arte, e de qualquer sciencia, que a boa noção, e intelligencia dos nomes, que lhes são proprios, por serem estes bem como o indice, ou ponteiro de hum relógio, cuja ponta aguda nos mostra os admiraveis effeitos, que continuamente nelle se observão: assim tambem aquelles pelo seu conhecimento nos fazem como tocar nos fins do que os Professores pertendem persuadir-nos. Daqui nasce que sem huma perfeita applicação ao maquinifimo (por assim fallar) de toda, e qualquer Arte, sempre se andaria com dúvida na sua total intelligencia. Por isso persuadido eu desta verdade, me dou ao cuidado de mostrar as definições, significações, e propriedades dos nomes proprios desta Arte, segundo o parecer dos melhores Authores que della tratão.

A palavra *Manejo* tem duas significações, e se póde entender por nome proprio do terreno, ou Picadeiro, em que se exercitão os Cavallos, ou como ar, ou trabalho, que por meio da lição lhes fazem aprender.

Bom Ar. Quando os Cavallos se movem com boa graça, levantando os braços, e movendo todas as partes do seu corpo com hum desembaraço agradavel, dizemos que elles tem *Bom Ar*. Isto mesmo se costuma entender tambem pelo proprio, e igual movimento, que os Cavalleiros, segundo a Arte, fôrmao aos Cavallos, que ensinão em cada andar, seja natural, ou seja artificial, como diz Brogelat Cap. VIII. Pag. 77.

Passagem. Quando o Cavalleiro faz mudar de terreno ao seu Cavallo, desdobrando-o da acção em que andava, e fazendo avançar o pé, e mão daquelle parte para onde novamente o dobra, dizemos *Passou de mão*, seja passando-o da direita para a esquerda, seja da esquerda para a direita.

Cortar o Terreno. Não se deve entender que o Cavalleiro fez passar de mão o Cavallo, quando repartindo o terreno do manejo de huma das linhas da muralha por huma linha curva, ou obliqua, elle vai buscar outra linha da muralha fronteira; e sem desdobrar o Cavallo da acção em que andava, fórma em diferentes terrenos o mesmo trabalho; mas sim dizemos que elle *cortou o terreno*, porque o Cavallo sempre anda para aquella parte, para que olha, e se dobra, ou elle fique trabalhando nos reverfos, em que sempre olha para fóra do centro, ou fique trabalhando sobre a circumferencia, e sobre o quadrado, em que sempre olha para o centro.

Logo que o Cavalleiro obriga o seu Cavallo a que deixe a linha, em que trabalhava, e o faz partir por huma linha obliqua, atravessando o terreno para buscar a linha opposta, seja trabalhando sobre a circumferencia, ou sobre o quadrado, sem o desdobrar, e mudar de acção, tambem se deve entender que *cortou o terreno*.

Quando o Cavalleiro faz cortar o terreno ao Cavallo pela largura do Manejo, e elle se vai unindo á linha da muralha para voltar sobre a mesma mão, em que anda, deve formar hum meio circulo para passar da linha obliqua do centro para a linha recta da muralha: elle então se levanta mais das suas espadas, e segura a sua garupa mais, para voltar para a mesma mão para que trabalhava.

Se o Cavalleiro pertende que o seu Cavallo corte o terreno por todo o comprimento do Picadeiro de huma das linhas da frente, ou do fundo do manejo, o fará partir pelo centro do terreno, e assim por huma linha obliqua, sahindo sempre para fóra, ir buscar a linha da muralha opposta; e quando o Cavallo se vai unindo a ella, o Cavalleiro lhe deve ir segurando a mão de dentro, e a perna de fóra, para que elle encruzado entre as redeas, e a perna, se levante mais das suas espadas, quando volta para a mesma mão, em que andava antes de cortar o terreno. Isto o obriga tambem a ser facil na mão, quando volta, e assegurar a sua garupa, quando se obriga mais com a mão de dentro, e a perna de fóra.

Cortar o terreno curto. Trabalhando sobre o circulo, tambem se corta o terreno, fazendo marchar o Cavallo sobre as cordas delle; (como se vê na Est. IV. Fig. 11.) e para que elle possa andar sempre para diante, e usar bem da sua garupa, o que não póde fazer sem sahir de huma linha curva para a recta, que he a corda desse circulo: para se conseguir isto, o obrigará o Cavalleiro com a redea de dentro, e ambas as pernas a atravessar o circulo de huma para outra extremidade do arco, a fim de que a garupa siga a linha da mão de fóra: isto facilita o Cavallo muito para seguir com as espadas os movimentos das redeas. A recommendação de lhe segurar a garupa para dentro, he, porque ordinariamente nesta lição todos os Cavallos fogem com a garupa para fóra, para se desdobrarem da acção que sustentão sobre o circulo antes de cortar o terreno: elles fogem da obediencia, e sujeição da mão do Cavalleiro, quando os faz cortar o terreno, obrigados da força centri-

fuga, que na dobra do feu corpo os faz fahir do centro, quando andão para a mão direita, sobre a perna esquerda.

Da volta ao revés. Havendo eu já dito como se corta o terreno, voltando sempre sobre a mesma mão no ponto, em que se unem á extremidade da linha sobre que voltão para seguir a mesma lição em que andavão, direi tambem como se corta o terreno para ficar trabalhando na lição *da volta ao revés*.

O Cavalleiro desde a linha da muralha, em que trabalhar, deve por huma linha obliqua fazer ir o feu Cavallo buscar a linha da muralha opposta; e em chegando a ella, tendo formado hum angulo obtuso Est. IV. Fig. 6. do vertice do angulo, deve seguir a linha do prolongo da muralha, sem o desfobrar da acção, em que andava antes de principiar a cortar o terreno. Ora se elle anda dobrado para a direita, deve seguir a linha sobre o prolongo para a esquerda, e neste caso fica o centro do terreno da parte esquerda, e por isso esta lição se deve propriamente chamar *Volta ao revés*, tanto quando o Cavallo fica nesta acção sobre o quadrado longo Est. XV., como ficando sobre os circulos de duas pifas Est. VI. Fig. 1. N. 5., seja que as espaduas do Cavallo entrem para o centro, e a garupa saia para fóra das linhas das espaduas, e elle forme quatro pifas, ou linhas, como se vê na Est. XXXVI. Fig. 1., seja que elle figa com as pifas dos seus pés as pifas das mãos, determinando os seus movimentos sobre linhas parallelas, formando duas pifas; porque logo que olha para a direita, e vence com as espaduas o terreno para a esquerda, a garupa anda para cima da parte concava, e elle trabalha assim no reverso da acção, em que andava sobre o quadrado, ou sobre a circumferencia, antes de cortar o terreno.

Das Pifas. Chamão-se *Pifas* aquelles signaes, que os Cavallos com os seus pés, e mãos imprimem na terra. Ora quando hum Cavallo trabalha por linhas rectas, isto he, quando as pifas dos pés seguem as pifas das mãos, cada huma por sua linha recta, indo parallelas as pifas da mão, e pé direito com as pifas da mão, e pé esquerdo, o Cavallo fórma assim duas pifas, ou linhas, porque os seus pés seguem igualmente as mãos; e ainda que alguns Cavalleiros dizem que o Cavallo anda de huma só pifa, com tudo, elles se enganão; porque tendo hum Cavallo duas mãos, elle não póde andar, sem que ellas marquem ao menos duas pifas, ou linhas, as quaes os pés vão seguindo parallelamente.

Dos quatro circulos. Trabalhando o Cavallo sobre a volta, ou nos reversos, seja da circumferencia, seja do quadrado, ou linhas de todo o comprimento do manejo, em entrando com as espaduas para o centro, e sahindo com a garupa para fóra das linhas das espaduas, fórma quatro pifas distinctas, porque nestas acções elle marca duas linhas com as pifas das mãos, e outras duas com as pifas dos pés: advertindo que quando vai ao passo, ou trote nos reversos, a mão, e perna da parte convexa, por effeito do movimento circular, e força centripeta, cruzão por cima, e por diante da mão, e pé da parte concava, e por consequencia a perna, a mão, a meia anca, e espadua da parte convexa se unem á meia anca, e espadua da parte concava por força do feu movimento circular, sem o qual a parte convexa não póde vencer para cima da concava a maior porção de terreno, que tem de caminhar.

Volta ao revés galopando. Quando o Cavallo galopa nos reversões, a parte de dentro, ou concava se avança, e a de fóra, ou convexa se une a ella, porque elle se move no seu galope com hum balanço das espadas, e outro da garupa, e ao passo, e trote faz quatro movimentos, cada hum distincto sobre si na respectiva parte, isto he, hum com cada espada, e outro com cada anca, e por isso o braço, e perna de fóra cruzão por cima, e por diante do braço, e perna de dentro. E esta he a unica lição tambem em que o Cavallo ao passo, ao trote, e ao galope recolhe a sua perna de fóra da volta, e de dentro do centro para baixo do seu corpo.

Dos occultos movimentos com que se ajuda o Cavallo.

OS occultos movimentos de que se ferverem os Cavalleiros para fazerem determinar os movimentos dos Cavallos a ir para diante, para trás, para a direita, e para a esquerda, em termos da Arte chamão-se *Ajudas*. Estas consistem nos differentes movimentos das mãos, e equilibrio do corpo, joelhos, pernas, vara, e falla, de que necessariamente o Cavalleiro se serve para avivar, animar, e conservar os Cavallos no seu melhor, e mais perfeito movimento. Ora estas ajudas devem ser postas em prática com tanta promptidão, e delicadeza, que se fação imperceptiveis aos Expectadores. Deve o Cavalleiro fazer hum bom, e perfeito uso de todas ellas, por serem precisas para obrigar bem ao Cavallo, e ao Cavallo para bem obedecer ao Cavalleiro, pois sem estas boas qualidades já mais lhe será possível fazer determinar os movimentos de toda a máquina do corpo do Cavallo com perfeição, e igualdade.

Dos Castigos. Quando o Cavalleiro com promptidão, vivacidade, e fortaleza se serve das esporas, vara, freio, e cabeção, dando com algum destes instrumentos no Cavallo, chamão a isto *Castigo*; e se o Cavallo desobedecer, e he preciso usar dos referidos meios para o remediar, forçosamente se ha de perceber de fóra.

Render a mão. A'quelle movimento, que se faz, abaixando, e adiantando a mão da redea para diante, se chama *Render a mão*, seja para deixar sahir o Cavallo para diante, seja para lhe alliviar o sentimento que lhe produz o freio na boca sobre os affentos, e a barbella sobre a barbada: advertindo que a mão esquerda he que se deve sempre entender por mão da redea; porque ainda que a mão direita tire, e trabalhe algumas vezes com a redea direita, com tudo, isto não he mais que hum remedio para ajudar, e facilitar o Cavallo, que duvida voltar, e dobrar-se para a parte direita, e quando o Cavallo péga mal no freio ao voltar, e tambem para obrigar aquelles, que puchão pela mão para a parte de fóra com excessõ. Vale-se o Cavalleiro em taes casos dos soccorros da mão direita para obrigar o Cavallo a que volte para dentro; porém logo que elle obedece, e está flexivel, devem as redeas sómente ser trabalhadas pela mão esquerda.

Segurar-se as redeas. Quando o Cavalleiro tem pouco affento de sella, e por consequencia pouco equilibrio, e pouca firmeza, elle se vale ordinariamente de *segurar-se nas redeas*: neste caso dizemos, que o Cavalleiro *se péga á mão*, ou tem a *mão forte*. Este he o peor defeito que elle póde ter, pois com este máo costume ate-

atenua a sensibilidade da boca do Cavallo, costumão a deter-se, e se tiver a boca fina, a empinar-se, pondo-o no risco de cahir para trás : incidente de que podem resultar grandes fatalidades não só pelos vicios que d'isto podem sobrevir ao Cavallo, mas tambem pelas evidentes desgraças, que podem acontecer ao Cavalleiro.

Tirar pela mão. Quando o Cavallo tem o defeito de estender vigorosamente o focinho para cima, ou para aquella parte, para onde elle está mais facil, dizemos que *tira pela mão*: neste caso entéza a boca contra a mão do Cavalleiro, e isto he muito máo, ou elle o faça por ignorante, ou por maligno, e reçabiado.

Ser rude á mão. Quando elle descansa sobre a embocadura do freio, sem acudir ao governo que o Cavalleiro lhe quer dar por meio das sensações do freio, dizemos que *péza na mão*. Esta qualidade de Cavallos não sente as sensações da embocadura sobre os assentos, senão quando ellas são impellidas de huma grande força.

Incerteza da boca. Quando o Cavallo tem este defeito, estende amiudadas vezes o focinho para diante; e sentindo que a embocadura do freio lhe assenta sobre os assentos, estranha a sensação, e torna com o focinho para trás, indo neste successivo movimento sem apoio: em tal caso dizemos que *bate no freio*. Este defeito he muito ordinario pela maior parte nos Cavallos, que não tem ainda governo algum, e muitos o fazem tambem por bravos, e infoffridos: estes se distinguem daquelles, porque facodem muitas vezes o freio para hum, e outro lado, e dão cabeçadas.

Ter bom apoio. Ao sentimento que reciprocamente produz a embocadura do freio por effeito das caimbas, e redeas na mão do Cavalleiro, e boca do Cavallo, chama-se *Apoio*. Cavallos ha, que não tem apoio algum, e em quanto estão neste estado, não dão bom commodo a quem anda nelles. Outros tem apoio tão demaziado, que fatigão muito o braço ao Cavalleiro: os que não tem apoio, temem, como deixamos notado, a embocadura do freio, não querendo que ella lhe sente sobre os assentos, ou queixos; e as suas defezas consistem não só em tirar pela mão, e dar cabeçadas, mas tambem em se desigualar nos seus movimentos, e não voltar facilmente, quando a mão os obriga. Ora os que tem muito apoio, descansaõ sobre a mão, violentando com excessõ o braço do Cavalleiro: elles sim se igualão mais nos seus movimentos, do que os que temem a embocadura; mas além de fatigarem o braço, elles são rudes á maior parte das sensações com que o Cavalleiro os quer obrigar.

Boa boca. Chama-se *Boa boca* á daquelle Cavallo, que segue sem violencia os movimentos da mão, participados della pelas redeas, e caimbas á embocadura, obedecendo com suavidade, ligeireza, e firmeza ás sensações da mão do Cavalleiro, unindo-se brandamente á dita embocadura do freio, bem assim como huma mola, que obrigada de hum leve impulso, se vai facilmente dobrando, e comprimindo.

Da parada. *Parada*, ou *Parar* significa acabar a lição: sendo que tambem ha paradas, e meias paradas, seguindo a mesma lição, do que em outros lugares tratarei. Tambem se entende por parada o intervallo que o Cavalleiro faz, parando o seu

feu Cavallo , para que tome folgo , e torne a repetir a lição. As paradas , e as meias paradas , seguindo a lição , servem communmente para obrigar o Cavallo a que se levante das espaduas , e a que tome apoio , e governo : e ellas tambem o obrigação muito a que traga firme a cabeça no seu proprio , e devido lugar.

União dos movimentos. Unir, e ajustar o Cavallo he fazello igualar os seus movimentos por meio da lição , dando-lhe nelles desembaraço , e flexibilidade tal que o possão formar , e constituir perfeito naquelle ar , ou andar que lhe he proprio.

Cavallo obediente. Chama-se *Obediente* aquelle , que está desembaraçado , e igual nos seus movimentos , que está facil , e bem plantado no chão ; que segue todas as sensações da mão participadas pela embocadura , que obedece promptamente ás ajudas das barrigas das pernas do Cavalleiro , como tambem ás dos joelhos , calcanhares , e esporas , fugindo ás impressões das suas sensações com desembaraço , e obediencia , seja determinando o seu movimento sobre linhas rectas para diante , ou para trás , seja obliquando para a direita , ou para a esquerda , sem se atravessar , ou desconcertar na sua acção.

Entortar no Terreno. Atravessar-se he metter a garupa demaziadamente para o centro , ou deitalla com o mesmo extremo para a circumferencia , ou para fóra , fazendo pouco caso das sensações das mãos , e pernas do Cavalleiro , faltando á regularidade , que deve sempre conservar na determinação dos seus movimentos , ou elle trabalhe nos circulos , nos quadrados , ou por todo o comprimento da muralha , porque em todos os ares , e trabalhos deve o Cavallo determinar-se pelas sensações , que lhe faz o Cavalleiro , para ser prompto , e se postar bem situado , e bem direito no chão.

Deter-se. *Deter-se* he a repugnancia que o Cavallo tem de andar para diante. Elle se detem , quando fica sobre as linhas rectas para trás : quando se lança mais sobre huma , que sobre outra espadua : quando entra com a garupa demaziadamente para o centro , ou da mesma forte foge com ella para fóra , sem obedecer ás diligencias , que o Cavalleiro emprega por meio das sensações das suas mãos , pernas , e corpo , a fim de que ande para diante. Esta he a peor defeza que elle póde buscar , para se fortalecer em todos os seus máos costumes , ou vicios : e já mais se poderá obrigar hum tal Cavallo a que obedeça , em quanto elle persistir em ficar para trás.

Piafer. Suspende , ou *Piafer* se chama a hum movimento que os Cavallos fazem ao passo , dobrando os seus braços altos , e com bom ar , sem se atravessar , e tambem sem avançar , nem recuar , determinando os seus movimentos com obediencia , e regularidade pelas sensações , ou ajudas das mãos , e pernas do Cavalleiro : advertindo tambem que póde suspender , marchando para diante , recusando , ou tirando atrás , e obliquando para huma , e outra parte.

Patear. Os Cavallos , que em lugar de suffer os seus braços altos , e as pernas na regular figura , que devem observar , quando suspendem , antes fim elles precipitão o seu movimento com acceleração , e sem igualdade , se diz que *pateião*. Os que são muito colericos , e que tem muita vivacidade , são sujeitos a este defeito. O mesmo succede a alguns , por terem má lição ; e a outros , porque já não podem.

Fal-

Falcada. A' parada que o Cavallo faz, abaixando, rebatendo, e recolhendo as pernas para baixo do feu corpo ao passo, ao trote, ou ao galope, se chama *Falcada*. Desta palavra se servia La Brove, quando queria dizer que o feu Cavallo havia ufado de huns movimentos curtos, unidos, e promptos para recolher as suas pernas, e garupa bem para baixo do corpo.

Obliquar. Cruzar he aquelle movimento, que os Cavallos fazem em passando a mão, e pé de dentro por fima, e por diante da mão, e pé de fóra, por effeito do movimento circular. Da mesma forte elles cruzão, quando trabalham na lição da volta ao revés, ao passo, e trote, passando a sua mão, e pé de fóra por fima, e por diante da sua mão, e pé de dentro, como se diz nos lugares a que pertencem estas lições.

Fallar ao Cavallo. Todos sabem que he hum som, que o Cavalleiro fórma com a sua lingua, unindo-a á parte superior da boca, retirando-se de golpe, e abrindo hum pouco a boca, a isto, como dizemos, se chama *fallar ao Cavallo*: e serve para o avivar no feu movimento, e trabalho, fazello attento ás ajudas, e castigos, e tambem para o divertir, se elle vai de má tenção. Devem os Cavalleiros servir-se desta falla as menos vezes que puder ser, pelo mal que soa a quem ouve; e tambem porque se o Cavalleiro continuamente fallar ao Cavallo, elle pelo costume, em que está de ouvir a falla a cada instante, virá a fazer pouco caso della. Não deve tambem ser esta falla muito forte, pois basta sómente que o Cavallo a ouça.

Vara. Todos sabem que as varas são humas haistes delgadas de Marmelleiro, ou de alamos brancos, as quaes servem para compostura do Cavalleiro, e para lhe fazer adquirir hum movimento livre no braço, e mão direita, a que commummente se chama *a mão da espada*, e servem tambem para ajudar, e castigar o Cavallo. He ajuda quando o Cavalleiro a faz cislar para avivar, e animar o Cavallo; e quando lhe tocão com ella sobre huma, ou sobre outra espadua, ou tambem sobre a garupa, a fim de o obrigar a que fique direito no chão, e a que se alargue della quando recua. He castigo, quando o Cavalleiro lhe dá com ella fortemente sobre os braços, sobre as espaduas, sobre o ventre, e sobre a garupa, e em cada huma destas partes o castigo da vara causa effeitos differentes, como dizemos nos lugares, em que tratamos dos seus inconvenientes, e utilidades.

Dous são os melhores modos de tocar com a vara sobre a garupa: o primeiro he mais vistoso, e de melhor effeito. Elle se faz, elevando o Cavalleiro o feu braço no cotovello á altura do hombro, tocando então por fima delle com a ponta da vara levemente sobre a garupa do Cavallo.

O segundo modo de tocar com a vara se faz, voltando-a na mão com a ponta para baixo, fahindo por entre o dedo minimo, e a palma por baixo do braço, para a ponta alcançar a tocar sobre a garupa: se bem que ordinariamente os Cavallos não correpondem a esta ajuda da vara por baixo do braço com tanta graça, como sendo applicada por fima do hombro.

Ora sendo o uso da vara util, elle não serve para os Cavallos destinados para a guerra, porque elles não devem temer de fórma alguma os movimentos da mão da espada, para os Cavalleiros nas acções das batalhas se poderem servir bem

bem della: he porém precisa a ajuda, e o castigo da vara para animar os Cavallos, que fervem para os trabalhos da Escola, tanto estando montados, como entre os Pilões: seja para lhes fazer levantar as espadas, endireitallas, e dobrar os braços, e joelhos, seja para lhes ajudar a marcar iguaes os tempos da garupa no galope, no terra a terra, e nos ares altos.

Nomes dos andares naturaes.

HA *Passo natural*, ha *Passo travado*, e ha hum movimento chamado *Andadura*, e outro quasi semelhante a ella, chamado *Entrepasso traquinado*. Ha *Trote proprio*, ou *natural*, ha *Trote unido*, e ha *Trote avançado*: ha *Galope natural*, ha *Galope avançado*, ha *Galope diligente*, ha *Galope unido*, e ha *Galope relevado*, a que chamão *Meio ar*: ha finalmente nos ares perto da terra hum movimento semelhante ao galope muito vistoso, que se chama *Terra a terra*. Ha tambem a *Volta*, a *meia Volta*, a *meia Pirueta*, e a *Pirueta*.

Nomes dos movimentos artificiaes.

OS movimentos, ou ares artificiaes são a *Pousada*, as *Passadas*, a *Curveta*, a *Garupada*, a *Balotada*, a *Cabriola*, e o *Passo*, e *Salto*.

O *Passo*, o *Trote*, e o *Galope* são os movimentos naturaes, com que a mão suprema do Creador dispoz a estrutura da máquina do corpo do Cavallo com huma disposição admiravel, e estupenda para determinar os seus movimentos em fervigo do homem, pois elles tem origem, sem necessidade da Arte, na sua propria natureza.

Os movimentos artificiaes são aquelles, que hum sciente Cavalleiro sabe formar aos Cavallos, que enfina para os aperfeiçoar nos diferentes ares naturaes, e artificiaes, de que elles são capazes, e se devem praticar nas Academias bem reguladas.

Explicações da Estampa V.

OS instrumentos, que communmente fervem nos Cavallos, são o *Freio*, e a *Sella* com os seus pertences, o *Cabeção ordinario*, o *Cabeção dos Pilões*, o *Filete*, o *Bridão*, as *Cabeçadas do freio*, *Cabeções*, e *Bridões*, com as redeas, que lhes correspondem, as *Correas*, os *Antolhos*, e a *Rabeira*, como se vê nas figuras da Est. V., e nas da Est. IX., &c.

Ha *Freios* com diferentes fórmãs nas caimbas, nas embocaduras, e nas *barbellas*; e o seu prestimo todo se encaminha a fazer governar os Cavallos, dando-lhes apoio, e obediencia ás determinações das mãos do Cavalleiro para elles serem uteis no seu prestimo para o manejo, para a caça, e para a guerra.

Já disse que coufa he guia, chambrié, e açoute, e qual o seu prestimo: agora explicarei os nomes das mais figuras da Estampa V., e as partes de que ellas se compõem.

Do Fiador.

A Fig. 1. chama-se *Fiador*: compõe-se de seis partes, a primeira he huma verga de ferro delgada, ou de latão, commumente dourada, e torcida, ou facetada, como letra C.

A segunda parte he huma Cabeçada simples, que se põe por cima da cabeçada do freio com huma só fivela, e passador, como letra D.

A terceira he huma Sugigola letra M.

A quarta he hum Passador, que faz apertar a fugigola por cima das redeas do freio, como letra O.

A quinta parte he o Tornel letra E; a argola menor, em que se afivela a correa de levar a mão, deve andar á roda no referido tornel, para não se retrocer a correa, ou cordão com as voltas que o Cavallo der.

A sexta he a Correa, ou cordões de levar a mão, que deve ter no fim huma prezilha, como letra A. Costuma-se usar dos fiadores para levar os Cavallos á mão, e para evitar que os moços lhes dem pancadas fortes com o cabeção sobre o focinho, e sobre a barbada.

Do Pilão do centro.

A Fig. 2. já disse que se chama *Pilão do centro*. Dos seus prestimos tratarei em diversas partes desta obra.

Do cabeção dos Pilões.

A Fig. 3. chama-se *Cabeção dos Pilões*: compõe-se de tres partes, a saber, Cabeçada, Cabeção, e Latigos.

A cabeçada compõe-se de dous couros fortes bem cozidos pelas extremidades hum no outro, e tem suas fivelas de ferro, que devem ser fortes, e assim a fugigola do Ezofago letra C, e a fugigola da barbada letra H.

A segunda he o ferro chamado *Do cabeção* letra B, o qual he huma chapa de ferro arqueada, em que haverá dous torneis, que tambem devem ser fortes, como se vê na letra O, e em cada hum sua argola para atar os Latigos: nas extremidades da referida chapa do cabeção faz dous êsses, como letra S, para segurar as argolas da cabeçada.

A terceira parte são dous Latigos de canhamo, e fervem de prender nas argolas dos Pilões: costuma-se furar o ferro do cabeção para não magoar tanto ao Cavallo.

Do Bridão.

A Fig. 4. compõe-se de quatro partes, Embocadura, Hastas, Cabeçada simples, e Redeas.

A primeira he a Embocadura ordinaria do Bridão: compõe-se de duas peças de ferro delgadas, e lizas, como se vê na letra I, unidas com seu anel no meio.

A segunda parte do Bridão são as Hastas letra N, que se articulão com a embocadura huma de cada lado, para não sahir o bocado para fóra da boca do Potro.

A terceira he a Cabeçada letra M, que prende pelos guarda-faceiras nas argolas dos olhos do Bridão.

A quarta são as redeas do Bridão letra L.

Do Cabeção ordinario.

A Fig. 5. chama-se *Cabeção ordinario*: compõe-se de tres partes, a saber, o ferro letra A, cabeçada letra C, e as redeas ordinarias letra B.

A primeira parte he huma peça de ferro concava pela parte interior, e pela exterior convexa, e liza: as suas extremidades interiores chamão-se ferras do cabeção, cujas ferras são com dentes em huns cabeções mais, em outros menos agudos: os mais agudos servem para castigar os Cavallos menos sensiveis, os menos agudos para os Cavallos mais sensiveis. Tem o referido cabeção hum tornel de cada lado com sua argola, em que se afivelão as redeas ordinarias, ou por onde passão as correas de vencer, e outro tornel mais curto no meio com sua argola, em que se afivela a guia.

A segunda parte he a cabeçada letra C: compõe-se esta de duas correas chamadas *Guarda-faceiras do cabeção* letra N, que prendem nas argolas dos éffes do cabeção letra S, e de huma correa chamada *Sugigola da barbada*, que serve para ajustar o ferro do cabeção fobre as ventas do Cavallo. Tambem costumão alguns ter fugigola do Ezofago letra O, que se aperta na parte superior das queixadas, e serve para não deixar fahir a cabeçada da cabeça do Cavallo.

A terceira parte são as redeas ordinarias do cabeção letra B: costumão ter seis palmos de comprimento, e huma pollegada de largo: são tecidas de canhamo, e tem sua fivela, e passador, com que prendem nas argolas dos torneis dos lados do cabeção.

Dos Pilões.

A Fig. 6. chama-se *Pilão das extremidades do parapeito*. Nos lugares a que pertencem tratarei do seu feitio, lugar, e prestimo.

Do Açoute.

A Fig. 7. chama-se *Açoute*. Já fica dito o seu feitio, prestimo, e o modo de usar delle.

Do Freio.

A Fig. 8. chama-se *Freio*: compõe-se de cabeçada, freio, e redeas. A cabeçada do freio consta de cinco partes, a saber, Cabeçada letra A, Testeira letra B, Sugigola letra C, Guardas-faceiras letra D, e Fucinheira letra E.

Tem as partes do freio 11 nomes, a saber, *Embocadura* letra M, *Guarda-faceira*, ou *Banqueta* letra P, *Gaucho da barbella* letra O, *Barbella* letra S, *Arco do olho do freio* letra I, *Arco do guarda-faceira* letra G, *Gostadouro* letra V, *Cuimbas* letra N, *Cadeias* letra X, *Torneis* letra Z, *Argolas das redeas* letra F.

As redeas do freio letra H devem ter de comprido seis até sete palmos, e huma pollegada de largo: devem ter fivelas nas pontas, e seus passadores para afi-

velar nas argolas dos torneis do freio letra F : devem tambem ter dous passadores , hum firme nas pontas letra L , e outro que corra para baixo , e para cima letra Q.

Do Correão do Pilão.

A Fig. 9. chama-se *Correão do gancho do Pilão*: compõe-se de dous couros fortes bem cozidos hum no outro pelas extremidades : tem huma fivela forte, que aperta nas cavidades do Pilão do centro para os usos , que direi nos seus respectivos lugares.

Do Gancho do Correão.

A Fig. 10. chama-se *Gancho do Correão do Pilão* : compõe-se de duas peças , a saber, hum tornel com sua chapa, que entra dentro do correão, em que está bem seguro. Tambem póde o tornel ser apertado com hum parafuso , e porca por dentro do correão, e hum gancho Fig. 10. pendente do tornel, em que muitas vezes se prende, ou descança a guia.

Da Guia.

A Fig. 11. chamada *Guia*. Já diffemos a sua formalidade , e explicámos o seu prestimo em diversas partes.

Da Rabeira.

A Fig. 12. chama-se *Rabeira das Cabriolas* : este he de marroquim á maneira de hum cano redondo letra O com linco , ou feis agulhetas de cada lado letra A: tem na ultima hum cordão, que se enleia pelas agulhetas para apertar a rabeira. Na parte superior letra O tem huma correa , que afivela no chouriço do rabicho ; e na inferior letra O tem outra correa , que passando por entre as pernas do Cavallo, vai afivelar por baixo da barriga no passador das cilhas.

Do Chambrié.

A Fig. 13. chama-se *Chambrié*. Do seu feitio, e uso já tratámos.

Das Çapatilhas.

A Fig. 14. chama-se *Çapatilhas* : costumão ser de couro com tres fivelas , cujo couro cobre a quartela do travadouro do jarrete : as fivelas se ajustão com as pontas , de modo que o couro não se tire daquelle lugar em que o puzerão, e o Cavallo ande á sua vontade : servem as referidas çapatilhas para defender as quartelas dos estrepes, quando correm pelo mato.

Do Peitoral do mato.

A Fig. 15. chama-se *Peitoral do mato*: he hum couro, que cobre o peito do Cavallo do lugar do Ezofago até aos joelhos; e pelas duas fivelas, que se mostram em hum, e outro lado, e duas correas, vão afivelar na fella as fivelas do peitoral, ficando todo o referido couro solto pelos lados para não embaraçar os movimentos das espaldas, e braços ao animal. Serve tambem para correr no mato, e o Cavallo trazer o peito mais defendido.

Do Páo de espora.

A Fig. 16. chama-se *Páo de espora*. Do seu prestimo se trata em alguns lugares desta Obra.

Das Mangas.

A Fig. 17. chama-se *Manga*: he hum couro, que alcança em roda o braço do Cavallo: tem duas correas na parte alta, que vão afivelar na fivela do Peitoral; e as quatro pontas que se mostram, descendo pela manga abaixo, afivelão nas fivelas, que lhes correspondem, não muito apertadas, para o animal poder mover o braço. No meio tem a manga hum buraco, a que chamão *Joelheira*, aonde se articula o joelho, cujo buraco serve para a manga deixar dobrar o braço, e tem hum pedaço de couro letra O sómente pegado á manga na parte superior para evitar que o Cavallo alcance alguns estrepes. As quartelas das mãos tambem se cobrem com outras çapatilhas (semelhantes ás que já dissemos), que servem nos pés. Isto supposto, passaremos a mostrar os nomes, e prestimos das Figuras da Est. IX.

ESTAMPA IX.

Explicações das Embocaduras, e Caimbas.

A Fig. 1. chama-se *Caimba de afirmar*: a sua embocadura consta de dous canhões inteiros, e firmes nos varões letra A: advertindo que *Varão* se chama áquelle ferro, que atravessa a embocadura da banquetta á caimba, que póde ser movel.

A Fig. 2., a Fig. 3., e a Fig. 4. chamão-se *Caimbas de volta*: as partes de que ellas se compõem, tem os mesmos nomes, que já disse que tem as caimbas da Fig. 8. Est. V.; mas no seu prestimo tem algumas differenças das caimbas de afirmar, como digo nos lugares a que pertencem os seus usos.

A Fig. 5. chama-se *Embocadura de canhões* letra E; e a volta com que se unem os canhões, chama-se *Meia montada* letra O, póde ser maior, e menor.

A Fig. 6. chama-se *Embocadura da escarcha*: he hum canhão com alguns riscos, ou meias canas ao comprido, como se vê na letra C: póde ser direita, como o canhão da Fig. 2., e ser de meia montada, como se mostra na Fig. 6. letra O.

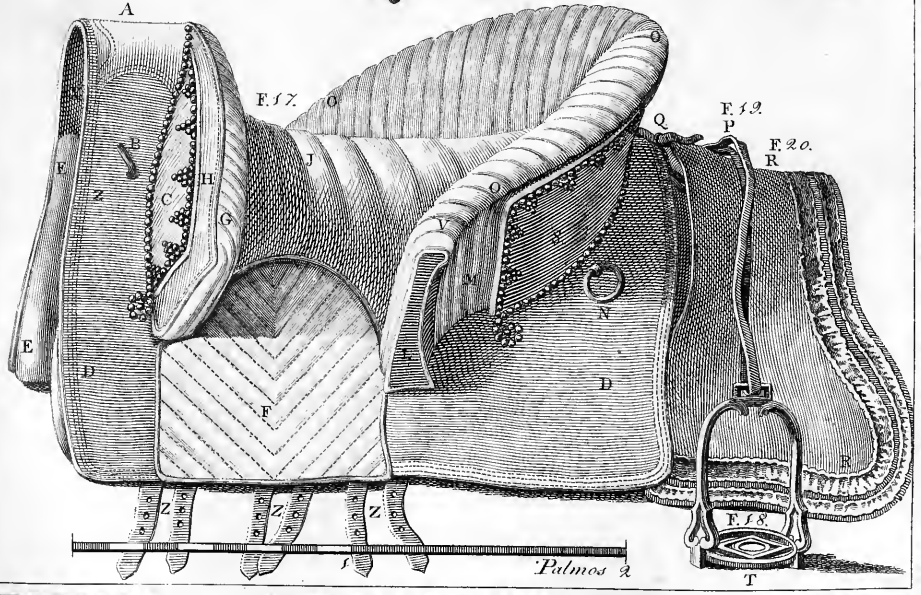
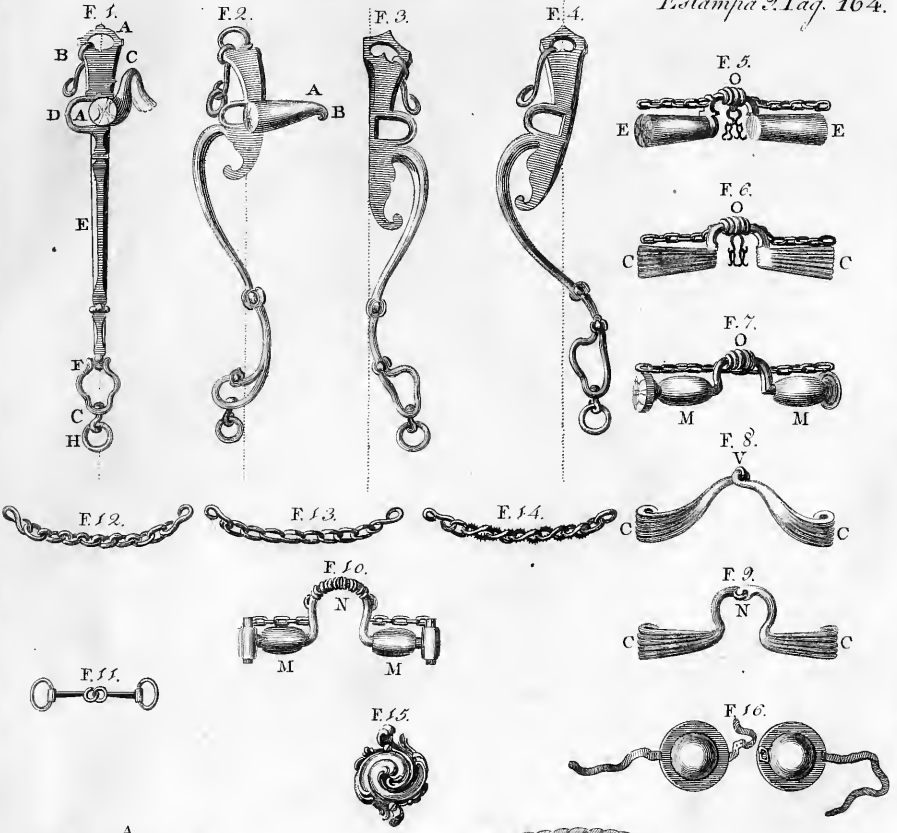
A Fig. 7. chama-se *Embocadura de malões* letra M, e póde ter meia montada, como se vê na letra O, ou ser direita.

A Fig. 8. chama-se *Embocadura de ponta de cabra*: póde ser de escarcha, como se mostra na letra C, e póde ser toda liza para ser mais branda; as duas partes da embocadura se unem com dous éffes na letra V.

A Fig. 9. chama-se *Embocadura de escarcha* letra C; e a volta que ha no fim dos cubos chama-se *Montada de pesçoço de ganço*, que tambem se une por éffes na letra N.

A Fig. 10. chama-se *Embocadura de malões* letra M com montada letra N, que póde ser firme, e póde unir de annel os aneis que tem na parte superior da montada, e das meias montadas: devem mover-se á roda, e da mesma forte os malões, sejão estes maiores, ou menores.

Do



Do Fiel.

A Fig. 11. chama-se vulgarmente *Bridão* ; mas os Freeiros lhe chamão *Fiel* por servir juntamente com o freio, e poder supprir na falta delle.

Das Barbellas.

A Fig. 12. chama-se *Barbella de éffes*: sendo estes redondos, e lizos, depois de encadeados, fórmão tres faces: estas barbellas sendo grossas não magoão muito a barbada.

A Fig. 13. chama-se *Barbella de anneis*: compõe-se dos referidos anneis fundidos de maneira, que ficão intrufos huns nos outros; sendo delgada, he áspera; e sendo grossa, não tem prestimo.

A Fig. 14. chama-se *Barbella de sarrilha*: compõe-se de éffes quadrados com certas cortaduras de lima, que lhe fazem pela parte de dentro, como continuação de bicos: he forte, e niagôa a barbada muito.

Dos Copos.

A Fig. 15. chama-se *Copo dos olhos do freio*: huns se fazem de latão dourado, outros de latão prateado: fervem para ornar os olhos da embocadura do freio prezos com dous parafusos na banqueta, e na caimba.

Dos Antolbos.

A Fig. 16. chama-se *Antolbos*: serve de cubri'r os olhos dos Cavallos. Tem duas cavidades para não fentar nos olhos, e magoállos: tem hum delles huma ponta de correa, e outro huma fivela para os apertar, ou alargar á proporção da maior, ou menor largura da testa do Cavallo; e finalmente as outras duas correas mais compridas fervem para os atar por baixo das queixadas.

Da Sella, e suas explicações.

A Fig. 17. denominada *Sella* compõe-se de diferentes partes unidas, que tem diversos nomes, posto que todos se encaminhão ao fim de preparar huma boa commodidade para o homem andar á sua vontade sobre o Cavallo.

Nós chamaremos no decurso de toda a Obra *Cepilho da Sella* ao lugar da letra A, posto que os felleiros lhe chamem *Bochecha*, pois elles só dão o nome de cepilho áquella pinha, ou maçaneta, que costumão ter as sellas dos boleceiros, ou cocheiros das carruagens, por lhes ficar mais facil nas mudas para passar os estribos de huma para outra sella, sem a necessidade de os pôr á medida da perna em cada muda.

A prezilha, que está no lugar da letra B, chama-se *Garupa da Sella*. Letra C *Espelbo*. H *Vaso dianteiro*. G de hum, e outro lado *Arções*. D *Roupas da Sella*. F *Entre-pernas*. L *Fundilbo*. M *Contraburraina*. N *Argola das garupas*. O *Golilba*. V *Arfoeira*. S *Caixa da Sella*. Q *Chapa da almofadinha do rabicho*. E *Suadouros*. X *Alfaque*. As correias da letra Z *Pontas da Sella*.

Debaixo das roupas da sella no lugar da letra Z ha huma fivela forte de cada lado, que se chamão *Fivelas do peitoral*.

Debaixo da roupa da caixa da sella Letra D ha huma prizão de cada lado, a que chamão *Porte estribo*, em que se costumão pendurar os estribos, para não baterem nos codilhos dos braços dos Cavallos.

Tem as sellas algumas partes interiores de que não tratamos, porque todos os selleiros as sabem; e para os Picadores se saberem explicar, quando mandarem fazer, ou concertar sellas, basta saberem os nomes de que fizemos menção.

Tambem não trataremos dos fellins, e das sellas de correr a posta das meias sellas á Ingleza, e Franceza, pois só as sellas Alemans servem bem para o manejo da Picaria, para a caça, e para a guerra.

As cilhas costumão ter duas pontas de cada lado com suas fivelas fortes, que avelão nas pontas da sella letra Z para a ajustar, e apertar ao corpo do Cavallo.

A cilha mestra deve ser de canhamo bem tecida, e forte com huma fivela de ferro de huma parte, e da outra huma ponta de couro forte, que passando por entre as chapas do coxim, aperta, e segura bem a sella.

Dos Estribos.

OS estribos Fig. 18. letra F já deixamos dito como devem ser construidos.

Dos Loros.

OS loros Fig. 19. letra P são humas correas, que sustentão os estribos: tem cada huma na ponta interior huma fivela, e na exterior alguns furos: esta correa, ou cada loro vai passar por huma fivela, que está segura na chapa do coxim, ou por huma prezilha, que ha nas chapas delle, com huma corrediça tambem de ferro, para o loro correr bem quando sobe, ou desce.

Do Chairel.

A Fig. 20. letra R chama-se *Chairel*: serve para ornar parte da sella, quadrís, e ilhaes ao Cavallo, e para evitar que o Cavalleiro çuje a casaca no fuor do Cavallo, ou alguma coufa que ponha á garupa.

Do Rabicho.

ORabicho, ainda que se não mostra a sua figura, todos sabem qual he o seu fei-tio: e o seu prestimo he não deixar correr a sella muito para diante.

Do modo de enfrear os Cavallos.

HA diversas fórmãs de freios, e embocaduras; mas não trataremos de todas, porque as de que fazemos menção na Est. V., e na Est. IX. bastão para enfrear muitas, e diversas bocas dos Cavallos, &c.

Os Potros devem ser trabalhados nos seus principios com hum simples bri-dão,

dão, como se mostra na Est. V. Fig. 4., porque o Potro não tem força para soffrer hum freio pezado, e forte; pois ainda que a boca seja das daquella qualidade que vem a ser duras, todos os Potros tem os affentos sensiveis ao principio; e sendo o freio forte, elles obrigados da dor andão tristes, e com repugnancia, e fazem géstos defagradaveis, commettendo varias defordens, como tambem alguns ficão com máos costumes para sempre.

Estando o Potro manso ao bridão, e cabeção, deve-se-lhe pôr hum freio macio, que a mão do Cavalleiro deve reger sempre com força moderada, rendendo-lhe muitas vezes o freio, maiormente quando o Cavallo se apaixonar, ou se mover com muita celeridade.

A embocadura do freio deve sempre não ser larga, nem apertada, mas sim á medida da boca do Cavallo.

Da qualidade de freios, que servem aos Cavallos, que tem a boca sensível.

PAra os Cavallos muito sensiveis da boca he bom o freio de afirmar Est. V. Fig. 8., sendo leve, e de cubos grossos, e ocos, prezos no meio com éffes, e feu gostadouro. A barbella deve ser de éffes lisa, como se vê na Est. IX. Fig. 12.

Dos freios, que servem aos Cavallos, que tem a boca grossa.

AOs que são rudes, e tem a boca grossa, e que por isso descancão sobre a mão, serve a embocadura de malões com montada, éffes móveis, e gostadouro, como se vê na Fig. 10. da Est. IX. os malões Letra M: devem ser móveis os éffes letra N, e da mesma sorte tambem o gostadouro, &c. A barbella póde ser delgada, como se vê na Fig. 13., ou da ferrilha, como se vê na Fig. 14. Est. IX.

Do freio, que serve para os Cavallos, que tem o pesçoço mal formado.

OCavallo, que tiver o pesçoço grosso, e curto, ou carnosso, as agulhas da queixada inferior juntas huma da outra, sendo sensível dos affentos, e não puder situar bem a cabeça pelos referidos embaraços, será boa para o trabalhar a caimba da Fig. 2. Est. IX., e o bocado, como se vê na Fig. 8., ou na Fig. 10., sendo o comprimento da caimba, e a largura da embocadura proporcionado á mais, ou menos avantajada disposição do Cavallo.

*Do freio para os que tem a cabeça grande , e os assentos
mais grossos.*

PAra os Cavallos , que tiverem a cabeça grande , os assentos carnosos , e por isso forem pouco sensíveis , será boa a caimba de volta , como se vê na Fig. 3. Est. IX. , e a embocadura N. 9. com huma barbella de ésses quadrados , ou de ferriha : a escarcha póde ser mais , ou menos forte , e assim a altura da montada conforme o Cavallo o precisar , e tambem o comprimento da caimba deve guardar a mesma proporção.

Do freio que serve para os Cavallos , que se encapotão.

OS Cavallos , que tiverem o pescoço arqueado , isto he , que pelo alto da crina tiverem muito mais comprimento , que pela parte do Ezofago , e por isso se encapotão , ou trazem a barba muito junto ao peito , e a embocadura fica sem pres-timo , logo que as caimbas topão no Ezofago , ou peito , em tal caso servirá a caimba , como se vê na Fig. 4. Est. IX. ; porque quanto mais o tornel da caimba passar adiante da linha perpendicular tirada do olho para baixo , tanto mais obrigará o Cavallo a obedecer a embocadura ; e se elle tiver a boca sensível , bastará para bem o governar outra embocadura , como se vê na Fig. 5. da Est. IX.

Do freio para os Cavallos , que levantão muito a cabeça.

SE o Cavallo se despapar , levantando muito a cabeça , pelo contrario deve o tornel da caimba , á proporção do que elle alevanta para cima , andar para trás da linha perpendicular ; e em tal caso póde servir a caimba da Fig. 3. com embocadura , e montada , como se vê na Fig. 6. letra O : esta póde ser maior , ou menor , como tambem a escarcha , que mostrão a letra C. sendo mais , ou menos vivos , ou lizos os dous canhões , pois a aspereza da embocadura deve regular-se pela sensibilidade da boca do Cavallo , e assim o comprimento , e pezo das caimbas.

Do freio , que serve para o Cavallo , que entizoura os queixos.

SE o Cavallo tiver boa sensibilidade na boca , e barbada , e por lhe custar soffrer o freio , e barbella entortar o queixo repetidas vezes para huma , e outra parte , em tal caso póde a caimba ser de afirmar , e a embocadura de cubos lizos , grossos , ocos , e firmes no varão , como se vê na Fig. 1. da Est. IX. , ou tambem ser a embocadura inteiriça (tenha ella montada , ou seja de escarcha , ou de outra qual-quer maneira) com a barbella de ésses lizos , e grossos , como se vê na Fig. 12.

Do freio, que serve para os Cavallos, que servem os beiços.

SE o Cavallo tem os beiços grossos, e a carne delles sobrepõem sobre o assento do queixo, em tal caso a caimba deve ser proporcionada ao seu modo de pôr a cabeça, e a embocadura direita, como se vê na Fig. 9. Est. IX.: advertindo que pôde ser de pescoço de ganço, se o Cavallo passar a lingua por cima, ou apertar os queixos, quando sentir sobre os assentos a sensação da embocadura, &c. porém se elle soffrer bem a embocadura, pôde não ter montada, e ser unida com annel, pois todos estes recursos servem, bem applicados por hum Cavalleiro prudente, para remediar em parte alguns defeitos desta qualidade.

Se o Cavallo tiver a lingua muito grossa, a montada da embocadura deve ser á medida da lingua, de maneira que a embocadura assente bem sobre os assentos, ou queixos, seja a referida embocadura, como se vê na Fig. 8. Est. IX., seja a montada, como se vê na Fig. 10., ou tambem seja mais aspera, ou mais branda, &c.

Dos freios para os Cavallos, que tem a boca muito rasgada.

OS Cavallos, que tem a boca muito rasgada, commumente a abrem muito, recolhem o freio para cima, e fica a embocadura governando mal. Este defeito he custoso de remediar, e neste caso he bom ser a banquetta comprida, a embocadura direita, seja de escarcha, ou liza, os éffes da barbella lizos, grossos, e curtos, os ganchos, que segurão a dita barbella compridos, os olhos do *guarda-faccira* letra G pequenos, de modo que a correa das *guarda-facciras* não se andem movendo nelles: estas prevenções, e a boa mão do Cavalleiro muitas vezes reme-deão bem estes defeitos.

Dos freios para os Cavallos, que tem a boca pouco rasgada.

OS Cavallos, que tem a boca demaziadamente pequena, commumente precisão de embocadura propria para a largura della, e de malões compridos, como se vê na Fig. 7. Est. IX.; e se a boca he sensível, huma embocadura de cubos, ou de canhões lhes basta: advertindo que ella assente sobre os assentos com igualdade, e que as caimbas sejam compridas á proporção da volta do pescoço, &c.

Os freios, por macios que sejam, sempre molestão; e os Cavallos para se livrarem da sua oppressão, huns se valem de metter os beiços por entre os queixos, e a embocadura, e outros a lingua: a muitos Cavallos a embocadura não faz o melhor effeito por aspera, mas sim por assentar bem nos queixos, sendo a banquetta Est. V. letra P comprida, ou tambem curta, de forte que a embocadura fique junta ao lugar do colmilho, pois he esta a parte que o Cavallo não pôde occupar tanto com os beiços, e com a lingua.

Finalmente as caimbas de toda a forte de freios devem ser no seu comprimen-

mento proporcionadas a remediar as difficuldades dos Cavallos, &c. e assim as embocaduras, de que damos estas breves noções: o prudente Cavalleiro as regulará com estas, ou mais circumstancias, conforme o Cavallo o precisar.

Dos sentidos naturaes dos Cavallos.

A Alma do Cavallo (segundo o systema de alguns Filozofos) consiste nos espiritos animaes, que diffundidos pelos membros de todo o corpo, os anima, e os governa, sendo estes espiritos animaes aquelle sangue mais espirituoso, e subtil, que discorrendo por toda a máquina, se comunica ao cerebro: e a estes espiritos se fazem presentes todos os movimentos externos, chamados communmente sensações. Os Cavallos (bem como os mais reptis) participão do dote dos finco sentidos naturaes, o que passamos a explicar.

Do sentido de Ver.

O Sentido de *Ver* consiste em huma certa impressão, que se faz no orgão proprio deste sentido com a actividade, e força precisa para nelle se excitar a sensação, e a impressão daquelle objecto, que se apresenta á vista.

Dos objectos emanão raios de luz, que entrando pelos olhos, isto he, pelo meio das pupillas, e tocando os orgãos, ou eixos opticos, por elles se communicação do meio da retina pelo centro da pupilla até ao objecto, que está presente á vista: e por esta fórma se faz a pintura dos objectos nos centros das retinas.

Hum objecto ficando em hum lugar correspondente a ambas as retinas, representa-se sómente hum; e quando se pintão os objectos em lugares differentes, ha nas retinas diversidade, tanto na multiplicidade, como nas circumstancias, e qualidades dos objectos.

Do sentido de Ouvir.

A Sensação dos *Ouvidos* he tambem huma certa impressão do estampido, ou rumor, que faz vibrar o ar, em que consiste, e se fórma o som que se comunica aos orgãos, e membrana espiral dentro dos ouvidos.

Do sentido do Olfacto.

O Sentido do *Cheiro*, ou *Olfacto* se excita pelo ar, que infartado de differentes effluvios, toca os nervos, e membranas, que ha nas partes interiores das ventas.

Do sentido do Tacto.

O Sentido do *Tacto* de todas as partes externas dos corpos dos Cavallos tem huma sensação simplesmente material, pela qual se fazem presentes ao cerebro dos Cavallos os toques externos, que se imprimem nas máquinas dos seus corpos,

pos, e por esta maneira se lhes fazem presentes as sensações, que formão o toque da vara, das pernas, e das esporas, ou de outro qualquer instrumento. Seja pois qual for a alma dos Cavallos; todas as impressões exteriores, que se fizerem por toda a cutis do seu corpo, e a sua sensação, lhe hão de ser necessariamente presentes aos sentidos.

De todos os musculos se encaminhão nervos ao cerebro (como dizemos em outro lugar), por onde se movem os espiritos animaes; e pela impressão que sobre elles sentem, se verifica a maior, ou menor sensibilidade, e sentimento que os Cavallos experimentão: o que se dá bem a conhecer em muitas acções, e géstos, que os mesmos nos patenteão, segundo a fortaleza dos estímulos, de que são dotados, sendo incontestavel que todos, ou a maior parte dos conhecimentos, que os Cavallos adquirem, lhes são communicados pelos sentidos externos, e todas as determinações dos seus movimentos são originadas das impressões, que se fazem nos sentidos exteriores. Logo pelos paniculos nervosos, que se diffundem por toda a região da cutis, se communicão ao cerebro todos os espiritos animaes. O Cavallo vê a primeira vez o homem, que o affaga; e para o perceber, ha de fazer este affago impressão nos sentidos exteriores, e por elles communicar-se ao cerebro, cuja impressão adquire pela continuação de ver quem o affaga, e o trata.

Ha no cerebro huma substancia (como disse no Livro II.), que se communica pela medulla espinhal a todos os nervos, e por elles a ella, e ao cerebro se conduzem, e communicão os vestígios, e impressões, que fez a vista do homem; e o affago, ou o castigo de forte se imprimem no cerebro, que tornando o Cavallo a ver aquelle, que o trata, e o affaga, se lhe excitão as impressões do castigo, ou do affago que se lhe tem feito; porque estas especies fazendo novamente aquelle effeito, que experimentou a primeira vez que as ouviu, viu, e sentio, se excitão de novo no cerebro, onde conservão hum tal depósito, pelo qual se póde dizer, que hum Cavallo tambem tem, e conserva sua memoria; pois que nós observamos nelle, á vista de quem lhe causa, ou o affago com final de agrado, ou o odio com o castigo, humas vivas emoções já de alegria, ou já de susto, e estremecimento.

As operações maravilhosas de toda a máquina do seu corpo nascem da sua admiravel disposição de órgãos, e por isso tanto mais he pasmosa a delicadeza, e a ordem nelles distribuida pela sábia mão do seu Author. E ainda que em tal genero de animaes se admitta (assim como em outros) memoria, e sagacidade, provenientes do conhecimento de huma alma material, ou da impressão dos acontecimentos, que se communicão ao cerebro (que he quasi o mesmo que a alma), com tudo as suas acções são limitadas, e com difficuldade elles produzirão cousa, ou acção, que seja além do seu genero.

Que as sensações, que se fazem nas partes externas, ou nos ramos delicadissimos dos nervos exteriores dos corpos dos Cavallos, se diffundem por toda a máquina, e lhes communicão huma impressão, ou conhecimento da sensação de effeitos correspondentes; nós o percebemos pelos signaes que observamos, como já fica mostrado: devemos porém advertir, que entre os finco sentidos, de que são dota-

dos os Cavallos, o da vista, ouvida, e tacto são aquelles, pelos quaes os Cavalleiros lhes podem fazer perceber mais facilmente o modo, com que pertendem a determinação dos seus movimentos, e acções, e por elles juntamente applicar-lhes os castigos, e meios proprios para o conhecimento das manobras, que delles são exigir.

Ensina-se o Cavallo pelo sentido da vista, porque as impressões da alma, por ser simplesmente material, dependem de que o costumem a soffrer animoso, e foguegado os movimentos, e impressões, que se apresentam aos seus olhos, quando lhe fazem ver, e conhecer aquellas cousas, que promovem o seu temor.

Se elle se affusta, duvida do conhecimento daquelles objectos, que elle vê, ou se representão á sua vista; porque o ver inclue duas cousas, movimento dos orgãos da vista, e impressão do cerebro: as retinas dos olhos são formadas de humas fibras delicadissimas, que se diffundem do nervo optico, o qual tem no cerebro, como os outros, a sua origem com a sua propriedade. Por entre estas fibras estão os espiritos animaes; e quando se faz a impressão nas fibras, por ellas, e pelos referidos espiritos se communicão ao cerebro.

Não ha animal com tanto presentimento daquelles objectos, que não costuma ver, como o Cavallo. Por isso pois deve o Cavalleiro com paciencia fazer conhecer ao seu Cavallo tudo o que lhe faz temor, ou este seja produzido delle ter pouco conhecimento, e costume de andar na rua, e campo; ou porque padeça algum defeito na vista, que lhe representa as cousas muito differentes do que são. Por isto deve armar-se de paciencia para conduzir o Cavallo ao conhecimento dos objectos, que lhe suscitão a dita desconfiança, ou receio originado, já por falta de vista, que não deixa de ser enfermidade, ou já por causa do concebido temor, que em taes casos he defeito natural, que se remedeia alguma cousa com as diligencias ponderadas.

Ensina-se o Cavallo a ouvir, ou a conhecer; ouvindo, não só fazendo-lhe perceber os sons com que se lhes falla, e os estalos, e ecos, que se fórmão; porém costumando-o tambem ao estrepito das armas, ao estrondo da artilheria, e mosqueteria, tambores, timbales, trombetas, clarins, e mais instrumentos bélicos, ou acções, e movimentos marciaes, e guerreiros.

Mostra-se em que consiste o sentido de Ouvir.

Consiste pois o sentido de ouvir na percepção da alma, dependente da impressão, que se faz em toda a construcção do ouvido. Consta este de orelha, timpano, e labyrintho. As orelhas são duas membranas largas, e concavas pelos lados, as quaes tem a sua existencia local na parte superior da cabeça Est. III. N. 19., donde se dirigem dous canaes, que vão até ao timpano. He este huma concavidade cuberta com huma pelle delicada, que pela parte mais interior se communicaa ao labyrintho, o qual consta de hum vestibulo de osso á maneira de caracol, todo em roda cheio de cartilagens de osso muito delicadas: a pelle do timpano está firme sobre quatro pontos, que se unem ao labyrintho. Por dentro deste conducto vai

o nervo auditorio, espalhando-se em miudíssimas fibras por todo o labyrintho até á boca da tuba, em que se firma a pelle do timpano.

As membranas exteriores, por que recebem grande quantidade de particulas do estampido, ou som, que faz vibrar o ar, e estas se juntão ao canal auditorio, fórmão hum som mais forte, e por isso capaz de ser pelo Cavallo sentido.

Alguns Cavalleiros fazem conservar o pello, que nasce dentro das orelhas dos Cavallos, para as particulas do ar, e o som fazer menos impressão nas orelhas, e o Cavallo ouvir menos. Outros porém lho mandão cortar, a fim de que o Cavallo ouça melhor. E he sem dúvida que se elle não tivesse as referidas membranas, sentiria huma consideravel diminuição no sentido de ouvir, por isso os nervos do fetimo par dão movimento ás orelhas do Cavallo; e nós vemos que elle, quando pertende ouvir, não só volta para a parte, em que se faz o estrondo, mas fícta as referidas membranas com as cavidades bem abertas para a parte, em que se fóрма o som.

Logo que o estampido, ou o som se introduz pela membrana exterior, chega ao timpano, faz tremer a membrana, que está preza a elle, e pelo movimento da membrana se communica o som, que vai ferindo o ar, e as fibras do timpano ao labyrintho. Neste ha huma membrana chamada *Espirai*, á qual se unem ramos do nervo auditorio, por quem se communicação do timpano, do vestibulo, e do labyrintho á membrana espiral, e ao cerebro, e assim rebenta o ar dentro nos ouvidos com huma velocidade indizível para o som ser perceptível, não obstante a distancia, e muitos embaraços, que póde haver para se deixar perceber no cerebro.

A esta admiravel fábrica dos ouvidos são muitas vezes extranhas as diversas ondulações, que fazem vibrar, e mover o ar que se communica aos ouvidos do Cavallo, e por isso se espanta, e atemoriza. Por este motivo deve o Cavalleiro ir pouco a pouco costumando-o a soffrer toda a qualidade de som, que lhe he extranho, e a ser obediente á falla, ao cislar da vara, e algumas vezes a hum brando som de voz, de que o homem usa para affagallo, ou de hum tom aspero, e forte, de que se vale para intimidallo, quando elle duvidoso, ou furioso se defende.

Mostra-se o modo, por que se communica o Taçto ás partes nervosas da cutis.

POr todo o corpo do Cavallo se extendem duas membranas espermaticas, vulgarmente chamadas *Pelle*, huma exterior, outra interior: a exterior chama-se *Cutis*, e a interior *Cuticula*. Por entre huma, e outra está intertecida huma rede porosa, cheia de miudíssimos buracos, que dão passagem aos cabellos, ou pellos, de que se reveste toda a membrana externa, ou pelle que lhe cobre o corpo. Os cabellos, ou pello tem a sua raiz na Cuticula, e os poros da rede Cutanea lhes dão passagem tambem, e á substancia de que elles são nutridos. As extremidades das fibras nerveas, de que em muita parte he composta a cutis, sahem por estes poros até á extremidade externa da referida cutis: além disto os poros, por onde transpira o fuor da cuticula, vem pelos poros desta rede cutanea á cutis externa.

A rede porosa, que medeia entre a cutis, e a cuticula, he pelo temperamento do animal origem da diversidade de cores, que ha nos Cavallos, porque ellas se produzem daquelle humor, que mais domina nestes animaes, como se póde experimentar; porque abrindo a pelle de hum Cavallo, achar-se-ha que ella se compõe das duas membranas, e rede porosa que temos dito; e bem averiguada a rede porosa, ella he conforme á cor do Cavallo, sendo a cutis, e a cuticula brancas, ainda que esta segunda o he mais que a primeira.

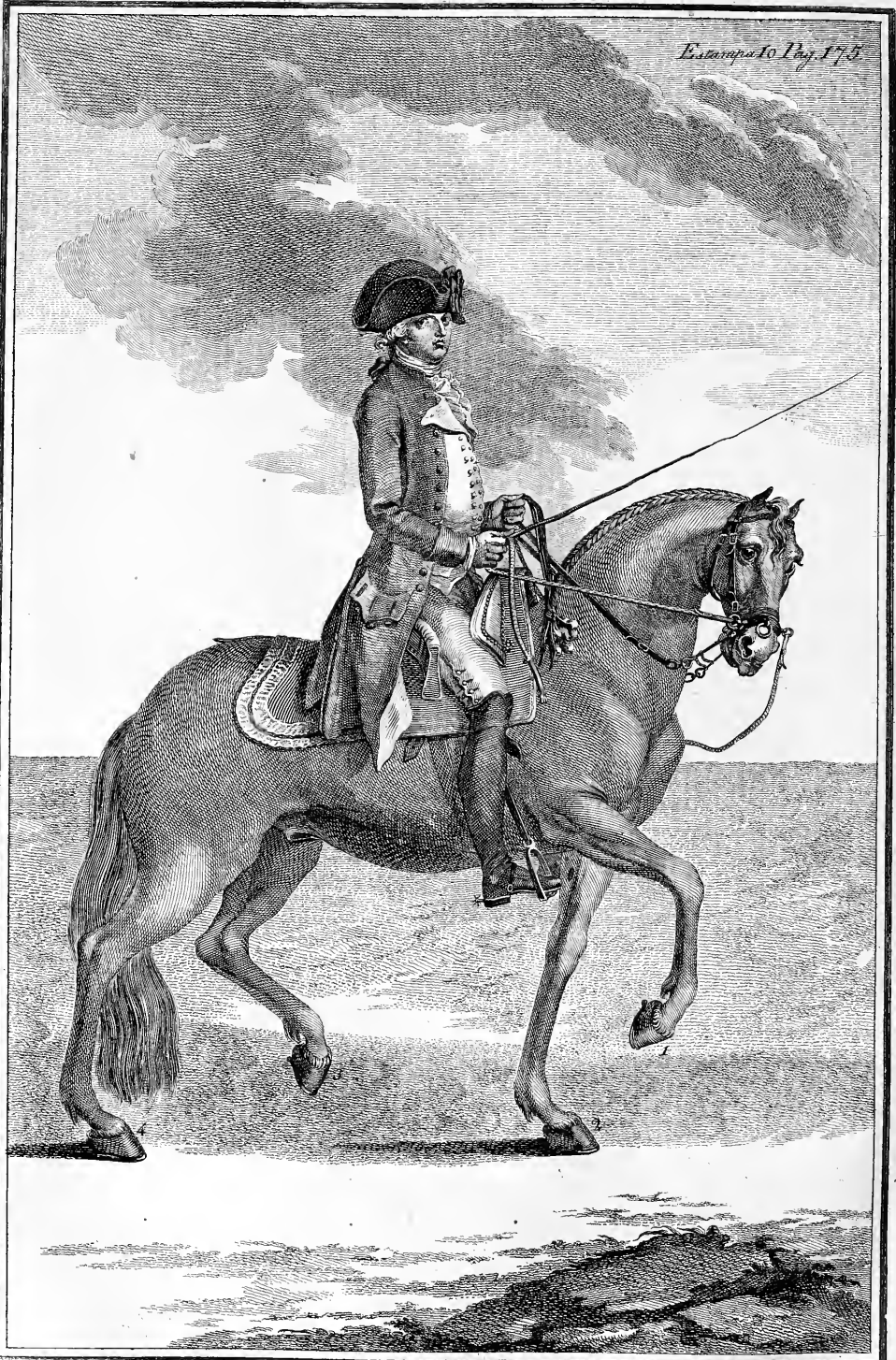
O orgão do tacto, em que os Cavallos sentem a impressão dos corpos exteriores, he a extremidade das fibras nerveas, que traspassão a rede porosa, e penetrão até á superficie externa, porque todas as sensações se fazem nas extremidades nerveas, e pelos nervos se communica a sensação ao cerebro, tanto as que são ásperas, como macias, como tambem o calor, e o frio, &c.

Nos lugares, em que a pelle do Cavallo he menos grossa, são as fibras mais juntas, e escarnadas, e por consequencia tem nestas partes o tacto mais delicado, e vivo: pelo contrario nos lugares, em que a pelle he mais grossa, já por ser o pello mais forte, e grosso, já por estar a pelle calejada do trabalho, tem o Cavallo menos sensibilidade: e bem se vê que em tocando na cutis destes animaes hum corpo brando, delicado, e lizo, elles não mostrão tanta sensibilidade, como quando a sua cutis he molestada por hum corpo duro, como a espora, ou outro semelhante, que o fere com huma sensação ingrata.

O sentido do Tacto he sem dúvida o mais preciso para render os Cavallos obedientes, e por meio d'elle he que se lhes communica melhor a promptidão, a facilidade, o desembaraço, e o prestimo em todos os seus movimentos, assim naturaes, como artificiaes: por meio d'elle se ensina a obedecer aos mais leves movimentos das mãos, e pernas do Cavalleiro: por elle se dá sensibilidade na boca, e ventre ao Cavallo, ainda quando elle he dotado de hum mediano tacto; e se o Cavalleiro fizer bom uso das ajudas, e castigos, o Cavallo se fará no seu tacto mais sensível. Finalmente por este sentido do tacto se fazem as mais delicadas sensações aos Cavallos, a quem a natureza formou mais fortes, promptos, e flexiveis: para estes são bons os soccorros delicados da mão do Cavalleiro, da falla, do ciflar da vara, do movimento dos joelhos, das barrigas das pernas, do contrapezar sobre os estribos, e de tocar com os calcanhares, e puas das esporas subtilmente o ventre do Cavallo, sem penetrar-lhe a cutis.

Os Cavalleiros infallivelmente se devem servir das ajudas, e castigos, de que temos tratado, para prevenir, e evitar com as ajudas as faltas, em que os Cavallos incorrem por ignorantes; e dos castigos, para reduzir os que são teimosos, e querem ostentar o seu capricho. Isto supposto, passo a mostrar como se fórma a lição do passo.

Estampe 10 Pl. 175



M. de la Rivière delin.

Paris chez la Citoyenne Lesclapart.

Lição do Passo natural, e origem deste movimento.

HE o Passo hum andar natural : nelle os movimentos são menos elevados , e mais suaves que o trote , e galope , &c. Logo que o Cavallo vai ao passo , he obrigado a levantar successiva , e instantaneamente a sua mão , e pé oppostos : quando , por exemplo , a mão direita está no ar , o pé esquerdo se levanta immediatamente , seguindo o movimento da mão direita , e da mesma fórma segue o pé direito o movimento da mão esquerda. Ha no passo quatro movimentos : o primeiro he levantar a mão direita , o segundo o pé esquerdo , o terceiro a mão esquerda , e o quarto o pé direito.

Cada mão do Cavallo tem quatro movimentos , ou vibrações principaes dos seus musculos , e nervos : em cada passo que dá , o primeiro movimento he comprimir , e levantar para cima o omoplato : o segundo he avançar para diante : o terceiro desdobrar a compressão , com que os musculos , e nervos fizeram curvar , e dobrar todas as juntas do codilho , joelho , travadouro , e quartela ; e o quarto he o de se firmar sobre a mão que se move , para a outra mão formar outro semelhante movimento ; e ainda que o Cavallo se mova com mais , ou menos velocidade para diante , para trás , para huma , ou para outra parte , com mais , ou menos brevidade , sempre as mãos passão por todas estas funções.

Os pés do Cavallo principião a fazer a sua posição , tocando a terra com a ponta do casco , ou do lume da ferradura ; porém a junta da quartela do jarrete , e travadouro sómente se desdobrão , quando o casco toca o chão , passando o resto dos nervos , e musculos das articulações das juntas das pernas pelas mesmas funções , pelas quaes passão as mãos , á excepção de fazerem os nervos principaes do jarrete para a junta do travadouro a sua ultima extensão , quando se desdobrão as juntas antes de se pôr o pé no chão ; porque a mão desdobra-se toda do codilho até á ultima junta da coroa do casco , antes de tocar a terra , e a junta do travadouro sómente se desdobra de todo , em o pé acabando de se assentar por direito no chão ; e quanto maior he o espirito , e velocidade , com que o Cavallo se move , tanto mais isto he sensível á nossa vista.

E S T A M P A X.

Do Cavalleiro , fazendo marchar o Cavallo a passo para a direita.

OS Cavallos novos devem ser tratados com mimo , e cuidado ; porque se pôde esperar que (se elles nesta idade não são defeituosos) venhão a ter bom prestimo. Alguns não conservão , ou conhecem a lição que lhes dão , senão depois de terem sete annos , e antes disso continuamente olhão para diversas partes , já como abstractos , já com movimentos irregulares.

Os Cavallos novos resistem mais por ignorantes , desconfiados , e bravos , que por malignidade , ou máo costume ; e elles tem , para as disposições da lição , os
ner-

nervos, e ligamentos menos endurecidos, e tezos que os Cavallos velhos. Os que pasão de oito annos, estando sãos, tendo boa boca, bastantes forças, e agilidade, não tendo algum dos máos costumes, difficéis de tirar, aprendem com facilidade, porque já estão acostumados á fella, já tem o seu andar formado, e conhecem o castigo.

Não ha tempo fixo para ensinar hum Cavallo, porque isso depende da sua percepção, e das suas disposições. Aos Potros (não mostrando elles má tenção) não he necessario interromper as lições, que lhes são proprias, com trabalhos estranhos, e oppostos aos que ordinariamente a Arte ensina.

O melhor methodo, para que o Cavallo, depois de ter sete annos, faça bons progressos em pouco tempo, he trabalhallo de manhã, e de tarde meia hora; mas he preciso observar se elle abraça a lição com boa vontade; porque se tiver muita ardencia, e máo genio, produzirá nelle máo effeito o exercicio frequente, ainda que tenham cuidado em o poupar.

A lição de manhã (depois de deitar o Potro á Guia) deve ser a passo, fazendo-lhe conhecer os movimentos da mão pelas redeas, e embocadura do freio, fazendo-o trazer a cabeça firme, e depois devem parallo, e tirallo atrás, á proporção da repugnancia que elle tiver a esta lição. Após isso devem dobrar-lhe insensivelmente o pescoço, e corpo com as redeas de dentro, e com a perna de dentro, para o costumar, ou dispôr a fugir aos calcanhares, e cruzar. Estas operações não fatigão nada o Cavallo, e a repetição de tarde contribue muito para lhe fazer conservar lembrança do que se lhe ensinar. No fim de seis mezes pouco mais, ou menos, deve o Cavallo, sendo assim trabalhado, mostrar algum conhecimento da lição; e se estas diligencias não fazem nelle bom effeito, dá poucas esperanças de ter prestimo.

Devem os Cavalleiros pois dividir os Cavallos para a lição em quatro classes. Os da primeira classe são os Potros, e Cavallos ignorantes; e as lições, que se lhes devem dar, são amansallos, determinallos, e desembaraçallos, tornando-os de ferozes, e indomitos trataveis, e mansos. Os da segunda classe são os Cavallos já domesticados, que se ensinão (como diremos) para a caça, e para a guerra. Os da terceira classe são os que se applicão ao manejo da Escola, e fervem para as occasiões de festas, e cavalhadas, &c. Os Cavallos da quarta classe são aquelles, que se destinão para os ares altos, ou relevados.

Cada classe de Cavallos deve ser conduzida por diversos grãos, como se ha de ver pelo decurso da lição, segundo o uso, para que os distinarem: advertindo que não he necessario passar por todas as lições, para servir bem em cada huma das classes, a que o destinão, segundo a sua possibilidade; porém succedendo assim com os Cavallos dos ares altos, elles serão univérfaes na sua destreza, e disposição.

Os Picadores devem mansamente fazer com que os Potros não se espantem de ver o homem, nem de outros objectos. Devem fazellos andar para diante, soffrer o cabeção, o freio, o bridão, fella, &c. Devem fazellos mansos ao montar, chegarlos ao degrão, ou montadouro; e em o Potro, ou Cavallo estando assim disposto ao passo, elle será facil a reduzir promptamente á lição do trote.

Mostra-se que cousa he passo travado.

JA' fica dito o modo com que se move o Cavallo, quando marcha de passo pelo direito, sendo a determinação dos seus movimentos naturalmente contraposta, e atravessada; porém o passo travado não tem differença sem artificio do passo natural, ainda que tem alguma semelhança com o movimento da andadura. O Cavallo, que anda de passo travado, naturalmente anda mais do que aquelles, que andão simplesmente a passo; e com tudo o passo travado não tem dous tempos como a andadura, antes o seu tempo he quadernario, como o passo natural, com a differença porém de ser mais diligente; porque o Cavallo, que anda de passo travado, entra com as suas pernas muito para baixo do corpo, ou porque elle he alguma cousa curvo, ou porque se move com muita agilidade, e desembaraço.

Este modo de andar ainda que ao primeiro golpe de vista parece ter sua semelhança com a andadura, com tudo, como os seus tempos são contrapostos, e quadernarios, sempre o Cavallo está bem situado no chão, porque dirige os seus movimentos com a sua mão, e pé oppostos, como quando anda ao trote.

Quando (por exemplo) os Cavallos neste andar levantão a mão direita, segue-a o pé esquerdo; e quando levantão a mão esquerda, segue-a o pé direito; porém quando o Cavallo anda de andadura, levanta a mão direita, e segue-a o pé direito; e pondo-se ambos na terra, levanta-se a mão esquerda, e segue-a o pé esquerdo, movendo-se metade do corpo do Cavallo em cada passo que elle dá. No passo natural, e no passo travado fica elle em todos os seus movimentos sustentando o pezo do corpo na sua mão, e pé oppostos, e mais prompto por este motivo a regular bem os seus movimentos, e foccorrer-se em todos os accidentes, que lhe acontecem com mais segurança. O Cavallo de andadura, como havemos de provar, está mais sujeito a cahir, porque sustenta o pezo do seu corpo sobre huma meia parte d'elle, e muda de lado em cada passo que dá.

Pelo passo natural se dispõe o Cavallo para determinar bem os movimentos ao trote, e por este se dispõe tambem para galopar, e para todas as acções, em que elle se póde mover. Pignateli, e Verné diz punhão os seus Cavallos ao passo pelo direito no circulo de duas pistas, e na lição da cara contra a muralha: bem persuadidos de que he bom formar o Cavallo, andando a passo nas acções que elle póde executar, porque anda livre de paixão, anda em hum movimento, em que não se violenta, e por isso se deixa mais facilmente dominar.

O Marquez Duque de Newcastle, além das lições descubertas por Pignateli, Le Brove, e Pluvinel, formava os seus Cavallos ao passo na lição das espadas ao centro, ou espadas contra o Pilão, ou volta ao revés, e nos circulos do seu comprimento com a garupa ao centro, não só para lhes dar conhecimento das acções, em que os formava, quando elles estavam livres de paixão, mas para assim lhes introduzir o costume de obedecer ás mãos, e pernas do Cavalleiro mais facilmente.

Ainda que o Cavallo em todas estas lições se mova a passo, com tudo, elle

fôrma differentes acções, e em cada huma dellas por consequencia devem ser differas as sensações, com que se obriga a fazer esta differença de figuras. Logo necessariamente ha de pôr em prática com mais facilidade humas acções do que outras, e por este motivo tratarei de cada huma dellas nos seus respectivos lugares para não as confundir, e para que o Cavallo as aprenda successivamente, e corresponda a ellas com facilidade.

Lição da andadura, ou furtapasso.

O Movimento da *andadura* he baixo, e perto da terra; porém he mais avançado do que o passo natural, e ainda do que o passo travado. Esta andadura não tem mais que dous tempos, hum para cada lado: de sorte que a mão, e pé da mesma parte se levantão, e avançãõ para diante igualmente juntos; e pondo-se ambos juntamente na terra, são seguidos da mão, e pé da outra parte, que fazem o mesmo semelhante movimento.

La Guerinieri Pag. 77. diz, que a andadura he hum movimento ordinario nos Cavallos fracos, arruinados, e mal formados. O Cavallo quando anda de andadura, ordinariamente determina os seus movimentos mais perto da terra, do que andando a passo; mas avança mais terreno, andando de andadura. O mesmo La Guerinieri affirma, que para o Cavallo andar bem de andadura, deve andar com as ancas baixas, e dobradas, pondo os pés hum grande espaço mais adiante das pistas das mãos; porque isto he que faz com que elle, andando de andadura, possa avançar muito terreno. Pelo contrario, aquelles, que andão com as ancas altas, e tezas não avançãõ tanto terreno, como os que recolhem as pernas bem para baixo do ventre, e além disso fatigãõ mais o Cavalleiro.

Os Cavallos de andadura não são bons senão para andar por terrenos planos: elles em terras alagadiças, asperas, e montuosas não podem sustentar muito tempo este movimento. Por esta razão em Inglaterra, e outros paizes, em que o terreno he mais plano, durãõ mais os Cavallos, que andão de andadura, do que elles costumãõ durar nos terrenos alagadiços, asperos, e montosos.

Ha muitos Cavallos excellentes, que depois de haverem servido muito bem, tomãõ este movimento, porque as suas juntas estão damnificadas pelo trabalho, e pelas molestias, e de tal forte usadas, que não podem sustentar aquelles movimentos, que antes lhes erãõ proprios, e naturaes.

Todas as vezes que o Cavallo de andadura não passa com os seus pés as pistas das mãos, não se pôde dizer que elle anda bem, supposto que ande com boa commodidade para o Cavalleiro; porque pôde andar com bom commodo, e não andar bem. Se elle tiver huns movimentos baixos, fracos, e por consequencia suas, dará bom commodo na sua andadura, ainda que não avance tanto, como diz La Guerinieri: basta que elle ponha o seu pé junto á pista da mão, com tanto que o movimento seja igual; e sendo isto o que basta para andar com boa commodidade, com tudo, não he o que basta para andar bem; pois he necessario (como deixamos notado) que elle passe com as pistas dos pés as pistas das mãos, pelo me-

Estampe n.º 179



Silva delin.

Frois sculp.

nos o espaço de hum pé geometrico; e quanto mais elle passar com a pifta do feu pé além da pifta da mão, tanto melhor andar.

O movimento da andadura não ferve para os Cavallos deftinados para a escola, e para o manejo, porque todos os ares altos são extrahidos dos andares naturaes, e da proporção do animal; os ares perto da terra, como são o passo natural, o passo travado, e o trote, não tem semelhança com a andadura, pois só neste movimento o Cavallo muda de lado em cada passo que dá, como se vê na seguinte

E S T A M P A XI.

Do Cavalleiro, fazendo marchar hum Cavallo de andadura.

EM todos os ares, e lições do manejo trabalhão fortemente os Cavalleiros; porque os Cavallos que ensinão tenham apoio, governo, e obediencia ao freio, e cabeção, sendo firmes, flexiveis, e promptos a todos os movimentos da mão, e pernas do Cavalleiro, só para os ensinar a andar de andadura os obrigão a ser incertos na mão, levantando-lhes muito a cabeça para cima; e se elles não a levantão, então lhes põe hum cabeção no lugar da barbella; e por effeito de huma continuada ferra os obrigão a levantar a cabeça com extremo, e a olhar para cima, sem reparar no terreno por onde andão. Tambem costumão travar o Cavallo com huma folta do pé á mão da mesma parte, para lhe introduzir este bom movimento, e com especialidade o fazem os curiosos creadores dos campos de Coimbra, e os Hespanhoes, os quaes gostão muito de fazer andar os Cavallos de andadura, cortando-lhes affim logo na sua primeira idade toda a nobreza dos seus movimentos naturaes.

Sem o movimento do trote não se podem desembaraçar perfeitamente as espaldas, e mais partes do corpo do Cavallo, fazendo determinar os seus movimentos com igualdade em todos os andares naturaes, e artificiaes: perfeição esta, que se não pôde alcançar por meio do movimento da andadura, ainda que elle ande muito, e bem.

A andadura he hum movimento, que tão sómente ferve para andar de jornada por hum terreno plano, e por huma boa estrada: os Cavallos, que sem os ensinarem andão de andadura, ou furtapasso, tomão ordinariamente este andar por fraqueza, e por serem mal formados: tambem os Potros tomão no campo este movimento, em quanto as suas forças não os ajudão para bem trotar, e galopar.

Eu não duvido que alguns Cavalleiros digão que a andadura se acha tambem em muitos Cavallos fortes, e são; porém para os contradizer, bastará arguillos com a sua propria experiencia, e que notem que aquelles Cavallos, que depois de haverem sido fortes, e terem servido bem, principião a tomar este movimento: então creio que a sua opinião se desvanecerá, e elles serão obrigados a conhecer, e confessar, que hum tal andar, além de não ser natural, he produzido da fraqueza das juntas, que por muito fracas não podem sustentar em todas as suas articulações os seus movimentos naturaes, que lhes erão proprios antes de enfraquecidas.

Quando se quizerem observar Cavallos, seja para os comprar, seja para ver o estado em que se achão, nunca em taes casos se deve consentir que elles andem de andadura, mas sim de passo, ou trote; porque em quanto hum Cavallo anda de andadura, não deixa perceber toda a desigualdade, e defeitos dos seus movimentos.

Mostra-se que cousa he o movimento chamado Traquinar.

O *Entrepasso*, ou *Traquinado* parece ter alguma cousa de andadura. Os Cavallos, que não tem forças nos rins, que estão sobre as espaldas, e tem nellas más articulações, ou tem as suas pernas arruinadas de molestias, que lhes embaração as juntas dos quadris, das curvas, e dos curvilhões, tomão este máo andar, o qual fazem movendo, ou indo com as mãos de andadura, e com as pernas humas vezes de galope, outras de trote. Na miaor parte dos Cavallos de posta estropeados se vê este movimento; e tambem alguns Potros, se os obrigão a galopar, e elles não podem, tomão este máo movimento, ou andar.

Continua-se a mostrar mais alguns effeitos da andadura.

SE galoparem hum Cavallo, e elle se defunir, e perturbar (senão andar de andadura, ou entre passo) todas as vezes que o ajudarem com a mão de dentro, isto he, com as redeas de dentro, e a perna de fóra, a que leve as espaldas para a circumferencia, e entre para o centro com a garupa, elle se unirá, e galopará certo; e se desobedecer ás sensações das ajudas, e castigos, sendo applicados (como dissemos) em o remettendo ao trote, elle se disporá para se firmar no galope: se porém andar de andadura, será preciso parallo repentinamente, e depois ajudallo a que vá ao galope; e ainda assim elles se embrulhão, e vão confundidos na sua andadura, sem poderem trotar, nem galopar com promptidão, e igualdade. Os Cavallos, que andão de andadura, não querem determinar os seus movimentos sobre linhas rectas ao trote: neste caso para os fazer trotar, he preciso voltallos em hum pequeno circulo; e tanto que os fizerem ir mais largo, ou pelo recto, elles perderão o trote, maiormente sendo fracos na andadura.

Os Cavallos de andadura são defeituosos; porque sendo ardentes, e vivos, podem embrulhar-se, ou confundir-se no seu movimento, e cahir, porque os ligamentos do corpo não se determinão nos seus movimentos por aquella ordem, com que o Creador os formou; e sendo preguiçosos, não dão bom commodo, e são huns máos rocins: esta he a razão, por que os Cavallos de andadura sómente fervem para andar na estrada, sendo plana (se elles andão como devem) pelo bom commodo que dão ao Cavalleiro.

Lição do trote.

O Trote he hum movimento que o Cavallo faz, levantando a hum mesmo tempo a mão direita, e pé esquerdo, e depois a mão esquerda, e pé direito. Entre o passo, e o trote se considerão duas differenças. A primeira he ser o movimento do trote mais veloz, e mais violento para o Cavallo, e para o Cavalleiro, por consequencia he mais aspero do que o passo, por ser este menos levantado, e aquelle mais diligente, e menos perto da terra. A segunda he; porque ainda que as mãos, e pés do Cavallo, quando vai a passo, sejam oppostos, e atravessados, como são quando vai ao trote, a posição de mãos, e pés se faz em quatro tempos ao passo, e ao trote só em dous, porque o Cavallo levanta quasi ao mesmo tempo a mão, e pé, oppostos, pondo-os tambem da mesma forte na terra, como se vê na Est. XII.

Depois do Espotreador haver determinado o Potro ao trote pelo direito, e fobre os circulos de duas pistas, fazendo-o marcar o terreno, como se vê na Est. VI. Fig. 1. N. 4. para huma, e outra mão com o bridão, e cabeção, deve fazer-lhe pôr hum freio, proprio para a boca d'elle, e hum Cavalleiro dahi por diante o deve principiar a dispôr, já fobre as linhas do parallelogramo Est. XV. por todo o comprimento do terreno, já fobre as linhas do mesmo quadrado longo N. 2., ou tambem fobre o quadrado regular Est. IV. Fig. 16., &c.

A primeira lição, em que os Potros se devem formar, he a do trote pelas linhas de todo o comprimento do manejo, marcando por consequencia com as pistas das mãos, e pés duas linhas parallelas, conduzindo-lhe direitas as suas espaduas, peçoço, cabeça, espinhaço, e ancas. O methodo de montar de degráo, de poio, ou de outra qualquer elevação, he bom para os Cavallos novos, por ser mais commodo para o Cavalleiro passar com a perna direita por cima dos arçõs, e se metter na fella.

As primeiras vezes que se montar o Potro, deve só ter de prevenção a guia posta na argola do tornel do meio do cabeção. O moço deve saber segurar a fella sem fazer força para baixo, ou puchar pelo arção, mas sómente quanto baste para a não deixar entortar. O Cavalleiro deve no fim da lição muitas vezes repetir as tentativas de se apear, e montar, affagando muito o Potro, para que elle não tema, ou estranhe estes movimentos.

No meio do seu passio (que sem dúvida as primeiras vezes será mais forçado que voluntario) com a mão, e com a voz o farão parar, rendendo-lhe logo a mão, para lhe dar folgo, e repousar com liberdade: em quanto dura este intervallo, ou descanso, póde o Cavalleiro mover o corpo, affagar o Cavallo, e repetir-lhe a lição do trote, e no fim de algumas voltas, parallo, e aminallo. Depois se deve chegar para o montadouro, e apear-se da mesma forte que se montou, pois isto contribue muito a fazer-lhe aquelle lugar familiar da mesma forte que a lição.

Se o Cavallo fizer saltos extravagantes, he impossivel indicar tudo o que se deve fazer em semelhantes lances, em que a experiencia do Cavalleiro deve recorrer

rer ao que for mais prompto , e conveniente. O conductor da guia deve seguralla bem , quando for preciso , rendella com facilidade , e andar de maneira que o Potro tenha liberdade de ir para diante , e senão embrulhe com ella.

Em quanto os Potros mostrarem ferocidade , devem ser trabalhados debaixo da guia , para que faltando , não se defendão , e augmentem mais as difficuldades. Mostrando elles já sujeição , podem tirar-lhes a guia , e pelo largo fazellos trotar , e passar alternativamente de mão , cortando o terreno para a direita , e para a esquerda ; porém mais ordinariamente ao trote que ao galope.

Em quanto durão semelhantes lições (ande hum , ou mais Potros) , devem estar pelo meio do terreno do Picadeiro alguns Picadores com açoutes , ou chambréis para ajudarem os Potros a determinar com mais facilidade os seus movimentos : advertindo que se elles se defenderem , ficando para trás , devem logo pô-lhes a guia , e dar-lhes a primeira lição dos circulos de Pignateli.

Depois o irão vencendo para huma , e outra mão , fazendo-lhe sentir ambas as pernas , porque ellas são as que fazem andar o Cavallo para diante : quando porém o obrigão com as pernas , devem ter o corpo atrás , e render-lhe a mão. Se com tudo não obedecer a estas ajudas , he necessario fazer-lhe sentir as barrigas das pernas com mais actividade , para que elle tenha respeito ás suas sensações ; que de outro modo he impossivel que o animal figa bem os movimentos , e com igualdade , conforme á vontade do Cavalleiro.

O trote he o fundamento em que se estabelecem os principios da boa lição , e o caminho , pelo qual o Potro , ou Cavallo se entra a desembaraçar , e a suavisar a afpeza , e desigualdade dos seus movimentos.

Por meio da lição do trote adquire o Potro flexibilidade nas espaldas , nos rins , garupa , curvilhões , joelhos , travadouros , e finalmente em todas as articulações das juntas do corpo , desembaraçando-se por elle bem em todos os movimentos , tanto naturaes , como artificiaes.

São estes principios geralmente recebidos por todos os Professores desta Arte ; e quando o Cavalleiro trota o seu Cavallo sobre as linhas rectas da muralha , e linhas do quadrado , ou sobre os circulos de Pignateli , o animal adquire finco movimentos nos braços , e pernas ; a saber : hum para diante , quando o trotão sobre as linhas rectas da muralha , e linhas do quadrado ; outro para trás , quando o fazem recuar ; outro para cima , quando o fazem levantar , seja por effeito das paradas , e das meias paradas , ou curvetas ; outro alguma coufa obliquo , quando o trotão sobre os circulos de Pignateli para a direita , e o ultimo tambem obliquo , quando sobre os circulos o trotão para a esquerda.

Newcastle affirma que a lição dos circulos de Pignateli he efficaz para desembaraçar os pés , e mãos dos Potros , e Cavallos , porque com os seus movimentos faz necessariamente duas pistas , ou circulos , e vai nas linhas naturaes adquirindo nos seus braços , e pernas os movimentos obliquos.

He igualmente necessario que o Potro obedeça ás mãos , e pernas do Cavalleiro , pois sem esta sujeição nem elle obedecerá bem , nem será igual , e desembaraçado. Por todos estes motivos he que se faz indispensavel a necessidade das

pas-

passagens de mão , logo que trabalhão o Cavallo na lição de duas pistas , como passamos a mostrar.

*Modo facil de fazer passar os Potros de mão ao passo ,
e trote.*

Para o Cavalleiro formar as passagens de mão , trabalhando o seu Cavallo sobre os circulos de Pignateli Est. VI. , quando se vai approximando ao lugar da passagem , deve pelas linhas da letra A fazello determinar os seus movimentos com mais moderação , e igualdade , indireitando-o bem entre ambas as mãos , ou re-deas , e ambas as pernas : então no canto Fig. 2. , em que dá principio á passagem , deve o Cavalleiro affroxar a perna de fóra , para que o Cavallo mais livremente possã seguir as espaduas com a garupa no lugar da passagem , obrigando-o com a redea de fóra a que una a espadua de fóra á espadua de dentro , e traga a pista da linha da mão de fóra no vertice do angulo letra B para a linha da mão de dentro , seguindo com ambas as ancas os movimentos de ambas as espaduas ; e tambem de B para C lhe podem obrigar a entrar a garupa para a letra H da mesma Fig. 1.

A maior parte dos Cavallos em lugar de determinarem bem a passagem no vertice do angulo , e com exactidão , elles avançã , ou adiantã a garupa mais que as espaduas , e se arremesão com impaciencia da linha da muralha , e vertice do angulo letra B , entrando com a garupa muito velozmente para as linhas da letra C , e por isso não fórmã com as espaduas bem o meio circulo para completar a passagem. O meio de os emendar he obrigallos com ambas as pernas a que fígão com a garupa as espaduas , fazendo-lhes marcar huma meia volta , ou semicirculo de duas pistas , como se vê na mesma Est. VI. Fig. 3. para os arredondar dos movimentos das espaduas , e garupa , marcando o terreno pelas linhas da letra E para a letra F , indo acabar de completar a passagem das linhas da letra D para a Fig. 1. , ou o fação seguir as linhas do prolongo da muralha , ou fique trabalhando sobre as linhas dos circulos do centro.

Destá forte se castigão os Cavallos com moderação , e se dispõem para depois formarem as passagens com mais facilidade , e exactidão.

Se o Cavalleiro faz passar o Cavallo de mão da direita para a esquerda , em chegando ao vertice do angulo assignado com pontinhos da letra F para a letra D , em que o ha de fazer mudar de acção para seguir as linhas do prolongo , ou dos circulos , deve inclinar a mão esquerda para fóra de unhas affima , com o dedo minimo voltado para a espadua direita , a mão direita avançar-se para diante , a perna esquerda affroxar-se , e a direita unir-se ao ventre do Cavallo , mudando todo o corpo do Cavalleiro a sua acção da direita para a esquerda , para o Cavalleiro tambem se desdobrar de fóra para o centro , isto he , da direita para a esquerda. Pelos mesmos modos se devem dispôr , e formar as passagens de mão da esquerda para a direita.

He certo não poder o Cavallo na passagem levantar juntamente a mão , e pé da

da mesma parte ; pois logo que se desdobra da direita para a esquerda , o braço esquerdo se alarga para dentro no primeiro tempo , e cruza por diante do braço direito. Este movimento he consequentemente fustido da anca , e perna de fóra ; porque o pé esquerdo , quando a espadua direita se une á espadua esquerda , está no ar , e no ponto da passagem entra para o centro , e cruza por cima da perna direita para todo o corpo do Cavallo adquirir a determinação circular para a esquerda. Sendo isto assim , querendo-se fazer levantar a mão , e pé ao Cavallo de huma mesma parte , quando passa de mão , ou vá de passo , ou de trote , se imprehende huma cousa impossivel.

Para o Cavallo se formar bem sobre o circulo de duas pistas , não sómente deve marcar com as pistas das suas mãos os circulos (como se vê na Est. VI. Fig. 1. N. 4.) , mas deve seguir com as ancas igualmente as espaduas , indo sempre bem unido destas partes , como tambem do peçoço , e cabeça.

Ainda que eu digo que elle deve estar bem unido das suas espaduas , e ancas , nem por isso pertendo que quando sahir do circulo por humas linhas tangentes para formar hum angulo com a passagem , tendo a garupa alguma cousa segura para dentro , as pistas das mãos devem alcançar mais terreno , maiormente quando formar a passagem pelo meio circulo do angulo ; porque he innegavel que já nesta lição o Cavallo deve levar as suas espaduas ao menos adiante da sua meia garupa , ou meia anca de dentro , para que as pistas dos pés figão as das mãos , e se recolha a garupa para baixo do corpo , levantando-se as espaduas sobre ella , para o Cavallo voltar mais em pé , e obedecer á mão , e pernas do Cavalleiro com mais facilidade , e graça , seja formando o angulo da Fig. 2. , seja marcando os meios circulos da Fig. 3. Est. VI.

Quando os meios circulos do angulo , que vão marcando as pistas das mãos (por se mover a garupa em menor terreno) he maior que o que vão marcando as pistas dos pés , deve forçosamente a espadua , e o braço de fóra da volta fazer o seu movimento muito livre , e avançado ao passo , e trote , para em todos os seus movimentos cruzar por cima do braço de dentro , e abraçar mais facilmente o terreno sem faltar á linha circular : o pé de fóra deve tambem cruzar , e passar por cima , e por diante do pé de dentro ; mas não com movimento tão largo , como a mão de fóra , porque elle tem menos terreno para caminhar , e tambem para que as espaduas , e garupa não se desordenem no movimento circular.

Deve o Cavallo sempre dar tantos passos com os pés , como com as mãos ; pois em dando menos passos com as espaduas , que dá com a garupa , ou pelo contrario , dando menos passos com a garupa , do que dá com as espaduas , perde infalivelmente o movimento do animal a sua igualdade.

O Cavallo na lição do trote sobre o circulo de duas pistas póde desigualar-se dos seus movimentos das espaduas , e garupa , por fugir muito com as espaduas para fóra , e da mesma forte com a garupa , ou ao contrario , por entrar muito para o centro. Quando o Cavallo foge com a garupa muito para fóra , vai muito sobre a perna ; e quando entra muito para o centro , vai muito sobre a mão.

Eu disse que a mão , e braço de fóra devem cruzar por cima do braço de dentro

tro pelo meio circulo do angulo, e neste caso deve o Cavalleiro, logo que o Cavallo se encoftar sobre a espadua de fóra, trazer as mãos para dentro, mas não de repente, para que o Cavallo não se perturbe, de forte que se enteze sobre a garupa, desobedeça á mão, e se lance sobre a volta, ou fuja para fóra, obrigado já da sujeição violenta da mão, já da oppressão em que fica a garupa. Neste genero de trabalho: quando as mãos trazem as redeas de fóra para o centro, e as pernas do Cavalleiro não ajudão a direcção das mãos, o Cavallo não póde determinar-se bem.

Ha tambem Cavallos, que tem o movimento da garupa incerto: estes, logo que tem feito os primeiros passos sobre o meio circulo do angulo para entrar á passagem, faltão com a garupa, alargando as pernas para fóra de si, e do meio circulo, sobre que vão formar a passagem. Então o Cavalleiro em hum trote mais diligente os deve ajudar, tendo-lhe a perna de fóra alguns espaços mais forte, e a mão, ou redeas de dentro do mesmo modo, e para fóra, porque por meio das redeas de dentro, e da perna de fóra he que se ha de conseguir o segurar-lhe a garupa, e fazer-lhe entrar a pista do pé de fóra para a pista do pé de dentro; mas todas estas sensações devem ser dirigidas á proporção do desembaraço, e obediencia dos Cavallos, dispondo-os assim, sem teimar com elle tenazmente.

Muitas vezes succede tambem deitar o Cavallo para fóra a garupa, quando fórma o meio circulo do angulo, por ser mais diligente dos movimentos das espadas, que dos movimentos da garupa. Neste caso o devem ajudar repetidas vezes com as pernas, e ainda tocar-lhe com a vara sobre as ancas, sustenido a mão com mais apoio para minorar o feu defeito, lembrando-se sempre o Cavalleiro de que todos os movimentos da sua mão, e corpo, que tirão a cabeça do Cavallo para dentro do centro, lhe obrigão a deitar a garupa para fóra da circumferencia das espadas.

Quando o Cavallo passá das linhas rectas da muralha no canto para as linhas do quadrado, ou largura do terreno, fórma hum angulo recto; e para entrar com as espadas no canto, ou vertice do angulo, he necessario ao Cavalleiro levar a sua mão de fóra de unhas abaixo para o canto, e a mão de dentro de unhas affima para fóra: logo para fazer entrar as espadas do vertice do angulo para o centro, he preciso trazer a mão de fóra para o centro de unhas affima, e a de dentro para o centro de unhas abaixo; e para segurar a garupa, he necessario segurar a perna da parte opposta áquella para onde levão a mão, isto he, se obrigão com as redeas direitas, levando as mãos para a esquerda, a espadua direita se unirá á esquerda: neste caso as espadas sahem para a esquerda, e então he que se deve contrapôr a perna esquerda com sensações mais fortes para segurar a garupa para a direita: o mesmo se deve entender, quando as redeas esquerdas o obrigão, e a perna direita se contrapõe, a fim de segurar-lhe a garupa para o centro.

Sendo isto assim, qualquer movimento máo do corpo do Cavalleiro basta para desfigurar a exactão do corpo do Cavallo nas suas acções. Se o Cavalleiro em lugar de levar a sua mão para fóra, e de suster com a perna de fóra a garupa do Cavallo para o centro, avançar a sua espadua de fóra para diante, e por conse-

quência atrazar a espadua de dentro para trás, em voltando o corpo para o centro; as mãos, que são huma dependencia do corpo, obrigarão o Cavallo a entrar com as espadas para o centro; e a perna da parte para onde o corpo se voltar, será apertada contra a perna, e anca do Cavallo da parte de dentro, dando-lhe ao mesmo tempo a perna do Cavalleiro da parte de fóra liberdade tal, que a garupa vá passando pelo terreno, por onde passaráo as espadas.

A uniformidade das ajudas do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro obrigarão o Cavallo com mais promptidão, do que se o corpo estivesse immovel; por isso qualquer costume que tenha de empregar as ajudas, e movimentos das suas mãos, e pernas, sem que humas, e outras sejam acordes entre si, e conduzidas pelos movimentos do corpo, ellas produzirão menos effeito, e serão infinitamente menos ligadas, e menos medidas, do que se partissem dos movimentos do corpo do Cavalleiro: advertindo que o movimento do corpo não deve ser desconcertado, nem deve fazer fahir o tronco do equilibrio: deve sim o Cavalleiro, quando quer voltar o Cavallo para a direita, ou para a esquerda, mover o corpo imperceptivelmente, para que o seu pezo, a força, o equilibrio, e o movimento fação conduzir as mãos, e as pernas, de forte que obriguem o Cavallo com mais facilidade a formar-se na vistosa acção, que se mostra na seguinte

E S T A M P A XII.

Do Cavalleiro, fazendo trotar o Cavallo sobre linhas parallelas a largura do Picadeiro.

SE o Cavallo na passagem de mão, logo que principia o angulo, entra com a garupa para o centro, neste caso deve o Cavalleiro voltar o seu corpo bem para o centro, porque então a sua perna da parte de dentro lhe deitará ás ancas para fóra; e a mão de fóra, seguindo o corpo com as redeas de fóra, determinará a espadua de fóra a que entre para o centro, e se una á espadua de dentro.

Tambem recommendo que seja imperceptivel o movimento do tronco do corpo do Cavalleiro desde o principio do osso do encache do quadril para cima, para que insensivelmente se volte o corpo todo: que sem isto muito longe de se aproveitar da vantagem do seu equilibrio, o perderá, e da mesma forte a boa symmetria da sua figura; e perdido o equilibrio, não poderá conseguir huma igual exactidão dos movimentos do Cavallo?

Modo de emendar com as mãos, e pernas algumas defezas, de que os Cavallos usão.

SE o Potro vai trotando sobre as espadas, deve o Cavalleiro ter o seu corpo atrás, e as mãos altas. Se o Potro anda com pouca vontade para diante, deve o Cavalleiro buscar com o seu corpo o ponto do equilibrio, apoiando toda a sua aptitude hum pouco viva sobre o assento, para não lhe custar a obrigar o Cavallo (por





(por alguns espaços vivamente) com as pernas a que vá bem para diante. Se o Potro se demorar, por se levantar muito das espadas, deve o corpo do Cavalleiro pender alguma coufa para diante, e adiantar-lhe as mãos repetidas vezes.

Se o Potro falta, e tem a garupa alta, deve o corpo do Cavalleiro resistir a estes movimentos, unindo a cintura ao cepilho da sella, forçando o espinhaço no lugar dos rins para diante, e sustentando as espadas firmes para trás, sentando-se bem sobre o coxim, unido á caixa do fundo da sella, cerrando as coxas, e os joelhos para resistir aos movimentos violentos do Cavallo, e obrigarlo, dando-lhe com as mãos altas alguns toques para cima, para que levante as espadas, e abaixar a garupa.

Modo de emendar o Cavallo com o tronco do corpo.

TRabalhando qualquer Cavalleiro os Potros nos circulos de duas pistas para as espadas entrarem para o centro, e a garupa sair para a circumferencia, deve o corpo do Cavalleiro fazer tambem parte do circulo: não só avançando a espada de fóra, e atrazando a de dentro, como fica notado, mas perfilando a frente do peito com o radio do circulo Est. IV. Fig. 10. de A para E, trazendo muitas vezes a mão de fóra para o centro, para a espada do Cavallo da parte de fóra (sobre a qual vai cruzando a mão de dentro) poder unir-se á espada de dentro, e vencer o terreno para a linha do circulo do centro, pois a mão de fóra em cada passo que dá, sempre se conduz por huma tangente, e só ajudando-o repetidas vezes a mão, ou redeas de fóra para dentro, he que a pista da mão de fóra se une á linha da pista da mão de dentro: ora todas as vezes que o Cavalleiro quizer nesta lição obrigar o Potro a entrar assim com as espadas para o centro, deve pezar mais sobre o estribo de dentro, avançando o quadril de fóra para diante, e atrazando á proporção o de dentro.

Estas ajudas do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro são precisas como leis indispensaveis, para fazer que o Cavallo lhe obedeça bem, e fazello manejar, ou trabalhar com mais gosto, e por consequencia elle irá formando todas as suas acções com mais graça, e regularidade; e se o Cavalleiro determinar perfeitamente as ajudas todas do seu corpo, mãos, e pernas com movimentos acordes, e imperceptiveis, parecerá que o Cavallo determina os seus movimentos muito por sua vontade; porque o corpo do Cavalleiro com estas sensações o obriga com bom methodo intelligivel para o Cavallo, e para o Cavalleiro mais facil, vistoso, e seguro.

Por meio destas, e semelhantes diligencias se principia a trotar o Potro, ou Cavallo pelas linhas do quadrado longo Est. XV. linhas do quadrado regular Est. IV. Fig. 16., e sobre os circulos de Pignateli Est. VI. Fig. 1.

Do movimento dos joelhos, das barrigas das pernas, do contrapezo dos estribos, e do castigo das esporas.

Como já dissemos quaes são os movimentos das pernas do Cavalleiro, tratar-se-ha agora das utilidades, que se seguem do seu uso, seja fervendo-se dellas como ajuda, ou como castigo.

O movimento dos joelhos se faz, apertando-os o Cavalleiro, quando pertende fazer ir o seu Cavallo para diante, ou tambem affroxando-os para elle não se incomodar, e se firmar mais manso, e igual no movimento.

Tambem se affroxão, e fortalecem os joelhos mais de huma que de outra parte, para indireitar o Cavallo, e fazello igual na sua acção. De humas, e outras diligencias se usa, segundo a sensibilidade, e a disposição do Cavallo dão lugar: e creio que he bem visível que se o Cavallo rolar, ou fugir para fóra, e o joelho do Cavalleiro da parte do centro estiver forte, o Cavallo rolará, ou fugirá mais para fóra; e se ao contrario se metter para o centro, estando o joelho de fóra forte, cada vez entrará o Cavallo mais para o centro.

Os Cavallos, que são coceguentos, os que se detem á espóra, e os que não usão bem das suas forças, retendo-as por malicia, mais facilmente se determinão ás impressões dos joelhos, e barrigas das pernas, do que ás dos calcanhares, e esporas; principalmente se o Cavalleiro cahir no terrível defeito de deter as pernas, e esporas junto á barriga desta casta de Cavallos, sem os deixar fahir para diante.

As sensações das barrigas das pernas se executão, chegando-as ao ventre do Cavallo, de forte que elle sinta ligeira, e instantaneamente o seu toque, seja para o fazer entrar mais na mão, seja para o indireitar mais para huma, que para outra parte. Este modo de o ajudar he mais forte que o dos joelhos; mas se nem assim obedecer, devem castigallos com huma, ou ambas as esporas, attendendo-se menos á sua defordem, que á sua possibilidade.

O tocar o Cavalleiro com a ponta do pé na espadua do Cavallo não só está reprovado por alguns scientes, como tambem a experiencia tem mostrado que do seu uso não tira utilidade alguma.

A mais suave, e delicada de todas as sensações, que hum sciente Cavalleiro póde fazer ao Cavallo, he a de o emendar com o equilibrio do seu corpo, e pernas, contrapezando sobre os estribos, de forte que faça uteis as suas applicações; e quando o Cavallo obedece bem a ellas, mostra que a sua sensibilidade, e poder he grande.

Ora logo que elle se indireita bem, obrigado das impressões, de que o Cavalleiro usa, carregando mais sobre hum que sobre outro estribo, mostra que he sensível, agil, e forte; e esta casta de Cavallos em tendo adquirido desembaraço por meio da lição bem applicada, ainda que fóra da Escola vão dar em mão de sujeito ignorante da Arte, já mais perderão a facilidade, a que os ajudou a conduzir o bom costume da lição; e se os tornarem ao trabalho da Escola, facilmente se lhes excitarão aquellas especies, que a boa lição lhes havia dado.

Quan-

Quando o Cavallo faz pouco caso das ajudas, de que temos tratado, necessariamente deve ser castigado, porque ellas não são mais que hum aviso que o Cavalleiro lhe dá para lhe fazer acordar, ou excitar as especies das sensações correspondentes aos seus respectivos movimentos; e se elle não se determinar bem, deve corrigir-se a desobediencia com castigos: advertindo que tambem he castigo (sem lhê dar pancadas) o dar-lhe dilatadas, e repetidas lições, attendendo sempre o Cavalleiro ao tempo da lição, que o seu Cavallo tiver, ás suas forças, construção, genio, prestimo, e estado; pois senão se accommodarem a isso, entendendo que todos os castigos, sejam vigorosos, ou moderados, produzirão nos Cavallos pouca utilidade.

Devem fazer de huns, e de outros bom uso, e a tempo; porque sendo bem applicados, rendem os Cavallos flexiveis, attentos, e obedientes; e pelo contrario os castigos mal applicados, os rendem viciosos, e obstinados. Quanto mais moderado for o castigo, tanto mais se conservará no Cavallo o vigor, e actividade de espirito, para depois de ensinado fazer hum bom uso do seu poder naquelle exercicio, para que tiver mais propensão.

O castigo das esporas he hum grande remedio para render os Cavallos obedientes á perna, sendo bem applicado, isto he, dado no tempo em que o Cavallo desobedece; mas ainda então deve ser de tal sorte regulado, que por effeito delle se emende, e não de modo que desobedeça, e commetta maiores desordens. O lugar, em que se devem applicar as esporadas, he logo atrás da terceira cilha sobre o ventre; porque dada sobre os ilhaes, recebe o Cavallo mal o castigo, tendo a garupa alta, obrigado da activa dor que a esporada lhe causa. Tambem não se devem dar as esporadas sobre o lugar das cilhas, e rasgallas dahi até debaixo do chairel, fazendo hum seguido, e fundo rasgão no ventre do miseravel Cavallo, porque isto só póde desculpar-se a hum homem destituído de todos os conhecimentos desta Arte.

Para este castigo ser util ao Cavallo, que se detem, ou pára, mandão todos os Professores dar as esporadas mais atrás alguma couza, do que se costumão applicar aos que sahem bem á espora; mas isto se deve entender por serem dadas na barriga: e não ha sciante algum que diga que com as esporas se rasgue todo o ventre ao Cavallo, como fazem os arreeiros. Este costume, além de feio, obriga o Cavallo ordinariamente a deter-se cada vez mais.

Para dar bem com as esporas, he preciso ao Cavalleiro ter as suas pernas na aptitude que dissemos no Livro III., dar a esporada, e retirar logo a perna, regulando a força do castigo pela maior, ou menor sensibilidade do Cavallo; e se elle não ceder, esperar pelo tempo, que tambem serve para os emendar.

Alguns homens para darem com as esporas no Cavallo, fazem movimentos, e géstos desagradaveis: elles abrem as pernas, lanção o corpo para diante, abrem os braços, e depois he que dão a esporada, talvez quando ella já tem perdido a fazeo da sua utilidade, e he conhecidamente intempestiva ao Cavallo, que prevenido pelos movimentos, que o Cavalleiro tem feito, não precisa já de modo algum de violencia, e menos de castigo.

Já disse que o corpo do Cavalleiro deve ter movimento, sem desconcertar-se no equilibrio, e neste caso devem as suas pernas andar flexiveis nas curvas; porém firmes sobre os estribos: as puas das esporas já mais devem andar continuamente pojando sobre o pello do Cavallo, para não lhe atenuar a sensibilidade do ventre, e obrigarlo com este máo costume a dar, ou rabijar effectivamente com a cauda, quando trabalha, pois que todos os Cavalleiros devem evitar, o mais que puderem, os defeitos dos Cavallos em que andão, e não usar das ajudas, e castigos, de forte que delles se sigão máos costumes.

Os Cavallos finos, ou sensiveis aos movimentos dos joelhos, barrigas das pernas, e calcanhares do Cavalleiro fentem qualquer destas ajudas com tanta attenção, como se ellas fossem rigorosos castigos. Pelo contrario, os que tem huma sensibilidade mais ordinaria, e obtusa, precisão ser ajudados, e castigados com sensações, e castigos mais fortes: bem entendido, que se o Cavallo he froxo, e faz pouco caso delles para ter algum prestimo, precisa usar o Cavalleiro de sensações ainda mais fortes, e castigos mais violentos; porque de outra forte não determinará os movimentos bem, e conforme com as tenções do Cavalleiro: advertindo porém que não se lhe deve continuar o castigo, em quanto o bruto estiver exasperado; mas sim quando estiver livre de paixão, e no estado de corresponder com movimentos proprios a elles.

Differença dos feitos das esporas.

HOje estão muito em uso as esporas de çapatos, ou direitas, por sentarem bem sobre os saltos das botas: antigamente erão as esporas arqueadas, e sentavão sobre o calcanhar. Ora he certo que a pelle do Cavallo no meio dos dous lados da barriga he mais grossa; e tanto dahi para baixo, como para cima vai sendo mais delgada. Pelas razões já ponderadas fica mostrado que aonde a pelle do Cavallo he mais delgada, ha maior sensibilidade; porém não obstante isto se faz differença: a sensação da esporada, applicada nos lados da barriga mais alta, ou mais baixa, creio que he muito pouca, por cuja causa me remetto ao silencio nesta materia.

Os bicos das rozetas das esporas não devem ser compridos, nem muito agudos, para não fazerem ferida penetrante. Brogelat, e Newcastle dizem, que sendo as rozetas de prata castigão como as de ferro, e não apõemão nunca, nem magoão tanto o Cavallo. Ha Cavallos, que se fazem rebeldes á espora, por serem muito sensiveis a este castigo; outros vão sobre a perna; e quanto mais lhes dão com a espora, mais multiplicão os seus erros. Ha finalmente outros, que em lhes dando com as esporas, concebem tão grande paixão, que vão sem acordo marrar pelas paredes, ou se deitão no chão desesperados. Por todos estes motivos deve o Cavalleiro regular bem os castigos aos seus Cavallos, para delles conseguir a pretendida utilidade, &c.

*Disposições para a lição da espadua dentro , ou garupa
ao muro.*

HE a lição da Espadua dentro efficaz, e util para facilitar, e suavisar os movimentos ao Potro, ou Cavallo em todas as partes do corpo: ella he extrahida da que Pignateli dá nos circulos de duas piftas, e da que Newcastle dá nos circulos de quatro piftas, e de todas as lições precedentes. Para o Cavalleiro principiar a formar o feu Cavallo na lição da espadua dentro pelo comprimento do terreno, ou quadrado longo, deve cuidar muito em o obrigar a que traga as espaduas para o centro da volta, em cujo caso deve a garupa fahir para a circumferencia tanto quanto as espaduas entrão para o ponto do centro, de modo que vá sempre vencendo terreno para diante, conduzindo-o o Cavalleiro com ambas as mãos, ou redeas, e ambas as pernas, isto he, se o Cavallo não desobedece com extremo, deitando a garupa muito para fóra, ou mettendo-a com excessõ para o centro; porque duvidando elle, deve usar dos seguintes modos de o obrigar.

Se deitar a garupa muito para a circumferencia, por fugir de se formar na acção, devem ajudallo com as pernas ambas a que entre para diante, e depois levar as mãos para fóra do centro, voltando o corpo alguma coufa para fóra alguns espaços, tendo as mãos firmes, de forte que ellas obriguem as espaduas a fahir para fóra, e a perna de fóra obrigue a garupa a entrar para o centro, e seguir as linhas paralellas das espaduas sempre na mesma obliquidade. Na lição dos circulos de Pignateli recommendo segurem a garupa ao Cavallo nas passagens, e ainda nos circulos alguns espaços, para dispôr os Cavallos para esta, e para a lição dos quatro circulos.

Se pelo contrario entrar com a garupa muito para o centro, e por consequencia fahir com as espaduas muito para fóra, tambem nesta lição se recommenda volte o Cavalleiro o feu corpo bem para o ponto do centro, e traga as mãos firmes de fóra para dentro repetidas vezes para o Cavallo entrar com as espaduas para a parte do centro, obrigando-o ao mesmo tempo com as pernas ambas a que ande para diante: que neste caso, unindo elle a espadua de fóra á espadua de dentro, e determinando-se bem a ir para diante, seguirá com as piftas dos pés melhor direcção. Por estes, e semelhantes modos se obriga o Cavallo nesta lição a que vá alguma coufa circular, avançando sempre terreno para diante, a fim de cruzar o feu braço, e perna de dentro por cima, e por diante do braço, e perna de fóra.

Este trabalho se faz difficuloso ao Cavallo, principalmente galopando; mas se elle o chega a pôr em prática com a perfeição que deve, está certamente prompto para obedecer com facilidade a todos os movimentos das mãos, e pernas do Cavalleiro.

Os Escretores anteriores a Newcastle tinhão descoberto nas espaduas, e braços dos Cavallos cinco movimentos, que são: ir para diante, recuar para trás, levantar para cima, obliquar para a direita, e obliquar para a esquerda. Newcastle porém lhe descobrio mais dous, com que vem o Cavallo a ter sete movimentos prin-

principaes nas suas espaduas, e braços. Dos cinco já referidos he o primeiro ir para diante, quando se determinão os movimentos por huma linha recta. O segundo ir para trás, quando recua sobre linhas tambem rectas. O terceiro, levantando-se para cima, principalmente quando suspende, e faz as curvetas, ou fórma algum dos ares altos. O quarto obliquar para a direita. O quinto obliquar para a esquerda, indo de chapa, seja para hum, ou para outro lado. O sexto circular para a direita, passando a mão direita por cima, e por diante da mão esquerda, e da mesma forte a perna de dentro, seja trabalhando nesta, ou na lição do circulo de quatro pistas; e o sétimo, porque he tambem circular, passa a mão, e a perna esquerda por cima, e por diante da mão, e perna direita.

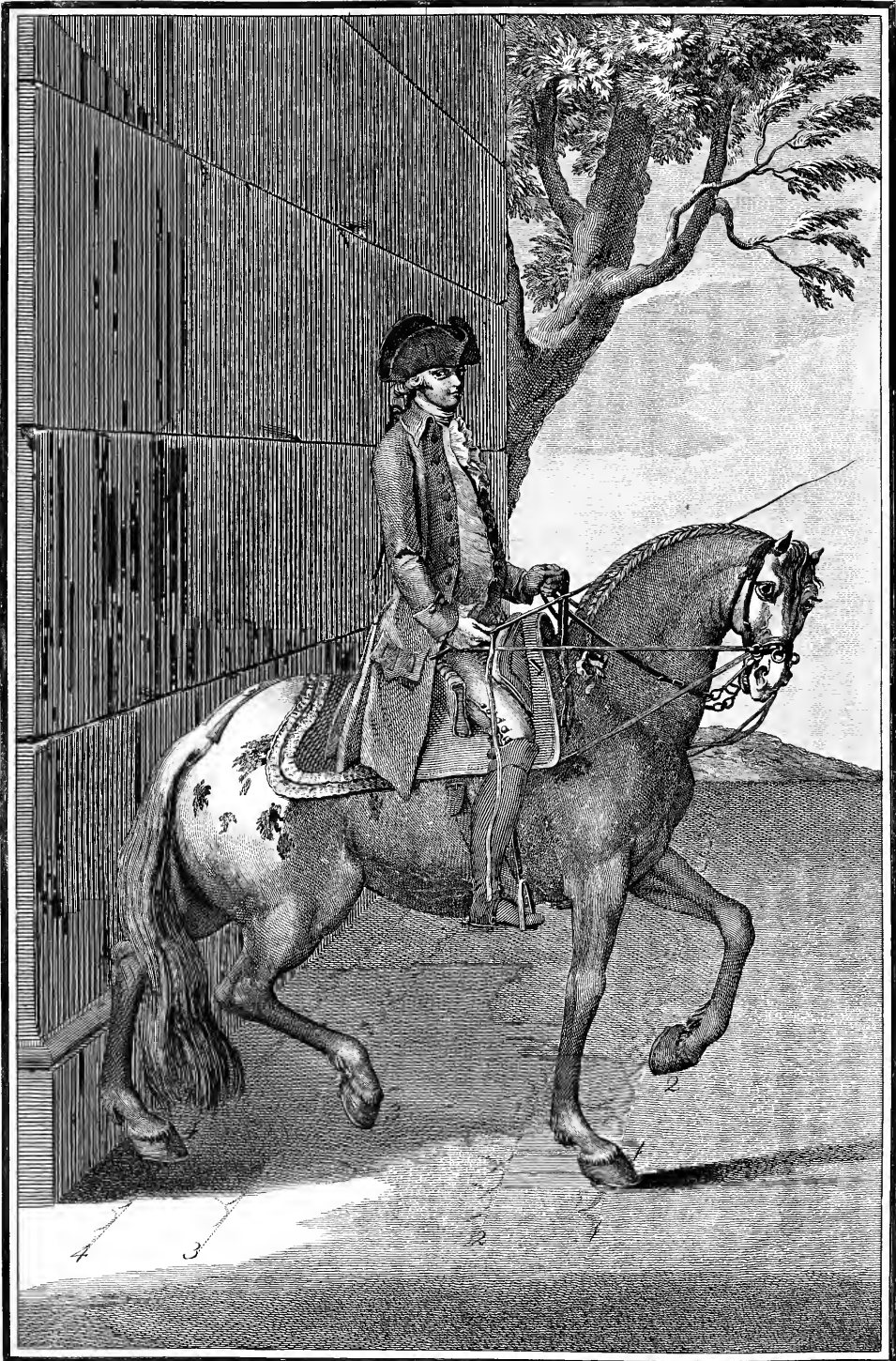
E S T A M P A XIII.

Do Cavalleiro, dobrando hum Cavallo na lição da espadua dentro, ou garupa ao muro, ao passo, e ao trote pelo comprimento da muralha para a direita.

Quando o Cavallo na lição da espadua dentro está dobrado para a direita, vence o terreno para a esquerda: a espadua esquerda segue a linha, sobre que o Cavallo vai andando, ou trabalhando, e neste caso a direita em cada primeiro tempo do seu movimento se une a ella: dobrando-se elle para a esquerda, vence o terreno para a direita, e une a espadua esquerda á direita, passando a mão, e braço esquerdo a cada passo por cima, e por diante da mão, e braço direito. A facilidade dos tres primeiros movimentos dos braços, e pernas dos Cavallos de ir para diante, andar para trás, e levantar para cima, se adquirem facilmente por meio das lições do trote, das paradas, das meias paradas, e do recuar; porém os movimentos obliquos, e circulares tem mais difficuldade nas articulações dos braços, e pernas dos Cavallos, e para os vencer, e adquirir he muito util a lição da espadua dentro, porque neste trabalho não só he o Cavallo obrigado a passar o braço, e a perna de dentro por cima, e por diante do braço, e perna de fóra, mas tambem a recolher a sua perna, e meia anca de dentro para baixo do corpo.

Para desembaraçar as espaduas dos Cavallos he muito util esta lição, maiormente se elle faz a passagem do braço, e perna de dentro, circulando, e avançando bem por cima, e por diante do braço, e perna de fóra. Quando elle não anda bem para diante, alcança muitas vezes com a sua mão, e pé de dentro a mão, e pé de fóra no risco de fazer alcançaduras, e falsas posições; porém isto succede mais vezes áquelles, que não tem ainda adquirido desembaraço, e facilidade nas espaduas, e ancas. O mesmo acontece aos que são mal formados, aos que são fracos, ou estão já arruinados de alguma das partes do corpo; pois os que tem estes defeitos, commummente se desigalão nos seus movimentos para huma, e outra parte.

A difficuldade que todos os Cavallos tem em adquirir o movimento circular de passar o braço, e perna de dentro por cima, e por diante do braço, e perna de



Silva delin

Frois sculp

de fóra; e a falta de encontrar regras certas para dar ás suas espaduas, braços, e pernas a facilidade dos movimentos obliquos, e circulares, deo sempre muito em que cuidar aos mais scientes Professores desta Arte; e o Cavallo sem esta grande perfeição já mais voltará com facilidade, nem fugirá á perna do Cavalleiro, calcanhares, e esporas, com boa graça, e liberdade para huma, e outra mão, por isso trabalhou tanto Pignateli em descubrir o circulo de duas pístas; e Newcastle fez tanta diligencia por descubrir, e aperfeiçoar a sua lição dos quatro circulos, que sem dúvida são até ao presente o meio mais effcaz, e util para desembaraçar, e suavisar aos Cavallos os movimentos de todas as partes do corpo.

Le Brove diz Pag. 113. : » Nem todos os Cavallos tem compleição, conf-
» trução, e possibilidade para soffrer a grande sujeição do trabalho dos circulos.
» Affirma tambem que deve o Cavalleiro observar se as forças do seu Cavallo per-
» mittem dar muitas, ou poucas voltas de hum folgo; porque senão fizerem este
» reparo, os Cavallos obrigados da violencia do trabalho, em mais não poden-
» do, se desgostão, se negão, se obstinão, e se defendem. »

Newcastle Pag. 53. diz : » O Cavallo com as espaduas dentro, e a garupa
» fóra se facilita muito, e vem sobre as espaduas, desembaraçando-se dellas extre-
» mamente: entra mais depressa na mão, e toma por consequencia apoio, e go-
» verno. »

Brogelat Pag. 34. diz tambem: » Em o Cavallo galopando com as espaduas
» dentro, e a garupa fóra, as espaduas devem entrar para o centro, tanto quanto
» a garupa fahe para a circumferencia: e neste caso as espaduas trabalham no balan-
» ço do seu movimento, levantando-se sempre sobre o balanço da garupa; mas ao
» passo, e trote nesta lição fica sómente a meia garupa do centro seguindo as linhas
» das espaduas, e por isso o Cavallo mais sobre ellas, que sobre a garupa. »

O parecer destes famigerados Escriitores nos deixa perceber que o Cavallo não póde ser perfeitamente desembaraçado, sem adquirir o movimento circular, por isso hum, e outro julgão o circulo preciso, e util, ainda quando confessão que trabalhando o Cavallo sobre elle ao passo, e trote, fica mais sobre as espaduas, que sobre a garupa.

Logo o Cavallo sem o trabalho dos circulos não póde ser perfeitamente desembaraçado; e sem adquirir o movimento circular, não póde com facilidade voltar, e dobrar-se para huma, e outra parte, por cuja causa todos os sabios approvão esta lição, para render os Cavallos flexiveis, desembaraçados, e obedientes, ou iguaes dos seus movimentos, tanto naturaes, como artificiaes. A lição da espadua dentro tem a mesma propriedade, como hei de provar.

Por meio dos circulos se desembaraça o Cavallo de todas as partes do corpo, e se facilita muito no governo, e apoio, que vai adquirindo na mão do Cavalleiro. Isto confessã Newcastle; mas se elle fica mais sobre as espaduas que sobre a garupa, parece-me que necessariamente ha de perder o seu mais brilhante movimento das espaduas. Da parte do Cavalleiro está servir-se da lição dos circulos, em quanto ella he util ao Cavallo, seja para principiar a formar os Potros, e Cavallos para a lição, seja para reduzir aquelles, que são caprichofos, e rebeldes.

Os Cavallos, que forem refabiados, e duvidarem voltar para huma, ou outra mão, não devem ser trabalhados na lição da espadua dentro, para que elles não se aproveitem das ajudas da mão de fóra, para a sua defeza; devem sim trabalhar, e render os Cavallos refabiados sobre os circulos, debaixo da guia, e depois sobre as linhas rectas de todo o comprimento da muralha, e linhas do quadrado, até que elles, cedendo dos seus vicios, se deixem vencer, e dominar.

A lição da espadua dentro, não sendo o Cavallo refabiado, he muito proveitosa, pois ella he extrahida das lições dos circulos de duas, e de quatro pistas, e para o mesmo fim, para que servem as lições dos circulos, pois o Cavallo na lição da espadua dentro tambem se desembaraça das espaduas, e braços, e usa bem da sua meia garupa de dentro.

Não podendo entrar as espaduas do Cavallo para o centro nesta lição, sem que a perna, e meia anca de dentro se curve, e entre a perna para baixo do seu corpo, seguindo a linha da mão de fóra, elle ha de não só baixar a meia anca de dentro, mas dobrar o curvilhão, e travadouro para usar bem da sua meia garupa de dentro.

Depois de trotar bem naquelle trote, que lhe he proprio (segundo as suas qualidades, construção, e difficuldades) sobre as linhas da muralha, linhas do quadrado, e sobrecirculos de duas pistas para huma, e outra parte igual, obediente, e focogado, então se lhe deve formar a lição da espadua dentro sobre as linhas da muralha, e do quadrado, fazendo-o marchar sobre ellas obliquamente, como se mostra na Est. XIII.

Quando o Cavalleiro pertende conduzir o Cavallo nesta lição para a direita, deve atrazar a sua espadua direita, avançar a esquerda, fazer-lhe sentir alguma cousa a perna direita, logo atrás das cilhas, a esquerda entre a primeira cilha, e a espadua, obrigando-o assim com ambas as pernas a que entre para diante, trazendo repetidas vezes a mão de fóra para o centro, para que as redeas de fóra tragão as espaduas para dentro, e se una a espadua de fóra muitas vezes á espadua de dentro, tornando a mão de unhas abaixo para fóra, não só para o formar bem na acção, fazello seguir huma, e outra redea com facilidade, mas para o obrigar a entrar com a perna de dentro bem para baixo do seu corpo, e seguir com ella as linhas da mão de fóra. Nesta lição, e acção o Cavallo se conduz com facilidade dobrado para a direita, foge ao calcanhar, e perna de dentro, indo entre ambas as redeas, e ambas as pernas com sujeição, e obediencia.

Na lição dos quatro circulos, ao passo, e trote, a garupa marca o terreno por fóra das linhas das espaduas, e na lição da espadua dentro está sómente a meia anca de fóra das linhas das espaduas, porque a meia anca de dentro segue a linha da espadua de fóra. O Cavalleiro deve obrigar o Cavallo sobre as linhas da muralha Est. XV. pelas linhas N. 1., e N. 4. sem chegar-se tanto á parede, que ella lhe sirva de embarço a dobrallo para a parte que deixa; porque neste trabalho anda dobrado para a direita, e vence o terreno para a esquerda, como se vê nas pistas A, e B, em que as espaduas marcão as linhas N. 1., e as ancas as linhas N. 4. Isto supposto, passemos a mostrar como se formão as passagens nesta lição.

Modo de formar as passagens de mão da direita para a esquerda na lição da espadua dentro , ao passo , e trote.

AS passagens de mão da direita para a esquerda são muito faceis , cortando o terreno , como se mostra nas linhas E ; e chegando ás linhas L , Est. XV. , devem fazer-lhe entrar as espáduas para o centro , e fahir a garupa para a circumferencia , como se vê nas pistas , que se seguem pelas linhas Q , e R. Nestas passagens tem o Cavallo hum grande espaço de terreno para se mover , e por isso lhe são muito faceis.

Tambem se passa de mão no fim das linhas da muralha por hum angulo recto , ou tambem formando hum angulo agudo , e da mesma forte sobre hum angulo curvilíneo , marcando o terreno , como na Fig. 4 , 5 , e 7. da Est. IV. Para formar qualquer destes angulos da direita para a esquerda , he preciso que o Cavalleiro pelo comprimento da linha da muralha conserve ao Cavallo a dobra do corpo , e volta do seu peçoço , deixando no vertice a linha da muralha , e formando aquelle angulo que lhe parecer mais conveniente ; e pelo meio circulo que fizer do angulo para dentro lhe deve segurar alguma cousa a perna de fóra , tendo as mãos , principalmente a direita , de unhas assima , com o dedo minimo inclinado para a sua espadua esquerda , para que o Cavallo encruzado entre a redea de dentro , e a perna de fóra , vá para diante pelo meio circulo até chegar á sua extremidade , ou luar da passagem.

Quanto mais o Cavalleiro fizer ir aproximando o Cavallo pelo meio circulo do angulo ao fim da passagem , tanto mais deve ter o seu corpo atrás , endireitar o animal com ambas as redeas , e unir-lhe as pernas ao ventre , a de fóra logo atrás das cilhas , e a de dentro entre a primeira cilha , e a espadua para com a de fóra lhe segurar a garupa , e com a de dentro as espáduas , conservando as pernas em distancia tal , que o Cavallo as sinta , e por effeito das suas sensações entre para diante , indo assim encruzado entre a redea de dentro , e a perna de fóra até á linha da muralha , em que ha de acabar de completar a passagem : então o fará mudar toda a acção da sua figura , se andar (como temos dito) para a direita , desdobrando-o della , e dobrando-o para a esquerda. A passagem tem os mesmos tempos nesta lição , que em outra qualquer ; e as que se fórmão nos angulos já referidos , são muito vistosas , e uteis.

Logo que o Cavalleiro na lição da espadua dentro passar de mão , deve mudar toda a acção da sua figura da direita para a esquerda : apôs isso deve com as suas pernas ambas obrigar o Cavallo a que entre para diante para o poder formar em huma acção igual áquella , em que andava para a direita , antes de passar : elle depois de trazer do vertice do angulo V , X as espáduas do Cavallo para o centro , deve ter a sua mão esquerda de unhas assima , e o dedo minimo para a espadua direita , voltando o corpo bem para o centro do terreno , avançando a espadua direita para diante , atrazando á proporção a esquerda , e obrigando-o com ambas

as pernas, e com ambas as redeas pelas linhas N. 1., e N. 4. a que marque o terreno, como se vê nas pístas Q, e R.

Se o Cavallo se defender obstinado, não querendo render-se á fujeição, e vontade do Cavalleiro, será bom por algum tempo fazello trabalhar fóra da escola; e se puder ser todos os dias, melhor, até estar menos lembrado do seu erro. Depois o podem fazer tornar á Picaria, e pollo nos principios de que já tratámos pelo direito, seguido, e vivo, até que elle se deixe vencer, e dominar, tanto sobre as linhas da muralha, e do quadrado, como sobre os circulos de duas pístas. Orá quando elle sobre os circulos for obedecendo, o Cavalleiro sem violencia o irá conduzindo para as linhas da muralha, e dellas outra vez aos circulos, formando-lhe nas extremidades das tangentes alguns meios circulos até poder com estas diligencias conseguir o formallo pelas linhas da muralha na acção da seguinte

E S T A M P A XIV.

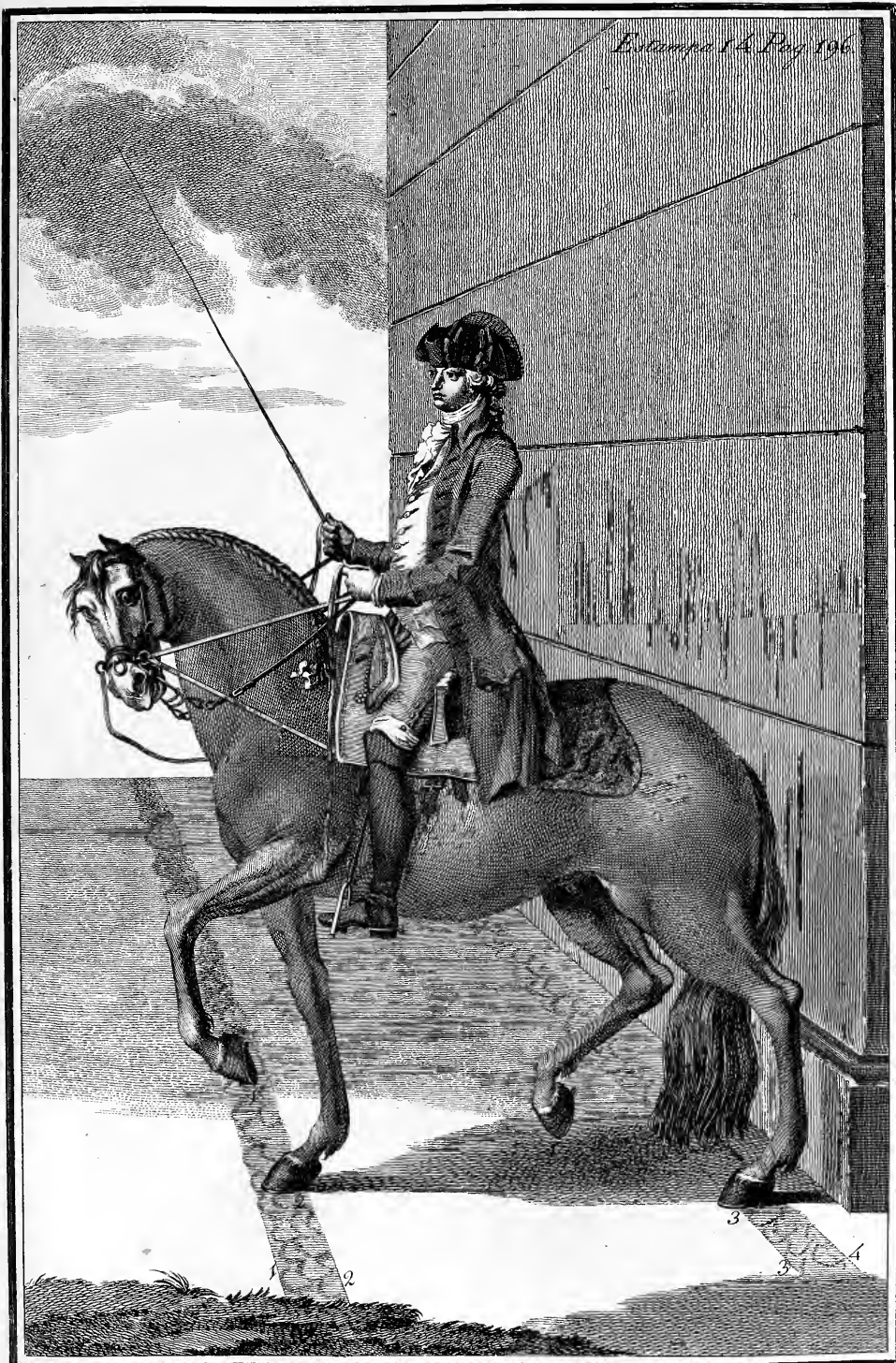
Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição da espadua dentro sobre as linhas da muralha, dobrado para a esquerda.

Logo que o Cavallo principiar a obedecer livre daquella confusão, que de antes lhe servia de embaraço, o podem ir aperfeiçoando na lição da espadua dentro pelo comprimento do terreno; e tanto que der alguns passos com igualdade, parallo, e affagallo, para lhe dar a conhecer que fez bem.

Em seguindo com obediencia as linhas da muralha, sujeito ás fenções das pernas, e das mãos, ou redeas na lição, de que tratamos, o podem ir obrigando a que chegue aos cantos; e ainda que isto he difficultoso neste trabalho, o Cavallo adquire assim muita fujeição, desembaraço, promptidão, e facilidade nas articulações dos braços, pernas, e espaduas.

Todos os Cavallos ordinariamente, quando vão chegando ao fim da linha recta da muralha, fórmão rapidamente o angulo para a linha do quadrado, por fugir á fujeição de chegar a entrar no canto. Para evitar isto, deve o Cavalleiro, quando se for aproximando ao fim da linha da muralha, formar ao Cavallo huma meia parada, para que elle se levante mais sobre a garupa, fique mais leve na mão, e dê tempo a que o possam obrigar a formar o angulo no canto, sem accelleração de movimento. Ora para formar bem esta meia parada sobre a mão esquerda, precisa o Cavalleiro ter a sua mão esquerda de unhas affina, o corpo algum tanto mais atrás, e firme, levando as mãos alguma cousa da cernelha para a direita; e depois do Cavallo chegar ao canto, e passar das linhas da muralha para as linhas do quadrado, então a mão esquerda ha de entrar de unhas abaixo, mais, ou menos inclinada para o centro, a fim de que a espadua da parte de fóra se una á espadua esquerda, ou de dentro, e elle forme o angulo com perfeição.

Estampa 14. Pág. 196



Silva delin.

Frous sculp.

Modo de passar os Cavallos de mão da esquerda para a direita na lição da espadua dentro.

Recomendo que paffem o Cavallo de mão, cortando o terreno, quando elle tem ainda pouco defembaraço nesta lição, por ser este o modo mais facil de formar as passagens, como se vê na Eft. XV. Tendo cortado o terreno, como se mostra nas linhas F, L; e chegando ás linhas M, N, podem fazer-lhe entrar as espaduas para o centro, e sahir as ancas para a circumferencia, como se vê nas piftas, que se seguem pelas linhas N. 1., e N. 4., mudando-lhe toda a acção, e dobra do corpo da esquerda para a direita. As passagens nos angulos são mais difficultosas, e por isso mais vistosas, e proprias para quando o Cavallo tiver mais facilidade, e defembaraço.

Se o Cavallo se detiver, levantando-se bem sobre a garupa por effeito da meia parada (a que digo o podem obrigar) para passar das linhas da muralha S no canto para as linhas rectas do quadrado T, então as mãos, entrando para o centro com as redeas de fóra, obrigarão a espadua de fóra a unir-se á espadua de dentro; e a pifta da mão direita no vertice do angulo, passando por cima, e por diante da esquerda, virá unir-se á linha da pifta do centro. Advertindo que no tempo, em que as espaduas entrão para o centro, a perna esquerda deve, ao voltar do Cavallo, affrouxar-se, quanto for preciso, para elle usar bem das espaduas, fazendo-lhe após isso sentir ambas as pernas para a meia garupa direita alcançar a precisa liberdade de se alargar para o canto, e passarem as ancas pelas linhas, que marcarão as espaduas.

Logo que o Cavallo tiver formado o angulo para dar principio ao meio circulo, o Cavalleiro deve tornar a sustentar a sua mão esquerda de unhas affima, para lhe conservar a dobra do pescoco, e corpo na acção, em que andava antes de dar principio ao angulo S, T, e se dispôr para passar de mão.

Differença que fazem humas de outras passagens de mão.

SE a garupa seguir pelo meio circulo do angulo as espaduas, marcando as piftas dos pés as linhas, que marcão as piftas das mãos, a passagem he feita sobre duas piftas. Se o Cavalleiro encruzar o Cavallo entre as redeas esquerdas, e a perna direita, e pelo meio circulo do angulo elle marcar duas linhas com as piftas das mãos, e outras duas com as piftas dos pés, as espaduas marcarão dous circulos maiores, e as ancas dous menores, e neste caso se diz que o Cavallo formou a passagem de quatro piftas. O mesmo se deve entender, quando por semelhantes modos passão de mão da direita para a esquerda.

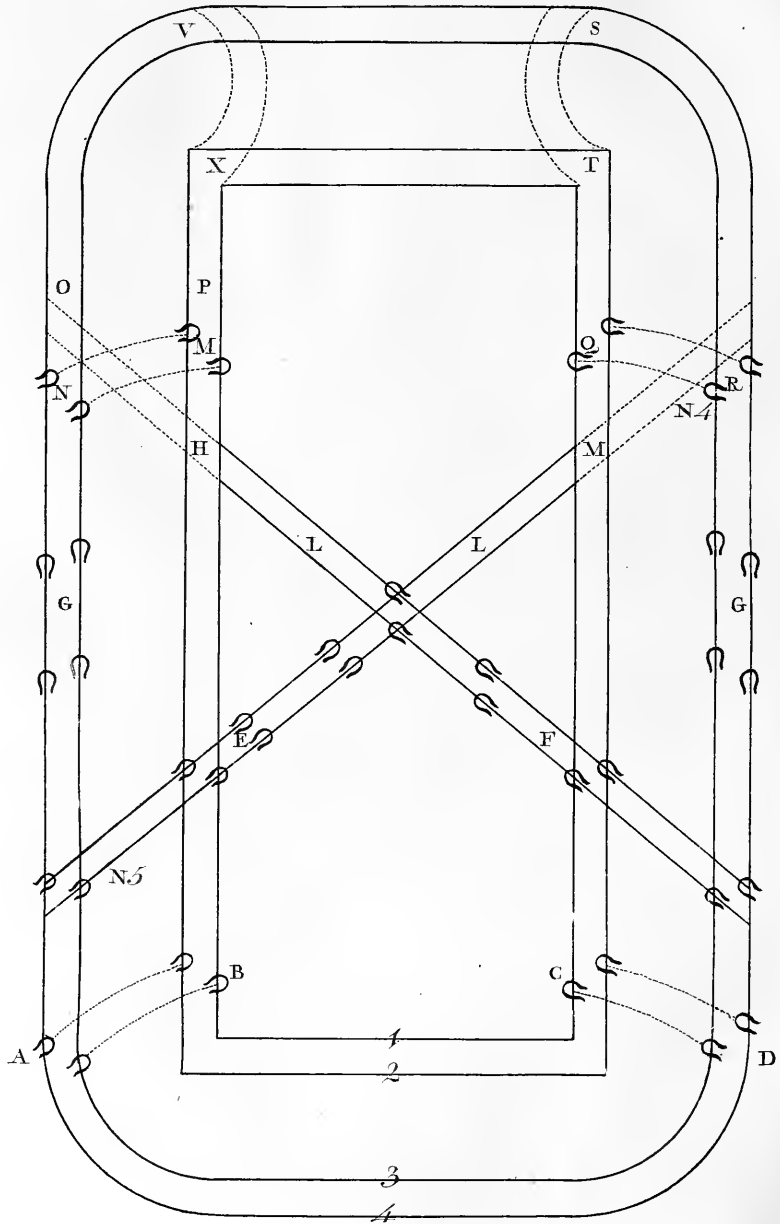
Já deixamos notado que se devem formar meias paradas ao Cavallo, que entra rapidamente no angulo das linhas da muralha para as linhas do quadrado: o que faz por escapar ás oppressões de formar o angulo com perfeição; mas se elle se detiver, quando o obrigarem a passar das linhas da muralha para as linhas do

do quadrado , neste caso não sómente não se lhe devem formar as meias paradas ; mas nem ainda chegarlo ao canto , em quanto elle se detiver , ou ficar para trás.

Se duvidar recolher a garupa para huma , ou outra mão , bem para baixo do corpo , seja formando a passagem de duas , ou de quatro pístas , tendo-a alta , ou tambem pondo os rompões das ferraduras sobre os calcos , defeza muito ordinaria daquelles , que ignorão ainda esta lição , póde o Cavalleiro para os remediar tocar-lhe com a vara sobre a garupa daquella parte para onde mais se encosta , ou ajudallo com a falla , com as pernas , e ainda com as esporas primeiramente brandas ; e se continuar na defobediencia , mais , ou menos fortes , segundo for preciso.

Quando a garupa marcar as suas pístas por dentro das linhas , que marcão as espadas , ou elle vá trabalhando sobre as linhas da muralha , sobre as linhas do quadrado , ou outra qualquer parte do manejo , as espadas perderá o seu mais brilhante movimento , não só entrando ambas as ancas por dentro das linhas das espadas , mas ainda quando a meia anca de fóra for marcando a linha da mão de dentro : neste caso as espadas ficaráó perto da terra , o Cavallo romperá o pescoço , ou voltará a cara muito para o centro , e por consequencia ficará torcido , e mal posto no chão. Desta fórma elle não se dobra , antes se enteza sobre a espada de fóra , de forte que nem a redea de fóra , nem a ajuda da vara , e pernas bastão para remediar este defeito ; e todos os Cavallos , a quem os Cavalleiros deixarem inveterar neste máo costume , hão de sim dobrar a cara , e pescoço muito para dentro , mas hão de levar o bico para fóra , inclinando as orelhas , e a parte local da cabeça para o centro. A embocadura do freio não affenta bem sobre os affentos , em quanto elles vão nesta figura , e por este modo ficão dispostos para defobedecer ás diligencias das mãos , e pernas do Cavalleiro , quando contrahem estes defeitos , para se defenderem da sujeição.

Nestes , e nos mais lances que acontecerem , em quanto formarem os Cavallos na lição da espada dentro , devem os Cavalleiros sempre fugir de que elles nos seus movimentos sefãõ desiguaes , de que se entortem do pescoço , e espadas , dando a cara , ou dobrando o pescoço mais para huma , que para outra parte , de que dem o bico para fóra , e entrem com as orelhas para o centro , e finalmente de que deixem de seguir com a sua pista do pé de dentro a linha da mão de fóra. As mãos do Cavalleiro devem contrapôr as sensações das redeas ás sensações das pernas , para lhe introduzir o costume de voltar com facilidade , de recolher a meia garupa , e a perna de dentro para baixo do corpo , de cruzar o pé , e mão de dentro por cima , e por diante do pé , e mão de fóra , entrando ao mesmo tempo na mão , e vencendo sempre terreno para diante , de forte que marchando obliquamente , se levante das espadas , baixe a garupa , dobre o pescoço , e corpo , e se forme , tanto indo sobre a direita , como sobre a esquerda nas vistosas acções , que se mostrão nas Estampas XIII. , e XIV. Se porém as diligencias , de que temos tratado , não bastarem para exigir d'elle a igualdade dos seus movimentos , e a obediencia , devem formar-lhe outra lição das precedentes , até que esteja disposto para esta.



Modo de marcar o terreno , trabalhando nesta lição.

LOgo que o Cavallo se fórma na acção da espadua dentro , marchando dobrado para a direita , marca com a pifta da mão direita a linha mais proxima ao centro N. 1. com a da esquerda a linha N. 2. Com a do pé direito a linha N. 3., e com a do pé esquerdo a linha N. 4., como se vê na Est. XV.

Quando elle anda dobrado para a esquerda , marca a pifta da mão esquerda a linha N. 1., a direita a do N. 2., o pé esquerdo o N. 3., e o pé direito o N. 4.: succede isto pela passagem que faz sempre com a pifta do pé , e mão de dentro do centro por cima , e por diante da pifta da mão , e pé de fóra : advertindo que ainda galopando nesta lição , marca o terreno da mesma forte , como se vê na seguinte

E S T A M P A XV.

Do quadrado longo , em que se mostra o modo , por que os Cavallos marcão o terreno , quando trabalhão na lição da espadua dentro.

Lição da meia garupa dentro ao passo , e trote para a direita.

DEpois do Cavallo desembaraçado na lição da espadua dentro , se pôde tambem desembaraçar por meio da lição do trote , fazendo-o determinar os seus movimentos pelas linhas da muralha , seguindo com as piftas do pé de fóra a linha da mão de dentro. O Cavalleiro o deve obrigar com ambas as pernas , e as redeas ambas , a que andê para diante igual no movimento , para o ir formando , e regulando bem na acção da sua figura.

A mão esquerda do Cavalleiro (se o Cavallo andar dobrado para a direita) deve trabalhar de unhas abaixo , e a direita de unhas acima , para que as espadas figão as linhas da muralha , e a garupa entre para as linhas do centro. Neste caso a perna esquerda deve ajudar atrás da ultima cilha para o encruzar entre ella , e as redeas direitas.

Esta lição he boa para fazer usar mais da garupa aos Cavallos , que tem muito fortes os rins , ancas , e curvillhões , que tem boa boca , muita viveza , e promptidão ; porque entrando a garupa para o centro , a muralha segura alguma coufa as espadas ; e quando o Cavallo volta , necessariamente apoia o seu pezo sobre as ancas , rebate a garupa , e soffre as sensações das mãos , e pernas do Cavalleiro com mais sujeição.

Digo que precisa ter muita agilidade , e boa boca , porque de outra forte não poderá levantar-se nos angulos , quando volta sobre as ancas. O corpo , as mãos , e as pernas do Cavalleiro o devem ajudar com prompta actividade , principalmente quando fórma o angulo , tanto quando anda sobre a mão direita , como quando anda sobre a esquerda.

Ser-

Serve tambem para fazer o Cavallo igual na dobra do peçoço , e espadas. Exemplo: Se lhe custa a dobrar-se destas partes para a direita, he bom usar deste trabalho para o vencer nas suas difficuldades , porque forçosamente entra na mão , quando lhe fórmão a meia volta , ou semicirculos de quatro pistas , como tambem as passagens de mão pelos meios circulos dos angulos ; e da mesma fórmula se deve entender isto , quando a difficuldade he para a esquerda.

Porém se elle não tiver as qualidades , que já disse , e pelo contrario tiver má boca , pouca força no espinhaço , quadris , garupa , e curvilhões , esta lição não fará nelle bom effeito , antes ficará para trás , e será rude ás sensações das mãos , e das pernas ; porque as espadas , que fazem o maior gyro , precisão ser foccorridas pelas ancas , entrando as pernas bem para baixo do corpo , aliás ficarão as espadas perto da terra , e o Cavallo pela pouca possibilidade do seu espinhaço , e garupa se irá abandonando sobre o freio , e fará nelle máo effeito esta lição.

Modo de passar de mão na lição da meia garupa dentro.

Para o Cavalleiro fazer passar de mão o seu Cavallo da direita para a esquerda , póde usar das mesmas diligencias , e movimentos das suas mãos , pernas , e corpo , de que dissemos devem usar na lição da espada dentro , maiormente nos meios circulos dos angulos , ou o obriguem a formar a passagem de duas , ou de quatro pistas : e tambem se deve isto entender , trabalhando-o tanto sobre a direita , como sobre a esquerda. Deve o Cavalleiro conformar-se com a viveza , possibilidade , e difficuldades do seu Cavallo , pois nem todos podem ter velocidade correspondente ás sensações que lhes fazem. Isto supposto , passaremos a mostrar o modo com que o Potro , ou Cavallo se deve formar na lição dos quatro circulos ao passo , e trote para a direita.

Disposições para a lição dos circulos de quatro pistas.

A Lição dos circulos de quatro pistas já temos dito que foi inventada pelo Marquez Duque de Newcastle ; e entre todas as que se dão aos Cavallos , he grandemente util para os render flexiveis , e obedientes : ella faz bom effeito em toda a forte de Cavallos , reduzindo-os ao bom estado de voltar facilmente para obedecerem com promptidão ás sensações do freio , e esporas , produzidas pelas mãos , e pernas do Cavalleiro , não só nesta , mas em todas as lições , e trabalhos , de que he susceptivel a sua capacidade.

Os Cavallos nesta lição trabalham em linhas , ou pistas naturaes , e a direcção circular os vai sempre obrigando a dobrar-se do principio do ezofago Est. III. N. 23. , e de todo o seu peçoço , espadas , e corpo , como se vê na Est. XVI. ; a perna de dentro do centro por effeito do movimento circular entra para baixo do corpo , e ponto de gravidade : por consequencia a pista do pé de dentro vai ao menos seguindo o radio da linha da mão de dentro.

Neste trabalho o Potro baixa a sua meia anca da parte de dentro da volta ,
que

que de outra forte elle não poderia recolher a sua perna de dentro bem para baixo do ventre. Esta lição o facilita tambem muito dos movimentos dos braços, curvilhões, e travadouros; pois em cada passo que dá, a espadua dentro, e todo o braço pela passagem que faz por cima, e por diante do braço de fóra, infallivelmente se vai desembaraçando; e a garupa á proporção do que as articulações das espaduas se facilitão, se vence, e se desembaraça tambem com o mesmo excessão, porque o Cavallo marca o terreno, como se mostra na Est. XVII.

As espaduas do Cavallo nesta lição entrão precisamente para o ponto do centro, e a garupa vai sahindo á proporção para as linhas da maior circumferencia: o pezo da maior parte do corpo do Potro, e o pezo do corpo do Cavalleiro recahe (em quanto o Cavallo se conduz nesta acção) mais sobre as espaduas, que sobre a garupa, como confessa o seu Author. Isto não obstante, ella he util; e para o fer, basta a certeza que temos, de que faz entrar bem os Cavallos na mão.

Leis da lição dos quatro circulos pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro.

1 **D**Eve elle sentar-se bem no meio da sella, pezando com o equilibrio do seu corpo mais sobre o coxim, e estribo de dentro, para fazer voltar, indireitar, e entrar com facilidade o Cavallo com as espaduas para o centro, ou elle ande para a direita, ou para a esquerda.

2 Deve (se andar para a direita) avançar o seu quadril esquerdo, e por consequencia tambem a espadua de fóra, e ficar o tronco do corpo bem perfilado, e direito com os radios do circulo entre as arias das circumferencias, que vão marcando as piftas das mãos, e pés do Cavallo.

3 Deve ligar-se com as suas pernas ao Cavallo bem igual sobre os estribos, quando elle vai bem para diante, para que por meio de todas estas diligencias determine bem todos os seus movimentos.

Leis pertencentes á direcção dos movimentos dos corpos dos Cavallos nesta lição para a direita.

1 **E**lles devem marcar o terreno com as piftas das mãos, e pés em distancias iguaes de huma á outra, como se vê nas arias de entre as linhas dos circulos da Fig. 1. Est. XVII., o que não póde o Cavallo fazer sem estender a sua perna de dentro bem para baixo do corpo, e ponto de gravidade.

2 Deve o seu movimento ser igual, ou ande de passo, ou de trote, ou de galope, tanto no balanço das espaduas, como no balanço da garupa.

3 Deve passar a mão, e perna de dentro ao passo, e trote bem por cima, e por diante da mão, e perna de fóra, dobrando-se com igualdade para huma, e outra mão. Estas Leis se devem entender que tem o mesmo vigor tanto para a direita, como para a esquerda.

Depois do Cavallo por meio das lições precedentes se achar que está pelo

seu desembaraço em estado de poder trabalhar na lição dos quatro círculos , para o reduzirem a determinar os seus movimentos mais igual , e facil de todas as partes do seu corpo , se o Cavalleiro o principia a formar nesta lição para a direita , pôde , para o encaminhar com mais facilidade , ter as redeas do freio separadas : isto he , a redea direita do freio , e cabeção na mão direita , e a redea esquerda do freio , e cabeção na mão esquerda , para que a barbella , e a embocadura do freio com o movimento de hum a , e de outra mão fação o Cavallo mais facil ás sensações produzidas pela mesma embocadura , e barbella nos affentos , e na barbada.

Tirando pois o Cavalleiro a sua mão direita com mais alguma força para dentro , faz dobrar , e olhar o Cavallo para o centro , e mais se dobrará se com a sua mão de fóra o ajudar , trazendo-a muitas vezes para o centro : ao mesmo tempo que a mão vem para dentro , lhe devem fazer sentir as pernas ambas , a de dentro pouco mais atrás das cilhas ; e a de fóra entre as cilhas , e a espadua esquerda , para que a de dentro faça sahir a garupa bem para a circumferencia , e a perna de fóra ajude a sustentar , e trazer as espadas para o centro.

Ordinariamente querendo os Cavalleiros formar os Cavallos na lição dos quatro círculos , costumão estes buscar muitos modos de se defenderem da sujeição a que os conduz este trabalho : e he preciso muitas diligencias para elles se chegarem a formar na acção , que se mostra na seguinte

E S T A M P A XVI.

Do Cavalleiro , formando hum Cavallo na lição dos quatro círculos , dobrado para a direita , com o freio , e cabeção ao passo , e trote.

Dezas , que ordinariamente buscão os Cavallos para fugir desta lição.

ALguns Cavallos , quando os obrigão a formar-se nesta acção , seja para hum a , ou para outra mão , dobrão o pescoço , e dão o focinho muito para dentro , por se lançarem sobre a espadua de fóra : os que buscão esta defeza communmente são pouco desembaraçados , tem pouca força , ou máo feitio de cabeça , pescoço , e espadas.

Outros entrão com a garupa muito para o centro ; e sem fazer caso das sensações , com que os obrigão as pernas do Cavalleiro , rolão para fóra. Elles se conduzem assim abandonados sobre a mão , e pernas , porque são fracos dos seus ligamentos do espinhaço , e quadrís , ou por terem pouca sensibilidade no ventre , e na boca.

Ha tambem alguns Cavallos , que obrigando-os os Cavalleiros a formar-se nesta lição , entezão o pescoço ; e sem querer dobrar-se , fogem com o focinho para fóra : estes ordinariamente são ignorantes.

Ou-



Silva delin.

Frois sculp.

Outros finalmente lhes custa muito dobrar-se bem nesta acção, por serem curtos do pescoço, e terem máo movimento na garupa: as suas defezas commummente são ficar para trás, e rolar muito para fóra: esta he a peor defeza, que elles podem buscar, e ordinariamente os que se valem destes recurfos, são mal intencionados.

Modo de evitar que os Cavallos se deixem possuir de alguns destes defeitos.

SE dobrarem o pescoço muito para dentro, quando andão para a direita, por se lançarem fobre a espadua esquerda, deve o Cavalleiro fortalecer-se na acção da sua figura repetidas vezes, conforme a primeira lei desta lição, trazendo amiudadamente a sua mão esquerda de unhas affima para dentro da volta, avançando mais a espadua esquerda com toda a parte do tronco do corpo, e ainda o quadril, e perna de fóra, no tempo em que traz a mão para dentro: neste caso se atraza á proporção a espadua direita, e a mão direita se conduz de unhas abaixo para o centro, apòs isto se reforção instantaneamente as sensações da perna direita logo atrás das cilhas, e as da esquerda entre a primeira cilha, e a espadua de fóra, firmando-se mais fobre o estribo de dentro, para com o pezo do corpo, e força das sensações das mãos, e pernas obrigar o Cavallo a entrar com as espaduas para o centro, e fahir com a garupa igualmente para a circumferencia.

Se entrar com a garupa muito para o centro, seja por usar mal das espaduas, e ancas, seja por ser pouco sensível da boca, e ventre, além de o obrigarem com a mão esquerda, trazendo-a repetidas vezes de fóra para o centro, devem obrigar-lo muito pouco com a mão direita, e com ambas as pernas fazello entrar bem para diante, fazendo com o corpo hum quarto de circulo, como se vê na Est. IV. Fig. 10., perfilando o hombro direito com o radio do circulo de A para E, fortalecendo o equilibrio de todo o corpo mais fobre o estribo de dentro da volta, e fazendo-lhe sentir a vara fobre a garupa, tendo alguma coufa o corpo atrás, e firme no tempo em que a mão segura a redea de fóra para dentro, pois que todas estas diligencias o obrigão a usar mais, e melhor da sua garupa, a entrar com a perna direita para baixo do ventre, e a levantar-se por diante, e entrar com as espaduas mais facilmente para o centro.

Se o Cavallo he pouco flexivel do pescoço, e sem querer dobrar-se para dentro, foge com a garupa, ou róla para fóra, deve o Cavalleiro ter as suas mãos ambas muito brandas de unhas affima, a direita alguma coufa mais alta que a esquerda, e do cepilho da sella para fóra, pezando igualmente fobre hum, e fobre outro estribo, unindo-lhe instantaneamente, e repetidas vezes as pernas ambas ao ventre com huma força proporcionada á sua sensibilidade, para o fazer entrar para diante, e obedecer ás mãos, e ás pernas, segundo as diligencias, que o Cavalleiro precisa empregar para o reduzir.

Em taes casos he bom fazello passar muitas vezes de mão, segurando-lhe sempre na passagem a perna de fóra com mais actividade, porque isto o vai facilitando

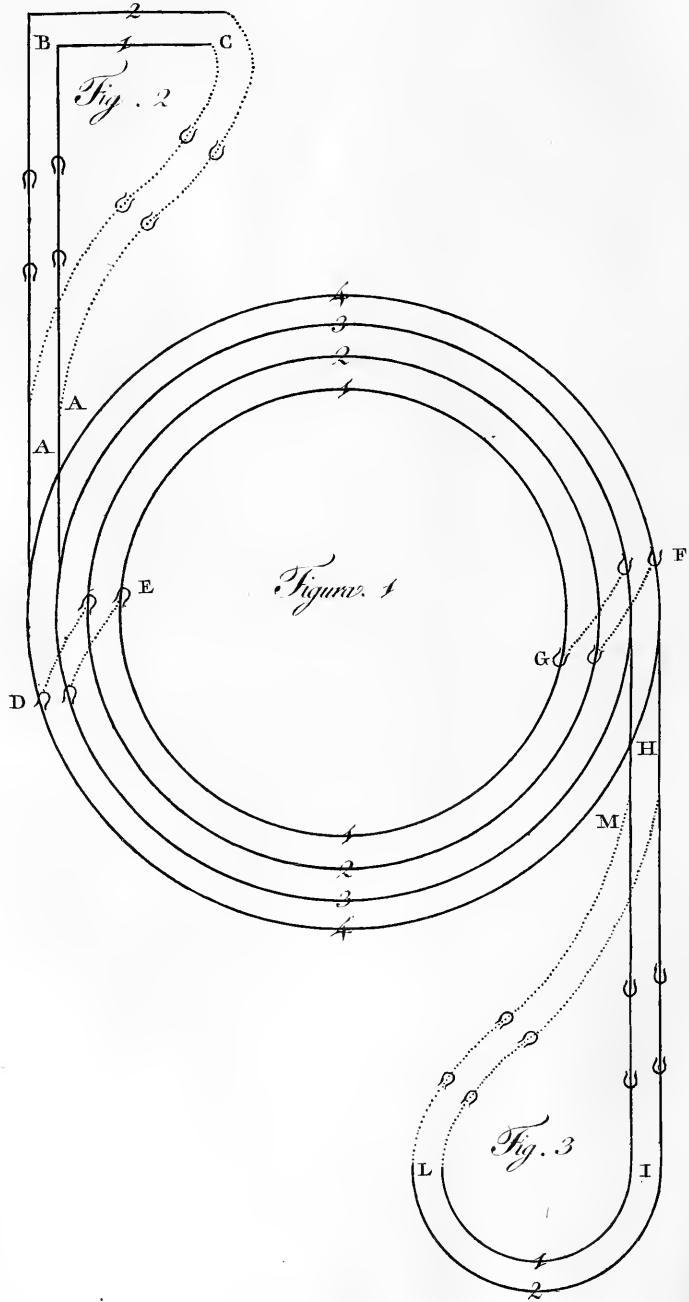
do para obedecer bem á mão, e á perna; e se com effeito he tão obstinado no seu erro, que não bastão para o ir remediando estas diligencias, então nesta casta de Cavallos he bom pôr-lhes a guia, e ajudallos com ella, e com o chambrié, ou com o açoute, a que vão obedecendo ás diligencias que temos espendido, para o fazer entrar na mão, e marcar o terreno, como se mostra nas linhas da Est. XVII. Fig. 1.

Trabalhando o Cavallo na lição dos quatro circulos com perfeição, deve elle alargar-se tanto da garupa, e unir-se de forte das espaduas, que sem perder tempo no seu movimento volte com tanta facilidade, e tão dobrado, que o Pilão, que lhe serve de ponto de centro, que lhe fique sempre pela parte de fóra da espadua esquerda, em quanto anda para a direita: então elle se formará na boa acção, que se mostra na Est. XVI., e será tão facil em voltar, que se o Cavalleiro lhe der de repente as mãos, ou affrouxar as redeas, sem dúvida voltará fobre a direita, ou para o centro.

*Modo de formar as passagens de mão da direita para a esquerda
ao passo, e trote nesta lição.*

PAra passar de mão da direita para a esquerda, commummente quando o Cavallo se mover com mais facilidade, e for mais disposto para obedecer, então o podem obrigar a partir pelas linhas da letra A, sahindo do terreno, em que formava os circulos, dous, ou tres comprimentos do corpo do Cavallo, ou mais espaço, se for preciso, fazendo-o marchar fobre as linhas rectas da Fig. 1. para a Fig. 2. Est. XVII., e da letra B obrigallo com a mão esquerda, trazendo-a de unhas affima para o centro, para da letra C dar principio ao meio circulo do angulo, e ir completar a passagem fobre as linhas da letra A, em que o devem fazer acabar de desdobrar de toda a acção da direita para a esquerda.

Tendo o Cavalleiro chegado ao vertice do angulo fobre as linhas dos circulos da Fig. 1., deve avançar o seu quadril, e espadua direita, atrazar a espadua, e quadril esquerdo, feguindo com as suas mãos, e pernas promptamente estes movimentos, e logo sustentará a mão esquerda de unhas affima, a direita de unhas abaixo, a perna esquerda mais atrás das cilhas, a direita entre a primeira cilha, e a espadua, fortalecendo, e modificando a actividade de todas estas sensações á proporção da obediencia, que ellas vão conseguindo do animal, para se formar na vistosa acção, que se mostra na Est. XVI.



E S T A M P A XVII.

Do modo com que o Cavallo marca os circulos de quatro pistas para a direita , e fôrma com facilidade as passagens de mão ao passo , e trote.

MArchando o Cavallo sobre a direita , marca com a mão direita o circulo N. 1., com a esquerda o N. 2., com o pé direito o N. 3., e com o pé esquerdo o N. 4., como se vê nas pistas da Fig. 1. D, E, F, G.

A situação, em que trabalha a mão esquerda do Cavalleiro, e a força centrífuga da dobra do corpo do Cavallo difficultão ao Cavalleiro grandemente avançar a sua espadua direita, e atrazar á proporção a esquerda ao passar de mão para esta parte; e quanto menor he a circumferencia, em que o Cavallo se move, mais cresce esta difficultade: igualmente quanto mais a espadua direita do Cavalleiro se avança, e a esquerda se atraza, tanto mais direito fica o corpo do Cavalleiro no meio da sella, e o Cavallo obrigado a voltar com facilidade para a esquerda.

Se quando o fazem passar de mão sobre o angulo recto, e o Cavallo se vai anteparando, seja por ter vontade de ficar para trás, seja por se entortar das espaldas, e garupa, então o devem arredondar das suas espaldas, fazendo-o voltar em hum femicirculo, ou pequenos circulos, como se vê na Fig. 3., tendo-o feito partir dos circulos da Fig. 1. pelas linhas da letra H; e logo que chegar a I, fazello voltar huma, ou mais vezes até elle andar facil, e direito entre as mãos, e pernas do Cavalleiro: então da letra L o irão fazer acabar de completar a passagem da Fig. 3. letra H para os circulos da Fig. 1., observando a regularidade da passagem, como fica notado, no modo de a formar no angulo recto da Fig. 2.

Lição dos quatro circulos para a esquerda ao passo , e trote.

SE o Cavallo duvidar formar-se bem nesta acção para a esquerda, assim como elle deve formar-se nella para a direita, seja por algum dos motivos, de que já tratámos, seja por outro qualquer caso, sempre o devem ir encaminhando com as mãos, e pernas, equilibrio, e contrapezo do corpo, de forte que o fação igual nos seus movimentos, facil, e prompto em voltar, logo que sentir a mais leve sensação das mãos, e pernas do Cavalleiro.

He certo que a garupa faz maior circulo que as espaldas, em quanto o Cavallo trabalha nesta lição; e não obstante isso, elle em cada segundo tempo da garupa unirá a sua perna, e anca de dentro á perna, e anca de fóra, e assim fará hum balanço igual nestas partes do corpo, de forte que os seus movimentos irão reduzindo os membros, e ligamentos do espinhaço, quadris, ancas, curvilhões, e travadouros á defejada igualdade.

As espaldas quanto mais entrão para o centro, menos movimento hão de ter, isto he, mais apertado ha de ser o seu movimento; e por isso quando o Caval-

vallo trabalha nesta lição, tem menos ar nas espaduas, do que tem quando anda pelo direito, e quadrado; porém como a espadua de dentro se une á de fóra em cada primeiro tempo, em que o Cavallo se move, e a mão, e braço esquerdo por effeito do movimento circular passa por cima, e por diante da mão, e braço direito, em quanto anda dobrado para a esquerda, necessariamente o Cavallo ha de adquirir muita facilidade nos seus movimentos. Eu disse nesta lição, que em quanto o Cavallo anda dobrado para a direita, elle passa a mão direita por cima, e por diante da mão esquerda, e o pé direito por cima, e por diante do pé esquerdo; e quando anda para a mão esquerda, cruza a mão esquerda por cima, e por diante da mão direita, e o pé esquerdo por cima, e por diante do pé direito: logo por consequencia o successivo balanço, que vai fazendo em cada tempo que se move, recahe sobre os seus ligamentos das espaduas, espinhaço, quadrís, garupa, e curvilhões, de forte que os vai desembaraçando igualmente.

Newcastle para dispôr os Potros, e Cavallos para as mais lições, trabalhava-os nos circulos de Pignateli, e na lição dos quatro circulos, que elle inventou; e logo que estavam flexiveis das espaduas, usavam bem da sua garupa, e por consequencia principiavam a obedecer, elle os fazia passar a outras lições, finalizando-lhe sempre o trabalho pela lição dos quatro circulos; e sendo este o methodo mais efficaz para dispôr os Cavallos para as mais lições, antes que mostremos como elles marcão o terreno, andando sobre a esquerda, e devem formar as passagens de mão da esquerda para a direita, diremos o modo, com que se deve regular aos Cavallos a velocidade do movimento do trote para elle lhe ser util.

Da velocidade do movimento do trote.

Ainda que eu trato cada huma lição de per si, sem confundir humas com outras, por não fazer dúvida, com tudo muitas vezes he preciso para o trabalho ser util aos Potros, ou Cavallos, passallos de humas para outras lições, e regular-lhes a velocidade do movimento pela sua possibilidade, e difficuldades: motivos, por que se elles nos principios dos Potros trotarem com desigualdade, seja porque os movimentos da sua garupa são desiguaes, seja porque os movimentos das espaduas são prezos, ou tambem por ser mal formado, ser froxo, ou padecer alguma molestia, deve o Cavalleiro regular-lhe de tal forte o trote, que lhe vá ajustando a desigualdade do seu movimento, ainda passando-o desta para aquellas lições, que lhe parecerem mais convenientes. Eu confesso ha difficuldades, que a Arte não pôde remediar, como são a fraqueza, a má construcção, e a molestia; mas recommendo que seja a lição bem applicada para conseguir do animal todo o prestimo que delle se pôde tirar.

Para formar bem a lição do trote aos Cavallos, que tem froxos os movimentos das espaduas, que são compridos, e tem as pernas demaziadamente direitas, ou pelo contrario muito curvas, o pescoço mal formado (a que communmente chamão pescoço de cervo, ou ás avéffas) ou são muito fellados, e por ser assim não podem firmar-se sobre a sua garupa, e usar bem della, e das espaduas, espinhaço,

e peçoço , se os trotarem em hum trote muito avançado nos seus principios , em elles não podendo sustentallo (porque lhe servem de embaraço as más circumstancias que tenho dito) , necessariamente hão de tomar hum movimento relaxado , sem vigor , e sem graça , e nunca mais se poderá remediar este erro , que se lhe augmentou com a má lição , e costume , o qual sem dúvida tem hum grande poder , e influxão sobre semelhantes animaes.

Os Cavallos , que nos seus principios tiverem todas , ou parte das más circumstancias , que tenho ponderado , devem ser tratados pelo direito , e quadrado em hum trote mais vivo , e diligente , do que se trotaassem na lição dos quatro circulos ; e logo que elles principiarem a entrar na mão , o Cavalleiro lhes deve ir fazendo algumas meias paradas , e paradas , tendo o corpo atrás , e firme , mas sem força , e da mesma fórma as suas mãos quanto baste , para que o Potro se vá brandamente detendo , e igualando nos seus movimentos , e vá seguinndo com as suas ancas as linhas parallelas das espaldas , e se vá unindo cada vez mais sobre a garupa.

Principiando elle a obedecer , deve o Cavalleiro render-lhe muitas vezes a mão , e fazer-lhe conhecer , e sentir as pernas quanto for preciso , para que vá para diante ; e sem forçar a mão , se determine a marchar com igualdade.

Não se devem dar aos Potros as lições muito dilatadas sem lhes dar folgo ; e quando os pararem , devem marcar-lhes as paradas de dous , ou mais tempos , se for preciso , para que o espinhaço , rins , e curvillhões não padeçam os esforços , que de os pararem de hum tempo , e forte , podem resfultar , maiormente em quanto elles por ignorantes andão defunidos , e desiguaes.

Faço esta recommendação , porque tenho observado que todas as vezes que o Cavalleiro pára o seu Cavallo forte , e de hum tempo nesta lição (sendo ainda Potro , e mal unido) elle , ao marcar da parada no primeiro tempo , entra com as pernas , e parte das ancas para baixo do seu corpo , e faz o segundo tempo das espaldas , recuando alguns passos para trás. Isto justifica bem não poder esta qualidade de paradas ser util para dispôr os Potros , que não tem governo , e que são mal formados , e fracos , ainda que ellas sirvão bem para render aquelles , que vão á mão , e que além da sufficiente idade , tem bastantes forças na garupa , rins , e curvillhões , e querem fazer dellas máo uso.

Sendo o Potro desigual , e torto no seu modo de se mover , o Cavalleiro o deve ir indireitando , principalmente das espaldas , fazendo-lhe muitas meias paradas , para que siga com as ancas as linhas parallelas das pistas das mãos , e para assim se ir regulando na igualdade dos seus movimentos , e dispondo para se firmar na mão , e sobre as ancas. O movimento do trote deve ser firme , e proprio á sua construcção , e possibilidade ; mas de forte regulado , que o Potro vá sempre para diante : advertindo que se elle entrar muito na mão , devem trotallo mais curto , e manso para se unir , e sentir com mais attenção as sensações das mãos , e pernas do Cavalleiro : isto serve tambem para lhe fazer recolher a cabeça , usar melhor da sua garupa , sem se entezar dos movimentos della , nem relaxar dos movimentos das espaldas.

He vèrdade que Newcastle recommenda não trotem os Potros nos seus principios em hum trote curto, unido, e detido, em quanto elles não estão flexiveis, desembaraçados, e iguaes; mas eu creio que esta flexibilidade, desembaraço, e igualdade, que elle recommenda, se lhe adquiere, regulando a lição aos Potros, e Cavallos pela sua disposição, e circumstancias, e não dar a toda a forte de Cavallos por uso, e costume o mesmo trabalho, e lição, pois a regularidade do movimento que lhe he proprio, he que constitue o Cavallo na vistosa acção, que se mostra na seguinte

ESTAMPA XVIII.

*Do Cavalleiro, dobrando hum Cavallo com o freio, e cabeção
na lição dos quatro circulos ao passo, e trote para
a esquerda.*

Advertencias sobre o modo de regular o trote aos Cavallos destinados para a lição dos quatro circulos.

SE o Potro for igualmente largo das suas espaldas, rins, e garupa, for curto do espinhaço, e por consequencia nervoso, e forte, então lhe devem formar hum trote diligente, ou bem avançado, seja por todo o comprimento do terreno, seja sobre os circulos, mas igual, para que da desigualdade não vão resultando aos Potros, ou Cavallos movimentos máos, que muitas vezes declinão em perniciosos vicios bem difficultosos de remediar.

Digo que seja o trote diligente, avançado, e igual a esta casta de Cavallos, para que elles sejam mais engraçados nos seus movimentos, repartão as suas forças com igualdade, e tenham o maior desembaraço que ellas, e a sua construcção lhes permitem: bem entendido, que ainda a estes mesmos, se elles se apoiarem muito sobre a mão, deve o Cavalleiro ir unindo, e pondo sobre a garupa.

Se o Potro, quando trotar, recolher para baixo do seu corpo mais huma, do que outra perna, cuidará muito o Cavalleiro em remediar este defeito. Se for a perna direita a que mais se avance para baixo do ventre do Potro, ou Cavallo, devem trabalhillo para a parte esquerda sobre hum curto circulo em hum trote unido, fazendo-o determinar o movimento com muita igualdade, a fim de que a sua perna direita faça hum circulo maior, e se dobre menos no quadril, curvilhão, e travadouro direito, e á proporção vá dobrando mais o quadril, curvilhão, e travadouro esquerdo.

Devem trabalhar menos para a mão direita o Cavallo que tiver este defeito, e sobre as linhas direitas: o seu trote deve ser mais avançado, sem o obrigar a que se dobre das cilhas para trás, sem lhe fazer para esta mão paradas fortes, nem ainda meias paradas; e se o Cavallo as precisar, devem ser feitas sobre a mão esquerda, para pouco a pouco lhe ir minorando o seu defeito: digo que se deve isto affim praticar, porque em quanto elle tiver este costume, ou natural, ou adquirido, não se-



Silva delia.

Froy sculp. Lit.

ferá duro das espaduas, e peçoço para a direita, nem finalmente deixará de voltar com facilidade para aquella parte, para onde elle abaixa, e recolhe a meia anca, e perna para baixo do corpo.

Da mesma forte se o Cavallo for irto, e tezo da sua perna direita, não a dobrando, e recolhendo bem para baixo do ventre, então lhe serve muito o trabalho dos circulos, tanto curtos, como largos para a direita, obrigando-o a que se dobre das cilhas para trás, principalmente para aquella mão, para que elle tem menos movimento.

Se o Potro, ou Cavallo se lançar mais sobre a espadua direita, que sobre a esquerda, além de o deitarem á guia para a mão direita, dando-lhe com ella alguns toques para trás, entrando elle para diante, e para o centro: depois de montado o Cavalleiro, deve trabalhar as redeas (seja do freio, e cabeção, ou correas de vencer) com a mão de dentro de unhas affima, e o dedo minimo inclinado para a sua espadua de fóra da volta, dando-lhe alguns toques para fóra, para que a espadua direita do Cavallo se vá unindo á espadua esquerda: bem entendido, para que vá unindo sempre a de dentro á de fóra. O mesmo se deve praticar, quando o Potro se lançar mais sobre a espadua esquerda que sobre a direita, trabalhando-o para a mão esquerda, da mesma forte que temos dito o trabalhem para a direita; mas em se vencendo a difficuldade, he necessario trabalhallo igualmente para huma, e outra parte.

Se o Potro for preguiçoso, e tiver pouca vontade de andar para diante, devem avançallo com hum trote alegre, e vivo; mas não tão comprido, que vá alcançando a cada passo com os pés as mãos, que isto he signal de não poder com movimento de trote tão largo, e tambem delle avançar mais para baixo do corpo huma, do que outra perna, ou por se alargar muito da garupa, marcando ambas as linhas das piftas dos pés por fóra das linhas das piftas das mãos.

Sendo a fraqueza a causa de se alcançar, então lhe devem formar hum trote mais unido, para que este fique sendo util ao Potro, tanto pelo que respeita á sua construcção, como á sua possibilidade.

Se o Potro se alargar das pernas, por não dobrar os curvillhões, o successivo trabalho dos circulos o fará usar bem dellas, e o seu trote deve ser diligente, fazendo-o tirar muitas vezes atrás (em quanto elle não se costumar) com brandura, e mansidão.

Se recolher a perna direita mais para baixo do seu ventre, e por isso se alcançar, quando o tirarem atrás, deve ser sobre a esquerda, e da mesma forte o devem trabalhar em circulos mais curtos para a esquerda, e mais largos para a direita; e em quanto trabalhar sobre os circulos para a esquerda, he bom fazer-lhe entrar as espaduas bem para o ponto do centro, e por consequencia fazer sahir a garupa á proporção para a circumferencia: e antes de o passarem de mão ferá conveniente fazello trabalhar alguma coufa com a cara contra a muralha, sem usar deste recurso, quando o fizerem passar da direita para a esquerda.

Motivos, por que o movimento das espaduas dos Potros podem ser desiguaes: e o modo de os remediar.

O Potro póde ter o movimento das suas espaduas desfigural, e perto da terra, por fer dellas pouco vigoroso; por alargar com excessão os curvilhões, tendo as pernas tezas para fóra do ventre; por fer baixo da agulha; por ter o movimento das espaduas froxo, e menos activo, e diligente que o da garupa; por ter as espaduas carnosas; por ter as canas, ou as canellas dos braços mais curtas, que os ossos das tibias, e canellas das pernas; por ter os joelhos encrunhados; e por fer demaziadamente quarteludo, ou topinho. Nestes casos sempre o devem trotar em hum movimento igual, e o mais proprio ás suas difficuldades.

Do Cavallo quarteludo.

SE o Potro tiver as quartelas compridas, o pesçoço comprido, e for alguma coufa fellado, o feu trote deve fer igual, e mais unido, para que não se vença, e relaxe tanto, que chegue a abandonar-se sobre a mão, ou se arruine dos rins, canas, e travadouros.

Do Cavallo topinho.

SE o Potro tiver as quartelas curtas, as mãos esquerdas, e os codilhos juntos, devem trotallo em hum trote igual, seguido, e vivo, e mais pelo direito, que sobre os circulos, fazendo-lhe muitas meias paradas, e fazendo-o trotar pelo largo na lição da espadua dentro, e na lição da cara contra a muralha; porque aos Cavallos, que tem estes defeitos, he muito difficullosa a lição dos quatro circulos.

Pignateli, La Brove, e Newcastle sem dúvida fazião trabalhar todo o genero de Potros, e Cavallos em hum trote proporcionado á sua construcção, e difficuldades; e logo que elles principiavão a obedecer, e a entrar na mão, certamente os mandavão unir por meio das meias paradas, das paradas, e falcadas, da lição do recuar, da lição das curvetas, e das mais diligencias, que se tem por meio da Arte descuberto mais proprias para unir os Cavallos, e pollos defembaraçados sobre a sua garupa.

Na lição dos quatro circulos mandava Newcastle indireitar aos Potros, e Cavallos as espaduas, trazendo o Cavalleiro muitas vezes a sua mão de fóra para o centro, tornando-a a levar ao feu lugar, não fó para as espaduas se unirem huma á outra, isto he, a de fóra á de dentro, se o Cavallo se lançava mais sobre ella, que sobre a de dentro; mas tambem para alliviar-lhe o sentimento, que produz o freio na boca sobre os affentos: isto he, bom para costumar o Cavallo a voltar com facilidade, para as espaduas se levantarem mais sobre a garupa, e para acudir melhor a huma, e outra redea.

Do modo de trazer a mão de fóra para o centro na lição dos quatro circulos.

A Mão esquerda, quando entra da direita para a esquerda, deve entrar alguma coufa de unhas abaixo; e quando entra da esquerda para a direita, deve entrar de unhas affima: os mesmos movimentos deve fazer a mão direita; advertindo que as mãos devem entrar da cernelha para o centro sómente quanto baste a fazer entrar, e indireitar o Potro no terreno para se formar bem na acção, em que trabalha.

Se o Cavallo precisar passar da lição dos quatro circulos para a lição do quadrado longo, ou quadrado regular, não he preciso que o Cavalleiro deixe de usar da sua perna de fóra, pois a mudança de ajudas neste caso não facilitão o Cavallo; e só quando voltar nos angulos, deve o joelho, e toda a perna do Cavalleiro da parte de fóra affroxar-se mais, e unir-se entre a primeira cilha, e a espadua, quando as mãos entrão para o centro, para que as ancas fiquem com mais liberdade, e sigão os quadris as linhas circulares, por que se conduzem as espadas.

He isto facil para a mão direita; mas para a mão esquerda tem mais difficuldade, maiormente se o Cavalleiro não costuma trabalhar as redeas do freio separadas, quando principia a formar aos Potros estas primeiras lições, pois este bom costume rende os Cavallos, que ainda ignorão, mais depressa flexiveis. Os mesmos Cavalleiros, seguindo a melhor opinião, sendo costumados a trabalhar as redeas separadas, quando são Principiantes, depois são mais iguaes nos seus movimentos para huma, e outra parte, do que sendo dispostos nos seus principios, sustentando sempre as redeas do freio unidas na mão esquerda, em quanto elles tem pouca facilidade, e defembaraço.

Tambem se deve entender que o Cavalleiro tira a sua mão para dentro, quando pucha pelas redeas de dentro, levando a mão até á caixa do fundo da sella. Este modo de tirar a mão para dentro serve para dobrar ao Cavallo o pescoço, cernelha, espadas, e corpo, tanto para huma, como para outra parte: advertindo que quanto mais a mão de dentro tira a redea, ou redeas para trás da caixa do fundo da sella, tanto mais o Cavallo se dobra, e abaixa a cabeça.

Newcastle mandava aos seus discipulos trazer as redeas separadas, quando principiavão a formar os Potros na lição dos quatro circulos; mas a mão de dentro, além de trabalhar de unhas affima, queria que andasse alguma coufa mais alta, que a de fóra, como se vê nas Estampas da sua Obra, a fim de que o Cavallo se dobrasse, dando o bico para dentro, sem abaixar tanto a cabeça. Porém como a constructura dos Cavallos, as suas disposições, e difficuldades differem sempre muito em huns dos outros, he forçofo ao Cavalleiro suster, e trazer a mão destes dous modos para dentro, e escolher aquelle, que vir he mais util ao Cavallo para o reduzir com mais facilidade, e com mais graça no modo de se mover, e de se dobrar.

Estas, e outras reflexões devem fazer os Cavalleiros para utilizar a lição aos
 Dd ii seus

feus Cavallos, e não obstante o modo de os trotar, em attenção ás suas difficuldades, deve sempre variar segundo a occasião, e o caso, ou circumstancias do animal o pedirem.

A' proporção do desembaraço, e obediencia que o Potro vai tendo á mão, ás pernas, e mais movimentos, e ajudas, que para o render obediente lhe ministra o Cavalleiro, o deve este ir continuando a dispôr pela lição dos quatro circulos, trazendo-o muitas vezes de outras a esta lição, passando-o tambem desta áquella, que lhe parecer mais conveniente, ou tambem parando-o, quando elle faz alguns passos bem; pois que sendo isto assim praticado, he hum modo admiravel de desembaraçar os Potros, maiormente sendo applicada esta lição por hum Cavalleiro, que sabe conhecer bem as suas difficuldades. Finalmente, o Potro quando trabalha na lição dos quatro circulos para a esquerda, deve formar-se na acção, que se mostra na Est. XVIII., e marcar o terreno, como se vê nas pistas da

E S T A M P A XIX.

Na qual se mostra o modo, com que o Cavallo marca no terreno com os pés, e mãos os circulos de quatro pistas para a esquerda, ao passo, e trote: e o modo de formar as passagens de mão.

A Pista da mão esquerda marca o circulo N. 1. da Fig. 1. a da mão direita o do N. 2., a do pé esquerdo o N. 3., e a do pé direito o N. 4. da maior circumferencia.

Já disse o modo de passar de mão da direita para a esquerda; agora direi como se fórmão as passagens de mão mais faccis, fazendo passar o Cavallo da esquerda para a direita.

Estando o Potro, ou Cavallo com mais facilidade, e obediencia, se pôde obrigar a partir das linhas da maior circumferencia, que vai marcando com as pistas da garupa, como se vê na Fig. 1., e da letra E sair dous, ou tres comprimentos do corpo do mesmo Cavallo pouco mais, ou menos, fazendo-o marchar sobre linhas rectas da Fig. 1. para a Fig. 2., e da letra F obrigarlo com a mão direita, trazendo-a de unhas affima para o centro, fazendo-o marchar até á letra G para ir completar pelo meio circulo do angulo, ou linhas de pontinhos a passagem sobre as linhas da letra H, em que lhe deve fazer entrar as espaduas para o centro, e continuar a marcar o terreno, como se mostra nas pistas da Fig. 1. Est. XIX.; e chegando ao vertice do angulo sobre as linhas dos circulos da Fig. 1., deve o Cavalleiro, no tempo em que desdobra o Cavallo da esquerda para a direita, trazer a sua mão esquerda de fóra para o centro, affroxar as redeas esquerdas, fortalecer as direitas, pôr a mão esquerda de unhas abaixo, e a direita de unhas affima, avançar o seu quadril, e espadua esquerda, atrazar a espadua, e quadril direito, fortalecendo (em elle entrando com as espaduas para o centro) a senfação da perna

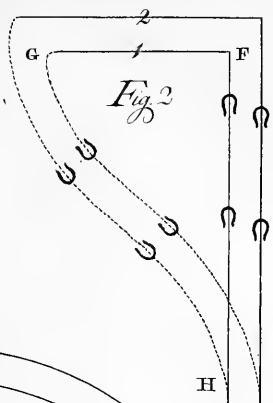


Figura 1

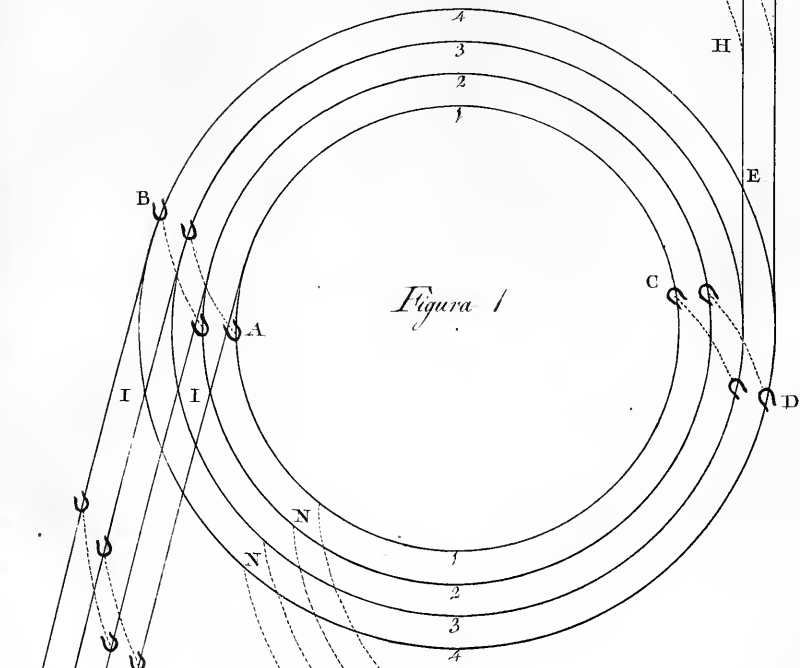
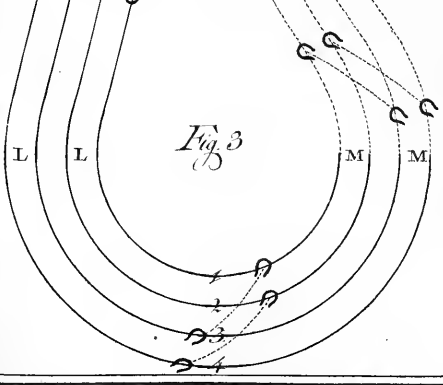


Fig 3



na direita mais atrás das cilhas, unindo a esquerda entre a primeira cilha, e a espadua, reforçando, e modificando a actividade de todas estas sensações, de forte que em hum movimento igual vá conduzindo, e formando o Cavallo na acção que se mostra na Est. XVI. A mesma igualdade de acção lhe devem fazer observar, quando o fazem passar de mão da direita para a esquerda, como se vê na Est. XVIII.

Se o Cavallo quando o passo de mão sobre o angulo recto fica muito para trás, ou entra muito para diante, elle se lança mais para huma, que para outra parte, desigualando-se dos movimentos dos braços, e ancas, devem arredondallo das suas espaduas, e garupa sobre hum circulo já de duas, ou de quatro pistas, como se vê na Fig. 3. Est. XIX.; advertindo que logo que dão principio á passagem, devem segurar-lhe as espaduas pelas linhas da letra I bem para o centro, e fazer-lhe sair a garupa bem para a circumferencia: e logo que elle chega ás linhas da letra L, devem fazello voltar algumas vezes sobre hum pequeno circulo até elle se determinar com mais facilidade, e obediencia ás mãos, e pernas do Cavalleiro, então da letra L, e M o irão fazer completar a passagem N da Fig. 3. para a Fig. 1.

O Cavallo quando fórma esta passagem, ou os semicirculos de que tratamos, marca a linha N. 1. com a pista da mão esquerda o N. 2., com a pista da mão direita o N. 3., com a pista do pé esquerdo, e com a pista do pé direito o N. 4., como se vê nas pistas da Fig. 3.

A garupa faz maior gyro que as espaduas, tanto para a direita, como para a esquerda: logo por consequencia as espaduas terão menos movimento sobre a direita, e sobre a esquerda. O Cavallo por meio desta lição entra na mão, e adquire a facilidade de voltar com promptidão para huma, e outra parte.

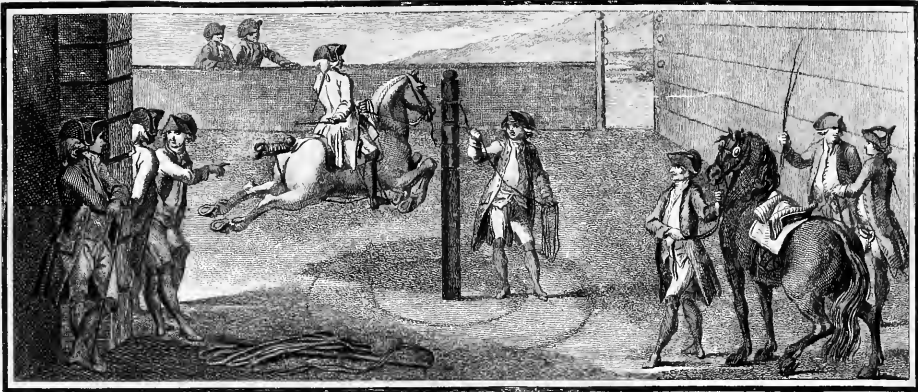
Finalmente quando os semicirculos são formados junto a algum dos angulos do Picadeiro, os lados da parede do comprimento, e do quadrado amparão muito as espaduas, e garupa ao Cavallo, e por isso he este sitio melhor para este fim, que o meio do terreno, se bem que em elle estando menos obstinado nos seus erros, quando fórma os semicirculos no meio do terreno, são mais vistosos, e o Cavallo se fórma na acção com mais igualdade, e desembaraço.

O trote he o fundamento do galope; e ainda que o movimento do trote he cruzado, e opposto, e o galope he hum seguimento de dous balanços, formado de movimentos iguaes de braços, e pernas, com tudo o Cavallo, que trotar bem, galopará bem; e sendo isto certo, na segunda Parte continuaremos a mostrar a origem do movimento chamado galope, e o modo de formar as mais lições, que se devem praticar nas Escolas bem reguladas.



L U Z
D A L I B E R A L,
E
N O B R E A R T E
D A
C A V A L L A R I A.

PARTE SEGUNDA.



Silva del.

Frois Scalp.

L I V R O VI.

A R G U M E N T O.

Mostra-se qual he a origem do movimento chamado Galope ; e que cousa he a Carreira: Lição dos quatro circulos para a direita, e para a esquerda : Lição da cara contra a muralha, ou testa ao muro, ao passo, e trote. Que cousa he a Passada: Lição da garupa ao pilão, ao passo, e trote: Lição da volta ao revéz, ao passo, e trote. Trata-se de como se passa o Cavallo no seu comprimento, e da Lição de terra a terra com o freio, e cabeção.



OR meio de diversas sensações se obrigão os Cavallos a fazer huns movimentos proporcionados á vontade do Cavalleiro ; porque a mão suprema do increado Ser fez huma tal , e tão propria disposição de órgãos nos Cavallos para serviço dos homens , que a huma sensação se seguem huns movimentos propios a ella , ou ao toque , pelo qual o Cavalleiro a excita ; e a humas sensações huns movimentos, e a outras outros, &c. como se vê em todos os Cavallos, que todos correspondem de hum mesmo modo ás diversas sensações , e castigos , proporcionando o prestimo, a graça, e promptidão dos seus movimentos pelo seu poder, e sensibilidade; por isso he sem dúvida que as operações admiraveis dos Cavallos são huns movimentos do seu corpo , e membros , que maquinalmente se communicão huns aos outros.

Os espiritos animaes enchem todos os seus musculos , de forte que elles se vão por effeito dos toques, de que trato , contrahindo , e comprimindo até fazerem

Em rem

rem aquelle determinado movimento , que o Cavalleiro por meio das fenfações , que lhe applica , pertende que faça o feu Cavallo : logo quem obriga a determinar os espiritos animaes para fazerem ora huns , ora outros movimentos , são as diversas fenfações , que pelos fentidos externos se fazem presentes ao cerebro.

Na corporea máquina do Cavallo ha huns membros meramente sensorios , pelos quaes se excitão os movimentos maquinaes ; e outros , que servem para a determinação dos membros externos , e por todos estes membros , ou nervos se difundem , e movem os espiritos animaes , de forte que pelos membros sensorios principia o movimento ; e da parte externa se vai assim communicando até ao cerebro. Então os nervos , que servem ao movimento , se participão da determinação dos espiritos animaes , que do cerebro se continuão até ao nervo que se move. Logo desta maneira os movimentos , que se communicão aos nervos sensorios , são effeitos do toque externo ; e o movimento de todos os outros nervos tem a sua origem no cerebro , por isso os animaes de huma mesma especie tem semelhança nos órgãos (como digo) , e correspondem a cada diversa fenfação com movimentos diversos ; exemplo : Pucha o Cavalleiro pela redea direita , aperta logo a embocadura , e barbela da parte esquerda da boca do Cavallo , e elle volta para a direita por fugir da oppressão , que lhe faz a embocadura do freio sobre os assentos , e a barbela sobre a barbada da parte esquerda.

Não se deve entender que pertendo provar que ha Cavallos , que tenham a mesma disposição de órgãos , que tem outros sem alguma differença ; antes quando digo que todos os Cavallos tem as mesmas operações , fallo em commum , sem attender ás muitas particularidades naturaes , e accidentaes de cada hum.

Os Cavallos , assim como todos os mais brutos , fogem do que lhes dá trabalho , e buscão o descanso , por isso os Cavalleiros tem descoberto o modo , e termos desta Arte , com que pelo ensino os fazem determinar a varios movimentos ; e em todas as operações , que fazem pelo mesmo ensino , fogem de alguma cousa , de que não gostão , e buscão aquella , que lhes he menos penosa. Quando o Cavalleiro dá com a esporra no Cavallo , este se move de forte que foge não da esporra , mas sim do toque com que o ferirão naquella parte do corpo , onde lhe derão com ella.

Muitas vezes repito que os Cavalleiros devem usar dos castigos com muita moderação , e brandura , para conservarem mais a sensibilidade nos Cavallos ; e com effeito não posso negar que o toque externo excita a fenfação , e ella os movimentos , e pela sua distribuição he que os Cavallos fórmão aquellas acções , que delles exigem os Cavalleiros. Logo por consequencia tudo vai á força de pancadas mais , ou menos fortes das redeas , das esporas , da vara , do agoute , do freio , e do cabeção , &c. como sabem todos os Picadores ; mas a bem applicada modificação destas pancadas rende os Cavallos mais sensiveis.

Determinando o Cavallo os seus movimentos com liberdade , e desembaraço , elle naturalmente trotando levanta a mão com tal acceleração que a segue com o pé da mesma parte , como se se dispuzesse para formar hum salto , e para alcançar mais terreno : elle fórma hum balanço com as espaldas , estende-se sobre elle , e
após

após isso está a garupa na precisão de seguir com o feu balanço o das espadas, porque affim alternativamente vai formando o movimento do verdadeiro galope.

O movimento do trote, sendo diligente, procede da docilidade, e igualdade dos membros de todo o corpo do Cavallo : o movimento do galope procede da ligeireza, e união dos musculos, e ligamentos das espadas, e garupa, da sua resolução, da quantidade das suas forças, e da sua natural agilidade. Logo sendo o trote diligente, participa tambem huma facilidade grande á determinação do galope. Quando os movimentos do Cavallo são livres, fortes, e desembaraçados, e tem adquirido, por meio da lição do trote, huma boa igualdade para determinar o balanço das espadas, e garupa, estes movimentos pela precipitação do balanço das espadas, obrigão o animal a entrar mais no apoio, e obediencia da mão do Cavalleiro.

Se o Cavallo se levanta do movimento do passo, ao movimento do galope, mostra que póde exigir das suas forças, e resolução os balanços da sua galopada; advertindo que todos determinão os movimentos mais facilmente para galopar pelo direito, do que trabalhando sobre os circulos; mas sobre elles facilitão-se mais do que pelo direito. Ha hum galope chamado *natural*, ha outro a quem denominão *avanzado*, ha o galope *detido*, e o galope *levantado*, ou *relevado*, como direi nos seus respectivos lugares.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, quando faz galopar qualquer Cavallo.

1 **D**Eve o Cavalleiro sentar-se bem no meio da sella para alcançar melhor o ponto do equilibrio, sendo em toda a sua figura desembaraçado, flexivel, e firme sem affectação.

2 Deve ter, ou conservar a sua cabeça direita por entre as orelhas do Cavallo; e quando este se conduz sobre linhas curvas, deve o tronco do corpo do Cavalleiro, e a sua cabeça voltar-se alguma coufa mais sobre aquella parte, para onde o Cavallo olha, á proporção do que este se dobra, ou da estreiteza do terreno em que se move.

3 Deve ter as suas mãos adiante de si tres pollegadas pouco mais, ou menos distante do cepilho da sella para diante, e outras tantas elevadas delle para cima: advertindo que se o Cavallo não obedecer, devem as mãos levantar-se, ou abaihar-se de modo que possão conseguir da boca do animal o apoio que se pertende.

4 Deve conservar-se o corpo da cintura para cima flexivel, e da mesma forte as pernas do joelho para baixo, para consentir no balanço, que o Cavallo faz no feu galope; mas sem fazer desconcertados movimentos com o corpo, mãos, e pernas.

5 Deve sempre avançar a espada daquella parte, donde o Cavallo atraza a sua, e por consequencia atrazar á proporção a daquella parte, donde o animal adianta a sua para apresentar á vista na symmetria de toda a figura hum espectáculo agradavel.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos Cavallos, quando se formão na acção da galopada.

- 1 **D**Eve o Cavallo , quando anda para a mão direita , avançando esta mais que a esquerda, avançar o pé direito mais que o esquerdo.
- 2 Deve, galopando fobre a esquerda, avançar a mão esquerda mais que a direita, e da mesma forte o pé esquerdo mais que o direito.
- 3 Deve sempre olhar, e dobrar-se pelo seu pescoço, e corpo igualmente para aquella parte para onde avança mais a mão, e pé.
- 4 Deve na determinação do balanço do galope ser igual, marcando dous tempos no balanço das espaduas, e outros dous no balanço da garupa, ou distribua o seu movimento com maior, ou menor velocidade.
- 5 Deve trazer a sua cabeça de forte perpendicular, que veja bem o terreno por onde anda.

Tem o Cavallo, quando galopa, dous movimentos principaes, hum das espaduas, outro da garupa: com estes dous movimentos fórma duas acções, huma para a mão direita, outra para a mão esquerda: á primeira chamão *galopar sobre o pé direito*, á segunda *galopar sobre o pé esquerdo*; porém em cada huma destas acções he preciso que a mão da parte, para onde o Cavallo olha, e se dobra, avance, e principie a caminhar seguida do pé da mesma parte.

Quando galopar fobre a direita, depois de haver ajuntado as forças das suas ancas para ajudar a determinação dos movimentos das espaduas, estas se levantarão, e a mão direita fará na terra a sua posição mais adiante da esquerda, ella alcançará mais terreno; mas o pezo das espaduas será sustentado mais pela mão esquerda, que pela direita, porque a mão esquerda obrigada do balanço das espaduas, irá fazer a sua posição mais debaixo do ponto de gravidade. A garupa segue as espaduas, e o pé direito vai seguindo o movimento, e acção da mão direita, e faz a sua posição adiante do pé esquerdo: une-se o direito mais ao ponto de gravidade, principalmente quando o Cavallo trabalha fobre os circulos, e por isso sustenta mais o pezo da garupa, e ajuda, quando entra bem para baixo do corpo, a sustentar o pezo do ventre, e do thorax: logo o pé esquerdo, e a mão direita, por ficarem mais fóra do ponto de gravidade, necessariamente devem sustentar menos o pezo, que o pé direito, e a mão esquerda, em quanto o animal anda dobrado para a mão direita.

Quando galopa fobre a esquerda, ajunta as forças das ancas (assim como faz para a mão direita) para ajudar a determinação dos movimentos das espaduas; e depois destas se haverem levantado, a mão esquerda faz a sua posição mais adiante da mão direita, alcança mais terreno; mas o pezo das espaduas he sustentado mais pela mão direita, porque faz a sua posição mais debaixo do ponto de gravidade. A mão direita sahe do ponto de gravidade, ou equilibrio, galopando o Cavallo para a direita, porque a força centrifuga a faz avançar pela dobra do corpo, e levantar mais que a esquerda, de modo que pela dilatação do seu movimento se põe na terra, quan-

quando já se tem firmado a maior parte do pezo das espadas sobre a mão esquerda, e esta fica pela sua menor elevação, e dilatação de movimento mais perto da terra, e da linha perpendicular, e por isso ella he o mais prompto sustentaculo, que o Cavallo acha para se firmar, em quanto se dobra para a direita.

O pé direito, ainda que se levanta, e avança mais que o esquerdo, como entra para baixo do corpo, e linha perpendicular, sustenta mais o pezo da garupa, e do corpo que o pé esquerdo, por consequencia a mão direita fica mais fóra do ponto de gravidade, porque se avança além da pista da mão esquerda, e o pé esquerdo, porque se não póde avançar.

A mão esquerda fahe mais do ponto do equilibrio, galopando o Cavallo para a esquerda, porque a força centrifuga da dobra do corpo a faz avançar, e levantar mais que a direita, de forte que pela elevação, e dilatação do seu movimento se põe na terra, quando já se tem firmado o pezo das espadas sobre a mão direita, esta fica mais perto da linha perpendicular, e da terra: motivos, por que elle se firma primeiro sobre ella, que sobre a esquerda, quando vai galopando para esta parte. O pé esquerdo, ainda que se levanta, e avança mais que o direito, como entra mais para baixo do corpo, e linha perpendicular, sustenta mais o pezo, que o direito: por consequencia a mão esquerda fica mais distante do ponto de gravidade, porque se avança, e o pé direito, porque se alarga das linhas perpendiculares, e paralelas das mãos; e quanto mais o Cavallo se dobra na ligação do galope, tanto mais a mão de fóra, e o pé de dentro hão de supportar o pezo, seja galopando sobre a direita, seja galopando sobre a esquerda.

Logo que o Cavallo galopa bem para a direita, preparando-se (como já disse) para avançar as espadas, e mais partes do corpo, o pé esquerdo N. 1. Est. XX. se firma na terra. Segue-o o direito N. 2., dobra-se o Cavallo para esta parte, firma-se sobre as ancas para formar o seu salto, e depois põe na terra a mão esquerda N. 3., fazendo finalmente a mão direita N. 4. a ultima posição. De forte que na situação das mãos, e pés oppostos, como ao trote, não ha ordinariamente senão hum balanço das espadas, e outro da garupa sensíveis á vista, posto que o ouvido perceba fazer o Cavallo em cada salto, ou balanço inteiro do seu galope, quatro tempos distinctos.

O mesmo se deve entender, quando elle sobre o quadrado longo, e sobre o quadrado regular galopa sobre a mão esquerda. Então o pé direito N. 1. Est. XXI. marca a primeira pista, o pé esquerdo N. 2. a segunda, a mão direita N. 3. a terceira; e finalmente a mão esquerda N. 4., que está mais avançada que a direita, marca a ultima pista, ou posição: advertindo que sempre quando o Cavallo galopar, o pé, e mão de dentro se levantão mais do terreno, que o pé, e mão de fóra, como se vê na seguinte Estampa.

Do Serenissimo Principe D. José, formando hum Cavallo na lição, e acção do galope, alguma cousa dobrado para a direita sobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro.

PAffo a referir a belleza, e boa ordem, com que Sua Alteza o Senhor D. José Principe do Brazil, por sensações adequadas, fazia determinar os movimentos dos Cavallos, em que andava, quando os pertendia formar na lição, e acção do galope sobre a direita, obrigando-os com o freio, e cabeção, para que, seguindo este methodo, os Cavalleiros ponhão em prática esta lição com aquella boa ordem com que Sua Alteza a executava.

Foi S. A. fummamente applicado á Nobre Arte da Cavallaria, e era o melhor modêlo das virtudes, as mais heroicas de seu Augusto Avô o Senhor Rei D. José I. Foi outro semelhante amator das Virtudes, das Sciencias, e das Artes: era dotado de huma viva penetração de discurso, de huma memoria muito feliz, de huma figura, e presença Magestosa, e Gentil. E elle se applicava tanto a esta bella Arte, porque conhecia na sua origem as suas interessantes utilidades.

Fu vi em Salvaterra o Senhor Rei D. José I. pôr a cavallo pela primeira vez a S. A.: que tendo apenas sete annos, quando todos se persuadião que estaria fatigado; querendo Sua Magestade fazello apeiar, mostrou S. A. tanto gosto de continuar, que Sua Magestade se vio precisado a deixallo andar a cavallo hum grande espaço do dia; e daquelle tempo até ao do seu sempre lamentavel falecimento, continuou com o mesmo fervor, e gosto neste exercicio verdadeiramente proprio dos Principes, com a mais assidua applicação, e de tal forte, que os mais abalizados Professores o chegarão a ver manejar esta Nobre Arte com pública, e geral aclamação de todos; pois S. A. era sem dúvida mais applicado a ella, do que entre os Persas, Gregos, e Romanos o forão aquelles Principes, que nella se distinguirão mais famofos.

Pelo decurso desta Obra escrevo algumas memorias do modo com que manejavão esta Arte o Senhor Rei D. José I., e o Serenissimo Senhor D. José Principe do Brazil, como tambem da perfeição com que a pôe em prática S. A. o Serenissimo Senhor D. João, Principe de Portugal, e o Excellentissimo Marquez de Marialva D. Pedro José de Alcantara Antonio Luiz de Menezes, Estribeiro Mór de Suas Magestades Fidelissimas, para me poupar ao trabalho de buscar outros modêlos, e exemplos das doutrinas desta Arte, quando pelos referidos Senhores vi praticadas as maiores delicadezas até agora descubertas, como faço tenção de mostrar com a clareza que me for possivel.



Silva delin.

Froy sculp

Lição do galope, fazendo marchar o Cavallo sobre a direita.

Quando S. A. queria fazer galopar qualquer Cavallo para a direita, firmava a sua mão esquerda tres pollegadas pouco mais, ou menos affima do cepilho da fella, e outras tantas delle avançada para diante com as unhas alguma cousa voltadas para fima, e a mão direita na mesma acção defronte da esquerda, para lhe fazer sentir desta forte igualmente as sensações de ambas as redeas. Depois disto, tendo o seu corpo atrás, firme, e bem no meio da fella, animava toda a sua bella figura, unia as pernas ao ventre do Cavallo, fortalecia a esquerda mais, de forte que por effeito de todas estas sensações, o Cavallo se deixava encruzar entre as forças das redeas direitas, e da perna esquerda, e então por meio de todas estas bem appropriadas diligencias, elle se determinava a galopar com a regularidade, e boa ordem que se vê na Est. XX. E S. A. como bom, e perfeito Cavalleiro, se o Cavallo não lhe obedecia bem, tendo as mãos nas referidas distancias, promptamente lhe segurava as redeas, tendo as mãos naquella altura, em que exigião do animal huma obediencia prompta, e hum apoio suave, e firme.

Logo, conforme a segunda Lei desta lição, avançava S. A. a espadua esquerda, atrazava a direita á proporção da dobra, que fazia observar no corpo do seu Cavallo: e assim alternativamente o obrigava a que determinasse o balanço do galope com igualdade, ou elle o fosse distribuindo com maior, ou menor velocidade. Galopando o Cavallo dobrado para a direita, fica o seu corpo desta parte concavo, e da esquerda convexo, e por consequencia ficão o pé, e mão de fóra mais perto da terra: se galopar sobre linhas rectas, naturalmente se moverá com mais liberdade; e se galopar sobre circulos, já de duas, já de quatro pifas, quanto menor for o circulo em que andar, mais lhe custará a avançar, e metter o pé, e a perna de dentro do centro para baixo do seu corpo, como em outros lugares se pondera.

Galopando com as espadas para o centro, marcando as pifas das mãos os circulos menores, e as da garupa os circulos maiores, precisamente o Cavallo principia a caminhar, avançando a mão, e pé de dentro da volta; porém neste trabalho em marcando quatro pifas, não póde com as dos pés alcançar as pifas das mãos, como faz muitas vezes, determinando os seus movimentos sobre linhas rectas, porque sempre avança o pé, e a mão da parte para onde elle olha, e se dobra com hum movimento mais, ou menos curvo.

S. A. obrigava os Cavallos, de maneira que elles determinavão os seus movimentos, formando o galope da picaria diligente, levantado, unido, e igual, já quando os fazia trabalhar sobre circulos maiores, já trabalhando-os sobre circulos menores, linhas do quadrado, ou por todo o comprimento do terreno, igualando-os cada vez mais nos movimentos das espadas, e garupa com as sensações das suas mãos, e pernas, como tambem com o equilibrio do corpo, e modo de contrapezar sobre os estribos, fortalecendo, e modificando a actividade de todas as referidas sensações pela disposição com que o animal as recebia: até que pelas re-

petidas lições o formava no galope mais proprio á sua construcção , e possibilidade. Todos os Cavalheiros devem seguir esta boa ordem, não só porque S. A. assim o praticava , mas porque a boa razão nos persuade ser este o melhor methodo de formar aos Cavallos o verdadeiro galope , adoptado por todos os Authores, e scientes desta Arte.

Modo, pelo qual S. A. fazia passar de mão qualquer Cavallo, galopando da direita para a esquerda.

Sua Alteza fazia passar de mão qualquer Cavallo da direita para a esquerda, quando o achava mais igual no seu movimento, mais facil na mão, e mais bem situado no terreno : então ordinariamente o obrigava a fazer a passagem sobre o tempo das espaduas, por serem estas passagens de mão aquellas, que obrigão menos aos Cavallos as forças dos rins, garupa, e curvilhões. Ora logo que S. A. intentava formar a passagem de mão, animava toda a sua figura á proporção da actividade, com que o Cavallo determinava os seus movimentos; e tendo S. A. o seu corpo mais alguma cousa atrás, e firme, unia as pernas ao ventre do Cavallo, a esquerda mais atrás das cilhas para segurar-lhe a garupa, e a direita entre a primeira cilha, e a espadua, para o indireitar entre ambas as redeas, e ambas as pernas. Depois o obrigava a formar da extremidade da linha do comprimento da muralha para o centro hum angulo obtuso Est. IV. Fig. 6., e da letra O, pelo meio circulo do angulo para a linha Q, no tempo, em que chegava ao lugar da passagem, (ou S. A. a formasse sobre este, ou outro angulo) instantaneamente avançava a sua espadua direita, atrazava a esquerda, affroxava as redeas direitas, voltando a mão direita alguma cousa de unhas abaixo, segurava as redeas esquerdas, tendo a mão esquerda alguma cousa mais de unhas affima, avançava o seu quadril direito, atrazava o esquerdo, affroxava as sensações da perna esquerda, fortalecia as da perna direita, acordando todos estes movimentos com tanta propriedade, e promptidão, que o Cavallo por effeito de todas estas sensações, do vertice do angulo trazia as espaduas no tempo do seu balanço da direita para a esquerda, e elle mudava de acção por ficar obrigado a avançar a parte esquerda, como antes de fazer a passagem avançava a direita.

Obrigado o Cavallo das sensações já referidas, faz todos estes movimentos, em quanto o balanço da garupa se continúa para as espaduas, para que quando ellas descem com o balanço das ancas, se completar a passagem, mudando também a acção da sua garupa, a fim de continuar a galopar sobre a esquerda na mesma brilhante acção, em que elle galopava para a direita, antes de passar de mão.

Da razão, por que os Cavallos galopão falso.

OCavallo, que principia a caminhar, avançando a mão, e pé de fóra daquella parte para onde elle olha, e está dobrado, não vai como deve, e dizemos galopa falso; pois se elle olha, volta, e se dobra para a mão direita, esta, e o pé

direito devem cada hum no seu tempo avançar-se mais que a mão , e o pé esquerdo. O mesmo se deve entender , quando elle anda para a mão esquerda ; sendo então esta a que principie a caminhar, seguida do pé da mesma parte, avançando-se cada hum no seu tempo , como fica ponderado a respeito de avançar-se para a mão direita.

Logo que o Cavallo olha, e se dobra para a direita , e principia a caminhar com a mão, e pé esquerdo, elle vai falso sobre a sua mão, e pé. E se galopar dobrado para a mão esquerda, e principiar a caminhar com a mão, e pé direito, irá da mesma forte falso sobre a mão, e pé. A causa desta chamada falsidade procede da defunião com que o movimento das espadas, e garupa desmanchão a acção, com que o Cavallo deve formar o balanço do galope, seja galopando sobre a direita, ou sobre a esquerda. O pé, e a mão, que trabalham da parte do centro para onde o Cavallo olha, e se dobra, precisamente devem avançar-se mais, a fim de que a mão de dentro possa alcançar, ou abraçar mais o terreno para a parte, para a qual anda (conforme a primeira, e segunda lei desta lição), e a mão de fóra, e o pé de dentro entrem para o ponto de gravidade, e possam sustentar o pezo de toda a máquina com mais facilidade. Isto supposto, a perna de fóra como não póde alcançar a linha perpendicular do pezo, ou ponto de gravidade, he preciso esforçar mais o seu movimento, que a de dentro, para avançar, e fazer bem o seu gyro.

Estas regras são geraes para a exactidão do movimento do galope: logo quando o Cavallo vai falso, seja para huma, ou para outra parte, além da irregularidade, vai no risco de cair, principalmente quando volta; porém esta regra não he rigorosa para os Cavallos destinados para a campanha, e com aquelles, que ferverem para correr fóra do Picadeiro na estrada, e campo, antes devem estes galopar indifferentemente para huma, e outra mão, como em seus lugares digo.

Causas, por que os Cavallos facilmente se desunem das espadas.

COM dous movimentos se desunem os Cavallos galopando: hum das espadas, outro da garupa. Desunem-se das espadas, avançando a mão de fóra; desunem-se da garupa, avançando o pé de fóra; e de tal forte he desordenado este movimento desunido, que além de incomodar o Cavalleiro, faz perder a graça, e o bom tempo do balanço do galope, dispondo o Cavallo para com facilidade cair, maiormente quando volta, por ser este movimento contra a natureza do verdadeiro galope. He certo que se houverem formado os Cavallos na lição do trote nos seus principios com movimento, que lhes seja improprio pela sua maior, ou menor velocidade, ou dobrando-os mal, deixando-os romper o pescoco, elles se lançarão com desigualdade de movimentos, e de acção, principalmente sobre a espada de fóra.

Tambem serão desiguaes os seus movimentos das espadas, quando os fizerem galopar, e ainda trotar por costume, mais para huma, que para outra parte. Da mesma forte se os trotarem em hum trote demaziadamente largo, e desmedido

com as suas forças, e construção, em não podendo soffrer movimentos tão largos, hão de relaxar-se dos das espaldas, e hão de adquirir vícios consideraveis, principalmente, o de se desunirem tambem muitas vezes das espaldas, quando devem galopar unidos sobre o pé, e mão da parte concava, ou do centro no Picadeiro com a graça, e boa ordem que se vê na Est. XX.

Se o Cavallo for pela estrada com a cabeça direita, determinando os seus movimentos sobre linhas rectas, póde dar principio ao galope, seja marchando para a mão direita, seja para a esquerda: com tanto porém que se avance a mão, e pé daquella parte, para onde elle olha, ou se inclina mais na sua direcção; porque ou avançando a mão direita, e pé direito, ou avançando a mão esquerda, e o pé esquerdo, já mais galopa falso, antes vai em galope certo; mas como pela maior parte succede mais vezes voltar sobre a direita, que sobre a esquerda na estrada, na caça, e na guerra, por estas razões está mais em uso galopar mais sobre a direita, que sobre a esquerda. Sem embargo disso ha Cavalleiros, que fazem mudar de pé, e mão aos seus Cavallos para lhes alliviar a perna de fóra, que he a que se esforça mais no seu movimento, pela maior distancia em que fica do ponto de gravidade, como tenho ponderado.

Os Cavallos tem quatro movimentos, com que fórmão quatro tempos com os pés, e mãos, quando galopão, e he extremamente difficil sentir estes tempos na sua exactidão, em quanto não se desunem; mas desunindo-se, ou falseando, logo o Cavalleiro sente o encontro do movimento, de forte que se conhece se a desunião he das espaldas, ou da garupa.

Das causas, por que os Cavallos se desunem da garupa.

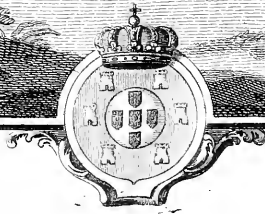
POR muitas causas se desunem os Cavallos: huma porque os Cavalleiros ignorão o bom modo com que as juntas das espaldas devem jogar bem nas articulações dos omoplatos Est. III. Num. 27., ou tambem porque não alcançãõ a razão, por que os ligamentos (N. 25. até ao N. 32. da referida Est.) devem fazer as suas funções com hum livre, e igual movimento; outra por estar o Cavallo mal costumado a determinar bem o seu trote, isto he, pelo haverem disposto mal, trotando-o em hum grande trote, quando elle pela sua agilidade, possibilidade, e construção devia ser trotado em hum trote curto, unido, e vivo. Semelhantes effeitos lhes resultãõ tambem de os haverem trotado em hum trote curto, e unido, quando elles por serem robustos, fortes, e nervosos precisavãõ ser dispostos, e desembaraçados por meio de hum grande trote. Segue-se que o Cavalleiro deve conhecer das difficuldades dos Cavallos bem como S. A., para lhes regular a lição, de fórma que ella lhes seja util. Por isso tanto recommendo em todas as lições o cuidado que se deve ter, em que todos os movimentos dos Cavallos sejam iguaes na sua determinação, e dobra, assim para huma, como para outra mão.

Só he permittido dobrar o Cavallo com desigualdade para remediar os seus defeitos, principalmente das espaldas; pois quando elle chega a ser igual no movimento, situação, e desembaraço dellas, obedece facilmente á mão, e ás pernas do



Al genl. Campesano de T. de ...
- Juan Creador de ... el 17 de Mayo de 1789

obra del.



do Cavalleiro; e pelo contrario se ufa mal das espadas, ainda que dobre muito o pesçoço, e segure a garupa, nem sempre o faz por sujeição, e obediencia, mas sim muitas vezes elle se dobra com excessõ por buscar alguma defeza com que possa eximir-se da sujeição de se endireitar em todos os seus movimentos, com a boa direcção, que o Cavalleiro pretende. Defunem-se tambem muitas vezes por alliviar a parte de fóra: defunem-se por se oppôr á vontade do Cavalleiro: defunem-se por não determinar os seus movimentos pelas sensações que lhes fazem, seja por serem ellas mal applicadas, ou porque os Cavallos ignorem ainda o seu uso: defunem-se por estar arruinados de algumas das partes do corpo, principalmente das molestias, que elles com facilidade adquirem nos curvillhões, pois a fraqueza, e a dor que a molestia lhes causa os faz defunir muitas vezes da garupa. Tambem se defunem, por serem sensiveis do focinho, boca, e ventre: defunem-se por ter o Cavalleiro pouco assento de sella, pouca firmeza nas mãos, e pernas, ou porque o jogo das sensações de todo o corpo não tem a precisa connexão com os movimentos, que pertendem exigir dos Cavallos.

Lição para fazer galopar qualquer Cavallo para a esquerda.

HAvendo eu dito a formalidade, e boa ordem com que S. A. por meio de sensações proprias fazia galopar qualquer Cavallo para a direita, direi tambem como seu Irmão o Serenissimo Principe D. João fórma os Cavallos, em que anda na lição, e acção do galope sobre a esquerda; advertindo que S. A. tanto quando os trabalha sobre a direita, como sobre a esquerda, sempre os obriga com a mesma perfeição.

Todos sabem que S. A. he muito applicado a esta bella Arte, e que insigne-mente faz manejar os Cavallos com tanto primor em todas as lições, qual seu Irmão o Serenissimo Principe D. José, e o Senhor Rei D. José o I. seu Avô, e elle põe em prática esta lição com a boa ordem* que os melhores Authores recommendão, como passo a mostrar.

E S T A M P A XXI.

Do Serenissimo Principe D. João, formando qualquer Cavallo na lição, e acção do galope, fazendo-o trabalhar com o freio, e cabeçaõ dobrado para a esquadra sobre linhas parallelas á largura do Picadeiro.

Querendo S. A. fazer galopar qualquer Cavallo para a esquerda, senta-se bem no meio da sella, e firma todo o seu corpo em hum ponto de equilibrio perfeito: após isso tem a mão direita duas, ou tres pollegadas pouco mais, ou menos assima do cepilho da sella, e outras tantas avançada delle para diante com as unhas voltadas para si, a esquerda alguma cousa mais baixa de unhas assima, com o dedo minimo voltado para a espada direita, para fazer sentir ao Cavallo as sen-

fações das redeas do freio, e cabeção de huma, e de outra banda, ora firmes, ora brandas, e tambem mais de huma, que de outra parte, a fim de o render flexivel, firme, e facil em voltar, avançar, parar, recuar, e obliques para huma, e outra mão. Assim aviva toda a sua acção, quanto he preciso, segundo dá lugar a maior, ou menor disposição do Cavallo, pois S. A. he dotado das boas qualidades, que o Marquez Duque de Newcastle, Pluvinel, e Luiz XIII. o Justo Rei de França dizião que precisão ser dotados os bons Cavalleiros. Estando pois assim disposto, une as pernas ao ventre do Cavallo, fazendo-lhe sentir a direita do joelho até ao calcanhar com sensações mais activas, para que o animal determine bem os seus movimentos, e se deixe encruzar entre as forças das redeas esquerdas, e da perna direita, de forte que por effeito de todas estas bem applicadas sensações o chega a fazer galopar sobre a esquerda com a perfeição que se observa na acção da referida Est. XXI.

Adianta S. A. a sua espadua direita, atraza a esquerda, e quanto mais faz dobrar o Cavallo, tanto mais avança huma, e atraza a outra, não fô para a fymmetria da sua figura apresentar á vista huma acção brilhante, e hum espectáculo agradavel, mas para obrigar bem o Cavallo a que forme o balanço do seu galope com igualdade, ou elle o determine com a maior, ou menor velocidade.

Quando o Cavallo se dobra para a esquerda galopando tambem, fica o seu corpo desta parte concavo, e da direita convexo; e quando galopa sobre linhas rectas, necessariamente fica mais em liberdade: logo quando galopar sobre os circulos, precisamente lhe ha de custar mais, que pelo direito, a avançar, e metter o pé, e a perna esquerda para baixo do seu corpo, em quanto for assim dobrado. O balanço do galope principia das ancas para as espaduas, e a pista do pé direito N. 1. faz o primeiro tempo; e a primeira posição, a pista do pé esquerdo N. 2. faz o segundo tempo; e a segunda posição, a pista da mão direita N. 3. faz o terceiro tempo; e a terceira posição, e a pista da mão esquerda N. 4. faz o quarto tempo, e a quarta posição.

Modo de formar as passagens nesta lição, desdobrando o Cavallo da esquerda para a direita.

Costuma S. A. fazer passar de mão qualquer Cavallo, quando o sente mais igual no seu movimento, mais facil na mão, e mais bem situado no terreno; e se elle ainda he Potro, ou ignorante, ordinariamente o faz passar de mão sobre o tempo das espaduas, por ser este modo de passar mais facil, como já disse: então põe em execução toda a sua destreza, á proporção da actividade, e viveza com que vê determinar os movimentos ao Cavallo. Atraza mais a sua espadua esquerda, fortalece a sensação da perna direita, cada vez mais, já indo pelas linhas rectas, já pelas curvas, ou pelos meios circulos dos angulos até ao lugar da passagem, seja ella formada sobre as linhas do quadrado, linhas dos circulos, ou sobre algum angulo, e assim o vai endireitando das espaduas, e garupa o mais que pôde ser entre ambas as pernas, e ambas as redeas, até que indo mais seguro, e firme fo-

fobre o tempo da garupa , S. A. o faz desfobrar instantaneamente da acção , que até alli sustentava da esquerda para a direita.

No tempo da passagem avança S. A. a sua espadua esquerda, atraza a direita, affroxa a fenhção da perna direita, fortalece as da perna esquerda, tem a mão direita de unhas affima, a esquerda de unhas abaixo, quanto basta, e alguma coufa inclinada para fóra, para as redeas direitas fazerem voltar a cabeça do Cavallo, e dobrar a acção do peçoço, e espaduas para o centro. Advertindo que todos estes movimentos faz S. A. como todos os scientes mandão, e todos os bons Cavalleiros devem fazer, em quanto o Cavallo continúa o seu balanço das ancas para as espaduas, para quando estas descerem no seu balanço, voltar o Cavallo para a direita, e avançar a sua mão, e espadua direita, unindo-a á mão, e espadua esquerda.

Faz S. A. tambem repentinamente sentir ao ventre do Cavallo a fenhção da perna esquerda, para que no tempo, ou balanço com que a garupa segue as espaduas, se alargue para o centro a meia anca de dentro, e a perna, e a meia anca de fóra se atraze, e se una á de dentro. Com a mesma perfeição fórma elle os Cavallos nas passagens de mão transformadas, e esperando o tempo seja para a direita, ou para a esquerda, se ellas são convenientes aos Cavallos, como em outros lugares se pondera.

Os tempos que fazem aquelles Cavallos, que alcanção, ou abração com as suas mãos muito terreno no galope, seja marchando sobre o quadrado, ou sobre os circulos, e pelos meios circulos dos angulos, são mais sensíveis ao Cavalleiro, do que os do Cavallo que abraça, ou ganha menos terreno. Os movimentos dos Cavallos, que alcanção com as mãos pouco terreno, são mais diligentes, e promptos: logo pelo contrario os movimentos dos que abração mais terreno são mais longos, e defcançados.

Estas differenças de movimentos no balanço do galope devem os Cavalleiros conhecer incontestavelmente, para lhes seguirem a sua propriedade, e exigirem dos Cavallos os movimentos mais proprios da sua construção, e possibilidade: affim como S. A. que por meio destes conhecimentos os fórma bem nas acções, e movimentos, para que elles tem mais propriedade. Se quizerem unir, e encurtar os movimentos aos Cavallos, que avanção muito terreno, por ser a propriedade do seu movimento larga, na esperança de os ajuntar, e encurtar mais do que elles podem, serão defagradaveis, e forçados nos seus movimentos em todas as acções, em que os puzerem. Por semelhantes oppostos motivos se pertenderem alongar os movimentos áquelles, que abração menos terreno, com a esperança de os dilatar mais do que podem, elles por diversos modos se hão de defender, porque a Arte aperfeiçoa, e remedeia, mas não muda absolutamente a natureza.

Trata-se da lição da carreira, e as leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, quando faz partir hum Cavallo a toda a brida.

1 **D**Eve o Cavalleiro sentar-se firme no meio da sella, e o corpo deve imitar o eixo do fiel de huma balança, que he sempre estavel no mesmo lugar, ou tenham os braços della maior, ou menor movimento, pois já mais elle deve perder a firmeza do assento da sella, e equilibrio, não só para apresentar em toda a figura huma symmetria igual, mas para que se o Cavallo tropeçar, ter o Cavalleiro o seu corpo atrás, e segurar as redeas, de forte que possa evitar a queda.

2 Deve a mão fechar bem as redeas, quando se avançar para diante, isto he, para o pescoço do Cavallo: na altura correspondente áquella, em que elle põe a cabeça, para o Cavalleiro o poder governar, voltar, e parar com facilidade.

3 Devem as redeas não só estar bem seguras na mão; porém em tal comprimento, que, em sustendo a mão para voltar, ou parar o Cavallo, não haja a necessidade de estar encurtando, ou alargando as redeas.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos Cavallos na carreira.

1 **D**Evem os Cavallos corredores ter muita agilidade nas espaldas, e garupa para os fazerem estender sem receio quando correm.

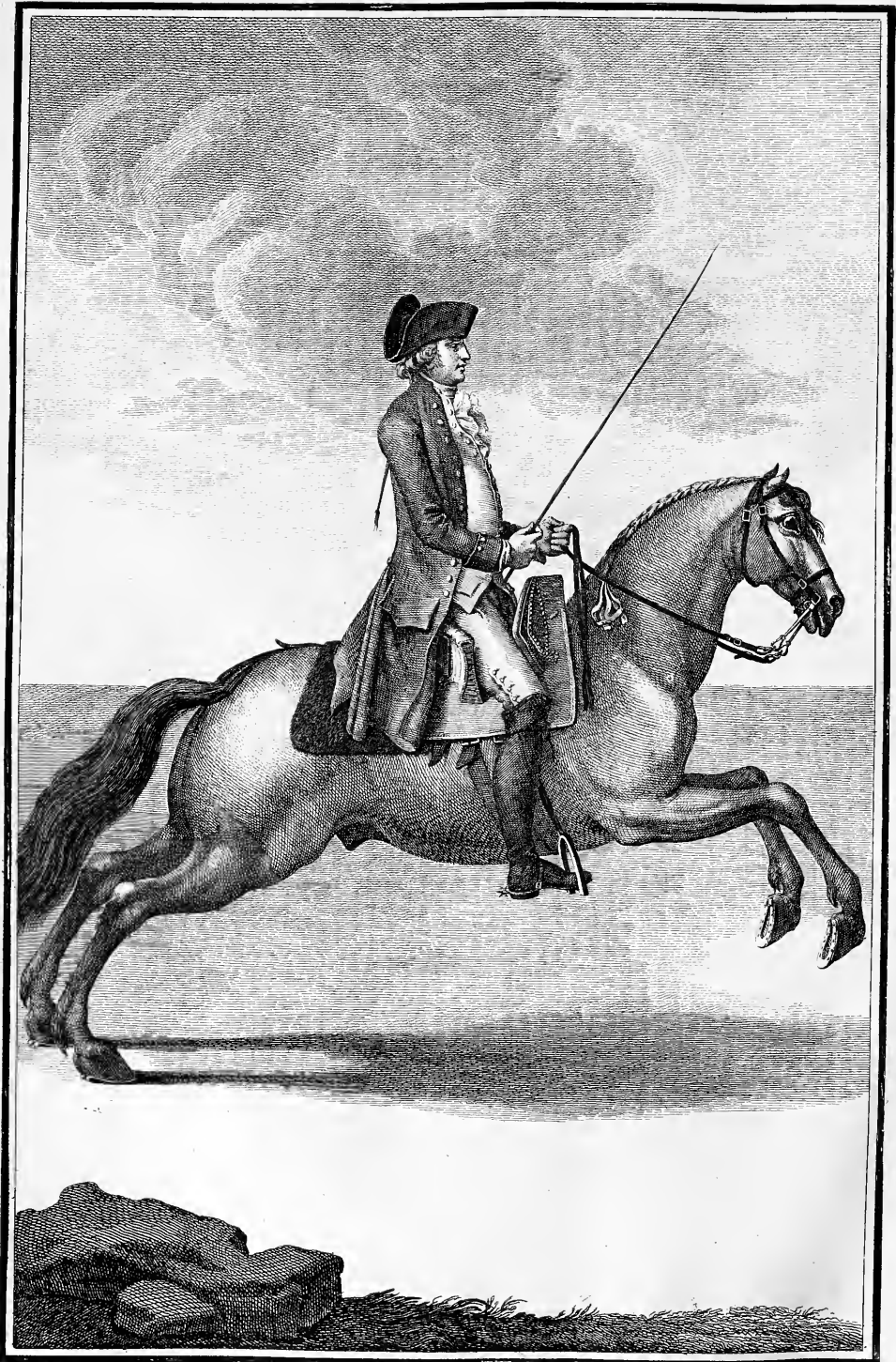
2 Devem ter a propriedade de correr, levando a cabeça alta com proporção, a frente alguma cousa perpendicular, e direita, sem estender o focinho para cima, ou dar cabeçadas.

3 Devem tambem não se encapotar, principalmente quando os parão; porque os que recolhem demaziadamente a barbada para o peito, fazem chegar as caimbas a elle, e depois não obedecem bem á mão do Cavalleiro.

4 Da mesma forte não devem ir falcando, isto he, não devem ir mudando de mão, e pé na carreira, porque os que tem este costume, ou defeito, correm pouco, e incommodão muito o Cavalleiro.

5 Na parada devem recolher a garupa bem para baixo do corpo, rebatendo igualmente as suas ancas, a fim de que parem firmes sobre ellas.

Todos sabem que a carreira he hum galope mais apressado, estendido, e violento, do que o galope ordinario: ora quando o Cavallo he sensível, bem formado, e facil em todas as suas determinações, e articulações, segue a carreira, tendo a cabeça alta, e firme; e sem excessão, distribue os seus movimentos com velocidade igual á impressão com que as sensações das mãos, das pernas, e do corpo do Cavalleiro o obrigão, modificando a velocidade da sua carreira, logo que a mão do Cavalleiro segura as redeas para formar a parada, e as pernas o obrigão com menos actividade; e se elle executar os seus movimentos com a faci-



Alva delin

Martin del.

lidade que digo , sem dúvida se formará na boa acção , que se representa na seguinte

E S T A M P A XXII.

Do Cavalleiro , fazendo partir hum Cavallo na acção da carreira a toda a brida para a direita sobre as linbas parallelas á largura do Picadeiro.

SE o Cavallo , indo na carreira , parar facilmente , he porque tem boa boca , isto he , tem nella , e nas mais articulações huma sensibilidade propria para se poder governar , e serve bem para correr no mato , e na campanha , elle tem bom prestimo nos festejos para correr lanças , alcanzias , escaramuças , parellhas , e outros divertimentos , para que não servem bem aquelles , que tem má boca. Ora se o Cavallo indo na carreira pára com facilidade , tambem mostra que tem bastantes forças , bastante agilidade , e igualdade de juntas , boa vontade , e huma geral facilidade nas articulações do seu espinhaço , espaduas , soldras , e curvilhões.

Pelo contrario , se quando o obrigaõ a correr , elle abaixa a cabeça muito , ou a levanta com excessõ ; e quando o Cavalleiro pertende fazello parar , elle força a mão , e se estende sobre as espaduas , continuando no seu movimento sem parar , senão quando as redeas são sustentadas com grande força , então mostra ter má boca , isto he , tem pouca sensibilidade nella , e nas mais juntas do seu corpo : motivos , por que não servirá bem para alguma das acções , para que tenho dito que servem os que tem boa boca. Além disto os Cavallos , que tem má boca , ordinariamente são mal formados , ou são fracos , ou tambem estão arruinados do espinhaço , espaduas , garupa , e curvilhões.

Fôrmas exteriores , que devem ter os bons Cavallos corredores.

DEvem ter o espinhaço direito , e curto , como se vê na Est. III. do Num. 53. até á letra B : devem ter as pernas antes alguma coufa direitas do que curvas , mas bem formadas , os beiços delgados , os queixos escarnados nos assentos , e nas barbadas , as queixadas largas huma da outra junto ao Num. 23. , o pescogo elevado , nascendo bem sobre as espaduas , e não muito grosso , principalmente do lugar da ganacha N. 23. até ao N. 21. , e do meio da taboa do pescogo N. 24. para a crina , escarnado : as mãos devem ser direitas , e bem proporcionadas , as cartilagens , e polpas do peito largas , como se vê na referida Est. III. do N. 28. até ao N. 31. , e da mesma forte deve ter largas as ventas , e mais orgãos da respiração para respirar com facilidade. Deve ter o ventre direito , isto he , não deve ter grande bojo , ou ser barrigudo , pois de todas estas partes devem ser bem proporcionados os Cavallos corredores ; e os que participarem mais das referidas boas qualidades , serão melhores para correr.

Em Roma , Inglaterra , Napoles , e outros paizes ha Cavallos destinados para correr , os quaes fazem carreiras grandes de hum sòlego , em que leva o premio aquel-

aquelle , que chega primeiro a huma determinada meta : estas carreiras se fazem , indo os Cavallos foltos humas vezes , outras puchando por carroças proprias para este ministerio , ou tambem com Cavalleiros ; mas não correm com a sujeição , e a obediencia com que eu pertendo que corraõ os Cavallos , para serem prestativos para o ufo ordinario , para as festas , para a caça , e para a guerra.

Modo de instruir os Cavallos na carreira.

Quando galoparem os Cavallos , que forem destinados para correr no mato , ou na campanha , devem firmallos em hum movimento igual , e não muito elevado , até estarem firmes na mão , e obedientes ás pernas. Devem dar-lhes alguns repelões , quero dizer , devem algumas vezes abaixar-lhes a mão , e fazellos partir sobre linhas rectas com velocidade , formando-lhes no fim da carreira huma meia parada , e logo voltallos em hum pequeno circulo , ou semicirculo , já sobre hum , já sobre outro lado.

Sendo os Cavallos destinados para a caça , he bom fazellos galopar sempre unidos sobre a mão , e pé direitos , para não falsearem , ou se defunirem ; mas se forem destinados para a guerra , devem muito facilmente voltar , ainda na carreira mais veloz , com promptidão para huma , e outra parte , sem mudar de pé , e mão , a fim de que os muitos obstaculos , que frequentemente se encontrão em semelhantes casos , não lhes sirvão de embaraço.

Tambem devem os Cavallos corredores ter boa vista , bastante folgo , boa construcção , e forças á proporção do seu tamanho para fazerem bom ufo dellas : devem ter os movimentos suaves para não incommodar muito o Cavalleiro : devem ser flexiveis , e lizos á espõra , faceis em voltar , parar , recuar , e obliquar para huma , e outra parte , para servirem bem em qualquer acafo imprevisto. Todas estas reflexões devem os Cavalleiros fazer sobre as qualidades dos Cavallos corredores , não só para investigar a propriedade do seu prestimo , e dos seus movimentos , mas tambem para os saber dispõr , e formar na lição da carreira com perfeição , pois os repelões , as paradas , e as meias paradas sem dúvida desembaraço muito os Cavallos de todas as partes do corpo , como affirma Pignateli Pag. 69.

As meias paradas , e paradas , seguidas de meias voltas sobre hum , e outro lado , são formadas por tres operações violentas ; produzidas a primeira da força , com que a mão do Cavalleiro sustem as redeas ; a segunda da força do equilibrio com que tem o corpo atrás ; e a terceira das sensações com que as pernas do Cavalleiro obrigão o Cavallo sobre o ventre : e he certo que a união de todas estas operações o fazem muito agil , e desembaraçado nos seus movimentos. Em o fazendo correr de tempo em tempo , devem dar-lhe folgo : então as meias paradas , e paradas o tornão prompto a moderar o seu movimento para voltar , sentando-se bem sobre a garupa , e para tornar a sahir da mão com ligeiriza. Advertindo que se o Cavallo he mais fraco da garupa , que das espaduas , a precipitação da carreira , se o parão forte , o obriga muitas vezes a falsear da mão.

Na carreira devem os Cavallos insensivelmente passar da menor á maior veloci-

cidade, sem que passem repentinamente de hum a outro extremo, para não se desordenarem na sua acção. Sendo destinados para a guerra, em estando bem exercitados na carreira para a direita, he bom exercitallos da mesma sorte para a esquerda. As meias paradas, e paradas firmes fazem tambem adquirir aos Cavallos correedores a propriedade de fentar-se sobre as ancas, constituindo-se por consequencia promptos a partir, e voltar para hum, e outro lado facilmente.

A velocidade do Cavallo quando corre, suspendida na carreira por huma meia parada, ou falcada, deixa as ancas obrigadas a entrar para o ponto de gravidade, sustentando sobre si a maior parte do pezo do corpo, e espaldas mais pelo equilibrio, do que pela força. Ha Cavallos tão attentos á meia parada, e á parada, que as fazem ao minimo movimento da mão, e ainda do corpo do Cavalleiro; mas sempre se deve regular a força dos repellões, e das meias paradas pela possibilidade do Cavallo, de maneira que elle seja prompto a parar, faltar, voltar, tornar a partir, ou tambem inclinar a direcção para huma, ou para outra parte, sem ser preciso usar o Cavalleiro de muita força nas mãos, e pernas.

Para formar bem as falcadas na carreira, devem os Cavalleiros ir sustentando a mão por varios grãos sem precipitação; e logo que o Cavallo se ajustar sobre as ancas, segurar a mão, e o corpo repentinamente; e tanto que se fórma na acção da falcada, devem render-lhe a mão, e fazello partir promptamente, seja para os lados, seja para diante. Duas reflexões se devem fazer nas falcadas: a primeira não fortalecer repentinamente o movimento da mão, sem esperar o tempo do balanço das espadas, porque póde succeder desta aspereza offender-se a boca do Cavallo, e elle adquirir repugnancia em obedecer á mão: o que se manifesta por fazer alguns gestos estranhos com a cabeça; e se por este motivo se entezar do espinhaço sobre a garupa, elle póde facilmente fazer alguns esforços nas suas ancas, e curvilhões.

A segunda reflexão que se deve fazer nas falcadas, he de indireitar o Cavallo bem naquelle terreno correspondente á acção, em que o fazem parar, e faltar; exemplo: se o Cavallo, indo correndo para a direita, se lançar sobre a espada esquerda, fugindo para fóra, e neste tempo o fizerem parar, ou faltar, elle fará hum muito má parada, ou falcada; se porém for direito nas parallelas das espaldas á garupa, ou vá mais, ou menos dobrado, indo assim facil na mão, sem dúvida marcará as meias paradas, e falcadas com mais perfeição. Não obstante deverem os Cavallos ser mansos para servirem bem, devem com o seu vigor, ardor, e boa vontade de ir para diante, ir-se convidando para seguir os signaes das sensações das mãos, e pernas do Cavalleiro, e este pelo contrario os deve fazer parar quando elles menos o esperão.

Trabalhando-se dentro do Picadeiro, tambem se não devem formar as meias paradas, e falcadas muitas vezes seguidas em huma mesma paragem para o Cavallo se não deixar possuir mais do costume, que da obediencia da mão. Ora quando tiver a inclinação de forçar a mão do Cavalleiro, devem formar-lhe a meia parada, e a falcada com o pulso muito ligeiro, e flexivel, obrigando-o mais com as sensações do corpo, e das pernas, do que com a força do pulso.

Se o Cavallo tem pouca força, e possibilidade, devem refolvello por meio de muitas repetições de meias paradas, e falcadas, costumando-o ao menos a que faça por uso, e costume, o que he pouco capaz de fazer pelos effeitos do seu poder, desembaraço, e possibilidade, se bem que estes não servem senão para hum trabalho ordinario. Os Cavalleiros devem fazer todas estas reflexões sobre os Cavallos destinados para correr, não só para investigar a propriedade dos seus movimentos, como tambem para os dispôr, e formar regularmente nesta lição, pois ella sem dúvida os desembaraça muito de todas as partes do seu corpo, como affirma Pignateli Pag. 73. Tambem a Pag. 78. diz: » Que as espaduas dos Cavallos são » as partes do seu corpo mais difficultosas a desembaraçar, e a situar no seu devi- » do movimento, principalmente quando o Cavallo se move sobre hum, e outro » lado. Quando determina a sua direcção pelo direito, seja o galope mais, ou » menos avançado, tambem custa muito o fazello igual em rebater, e levantar os » movimentos das espaduas para cima das suas ancas; porém isto se vence por ef- » feito das meias paradas, e das falcadas. » Logo apenas o Cavallo se vai fir- » mando com excessso sobre o freio, e por consequencia entrando demaziadamente na mão, devem com a continuação das meias paradas, e falcadas obrigarlo a desembaraçar-se das espaduas, levantando-as para cima dos movimentos da garupa, fegurando-lhe por este modo a cabeça no seu devido lugar. O mesmo Pignateli affirma tambem Pag. 96. » Que affim se facilitão os Cavallos para obedecer aos » mais ares, e trabalhos do manejo, da caça, e da guerra: e que ainda não sen- » do elles bem capazes para o manejo da Escola, por meio destas diligencias che- » gão a formar-se na acção da carreira com a obediencia, e a facilidade que se » mostra na seguinte

E S T A M P A XXIII.

Do Cavalleiro, fazendo partir hum Cavallo a toda a brida para a esquerda sobre as linbas parallelas á largura do Picadeiro.

Causas, por que duvidão os Cavallos formarem bem a carreira.

OS Cavallos duvidão correr com velocidade, por terem pouca vista, por serem fracos do espinhaço, dos quadris, das espaduas, e dos curvilhões, ou tambem por estarem arruinados de alguma destas partes do seu corpo, e por se doerem dos cascos das mãos, e pés. Se determinão a sua direcção, correndo sobre a direita, marcão o primeiro tempo, e a primeira pista com o pé esquerdo N. 1. o segundo tempo, e a segunda pista com o pé direito N. 2. o terceiro tempo, e a terceira pista com a mão esquerda N. 3. e o quarto tempo, e a quarta pista com a mão direita N. 4. Se determinão os seus movimentos, correndo sobre a esquerda com o pé direito N. 1., marcão o primeiro tempo, e a primeira pista com o pé esquerdo N. 2. o segundo tempo, e a segunda pista com a mão direita N. 3. o ter-
cei-



Silva delia.

Martini del.

ceiro tempo, e a terceira pista; e com a mão esquerda N. 4. o quarto tempo, e a quarta pista.

Finalmente o Cavalleiro deve dispôr, e obrigar os Cavallos na lição da carreira para a esquerda pelos mesmos modos, que tenho dito que os deve obrigar a fahir da mão, parar, voltar, e obliques para a direita, que elles sem dúvida se formarão na vistosa acção, que se representa nas Est. 22. e 23.

Disposições, e Leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro, para fazer galopar qualquer Cavallo na lição dos quatro circulos.

1 **D**Eve o Cavalleiro com o equilibrio do seu corpo ajudar a inclinação circular do movimento do corpo do Cavallo para o centro, pezando mais sobre o estribo de dentro, que sobre o estribo de fóra da volta, para mais facilmente unir as forças das ajudas do seu corpo, mãos, e pernas, principalmente quando quizer fazer entrar o Cavallo com as espaduas para o centro.

2 Deve adiantar a espadua de fóra, e atrazar a de dentro, de forte que se profile a frente do peito do Cavalleiro com a linha do radio do circulo, como se vê na Est. IV. Fig. 10. na linha que atravessa o terreno de A para E.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos corpos dos Cavallos, galopando nesta lição.

1 **D**Evem marcar o terreno com as pistas das mãos, e pés, como se vê nas linhas, e pistas da Est. XXIV. A, B, C, D, e nas da Est. XXV.

2 Devem no balanço da galopada serem iguaes no tempo das espaduas, successivamente com o tempo da garupa, seja o movimento mais, ou menos veloz, e seja menor, ou maior a dobra do corpo do Cavallo. Estas leis tem a mesma intelligencia nesta lição, trabalhando tanto sobre huma, como sobre outra mão.

Havendo o Cavalleiro desembaraçado o Cavallo pelo direito sobre o quadrado, e nos circulos de duas pistas, como tambem na carreira, como deixo notado, o póde ir fazendo galopar na lição dos circulos de quatro pistas. Os circulos, que marcão as pistas das mãos B, D, são menores, ou o Cavallo marche de passo, de trote, ou de galope: logo por consequencia os circulos, que marcão as pistas dos pés A, C, são maiores. Esta lição suavisa os movimentos dos Cavallos no seu espinhaço, e os rende flexiveis das juntas dos quadrís, curvilhões, e espaduas.

Quando o Cavalleiro vê nas lições antecedentes, que o Cavallo principia a galopar com facilidade, então o deve ir encruzando entre as redeas de dentro, e a perna de fóra, formando-lhe frequentes vezes aquellas meias paradas, que julgar serem precisas para o fazer ligeiro na mão, e o ir assim obrigando a pôr-se mais e mais sobre a meia anca de dentro.

Para as paradas, as meias paradas, e falcadas serem bem formadas, e uteis nesta lição, he necessario que as redeas de dentro fação unir a espadua de dentro

á espadua de fóra ; e a perna do Cavalleiro da parte de fóra obrigue a perna , e meia anca do Cavallo a unir-se á perna , e meia anca da parte do centro , porque na parada , meia parada , e falcada a garupa deve seguir as linhas parallelas das espaduas , pois que a perna de fóra não póde , como a de dentro , alcançar tanto o ponto de gravidade , ao menos as ancas vão seguindo as linhas parallelas , e pessão , conduzindo-se por ellas , entrar para baixo do corpo , e usar o Cavallo com mais igualdade das suas forças de ambas as pernas.

As paradas , meias paradas , e falcadas , trabalhando-o na lição de quatro circulos , se fazem , tendo as redeas firmes , quando o Cavallo se levanta no tempo do balanço das espaduas , para que então pelo movimento natural , e pelas ajudas do equilibrio , affento , joelhos , barrigas das pernas , e calcanhares do Cavalleiro , o animal venha a recolher a garupa bem para baixo do corpo , e se vá apoiando cada vez mais sobre as ancas : pelo contrario se o Cavalleiro firmar a sua mão , e corpo , querendo fazer parar , ou faltar o Cavallo , em quanto este vai sobre o tempo , ou balanço que se continúa das espaduas para a garupa , posto que elle se disponha bem , o Cavallo corresponde mal , vai sobre a mão , faz alguns movimentos falsos com a cabeça , perde o apoio , e usa mal das suas espaduas , espinhaço , e garupa.

De duas fórmãs distribue o Cavallo mal as suas forças nesta lição : primeira , porque quando galopa não entra na mão , e determina os seus movimentos em hum galope curto contra a propriedade do seu movimento : segunda , porque entra demaziadamente na mão , e exige dos seus movimentos hum galope muito mais avançado , do que o seu poder , e construcção permittem.

Se o Cavallo tem hum movimento demaziadamente detido , devem fazer diligencia de o alongar em hum movimento mais avançado ; e se o seu movimento he muito largo , ou avançado , devem contello em hum movimento mais detido ; mas sem o violentar com excessão a que mude , e perca absolutamente o balanço proprio da sua galopada , da sua construcção , e da sua possibilidade , de forte , que se elle tendo disposição para hum galope ordinario , e por distribuir mal as suas forças , ou por ser muito sensível da boca , e focinho , ou ser muito coceguento , e raivoso á perna , e espora , vai galopando com receio , a este devem trabalhillo com as falsas redeas em hum movimento diligente , dando-lhe fóra dos circulos alguns repellões ; e quando for com mais facilidade para diante , fazer-lhe sentir alguma couza as pernas instantaneamente , e retirallas antes de lhe formar com as mãos , e com as pernas muito brandamente as meias paradas , ou as paradas firmes.

Por estas , e semelhantes diligencias se dispõe o Cavallo para se determinar com facilidade a entrar na mão com mais apoio . Advertindo que o devem obrigar muito repentinamente , e repetidas vezes com a mão , e equilibrio ; e se elle em sentindo alguma das referidas sensações , pára , rabeia muito com a cauda , ou dá couces , e pernadas , devem moderar a força das referidas sensações , e mais amiudadamente usar dellas . Ora para o Cavalleiro metter , e conservar o Cavallo entre as redeas ambas , e ambas as pernas , deve segurar-lhe a perna de dentro atrás das cilhas para o obrigar a ir para diante , e da mesma forte a esquerda , contrapondo-lhe

lhe as fenfações das pernas ás das redeas para o fazer galopar na lição dos quatro circulos, entrando sempre com as espaduas bem para o centro.

Determinando todo o movimento obliqua, e circularmente, deve o Cavalleiro ir tendo o corpo bem atrás á proporção do que o Cavallo se deixa encruzar entre as redeas de dentro, e a perna de fóra, ter-lhe as mãos ambas hum pouco mais altas, e muito brandas. Advertindo que as mãos são brandas nesta lição, quando segurão as redeas com huma força proporcionada á sensibilidade da boca do animal, e com huma firmeza instantanea, isto he, dando-lhe, e sustendo as redeas, não só para o indireitar, e levantar das espaduas, mas para o ir obrigando a colar a meia garupa de dentro bem para baixo do corpo com proporção, sem se encostar ao freio, ou rolar sobre a perna. Deve o Cavalleiro repetidas vezes render, e suffer a mão, como deixo notado, a fim de que o Cavallo figa com agilidade todos os movimentos das redeas, entre facilmente com as espaduas para o centro, e vá galopando direito sobre os quatro circulos, marcando as suas linhas com igual distancia humas das outras, assim com os pés, como com as mãos.

Os Cavallos, que entrão pouco na mão, sendo galopados por hum terreno declive, entrão mais para a mão, do que se os fazem galopar em hum terreno ingreme, ou ainda plano: logo por consequencia se pezarem na mão, isto he, se carregarem muito na embocadura do freio, devem na determinação do movimento ser menos avançados, tendo o Cavalleiro muitas vezes nas paradas, e nas meias paradas o seu corpo atrás, e firme, sem que lhe una as pernas muito atrás das cilhas, para não colar tanto a garupa, e as pernas para baixo do corpo, e para que não entrem tanto na mão: logo assim como he bom galopar os Cavallos, que não entrão na mão por hum terreno declive, he igualmente util, quando elles entrão muito na mão, fazellos galopar por hum terreno ingreme, porque assim na subida, como na descida, segundo a sua difficuldade, se fazem leves na mão.

Todas as partes do corpo do Cavalleiro devem consentir no balanço, e movimento do Cavallo, quando galopa; com tanta união porém que não o possa perceber quem estiver de fóra vendo, posto que o circulo sobre que o fazem trabalhar seja pequeno, não só porque a inflexibilidade do corpo, mãos, e pernas parece mal nesta, assim como digo em outras lições, mas tambem porque os grandes movimentos do corpo, mãos, e pernas põem o Cavallo em desordem.

Sendo o movimento do galope mais detido, segura a boca de qualquer Cavallo, que he sensível, isto he, quando o movimento he menos veloz, exalta-se menos a colera do animal, e elle he mais attento ás fenfações das redeas; e quando o galope he mais avançado, a sua velocidade lhe agita a colera, de modo que elle faz menos caso das fenfações das mãos, e pernas do Cavalleiro, e se vai endurecendo cada vez mais no seu apoio, muito principalmente quando he rude aos movimentos do corpo, das redeas, e das pernas.

Quando a velocidade do movimento he proporcionada ás construcções, e possibilidades dos Cavallos, elles (como diz Pignateli Pag. 77.) entrão na mão sem excessão, segurão a cabeça, conservando na boca a sensibilidade á proporção do seu poder: e tambem aquelles, que tem demaziada impaciencia, se fazem attentos á
mão,

mão, sendo trabalhados em hum movimento modificado; mas logo que se applacar a sua colera, e se deixarem vencer, e dominar, huns, e outros devem ser formados nos movimentos correspondentes ás suas possibilidades, e construcções.

Deve o Cavalleiro reparar sempre qual he a sensação a que o Cavallo corresponde com actividade, e promptidão para a moderar, ou fortalecer mais até elle ceder, ou a sua actividade proceda da sua natural agilidade, e vigor, ou da impressão das sensações, e de ser propenso a defender-se.

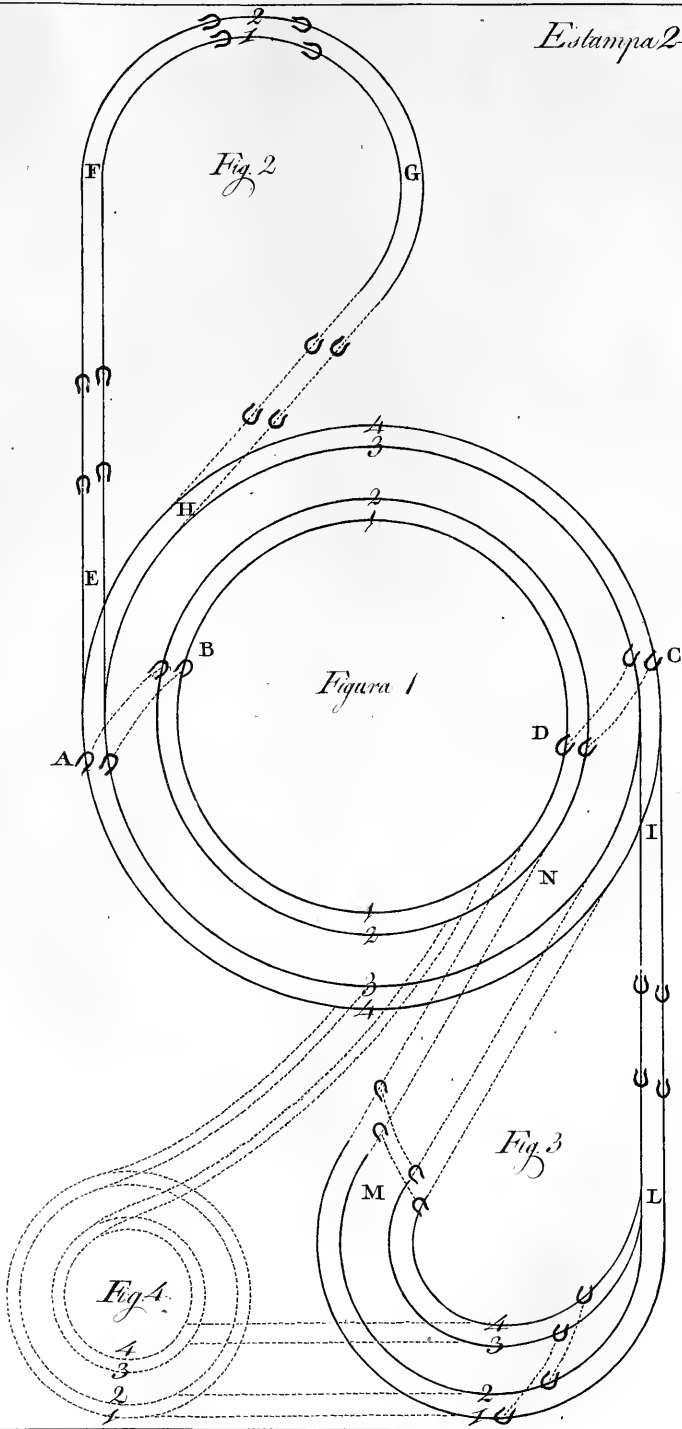
Assim como os repellões moderados obrigão os Cavallos por effeito das meias paradas, e paradas a segurar a cabeça no seu proprio lugar, suavizando-se dos movimentos do espinhaço, quadris, e curvilhões para obedecer ás mãos, e ás pernas do Cavalleiro, apoiando-se bem sobre as ancas, do mesmo modo a carreira precipitada exalta a colera aos Cavallos sensíveis, e impacientes, sendo aliás propria, e util para fazer determinar os movimentos daquelles, que são cobardes, e que remtem as suas forças por temor, e por preguiça.

Logo que o Cavallo galopa na lição dos quatro circulos, a força centrifuga obriga pela dobra do corpo o braço direito (que he o de dentro da volta) a que faça a sua posição por cima, e por diante do braço esquerdo; e como a força centripeta naturalmente conduz o pezo de todos os corpos para o ponto de gravidade, e o Cavallo quando galopa, une a espadua, e anca de dentro á espadua, e anca de fóra, lá vão buscar o ponto de gravidade, o pé de dentro, e a mão de fóra, marcando o terreno, como na seguinte

E S T A M P A XXIV.

Na qual se mostra o modo, com que o Cavallo marca o terreno, quando se fôrma na lição, e acção dos quatro circulos, galopando sobre a direita.

OS braços, e pernas do Cavallo, quando galopa na lição dos quatro circulos, não tem tanto movimento circular, como tem quando elle se move de passo, ou de trote nesta lição, antes com hum successivo balanço das espaduas, e outro da garupa, fôrma o galope: por isso quando o Cavalleiro o faz trabalhar nesta lição, deve ajudallo com as suas mãos, pernas, e corpo, conforme a segunda lei, e muito principalmente com a perna de dentro para o obrigar melhor a formar-se na acção, e marcar com as pistas das mãos os dous circulos mais perto do centro, e com as pistas dos pés os dous circulos da maior circumferencia, a fim de que a perna, e meia anca de dentro se possão unir mais á de fóra, entrar mais para baixo do corpo, e buscar o ponto de gravidade, para que o movimento, e balanço da garupa vá seguindo o movimento, e balanço das espaduas, e possão todos os ligamentos do corpo do animal fazer as suas funções com mais facilidade. Logo galopando nesta lição, a perna do Cavalleiro da parte de fóra sempre lhe deve segurar a garupa alguma cousa para o centro, não só para o não deixar fugir com



com as ancas para fóra , mas para ajudar com a sua contraposição as sensações da perna de dentro , quando o obriga a entrar bem para diante.

As espaduas , e todas as partes do corpo do Cavallo por meio desta , e das mais lições , que ficão expendidas , se desembaração muito , e assim os nervos , e ligamentos da garupa , e mais articulações das suas juntas se rendem flexiveis , não obstante dizer Newcastle Pag. 80. » que a garupa do Cavallo nesta lição está per-
» dida. » Parece-me pois que os movimentos desta máquina devem precisamente corresponder , ou puchar huns pelos outros com igualdade , pois que as boas lições bem applicadas fazem bom effeito em toda a forte de Cavallos ; e as differentes ruínas , que elles padecem em diversas partes dos seus corpos , são ordinariamente procedidas de serem mais debeis , e fracos daquellas mesmas partes que se damnificão , e de estarem sujeitos , como os outros mortaes , a infinitas enfermidades.

Eu não pertendo negar que a lição mal applicada dispõe mal o Cavallo , antes sim confesso que ella faz com que não use bem dos seus movimentos , e menos o obriga a postar-se bem direito no chão , e daqui póde talvez resultar arruinar-se de algumas das partes do corpo mais depressa ; mas a lição bem applicada já mais lhe motivará ruína alguma.

As disposições de fazer passear , e trotar hum Potro sobre as linhas rectas da muralha , linhas do quadrado , e circulos de Pignateli , e Newcastle rendem os Cavallos novos , e ignorantes , desembaraçados ao passo , ao trote , e ao galope , e ós faz obedientes para seguirem esta lição dos quatro circulos , como tambem os dispõe muito para seguirem os mais ares , e trabalhos de que elles são capazes.

Modo de formar as passagens de mão da direita para a esquerda.

Galopando na lição dos quatro circulos , necessariamente o Cavallo marca o terreno com as pistas dos seus pés , e mãos , como se mostram na Fig. 1. da Est. XXIV. , a pista da mão direita marca o circulo N. 1. , a da mão esquerda o circulo 2 , a pista do pé direito o circulo 3 , e a do pé esquerdo o circulo 4 da maior circumferencia. E sempre o tempo do galope he quadrenario , pois em quanto o Cavallo anda assim dobrado para a direita , o pé esquerdo marca o primeiro tempo , o direito o segundo , a mão esquerda o terceiro , e a direita o quarto.

Para passar de mão da direita para a esquerda , quando o Cavallo determinar os seus movimentos com maior facilidade , o podem obrigar pelas linhas tangentes da Fig. 1. Est. XXIV. , e da letra E fazello determinar a sua direcção para fóra dos circulos , em que trabalhava aquella distancia de terreno que parecer conveniente , segundo o seu tamanho , e desembaraço , fazendo-o marchar sobre linhas paralellas até á letra F , obrigando-o com ambas as redeas pelo meio circulo , trazendo a mão esquerda de unhas affina para o centro , e da letra G , tendo assim formado o meio circulo , fazello ir completar a passagem sobre a letra H , em que o devem acabar de desdobrar da acção da direita para a esquerda.

Chegando ao vertice H sobre os circulos da Fig. 1. deve o Cavalleiro avançar o seu quadril , e espadua direita , atrazar a espadua , e quadril esquerdo , se-
guin-

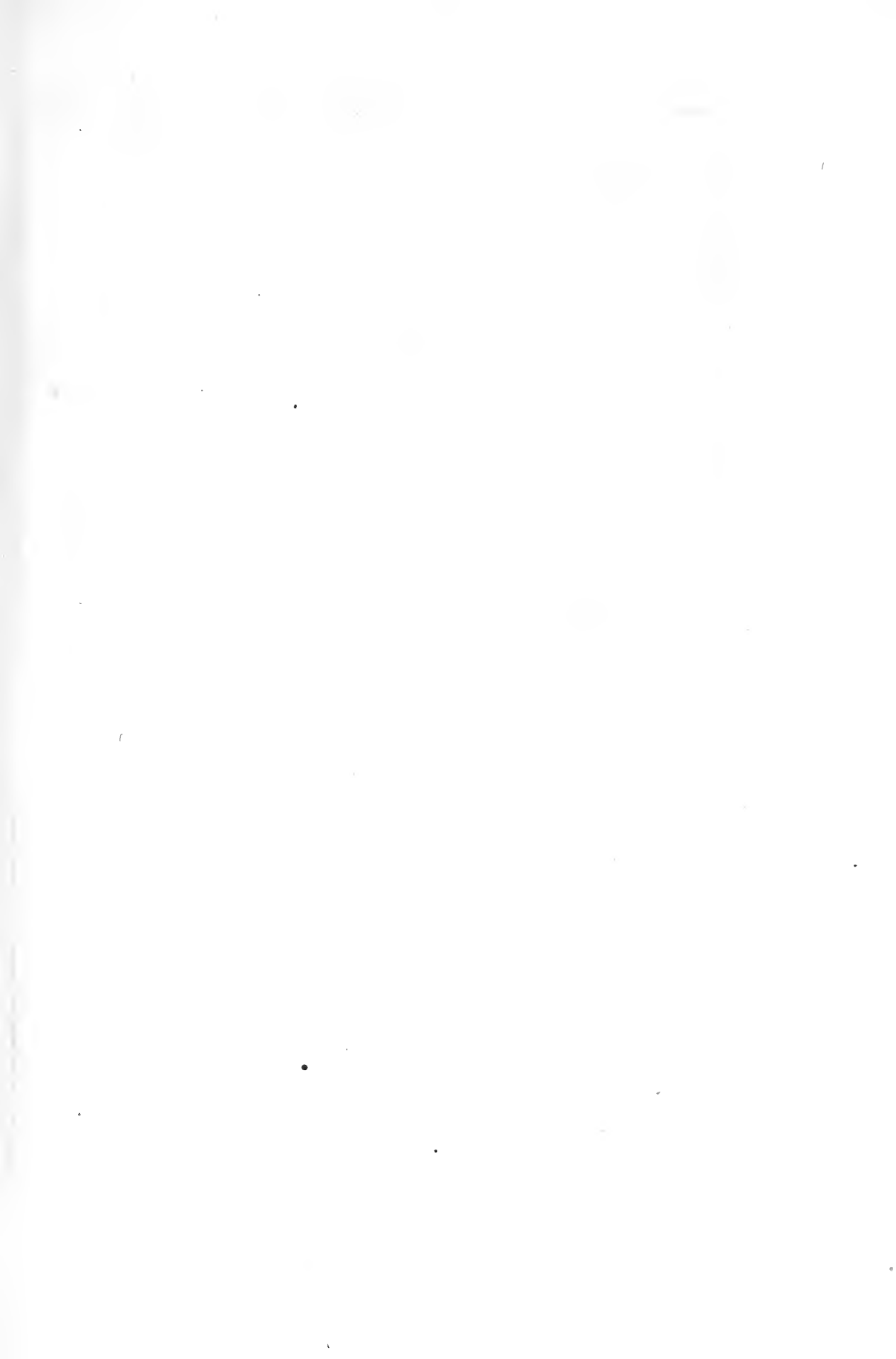
guindo com as mãos , e pernas promptamente estes movimentos : então sustentará a mão esquerda de unhas assima com o dedo minimo inclinado para a espadua direita: a mão direita alguma cousa de unhas abaixo, a perna direita logo atrás das cilhas, a esquerda entre a primeira cilha, e a espadua para com as mãos o desfibrar da acção, em que trabalha da direita para a esquerda, e tambem com a perna esquerda segurar-lhe as espaduas, endireitando-o ao mesmo tempo do pescoço, e cabeça com huma, e outra redea, e da garupa com a perna direita para completar a passagem.

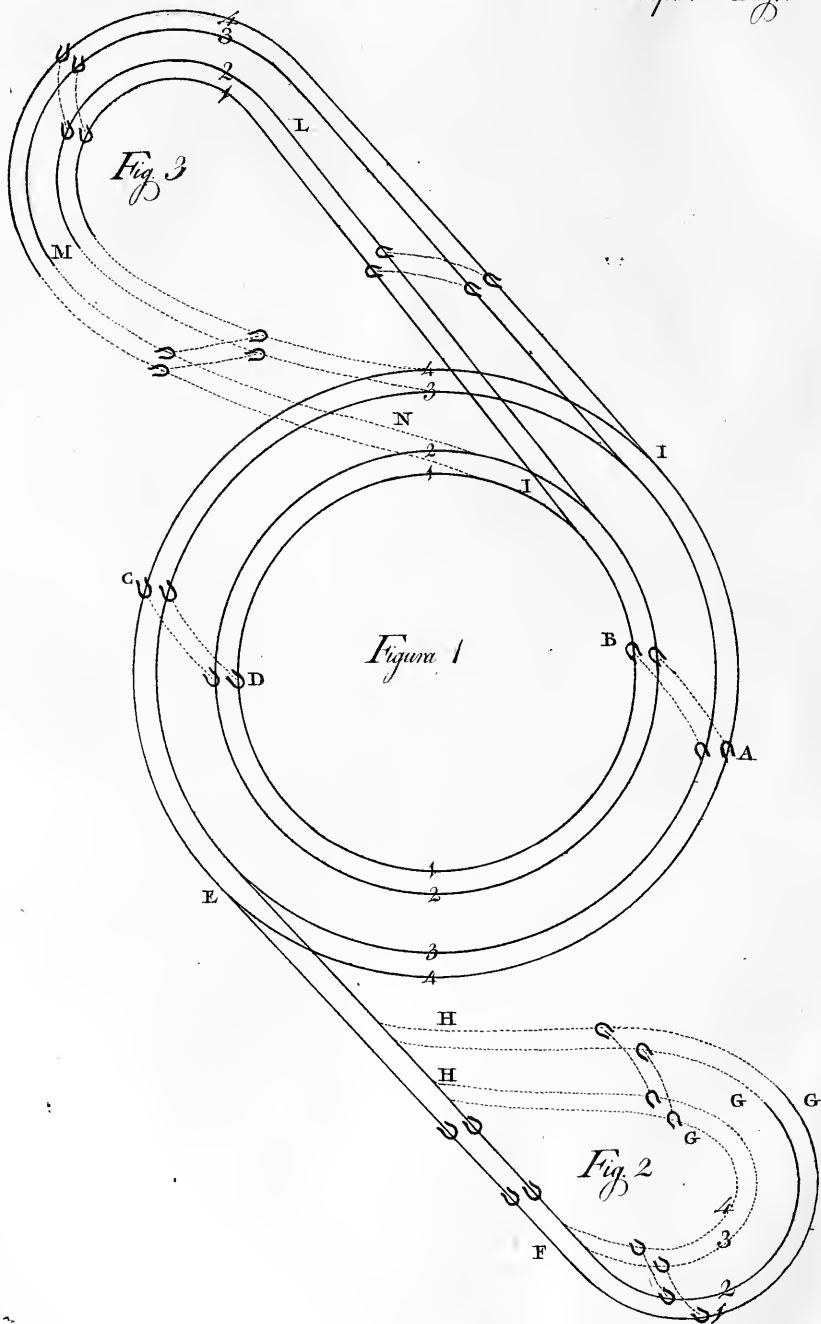
Obriga-se o Cavallo tambem a passar de mão da direita para a esquerda, fazendo-o marcar o terreno, como se mostra na Fig. 3. da mesma Est. XXIV., fazendo-o partir da letra I sobre linhas paralelas até á letra L, chamando-o pelo meio circulo a passadas della até á letra M, trazendo algumas vezes a mão esquerda de unhas assima, de fóra para o centro, e obrigando-o com a mão direita, e a perna esquerda a que forme ao menos o meio circulo de quatro pifas, modificando o Cavalleiro as sensações com que o obriga para do principio das linhas dos pontinhos moderar a sua velocidade, de forte que chegue já ás linhas dos circulos da Fig. 1. letra N em hum movimento muito modificado, para o Cavalleiro instantaneamente no vertice N o desfibrar da direita para a esquerda, como deixo notado na passagem feita sobre a Fig. 2.

Se o Cavallo for pelo semicirculo, ou elle marque duas, ou quatro pifas, e se entortar das espaduas, e garupa, ou ficar para trás, o Cavalleiro o deve arredondar das espaduas, fazendo-o dar algumas voltas sobre hum pequeno circulo Fig. 4. até elle voltar com facilidade para o ir fazer passar de mão, obrigando-o no fim das linhas da Fig. 2. e 3. a entrar com as espaduas para o centro, fazendo-o endireitar da garupa com a perna de dentro para sahir com as ancas para a maior circumferencia, formando-o na lição dos quatro circulos para a esquerda na mesma brilhante acção, e boa ordem com que se formava nesta lição, e acção para a direita antes da passagem, seja obrigando-o a que forme as passagens sobre o tempo, seja fazendo-o passar, esperando o tempo, ou formando as passagens transformadas.

Lição dos quatro circulos, galopando hum Cavallo dobrado para a esquerda.

DEpois do Cavalleiro haver galopado o seu Cavallo na lição dos quatro circulos dobrado para a direita, como acabo de dizer, e o haver passado de mão da direita para a esquerda, o deve galopar tambem para esta mão, como passo a explicar. Se o Cavallo depois da passagem por falta de desembaraço duvida obedecer á mão, e pernas do Cavalleiro, seja por estranhar a novidade da lição, ou por não ter ainda o preciso conhecimento das sensações da embocadura do freio, ou tambem por ser desigual dos seus movimentos, podem em tal caso ter as redeas do freio separadas, a esquerda, e a do cabeção, ou correia na mão esquerda, e a direita com a redea do cabeção, ou correia na mão direita; e se ainda assim duvidar





dar muito, para a mão esquerda poder tirar mais pela redea do cabeção, ou correia de vencer, podem segurar as redeas do freio unidas na mão direita, para que indo esta da cernelha para fóra, o fação dobrar mais do pescoço, e espaduas para a esquerda; mas tanto que o Cavallo voltar, devem muitas vezes render-lhe a mão. Pois desta forte a espadua esquerda precisamente se une á direita, e por consequencia o Potro, ou Cavallo se dobra, maiormente se a mão esquerda tira a redea do cabeção, ou correia de vencer para trás da caixa da sella, Est. IX. Fig. 17. letra S.

Deve o Cavalleiro avançar a espadua direita, e atrazar á proporção a esquerda, perfilando a frente do peito, em quanto assim trabalha, com o radio do circulo, Est. IV. Fig. 10. da letra G para C: as pernas ambas com repetidas senhações devem ajudar o Cavallo a entrar bem para diante, como digo nesta lição para a direita, de forte que elle entre com as espaduas bem para o centro, e distribua facilmente os seus movimentos com igualdade, formando-se no balanço, e acção do galope sobre a esquerda, assim como antes de passar de mão se formava para a direita.

O Cavallo nesta lição tambem deve perfilar a frente das suas espaduas com os radios do circulo tirados do centro para a circumferencia (Est. IV. Fig. 12.) da letra A para N, o que elle não póde fazer sem dobrar o seu pescoço da ganacha, N. 20. Est. III. até ás clavículas N. 28. para voltar para a esquerda, inclinando a orelha de fóra, ou direita para o chão, sem que a dobra de todo o seu corpo o obrigue a rolar para fóra, sem sujeição ás pernas do Cavalleiro, e tambem se não deve lançar sobre a espadua de fóra por faltar á obediencia das redeas, e mais diligencias, de que tenho feito menção.

Para as espaduas do Cavallo entrarem mais facilmente para o ponto do centro, a espadua, e quadril esquerdo do Cavalleiro devem retirar-se bem para trás, porque á proporção do que estas partes se atrazão nesta lição, o Cavallo se dobra para dentro, recolhe a perna de dentro para baixo do corpo, abaixa a meia anca esquerda, determina todos os seus movimentos circularmente, e marca o terreno com as pístas dos pés, e mãos, como mostra a seguinte

E S T A M P A XXV.

Em que se vê a fôrma com que os Cavallos marcão o terreno, galopando na lição dos quatro circulos dobrados para a esquerda.

ESta excellente lição rende as espaduas dos Cavallos cada vez mais flexiveis, não obstante serem ellas, como diz Pignateli, a parte do corpo mais difficultosa de desembaraçar, e situar no seu proprio, e devido lugar. E eu creio que em quanto os Cavallos não estiverem flexiveis das espaduas, não obedecerão á mão, ás pernas, e mais ajudas, e senhações, que o Cavalleiro lhes faz com a pretendida facilidade, e promptidão, principalmente galopando sobre os quatro circulos.

Muitos Cavallos por effeito das suas boas qualidades , e diligencias da Arte chegam a executar bem muitas lições : poucos porém chegam a galopar com perfeição na dos quatro circulos ; porque além de serem obrigados a marcar o terreno com as piftas dos pés , e mãos , como mostra a Fig. 1. da Est. XXV. , elles devem dobrar-se indo para diante , obliquando com igualdade no balanço do feu galope : devem entrar na mão com apoio , facilidade , e obediencia : devem conservar as espaldas por dentro da linha da meia anca do centro , para não se lançarem sobre a parte convexa : devem dobrar mais o curvilhão da parte do centro para recolher a perna de dentro bem para baixo do corpo ; e finalmente no balanço da sua galopada elles devem unir-se bem sobre as ancas para se formar nesta acção , como tenho dito , e marcar o terreno , como na Est. XXV. Fig. 1. , a fim de que o pé esquerdo , e a mão direita possam ir equilibrar o pezo de toda a máquina bem debaixo do ponto de gravidade.

Quando o Cavallo trabalha nesta lição dos quatro circulos , galopando tanto sobre a direita , como sobre a esquerda com todas estas perfeições , elle he formoso na sua acção , e está disposto pela facilidade das suas espaldas , e mais partes do corpo para trabalhar mais facilmente em outra qualquer lição.

Em quanto por meio das lições , que ficão expendidas , os Cavalleiros vão dispondo os Cavallos para obedecer , e entrar na mão , não devem descuidar-se em os ajudar brandamente , contrapondo a força das sensações das redeas á força das sensações das pernas , quando os fazem entrar com as espaldas para o centro , e para que se endireitem entre ambas as redeas , e entre ambas as pernas ; até que por meio destas diligencias elles cheguem a dobrar-se com tanta facilidade , que a embocadura do freio affente por direito sobre os affentos : como tambem para vencer isto , he preciso dar-lhe , e fuster a mão , e repetidas vezes trazella para a direita , e levalla para a esquerda , para que o animal não carregue no freio , sem o obrigar , em quanto anda nesta acção (maiormente ao principio) a que pare forte ; e he quando o pararem elle carregar na mão , devem tirallo atrás com velocidade proporcionada ao feu conhecimento , e possibilidade.

Modo , com que o Cavallo marca o terreno , e faz as passagens de mão , galopando na lição dos quatro circulos da esquerda para a direita.

Quando o Cavallo anda igual no movimento , facil na mão , e bem situado no terreno , com a pista da mão esquerda marca o circulo N. 1. com a direita o N. 2. , com a do pé esquerdo o N. 3. , e com a do pé direito o N. 4. da maior circumferencia , como se mostra na Fig. 1. da Est. XXV. A , B , C , D.

Sendo o Cavallo ainda ignorante , quero dizer , tendo pouco costume desta lição , he bom fazello passar sobre o tempo das espaldas , a qual passagem se faz , partindo da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas linhas da letra E para F , segurando-lhe a mão esquerda de unhas assima , e da mesma forte a direita , obrigando-o a que marque quatro piftas pelo semicirculo de pontinhos de F para G , fazendo-o comple-

tar

tar a passagem sobre as linhas da letra H, entrando da Fig. 2. para a Fig. 1., em que o devem fazer instantaneamente desdobrar da acção, que até allí sustentava da esquerda para a direita.

No tempo da passagem deve o Cavalleiro affrouxar a sensação da perna direita, fortalecer a da perna esquerda, ter a mão direita de unhas affima, a esquerda de unhas abaixo, alguma coufa inclinada para fóra da cernelha; e depois de o obrigar com ambas as redeas a entrar com as espaduas para o centro, o obrigará com ambas as pernas a entrar para diante, e formar-se na mesma boa acção, em que antes da passagem galopava para a esquerda. Todos estes movimentos devem ser feitos em quanto o Cavallo continúa o balanço da galopada das ancas para as espaduas, para quando ellas descerem para a terra no seu balanço voltar para a direita, e avançar a mão, e espadua direita, unindo-a á esquerda.

Tambem se formão as passagens de mão, sahindo da Fig. 1. para a Fig. 3., marchando pelas tangentes I, marcando da letra L hum semicirculo para a letra M, obrigando-o com a perna esquerda, e com as redeas esquerdas a que forme o semicirculo de quatro pifas, como se vê na Fig. 3., indo pelas linhas de pontinhos fazello mudar de acção da letra N para as linhas da Fig. 1., em que deve com prompta facilidade, por meio das sensações, que o Cavalleiro lhe applica, desdobrar-se da esquerda para a direita, como já disse o devem fazer passar da Fig. 2. para a Fig. 1.

Podem tambem formar-se as passagens de mão, fazendo partir o Cavallo da Fig. 1. para as linhas da muralha, tornando pelo mesmo modo por hum semicirculo a completar a passagem sobre as linhas da Fig. 1., seja formando a referida passagem sobre angulos rectos, seja formando-a sobre angulos agudos, obtusos, ou curvilineos, e tambem em outro qualquer lugar, que pareça ao Cavalleiro mais conveniente para facilitar o Cavallo.

As meias paradas, e paradas nesta lição devem ser feitas com firmeza, e brandura, conduzindo as espaduas do Cavallo para parar com ambas as redeas, e ambas as pernas das linhas da circumferencia Fig. 1. Est. XXV. para as linhas parallelas, e rectas da garupa: o que sómente póde fazer-se, quando as pifas das mãos fahirem dos circulos N. 1. e N. 2. para os circulos N. 3. e N. 4.: então quando o Cavallo se acha mais direito no terreno, e mais seguro entre ambas as redeas, e ambas as pernas, o Cavalleiro deve tomar-lhe o tempo do balanço das espaduas; e quando a garupa continúa a dobrar o seu balanço, o devem parar, tendo o Cavalleiro o seu corpo atrás, firmando-se alguma coufa sobre o coxim, e estribos, mettendo as costas no lugar dos rins para dentro, unindo a cintura aos vasos dos arçõs do cepilho da sella, tendo as mãos para si; e logo que o Cavallo recolher a garupa bem para baixo do ventre, devem render-lhe a mão para o costumar a parar facil na embocadura do freio, e sem fazer o segundo tempo do balanço da garupa, recuando, como poderá acontecer, se o Cavalleiro, quando lhe formar esta casta de paradas, não usar das prevenções que tenho recommendado. Por meio destas diligencias o Cavallo se faz leve na embocadura do freio, e por consequencia attento á mão do Cavalleiro; e sendo a lição desta sorte praticada, eile

ufa bem dos ligamentos da garupa, dobra-se nos curvilhões; e levantando cada vez mais as espaduas, vai rebatendo bem todos os seus movimentos para cima das ancas.

Se o Cavallo for sensível, e dotado de grande viveza, será por consequencia colérico: e em tal caso devem formar-lhe as paradas, e meias paradas, principalmente nas passagens, tendo o Cavalleiro o seu corpo atrás, e as mãos firmes, e brandas. Se elle porém for defanimado, froxo, e rude na sensibilidade da sua boca, e ventre, as paradas, e meias paradas devem ser feitas a hum tal Cavallo, trabalhando as redeas, huma depois de outra, a que chamão fazer ferra; e a força com que a fizerem, deve regular-se não só pela sensibilidade, que elle tem no seu focinho, boca, e ventre, mas pela sua idade, e possibilidade.

A proporção da inclinação com que o corpo do Cavalleiro sahe do equilibrio para trás, obriga com o seu pezo, e direcção o Cavallo a rebater os seus movimentos para cima da garupa: e neste caso as pernas do Cavalleiro devem ao mesmo tempo que elle firma o corpo, focorrer com as suas sensações o Cavallo, unindo-lhas ao ventre, logo atrás das cilhas para o fazer ir para a mão.

Tambem quando o Cavalleiro formar as meias paradas, e paradas ao Cavallo, deve sempre ter muito cuidado em prevenir que elle se não empine; porque não querendo soffrer a sujeição, e apoio do freio, alguns usão levantar-se por defeza, quando elles devem obedecer, ficando sempre flexiveis: o que não fazem quando ficão irtos, e tezos sobre as garupas, rins, e curvilhões, e mais partes do corpo: motivos, por que podem cahir para trás, quando os obrigão a formar a meia parada, ou a parada. Se o Cavallo recolhe a garupa bem para baixo do corpo, quando o Cavalleiro lhe fórma as meias paradas, e as paradas, a sua continuação o vai fazendo obedecer ao freio, e o faz usar com igualdade das forças da garupa; e se quando lhe formão a meia parada, ou a parada, em lugar de obedecer, elle se avança no seu movimento, devem não só parallo mais vezes, e mais forte, mas tambem tirallo alguma coufa atrás.

Quando o Cavallo duvida recuar, e se firma na mão, ou se entorta, encostando-se sobre huma, ou outra espadua, devem, quando o tirão atrás, puchar ora huma, ora outra redea, (ao que já disse chamão fazer ferra), porque isto o obriga a não se apoiar muito sobre a embocadura do freio, sendo assim castigado com o cabeção, e tambem com o freio, pois que tão bom he firmar-se elle sobre o freio, e cabeção, principiando a formar-se nas primeiras lições, quando anda para diante pelo direito, como he máo firmar-se sobre o freio, e cabeção, quando depois de haver passado pelos principios, de que tenho feito menção, duvida parar, ou recuar: e creio que só repetindo-lhe a lição desta forte, elle poderá perder o máo costume de violentar, ou forçar a mão, e se facilitará em parar, e recuar.

Todos sabem que o Cavallo, quando recua, deve sentar-se bem sobre a garupa, a fim de se alargar das pernas para se desembaraçar igualmente dos movimentos de huma, e de outra anca, e recuar, dobrando os curvilhões, e travadouros, ficando ao mesmo tempo ligeiro no freio, e cabeção, seja recuando sobre linhas rectas, sem se atravessar, ou recuando sobre linhas circulares, e obliquas, se

elle o necessitar; mas ou elle recue de huma, ou de outra forte, quando tem obediencia á mão, e pernas do Cavalleiro, deve deixar de recuar, logo que lhe rendem a mão, e unem as pernas, seja para o fazer andar para diante, ou para o fazer parar na determinação do feu movimento, ou tambem por lhe haverem firmado a mão, e affroxado as sensações das pernas.

Modo de formar o Cavallo na lição da cara contra a muralha, ou testa ao muro, ao passo, e trote dobrado para a direita, e as Leis pertencentes ás determinações do corpo do Cavalleiro.

- 1 **O** Cavalleiro deve avançar a sua espadua de fóra da volta, e atrazar a da parte concava, ou de dentro, perfilando a frente do peito o mais que puder fer com as linhas, que o Cavallo vai marcando com as piftas das mãos.
- 2 Tambem deve repetidas vezes com ambas as redeas, e ambas as pernas endireitar o Cavallo das espaduas, e garupa no terreno, até o encruzar com facilidade entre as sensações da perna de dentro, e da perna de fóra.

Leis pertencentes ás determinações dos Cavallos.

- 1 **H**E tambem Lei indispensavel nesta lição marcar o Cavallo sempre o terreno com as piftas dos seus pés, e mãos para cima das linhas, que lhe ficão da parte concava.
- 2 Devem com as piftas das mãos, e pés marcar as linhas do comprimento da muralha, e dos angulos iguaes na distancia de huma a outra pifta para equilibrar o pezo do corpo bem sobre a mão de dentro, e o pé de fóra.
- 3 A mão, e a perna de fóra devem sempre cruzar, e passar por cima, e por diante da mão, e perna de dentro ao passo, e trote, como se mostra na Est. XXVI.

4 Galopando pela união dos balanços do galope, elle avança a mão, e a perna da parte concava, porque nos balanços da galopada não podem a mão, e perna de fóra cruzar, e passar por cima, e por diante da mão, e perna de dentro.

He Lei effencial nesta lição, galopando sobre o quadrado longo, obrigar-lhe mais a garupa com a perna de fóra, e as espaduas com a redea de dentro para o Cavallo se levantar mais sobre as ancas; e quando trabalha sobre circulos, devem sempre obrigar-lhe as espaduas a que se movão com mais inclinação para a parte de dentro da linha da pifta do pé de dentro da volta, para não embarçar com o movimento da garupa o das espaduas; e depois de reduzido pelas lições precedentes a ir obedecendo para se pôr cada vez mais sobre as ancas, e se fazer mais attento ás mãos, e pernas do Cavalleiro, o podem exercitar na lição da cara contra a muralha, a que vulgarmente chamão *Testa ao muro*, até o reduzir a formar-se na acção, que se mostra na seguinte Estampa.

E S T A M P A XXVI.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição, e acção da cara contra a muralha ao passo, e trote para a direita.

LOgo que o Cavalleiro pertende formar esta lição, deve pôr a cabeça do Cavallo defronte da parede, ou muralha, dobrando-o para a mão direita; e se elle duvidar, será bom ter as redeas separadas, as direitas do freio, e cabeção na mão direita; e as esquerdas do cabeção, e freio na esquerda, tirando a mão direita para dentro de unhas affina, com o dedo minimo inclinado para a sua espadua esquerda, tendo pelo contrario a mão esquerda alguma coufa de unhas abaixo, porém mais avançada, e para fóra, a fim de que o Cavallo vá adquirindo maior dobra no pescoço, e corpo, para ser cada vez mais prompto na facilidade, e graça de se dobrar para dentro da volta para onde anda.

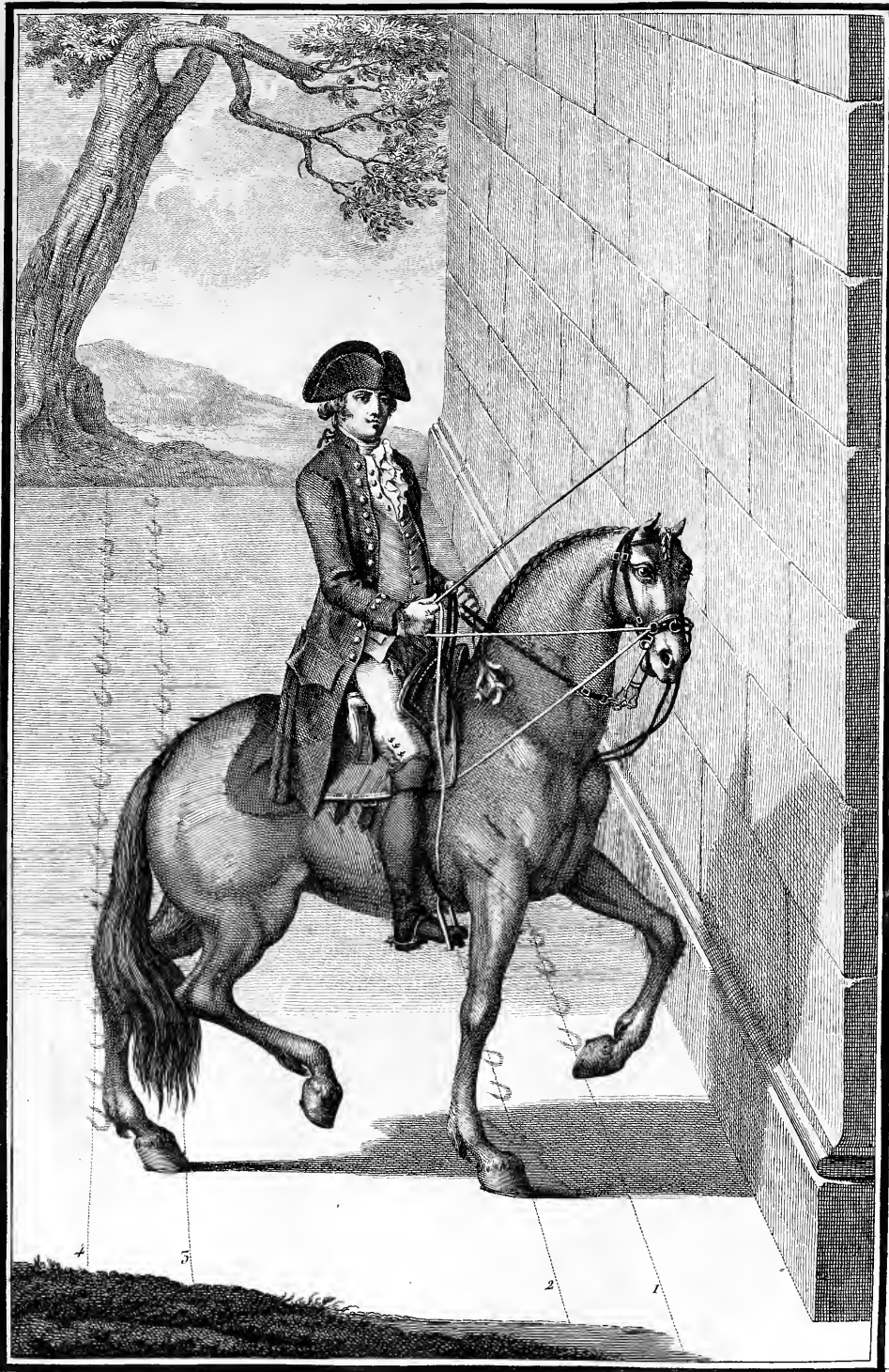
A espadua esquerda do Cavalleiro deve avançar-se cada vez mais para diante, e a direita á proporção atrazar-se: a perna esquerda do Joelho até ao calcanhar deve ajudar o Cavallo da parte de fóra, para que a meia garupa esquerda vá seguindo a de dentro, e da mesma sorte a espadua, o braço, e a mão do Cavallo da parte de fóra se avance, e passe por cima, e por diante do braço, e mão de dentro; porque neste trabalho, quando o Cavallo se dobra para a direita, e anda para diante, seja sobre o quadrado, ou sobre os circulos, necessariamente a mão, e pé esquerdo, por effeito do movimento circular, fazem a sua posição por cima, e por diante da mão, e pé direito: o que obriga a atrazar a espadua esquerda do Cavallo; e se elle não marcar assim o terreno, movendo-se de passo, e de trote, não andará bem para diante.

Com as redeas direitas, e a perna esquerda se obrigão os Cavallos a trabalhar com facilidade nesta lição, e por effeito destas diligencias voltão a cara, e dobrão o pescoço, as espaduas, o espinhaço, e a garupa bem para a volta, quando são obrigados por este modo. O corpo do Cavalleiro deve com o seu equilibrio pezar mais sobre o estribo direito, ou de dentro, que sobre o estribo de fóra, para que a força centrifuga, que dilata mais a parte convexa, e a obriga a fahir por huma tangente para fóra, se deixe vencer da força centripeta, e o pezo do corpo do Cavalleiro obrigue o do Cavallo a que vá mais para o ponto do centro, e gravidade, que de outro modo elle não póde seguir bem a direcção da linha da mão direita, e do pé esquerdo.

Digo que a mão direita, e o pé esquerdo do Cavallo nesta lição vão buscar o ponto de gravidade, e do centro, porque fazem a sua posição mais debaixo do corpo do Cavallo, e balanço do movimento, que elle vai marcando no terreno sobre que se move; e por estes motivos a mão esquerda, e o pé direito se levantão mais da terra, o que não farião se fossem mais para o ponto de gravidade, e o pezo carregasse mais sobre elles, que sobre a mão direita, e pé esquerdo.

Pezando o corpo do Cavalleiro mais sobre o estribo de dentro, e sendo a

fen-



senção da perna esquerda, ou de fóra mais activa, logo atrás das cilhas, o Cavallo he obrigado a unir a sua perna de fóra á de dentro; e se ao mesmo tempo a redea direita pucha para a direita, o Cavallo volta; porém em quanto não tem o preciso desembaraço, he necessário que a redea esquerda o ajude com a sua senção a unir a espadua esquerda á direita para adquirir a facilidade do movimento circular, e usar bem das espaduas, e garupa. Principiando a caminhar nesta lição ao passo, e trote, marca quatro linhas com as pistas dos pés, e mãos, seja trabalhando pelo comprimento da muralha, linhas do quadrado, ou sobre os circulos. Por meio de todas estas diligencias o Cavalleiro deve sempre conservar o seu Cavallo igualmente facil, e prompto a obedecer ás senções de ambas as pernas, e das redeas ambas; e por muito que o obrigue a dobrar-se, não o deve deixar encostar á mão, ás pernas, ou á muralha.

Se o Cavallo se lançar sobre a espadua de fóra, desiguallando-se do seu movimento, o Cavalleiro trazendo repetidas vezes a sua mão de fóra de unhas affima para dentro da volta, o obrigará a endireitar-se das espaduas: advertindo que quando o Cavalleiro traz a mão para dentro, deve affroxar a ajuda da perna de fóra, para as espaduas se deixarem vencer das senções das redeas de fóra; e logo que o Cavallo volta, e une a espadua de fóra á de dentro, devem render-lhe a mão, e ajudallo a que ande para diante, fortalecendo, e modificando amiudadamente as senções da perna esquerda para o ir encruzando entre ella, e as redeas de dentro, a fim de que vá passando com facilidade a mão, e perna de fóra por cima, e por diante da mão, e perna de dentro.

Quando elle rolar para fóra com a garupa, não obedecendo ás senções da perna, então o Cavalleiro a deve segurar mais, isto he, com a rozeta da esporá mais voltada para a barriga, e mais atrás do lugar, em que ordinariamente se costumão dar as esporadas, segurando-lhe ao mesmo tempo a mão de fóra de unhas affima, e mais forte na sua senção que a de dentro; e se isto não baster, he bom dar-lhe alguns toques com a redea do cabeção de fóra para trás, fazendo sempre diligencia porque o Cavallo, tanto ao passo, como ao trote, vá bem para diante em hum movimento igual. E se persistir com tenacidade nesta defeza de ficar para trás, e rolar, devem ajudallo com o açoute pela parte de fóra; mas este castigo deverá ser applicado por hum sujeito que o faça util, ajudando, e castigando o Cavallo mais, ou menos forte, quando elle desobedecer, e o Cavalleiro for bem prevenido, e de acordo para o ajudar, e obrigar a formar-se na acção, que se mostra na Est. XXVI.

Todas as vezes que o Cavallo obedecer ás senções, sejam das redeas de fóra, por haver entrado a mão da cernelha para dentro, sejam das redeas de dentro por se haver inclinado a mão da cernelha para fóra, devem as mãos tornar logo ao seu lugar, e pôr-se cada huma na sua acção; porque assim como a esquerda, trabalhando de unhas abaixo á proporção da distancia que vai da cernelha para fóra, pucha pela redea, e caimba do freio da parte direita, e a embocadura, e barbella obrigão com mais força sobre o assento, e barbada da parte esquerda, e o Cavallo, por fugir do aperto que a embocadura, e barbella lhe fazem da parte de fó-

fóra, dá o bico, e volta para a direita: assim quando a mão esquerda se volta de unhas affima, entrando da cernelha para a direita, pucha pela redea, e caimba esquerda, e a embocadura, e barbella apoia mais violentamente da parte direita sobre o affento, e barbada, e obriga por consequencia o Cavallo a olhar para a esquerda: pelos mesmos motivos as senfações, que tenho dito, o fazem voltar, e olhar para a direita.

Quando a mão do Cavalleiro de unhas affima entra de fóra para o centro, perde o Cavallo (á proporção do que ella entra) a dobra da sua cabeça, cara, pescoço, e corpo: por isso tanto recommendo que logo que a mão de fóra obrigar de unhas affima a entrar a espadua de fóra para o centro, e o Cavallo obedecer, torne a mão ao seu lugar para elle não se desmanchar tanto da sua acção.

Devezas, de que ordinariamente usão os Cavallos, quando lbes principião a formar a lição da cara contra a muralha.

Sendo os Cavallos obrigados a formar-se na lição, e acção da cara contra a muralha, a sua principal defeza he ficar para trás, humas vezes lançando-se sobre a espadua de fóra, outras unindo as espaduas muito á muralha, levantando-se outras muito para cima, desfigualando-se, principalmente dos movimentos da garupa, outras indo muito sobre a perna, ou espora, e também dando a cabeça muito para dentro, ou levando-a muito para fóra; pois destas, e de outras muitas defezas se revestem para ficarem para trás, e fugir da sujeição a que os conduz este trabalho.

Em taes casos deve o Cavalleiro tentar primeiro os meios que ficão expendidos para evadir as suas defezas, e fazellos andar para diante iguaes nos seus movimentos; e se elles com tenacidade quizerem fortalecer-se na defobediencia, devem remettellos á lição dos quatro circulos, trabalhando-os brandamente ao passo, e trote, se elles forem sensiveis, por lições mais dilatadas; e se forem mais rudes, podem obrigallos com mais actividade, sendo as lições menores, para que por huma, ou por outra fórma se esqueção das suas defezas; e tornando á lição da cara contra a muralha, em dando alguns passos bem, devem parallos, e affagallos, para que vão conhecendo o que se pertende que elles fação.

Lição da cara contra a muralha ao passo, e trote para a mão esquerda.

DEve o Cavalleiro principiar a formar o Cavallo na lição da cara contra a muralha para a mão esquerda, em quanto elle ignora, duvida, ou não está facil, tendo separadas as redeas do freio, e cabeção esquerdas na mão esquerda, e as redeas do freio, e cabeção direitas na mão direita: a mão esquerda deve ser mais firme que a direita de unhas affima, inclinada com o dedo minimo para a espadua direita, atrazando a espadua esquerda tanto, quanto antes de passar de mão a avança para diante, e avançando a direita á proporção do que atrazar a esquerda, e dobrar o Cavallo para essa parte.

A mão esquerda deverá sustentar bem fechadas as redeas, tendo o dedo minimo voltado para a espadua direita, maiormente se trabalharem as redeas unidas na mão esquerda; e a mão direita deve ter apertada a redea do cabeção com as unhas alguma coufa voltadas para baixo. Tambem o Cavalleiro fará sentir ao Cavallo a perna de fóra mais que a de dentro, isto he, a perna direita para o encruzar o mais que puder ser entre ambas as redeas, e entre ambas as pernas, ou calcanhares, não só quando o faz unir, e formar na acção sobre as linhas do comprimento, mas tambem para o obrigar a que siga bem com as ancas os movimentos das espaduas nos angulos, até que por effeito das diligencias da perna direita, e das das redeas esquerdas se deixe encruzar entre as fenzações das redeas esquerdas, e da perna direita, para ir passando a perna, e mão de fóra por fima, e por diante da perna, e mão dentro da volta para onde elle anda, a fim de que forme, andando assim dobrado para a mão esquerda, quatro pistas distintas, como passo a explicar.

Modo, por que o Cavallo marca no terreno quatro pistas, trabalhando na lição da cara contra a muralha, ao passo, e trote sobre huma, e outra mão.

MArchando elle dobrado para a mão direita com a cara contra a muralha, ou vá sobre o quadrado longo, ou sobre o quadrado regular, ou tambem sobre alguns circulos de passo, e de trote, a pista da mão esquerda marca a linha N. 1., a da mão direita a linha N. 2., a do pé esquerdo a linha N. 3., e a do pé direito a linha N. 4., como mostra a Est. XXVI.

Marchando sobre a mão esquerda nesta lição da cara contra a muralha, ao passo, e trote, a pista da mão direita marca a linha N. 1., a da esquerda a linha N. 2., a do pé direito a linha N. 3., e a do pé esquerdo a linha N. 4., como mostra a Est. XXVII.

Modo de marcar o terreno, galopando na lição da cara contra a muralha.

Galopando qualquer Cavallo na lição da cara contra a muralha dobrado para a direita, a pista da mão direita marca a linha N. 1., a da mão esquerda a linha N. 2., a do pé direito a linha N. 3., e a do pé esquerdo a linha N. 4.

Galopando na mesma lição dobrado para a esquerda, a pista da mão esquerda marca a linha N. 1., a da mão direita a linha N. 2., a do pé esquerdo a linha N. 3., e a do pé direito a linha N. 4.

A differença que os Cavallos fazem no modo de marcar o terreno com as pistas das suas mãos, e pés, quando se movem de passo, e trote, de quando marchão de galope, he procedida do movimento circular, e obliquo, que elles fazem com o braço, e perna de fóra, quando vão de passo, e trote, os quaes passam por fima, e por diante do braço, e perna de dentro. E quando vão galopando, procede

de a differença do modo de marcar o terreno com as pistas das mãos , e pés nesta lição da união das espaduas, que fórmão hum balanço, e marcão o terreno, sem o movimento circular , e só com a direcção obliqua ; e quando no galope as ancas fórmão o seu balanço sómente pela sua união , tambem as pistas dos pés marcão o terreno, como tenho ponderado o marcão as das mãos.

E S T A M P A XXVII.

Do Cavalleiro, formando o seu Cavallo na lição, e acção da cara contra a muralha ao passo, e trote para a esquerda.

SE o Cavallo se lançar mais fobre a espadua direita , que fobre a espadua de dentro da volta, deve o Cavalleiro usar dos movimentos, e meios ditos nesta lição para a direita; e se isso não bastar, deve dar-lhe com as redeas de fóra alguns toques para trás, e para cima, trazendo a mão direita repetidas vezes de unhas affima para dentro da volta, quanto baste a fazello obedecer.

Quando entrar com a garupa demaziadamente para a esquerda , o Cavalleiro deve unir-lhe ambas as pernas ao ventre ; e se for preciso, a de dentro mais que a de fóra ; porém sómente quando elle entra com a garupa com excessão para dentro. A mão esquerda do Cavalleiro deve conformar-se com as ajudas das sensações das pernas, entrando de unhas abaixo da cernelha para dentro , quando a mão direita entra da cernelha para dentro de unhas affima , e as pernas se contrapõem ás redeas com as suas sensações, para que o Cavallo se indireite melhor no chão.

Todas as expostas diligencias servem para evitar as defordens, que os Cavallos commettem, trabalhando nesta lição; e se elles continuão em romper o pescoço, conduzindo as ancas com mais velocidade, que as espaduas, dobrando muito a cara para dentro, sem obedecer ás redeas, e ás pernas do Cavalleiro, este os deverá fazer passar de mão, trabalhando-os na lição do trote, já para hum, já para outro lado; tanto pelo direito, e quadrado, como fobre os circulos, formando-lhe muitas meias paradas, e paradas firmes, até que por effeito de o avançar no trote fobre os circulos, entre na mão; e com o uso das meias paradas, e falcadas elle firme a cabeça, e se endireite nos seus movimentos das espaduas, e ancas; porém se a defeza tiver origem na fraqueza, e na molestia, não se remediará com as referidas diligencias.

Os Cavallos , que por desobedientes á lição da cara contra a muralha tiverem sido remetidos á lição do trote, seja ella formada fobre as linhas dos quadradinhos, ou fobre as dos circulos , logo que obedecerem á mão com igualdade nos seus movimentos , podem fazellos tornar á lição da cara contra a muralha , obrigando-os amiadadas vezes a passar de huma para outra mão, sem lhes obrigar muito a garupa nas passagens com a perna de fóra, e a mão de dentro, para que elles insensivelmente se vão reduzindo faceis para huma, e outra parte, sem cahirem no inconveniente de que venhão a ateimar na sua defeza, por odio, ou por capricho; pois ha Cavallos tão caprichosos, que a pezar de todas as diligencias, que os Caval-



valleiros empregão para os reduzir , e separar dos seus obstinados caprichos , são tenazes nos seus erros : isto póde ser porque a sua corporea máquina tenha nos seus ligamentos algum natural , e occulto embaraço , que os prive de se presentarem naquella acção , em que o Cavalleiro os pertende formar. Estes Cavallos não cedem facilmente senão á força de violentos castigos , e rigorosos trabalhos : motivos , por que os que tem estas qualidades , de ordinario fervem mal para o manejo , e para a guerra.

A lição , ou trabalho da cara contra a muralha he utilissima para constituir o Cavallo bem fobre a garupa , como affirmava meu Mestre Rodrigo dos Santos Quaresma ; que sendo Mestre do Senhor Rei D. José I. , lhe mostrou por vezes que esta excellente lição rende os Cavallos igualmente desembaraçados dos movimentos das espadas , e garupa ; e logo que principião a determinar-se pelas impressões das redeas , e senções das pernas do Cavalleiro , elles se dobrão com graça , com igualdade , com desembaraço , e com promptidão , e obediencia , tanto marchando para huma , como para outra parte.

Fugindo o Cavallo das senções das pernas do Cavalleiro com agilidade , firme no seu movimento ao passo , e trote para huma , e outra parte sobre as linhas do comprimento da muralha , o podem ir obrigando a entrar nos cantos , formando hum angulo recto no fim de cada huma das linhas rectas de todo o comprimento do manejo , quando passa ás linhas do quadrado ; e quando o Cavalleiro se for aproximando ao canto , se andar para a direita , irá tendo o seu corpo atrás , unindo-lhe as pernas ambas ao ventre , para que as duas ancas vão seguindo obliquamente as linhas das espadas. Eu digo que a mão direita deve inclinar-se de unhas affima , com o dedo minimo voltado para a espada esquerda , em quanto o Cavallo marcha pelas linhas da muralha , e que a perna esquerda deve segurar a garupa com facilidade para dentro ; porque a força das senções das pernas , e das mãos do Cavalleiro he que fazem entrar o Cavallo para diante , para que as espadas possam chegar bem ao canto , e passar das linhas da muralha , formando o angulo para as linhas do quadrado.

A perna esquerda no vertice do angulo deve affroxar-se para consentir que a mão esquerda traga as espadas das linhas da muralha para as linhas do quadrado ; e a perna direita , quando a esquerda se affroxa , deve fortalecer a sua senção , de modo que as forças de ambas fação entrar o Cavallo com facilidade para a mão.

No primeiro tempo as espadas passam do canto , ou vertice do angulo para as linhas do quadrado obrigadas das senções das redeas , e no segundo passam as ancas obrigadas das senções das pernas. O movimento do Cavallo vá elle de passo , de trote , ou de galope , deve ser menos veloz , quando o fazem entrar no canto ; porque todos os Cavallos , ou a maior parte delles , se agitam mais , quando os obrigão a formar nos angulos esta lição : isto sempre se deve entender desta forte , ou os trabalhem fobre a mão direita , ou fobre a mão esquerda.

Lição para tirar os Cavallos atrás ; e as leis pertencentes á determinação dos seus movimentos , formando-os na acção do recuar.

1 **D**evem-se fazer alargar os Cavallos das suas ancas , quando recuão , unindo-os das espaldas , de forte que formem com os pés , e mãos quatro pifas , ou linhas rectas , como se mostra na Est. LXVII. Fig. 3. e Fig. 4. ; e as pifas das mãos devem marcar as suas linhas pelo meio dos intervallos das linhas , que marcão as pifas dos pés.

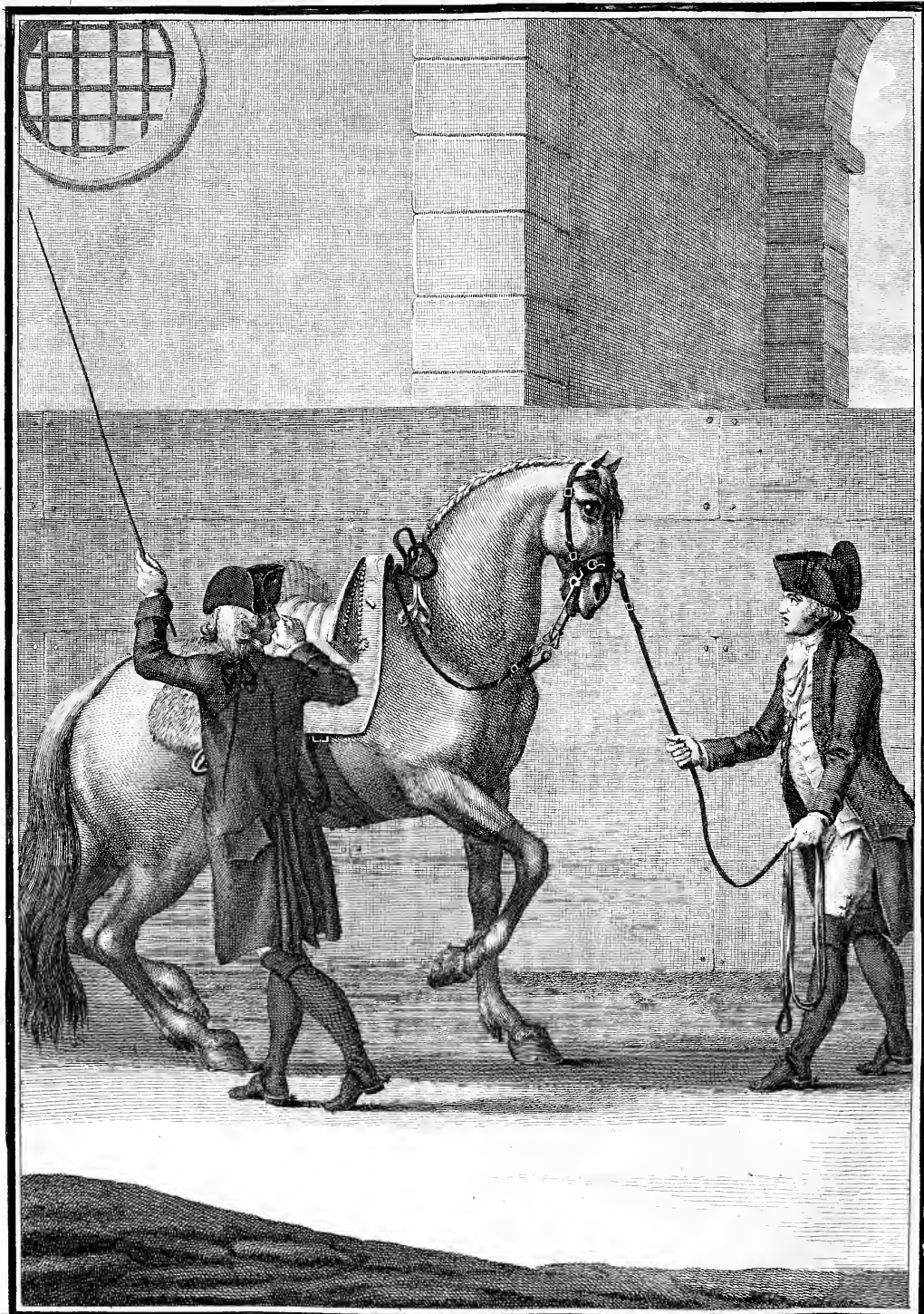
2 A velocidade do movimento do Cavallo quando recua , deve sempre regular-se pela sua possibilidade , idade , construcção , e difficuldades.

3 Tambem he lei indispensavel fazer dobrar ao Cavallo os curvilhões com igualdade quando recua , para firmar bem o espinhaço sobre as ancas , levantar as espaldas , e mover as mãos com facilidade , sem abaixar muito a cabeça , ou entortarse para os lados , em quanto recua.

4 Se as linhas das pifas das mãos tem hum palmo de distancia de huma á outra , devem as das pifas dos pés ter dous palmos de distancia de huma á outra , de forte que da linha da pista do pé direito N. 1. á linha da pista da mão direita N. 2. deve haver o intervallo da distancia de meio palmo : da pista da mão direita á da mão esquerda N. 3. haverá hum palmo ; e da pista da mão esquerda á pista do pé esquerdo N. 4. deve haver meio palmo , e sempre se deve entender que o Cavallo recua para aquella parte , donde lhe fica o centro do terreno , &c.

Para que os movimentos de toda a máquina do corpo do animal se determinem com mais igualdade , principalmente no seu espinhaço , quadris , foldras , curvilhões , e jarretes , he utilissima a lição de tirarlos atrás ; e ainda que as mãos , e pernas do Cavalleiro são as que dão ao Cavallo a precisa obediencia , e apoio , com tudo he muito bom ensinallo a recuar antes de montado , obrigando-o as primeiras vezes com as sensações da guia para o dispôr a fazer abrir , e alargar as suas ancas , curvilhões , e jarretes , sem a qual facilidade não será bem igual nos movimentos do espinhaço.

Sempre he bom deitallo hum pouco á guia para lhe fazer apertar a sella , e ver se tem congocha , ou se está defapaixonado , e capaz de se deixar montar. Ora para o tirar atrás , deve quem o deita á guia , fazello chegar á parede do comprimento do Manejo , e fazer-lhe tirar o rabicho , ou ao menos alargallo , de forte que o Cavallo possa recolher a garupa bem para baixo do corpo , sem que o aperto do rabicho lhe sirva de embaraço. Estando assim junto á muralha , hum Ajudante pela parte do centro do terreno se chegará a elle ; e se o faz recuar para a direita , pegará com a mão direita na arçoeira Est. IX. Fig. 17. Letra V , e com a esquerda na vara , ficando por consequencia voltado para o terreno , pelo qual o Cavallo ha de recuar , como se mostra na Est. XXVIII. ; e assim , quando elle andar para trás , lhe irá tocando com a vara sobre a garupa , a fim de o fazer abaixar , dobrar , e recolher as pernas bem para baixo do corpo , como mostra a seguinte Estampa.



Colo. 2. 1a.

Martini del.

E S T A M P A XXVIII.

De hum Cavallo, recuando sobre as linbas da muralha, obrigado das sensações da guia, e vara, &c.: e as defezas, de que ordinariamente usão, quando os ensinão a recuar.

O Conductor da guia para fazer recuar o Cavallo, necessariamente lhe ha de fazer sentir com ella as sensações do cabeção sobre o focinho mais, ou menos fortes, e mais, ou menos amiudadas vezes, indireitando-o, quanto puder fer, das espadas, para que determine os movimentos bem conformes com a segunda lei desta lição; mas por bem applicadas que feção as referidas sensações, não podem ellas evitar que usem os Cavallos das seguintes defezas.

1 Os Cavallos muito sensíveis das ventas, quando os tirão as primeiras vezes atrás, ordinariamente a sua mais prompta defeza, he, sentindo as sensações do cabeção, recuar com muita celeridade.

2 Os sensíveis mal intencionados, quando se exasperão com os toques do cabeção, fectão a vista em quem lhe dá com a guia, buscão occasião de lhe dar patadas, e da mesma forte forcejão por dar pernadas em quem os ajuda com o açoite, e com a vara.

3 Os Cavallos, que são ainda ignorantes pela maior parte, levantão muito a cabeça, quando sentem as sensações do cabeção, e temerosos fogem para huma, e outra parte.

4 Os covardes, e os fracos, quando sentem os toques do cabeção, fechão os olhos, e dobrão a cara para hum dos lados, recuando muito froxamente.

5 Os coceguentos á vara, quando a guia os obriga, fogem da parede, e vão com velocidade sobre quem os castiga com ella.

6 Os que tem as pernas muito direitas, defendem-se dos toques da guia, voltando a cara para hum dos lados, e com muito custo recuão, fugindo com a garupa ora para huma, ora para outra parte, por não poderem dobrar os curvilhões.

7 Os que tem pouca sensibilidade no focinho, defendem-se fazendo pouco caso das sensações do cabeção, indo para diante, e algumas vezes sobre quem está com a guia; e quando cedem á força dos toques, e pancadas fortes, vão para trás com muito custo, e desigualdade de movimentos.

8 Os que tem as pernas muito curvas, e são muito fracos da garupa, recuão com muita pressa, pouca graça, e huns movimentos pouco desembaraçados.

9 Os que são fracos do espinhaço, garupa, e curvilhões, ou padecem molestias em algumas destas partes, para se defenderem da sujeição deste trabalho, lanção-se muitas vezes sobre huma, ou sobre outra espada; e tanto que se entortão, vão para trás com muita pressa.

10 Tambem alguns Cavallos buscão a má defeza de se empinarem, logo que as sensações da guia os fazem recuar, fugindo com rapidez para hum, e outro
la-

lado , e elles usão destes , e outros recurfos para se defenderem do trabalho de andar para trás.

Modo de remediar estas , e outras defezas , de que alguns usão , quando os obrigão a recuar.

Sendo os Cavallos muito sensiveis das ventas , deve quem os tirar atrás , postar-se bem adiante delles , e fazer-lhes sentir por meio da guia os toques do cabeção muito brandamente , para não exaltar a sua colera , dispondo-os assim para recuar muito manso. Quem ajudar com a vara , deve usar della á medida da obediencia , e soffrimento com que o Cavallo recebe este castigo , para que por meio das mais brandas sensações vão exigindo delle huns movimentos iguaes ás determinações , e diligencias com que os obrigão , pois que de outro modo o Cavallo não entenderá o que pertendem que elle faça. O castigo da guia deve ser descontrado do castigo da vara ; porque se o castigarem com a guia , e com a vara ao mesmo tempo , elle se confundirá , maiormente em quanto ignora , ou não tem bastante costume desta lição.

Devem tirallo atrás muitas vezes , até que elle se vá contendo na obediencia , e sujeição de recuar direito , manso , e com huma velocidade igual á maior , e menor actividade das sensações com que o obrigão.

Os toques da vara , sendo applicados bem sobre as ancas , obrigão o Cavallo a que abaixe a sua garupa , e dobre igualmente os curvilhões , e travadouros , e isto o faz tambem ir usando cada vez melhor de huma , e de outra anca. Sendo o toque da vara applicado sobre a polpa da perna de dentro , o Cavallo fica obrigado a unir a sua perna de dentro á perna de fóra , para determinar os movimentos com mais igualdade sobre as linhas rectas da muralha. Logo os toques da vara applicados por cima da garupa sobre a perna de fóra , necessariamente o obrigaráo a que ajunte a perna de fóra á perna de dentro.

Se elle resiste aos toques da vara , seião elles applicados na garupa em cima de huma , ou outra anca , indo muito sobre o castigo , devem ajudallo com mais attenção ás suas difficuldades , moderando os toques da guia , e vara até elle se desapaixonar ; e então , depois de o endireitar sobre as linhas da muralha , tirallo outra vez atrás , até que se deixe vencer , e dominar. Tendo pouca sensibilidade no focinho , isto he , fazendo o Cavallo pouco caso dos toques da guia , devem tirallo atrás mais depressa , ajudallo menos com a vara sobre a garupa , e usar da guia mais fortemente , a fim de que respeite o cabeção , e recue com facilidade ; mas sem o obrigarem a ir bater com a garupa na parede opposta , porque isso sómente serve de lhe magoar com a força da pancada os ligamentos dos quadris , e curvilhões.

Se o Cavallo for mal formado , e padecer molestias , devem tirallo atrás menos espaço ; e as sensações da guia , e vara devem ser menos activas , disfarçando-lhe muitas vezes aquellas defezas , que tem origem nos defeitos occasionados pela sua molestia , e falta de possibilidade.

Ha Cavallos, que não querem recuar, porque não sabem o que se pertende que elles fação: em tal caso os farão mover primeiro para hum, e outro lado, tocando-lhes com a vara nos joelhos brandamente; e no tempo em que elles se puzerem direitos, e moverem as mãos, devem tocar-lhes com a guia para trás, e para fima, até os obrigarem com estas repetidas diligencias a recuar; e logo que derem alguns passos, parallos, e affagallos, para lhes fazer conhecer o que pertendem que faça.

Outros não só recuão, mas puchão para trás: estes pela maior parte são desconfiados por falta de vista. Ora aos que não querem recuar, e aos que recuão com excessão, he util mettellos entre os Pilões; mas com tanta moderação, e paciencia, que lhes vão diminuindo a sua colera, ou desconfiança, fazendo-os mais attentos ao cabeção: advertindo que ainda nestes casos não se devem metter os Cavallos entre os Pilões, em quanto não tem a sufficiente idade, que digo devem ter, quando trato desta lição. Tambem quando os fizerem recuar, devem passallos muitas vezes de mão para não os constituirem no costume de recuarem sómente para huma parte; pois todos os Cavallos devem ser iguaes na determinação dos seus movimentos, assim marchando para diante, como recuando para trás.

Ora se elle, quando o tirão atrás, se encofsta muito sobre a espada do centro; atando-lhe a redea do cabeção da parte de dentro, mais curta que a de fóra, e puchando a guia, conservando-se bem adiante d'elle, se endireitará mais das espaduas. Logo por consequencia se elle, quando o tirarem atrás, se encofstar muito á parede, podem fazer-lhe atar mais curta a redea de fóra, e puchar a guia para o centro; e se isto não bastar, devem tirallo atrás pelo meio do terreno, sem o castigar com a vara sobre a garupa, até elle facilmente recuar. Tambem se recuar, abaixando muito a garupa, já se vê que não precisa ser tão castigado com a vara sobre as ancas; e quando eu digo que tirem o Cavallo muitas vezes atrás, não pertendo que o tirem atrás muitas vezes cada dia; mas sim que no fim da lição, quando o deitão á guia, o tirem atrás; e depois do Cavalleiro o montar, o fação tambem recuar alguns passos, principalmente no principio, e fim das ultimas lições, pois isto rende os Cavallos muito flexiveis, e obedientes ás mãos, e pernas do Cavalleiro.

Lição do suspender, e as leis pertencentes á direcção dos movimentos do corpo do Cavalleiro.

1 **D**Eve com ambas as pernas endireitar o Cavallo bem entre ambas as redeas, se o fizer marchar direito, conservando o corpo sempre bem firme no meio da sella.

2 Deve, se o fizer marchar dobrado, e obliquar para a direita, com a perna esquerda encruzallo entre ella, e as redeas direitas, segurando a mão esquerda de unhas assim com o dedo minimo inclinado para a espadua esquerda.

3 Deve a mão segurar as redeas, conservando-se naquella altura correspondente á construcção do Cavallo, para elle lhe corresponder com aquelle apoio, e firme-

meza de movimento, que deve observar nesta lição, seja marchando direito, seja marchando dobrado.

4 Logo que o fizerem marchar dobrado para a esquerda, devem encruzallos mais entre a perna direita, e a redea esquerda, tendo a mão esquerda de unhas affina com o dedo minimo inclinado para a espadua direita.

*Leis pertencentes á determinação dos movimentos dos Cavallos
na lição do piafer, ou suspensão.*

1 **D**Eve o Cavallo levantar a mão, e pé oppostos, como ao trote, com defembaraço, e muita igualdade de movimento, seja marchando direito, seja marchando dobrado para huma, ou outra parte.

2 Deve levantar os braços de tal forte, que o casco da mão, quando o braço chegar á maior altura, esteja defronte do joelho do braço, que estiver firme no chão, vendo-se a ponta do lume da ferradura pela linha horizontal do referido joelho.

3 Deve assentar-se bem sobre as ancas, levantando o casco do pé á altura do meio da canela da perna, que está firme no chão, de modo que se veja o lume da ferradura do pé pela linha horizontal do meio da canela da perna, que está firme no terreno, &c.

Os Cavallos Perfas, os Arabes, os de Hespanha, e os de Portugal são os que tem mais propensão para o movimento de suspender; pois entre os de Hespanha, e Portugal ha muitos bem formados, de figura delicada, sensiveis, defembaraçados, com huns movimentos de espaduas brilhantes, e dotados de huma paixão moderada, que se deixa vencer, e dominar.

Entre os Pilões deveráo principiar a formar os Cavallos na lição do suspender; e logo que se lhes descobrir propensão para este movimento, quem os ajudar com o açoute, deve muito mansamente fazellos mover de huma para outra parte, a fim de que não se disponhão para saltar, ou patear, mas sim a que fação huns tempos de passo muito detidos, e semelhantes aos que fazem quando vão trotando, levantando a mão, e pé oppostos com defembaraço, e boa graça, conforme a segunda, e terceira lei desta lição. E se os Pilões forem collocados nos lados do parapeito, devem fazellos passar de mão repetidas vezes, até que elles por effeito da lição, e das passagens se forme neste movimento com perfeição, e a igualdade, que se observa na seguinte Estampa.





As p. 10. Cuyes. Inven. e. v. d. d. a. d. 1780. de. l. l.

Alva detin

Fross sculp

E S T A M P A XXIX.

Do Serenissimo Principe D. João, formando hum Cavallo na lição, e acção de suspender, dobrando-o para a direita.

PRincipiando pois a formar-se na lição, e acção do suspender, e determinando bem os seus movimentos, como deixo ponderado, hum Ajudante lhe tocará com huma vara nas canelãs dos braços (Est. III. N. 35.) para que os levante bem, e sustente mais tempo na acção, affagando-o muito, logo que fizer alguns passos bem.

Desta forte irão continuando as lições até o julgarem capaz de obedecer, quando se montar: depois devem apertar-lhe as cilhas sem excesso, principalmente se for Potro, e hum Cavalleiro o montará entre os Pilões, o qual depois de se affentar na sella (conforme a primeira lei desta lição) fará mover o Cavallo, fazendo-lhe sentir delicadamente a perna, e redea opposta: isto he, se elle estiver entre os Pilões da parte direita, lhe farão sentir mais a perna esquerda, e a redea direita; e estando entre os Pilões da parte esquerda, lhe farão sentir mais a perna direita, e a redea esquerda, até que por effeito destas sensações elle determine os seus movimentos, levantando a mão, e pé oppostos, como deixo notado para o passo, e trote.

Além das sensações ministradas pelo Cavalleiro, se deve ajudar o Cavallo com o açoute, e com a vara, como se ajudou antes de ser montado, para que se anime, e conheça facilmente o que pertendem que faça, continuando-lhe deste modo as lições; pois esta he a fórma, por que S. A. dispõe os Cavallos para a lição do suspender, e este methodo he adoptado tambem por Newcastle Pag. 96., e por João Baptista Pignatelli Pag. 79. Estando elle bem instruido entre os Pilões, S. A. o faz marchar sobre linhas rectas no mesmo movimento pelas da muralha, e pelas do centro, ou tambem por outra qualquer parte do manejo, até o constituir perfeito nesta lição pelos meios que ficão expendidos.

Modo, pelo qual S. A. faz passar de mão qualquer Cavallo, trabalhando-o na lição do suspender da direita para a esquerda.

QUando S. A. faz passar hum Cavallo de mão, trabalhando na lição do suspender, commummente o obriga a formar hum meio circulo, marchando sobre o lado, para onde elle olha, e se dobra, encruzando-o bem entre as redeas direitas, e a perna esquerda, até chegar á linha, em que trabalhava antes de passar de mão; e então o faz completar a passagem, desdobrando-o da direita para a esquerda pela maneira seguinte. Logo que premedita fazer a passagem de mão, o encaminha, e conduz com ambas as pernas, e com as redeas ambas, tanto para a passagem, como para o fazer mudar de acção, sem perder o movimento, conti-

nuando para a esquerda, assim como até alli andava para a direita, encruzando-o logo entre as redeas esquerdas, e as sensações da perna direita com hum a força de tal forte applicada, que o constitue para a esquerda na mesma brilhante acção, e movimento, em que andava para a direita antes de passar de mão.

Tambem S. A. o faz passar de mão, e mudar de acção, continuando a mesma linha em que vai marchando, sem mudar de terreno, isto he, desdobrando-o logo que lhe faz sentir sensações oppostas áquellas, com que o obriga sobre a mesma linha, antes de o principiar a desdobrar da direita para a esquerda.

Se o Cavallo duvida, as sensações das mãos, e pernas do Cavalleiro devem muito brandamente encaminhallo, de forte que o vão desdobrando de hum a para outra mão, affroxando a redea direita, se elle marcha dobrado para esta parte, puchando pouco a pouco a esquerda, modificando a sensação da perna esquerda, e fortalecendo a da perna direita, para que lhe vão introduzindo assim o costume da lição, a fim de que a attenção destas successivas diligencias lhe vá dissipando os erros, e purificando os seus movimentos.

Quando o Cavallo duvida sustentar o movimento, e voltar em boa acção, alguma coufa dobrado para a direita, devem fortalecer-se mais as sensações das redeas direitas, dando, e sustendo a mão, trazendo-a muitas vezes da esquerda para a direita; e se isto não bastar, devem tirar muitas vezes para dentro as redeas direitas com a mão direita, consentindo com ambas as pernas, e corpo em que o Cavallo se endireite bem no terreno, e ponha na boa acção de se dobrar, e voltar com facilidade para a direita. S. A. por meio das sensações, e diligencias, que ficão expendidas, os fórma tanto na lição, e acção de suspender, marchando para diante, como andando para trás, obliquando para a direita, ou para a esquerda com a maior perfeição.

*Modo, por que o Cavallo marca o terreno com as pistas dos pés,
e mãos, quando se fórma na lição, e acção
de suspender.*

Quando elle marcha para diante, ou para trás, marca com as pistas das mãos, e pés linhas parallelas; e quando obliqua para hum a, ou para outra parte, marca quatro linhas obliquas distinctas, porque he obrigado a cruzar a mão, e pé de fóra por cima, e por diante da mão, e pé de dentro, ainda que avance menos terreno, que em outra qualquer lição.

Os Cavallos, para serem proprios para a lição de suspender, devem ser bem formados, vivos, sensiveis, e ter muito ar, e bizzarria nos movimentos dos braços, e espaldas: e he certo que não tendo estas qualidades, não faz nelles bom effeito esta lição. Tambem os Cavalleiros, que usarem de lhes pôr ligaduras nas quartelas, ou pezos, já mais obterão de semelhantes diligencias bons effeitos, pois esta lição deve sempre dirigir-se, e applicar-se, como tenho dito que a applica S. A. porque só por este methodo os Cavallos se fórma na vistosa acção, que se vê na Est. XXIX., e na Est. XXX. Tambem me parece justo tratar de algumas defezas; de

de que elles ordinariamente usão para fugir da sujeição de se formar na acção de suspender entre os Pilões, e tambem depois de montados, e os géstos, por que se deixão conhecer as suas tenções.

Se o Cavallo, quando o mettem entre os Pilões para o formar nesta lição, olha repetidas vezes para quem o ajuda com o açoute; e batendo com as mãos no chão, escava a terra, e mostra ser colerico, nestes casos devem ajudallo brandamente, e affagallo, em fazendo alguns passos bem, dando-lhe alguma herva. Merecem grande desculpa as desordens que os Cavallos fazem ao principio; porque vendo-se prezos pelo cabeção, sem poderem ir para diante, e vendo que os seguem com o castigo sobre a garupa, he muito natural que exasperados se lancem ao cabeção na esperança de quebrar o embaraço, e fugir do castigo; por isso recommendo tanto que tenham o maior cuidado no modo de os castigar entre os Pilões, até elles conhecerem o que se pertende que fação.

Quando se ajudão os Cavallos com o açoute entre os Pilões, e elles fectão as orelhas para diante, olhão para quem os ajuda, e não vão para o cabeção, mostram que se enfurecem contra quem os castiga; e se depois disto mostrão alegria, então precisão ser punidos, ao menos para os divertir; mas ainda neste caso deve ser o castigo moderado. Outros costumão patear, isto he, bater com as mãos muito apressadamente na terra: estes pela maior parte são ardentes, e a sua exasperação os conduz a mover as mãos com mais pressa que os pés: pelo que deve, quem os ajudar com o açoute, não se chegar muito a elles, isto he, deve postar-se em tal distancia, que se não perturbe tanto o Cavallo com o temor do castigo; e quem estiver com a guia, deve a taes Cavallos seguralla mais firme, do que se costuma segurar aos que não tem este defeito, affagando-os muitas vezes, e dando-lhes alguma herva, quando os fazem parar.

A'quelles que precipitão, e desconcertão o movimento por colericos, devem, quando os tirão dos Pilões, fazellos trotar em hum trote muito manso, e do mais largo movimento, que a sua construcção permite; porque estas, e outras semelhantes diligencias ao passo, ao trote, e ao galope vão dissipando a sua colera, e formando-os em huns movimentos mais largos, de forte que sendo colericos, devem os Cavalleiros por meio de sensações moderadas ir modificando a sua colera; e sendo froxos, devem por meio de sensações activas obrigarlos a que se formem com boa graça, e desembaraço nesta lição.

Trata-se do modo de formar os Cavallos na lição do suspender dobrados para a esquerda.

TENDO adquirido sujeição, e obediencia, como tenho dito, ás mãos, e pernas do Cavalleiro, formando-se na lição, e acção de suspender dobrado para a direita, o podem fazer determinar o seu movimento em hum mesmo lugar dobrado para a esquerda; e querendo-o fazer avançar, recuar, ou obliquar para não perder a graça do seu movimento, deve avançar pouco terreno; pois logo que avança mais de huma pista de distancia entre cada passo que dá, perde a boa or-

dem dô movimento do suspender, deixa de curvar as juntas das ancas, e curvilhões, e marcha como se fosse simplesmente a passo, ou trote: bem entendido que deve avançar sómente o espaço de huma pista da das suas mãos entre cada passo que dá. Isto supposto, da pista que a mão direita deixa impressa no terreno á que novamente vai marcar, deve medear, quando se alargar mais, sómente hum espaço semelhante áquelle, que marca cada huma pista; pois he sem dúvida que para o Cavallo se formar bem assim para a mão esquerda, como já disse para a direita, ha de sustentar a acção, que se vê na seguinte

E S T A M P A XXX.

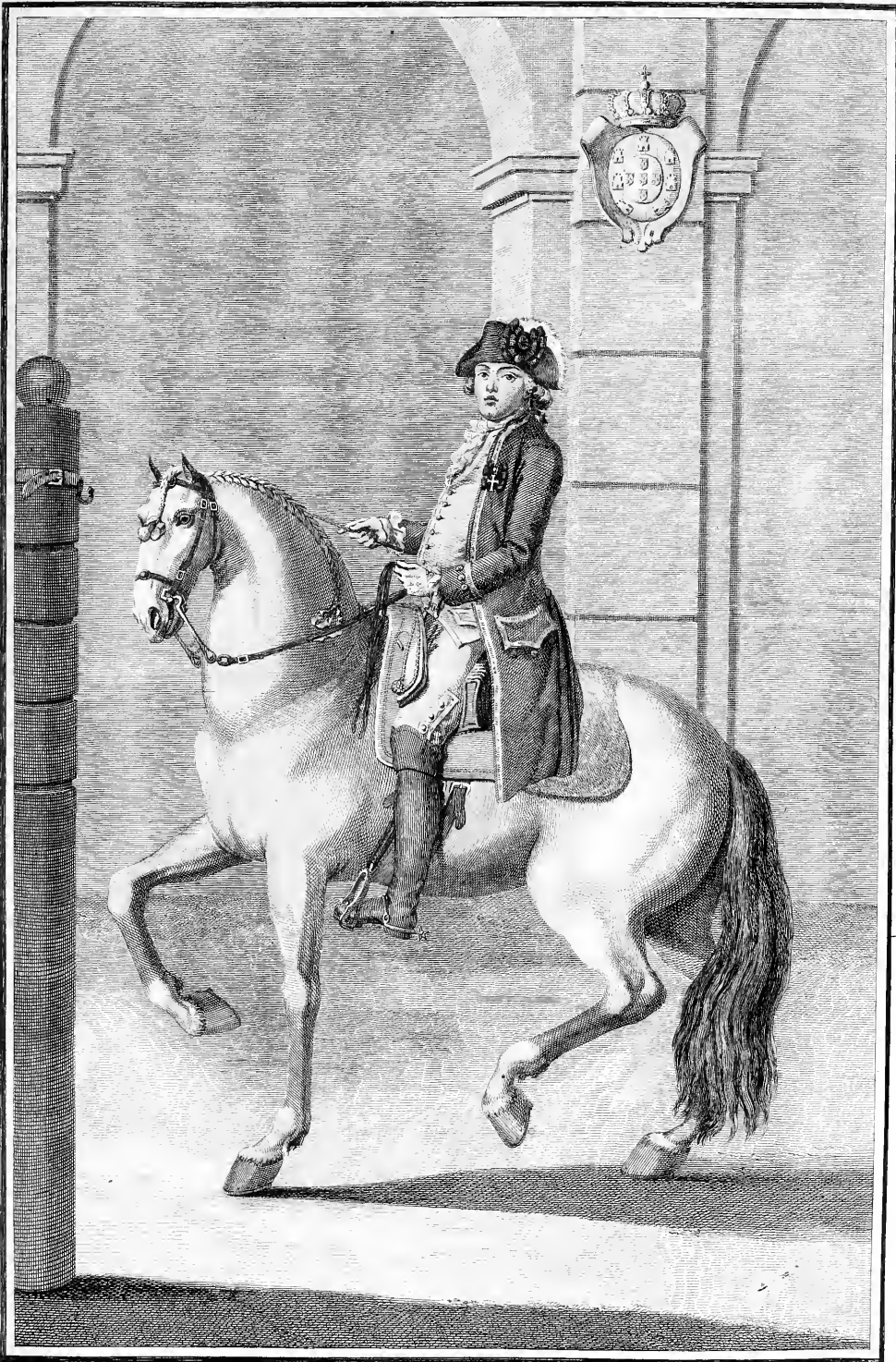
Do Serenissimo Principe D. José, formando hum Cavallo na lição, e acção de suspender, alguma cousa dobrado para a esquerda.

Quando S. A. formava qualquer Cavallo na lição de suspender, dobrado para a esquerda, animava com huma inimitavel bizarría toda a sua Magestosa figura para o Cavallo se avivar: após isso fazia-lhe sentir a sensação da sua perna direita mais activa, que a da esquerda, sustentava a mão esquerda de unhas affima com o dedo minimo inclinado para a espadua direita; e encruzando-o affim entre as forças das sensações da perna direita, e da redea esquerda, o fazia determinar sempre em hum movimento igual, já sem avançar, nem recuar, já avançando, ou recuando sobre linhas rectas, e tambem fazendo-o obliquar para a direita; e para a esquerda sobre linhas curvas.

Modo, com que S. A. fazia passar de mão da esquerda para a direita qualquer Cavallo que formava nesta lição.

Quando elle queria fazer passar de mão o seu Cavallo da esquerda para a direita, com a perna direita, e as redeas esquerdas o encruzava bem entre a redea de dentro, e a perna de fóra, obrigando-o a formar hum angulo, conduzindo-o á passagem do seu ponto, ou vertice para as linhas em que trabalhava, sobre as quaes o obrigava a que mudasse de acção, e se desdobrasse da esquerda para a direita, formando primeiramente hum angulo recto, e depois hum quarto de circulo, sem que o Cavallo perdesse a igualdade do movimento; nem ainda no tempo da passagem: continuando a lição, depois de se desdobrar da esquerda, e dobrar para a direita com a mesma boa ordem que disse, antes de passar de mão, se dobrava para a esquerda; advertindo que S. A. ou dobrasse o Cavallo na lição, e acção de suspender para a direita, ou para a esquerda, conservava a sua mão de dentro de unhas affima, avançava a espadua de fóra, atrazava a de dentro, e affim encruzava o Cavallo entre a redea de dentro, e a perna de fóra para huma, e outra parte com igual perfeição.

Quando o Cavallo marchar para diante, e para trás, marcará linhas parallelas;





e quando obliquar para a esquerda com as pístas das mãos, e pés, marcará quatro linhas obliquas distinctas, porque he obrigado a cruzar a mão, e pé direito por firma, e por diante da mão, e pé esquerdo, ou de dentro, ainda que avance pouco terreno no feu movimento.

Mostra-se que cousa he o movimento das passadas, e o modo de formar o Cavallo nesta lição, e acção para a direita, e para a esquerda.

AS passadas derivão a sua denominação dos movimentos, que os Cavallos fazem, quando nos fins das linhas rectas formão os angulos para passar de mão.

Depois que por meio das lições já expendidas o Cavallo se mover com facilidade para huma, e para outra parte, voltando com sujeição, e obediencia aos movimentos das mãos, e pernas do Cavalleiro, ao passo pelo comprimento das linhas da muralha, devem principiar a fazer-lhe conhecer as sensações proprias, com que as mãos, e pernas do Cavalleiro o devem ir formando nesta lição; e da mesma forte ao comprimento dos lados dos angulos, e a periferia dos circulos, e femicirculos primeiramente, em hum passo sustido vivo, e igual; e quando o Cavallo apressar o movimento das espaldas com desembaraço, e facilidade, e tiver o movimento das ancas mais unido, e firme para sustentar o pezo do feu corpo mais sobre a garupa, quando volta do vertice do angulo para o arco de circulo, o podem obrigar com as forças de ambas as redeas, e das pernas ambas a que forme as passadas, como passo a explicar.

Com a mão, ou redea de dentro, e a perna de fóra se encruza a garupa do Cavallo entre huma, e outra força, para o fazer entrar com as ancas para o centro de hum femicirculo, a que commummente chamão fazer a meia volta, de forte que com este movimento marca quatro pístas, ou femicirculos; e depois de bem confirmado em formar os meios circulos ao passo, devem formar-lhe a mesma lição ao trote unido, e ao trote diligente, conduzindo-o assim de grão em grão até se constituir em termos de formar as passadas sobre o meio circulo, galopando, já indo de duas, já de quatro pístas, fazendo-o respeitar de qualquer modo que ande, o minimo movimento do corpo, e das mãos, e pernas do Cavalleiro.

Fórma-se o Cavallo na lição, e acção das passadas logo depois de o fazer galopar sobre as linhas da muralha; e nos angulos, e das suas extremidades he que se obriga a formar os meios circulos de quatro pístas em hum galope mais relevado, ou como diz Pignatelli Pag. 47. as meias voltas das passadas, seja movendo-se em hum pequeno galope, ou em hum galope muito veloz.

Para o Cavalleiro obrigar bem o feu Cavallo a formar os meios circulos de quatro pístas, quando se vai approximando ao fim das linhas do comprimento da muralha, deve ir-lhe encruzando a garupa entre as sensações das redeas de dentro, para que dobre bem o feu peçoço, fazendo-lhe sentir instantaneamente alguns toques da perna de fóra, para que entre com as ancas para o centro, obri- gan-

gando-o tambem com a perna de dentro a entrar com facilidade para diante , e para o centro , firmando-lhe cada vez mais o corpo atrás , logo que o Cavallo no primeiro vertice do angulo , ou no canto principiar a rebater os seus movimentos para fima da garupa , havendo-lhe marcado huma meia parada , ou falcada ; e apòs isso o devem obrigar , trazendo a mão de fóra para o centro , a fim de que as espadas voltem pelo femicirculo com rapidez ; e depois de haver feito quatro , ou cinco tempos do galope bem unido sobre a garupa , o Cavalleiro deve affroxar a actividade das sensações com que o obriga , para elle tambem modificar a sua velocidade , e ir fechar o meio circulo sobre a outra extremidade delle em hum movimento já muito modificado.

Em quanto elle determina os seus movimentos nesta acção pelo meio circulo , sustenta sobre as ancas a maior parte do pezo do corpo , e fornece a meia volta com tempos muito semelhantes ao terra a terra , em que tem infinita graça , como diz Pignatelli Pag. 53. ; mas devo advertir que nunca se deve chamar o Cavallo ás passadas , no tempo em que o sentirem defunido , ou muito abandonado sobre as espadas ; antes quando elle incorrer nestes defeitos , o devem unir das espadas com as redeas , e meias paradas , tirando-o atrás muitas vezes , tocando-lhe com a vara sobre as ancas , para que por meio destas diversões levante a cabeça , aligeire as espadas , e use bem da garupa.

Das passadas furiosas.

AS passadas furiosas são aquellas , que se fazem , obrigando o Cavallo a partir a toda a brida pelas linhas da muralha ; e quando se vai approximando ao canto , ou lugar , em que lhe principião a formar o angulo , fazendo-o marcar huma meia parada , ou falcada , o obrigão a que faça tres , ou quatro passadas , seguindo-lhe a garupa bem para o centro , fazendo-o marchar assim pelo femicirculo até fechar a meia volta sobre as linhas rectas da muralha , ou parte em que lhe pertenderem formar a passagem de mão , ou seguir o reverso da acção , em que andava antes de formar o femicirculo. Esta qualidade de passadas serve bem para adestrar os Cavallos destinados para a guerra ; pois sendo o Cavalleiro perseguido pelo seu contrario , na carreira mesmo póde ganhar a garupa ao Cavallo do seu inimigo , e offender o seu offensor mais a seu salvo , como digo no Livro X.

Affirmava meu Mestre ao Senhor Rei D. José I. , que nas passadas , e falcadas dá o Cavallo huma grande prova da sua bondade ; e que pelo modo de as formar , conhece o Cavalleiro , melhor que por outras experiencias , a sua agilidade , quando sahe da mão ; e da mesma forte vê , quando o pára , qual he a qualidade da sua boca ; e quando o Cavallo volta pelo meio circulo do angulo na acção das passadas , deixa tambem conhecer ao Cavalleiro a maravilhosa correspondencia do seu vigor.

Pela lição das passadas se principião a dispôr os Cavallos para se formarem na acção das pousadas , que são a primeira disposiçãõ para os ares altos , como hei de mostrar. Porém em quanto os Cavalleiros não sentirem os seus Cavallos com obe-

obediencia á mão , ou redeas , e ás pernas , e esporas , não os devem chamar ás passadas , para não se arriscarem a que lhe desobedeção nesta lição por falta de conhecimento , e desembaraço. Obriga-se o Cavallo a recuar , e a formar as passadas , tendo o Cavalleiro as suas mãos firmes para si , unindo-lhe depois as pernas ao ventre , logo atrás das cilhas , tendo o corpo atrás , e firme ; porque isto irremediavelmente lhe faz levantar as espadas , e á proporção abaixar a garupa.

Devezas , de que ordinariamente usão os Cavallos para fugir do trabalho das passadas.

DOs Cavallos pezados , preguiçosos , e fracos só com castigos mais fortes , e sensíveis se obtem delles nesta lição alguma obediencia , porque estes já mais se fórmão na brilhante acção das passadas , rebatendo bem a garupa , e relevando os movimentos das passadas para cima della com facilidade , e perfeição. Pelo contrario , os que tem muita agilidade , e são fortes , e sensíveis , rebatem bem os movimentos da garupa , e determinão toda a máquina do corpo com mais graça , e igualdade.

Ha Cavallos , que para se defenderem da oppressão , a que os conduz o trabalho das espadas , quando o Cavalleiro no fim das linhas rectas da muralha os vai dispendo para entrar no canto , e formar o angulo , elles se fazem irtos , e tezos do espinhaço , estacão as mãos para diante , e usão mal da garupa. Nestes casos se lhes devem fazer sentir as sensações das pernas mais atrás das cilhas com força proporcionada á determinação dos seus movimentos , tocando-lhes ao mesmo tempo com a vara sobre as espadas , e sobre os braços moderadamente para os definchar por este modo da acção falsa , e formallos na verdadeira.

Outros no movimento , e acção das passadas se aproveitão da sua força , e união para fahirem muito para diante , e se abandonarem excessivamente sobre a mão , ou descansarem com excessão sobre a embocadura : a estes deve o Cavalleiro formar repetidas vezes meias paradas , e paradas firmes , obrigando-os a recuar depois de os haver parado , fazendo-lhes assim nas paradas , como quando duvidarem recuar , sentir o cabeçaço , tirando huma redea depois da outra , a fim de lhes fazerem perder os referidos máos costumes.

Tambem fogem da sujeição das passadas aquelles , que se encofão mais para huma , que para outra parte , quando formão o meio circulo. Neste caso deve o Cavalleiro com o movimento do corpo , e com o das suas mãos , e sensações das pernas ajudar o Cavallo mais vivamente , para que se endireite no terreno , e vá igual no movimento , e acção. Se elle se lançar sobre a espada de fóra , já tenho dito que devem trazer as mãos de fóra para dentro da volta : logo por consequencia quando se encofár sobre a espada de dentro , devem com as mãos de unhas affima fahir do centro para fóra , concorrendo o tronco do corpo , e a força das sensações das pernas , para que as mãos possão endireitar o Cavallo das espadas ; pois todas as lições devem ser de tal forte combinadas , e applicadas , que lhes evitem os vicios , e fação produzir nos seus movimentos os bons costumes , em que o Cavalleiro os pertende formar.

Não

Não se deve entender que o Cavallo rebate bem a sua garupa, e levanta bem as espadas na acção das passadas só por se levantar muito por diante, em quanto se não levanta, assentando-se bem sobre a garupa, dobrando os curvilhões, e recolhendo os pés, curvando-os para baixo do seu ventre, a fim de alcançar com elles mais o ponto de gravidade, e sustentar o seu pezo, e verdadeira acção das passadas, tanto, ou mais pelo equilibrio do que pela força.

Tambem se formão outros semicirculos, sahindo das linhas da muralha para dentro do terreno do Manejo, e indo depois buscar as mesmas linhas da muralha para fechar nellas o semicirculo, e passar de mão para a esquerda: logo se obrigarem o Cavallo a formar o angulo no canto para as linhas da muralha, sem passar de mão, ficará trabalhando na acção da volta ao revés. As sensações das mãos, e pernas do Cavalleiro para conduzir o Cavallo por este semicirculo, tem nesta lição grande differença daquellas, de que tenho tratado para o conduzir pelo direito, ou com as espadas para o centro, porque nesta as mãos, ou redeas direitas, e a perna esquerda o obrigão a marchar, logo que entra das linhas da muralha para o meio do Manejo, dobrado para fóra do semicirculo, que vai formando até á linha do quadrado; e em quanto fórma o semicirculo, necessariamente as redeas ambas lhes fazem entrar as espadas ambas para o centro delle, ou para a esquerda, e a perna esquerda com sensações mais activas obriga a garupa a entrar mais para a direita, marcando com as pistas dos pés as linhas da maior circumferencia, e com as das mãos as linhas da menor; e quando chega a outra extremidade do semicirculo, se o fazem passar de mão, devem desdobrallo da direita para a esquerda pelo mesmo modo que tenho dito, se fórma outra qualquer passagem sobre o tempo: advertindo que, quando passa de mão, póde seguir as linhas do quadrado para a esquerda direito, e tambem com as espadas no centro, e a garupa ao muro, ou ficar com a cara contra a muralha para a esquerda. Mas se o não fizerem passar de mão, e mudar de acção, e voltar, chegando á extremidade do semicirculo, sobre o prolongo das linhas da muralha para a direita, ficará com a cara contra a muralha, ou com as espadas para o centro dobrado para a direita; e de quaesquer destas maneiras que o Cavallo forme os semicirculos, o podem obrigar a que faça algumas passadas. Por semelhante modo se obrigão os Cavallos a passar de mão, formando as passadas dobrados para a esquerda, &c.

Lição da garupa ao Pilão, ou ao centro, ao passo, e trote, dobrando o Cavallo para a direita com o freio, e cabeçaço.

Reduzido elle ao bom estado de ir obedecendo ás sensações das mãos, e pernas do Cavalleiro por meio das lições precedentes, he bom usar das correas de vencer para o dobrar mais, e com mais facilidade. Estas correas de vencer devem ter de comprimento quatorze palmos pouco mais, ou menos, e humma pollegada de largo, com sua fivela, e passador em humma ponta para se afivelar na primeira cilha junto da roupa da sella, como se vê na Est. XXXI. N. 5., e a outra ponta da correa deverá ir, depois de haver passado pela argola do tronel do



Non tu q' in long' tempore natus ante ab obitu
que ad non

Albre delin.

Frois sculp.

cabeção á mão do Cavalleiro , para elle usar dellas , como das redeas ordinarias do cabeção.

A passagem que as correias fazem pelas argolas dos torneis do cabeção , dá mais potencia a estas correias, do que tem as ordinarias redeas do cabeção; e isto he bem perceptível áquelles , que tem conhecimento do modo , com que se augmenta nas máquinás a potencia.

Logo que o Cavallo trabalha com a garupa ao Pilão, seja sobre huma maior, ou menor circumferencia, as pistas das mãos hão de caminhar sobre as linhas maiores, e as pistas dos pés sobre as linhas menores, porque as ancas andão assim mais perto do ponto do centro : logo as pistas das mãos distão das linhas, que fórmão as pistas dos pés quasi todo o comprimento do corpo do Cavallo; e por estes motivos as espaduas tem maior, e mais largo movimento, do que as ancas ao passo, e trote.

ESTAMPA XXXI.

*Do Serenissimo Principe D. Josè, formando hum Cavallo na lição,
e acção da garupa ao Pilão, fazendo-o marchar ao passo,
e trote para a direita.*

PAra S. A. obrigar qualquer Cavallo a que se formasse nesta acção com facilidade, o encaminhava com as sensações das suas pernas ambas, e com as de ambas as mãos, ou redeas, para que determinasse a sua direcção para diante, obliqua, e circularmente. Para este fim segurava a sua mão direita de unhas assima, de forte que o dedo minimo se inclinava para a espadua esquerda, e então lhe fazia sentir com proporção as sensações, ora da redea de dentro, sustentando a mão esquerda de unhas abaixo, e para fóra, ora da redea de fóra, quando o queria obrigar a unir a espadua de dentro á de fóra, ou esta á de dentro, para andar bem para diante, e dobrar-se com mais graça para a direita; e depois de o encaminhar com huma, e outra redea deste modo, fortalecia S. A. com huma sufficiente actividade as sensações da perna esquerda, ou de fóra da volta, e o Cavallo não só entrava com as ancas para o centro, mas determinava os movimentos da sua corporea máquina obliqua, e circularmente, como mostra a Est. XXXI.

Depois de ser desta forte encaminhado para o formar na acção com mais facilidade, e com mais graça, firmava S. A. o corpo alguma cousa para trás, avançava a espadua esquerda, e atrazava á proporção a direita, conservando-lhe a mão esquerda hum pouco mais alta, avançada, e firme, para suster as redeas com hum tacto proporcionado á sensibilidade da boca do Cavallo, trazia a mão direita cada vez mais baixa, e para si, de unhas assima, firme, porém com muita liberdade, a fim de que as sensações de huma, e outra redea fossem bem applicadas, e contrapostas, assim ás do equilibrio, como ás de huma, e de outra perna, para o Cavallo obedecer, e se formar cada vez em melhor acção.

Quando o Cavallo trabalha nesta lição, e acção, a dobra do seu corpo he da parte direita, por ser esta para onde elle olha, e vence o terreno: logo necessariamente

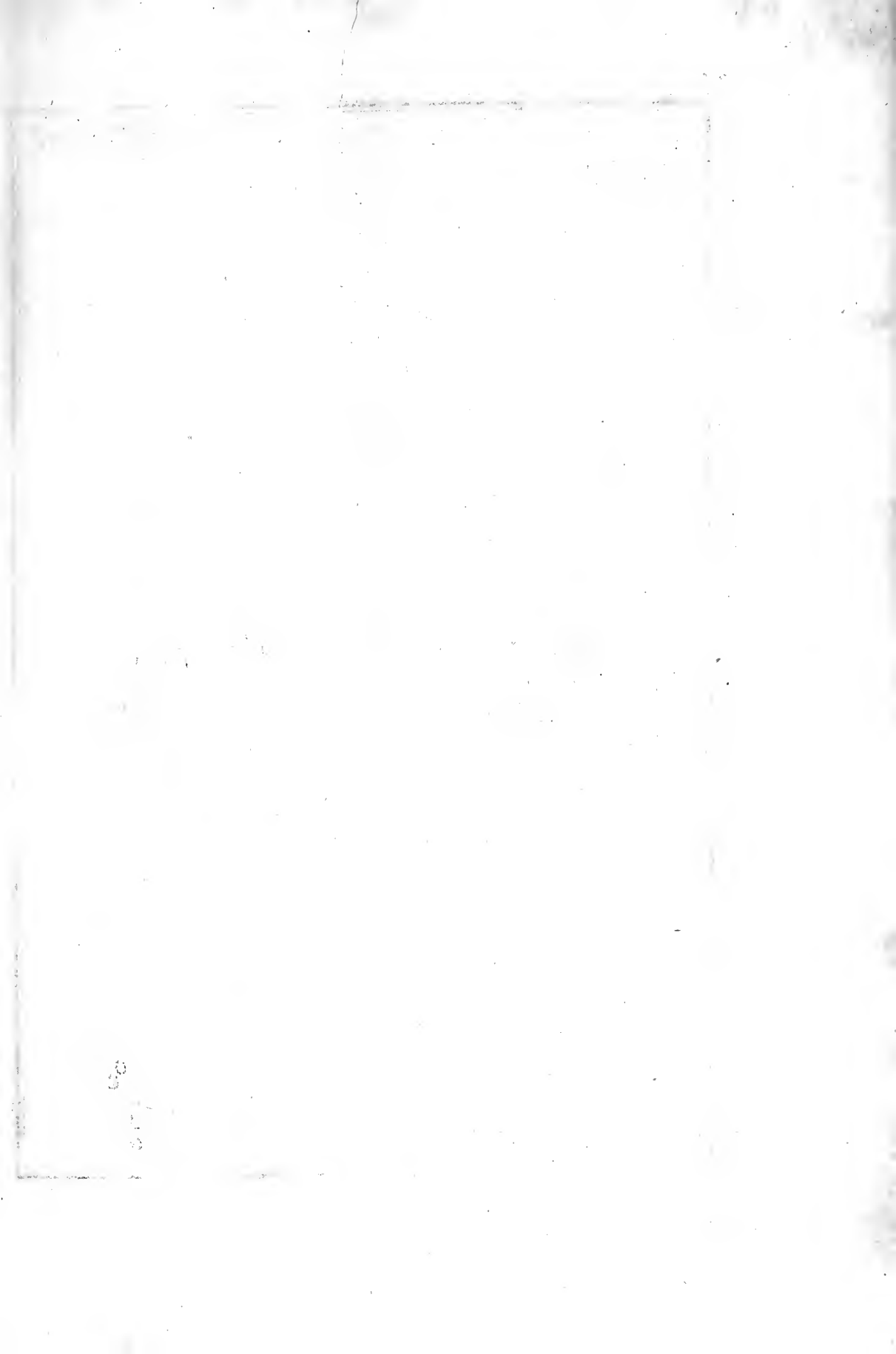
mente fórma quatro circulos com as pistas das mãos, e pés, como se vê na Fig. 1. da Est. XXXII. a mão, e pé de fóra para vencer a maior distancia de terreno, que tem para transitar, devem marcar as suas pistas, ou linhas, avançando-se bem por cima, e por diante da mão, e pé de dentro; e o Cavallo he certo que não póde vencer isto, sem que a mão, e pé de fóra marquem desta sorte o terreno ao passo, e trote. Logo quando elle galopa com a garupa ao Pilão, ou para o centro, tambem he certo que tem outro movimento differente, do que tem marchando de passo, e trote, porque no seu galope se move com hum balanço das espaduas, e outro da garupa, sendo unidas immediatamente todas as determinações dos seus movimentos em hum, e outro balanço; porém a passo, e de trote marca os quatro tempos dos seus movimentos, como deixo notado.

Já disse que S. A. quando formava qualquer Cavallo na lição da garupa ao centro, avançava a sua espadua esquerda, e atrazava á proporção a direita; e he sem dúvida que elle se formava nesta acção, porque tinha hum pleno conhecimento de que a força centrifuga, pela dobra do corpo do Cavallo, faz atrazar a espadua esquerda do Cavalleiro, e toda a meia parte do corpo d'elle, maiormente nesta lição. O pé, e mão do Cavallo da parte do centro da dobra do seu corpo ao passo, e trote se levantão menos da terra: logo para lhe ajudar a precisa inclinação circular com que elle se deve conduzir para o centro, precisa o Cavalleiro (para formar o Cavallo com perfeição, e para lhe obrigar cada vez mais as suas ancas) ter, e conservar, como S. A., o seu corpo direito da cintura para cima, e firme no meio da sella; pois este gráo de equilibrio he preciso não só para ajudar bem o animal, mas para toda a symmetria da figura do Cavalleiro seguir bem as linhas, pelas quaes toda a máquina do corpo do Cavallo determina o movimento.

Tambem quando S. A. o formava nesta lição, costumava pezar muitas vezes mais sobre o esfríbido de dentro, que sobre o de fóra da volta, para com a força centripeta do pezo, e movimento do seu corpo o indireitar no terreno, fazendo-o obediente com mais facilidade ás impressões de ambas as redeas, e de ambas as pernas; porque só por este meio se alcança que a pista da mão, e perna de fóra sigão com mais agilidade a pista, e a direcção da mão, e perna de dentro, para se levantarem com mais facilidade do terreno.

Se o Cavallo se lançava com desigualdade sobre a espadua de fóra, deixando de entrar bem na mão, e andar com facilidade para diante, S. A. não só lhe rendia muitas vezes as mãos, mas obrigava-o com a falla, com a vara, e com as senhações, já de huma, já de outra perna, a ir para diante; ou tambem abrandava a força das senhações da mão direita, levando apòs isso a esquerda de unhas affima para dentro da volta: firmava então o seu corpo todo em huma acção mais forte; e viva, para que sentindo o Cavallo todos aquelles movimentos affim applicados, determinasse os seus tambem com a viveza, actividade, e promptidão, que os Cavalleiros devem exigir dos Cavallos em taes casos, para ferem mais promptos, e obedientes.

Obrigava-os tambem com ambas as redeas a que marcaffem o terreno com igual-
da-



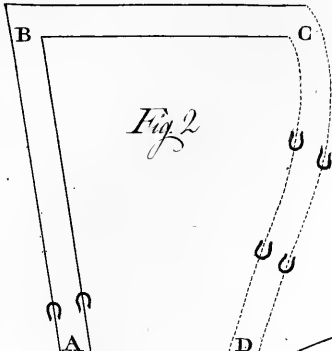


Fig. 2

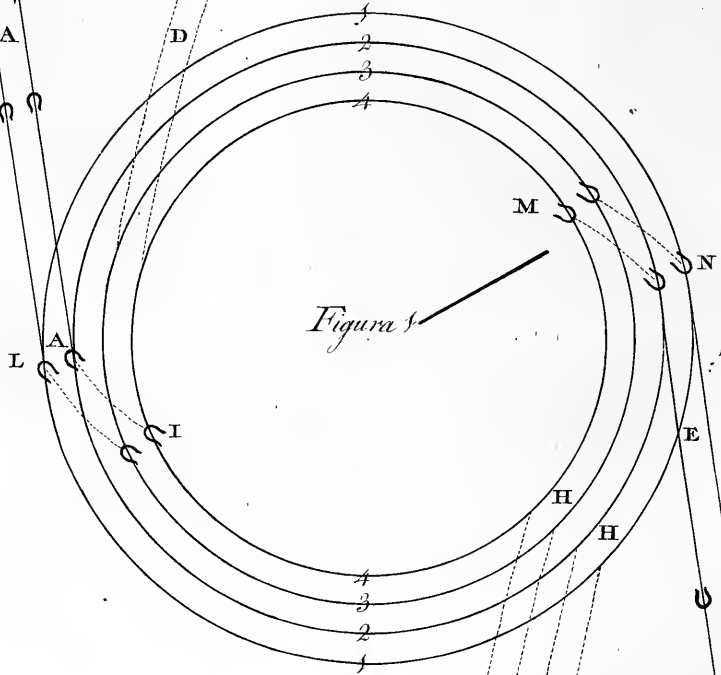


Figura 1

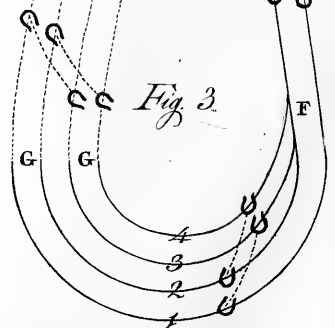


Fig. 3

dade, para lhes ir situando a direcção das espaldas no seu devido lugar, e da mesma forte a dobra do corpo, e igualdade do movimento da garupa, o que se não pôde vencer, se os Cavallos são trabalhados em hum terreno desigual; isto he, entrando humas vezes, e sahindo outras para fóra da circumferencia. Tambem quando elles não andão com igualdade, hão de fazer algumas alcançadas com o pé, e mão de fóra sobre o pé, e mão de dentro, sendo por estas razões desagradaveis os seus movimentos: logo por consequencia elles terão pouca sujeição, e obediencia ás mãos, e pernas do Cavalleiro, quando em todos os casos devem deixar-se encruzar entre a força das redeas de dentro, e da perna de fóra, andando sempre bem para diante em hum movimento, e terreno igual, determinando-se pelas sensações das mãos, e pernas com velocidade igual á força, com que o corpo, as mãos, e as pernas o obrigão a formar nesta acção para marcar o terreno, como se observa na seguinte

E S T A M P A XXXII.

Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, formando-os na lição da garupa ao centro, ao passô, e trote para a direita: e o methodo, por que S. A. obrigava qualquer Cavallo a passar de mão da direita para a esquerda.

A Pista da mão esquerda, em quanto o Cavallo anda dobrado para a direita, marca o circulo N. 1., a da mão direita o N. 2., a do pé esquerdo o N. 3., e a do pé direito o N. 4., como se vê na Fig. 1.

Para S. A. lhe formar as passagens de mão, quando fazia trabalhar qualquer Cavallo da direita para a esquerda nesta lição, quando o sentia marchar com mais facilidade para diante, o fazia partir das linhas da maior circumferencia da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas linhas da Letra A para B, e desta para C, fazendo-o ir pelas linhas assignadas com pontinhos completar a passagem sobre D, conduzindo-o pelos lados do angulo, sempre bem encruzado entre a força das sensações das redeas direitas, e da perna esquerda, até o fazer desdobrar da direita para a esquerda: ora quando S. A. tambem o obrigava a que formasse a passagem, chegando ás linhas da Fig. 1. affroxava as forças das redeas direitas, e da perna esquerda: fortalecia depois as sensações da perna direita, e das redeas esquerdas, e o Cavallo se desdobrava da direita para a esquerda, formando-se para esta parte na mesma graciosa acção, em que antes da passagem trabalhava para a direita.

Por semelhante modo fazia elle passar os Cavallos de mão, formando tambem o semicirculo de quatro pistas: então os encruzava bem entre as forças das redeas direitas, e da perna esquerda, fazendo-os marcar as linhas da Letra E da Fig. 1. para a Fig. 3., partindo para a Letra F; e chegando ao vertice do angulo, elle os obrigava então mais com as redeas direitas, e a perna esquerda a que entrassem com as ancas para o centro, e pelas linhas de pontinhos da Letra G pa-

ra a Letra H os trazia em movimento mais moderado para os ir obrigando cada vez mais a formar o femicirculo de quatro pítas; e para que levantaffem com mais facilidade as espaduas , ou elles determinaffem os feus movimentos ao passo , ao trote , ao galope , ou tambem a passadas.

Defezas de que usão alguns Cavallos , quando são obrigados a formar as passagens de mão , sabindo dos circulos do centro para as linbas da muralba , e o melhor modo de as emendar.

SE o Cavallo se arremessã á passagem pelo femicirculo com velocidade , e paixão , entrando com demaziada força na mão , seja por fugir da sujeição a que o conduz a perna , e espora de fóra , e da oppressão de se formar nesta figura sobre a garupa , seja por se querer desdobar da acção para usar mal das espaduas , o Cavalleiro então deve firmar o seu corpo mais para trás , sustendo , e rendendo amiudadas vezes huma , e outra redea ; e já com maior , já com menor actividade o obrigará a formar os femicirculos de duas , ou de quatro pítas , como permittir a agilidade do Cavallo.

Se indo pelo meio circulo , ficar para trás , ou se entortar das espaduas , então promptamente o devem obrigar a que forme alguns pequenos circulos de duas , ou de quatro pítas , para se arredondar dos movimentos das espaduas , e garupa , até se deixar dispôr bem para formar a passagem mais livre da sua dúvida , e má tenção. Logo que o Cavallo duvidando confundir o seu movimento , indo com timida incerteza , ora sobre hum , ora sobre outro lado , o Cavalleiro promptamente deve contrapôr as sensações das suas mãos , e pernas ás suas defordens , de forte que o socegue , e vá pondo na verdadeira acção.

Se elle se desmancha da sua figura , porque se lança sobre a espadua de fóra , quando sahe da Fig. 1. pelas tangentes A para a Fig. 2. e 3. E , promptamente deve o Cavalleiro affroxar as sensações da perna esquerda , e das redeas direitas , trazendo a mão esquerda de unhas affima , de fóra para o centro , e fortalecendo apòs isto as sensações da perna direita para unir a perna de dentro á de fóra : logo se fugir com a garupa muito para fóra , deve o Cavalleiro affroxar totalmente as sensações da perna direita , sem perder a firmeza do pé na soleira do estribo , fortalecendo as sensações da perna esquerda , unindo-a ao ventre do Cavallo mais de chapa , e hum pouco mais atrás das cilhas , tendo a mão esquerda de unhas affima , trazendo-a , e mais a direita unidas repetidas vezes para si , até que o Cavallo , por effeito das sensações dellas , e das da perna esquerda , entre para diante , e segure a garupa. Tambem se deve muitas vezes fazer passar de mão , e desta para a lição dos quatro circulos , ou para a das espaduas dentro , encruzando-o em todas estas lições entre as redeas de dentro , e a perna de fóra o mais que puder ser , principalmente nas passagens de mão destas lições , conduzindo-o destas passagens , quando elle andar com mais facilidade , muitas vezes para a

da

da garupa ao Pilão ; pois estes são os meios mais proprios de lhe sujeitar a garupa , e desembaraçar as espaduas.

Fazia S. A. repetidas vezes passar de mão os Cavallos, que usavão da defeza de ficar para trás nas passagens, já para a lição dos quatro circulos, já para a das espaduas dentro, porque conhecia que desta sorte mais insensivelmente os obrigava a dobrar-se do pescoço, e espaduas para se renderem flexiveis nas difficuldades da sua garupa. Esta em commum he a boa formalidade, com que S. A. fazia passar de mão qualquer Cavallo da direita para a esquerda : agora direi alguma parte dos movimentos com que elle se conduzia, e algumas sensações, de que usava, para fazer determinar os Cavallos para as acções, de que tenho tratado nas passagens desta lição.

Logo que S. A. determinava a direcção do seu Cavallo para fóra dos circulos do centro, o obrigava cada vez mais com as correas, ou redeas do cabeção, em qualquer figura, em que o fizesse passar de mão ; e para instantaneamente o fazer mudar de acção no vertice do angulo, affroxava as redeas direitas do cabeção, e freio, sustentava as redeas esquerdas com mais apoio, tendo a mão esquerda de unhas assima, e a direita para si, affroxando tambem as sensações da perna esquerda, fortalecendo as da direita, atrazando a espadua esquerda, e avançando á proporção a direita no tempo em que o Cavallo mudava de acção ; pois todas estas diligencias o fazem dobrar, e conservar para a mão esquerda com a mesma graça, com que antes da passagem se dobrava para a direita.

Tambem se podem formar as passagens de mão (como S. A. muitas vezes fazia) sem desdobrar o Cavallo da acção, em que andar para a direita, conduzindo-o ao vertice do angulo assim dobrado, e delle para diante, continuar na acção da volta ao revés; mas para vencer isto, he preciso trazer repetidas vezes as mãos ambas para fóra da volta, e para dentro do centro, até chegar ao lugar da passagem, obrigando-o cada vez mais com a perna esquerda para marcar a linha N. 1. mais proxima ao centro: com a pista da mão esquerda, e com a da mão direita a N. 2. ; com a do pé esquerdo a N. 3. ; e com a do pé direito a N. 4. da maior circumferencia, como se vê na Fig. 1. da Est. XXXVI., por consequencia então as espaduas marção os circulos menores, e o Cavallo fica olhando para fóra do ponto do centro, ou trabalhe em hum pequeno circulo, ou em huma grande volta. A isto se chama passar, ficando sobre a volta ao revés; porque quem estiver no ponto do centro, necessariamente fica vendo o reverso da acção, que antecedentemente via antes da passagem.

Tendo o Cavallo adquirido facilidade, e desembaraço, o fazia S. A. tambem passar de mão, quando trabalhava com a garupa ao centro, sahindo da Fig. 1. Est. XXXII. para as linhas da muralha, obrigando-o a que formasse algumas passadas do vertice do angulo por hum semicirculo, segurando-lhe mais a garupa com a perna de fóra, e dobrando-o cada vez mais do pescoço, e espaduas com as redeas de dentro, ajudando-o repetidas vezes com a sua mão de fóra, trazendo-a para dentro da volta, e depois animava todo o seu corpo de maneira, que o Cavallo determinava todos os movimentos ao principio com velocidade, levantando-se

fe bem das espadas na acção das passadas, marcando o terreno, como se vê na Fig. 3. da Est. XXXII.; e depois de rebater, e recolher a garupa bem para baixo do ventre, da Letra F para a Letra G, quando pelas linhas de pontinhos se hia unindo ás linhas da Fig. 1. Letra H. S. A. affroxava a actividade das sensações, com que o obrigava, para o fazer ir por este modo finalizar o femicirculo, e formar a passagem já em hum galope de forte modificado, que delle passava ao trote, para o mudar de acção, e desdobrar o corpo na passagem com mais facilidade, a fim de continuar ao passo, e trote nesta lição para a mão esquerda com a mesma boa ordem, com que elle a havia formado para a direita antes de principiar a fazer a passagem.

Lição da garupa ao Pilão, ao passo, e trote para a esquerda.

HAvendo eu dito a boa ordem, com que S. A. formava os Cavallos, que trabalhava na acção da garupa ao centro para a direita, passo a mostrar como o Serenissimo Principe D. João forma os Cavallos, em que anda, na lição, e acção da garupa ao Pilão para a esquerda.

Logo que S. A. forma qualquer Cavallo na lição, e acção da garupa ao Pilão para a mão esquerda, adianta a espada direita, e da mesma sorte o braço, e quadril direito, atrazando á proporção a espada, o braço, e o quadril esquerdo: une-lhe a perna direita mais atrás da terceira cilha, para que sendo a sua sensação mais activa, ella obrigue a garupa a encruzar-se bem entre as redeas esquerdas, e a perna direita, ficando por tanto a sensação da perna esquerda menos activa, para o Cavallo dar principio a determinar os seus movimentos obliqua, e circularmente para a esquerda, como se vê na seguinte

E S T A M P A XXXIII.

Do Serenissimo Principe D. João, formando qualquer Cavallo na lição, e acção da garupa ao Pilão, obrigando-o com o freio, e cabeção a marchar de passo, e trote para a esquerda.

ANimando S. A. a sua bella figura, segura as redeas do freio, e cabeção esquerdas, bem fechadas na mão esquerda, e a redea, ou correa do cabeção direita na mão direita, e assim lhe rende, e sustem as mãos, une as pernas, e encaminha o Cavallo, para que ande com facilidade para diante, e se vá formando na boa acção, que representa a Est. XXXIII.

Se o Cavallo duvida por ignorante formar-se bem nesta acção, diz Newcastle que em tal caso póde o Cavalleiro para o encaminhar, e reduzir com mais facilidade, ter as redeas separadas, huma do freio, e cabeção na mão esquerda, e outra do cabeção, e freio na mão direita. Ou tambem se elle duvida mais dobrar-se pa-



Ms. p. 100 - Cuyas from crest to a 23 de Julio de 1793

del. del.

para a esquerda, ter as redeas do freio unidas na mão direita, e a redea do cabeção, ou correa de vencer tão sómente na mão esquerda, quando trabalha dobrado para esta parte; pois que além deste modo de usar das redeas ser insinuado por Newcastle, grandes Cavalleiros julgão util este remedio, para vencer ao Cavallo cada vez mais nesta difficuldade, e obrigallo a dobrar-se bem para a esquerda.

Não obstante, S. A. trabalha qualquer Cavallo, sem precisar do recurso de separar as redeas, mas sim tendo as do freio unidas na mão esquerda, e esta de unhas affirma com o dedo minimo voltado para a espadua direita, formando-o com estas diligencias na lição, e acção da garupa ao centro para a esquerda com aquella mesma ordem, que já disse que o Serenissimo Principe D. José os dobrava, trabalhando-os sobre a direita; pois com semelhantes sensações se obrigão os Cavallos tanto para a mão direita, como para a esquerda, a formar nas acções, que se mostram nas Eft. XXXI. e XXXIII., quando os Cavalleiros são como SS. AA. iguaes no seu modo de trabalhar os Cavallos, assim para huma, como para outra parte.

Eu disse que S. A. avança a sua espadua direita, e atraza á proporção a esquerda com toda a perfeição, porque na lição da garupa ao centro custa mais ao Cavalleiro avançar a espadua direita, quando o Cavallo anda para a esquerda, principalmente sobre circulos menores com a garupa junto ao Pilão, do que custa a avançar a espadua esquerda, quando elle anda da mesma forte curto para a direita.

Recommenda Newcastle muitas vezes que separem as redeas do freio, ou as tragão unidas na mão direita, quando nesta lição trabalhem para a esquerda; mas he certo que se os Cavalleiros forem desembaraçados, e iguaes no seu modo de trabalhar para huma, e outra mão, não será necessario separar as redeas do freio, nem passallas para a mão direita; pois eu tenho observado que SS. AA., o Marquez Estribeiro Mór, o Mestre da Picaria Real, e outros Cavalleiros, trabalham os seus Cavallos para huma, e outra parte com toda a boa ordem, sem usarem de separar as redeas. Porém não pertendo negar que este modo de trabalhar com as redeas separadas he grandemente util, quando o Cavalleiro não he igual no seu modo de usar das redeas, e o Cavallo pecca pela desigualdade dos movimentos das espaduas, e garupa, muito principalmente quando o trabalham sobre a mão esquerda.

Se o Cavalleiro usar das redeas de dentro, e da perna de fóra, applicando as suas sensações (como tenho dito que as applica S. A., e o Marquez Estribeiro Mór nesta lição) tanto indo sobre huma, como sobre outra mão, o Cavallo determinará todos os movimentos da sua corporea máquina obliqua, e circularmente, e se desembaraçará das suas espaduas, facilitando-se muito destas partes por effeito da passagem, que faz a mão, e pé de fóra por cima, e por diante da mão, e pé de dentro, obrigados de huma, e de outra redea, quando a mão entra para a volta, ou sahe para fóra della.

Da mesma forte que se ajuda o Cavallo nesta lição para a mão direita, assim tambem se deve governar, e ajudar para a mão esquerda; e posto que huns tenham mais geito, e propensão para se moverem com desembaraço, e se dobrarem mais

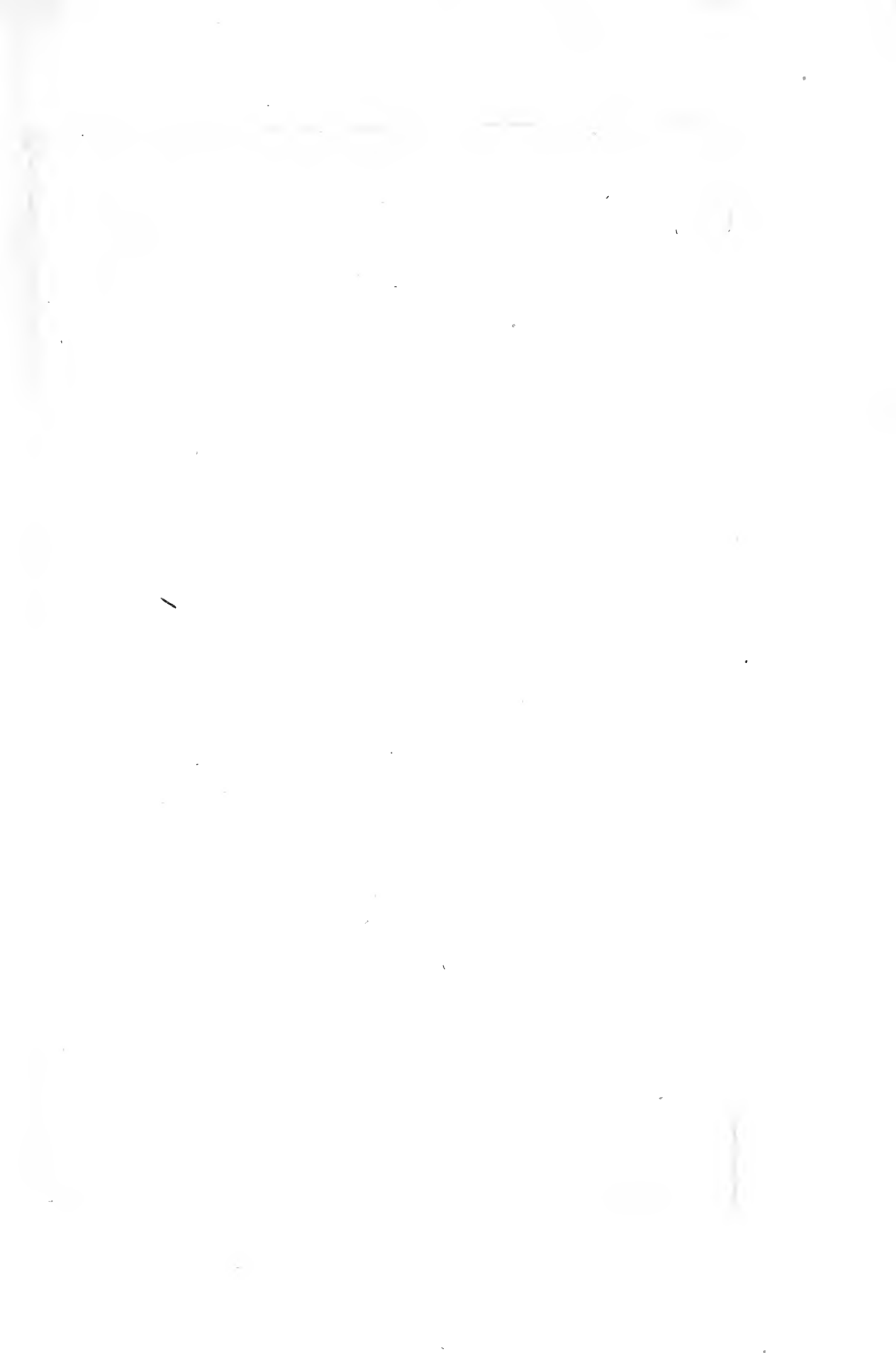
para huma , do que para a outra mão , com tudo , o que tenho dito he o modo mais proprio que se tem descuberto para ir facilitando, e encaminhando os Cavallos; porém de huma , ou de outra forte o Cavalleiro prudentemente deve regular-lhe, e applicar-lhe o trabalho á proporção da utilidade que ella for produzindo.

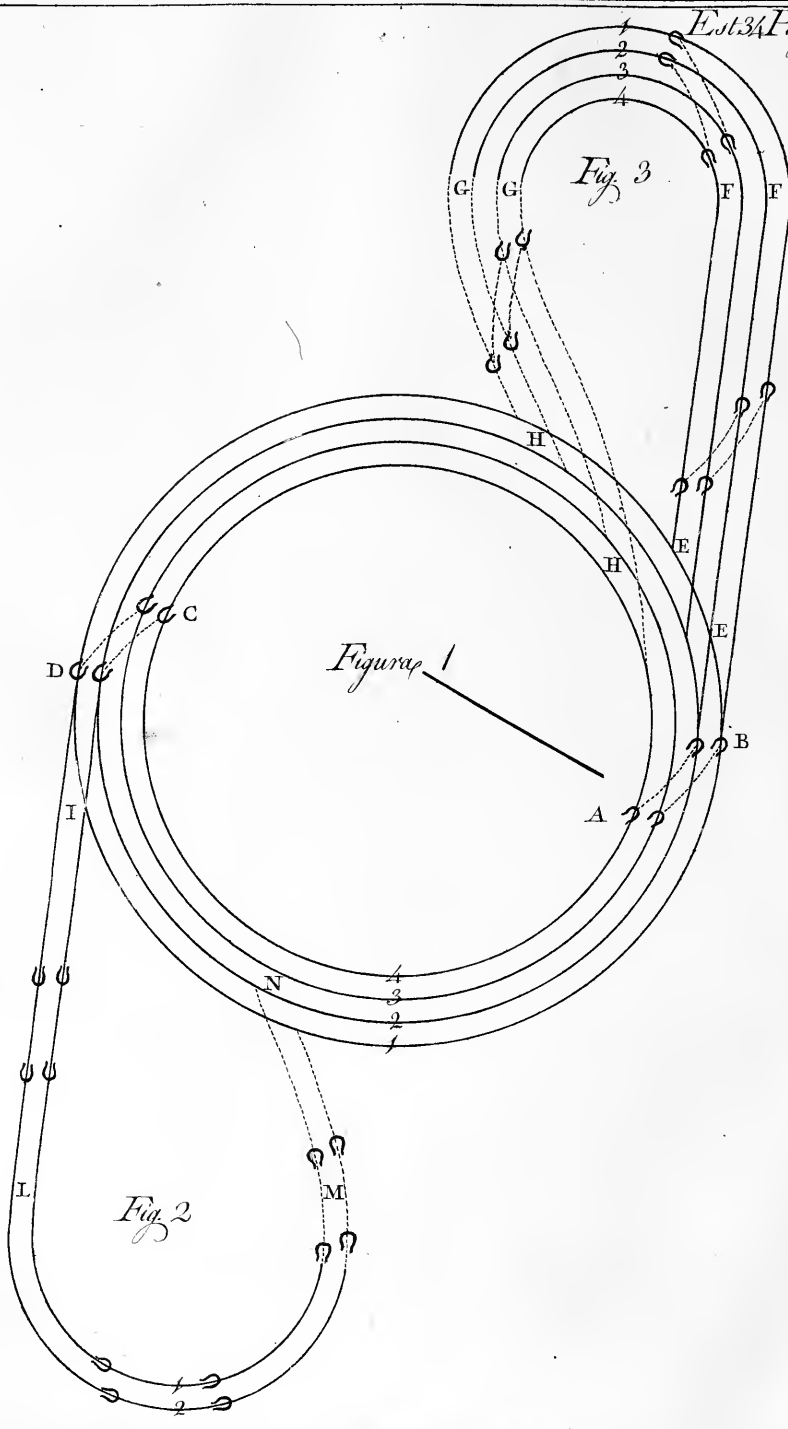
Os tempos com que o Cavallo se move ao passo , e trote nesta lição , não mudão de ordem, posto que o Cavallo mude de velocidade, e de figura de terreno, ainda que mude de acção, em quanto não passa ao galope; pois se elle anda de passo , e de trote para a esquerda , principia o primeiro tempo para caminhar com a mão direita N. 1. segue-a o pé esquerdo N. 4. , depois se move a mão esquerda N. 2., e ultimamente o pé direito N. 3. (Est. XXXIII.) faz o ultimo tempo , ou posição. E assim alternativamente são todos estes tempos bem perceptíveis á vista , maiormente em quanto o Cavallo anda de passo ; pois quando elle anda de trote, pela maior velocidade com que se move, parecem sómente dous; porém oppostos, e atravessados, como o são, quando se move sómente de passo.

Se elle pois deixa de formar o circulo com perfeição , trabalhando dobrado para a esquerda , por se lançar mais sobre a espadua de fóra , S. A. com todo o cuidado, e promptidão traz a mão direita de unhas affima para dentro da volta, e a de dentro de unhas abaixo para si, fazendo-lhe unir por este modo repetidas vezes a sua espadua de fóra á de dentro. E porque o Cavallo não se desmanche na dobra do corpo da sua figura, e acção, em que andava antes de rolar para fóra, S. A. torna logo as mãos ao seu lugar para alternativamente o ir encaminhando , a fim de que determine todos os movimentos das espaduas com perfeição.

Quando o Cavallo róla, ou foge com as ancas para fóra, S. A. segura a mão direita para si , affroxa as sensações das redeas esquerdas , ou de dentro da volta, fortalece as da perna direita, unindo-a mais de chapa, isto he, mais atrás das cilhas com a roseta voltada para a barriga do Cavallo; e se este continúa na desobediencia , com a redea do cabeção de fóra lhe dá alguns toques para cima , e para trás; e quando por meio destas diligencias não obtem d'elle a pertendida obediencia, então o faz passar de mão para a lição da espadua dentro, e della muitas vezes para a dos quatro circulos junto ao Pilão do centro , obrigando-o successivamente com ambas as redeas , e com ambas as pernas , a que entre com as espaduas bem para o centro. Neste caso fortalece a sensação da perna de dentro mais atrás da terceira cilha, para a garupa fahir para a maior circumferencia, como digo na lição dos quatro circulos ao passo, e trote, segurando-lhe a perna de fóra, ou esquerda entre a primeira cilha, e a espadua, para o endireitar mais no terreno, contrapondo-lhe cada vez mais a força das sensações das pernas á força das sensações das redeas , principalmente quando lhe faz entrar com as redeas de fóra as espaduas para o centro.

Ora se elle , não obstante as ponderadas diligencias , não deita a garupa bem para fóra, tambem lhe serve de grande utilidade, depois de o fazer trabalhar assim dobrado para a direita, passallo de mão para a esquerda, e por todo o terreno fazello trabalhar sem muita violencia na lição da cara contra a muralha ; porque as espaduas vão mais seguras pelo embarço que lhes faz a parede, e pelas
aju-





ajudas da mão direita , e da perna direita , que o podem affim obrigar com mais actividade a que se encruze cada vez mais entre as redeas esquerdas , e a perna direita , e desta forte quando vai com mais facilidade , S. A. não só o torna a trabalhar na lição da garupa ao Pilão , mas della o faz passar de mão para a direita : e pelo angulo , e femicirculo o faz marcar o terreno pela maneira seguinte. A pista da mão direita marca a linha N. 1. , a da mão esquerda a N. 2. , a pista do pé direito a N. 3. , e a do pé esquerdo a N. 4. mais perto do centro , como se vê na Fig. 1. da seguinte

E S T A M P A XXXIV.

Do modo , por que os Cavallos marcão o terreno , e as passagens de mão , formando-se na acção da garupa ao Pilão para a esquerda ao passo , e trote.

TRabalhando S. A. qualquer Cavallo na lição da garupa ao centro , e querendo-o fazer passar da esquerda para a direita , quando elle vai mais igual no movimento , o faz fahir dos circulos da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas linhas da Letra I para a Letra L , e della para a Letra M , formando hum femicirculo de duas pistas , seguindo as ancas as linhas das espadas , e pelas linhas de pontinhos o conduz affim dobrado para a esquerda , para ir completar a passagem sobre os circulos da Fig. 1. , obrigando-o sobre a Letra N a que se desdobre da esquerda para a direita : e então elle affroxa instantaneamente as redeas esquerdas , fortalece as direitas , sustendo a mão de unhas affima , fazendo-lhe sentir a perna esquerda mais atrás das cilhas ; e modificando as sensações da perna direita , o obriga com as forças de ambas as redeas , e de ambas as pernas a que entre para diante , e se forme nesta lição para a direita com a boa ordem com que se formava para a esquerda antes de fazer a passagem. Este modo de passar de mão he facil , e por isso o primeiro , de que S. A. usa , para ir dispondo os Cavallos , que ignorão esta lição.

Modo de obrigar qualquer Cavallo a formar a passagem de quatro pistas.

QUando o Cavallo está mais desembaraçado , S. A. o faz tambem passar de mão , fahindo da Fig. 1. para a Fig. 3. pelas linhas da Letra E com hum movimento alguma coufa obliquo até á Letra F , e della para a Letra G o encruza cada vez mais entre as redeas esquerdas , e a perna direita , a fim de o obrigar a formar o femicirculo de quatro pistas , conduzindo-o pelas linhas de pontinhos bem entre as forças das redeas esquerdas , e da perna direita até chegar á Letra H , e sobre ella o faz desdobrar da esquerda para a direita , usando das mesmas sensações que usa , quando o faz desdobrar da acção na passagem da Fig. 2. Estas são aquellas passagens , a que La Gueriniere Pag. 134. chama de meia volta , seja trabalhando para a direita , ou para a esquerda.

Se o Cavallo accelera, e confunde o seu movimento, quando he obrigado a formar o semicirculo do angulo, então S. A. promptamente o obriga a que forme alguns pequenos circulos de duas pistas, para o arredondar dos movimentos das espadas, e vir formar as passagens com mais facilidade.

Modo, por que S. A. obriga hum Cavallo a formar o semicirculo a passadas.

Tambem o obriga algumas vezes a formar os semicirculos a passadas, sahindo das linhas N. 1. da maior circumferencia da Fig. 1. pelas linhas da Letra E; e segundo o maior, ou menor desembaraço do Cavallo, o obriga da Letra F a ir de galope rápido, até fazer pelo semicirculo algumas passadas, modificando-lhe a velocidade do seu galope do meio das linhas de pontinhos para diante, de forte que chegue á Letra H nas linhas da Fig. 1., ou lugar da passagem, já de trote muito manso, e então o faz desdobrar da acção da esquerda para a direita, como em outra qualquer passagem.

Quando S. A. obriga hum Cavallo a formar-se na acção das passadas, trabalhando-o na lição da garupa ao centro, além de o encruzar bem entre as forças das sensações das redeas esquerdas, e da perna direita, aviva toda a sua figura, fortalece todo o corpo, mãos, e pernas, dando-lhe com estas alguns toques instantaneamente, para o Cavallo com elles se levantar, e relevar das espadas na acção das passadas, de forte que por meio desta lição se facilita muito dos movimentos do espinhaço, quadrís, e curvilhões, entra menos na mão, isto he, apoia-se menos na embocadura do freio, e cabeção: e logo por consequencia obedece com mais facilidade ás mãos, e pernas do Cavalleiro, fazendo ao mesmo tempo as passadas, e os semicirculos dos angulos vistosas, e uteis.

Em quanto o Cavallo anda com a garupa ao centro para a esquerda ao passo, e ao trote, marca o terreno, como na Fig. 1. da Est. XXXIV., e a mão direita não alcança o ponto de gravidade, porque passa com huma articulação circular por cima, e por diante da mão esquerda; e posto que se vá unindo a ella com hum movimento obliquo, marca a sua pista mais fóra da linha perpendicular, e ponto de equilibrio. O pé esquerdo vai fazer a sua posição fóra do ponto de gravidade, porque a sua articulação, e de toda a perna até ao quadril segue huma linha diagonal, e por isso vai fazer a sua posição sobre o circulo N. 4.: logo o pezo de todo o corpo do Cavallo he sustentado pela mão esquerda, que marca o circulo N. 2.; e pelo pé direito, que marca o circulo N. 3.: succede isto, porque o pé direito se recolhe para baixo do corpo, e por isso elle, e a mão esquerda seguem por huma linha menos obliqua ao terreno o movimento das espadas, e garupa, e vão fazer a sua posição mais debaixo do ponto dos balanços, que o Cavallo fórma com o corpo nesta lição, vencendo o terreno para o lado esquerdo, como se mostra na Est. XXXIII. e XXXIV. Isto mesmo acontece por estes motivos, quando se fórma nesta lição, e acção para a mão direita ao passo, e trote; e quando fórma as

passadas no seu respectivo lugar, direi o modo, por que o Cavallo se move, quando passa do passo, ou do trotê ao galope.

Lição da volta ao revés ; e as leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro , fazendo trabalhar qualquer Cavallo nesta acção.

1 **D**Eve pezar mais sobre o estribo de dentro da volta , que sobre o de fóra , para alcançar melhor o ponto do equilibrio , e para usar dos movimentos de huma , e de outra perna com mais facilidade : isto serve tambem para fazer menos pezo sobre a parte convexa.

2 Deve com a redea de dentro , e a perna de fóra obrigar o Cavallo a que marque o terreno com igualdade , porque de outra sorte não mostra que tem a precisa sujeição á perna de fóra , e ás redeas de dentro , como adiante direi.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos do Cavallo.

1 **N**As lições antecedentes he lei effencial marcar o terreno , indo sempre para diante , ou sobre a parte convexa ; mas na lição da cara contra a muralha , na lição da garupa ao centro , e na lição da volta ao revés , he lei indispensavel marcar o Cavallo o terreno , indo sempre com as pistas dos pés , e mãos para cima do terreno , que lhe fica da parte concava.

2 Deve ao passo , e trote marcar o terreno , passando sempre a mão , e pé de dentro do centro por cima , e por diante da mão , e pé de dentro da volta.

3 Sempre se deve entender por parte de dentro da volta aquella , para onde elle se curva , e fica mais concavo. Agora passo a mostrar que cousa he andar sobre a volta , e que cousa he a lição da volta ao revés.

Primeiramente se deve advertir , que quando digo que o Cavallo anda sobre a volta , ou sobre a circumferencia , he porque elle vence o terreno para cima dos circulos , que vai formando , e lhe ficão , ou vai deixando da parte concava. E quando digo que anda sobre a volta ao revés , he porque se dobra , principalmente a cabeça para fóra do ponto do centro , anda para cima do terreno , que lhe fica da parte concava , e os circulos , ou linhas , que marca lhe ficão da parte convexa : logo necessariamente elle marca a linha mais interior do centro N. 1. com a pista da mão esquerda (se anda dobrado para a direita) passando a mão esquerda por cima , e por diante da mão direita , que marca a linha N. 2. , que em tal caso he de fóra do centro , e de dentro da volta , como se vê na Fig. 1. da Est. XXXVI.

Tambem digo que sempre se deve suppôr que fica a volta daquella parte para onde o Cavallo olha , e se dobra : logo por consequencia com as pistas das mãos necessariamente ha de marcar sempre as linhas mais proximas ao centro , e com as pistas dos pés as linhas da maior circumferencia , porque só assim pôde determinar o seu movimento , indo para cima do terreno , que lhe fica da parte concava. Ora ainda que a lição de trabalhar o Cavallo com a cara , e espaldas contra o Pi-

lão tem alguma semelhança com a dos círculos de Pignateli, e com a dos círculos de Newcastle, porque em todas ellas os Cavallos entrão com as espadas para o centro sobre que trabalhão, com tudo faz huma consideravel differença huma lição de outra. Trabalha o Cavalleiro hum Cavallo, assim que o obriga a formar hum circulo, seja de maior, ou menor circumferencia, olhando, e dobrando-se para o ponto do centro, trabalha sobre a volta: semelhantemente elle trabalha na lição da volta ao revés, logo que fórma o reverso da acção que acabo de dizer que fórma, olhando, e dobrando-se para o centro: por consequencia logo que o Cavalleiro trabalha qualquer Cavallo na lição, e acção da volta ao revés para a mão direita, deve ficar o Pilão, que está no ponto, do centro junto á espada esquerda do Cavallo, como se mostra na seguinte

E S T A M P A XXXV.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição, e acção da volta ao revés junto ao Pilão do centro, dobrando para a direita ao passo, e trote.

Para o Cavalleiro dobrar hum Cavallo nesta lição para a direita, deve ter a sua mão direita de unhas assim com o dedo minimo inclinado para a espada esquerda; e quanto mais conduzir desta forte a mão da cernelha para a parte esquerda, tanto mais o Cavallo se dobrará para a direita. A mão esquerda deve estar alguma cousa mais avançada que a direita: a espada direita do Cavalleiro deve atrazar-se, e á proporção adiantar-se a esquerda: a perna esquerda o deve ajudar com sensações mais activas logo atrás das cilhas, e a direita se conservará junto á primeira cilha ao pé do fovacó para com as suas sensações fazer (e ajudada do equilibrio) andar o Cavallo para diante; e ajudar a segurar-lhe as espadas para o centro.

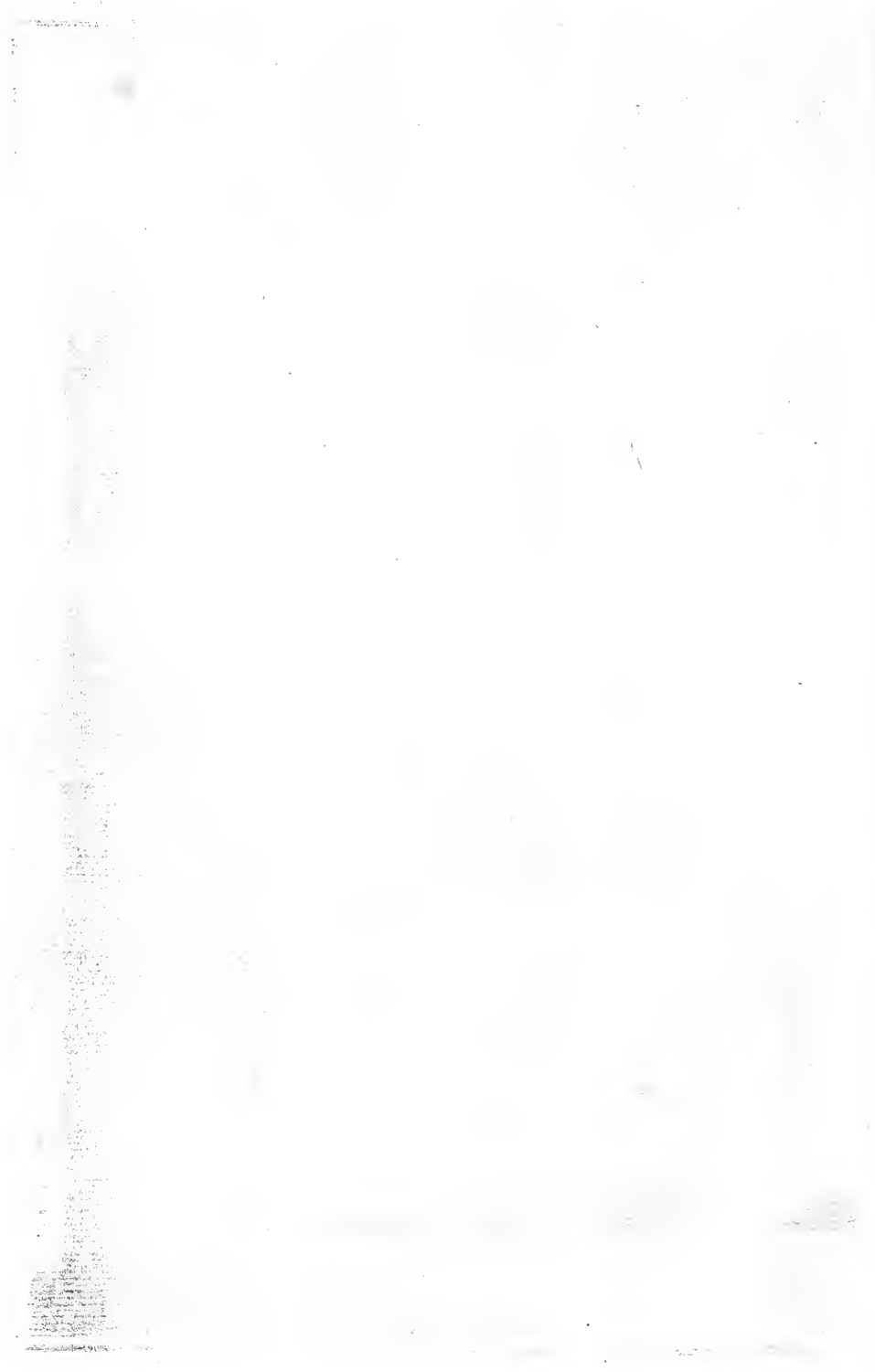
Esta lição he aquella, a que commummente chamão *Reverse* (palavra Franceza, e em Portuguez *Revezada*) por se formar o Cavallo no reverso da acção que observa, trabalhando pelos círculos de Pignateli, e de Newcastle: he mais violenta que todas as antecedentes, não só ao galope, mas ainda de passo, e trote: e para a pôr em prática, deve o Cavalleiro sentir o Cavallo entre as sensações das redeas, e das pernas, sempre igual na determinação do seu movimento. As redeas devem estar sempre na mão do Cavalleiro de tal modo seguras, e em tal comprimento, que as mãos, sem se desconcertarem da sua figura, possão servir-se bem dellas: tanto quando o Cavalleiro levar as mãos para dentro da volta, e para fóra do centro, como levando-as para a parte do centro, e para fóra da volta.

Quando o Cavalleiro carrega, ou leva a mão direita de unhas assim, e a esquerda de unhas abaixo para a parte do centro, o Cavallo une a espada de dentro da volta á da parte do centro, e por consequencia se dobra para fóra á proporção do que as mãos o obrigão, e da estreiteza do terreno em que se move.

Se logo que se encoftar com excessão sobre a espada da parte do centro,



Froy delin. et sculp.



póde o Cavalleiro, para o endireitar no terreno, e na acção, levar a mão esquerda de unhas affima, do centro para dentro da volta, que o Cavallo faz no feu corpo, a fim de se endireitar, e unir a espadua de dentro do centro á de dentro da volta; mas logo que obedecer, devem as mãos tornar ao feu lugar, dando-lhe, e sustendo as redeas, para que não perca a dobra do peçoço, e se desmanche da sua figura, e acção.

O corpo do Cavalleiro deve pezar alguma cousa mais para onde o Cavallo olha, e se dobra; porque quanto mais o animal se deixa encruzar entre as redeas de dentro, ou direitas, e a perna de fóra, ou esquerda, tanto mais a força centrífuga faz fahir a parte convexa (que neste caso he a esquerda) para fóra da volta, e para trás: logo se o Cavalleiro não avançar bem a sua espadua esquerda, elle ficará torcido, e em huma figura muito defagradavel.

A mão direita do Cavallo, de dentro da volta, e de fóra do centro, segue com a direcção da sua pista a linha N. 2. da Fig. 1. Est. XXXVI., sempre com huma inclinação circular para o ponto de gravidade, e da mesma forte he a direcção da pista do pé esquerdo; por isso hum, e outro se levantão menos da terra, e tambem porque a parte de dentro da dobra do corpo, que he a direita, fica mais unida; por isso he incontestavel que o Cavallo sustenta o maior pezo sobre a mão direita, e sobre a meia garupa esquerda, em quanto vai assim dobrado para a direita. Estando nesta lição dobrado para a direita, a parte esquerda de fóra da volta, que olha para o centro, fica muito mais dilatada, e para trás; e a parte direita se une, e levanta mais do terreno: o que he causado pela força centrífuga, pois á proporção da velocidade do movimento faz este atrazar a parte esquerda: por isso recommendo tanto que com o equilibrio do corpo sobre o estribo de dentro, ou direito, endireitem o Cavallo repetidas vezes para dentro da volta, ou parte concava, e tanto quanto elle o precisar; pois he sem dúvida que os movimentos do corpo, e equilibrio do Cavalleiro são grande parte para o Cavallo determinar os seus com obediencia, e facilidade. Logo que o Cavallo se desigualar no feu movimento, sem fazer caso das sensações das mãos, das pernas, e do equilibrio do Cavalleiro, vá elle de passo, de trote, ou de galope, se desobedecer por se desmanchar da acção, ou por ficar para trás, deve-se então ajudar com a falla, com a vara, com as barrigas das pernas, e com as esporas, e isto só no tempo em que elle o precisar, para não lhe atenuar a sensibilidade com o successivo costume, affim das ajudas, como dos castigos.

Da volta ao revés irregular.

Forma-se a volta ao revés irregular, obrigando o Cavallo a marchar, humas vezes por todo o terreno do Picadeiro, ou parallelogrammo, outras sobre quadrados. Chamão-se estas voltas irregulares, porque nos seus angulos tem differença a velocidade do movimento da garupa, da velocidade do movimento das espaldas: sobre humas, e sobre outras vai o Cavallo sempre dobrado para fóra do centro do Picadeiro; e ou vá elle de passo, ou de trote, ou de galope, sempre o devem

vem ajudar para se dispôr a formar cada vez melhor para os circulos regulares, dobrar-se cada vez mais do seu pescoço, e obedecer com facilidade aos movimentos das mãos, e pernas do Cavalleiro em todos os manejos dobrados, ou de quatro pifas.

O Cavallo, que não se dobra com igualdade, tanto das espadas, como do pescoço; que está inteiro, ou inflexivel para huma, ou para outra parte; que não obedece á mão das redeas, quando ella entra para dentro, ou sahe para fóra da volta; que resiste ás ajudas das pernas; que se atraza muito com a garupa, atravessando-a demaziadamente para hum, ou para outro lado, ou não tem bastante apoio; que he nimiamente colerico, e impaciente; que quer forçar a mão do Cavalleiro, hum tal Cavallo tem necessidade de ser disposto pela lição da volta ao revés irregular, na qual pelo comprimento em diversas figuras planas vai aprendendo insensivelmente a fugir das sensações da perna, dobrando-se cada vez mais do pescoço, e das espadas, e voltando para hum, e outro lado com sujeição a huma, e outra redea, para chegar a alcançar hum apoio firme, e seguro.

Effeitos da volta ao revés regular.

A Lição da volta ao revés regular forma-se sobre circulos (Est. XXXVI. Fig. 1.), obrigando o Cavallo, quando marcha, a que marque quatro pifas, e methodicamente se costume a dobrar o seu pescoço, á proporção do que a garupa sahe para fóra do centro, levando as ancas para a direita, bem como se dobra do pescoço para esta parte: e da mesma forte que se acha o remedio para igualar-lhe os movimentos, e acção na volta ordinaria pelo largo, para vir depois aos circulos cada vez menores, se acha tambem na volta ao revés irregular para o ir facilitando cada vez mais, para trabalhar na lição da volta ao revés regular.

A propriedade da lição dos circulos de duas, e de quatro pifas he de desembaraçar as espadas do Cavallo, costumando-o a voltar bem sobre hum, e outro lado, adquirindo por este meio o costume de marchar com movimento igual. A propriedade da lição da volta ao revés irregular he de fazer determinar os movimentos da garupa unidos, curvando alguns espaços mais a meia anca de fóra, facil, e unido das espadas: logo por consequencia na lição dos circulos de duas, ou de quatro pifas, trabalha-se a garupa quanto á necessidade de se igualar com os movimentos das espadas; mas na da volta ao revés trabalha-se, fazendo-o adquirir a facilidade de sujeitar a garupa, fugindo da impressão das sensações da perna de fóra, reunindo bem a força della com a da espada de dentro em cada segundo tempo do seu movimento.

Para se comprehender melhor a differença que ha entre a lição da volta ao revés, e a da volta natural, tenho mostrado que trabalhando sobre a volta natural, as pifas das espadas, e da garupa andão para cima da parte convexa, e as espadas soffrem mais o pezo de toda a máquina, do que as ancas, e por isso o Cavallo se apoia mais sobre a embocadura; e em quanto assim trabalha, tem menos movimento nas espadas, e maior movimento na garupa: logo por consequencia

cia na lição da volta ao revés, seja ella irregular, ou regular, a garupa anda pela maior circumferencia, indo sobre a parte concava, e tem muito maior movimento do que as espadas, porque estas entrão sempre para o centro, e a perna de fóra ajuda a sustentar o pezo das espadas; porque em cada passo que o Cavallo dá, ella se vai mettendo para baixo do corpo, e seguindo o radio da espada direita, como se vê na Est. XXXV., donde procede dobrar-se o Cavallo mais facilmente no espinhaço, espadas, e pescoço, do que se dobra nas lições antecedentes.

Defezas, de que usão alguns Cavallos para fugir do trabalho a que os conduz a lição da volta ao revés.

ALguns tambem se defendem, logo que o Cavalleiro os encruza entre as forças das redeas direitas, e da perna esquerda, entezando-se sobre a mão, ou embocadura do freio, por não se alargarem das ancas, e se unirem das espadas. Ora para o Cavalleiro lhes vencer estas difficuldades, necessariamente os deve muitas vezes fazer unir, e alargar tanto das espadas, como da garupa. Isto se vence, levando repetidas vezes a mão esquerda de unhas abaixo da cernelha para a esquerda, contrapondo-lhe a perna esquerda para o fazer dobrar para a direita: logo para se dobrar para a esquerda, deve a mão da redea ir de unhas affima da cernelha para a direita para os fazer unir da garupa, e dobrar para a esquerda; e quando assim os fazem alargar das espadas, elles semelhantemente se unem dellas, e se alargão da garupa; por isso se lhes devem fazer sentir com mais, e menos actividade as sensações da perna de fóra para os vencer das difficuldades tanto das espadas, como da garupa.

Outros se defendem, ficando para trás, ou por serem froxos, ou por serem fracos, e tambem por serem muito coceguentos á perna: estes taes he melhor applicallos a outra lição, do que teimar com elles, trabalhando-os nesta; pois por muito que os Cavalleiros os obriguem com as mãos, com o equilibrio, e com as sensações das pernas, elles já mais deixarão de ser defagradaveis, e chegarão a ser aptos para este exercicio. Porém se os Cavallos tiverem possibilidade, viveza, faude, e defembaraço, ainda que usem destas, e outras semelhantes defezas, trabalhando-os o Cavalleiro por meio das lições, de que tenho feito menção, elles se irão reduzindo, e chegarão a formar-se em boa acção; porque estes mudão para outras defezas, e o Cavalleiro em taes casos deve muitas vezes disfarçar-lhes os seus erros para os poder com mais brandura dominar.

Esta forte se principião a formar os Cavallos na lição, e acção da volta ao revés para a direita, seja trabalhando-os sobre os circulos do centro com as espadas contra o Pilão ao passo, e trote para a mão direita, seja marchando por todo o comprimento das linhas da muralha, só com a differença de andarem mais sujeitos, em quanto vão sobre os circulos, como se vê na Est. XXXV., do que trabalhando sobre as linhas do parallelogrammo Est. XV.

E S T A M P A' XXXVI.

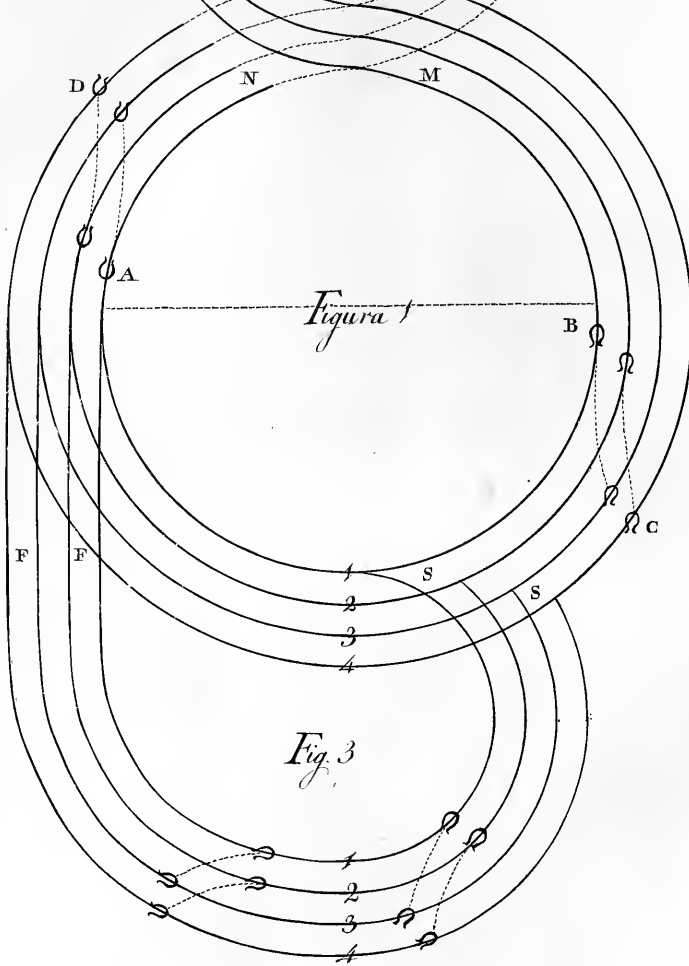
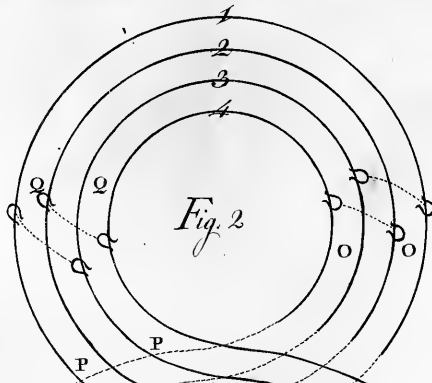
Do modo, por que o Cavallo marca o terreno, formando-se na lição, e acção da volta ao revés, ao passo, e trote dobrado para a direita, e as passagens de mão da direita para a esquerda, sabindo dos circulos da Fig. 1. para a Fig. 2., e para a Fig. 3.

PAra fazer passar de mão da direita para a esquerda o Cavallo, que anda trabalhando na lição da volta ao revés regular, deve o Cavalleiro fazello passar da Fig. 1. para a Fig. 2., encaminhando-o de M para P, obrigando-o a que marque as linhas da maior circumferencia N. 1., e N. 2. com as piftas das mãos, e as linhas da menor N. 3., e N. 4. com as dos pés; e chegando da Letra Q a O, fazello entrar pelas linhas de pontinhos para a Letra N da Fig. 1., desfdoabrando-o da acção que até alli conservava, fazendo-o dobrar para a esquerda, e seguir as linhas da Fig. 1., marcando o terreno, como se mostra nas piftas da Est. XXXVIII.

Tambem se faz passar de mão o Cavallo, que anda trabalhando na lição da volta ao revés, obrigando-o a partir da Fig. 1. para a Fig. 3. pelas linhas da Letra F, fazendo-lhe sentir mais as sensações da perna esquerda para o obrigar a marcar as linhas N. 4., e N. 3. com as piftas dos pés, e as linhas N. 2., e N. 1. com as piftas das mãos. Neste caso logo que o Cavallo principia a sahir pelas tangentes F, F, devem as sensações das mãos, e pernas do Cavalleiro ser bem contrapostas humas ás outras, e reguladas com tal actividade, que o obriguem a formar o semicirculo da Fig. 3., sem se desfmanchar da acção até chegar á Fig. 1., Letra S, S, em que o devem desfdoabrar da direita para a esquerda.

Modo de fazer passar de mão qualquer Cavallo nesta lição, cortando o terreno, Est. XXXVI.

PAra se formar a passagem de mão, cortando o terreno, sem sahir da Fig. 1., devem fazello partir pelo diametro do circulo do extremo A para B pelas linhas de pontinhos, que pasão pelo ponto do centro, desfdoabrando-o da direita para a esquerda desde o circulo N. 1. até ao circulo N. 4., Letra C, fazendo-o logo observar a mesma boa acção, em que antes da passagem se formava para a direita.



Mostra-se como o Cavalleiro deve usar das sensações das suas mãos, pernas, e corpo, quando faz desdobrar o Cavallo em qualquer destas passagens da direita para a esquerda, fazendo-o trabalhar sobre a Fig. 1., Fig. 2., e Fig. 3. da Est. XXXVI.

AS mãos do Cavalleiro devem inclinar-se para a parte de fóra da cernelha, isto he, para a parte esquerda do pescoço do Cavallo, a fim de que elle se dobre cada vez mais para a direita: em tal caso a mão direita deve trabalhar de unhas affima, a esquerda de unhas abaixo, a espadua esquerda deve avançar-se, e da mesma forte o quadril, posto que a perna esquerda deva ajudar mais atrás da terceira cilha, e mais de chapa, a fim de o conduzir pelas linhas da Letra M para P, Fig. 2., e de Q, e O até N com a garupa ao centro para sobre a Fig. 1., Letra D o fazer desdobrar da direita para a esquerda.

No tempo em que se faz mudar o Cavallo de acção, necessariamente o Cavalleiro ha de affrozar as redeas direitas, fortalecer as esquerdas, avançar a espadua direita, atrazar a esquerda, fazer sentir ao Cavallo as sensações da perna direita mais atrás da terceira cilha, sendo logo as da perna esquerda menos activas, a qual se deve unir entre a primeira cilha, e a espadua, pois que de outro modo o Cavallo não se desdobrará da direita para a esquerda com boa ordem.

Modo, por que o Cavallo com as suas pifas marca os circulos da Fig. 1., Est. XXXVI., como tambem os da Fig. 2., e da Fig. 3. ao passo, e trote.

QUando o fazem marchar dobrado para a direita na lição da volta ao revés (sobre a Fig. 1.) a pifsa da mão esquerda marca o circulo N. 1., mais proximo ao centro, a da mão direita o circulo N. 2., a do pé esquerdo o do N. 3., e a do pé direito o do N. 4., isto sómente em quanto se move de passo, e de trote; pois logo que passa ao galope, a união dos balanços da galopada o faz avançar a mão direita mais do que a esquerda, e por isso a pifsa da mão direita marca o circulo N. 1., a da esquerda o do N. 2., a do pé direito o do N. 3., e a do pé esquerdo o do N. 4.

Em quanto as espaduas do Cavallo não passão da Fig. 1. para a Fig. 2. marca elle com as pifas das mãos as linhas mais proximas ao centro N. 1., e N. 2.; mas logo que marca os circulos da Fig. 2., de P para Q, a pifsa da mão esquerda marca o circulo N. 1. da maior circumferencia, a da mão direita o N. 2., a do pé esquerdo o N. 3., e a do pé direito o N. 4. mais perto do centro; mas se o Cavallo passar da Fig. 1. á segunda, galopando, chegando á Letra P, a pifsa da mão direita pelo balanço da galopada, com que se movem as espaduas sobre a Fig. 2., marca a linha N. 1., a da esquerda a do N. 2., a do pé direito a do N. 3., e a do esquerdo a do N. 4. mais perto do centro.

Tanto que o Cavallo pelas linhas F passa para a Fig. 3., a pista da mão esquerda marca a linha N. 1., a da mão direita a do N. 2., a pista do pé esquerdo a do N. 3., e a do pé direito a do N. 4., até chegar á Letra S; mas galopando-o sobre esta mesma Fig. 3., a pista da mão direita marca a linha N. 1., a da esquerda a do N. 2., a do pé direito a do N. 3., e a do pé esquerdo a do N. 4. da maior circumferencia; e todas estas mudanças elle faz ao passo, e ao trote pelas diversidades das figuras planas que marca; e ao galope pela união do balanço da galopada das espaduas, e da da garupa.

E S T A M P A XXXVII.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na lição, e acção da volta ao revés, dobrando-o para a esquerda ao passo, e trote.

Tendo-o o Cavalleiro feito passar bem de mão da direita para a esquerda, o deve dobrar, e encruzar entre a força das redeas esquerdas, e da perna direita, para o ir formando cada vez melhor na acção da cara, e espaduas contra o Pilão para a esquerda: então deve segurar as redeas na mão esquerda com o dedo minimo inclinado para a espadua direita, e a mão direita de unhas abaixo, levando huma, e outra da cernelha para a direita, e ponto do centro; ou tendo (como diz Newcastle) as redeas do freio separadas, em quanto o Cavallo tem pouca facilidade. Elle recommenda isto nesta lição por dous motivos: primeiro, porque a espadua esquerda do Cavallo possa obliquar, e a direita unir-se a ella, para entrarem ambas para o ponto do centro, e para que a perna direita entre para baixo do corpo, e se vá unindo á esquerda. O segundo, porque a espadua esquerda do Cavalleiro, quando o Cavallo trabalha dobrado para esta parte, custa muito a atrazar-se, e da mesma sorte custa a direita a avançar-se; e sendo isto cousa que parece pouco effencial, he na verdade de grande consequencia para ajudar muito o Cavallo a dobrar-se bem neste trabalho, porque o equilibrio do corpo do Cavalleiro com a boa applicação, e força das sensações das mãos, e pernas o ajudão muito para unir a perna direita á esquerda.

As sensações da perna direita do Cavalleiro, ou de fóra da parte concava, devem ser mais activas; mas nem por isso pertendo que deixem de ajudar o Cavallo com ambas as pernas, quando elle determinadamente ficar para trás, ou tambem quando se desfigurar no movimento, e andar com a garupa, de forte que passe com excessão a pista do pé de fóra, ou direito, além do radio, da linha da mão de dentro, ou esquerda: he bem verdade que isto raras vezes acontece; mas quando succede, deve o Cavalleiro com a perna esquerda (se o Cavallo anda dobrado para esta parte) ajudar mais atrás da terceira cilha, para elle se endireitar, e igualar entre ambas as mãos, ou redeas, e entre ambas as pernas, ou esporas: o mesmo se deve entender pelo que respeita ao tronco do corpo do homem, tanto nos seus movimentos, como no modo de se equilibrar sobre os estribos.

Todos sabem que os Cavallos destinados para estes exercicios devem ser bem for-



S. del. et sculp.

formados, promptos, fortes, e sensíveis; e como os que tem estas qualidades ordinariamente são colericos, devem principiar a formallos nesta lição, conduzindo-os ao seu conhecimento com humas sensações, e castigos muito moderados, não só para não lhes atenuar a sensibilidade, mas para que não lhes exaltem a paixão em quanto são ignorantes, de forte que os obriguem a defender-se, e por isso desobedeção com excessão.

O trabalho desta lição he o mais violento para os Cavallos de quanto nesta Arte se tem inventado nos ares perto da terra, principalmente ao galope; porque por muito que o Cavallo rebata os movimentos das espaduas para cima da garupa, já mais com a perna de dentro da volta, e de fóra do centro alcança o ponto de gravidade, antes o pé de dentro do centro, e de fóra da volta (que he o direito, em quanto o Cavallo se dobra para a esquerda) he o que segue as linhas das espaduas com huma direcção mais obliqua, ainda que quando elle vai galopando se avance sempre mais a mão, e pé de dentro da volta.

Quanto menor he o circulo, ou quadrado, em que o Cavallo se move, tanto maior he a velocidade dos seus movimentos da garupa, e mais apertados os movimentos das espaduas; porque na lição da volta ao revés não só he certo que as espaduas ficão mais unidas, por trabalharem sobre circulos menores, e tem menos movimento do que a garupa, mas que o pezo do Cavallo, e do Cavalleiro recahe mais sobre ellas, e sobre a perna de fóra: e este he o unico trabalho em que as ancas podem fahir ambas para fóra dos radios dos circulos das espaduas; e quanto mais o Cavallo entrar com as ancas das linhas das espaduas para a esquerda (em quanto for dobrado na acção da volta ao revés para esta parte) tanto mais o pezo ha de recahir sobre a espadua de dentro da volta N. 2., ou esquerda, e sobre a perna de fóra, ou direita N. 4.

Isto se deve entender sempre da mesma forte, ou o fação trabalhar nesta lição dobrado para a direita, ou para a esquerda, e ande embora em hum circulo pequeno, ou em huma grande volta, como tambem sobre o quadrado, á excepção de ser maior, ou menor a velocidade com que o movimento se produz nas espaduas, e na garupa. Logo elle na lição da volta ao revés dobrado para a esquerda marca o terreno com as piftas das mãos, e pés, como se demostra na seguinte Estampa.

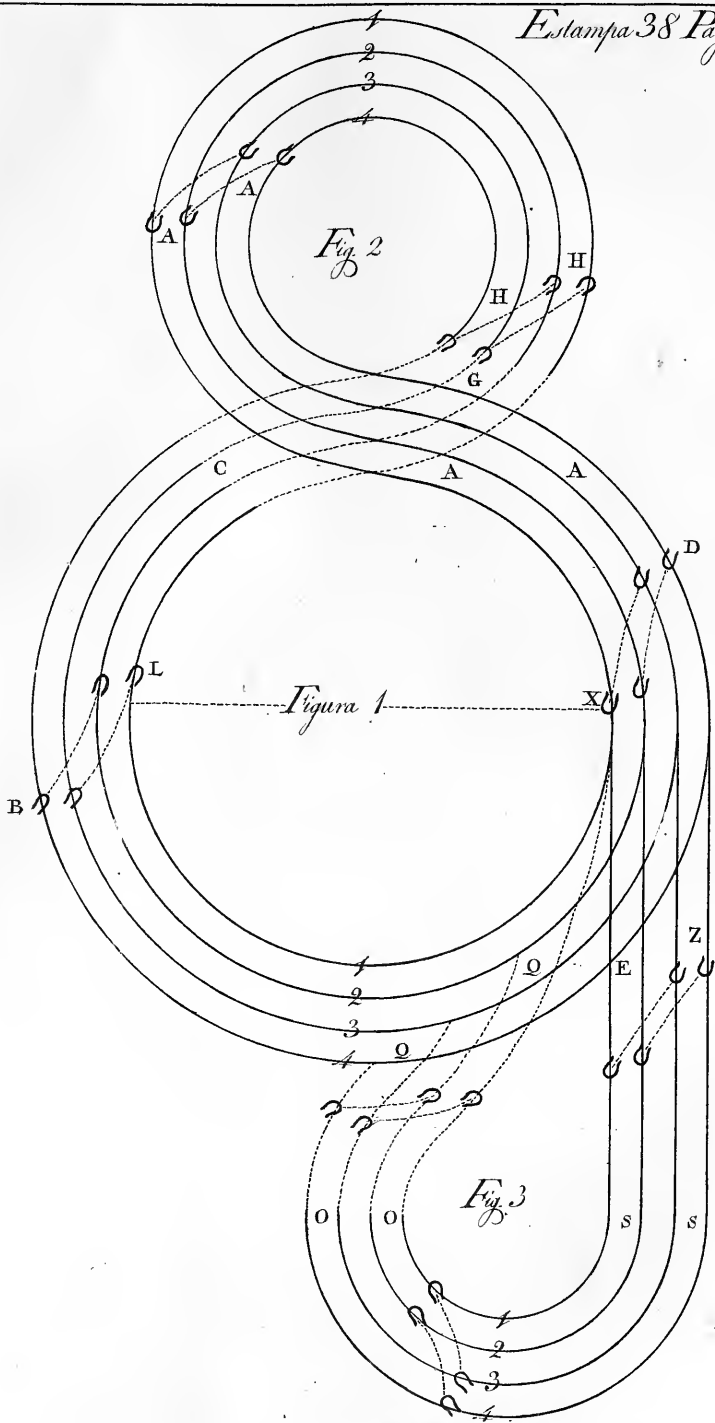
E S T A M P A XXXVIII.

Do modo, por que o Cavallo marca o terreno com as pistas das mãos, e pés, trabalhando na lição da volta ao revés dobrado para a esquerda, marchando de passo, e trote sobre a Fig. 1., sobre a Fig. 2., e sobre a Fig. 3.

Quando se faz marcha dobrado para a esquerda na lição da volta ao revés (sobre a Fig. 1.) a pista da mão direita marca o circulo N. 1. mais perto do centro, a da mão esquerda o circulo N. 2., a do pé direito o circulo N. 3., e a do pé esquerdo o circulo N. 4.: isto se deve entender em quanto elle se move de passo, ou de trote; mas tanto que passa ao galope, a união do balanço da galopada o faz avançar a mão esquerda no balanço das espaduas, e no da garupa avança o pé esquerdo; por isso a pista da mão esquerda, galopando sobre a mesma Fig. 1., marca o circulo N. 1., a da mão direita o N. 2., a do pé esquerdo o N. 3., e a do pé direito o N. 4., &c.

Tanto que o Cavallo entra ao passo, e trote das linhas de pontinhos Letra C, da Fig. 1. para a Fig. 2., marca a linha da maior circumferencia N. 1., com a pista da mão direita, com a da mão esquerda a linha N. 2., com a do pé direito a N. 3., e com a do esquerdo a linha N. 4. mais proxima ao centro; porém logo que elle passar do passo, ou do trote ao galope, marcará com a pista da mão esquerda pela mesma Fig. 2. o circulo N. 1., com a da mão direita o circulo N. 2., com a do pé esquerdo o circulo N. 3., e com a do pé direito o circulo N. 4. mais chegado ao centro.

Passando-o pois da Fig. 1. para a Fig. 3. (de passo, e trote) pelas linhas E, Z até S, marca a linha N. 1. mais perto do centro com a pista da mão direita, com a da mão esquerda a linha N. 2., com a do pé direito a linha N. 3., e com a do pé esquerdo a linha N. 4. da maior circumferencia; mas se passa ao galope pela união do balanço das espaduas, a pista da mão esquerda (pela mesma Fig. 3.) marca a linha N. 1., a da direita a do N. 2., a do pé esquerdo a do N. 3., e a do direito a do N. 4. da maior circumferencia.



Modo, por que se formão as passagens de mão, trabalhando-o na lição da volta ao revés da esquerda para a direita; como tambem a ordem, pela qual o Cavalleiro deve determinar os seus movimentos para obrigar qualquer Cavallo a passar de mão.

DEve o Cavalleiro encaminhar o Cavallo da Fig. 1. (Est. XXXVIII.) para a Fig. 2. pelas linhas de pontinhos Letra C para G, H, e A, tendo o seu corpo para trás, e firme, obrigando-o com as senfações das redeas esquerdas, e da perna direita a marcar com as piftas das mãos as linhas da maior circumferencia, e com as dos pés as de menor, encruzando-o bem entre a força de humas, e outras senfações por toda a Fig. 2. até chegar á Letra A da Fig. 1.; e segurando-o então bem sobre a meia garupa esquerda, o desdobrará da acção, como em outra qualquer passagem feita da esquerda para a direita.

Com as senfações das redeas esquerdas, e da perna direita se obriga o Cavallo a passar de mão, quando trabalha na lição da volta ao revés, fazendo-o partir da Fig. 1. para a Fig. 3. pelas linhas das Letras E, e Z: então as senfações da perna direita devem ser mais activas para o obrigar a marcar com as piftas dos pés as linhas da maior circumferencia, e com as das mãos as da menor, e o Cavalleiro ò deve ir encruzando cada vez mais entre as forças das redeas esquerdas, e da perna direita, principalmente da Letra S para O, segurando-o bem pelas linhas de pontinhos sobre a espadua direita, para o fazer na passagem desdobrar da esquerda para a direita sobre as linhas da Fig. 1., Letra Q.

Em quanto o Cavallo vai caminhando, seja pelas linhas da Fig. 1., Fig. 2., ou pelas da Fig. 3., deve o Cavalleiro repetidas vezes dar-lhe, e fuster as mãos, tendo a esquerda pela maior parte de unhas affima, e a direita de unhas abaixo, affroxando, e fortalecendo as senfações de huma, e de outra redea, como tambem de huma, e de outra perna, de modo que o Cavallo se resolva por ellas a marchar com facilidade, para que não se obtine, e resista a algum dos seus movimentos, não só conduzindo-o com as espaduas pelas linhas da maior circumferencia, como se vê na Fig. 2., como tambem conduzindo-o com a garupa pelos semicirculos maiores, como na Fig. 3. o mostram as piftas, por onde sempre se deve encaminhar, porque só por este modo se faz obedecer com facilidade ás senfações das mãos, e pernas do Cavalleiro, para se desdobrar bem da esquerda para a direita.

Chegando ao lugar da passagem, seja ella formada de G para C, ou de O para Q, necessariamente o Cavalleiro ha de affroxar as redeas esquerdas, encurtar, e fortalecer as direitas, avançar a espadua esquerda, atrazar a direita, segurar-lhe a perna esquerda atrás da terceira cilha; e se for preciso para lhe obrigar mais a garupa, tella mais de chapa, affroxando a perna direita, unindo-a entre a primeira cilha, e a espadua, obrigando-o ao mesmo tempo com as senfações do equilibrio do corpo, com as de ambas as pernas, e de ambas as redeas a que se desdo-

bre

bre da esquerda para a direita , e determine toda a sua direcção , e movimentos depois da passagem , como se mostra na Est. XXXV.

Por semelhante modo se obriga o Cavallo a formar tambem na lição , e acção da volta ao revés sobre as linhas do parallelogrammo Est. XV. A, G, O, marcando as pistas das mãos as linhas do centro B, H, e as da garupa as linhas da muralha. Não obstante o que tenho dito dos referidos modos de passar de mão , póde o Cavalleiro fazello passar de mão da lição da volta ao revés para aquella , que lhe parecer mais conveniente , e util ; pois o meu intento he mostrar unicamente o modo , por que se formão as passagens de mão , trabalhando-o na lição da volta ao revés , tanto distribuindo o Cavallo os seus movimentos das espaduas pelas linhas da maior circumferencia do circulo , e semicirculo , sobre que se fórma a passagem , como tambem obrigando-o a marchar com as pistas da garupa pelas linhas da maior circumferencia : advertindo que quando elle marca as linhas maiores do circulo , ou dos semicirculos com as pistas das mãos , fica apoiando-se o pezo mais sobre a garupa , do que sobre as espaduas ; e quando marca o circulo , ou os semicirculos da maior circumferencia com as pistas dos pés , recahe o seu pezo mais sobre as espaduas , do que sobre a garupa.

Modo de ensinar o Cavallo a galopar na lição da volta ao revés.

PAra fazer galopar qualquer Cavallo na lição , e acção da volta ao revés com a testa , e espaduas contra o Pilão , se obriga por meio das mesmas diligencias , que ficão expendidas nesta lição , trabalhando-o de passo , e de trote ; mas logo que passa ao galope , infallivelmente perde o movimento que tem de cruzar , e passar ao passo , e trote a sua mão , e pé de dentro do centro por cima , e por diante da mão , e pé de dentro da volta ; porque preparando-se para galopar , a espadua , e meia anca da parte do centro se une á espadua , e meia anca de dentro da volta ; isto he , logo que anda dobrado para a direita , une a meia parte esquerda , que fica da parte do ponto do centro á direita , que fica da parte de dentro da volta , ou dobra de todo o seu corpo ; e quando anda dobrado para a esquerda , une a meia parte direita á esquerda pelo mesmo motivo.

O Cavallo fórma o balanço da galopada na acção da volta ao revés , marcando os mesmos tempos com que fórma o galope em outra qualquer lição , á excepção do terra á terra , com a differença porém de não recolher bem a perna de dentro da volta para baixo do corpo tanto como a de fóra , antes se firma sobre a perna esquerda , quando anda dobrado para a direita , e por consequencia elle se firma sobre a direita mais , andando dobrado para a esquerda. Logo tanto galopando sobre a mão direita , como sobre a esquerda , a mão da parte concava , e a perna da parte convexa vão equilibrar o pezo mais debaixo do ponto de gravidade : a mão , porque o maior pezo do balanço da galopada vai recahir mais sobre ella ; e a perna , porque entra mais para baixo do corpo , e do ponto de gravidade.

Motivos , por que muitos Cavallos se desigualão dos seus movimentos , trabalhando na lição da volta ao revés.

DE quatro causas procedem as desigualdades , que os Cavallos tem nos seus movimentos, trabalhando nesta lição. Primeira, por serem mal formados: segunda, por serem fracos: terceira, por estarem arruinados com molestias nos ligamentos das juntas das pernas, e outras partes do corpo: e a quarta, pelos ensinarem com ruim methodo. Ora ainda que o costume tem hum grande poder sobre os brutos, com tudo hum Cavalleiro pôde remediar bem este ultimo defeito; porém os tres primeiros não, porque procedem da incapacidade, da falta de faude, e da fraqueza do Cavallo. He certo que não tendo elle igualdade no movimento, não pôde trabalhar com perfeição em lição alguma, e a da volta ao revés serve para reduzir obedientes aquelles, que a natureza constituiu bem formados, fortes, iguaes, e flexiveis, com huma paixão moderada, e com boa propensão, e memoria: motivos, por que he certo que a Arte aperfeiçoa a natureza; mas não dá aos Cavallos aquellas qualidades, que elles absolutamente não tem.

Lição para passear o Cavallo no seu comprimento, dobrando-o para a direita.

QUANDO o Cavalleiro quizer fazer passear hum Cavallo por tão pequeno circulo, que tenha este sómente o radio do comprimento do corpo do animal, deve-se ter a correa direita mais firme com a mão direita, voltada de unhas affima, e o dedo minimo inclinado para a espadua esquerda; e a mão esquerda com as unhas voltadas para a barriga, adiante do cepilho da fella alguma coufa mais alta que a direita, para muitas vezes ajudar a espadua de fóra, ou esquerda a unir-se á espadua de dentro: o que se vence, entrando ella muitas vezes de unhas affima de fóra para o centro.

As pernas do Cavalleiro devem unir-se ao ventre do Cavallo, e as sensações da esquerda devem ser mais activas que as da direita; porém de forte successivas, e as das redeas contrapostas humas ás outras, que a actividade assim das sensações das mãos, como a das pernas fação o Cavallo facil, e attento a ellas; pois os diversos movimentos das mãos, e pernas do Cavalleiro influem com a sua applicação, e força para fazerem andar o Cavallo para diante sobre linhas rectas; e da mesma forte o obrigação a marchar sobre linhas obliquas, ou tambem sobre linhas curvas, seja obliquando na lição das espadas ao centro, na lição da cara contra a muralha, e na da volta ao revés, ou seja na lição da garupa junto ao ponto do centro, para que as espadas marquem as linhas da maior circumferencia com movimento facil, desembaraçado, e igual, não tendo o circulo mais distancia na sua área do que aquella, que dista das pistas dos pés ás pistas das mãos, como se mostra na seguinte Estampa.

ESTAMPA XXXIX.

O Cavalleiro, passeando hum Cavallo sobre circulos de radio do seu comprimento, dobrando-o para a direita.

A Parte direita do corpo do Cavallo, quando este se dobra para a mão direita, fica mais unida, e mais concava; e a parte esquerda, ou de fóra, fica necessariamente mais dilatada por effeito da sua convexidade: o pé, e a mão de fóra devem (para vencer a maior porção de terreno, que tem para transitar, e para se unirem ao pé, e mão de dentro, ou direitos) fazer a sua posição por cima, e bem por diante do pé, e mão direita, porque de outra sorte nesta lição não pôde o Cavallo andar bem, e para diante: e he certo que em perdendo o movimento circular, e não fazendo a posição do pé, e mão esquerda bem por cima, e por diante do pé, e mão direita, elle com o pé, e mão de fóra alcançará o pé, e mão de dentro: pelas quaes razões, ainda que o Cavallo vá pouco dobrado, sempre que andar nesta lição, deve determinar os seus movimentos do pé, e mão de fóra por cima do pé, e mão de dentro, ou parte concava.

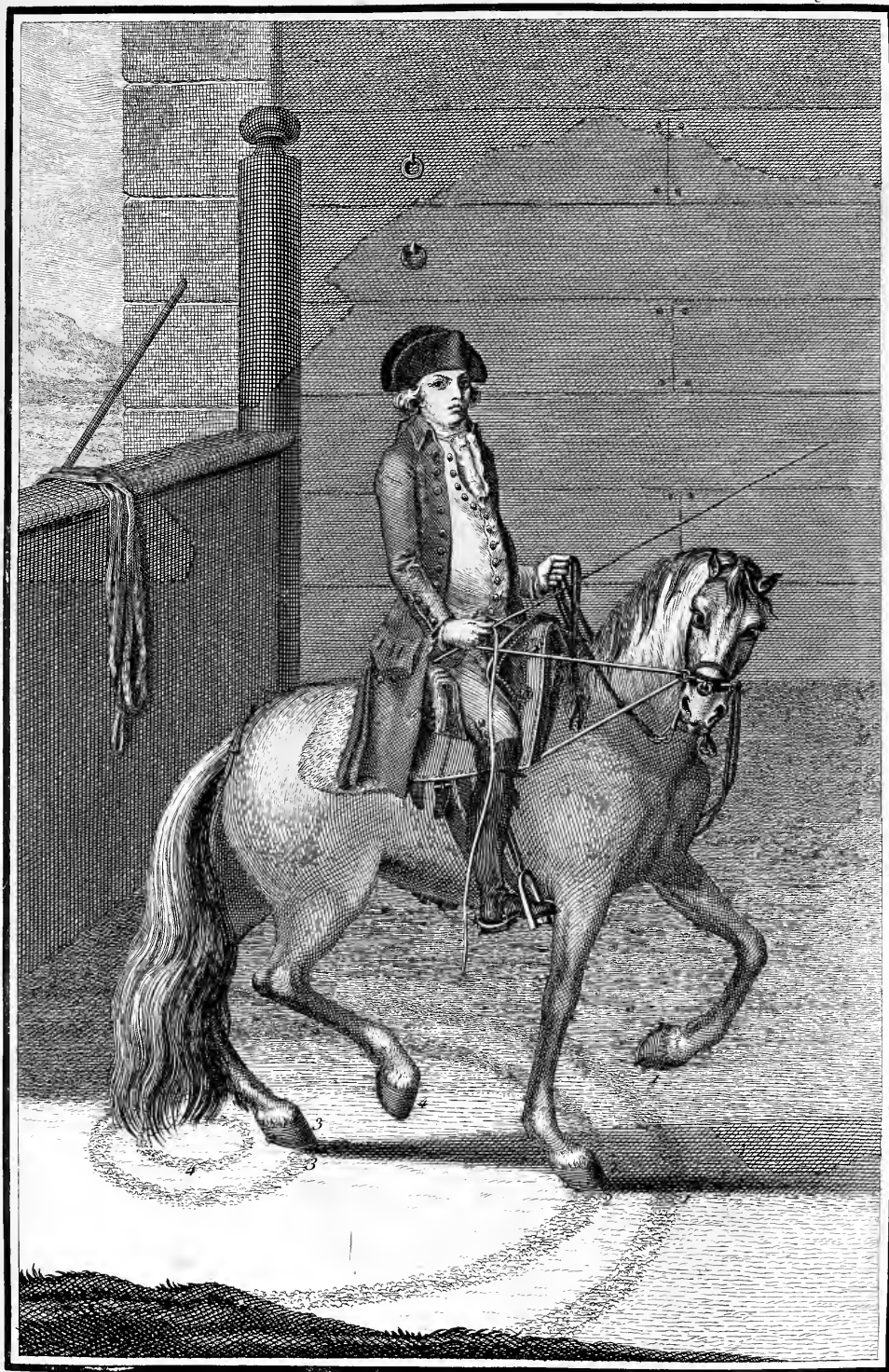
Dezezas, de que usão alguns Cavallos para se eximir do trabalho desta lição.

A S defezas, de que elles usão muitas vezes, tem origem na falta de possibilidade, na falta de costume, na má condição do animal, na falta de sensibilidade, na sua má construcção, no pouco folgo, e em ser coceguento á perna, ou insensível a ella.

Os Cavallos, que tem pouca força, principalmente no espinhaço, curvilhões, e espaduas; quando os obrigão a que obliquem sobre hum, ou sobre outro lado, correspondem com hums movimentos de espaduas froxos, encolhem-se quando os obrigão com a perna, e não fazem caso das sensações das mãos, e corpo do Cavalleiro, senão quando ellas são impellidas de huma grande força: estes taes a sua maior defeza he lançar-se sobre a espadua de fóra, abandonando-se com excessão sobre a embocadura do freio, e se diz que *descação sobre a mão*: em taes casos deve o Cavalleiro para os remediar fazer-lhes muitas meias paradas firmes, sem os deixar dobrar muito para dentro, trazendo a mão de fóra muitas vezes para dentro da volta.

Para se encaminharem os que não tem uso nesta lição, e tem incerteza nos movimentos, he preciso ao Cavalleiro ser muito agil na applicação do seu corpo, mãos, e pernas, maiormente se elles são colericos, e confusos; mas estes custão menos a conduzir na acção, que se representa na Est. XXXIX., do que aquelles, que são fracos. O Cavalleiro deve encaminhar os colericos com sensações mais moderadas, amangando-os muito para lhes applicar a colera, e a confusão. Todos elles em quanto são ignorantes ordinariamente se defendem por muitos modos;

mas



mas os que tem as referidas qualidades , não tem tenacidade em huma só defeza , antes mudão de humas para outras , e por isso são mais faceis de vencer por meio de senhações bem applicadas.

Os que tem má condição , pela maior parte se defendem , mordendo a embocadura do freio , facudindo a cabeça , ou saltando furiosos : estes se duvidão obedecer , he preciso não atear com elles rigorosamente , mas sim usar de os fazer passar muitas vezes de mão , e de huma para outra lição , applicando-lhes humas senhações muito moderadas , e instantancas , obrigando-os a que dem algumas voltas ao revés em differentes terrenos , parando-os muitas vezes , affagando-os , e tornando-lhes a repetir a lição até elles cederem. A'quelles , que resistem por este modo , he tambem conveniente dar-lhes as lições mais dilatadas até obter delles com a maior moderação a pertendida obediencia ; pois sendo de outra forte obrigados , muitas vezes se defendem com os mais vigorosos esforços a que os animaes da sua especie podem alcançar.

Os que tem falta de sensibilidade , ordinariamente custão muito a vencer , e dominar , porque fazem pouco caso das senhações produzidas pelos movimentos das mãos , pernas , e corpo do Cavalleiro : elles por consequencia vão sobre a mão , e sobre a perna , maiormente quando os obrigão a formar na difficil lição de passear sobre os circulos do seu comprimento ; e se tomão algum má costume , ou defeza , custão muito a remediar ; por isso o prudente Cavalleiro deve regular-lhes a actividade dos castigos , o tempo da lição , a dobra do pescoço , e corpo , e a capacidade de terreno , em que deve trabalhar com muita attenção ás suas difficuldades.

Os Cavallos defeituosos na construcção necessariamente hão de ser menos vistosos , e na ruim formalidade das suas juntas consiste a mais certa origem das suas difficuldades. Exemplo : Se o Cavallo tiver as pernas muito direitas , ha de defender-se , tendo a garupa alta , quando o obrigarem a que use mais della que das espaduas : se for baixo da agulha , tiver as espaduas carnosas , o pescoço curto , e mal formado , tendo da mesma forte a cabeça grossa , e carnosa , tambem se ha de defender , não se levantando por diante , quando o obrigarem a que use de levantar os movimentos das espaduas para cima dos da garupa ; e communmente a defeza de huns , e de outros he fugir para fóra da volta , ficando para trás : o Cavalleiro pois deve empregar todas as diligencias para os fazer andar para diante. Isto supposto , os Cavallos muitas vezes se defendem , porque a sua organização não os deixa formar na acção , que delles se pretende , e muitas vezes he de tal forte a causa interna , que se não deixa penetrar. Tendo o Cavalleiro empregado as diligencias da Arte para o ensinar , e o tempo competente , se o Cavallo não he proprio para esta lição , devem passallo a outra , em que possa ser util.

Os Cavallos , que tem pouco folgo , tambem lhes custa muito trabalhar na lição dos circulos do seu comprimento , elles se fatigão , porque tem os orgãos da respiração apertados ; e quando trabalhão , de tal modo se agitão , que perdem o vigor , e o acordo : destes a mais ordinaria defeza he extenderem-se com movimentos laxos , e froxos sobre a embocadura do freio , sem corresponderem bem aos

movimentos das mãos, ou sensações das caimbas, antes se abandonão sobre a embocadura, e sobre as espaduas, indo ao mesmo tempo para diante com repugnância: em tal caso deve o Cavalleiro observar qual he a razão, por que o Cavallo he falto de folgo, para lhe regular a applicação das lições, e dilatallas de forte, que vá adquirindo mais prestimo.

Os Cavallos coceguentos, e que tem má sensibilidade, detem-se á espora, e ás vezes á falla, e á vara; e fazendo algumas operações naturaes com os olhos chammijando colera, vão sobre o castigo transportados da mais furiosa raiva: elles não são por consequencia promptos na direcção dos movimentos; e se os obrigão, principalmente com o castigo da espora, e da vara, pegão-se, isto he, ficão determinadamente parados: a estes he preciso, antes que os pertendão formar na lição dos circulos do seu comprimento, havellos determinado bem nas lições precedentes pelo quadrado, fazendo-lhe sentir pelo largo as sensações (a que elles repugnão detendo-se) muito instantaneamente, e as menos vezes que puder fer, a fim de que obedecendo com facilidade, os possão vir a trabalhar na lição dos circulos do seu comprimento, bem junto ao Pilão.

Finalmente revestem-se os Cavallos destas, e de outras defezas (para fugir da sujeição): de humas, porque na estrutura do seu corpo tem natural embaraço; e de outras, porque as sensações, com que os obrigão, e a capacidade do terreno, por que os querem conduzir, he incompativel com a propriedade, organização, genio, e possibilidade do Cavallo.

Modo, por que o Cavalleiro deve firmar a sua figura, trabalhando-o para a direita.

DEve conservar o seu corpo assentado no meio da sella para encruzar o Cavallo bem entre as forças das redeas direitas, e da perna esquerda, tendo a mão direita de unhas affixa, e o seu dedo minimo inclinado para a espadua esquerda, com o pulso flexivel, e na altura que o Cavallo o precisar: a espadua direita deve atrazar-se á proporção da estreiteza do circulo, de maneira que o Cavalleiro possa ver bem pela parte direita as linhas dos circulos, pelas quaes o faz marchar, para apoiar o seu equilibrio mais sobre o estribo direito quantas vezes for preciso, tanto para o endireitar no terreno, quando as mãos carregão, ou entrão para o centro, ou para fóra d'elle, como para o igualar nos seus movimentos, e acção.

Passagens de mão da direita para a esquerda, trabalhando o Cavallo nos circulos, que tem o radio do comprimento do seu corpo, sem mudar de terreno.

PARA passar de mão, sem que se faça sahir o Cavallo dos circulos, em que trabalha, marchando dobrado para a direita, deve o Cavalleiro obrigallo a que vá igual no movimento, e direcção, contendo-o entre as sensações de ambas as redeas, e de ambas as pernas, e detendo-o na velocidade, de forte que se apoie
mais

mais fobre a meia anca direita, que fobre a esquerda, e então desdobrallo para a esquerda, tendo-lhe a mão esquerda de unhas affima, rendendo-lhe a direita de unhas abaixo, affroxando as fenfações da perna esquerda, fortalecendo as da perna direita, avançando a espadua direita, atrazando á proporção a esquerda, pois todas estas fenfações, e diligencias o fazem mudar de acção; e sendo affim continuadas depois da passagem, ellas o obrigão, e facilitão para continuar o feu trabalho no mefmo terreno com aquella perfeição, com que antes da passagem elle formava os mefmos circulos, só com a differença de haver mudado de acção, e dobra no corpo da direita para a esquerda.

Passagens de mão, fazendo-o fahir da circumferencia, vindo por hum angulo completalla fobre o mefmo terreno em que o trabalhão.

Tambem se póde fazer passar de mão qualquer Cavallo, fazendo-o fahir da circumferencia por hum angulo mais, ou menos agudo, para vir pelo feu arco, ou semicirculo formar a passagem fobre a periferia, em que andava antes de principiar a formar o angulo; e chegando á primeira linha da circumferencia das espaduas, devem fazello entrar com as ancas para o centro, e desdobrar a sua acção da direita para a esquerda: as fenfações das mãos, pernas, e corpo do Cavalleiro são poitas em prática, como quando se faz passar o Cavallo sem fahir dos circulos do feu comprimento, e depois da passagem deve continuar-se a fazer trabalhar tão igual na sua figura, e movimento para esta parte, como se deve dobrar, e mover, trabalhando na mesma acção fobre a mão direita.

Póde o Cavalleiro trazer a vara cruzada fobre o pescoço do Cavallo, em quanto o faz marchar fobre a direita; e logo que o faz passar para a esquerda, já deve ter a vara ou levantada, ou da parte direita, para que sendo preciso o ajudallo fobre a parte de fóra esteja prompta: ora se o Cavallo ao leve toque da vara não obedecer, unindo a espadua de fóra á de dentro, menos se unirá, se lhe derem com a vara fortemente, porque esta fenfação só faz bom effeito em Cavallos fenfíveis, sendo o toque sempre delicado.

Lição para passrear o Cavallo no mefmo circulo dobrado para a esquerda.

O Cavalleiro o obrigará a ir para diante, ajudando-o com a perna direita, e com as redeas esquerdas para se formar em boa acção, sustentando-lhe a mão esquerda de unhas affima com o dedo minimo inclinado para a espadua direita, conservando o pulso facil fobre o cepilho da fella, e na altura que o Cavallo precisar: o corpo deve andar bem assentado, e direito no meio da fella para não se defencontrar a acção da figura do corpo do Cavalleiro das linhas circulares, por que o Cavallo determina a sua direcção; e para apojar o feu pezo mais fobre a parte concava, todas as vezes que for preciso, tanto para o indireitar no terreno,

como para o igualar no movimento por meio da actividade das fenfações, ou da moderação dellas.

A mão esquerda de unhas affima, sahindo da cernelha para a direita, faz unir a espadua esquerda do Cavallo á espadua direita, e dá liberdade á perna esquerda para se alargar mais para o centro: pelos mesmos motivos a redea direita, entrando a mão direita de unhas affima da cernelha para a esquerda, faz unir a espadua direita á esquerda; e a perna direita do Cavallo pelas mesmas causas sahe para fóra, e para trás.

Deve o Cavalleiro trazer repetidas vezes a mão de fóra para dentro da volta, para que as espaduas do Cavallo se rendão mais flexiveis: e logo que elle se endireitar dellas, obedecendo ás redeas com facilidade, devem tornar as mãos ao seu lugar, para que no tempo, em que a espadua de fóra se une á de dentro, não perca totalmente a acção na dobra do pescoço, e corpo. O equilibrio do Cavalleiro deve pezar mais sobre o estribo esquerdo, principalmente quando as mãos entrão para dentro da volta, a fim de ajudar com o seu pezo a direcção circular, e o Cavallo ter mais liberdade na parte de fóra para se levantar das espaduas, e rebater igualmente bem os seus movimentos para cima da garupa, e se formar na acção que se mostra na seguinte

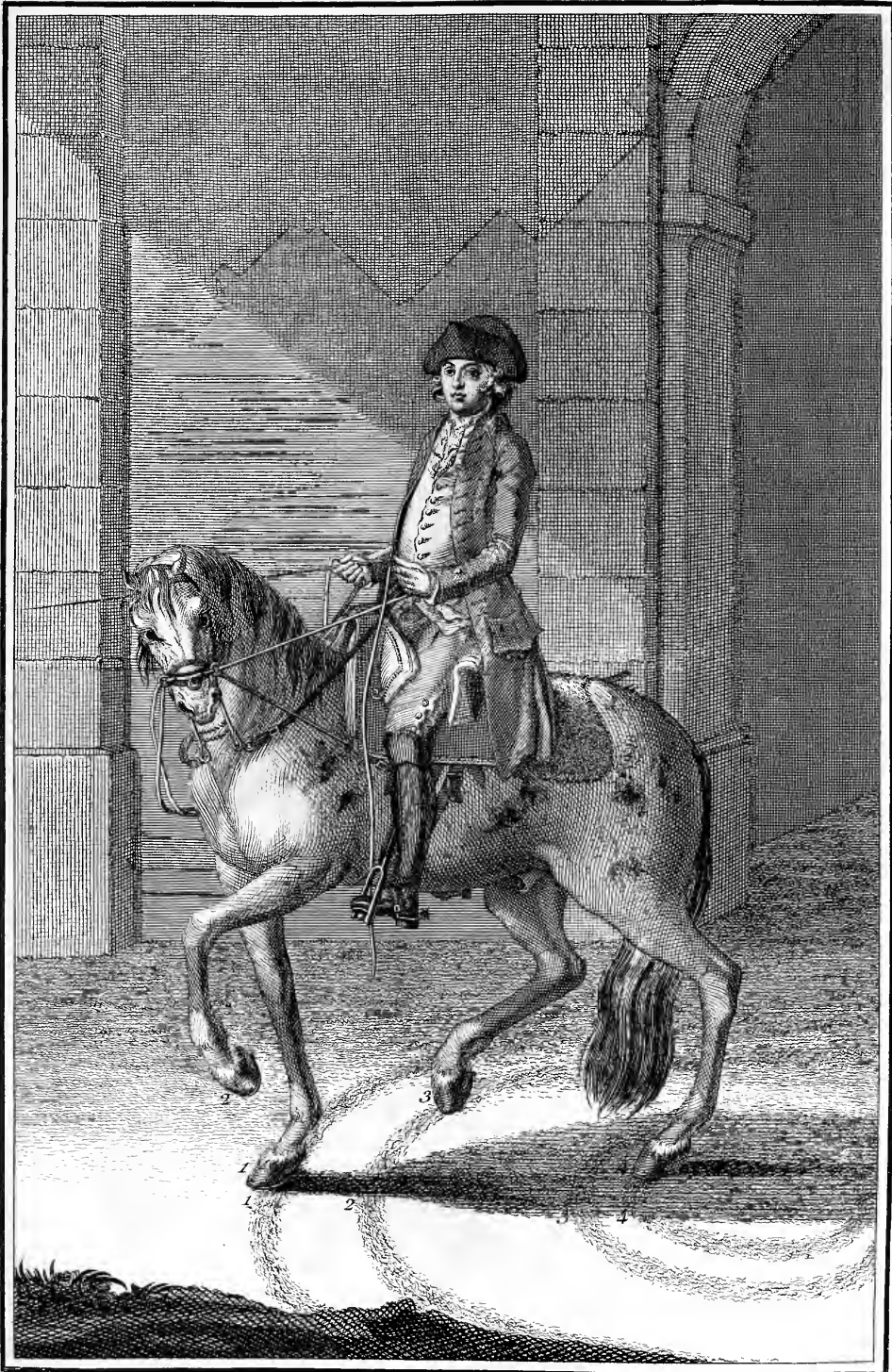
E S T A M P A XL.

Do Cavalleiro, passeando o Cavallo no radio do seu comprimento, dobrando-o para a esquerda; e modo, por que elle marca o terreno com as pistas das mãos, e pés ao passo, e trote.

Quando o fazem passear pelo circulo, que tem sómente do radio o comprimento do seu corpo, indo dobrado para a direita, a pista da mão esquerda marca o circulo N. 1., a da direita o N. 2., a do pé esquerdo o N. 3., e a do direito o N. 4. mais proximo ao centro.

Trabalhando dobrado para a esquerda, a pista da mão direita marca o circulo N. 1., a da esquerda o N. 2., a do pé direito o N. 3., e a do esquerdo o N. 4., como se mostra na Est. XXXIX. e XL. As correas de vencer são boas para trabalhar aos Cavallos nesta lição, porque ellas augmentão a potencia do braço do Cavalleiro tres, ou quatro vezes mais do que as redeas ordinarias do cabeção; e quanto mais a mão as puchar para trás das arçoeiras (Est. IX. Fig. 17. Letra M, e da caixa da fella Letra S) tanto mais o Cavallo se dobrará do pescoço, e espaduas: isto justifica ser o seu effeito bom, principalmente na lição da testa ao muro, ou da cara contra a muralha, na da garupa ao Pilão, ou ao centro, igualmente nos trabalhos reversos.

Com as redeas ordinarias do cabeção não podem os Cavalleiros dobrar os Cavallos tanto, como servindo-se elles das correas de vencer, ainda que com as redeas ordinarias se levanta o Cavallo melhor para cima, e se faz mais ligeiro na
mão,



Silva delin.

Luc. Fern. Pictor sculp.

mão , por isso devem principiar a usar das correas de vencer , quando elle estiver já alguma cousa facil , e obediente ao cabeção.

Lição do Terra á terra.

Leis pertencentes á determinação dos movimentos do corpo do Cavalleiro , formando o Cavallo nesta lição.

1 **D**eve o Cavalleiro affentar-se bem no meio da fella para alcançar o ponto do equilibrio , e pezar alguma cousa mais fobre o estribo de dentro que fobre o de fóra da volta , para se conservar em boa acção , e ter melhor movimento nas mãos , e pernas.

2 A frente do peito do Cavalleiro deve perfilar-se com as linhas da circumferencia , por onde o Cavallo segue os movimentos das espadas.

3 Deve olhar para o ponto do centro de maneira , que veja bem o terreno , por onde faz marchar o Cavallo ; e tambem para quando o faz determinar com mais velocidade , poder a espada de fóra avançar-se huma sexta porção do circulo para dentro da volta , a fim de ajudar o Cavallo a que volte com mais rapidez para o centro della.

4 Com ambas as redeas , e ambas as pernas successivamente deve contrapôr humas a outras sensações , de maneira que encruze o Cavallo bem entre as das redeas de dentro , e da perna de fóra.

5 O Cavalleiro deverá obrigar o Cavallo alternativamente a que marque o terreno com as piftas das mãos , e pés em huma circumferencia igual , seja trabalhando-o fobre o circular , ou fobre o quadrado regular , e parallelogrammo.

Leis pertencentes aos movimentos dos Cavallos.

1 **D**evem deixar-se encruzar entre as sensações das redeas de dentro , e da perna de fóra , sem forçar a mão , para se desdobrar da acção , e sem desobedecer á perna.

2 Por effeito da sujeição da perna do Cavalleiro da parte de fóra , e das redeas da parte de dentro , devem rebater os movimentos das espadas bem para fima dos da garupa , a fim de obter a facilidade de redobrar o movimento das espadas , sem se desmanchar da dobra do corpo : o que não poderão fazer sem adquirir a precisa inclinação circular para o ponto do centro.

3 Trabalhando tanto fobre a mão direita , como fobre a esquerda , deve dobrar-se com igualdade de acção ; e o ponto do centro he sempre da parte , donde o Cavallo está mais concavo.

4 O balanço das espadas deve continuar-se com dous tempos dellas para a garupa ; e o das ancas da mesma forte para as espadas , formando tambem hum com cada anca , a fim de que os movimentos do terra á terra sejam quadrenarios , não obstante a sua velocidade.

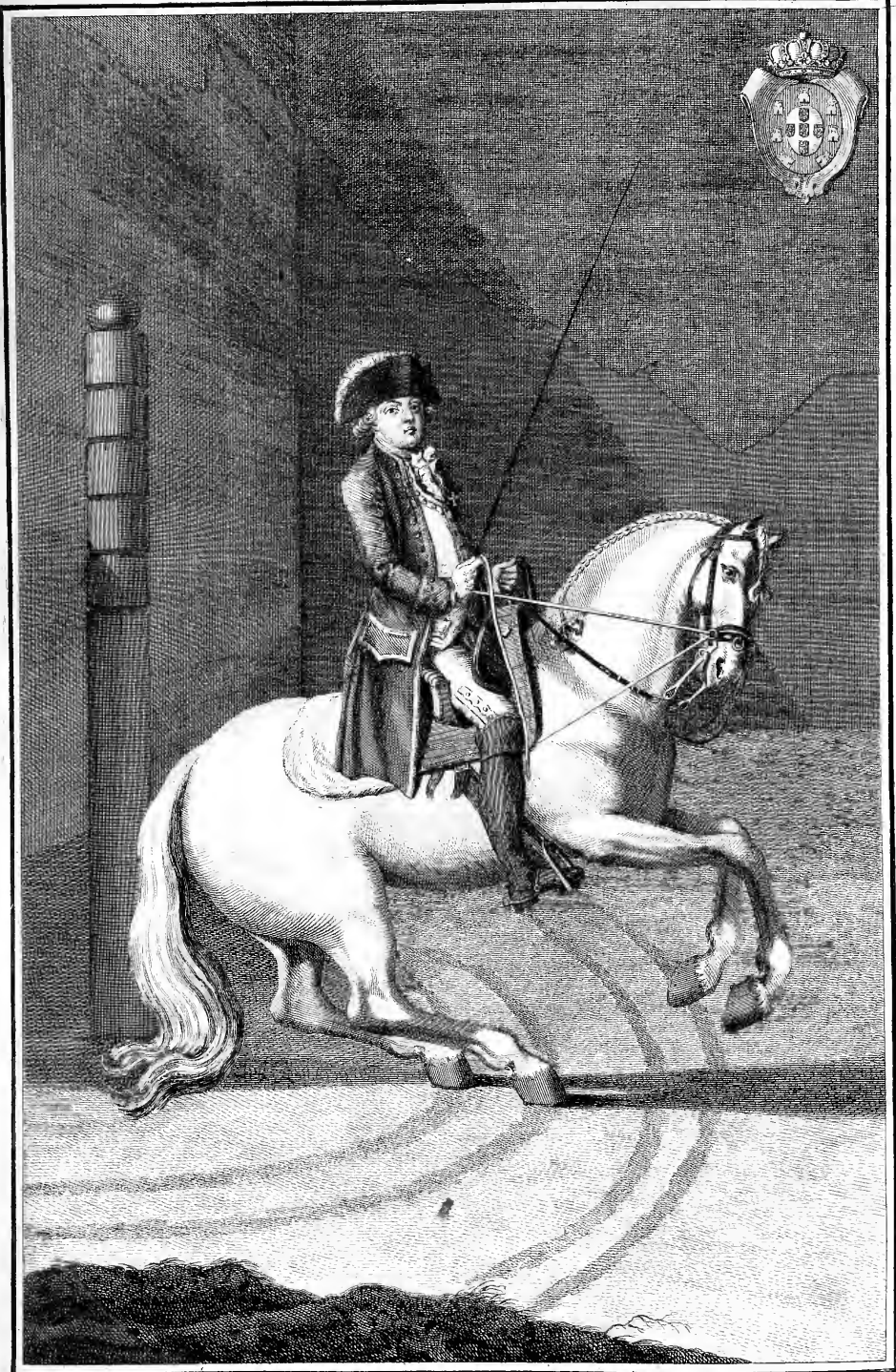
Depois do Cavallo bem direito no chão, isto he, andando facil sobre linhas rectas para diante, como tambem desembaraçado, e dobrado na lição da garupa á muralha; e das espaduas para o centro para huma, e outra mão, ao passo, ao trote, e ao galope, já na lição da volta ao revés, já na da testa á muralha, trazendo em todas as referidas lições as espaduas bem adiante da garupa, o podem principiar a dispôr para a do terra á terra, humas vezes sobre a circumferencia de hum grande circulo, e outras com a garupa mais junto ao Pilão, ou tambem sobre o quadrado, como passo a mostrar.

Definição do Terra á terra em commum.

OTerra á terra he hum galope, ou seguimento de pequenos faltos, que o Cavallo faz perto da terra, ou determine o seu movimento sobre a circumferencia de huma grande volta, ou de hum pequeno circulo, ou tambem sobre as linhas do parallelogrammo (Eft. XV., A, B, G, H, O, P), ou tambem sobre as linhas do quadrado regular (Eft. XLV., A, B, C, D), sendo que sobre os circulos (Eft. XLII., A, B, C, D, Fig. 1., e Eft. XLIV.) he que o Cavallo toma melhor os tempos do terra á terra.

Todos os Cavalleiros devem imitar a SS. AA. para ensinarem, e disporem bem os Cavallos deffinados para esta lição, e devem precisamente primeiro que os obriguem a mover-se, dispôr-se a si conforme a primeira lei desta lição, affentando-se bem no meio da sella, pezando com o equilibrio do corpo alguma cousa mais sobre o estribo de dentro da volta para lhe ajudar a inclinação circular do corpo para o centro: devem ter a mão direita de unhas affima, segurando-lhe a redea do cabeção, ou correa de vencer bem fechada nella com o dedo minimo inclinado para a espadua esquerda, e da mesma forte as redeas do freio devem ser bem fechadas, e seguras na mão esquerda, conservando esta alguma cousa de unhas abaixo, mas prompta a ajudar o Cavallo para dentro, quando elle o precisar: devem atrazar a espadua direita, avançar á proporção a esquerda, tendo todo o corpo em huma acção forte, e viva, de modo que o Cavallo se levante ao galope, e delle por effeito das sensações do corpo, mãos, e pernas passe a marcar de quando em quando alguns tempos do terra á terra.

Encruzando o Cavalleiro o seu Cavallo entre as sensações das redeas directas, e da perna esquerda, o obrigará a que vá de galope, fazendo-o levantar das espaduas o mais que puder ser para cima dos movimentos do espinhaço, ventre, e quadrís, sem relevar o balanço da galopada. Apôs isso com as sensações das pernas, principalmente com a de fóra, ou esquerda, o obrigará a rebater os movimentos das ancas igualmente; e no tempo em que o tronco do corpo do Cavalleiro se apoiar mais sobre o equilibrio, devem as mãos, e pernas ajudallo com mais actividade, para que não se demore no movimento, ou deixe de entrar bem com as pernas para baixo do corpo, e não perca o movimento do bom terra á terra, que deve ser diligente, unido, perto da terra, desembaraçado, forte, e igual.



Wiba del.



Deve o Cavallo affentar-se fobre a garupa , dobrando bem os curvilhões , e travadouros , e da mefma forte , e com igual facilidade elle fe deve dobrar das espaldas , cernelha , e pescoço até á ponta das ventas. Conforme Newcastle Pag. 73. , e La Guerinieri Cap. 3. Pag. 81. , elles querem que o Cavallo marque o terreno , marchando com hum movimento igual , diligente , unido , e o mais veloz que puder fer ; e he fem dúvida que quanto mais veloz he o movimento , mais engraçado he o Cavallo no terra á terra.

E S T A M P A XLI.

Do Sereniffimo Principe D. Jofé , ensinando , e obrigando hum Cavallo com o freio , e cabeçaõ a que se dobre na lição , e acção do Terra á terra para a direita.

TRabalhando S. A. qualquer Cavallo na lição do terra á terra fobre a direita , o obrigava cada vez mais com as redeas direitas , e a perna esquerda a que se dobrasse para a direita , por fer esta para onde elle andava , olhava , e vencia o terreno : e he certo que o Cavallo nesta lição fórma quatro circulos , ou linhas , (como se mostra na Fig. 1. da Est. XLII. , A , B , C , D) os dous circulos maiores com as piftas das mãos , os dous menores com as dos pés : isto succede affim , porque elle avança mais a mão , e pé direito que o esquerdo , para formar a galopada , e porque no terra á terra se move com hum balanço das espaldas , e outro da garupa , fendo immediatamente unidas as determinações dos movimentos das espaldas no feu balanço , como o são todas as das ancas no balanço da garupa.

Newcastle Pag. 71. diz : » O Cavallo na lição do terra á terra está dobrado » como hum arco , e a parte de fóra está convexa , e em tanta liberdade , como a » de dentro está concava , e fortemente opprimida. » Não póde o Cavallo nesta lição andar defunido , ou falso , em quanto se deixa encruzar bem entre a redea de dentro , e a perna de fóra , antes fica obrigado a recolher a garupa , mettendo as pernas bem para baixo do corpo , e a firmar-se fobre as ancas , apoiando-se com facilidade fobre a embocadura , fem violentar a mão ao Cavalleiro.

Quando S. A. intentava formar qualquer Cavallo nesta lição do terra á terra , fazia-o galopar unido , e perto da terra com a garupa ao Pilão (Est. XLI.) ; e quando se conduzia com mais facilidade , então o ajudava mais fortemente com as redeas direitas : elle animava mais todo o feu corpo , fortalecia-lhe as fenfações da perna esquerda ; e logo que o Cavallo obrigado de todas estas diligencias tomava alguns tempos , ou balanços do terra á terra , S. A. affroxava as forças das fenfações com que o obrigava , para o trazer outra vez ao movimento de hum galope mais modificado , e o ir facilitando muitas vezes a que tomasse os tempos do terra á terra , fem se apaixonar , e confundir , repetindo-lhe a lição desta forte , tanto fobre circulos maiores , como fobre circulos menores.

Logo para qualquer Cavalleiro formar com perfeição hum Cavallo na lição , e acção do terra á terra para a direita , deve encruzalho bem entre as forças das fen-

senhações das redeas direitas, e as da perna esquerda; por isso a perna direita sem se avançar muito, deve andar firme, e branda sobre o estribo direito, de forte que o equilibrio do corpo ajude a fazer iguaes os balanços da galopada nas espadas, e na garupa do Cavallo, sendo que a perna esquerda tambem deve andar firme sobre o estribo, e muito flexivel para animar, e castigar o Cavallo mais, ou menos forte, quando se fizer preciso o seu uso.

Não deve o Cavalleiro ter as mãos fortes sem dar repetidas vezes liberdade ao Cavallo; porque em tal caso elle se agarrará, ou se encostrará á embocadura do freio, antes sim devem puxar-lhe as redeas até o dobrar, ou ao menos o formar em melhor acção, e logo render-lhe subtilmente o freio, e cabeção, assim de dentro, como de fóra, até que elle pouco a pouco por meio destas repetidas diligencias vá obedecendo. O mesmo deve praticar-se com as senhações das pernas, tanto de dentro, como de fóra, sem tirar do Cavallo tantos tempos do seu ar, que elle por demaziadamente cansado, e falta de folgo, e de forças desobedeça.

Assim dispunha S. A. os Cavallos nos principios desta lição, e á proporção do que elles se adiantavão lhes segurava cada vez mais a redea direita do freio, e cabeção, encruzando-os desta forte entre as forças das redeas direitas, e da perna esquerda, como diz Newcastle, para que as senhações das redeas o obrigassem a determinar os movimentos da cara, peçoço, e espadas, dobrando-se bem para dentro da volta, e as da perna de fóra, ou esquerda lhe obrigassem a meia anca esquerda a unir-se á direita para rebater os movimentos das espadas para cima do ventre, e das ancas; pois que de outro modo não póde elle formar o verdadeiro balanço do bom terra á terra, e marcar o terreno, como se mostra na seguinte

E S T A M P A XLII.

De como os Cavallos marcão o terreno com as pifas dos pés, e mãos, trabalhando na lição do terra á terra dobrados para a direita: e o modo mais facil, e usual de os fazer passar de mão, sabindo da Fig. 1. para a 2. por duas tangentes parallelas.

MArchando sobre a Fig. 1., a pifa da mão direita marca o circulo N. 1., B, e D, a da esquerda a do N. 2., a pifa do pé direito o N. 3., a do esquerdo a do N. 4. mais proximo ao centro A, e C.

Para passar de mão da direita para a esquerda na lição do terra á terra, devem os Cavalleiros, bem como S. A., quando o Cavallo andar mais facil, e se deixar encruzar bem entre as forças das senhações das redeas direitas, ou de dentro, e as da perna de fóra, ou esquerda, obedecendo com facilidade a humas, e outras, fazello partir do circulo N. 1., B, da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas tangentes E, direito de duas pifas até F, formando hum semicirculo sobre a direita para a Letra G, indo pelas linhas de pontinhos desdobrallo da direita para a esquerda

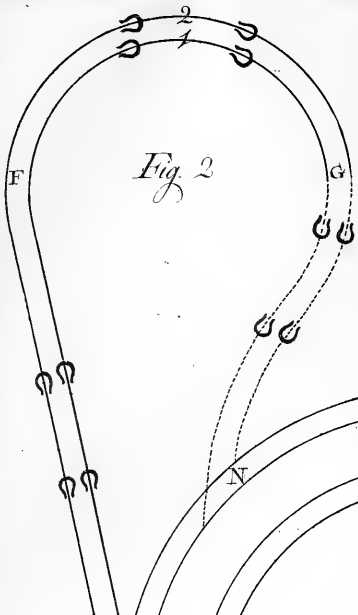


Fig. 2

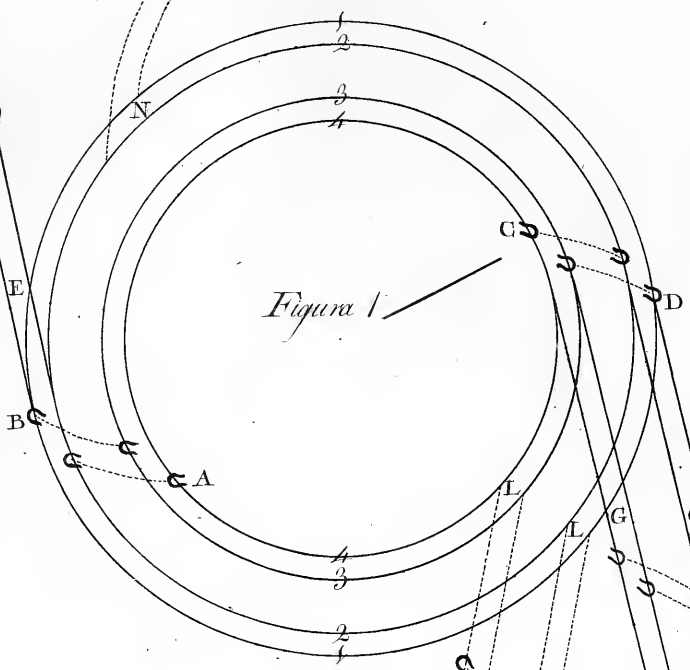


Figure 1

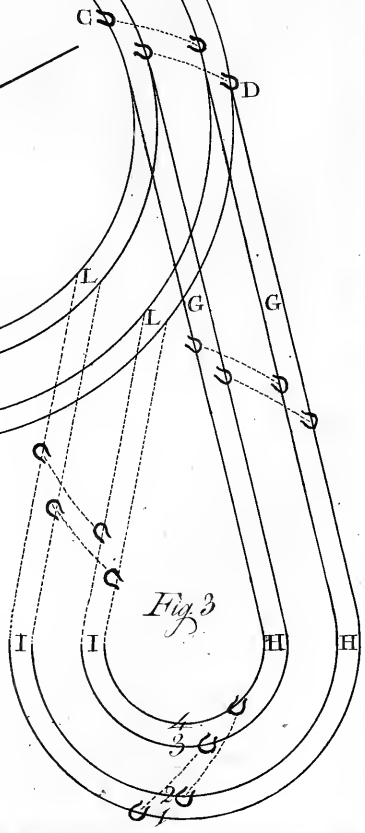
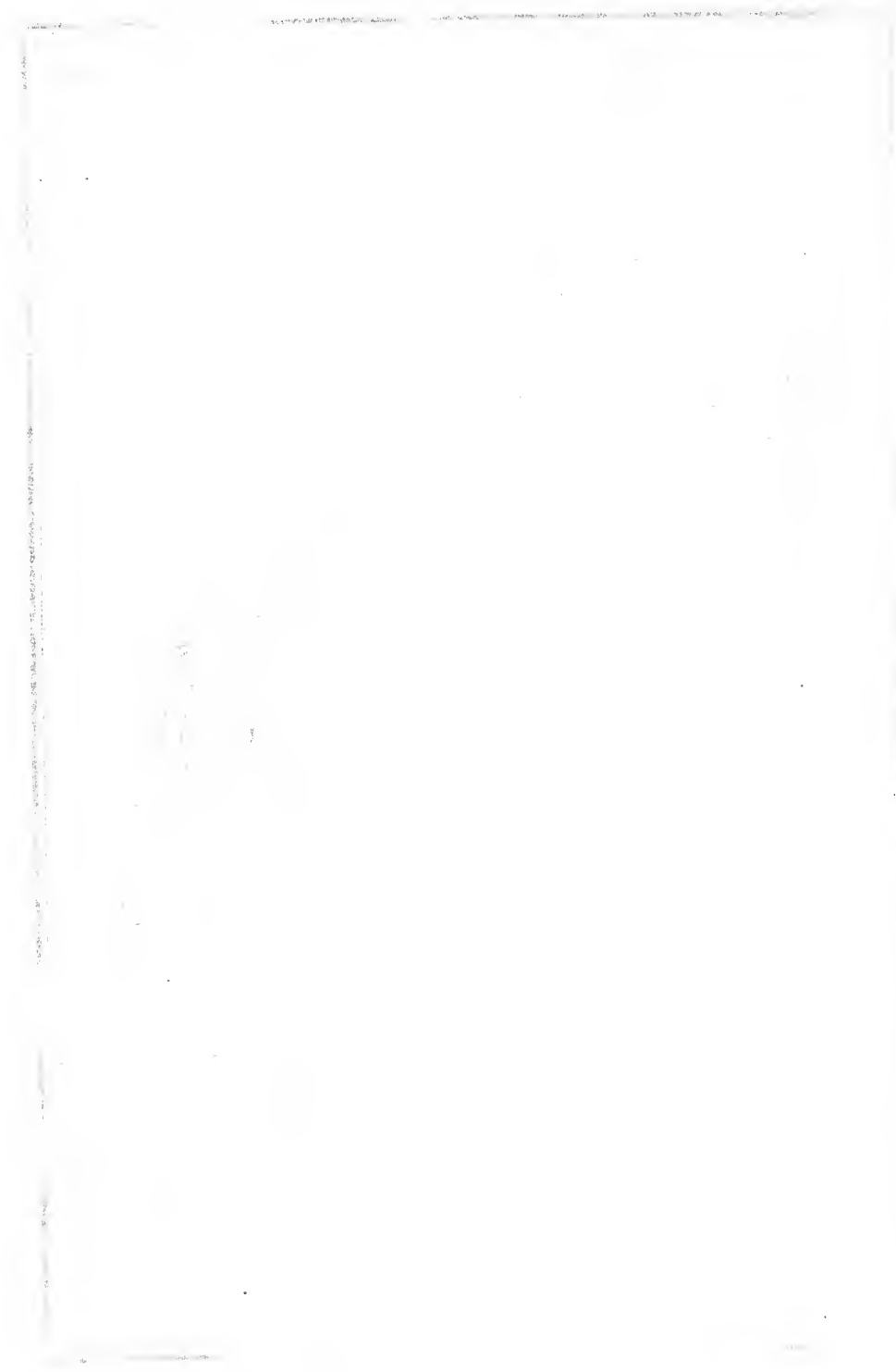


Fig. 3



da fobre as linhas da Fig. 1., Letra N, obrigando-o logo a que se forme na mesma boa acção em que antes da passagem andava para a direita.

Esta passagem de duas pistas, marchando simplesmente fobre duas paralelas, he facil, e por isso a primeira de que S. A. ufava, em quanto o Cavallo tinha pouco conhecimento, e desembaraço nesta lição. Tambem se pôde fechar o meio circulo, ou meia volta, indo pelas linhas de pontinhos Fig. 2., Letra G, N, completar a passagem fobre as linhas da muralha; porque em tal caso a parede lhe ferve de amparo ás espaduas para o ir dispondo, e facilitando a formar estas, e outras passagens com perfeição.

Modo, por que se devem formar as passagens de mão, fazendo sabir o Cavallo da Fig. 1. para a 3., marcando quatro pistas.

Querendo-o fazer passar de mão da direita para a esquerda na lição, e acção de quatro pistas, ou terra á terra, devem encruzallo cada vez mais entre as forças da correa, da redea direita, e da perna esquerda, conduzindo-o assim da Fig. 1. para a Fig. 3. pelas linhas da Letra G; e chegando a H, devem fortalecer-lhe a actividade das sensações das redeas de dentro, e da perna de fóra, para que vá com mais velocidade pelo semicirculo até á Letra I, a qual velocidade se deve ir modificando pelas linhas de pontinhos até chegar a L em hum movimento de forte modificado, que fobre os circulos da Fig. 1. o possão fazer desdobrar da acção da direita para a esquerda: então segurando a correa com a mão direita alta, e fortalecendo a sensação da perna esquerda mais, o obrigaráo a que se firme bem fobre a meia anca direita para render-lhe a mão, ou correa direita, e para lhe segurar a mão esquerda de unhas affima, quando o fazem mudar de acção: ao mesmo tempo se deve avançar a espadua direita, atrazar a esquerda, affroxar a perna esquerda, e fortalecer a direita, para o obrigar a que siga por meio de todas estas diligencias a sua direcção para a esquerda com a mesma boa ordem com que elle se dobrava para a direita, antes de passar de mão.

Tambem passando-o de mão fobre esta Fig. 3. se obriga pelo semicirculo a que determine o seu movimento a passadas: então da Letra H para I deve o Cavalleiro com as sensações da perna esquerda, e das redeas direitas encaminhallo, firmando bem o corpo atrás, para o obrigar desde o principio do semicirculo H a que faça algumas passadas, voltando bem dobrado para a direita, e bem assentado fobre a garupa; e logo que tiver formado o semicirculo de I até L, o podem ir detendo de forte que chegue aos circulos da Fig. 1. em hum galope modificado para o poder obrigar a fazer a passagem de mão, sem que a acceleração do movimento desperte nelle a paixão, antes brandamente se deixe desdobrar da direita para a esquerda. Tambem chegando ás linhas da Fig. 1. o podem deixar continuar na lição da volta ao revés fobre duas, ou fobre quatro pistas, a fim de o desdobrar da direita para a esquerda, quando for mais unido, para seguir melhor o seu terra á terra para a esquerda.

Marchando fobre a Fig. 1., a pista da mão direita marca o circulo N. 1. Le-

tra B, a da esquerda o N. 2., a do pé direito o N. 3., e a do esquerdo o N. 4. A, sahindo pelas tangentes E para a Fig. 2.: as pistas do pé, e mão direita marcão a linha N. 1., as da mão, e pé esquerda a linha N. 2., &c. Sahindo da Fig. 1. para a Fig. 3. pelas linhas da Letra G, a pista da mão direita marca a linha N. 1., a da esquerda a do N. 2., a do pé direito a do N. 3., e a do esquerdo a do N. 4., como se mostra nas referidas Figuras da Est. XLII.

Sensações, e movimentos com que se deve obrigar o Cavallo a mudar de acção da direita para a esquerda sobre a Fig. 3., Est.

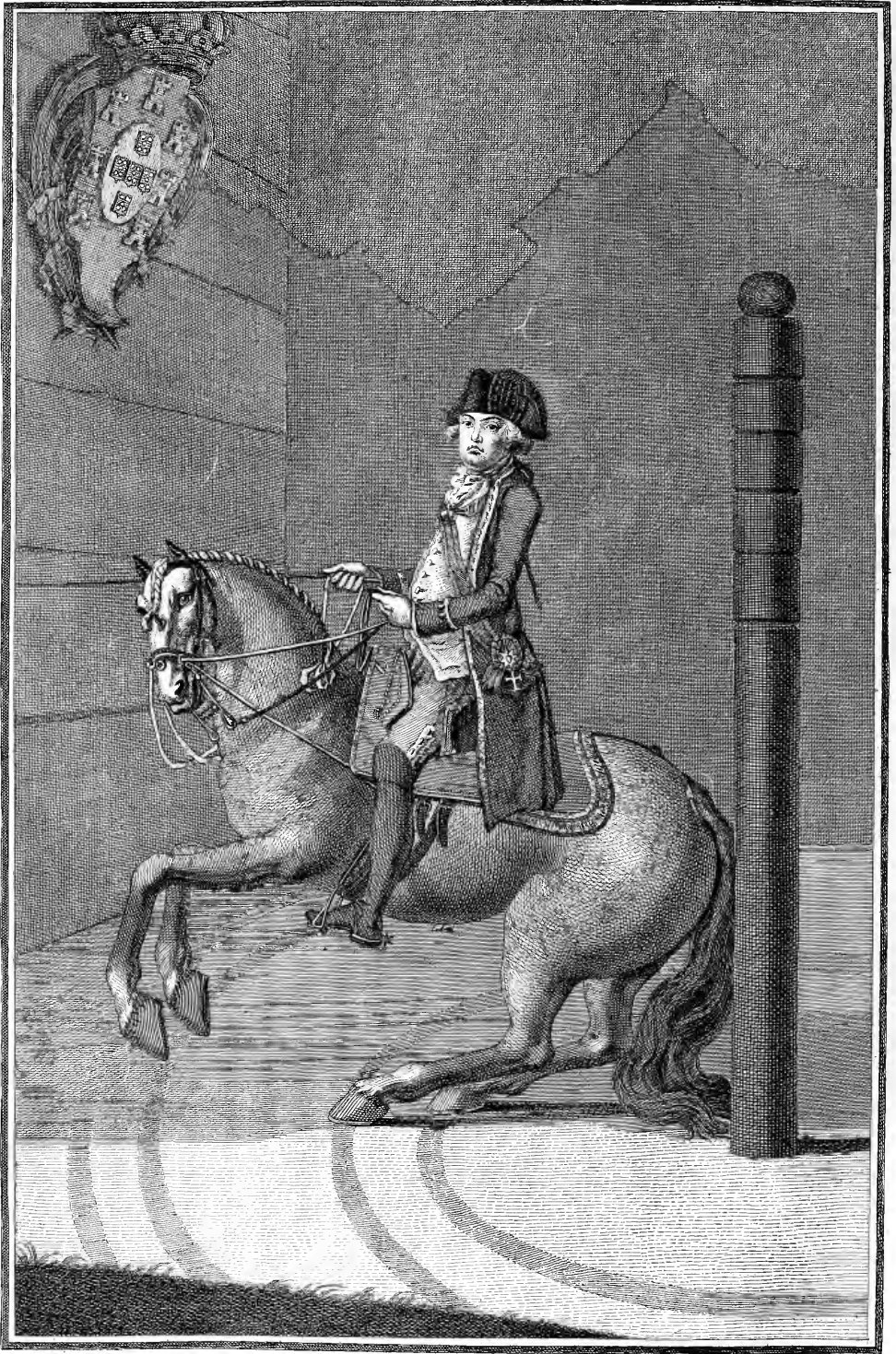
XLII., trabalhando-o na lição do terra á terra.

HE certo que para o Cavalleiro fazer desdobrar o Cavallo de acção da direita para a esquerda, necessariamente o deve unir mais com as redeas direitas, e com a perna esquerda sobre a meia anca direita, ou de dentro, para ter mais tempo de render-lhe a mão, ou redeas direitas, affroxando a perna esquerda para após isso sustenter-lhe as redeas esquerdas com a mão de unhas affima, e o dedo minimo inclinado para a espadua direita, atrazando a espadua esquerda, e adiantando a direita; porque todos estes movimentos o obrigão a desdobrar-se da direita para a esquerda. Tudo isto fazia S. A. em quanto o Cavallo no balanço das espaldas mudava a acção da dobra do seu corpo da direita para a esquerda; e quando continuava o balanço das ancas para as espaldas, S. A. atrazava o quadril esquerdo, avançava o direito, segurava-lhe a perna esquerda brandamente firme sobre o estribo, fazendo-lhe logo sentir a sensação da perna direita mais activa, e atrás da terceira cilha, para lhe obrigar a garupa a encruzar-se entre as forças da perna direita, e das redeas esquerdas, do mesmo modo que se encruzava, e dobrava para a direita antes de fazer a passagem: e he sem dúvida que outro qualquer Cavalleiro (para obrigar bem o Cavallo) necessariamente ha de passar por todas estas funções; e ainda que com summa brevidade, a humas se hão de infallivelmente seguir outras para lhe formar as passagens com perfeição.

Lição do terra á terra para a esquerda, ensinando o Cavallo com o freio, e cabeçaço.

Desdobra-se da acção logo que he impellido das forças das redeas esquerdas, e da perna direita, e elle foge das sensações das redeas esquerdas, quando volta para a esquerda, porque a embocadura, e a barbeta o apertão da parte direita na boca sobre os assentos, e nos queixos sobre a barbada: e logo que a mão de fóra, e o equilibrio do corpo do Cavalleiro o ajudão para dentro, elle une a espadua direita á esquerda, e da mesma forte a sensação da perna direita o obriga a unir a meia anca direita á esquerda para voltar, e se dobra por effeito do seguimento, e da união de todos os referidos movimentos, que instantaneamente lhe encontrão a direcção, e por isso da mudança de acção lhe resulta o ficar concavo da parte esquerda, e da direita convexo, assim como antes da passagem era con-

Del 7.º - Cuzco - 1825 - en S.º de J.º de 1825



Alva del.

cavo da direita , e convexo da esquerda , como se observa na Est. XLI. , e na seguinte

E S T A M P A XLIII.

Do Serenissimo Principe D. João , ensinando hum Cavallo a formar-se na lição do terra á terra , dobrando-o para a esquerda.

ENfina-o S. A. a marcar o terra á terra , obrigando-o successivamente com as mãos , pernas , e equilibrio de todo o corpo , a fim de que sustente a acção na dobra do pescoço , espaduas , e ventre , com a boa graça , e ar com que se dobrava para a mão direita antes da passagem : e he certo que isto só póde vencer-se , contrapondo-lhe as sensações do corpo , mãos , e pernas repetidas vezes , humas mais , outras menos instantaneamente applicadas , para que se determine bem , e para diante , quer ande sobre a circumferencia , quer sobre o quadrado.

A mão esquerda voltada de unhas affina com o dedo minimo inclinado para a espadua direita , quanto mais vai da cernelha para a direita , mais obriga com as redeas esquerdas o Cavallo a que se dobre , e olhe para a esquerda , ou para dentro da volta ; e consequentemente , quando a perna direita o obriga ao mesmo tempo , a anca direita se une á esquerda , e elle por meio destas diligencias se deixa encruzar entre as sensações da perna direita , e das redeas esquerdas : logo por este modo he que se dispõe bem para a lição do terra á terra para a esquerda.

Galopando elle manso , e igual , S. A. anima todo o seu corpo em huma acção mais espirituosa , e viva , e então instantaneamente lhe dá alguns toques com a perna direita , sustendo ao mesmo tempo a mão esquerda , levando-a alguma coufa de unhas affina firme da cernelha para a direita , a fim de que o Cavallo marque alguns tempos do terra á terra ; e tanto que elle obedece , S. A. affroxa logo a actividade das sensações do corpo , mãos , e pernas , para que elle passe do terra á terra a hum galope mais modificado , até outra vez se deixar encruzar bem entre as sensações das redeas esquerdas , e da espora direita ; e repetindo-lhe por vezes as mesmas diligencias , obtem d'elle mais alguns tempos do terra á terra. Esta sem dúvida he a melhor forma de dispôr os Cavallos para esta lição , trabalhando-os tanto sobre a mão direita , como depois de fazer a passagem sobre a esquerda ; e todos os mais diffintos Cavalleiros seguem este methodo.

Devezas de que communmente usão os Cavallos para fugir do trabalho desta lição.

AS devezas de que ordinariamente usão , quando os formão na lição do terra á terra , são , quando lhes custa dobrar-se bem , fugir com as ancas para fóra , levantar-se muito das espaduas sem entrar na mão , por usar mal da mesma garupa ; e quando se dobrão muito das espaduas , lançar-se com desigualdade sobre a de fóra , á excepção de outras a que recorrem menos custosas de remediar ; mas de todas estas formas fogem de obedecer ás mãos , e pernas do Cavalleiro ; por

isso as diligencias ponderadas em todas as lições se encaminhão a fazellos obedecer, e determinar os seus movimentos bem para diante, e com igualdade para huma, e outra mão.

Se fogue com a garupa muito para fóra, deve o Cavalleiro fegurar a mão alguma coufa firme de unhas affima, fazendo-lhe sentir as fenfações da correa, e redea de fóra instantaneamente no tempo, em que lhe fegura mais forte a perna de fóra, e em tal cafo a pua deve fer mais voltada para a barriga, e a perna applicada alguma coufa mais atrás das cilhas, tendo a parte de fóra no tronco do feu corpo toda mais forte, e a de dentro mais froxa, e da mesma forte a perna de dentro, brandamente unida á primeira cilha junto ao codilho (Est. III. N. 56. e N. 49.) para ella lhe dar toda a liberdade a poder a garupa entrar para dentro da volta: o corpo do Cavalleiro deve tambem estar alguma coufa atrás, e firme, porque o feu pezo ajuda a obrigar a garupa a que se abaixe mais. Os circulos, em que trabalharem hum tal Cavallo, devem fer largos, porque nelles se move com mais facilidade, em quanto não tem a precisa obediencia ás mãos, e pernas do Cavalleiro, ou ufa das referidas defezas.

Quando succeda defender-se, levantando-se muito das espadas, e por consequencia detendo-se, não entrando na mão (ou para o freio) devem as mãos governar as redeas com muita brandura, e liberdade, e as pernas repetidas vezes unir-se-lhe instantaneamente ao ventre, para que entre para a mão com o apoio na embocadura; porque em quanto o Cavallo se defende deste modo, isto he, não entra na mão, não deve o corpo do Cavalleiro firmar-se muito para trás, indo-o sempre costumando com ambas as redeas, e ambas as pernas a que ande com igualdade, tanto no balanço da garupa, como no das espadas, sem o chamar ao terra á terra, em quanto se não deixa encruzar bem entre as forças das redeas de dentro, e da perna de fóra.

Se rompe o pescoço, isto he, se dobra muito o pescoço por se lançar fobre a espada de fóra, devem as pernas do Cavalleiro unir-se-lhe ao ventre logo atrás das cilhas para o obrigar mais a ir para diante, principalmente quando a mão da redea entra de fóra para dentro da volta; e se isto não bafstar, deve logo affroxar-se alguma coufa a perna de fóra, e obrigar-lhe as espadas, trazendo as mãos ambas para dentro da volta, para que elle ande bem para diante, dando-lhe, se for preciso, com a correa de fóra para cima, ajudando-o ao mesmo tempo com a vara fobre a espada de fóra, para que a vá unindo á de dentro, e obedeça á mão, dobrando o pescoço, e conduzindo as espadas bem direitas adiante das ancas, a fim de que as pifas das mãos vão marcando o terreno, como se mostra na Fig. 1. da Est. XLII., e na Est. XLIV., sendo o toque da vara sempre delicado.

O toque da ponta do pé fobre a espada está reprovado nesta lição por bons Cavalleiros. Os que adoptão o modo de separar as redeas do freio ao principio, para o Cavallo obedecer com promptidão, e igualdade a huma, e outra redea, marchando tanto fobre hum, como fobre outro lado, os rendem mais depreffa iguaes, e promptos.

Se o Cavallo tem falta de desembaraço, trabalhando fobre a mão esquerda, he

he bom passar as redeas do freio para a mão direita nas lições antecedentes , e trabalhar a correa de vencer , ou redea do cabeção com a mão esquerda , maiormente se o Cavalleiro não he igual no modo de o obrigar para huma , e outra parte.

Muitas vezes defobedece o Cavallo por não saber ; e outras , porque o Cavalleiro não he como SS. AA. igual no seu desembaraço , e modo de applicar-lhe toda a forte de fenções , com que nesta lição , como em todos os mais trabalhos da Escola , necessariamente se ensinão os Cavallos : fustendo-lhe mais as redeas de dentro , avivando todo o corpo ; e fazendo-lhe sentir a perna de fóra por alguns toques mais fortes , se obriga a levantar-se do galope ao terra á terra ; mas estas fenções do corpo , mãos , e pernas do Cavalleiro fazem sómente bom effeito , sendo ministradas no tempo , em que o Cavallo se deixa encruzar entre a força das redeas de dentro , e da perna de fóra , sendo-lhe applicadas instantaneamente , quando elle se levanta do terra na sua galopada para redobrar o movimento ; e quando se dispuzer para se tornar a levantar , devem repetir-lhe semelhantes toques sem perder tempo ; porque se o Cavalleiro encontrar com o movimento das mãos , e pernas os movimentos do Cavallo , este se confundirá , e perderá o balanço do bom terra á terra.

Muitos logo que tem marcado alguns tempos do terra á terra , obrigados das referidas fenções , vão concebendo huma tal cólera , e preocupação , que defobedecem , indo humas vezes muito sobre a perna , e outras sobre a mão ; mas em taes casos devem logo deixallos tornar outra vez ao galope , modificando-lhes a actividade das fenções , com que os obrigão para os formar no terra á terra , quando forem menos preocupados , continuando alternativamente a ensinillos , sem tirar delles tantos tempos do seu ar , que por faltos de folgo , e de forças se defendão , ou aborreção a lição.

Passagens de mão , sabindo dos circulos da Fig. 1. pelas tangentes A , e I , indo-as depois completar por semicirculos sobre a Fig. 1. da Est. XLIV. , Letra H , e N , como tambem a fôrma de ensinar os Cavallos a fazer as passadas de L para M.

PAra os ensinar a passar de mão , manejando na lição do terra á terra , da esquerda para a direita , deve o Cavalleiro encruzallos cada vez mais entre as forças das redeas esquerdas , e da perna direita , obrigando-os com ambas as mãos , ou redeas , e ambas as pernas , ou esporas a marchar da Fig. 1. , A , B pelas linhas da Letra E para F da Fig. 2. , direitos de duas pistas , indo pelas linhas de pontinhos G , H desdobrallos sobre a Fig. 1. da esquerda para a direita.

Enfina-se tambem o Cavallo a que forme a passagem de quatro pistas , sahindo da Fig. 1. , C , e D pelas linhas da Letra I para a Fig. 3. , obrigando-o vivamente com a perna direita , e as redeas esquerdas a que forme quatro pistas , ou

linhas pelo femicirculo da Letra L para M, indo pelas linhas de pontinhos fazello mudar de acção sobre N da esquerda para a direita, a fim de o ensinar a seguir as linhas da Fig. 1. com o mesmo ar, e boa ordem com que se formava antes de passar de mão.

Para o ensinar a que marque o femicirculo de L para M a passadas, devem obrigarlo com as redeas esquerdas ainda mais vivamente, e com a perna direita (logo do principio do femicirculo) a que forme algumas passadas, affroxando a actividade das forças das mãos, pernas, e corpo, logo que por effeito das sensações com que o obrigáráo, elle correspondeo, fazendo tres, ou quatro passadas, moderando-lhe de M para N a velocidade, de forte que chegue á Fig. 1. em hum galope tão moderado, que possa fazer a passagem sem acceleração de movimento, e sem paixão.

No tempo em que o Cavallo se desdobra da acção, deve-se fazer unir mais sobre a meia anca esquerda, para quando chegar á Linha C, e D, N. 1., Fig. 1. se desdobrar facilmente da esquerda para a direita. Os movimentos do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro se fazem, rendendo-lhe a mão, ou redeas esquerdas, affroxando a perna direita, e após isso segurando-lhe a redea direita com a mão de unhas assima, e o dedo minimo inclinado para a espadua esquerda até elle se dobrar bem para a direita. Logo em tal caso deve a mão esquerda voltar-se alguma cousa de unhas abaixo, atrazando-se a espadua direita, adiantando-se immediatamente a esquerda, e sustendo-lhe a perna esquerda para elle se dobrar para a direita, e todas estas sensações se devem executar com aquella força sómente que baste a fazello desdobrar de huma para outra mão.

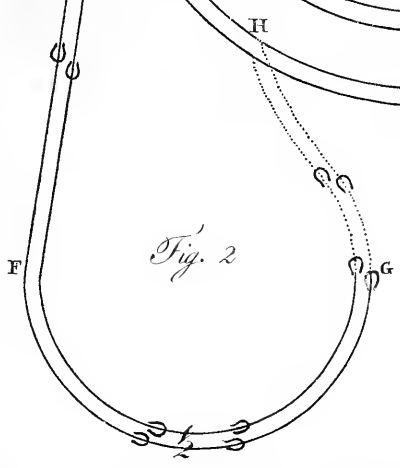
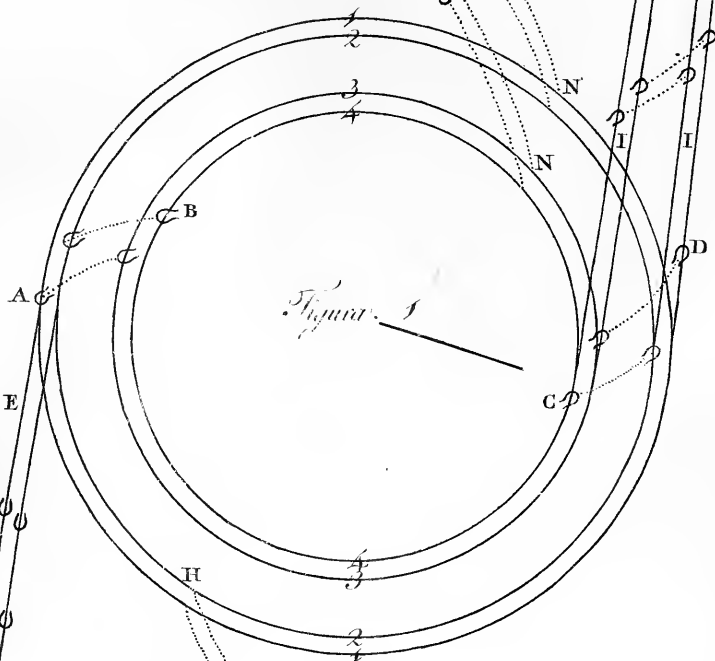
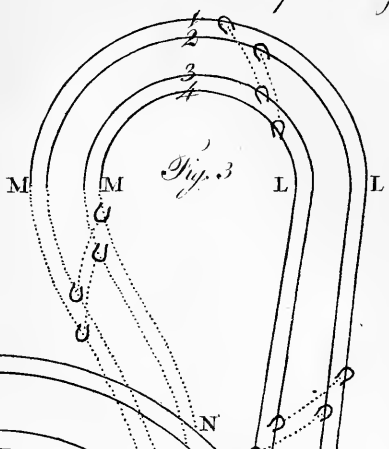
Faz S. A. tudo isto em quanto o Cavallo no balanço das espaldas muda de acção para a direita; pois quando se continúa o balanço das ancas para as espaldas, atraza o seu quadril direito, avança o esquerdo, segura a perna direita firme, e branda sobre o estribo junto á primeira cilha, fazendo-lhe sentir alguns toques da perna esquerda com mais actividade logo atrás da terceira cilha, para lhe obrigar a garupa a encruzar-se entre a força da redea direita, e da perna esquerda, do mesmo modo que se encruzava, e dobrava obrigado da força das redeas esquerdas, e da perna direita, antes de fazer a passagem: e he sem dúvida que para os Cavalleiros lhe formarem bem as passagens de mão na lição do terra á terra, devem imitar a S. A. para ensinar qualquer Cavallo a fazer a passagem com perfeição.

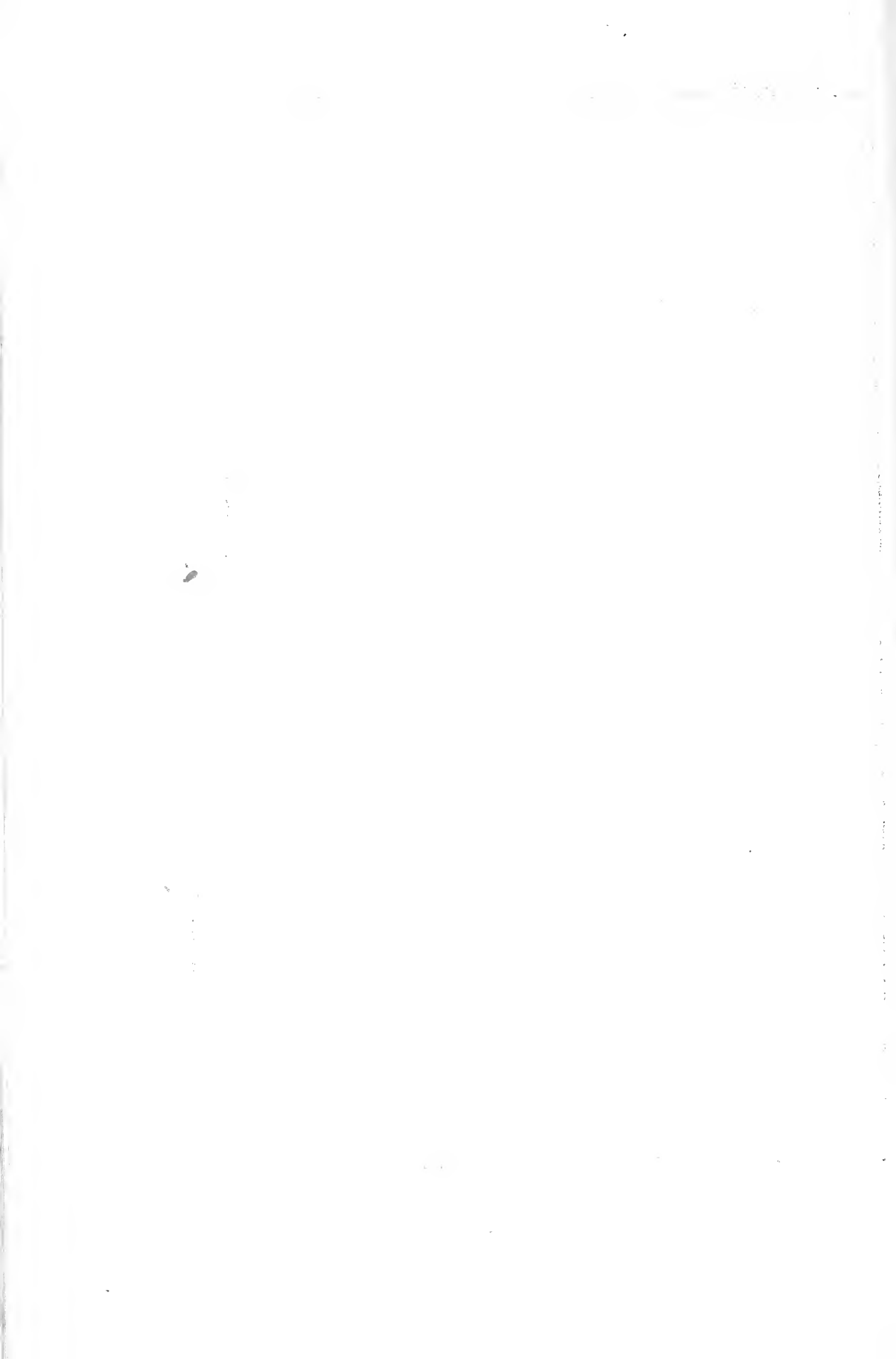
E S T A M P A XLIV.

Do modo, por que os Cavallos marcão o terreno, trabalhando-os dobrados para a esquerda.

Sobre a Fig. 1. marca a pista A da mão esquerda a Linha N. 1., a da direita a N. 2., a do pé esquerdo a N. 3., e a do direito a N. 4. mais proxima ao centro B; e logo que o Cavallo sahe da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas tangentes A, E, as pistas da mão, e pé esquerdo marcão a linha N. 1., e as da mão, e pé direito a N. 2.

Quan-





Quando fahe das linhas da Fig. 1. C , D para a Fig. 3. pelas tangentes I , da Letra L para M , a pista da mão esquerda marca a linha N. 1. , a da direita a N. 2. , a do pé esquerdo a N. 3. , e a do direito a N. 4. , mais perto do centro da volta , ou do semicirculo.

Na determinação do movimento do terra á terra (dobrando-se o Cavallo para a esquerda) principia a mão direita , fazendo o primeiro tempo : segue-a a esquerda , fazendo o segundo , depois a pista do pé direito faz o terceiro , e ultimamente a do esquerdo marca o quarto , como se elle galopasse em outra qualquer lição ; e movendo-se o Cavallo successivamente , sempre a mão esquerda faz a ultima posição , e o pé direito a primeira.

Move-se o Cavallo com tanta celeridade , que parece que faz hum só tempo no balanço das espaduas , e outro no balanço da garupa ; mas o ouvido sente marcar o terreno (como diz Newcastle) fazendo as ferraduras na terra *patá , patá*. Se duvidar , ou ficar para trás , quando o pertenderem passar de mão , em tal caso devem sobre pequenos circulos arredondallo das espaduas para o fazer completar a passagem , quando for com mais facilidade para diante , direito no terreno , e firme na mão.

Lição para ensinar o Cavallo de passo , trote , e galope a marcar com as pistas dos pés o quadrado , e com as das mãos as porções dos circulos nos angulos , como se mostra na Est. XLV.

FAz S. A. marchar commummente qualquer Cavallo sobre o quadrado de quatro pistas , como passo a explicar. Formando-o no quadrado com a garupa ao Pilaão , as linhas , que marca com as pistas dos pés , são mais proximas ao centro , e necessariamente deve com as das mãos formar outras duas linhas maiores tambem quadradas , e nos quatro angulos oito porções de circulos , duas em cada angulo , como se mostra na Fig. 1. da Est. XLV. , e porque as pistas das mãos vão marcando as linhas da maior circumferencia. Principia S. A. a ensinallo nesta lição , fazendo-o marchar com a garupa ao centro , encaminhando-o com ambas as mãos , e pernas , para que marche obliquamente ; e como he sem dúvida que sendo menor a velocidade com que o animal se move , elle anda mais livre de paixão , e se faz mais attento ás sensações , e toques das redeas , e esporas para aprender a formar-se na lição do terra á terra com mais facilidade , depois de o trabalhar , o passeia sobre o quadrado regular : logo para o Cavalleiro o encaminhar bem nesta lição , deve seguir este methodo , endireitando-o no terreno com o equilibrio do corpo successivamente , a fim de o poder encruzar entre as redeas de dentro , e a perna de fóra , de maneira que o obrigue a que determine o movimento obliqua , igual , e circularmente.

Para marchar com perfeição , dobrando-se sobre o quadrado para a direita , o pé desta parte no vertice do angulo (Fig. 1. , Letra E , Est. XLV.) deve mover-se ao passo , e trote em huma oitava parte do terreno , em que se move a mão esquerda ; e o pé esquerdo em ametade da distancia , em que se move a mão esquerda :

da : affim tambem a mão direita deve alcançar oito vezes mais terreno do que alcança o pé direito, a fim de marcar as oito porções dos circulos nos quatro angulos com facilidade, e perfeição.

As espadas tem os movimentos (principalmente nos angulos) ao menos oito vezes mais largos do que as ancas, por isso as articulações de todas as suas juntas precisão fer muito desembaraçadas em todos os seus jogos, pois que de outra forte não podem os Cavallos fer iguaes nos movimentos, e no terreno, quando fórmão os angulos nesta lição.

Ha muitos, que tem bastante desembaraço nas espadas, e muito pouco na garupa : logo os mais desembaraçados dellas no trabalho que fizerem, marcando com as pistas das mãos os circulos, ou linhas maiores, ferão mais agradaveis, e terão mais possibilidade para femelhantes lições, do que para preencher a maior circumferencia com as pistas da garupa. O mesmo se deve entender, quando ha facilidade nas ancas, e pouco desembaraço nas espadas.

Para marcar bem com as pistas das mãos nos angulos as oito porções dos circulos P, deve o Cavalleiro, quando o vai fazendo chegar ao vertice E, e P, fazello alargar das espadas, e unir da garupa: isto se vence, fortalecendo-lhe a sensação da perna esquerda (se o Cavallo anda dobrado para a direita) para a garupa entrar para esta parte, quando as redeas dão liberdade ás espadas para as ancas marcarem o angulo, sem passar adiante das espadas.

Quando o Cavalleiro traz a mão esquerda de unhas affima da cernelha para a direita, e a mão direita de unhas abaixo para dentro, as espadas do Cavallo se unem para adquirirem a direcção obliqua de voltar nos vertices dos angulos de humas para outras linhas; e he precisamente necessario que as mãos, e pernas do Cavalleiro alternativamente (com oppostas sensações) o vão ajudando a marcar os angulos do quadrado; e isto sómente se vence bem, levando as mãos para fóra, quando a perna obriga para dentro.

Marchando sobre a direita ao passo, e trote, sempre marca o terreno, como se mostra nas pistas de pontinhos Letra Q; mas galopando sobre o quadrado, marca o terreno, como se mostra nas pistas em preto da Fig. 1., Letra P.

E S T A M P A XLV.

Quadrado regular, ou modo, por que o Cavallo marca com as pistas dos pés as linhas do centro N. 3., e N. 4., B, e C; e com as das mãos as da maior circumferencia N. 1., e N. 2., A, D. Trata-se tambem do modo de formar as passagens de mão.

Galopando para a direita (sobre a Fig. 1.) a pista da mão direita marca a linha N. 1., a da esquerda a N. 2., a do pé direito a N. 3., e a do esquerdo a N. 4., mais proxima ao centro, como se mostra nas pistas em preto.

Mar-

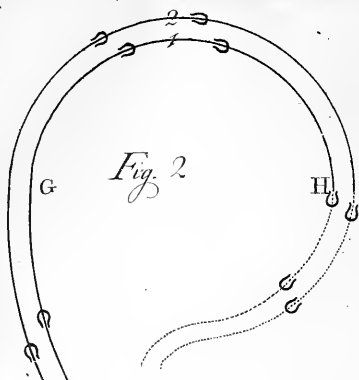


Fig. 2

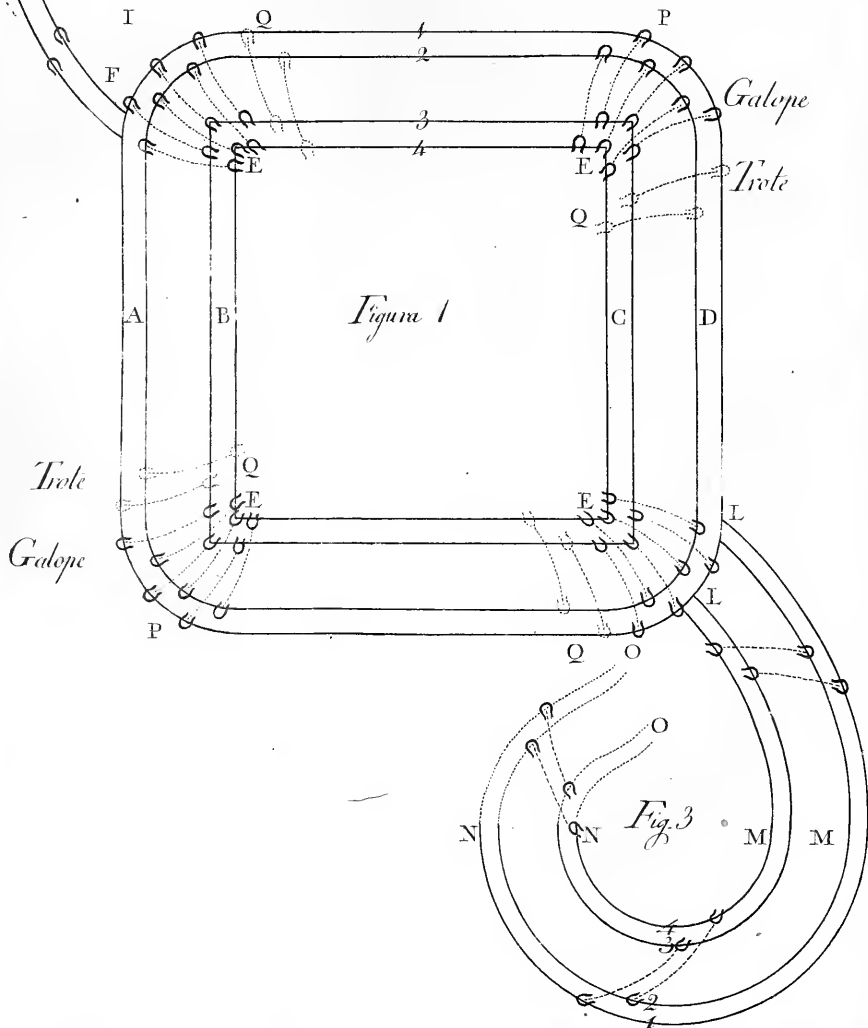
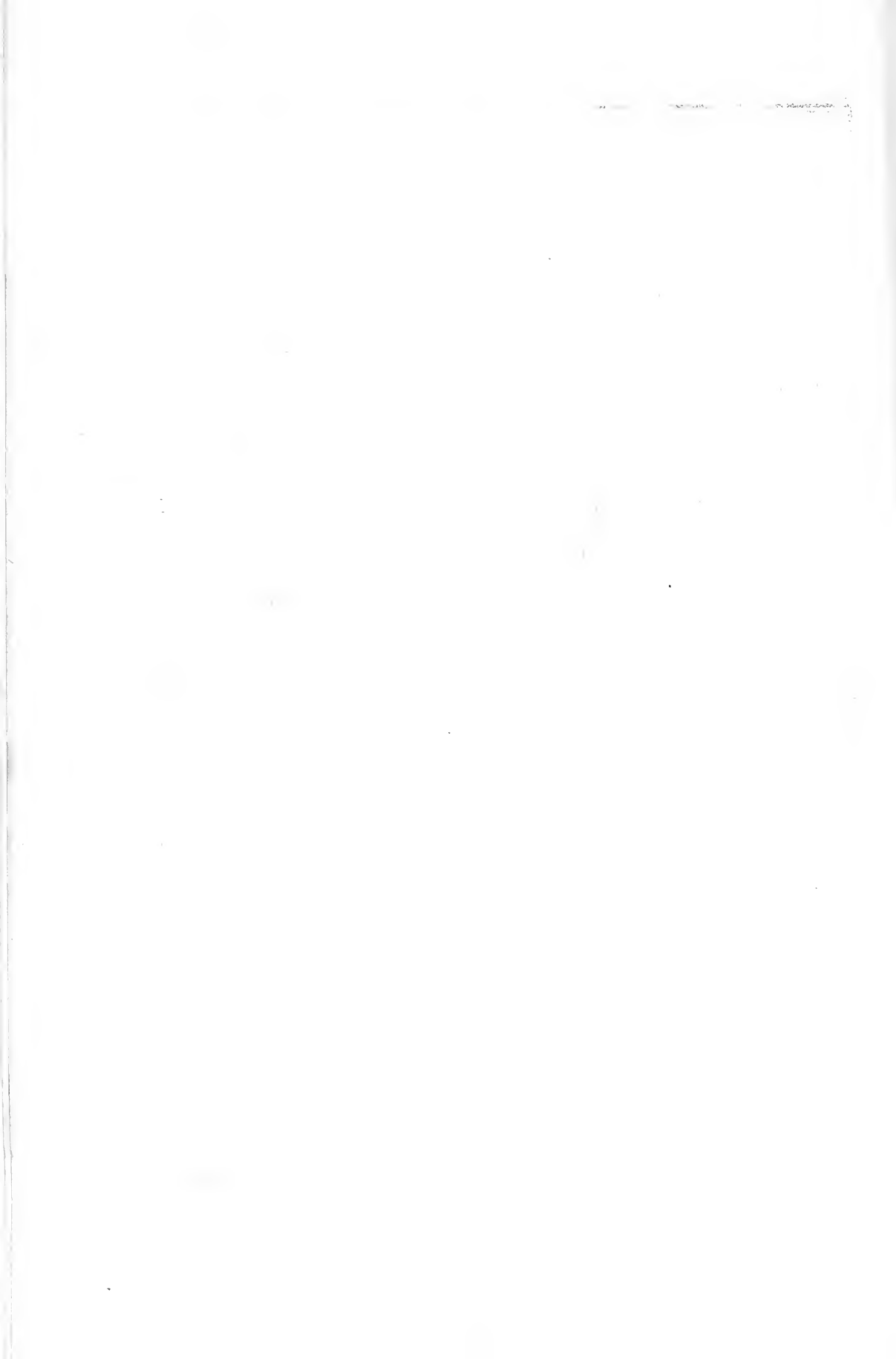


Figura 1

Fig. 3



Marchando de passo, e trote (fobre a mesma Fig. 1.) para a direita, a pista da mão esquerda marca a linha N. 1., a da direita a N. 2., a do pé esquerdo a N. 3., e a do direito a N. 4. mais perto do centro.

Para passar de mão da direita para a esquerda, fazendo-o marchar da Fig. 1. para a Fig. 2., quando vai mais livre da má tenção, he que o devem ensinar a que marche pelas linhas da Letra F para G, obrigando-o della para H a marchar de duas pistas, indo pelas linhas de pontinhos Letra I fazello entrar na Fig. 1. para entre A, e B o desdobrar da direita para a esquerda. São estas passagens de mão faceis, e por isso as primeiras, de que se deve usar para dispôr o Cavallo a aprender a formar as da Fig. 3.

As passagens de mão de quatro pistas, como se mostra na Fig. 3., são mais difficultosas, e ellas se põem em prática ao passo, e trote, como se mostra na Fig. 3. da Est. XXXII.; e ao galope, como se vê na Fig. 3. da Est. XLV.: nesta deve-se encaminhar o Cavallo pelas linhas de L para M; e então animando o Cavalleiro bem toda a sua figura, deve ter o corpo atrás, fortalecendo as sensações das redeas, e correa direita, como tambem as da perna esquerda, animando-o bem pelo femicirculo, a fim de que marque tres, ou quatro passadas de M para N, modificando-lhe logo as sensações, para que pelas linhas de pontinhos vá já em hum galope mais modificado completar a passagem de O para as linhas da Fig. 1., desdobrando-o da direita para a esquerda entre C, e D, pelo mesmo modo que fica dito na lição do terra á terra para a direita.

Devezas, de que usão alguns Cavallos para fugir do trabalho das passadas, quando lhes ensinão a formar as passagens nesta lição.

OS que são fracos, mal formados, e frôxos, para se defenderem da sujeição a que os conduz o trabalho das passadas, marcando o femicirculo de quatro pistas, depois de haverem trabalhado no quadrado regular: quando os fazem entrar á passagem, ordinariamente ficão para trás, e usão mal da garupa, entrando humas vezes muito para o centro, e sahindo outras para fóra da circumferencia do arco do angulo fobre que se fórma a passagem: nestes casos se lhes devem fazer, sentir as pernas mais atrás das cilhas com força proporcionada á sua possibilidade, desembaraço, e obediencia, e para os fazer andar para diante sem confusão: os devem conduzir, ora instigados pela continuação das sensações com que os obrigão, ora pela modificação com que os encaminhão, conservão, e ensinão com huma, e outra redea, e com huma, e outra perna, pois que humas, e outras diligencias devem ser proporcionadas á velocidade com que os pertenderem formar pelas linhas, e femicirculos da Fig. 2., e Fig. 3.

Se o Cavallo marcha pelos lados dos angulos, e femicirculos com incerteza, he muito bom formar-lhe alguns pequenos circulos até o arredondar, e igualar mais da direcção das espaldas, e das ancas para entrar na mão, e o fazer ir depois completar a passagem, quando for com mais facilidade para diante.

Tambem entre C, e D o podem fazer unir mais fobre a meia anca direita

por effeito das forças das redeas direitas, e da perna esquerda, de forte que tendo-o chegado ás linhas N. 1., e N. 2., devem affroxar-lhe as redeas direitas, fortalecer-lhe as esquerdas, tendo a mão da redea de unhas affima com o dedo minimo inclinado para a espadua direita, de forte que o fação tornar á lição de quatro pifas com a garupa fobre as linhas interiores do quadrado, para que marchando para a esquerda, possa observar a mesma perfeição de figura, e movimento, com que antes da passagem de mão andava para a direita.

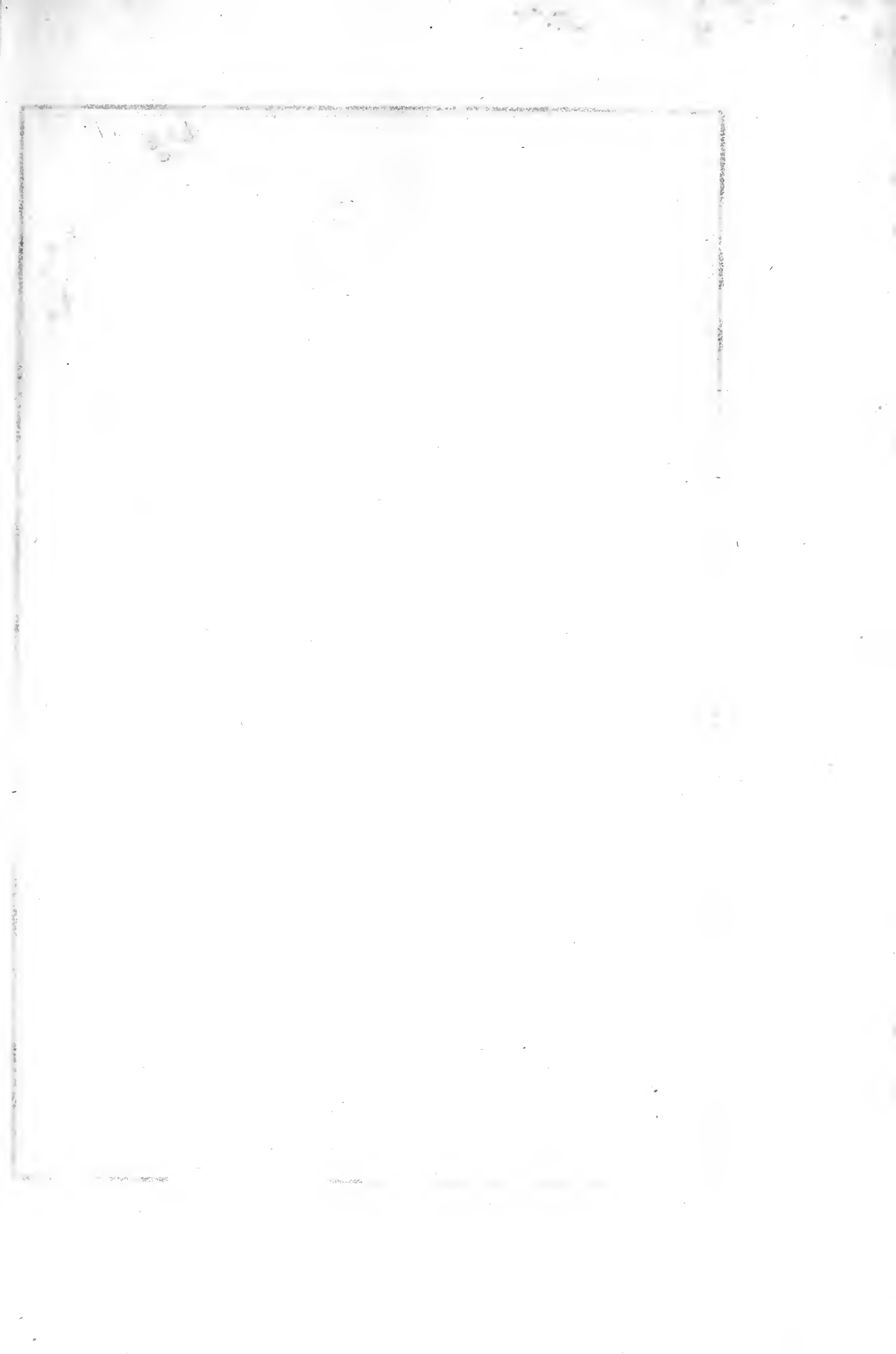
Lição do quadrado regular para a esquerda.

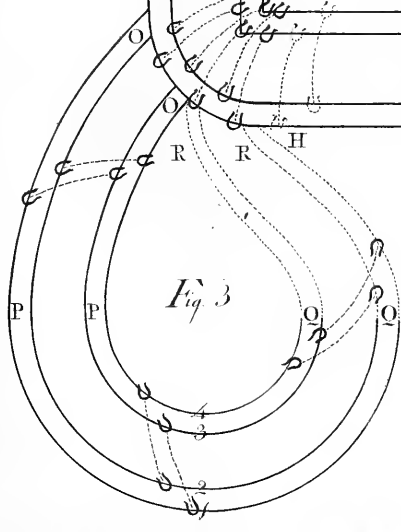
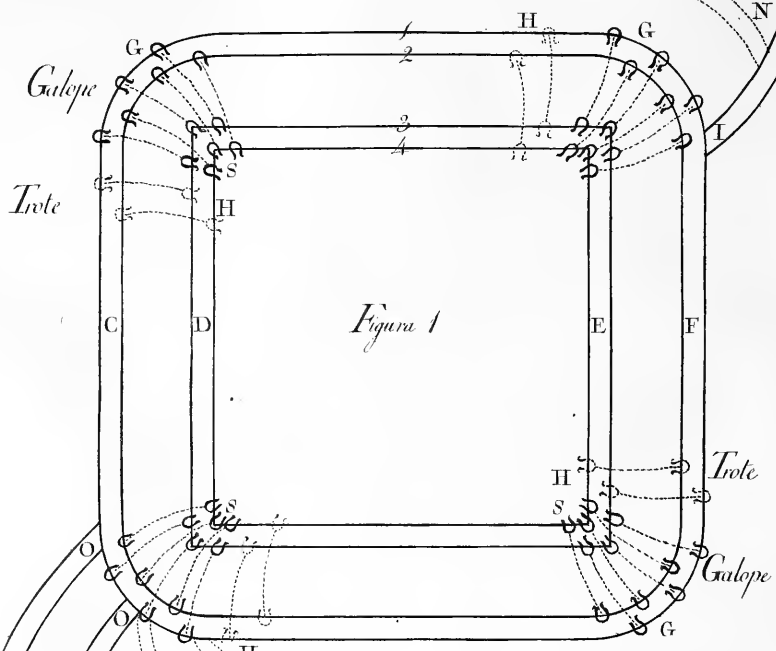
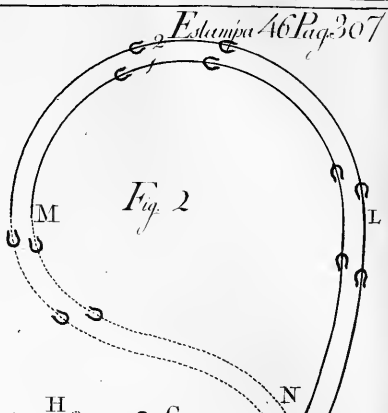
NAs pifas de pontinhos Letra H se vê como elle deve marcar o quadrado, marchando de passo, e trote para a esquerda; e nas pifas em preto Letra G, Est. XLVI., como deve marcar o mesmo quadrado, galopando para a esquerda. Em quanto se ensina a trabalhar fobre a Fig. 1. de passo, e trote, a pifa da mão direita marca a linha N. 1., a da esquerda a N. 2., a do pé direito a N. 3., e a do esquerdo a N. 4., como se mostra nas pifas de pontinhos Letra H; mas logo que passa ao galope fobre a esquerda pela união do balanço da galopada, com a pifa da mão esquerda marca a linha N. 1., Letra G, com a da direita a N. 2., com a do pé esquerdo a N. 3., e com a do direito a N. 4., Letra S, como se mostra nas pifas em preto.

Passagens de mão fobre a Fig. 2., e Fig. 3. da Est. XLVI.

MArchando com facilidade nesta lição para a esquerda bem encruzado entre as sensações da correa, e da redea esquerda, como tambem da perna direita, podem obrigar-lhe a que passe de mão da esquerda para a direita, fazendo-o partir pelas linhas da Letra I para a Fig. 2., seguindo com as pifas das ancas as das espaduas, marcando o pé esquerdo, e a mão esquerda a linha N. 1., e a mão direita, e pé direito a N. 2., indo pelas linhas de pontinhos M, N fazello chegar á linha N. 1. entre E, e F da Fig. 1., fazendo-o unir bem com as redeas esquerdas, e a perna direita fobre a meia anca esquerda, até as espaduas chegarem á linha N. 1., em que para o fazer desf dobrar da acção, devem affroxar-lhe as redeas esquerdas, fortalecer-lhe as direitas, e assim abrandar tambem a força da perna direita, fazer-lhe sentir com mais actividade a da perna esquerda para o dobrar para a direita em huma acção femelhante áquella, em que andava antes de passar de mão.

Tendo o Cavallo bastante sujeição ás sensações das mãos, e pernas do Cavalleiro, pôde este ensinalllo tambem a fazer as passagens de mão fobre a Fig. 3., obrigando-o a marchar pelas linhas da Letra O para P, bem encruzado entre as forças das redeas esquerdas, e da perna direita, animando-o pelo meio circulo com mais viveza, isto he, fazendo-lhe sentir as sensações do corpo, mãos, e pernas com tanta actividade, que não só o ensine a formar as passagens de quatro pifas, mas que pelo semicirculo da Letra P até á Letra Q faça algumas passadas, mo-
di-





dificando-lhe a velocidade, de forte que pelas linhas de pontinhos vá completar a passagem sobre R, para entrar para as linhas N. 1., e N. 2. da Fig. 1., a fim de o desfibrar da esquerda para a direita entre a Letra C, e D, fazendo-o dobrar para esta parte pelo mesmo modo que se obriga a mudar de acção da direita para a esquerda.

E S T A M P A XLVI.

Quadrado regular, marcando o Cavallo com as piftas das espaduas as linhas exteriores, e com as da garupa as interiores mais proximas ao centro, &c.

Lição da volta ao revés sobre o quadrado regular.

Tambem he grandemente util para o facilitar, ensinallo a trabalhar sobre hum terreno quadrado, marcando as piftas das mãos as linhas menores N. 1., e N. 2., e as piftas dos pés as linhas maiores N. 3., e N. 4. Entende-se que o Cavallo vai sobre a volta ao revés no quadrado regular, logo que vence o terreno, indo para cima das linhas, que vai marcar com as piftas das mãos, e pés da parte concava, formando com as das espaduas quatro angulos rectos Letra D, Fig. 1., Est. XLVII., e com as dos pés por fóra destes angulos oito porções de circulos, como se vê na Letra F.

Nesta lição deve o Cavalleiro conservar a mão direita de unhas affina (em quanto o trabalha para a direita) com o dedo minimo inclinado para a espadua esquerda; e quanto mais levar a mão da cernelha para a esquerda, tanto mais o Cavallo se dobrará para a direita: a mão esquerda deve trabalhar de unhas abaixo alguma cousa mais adiantada que a direita, a espadua direita deve atrazar-se, á proporção do que se adianta a esquerda: a perna esquerda deve ajudar mais atrás da terceira cilha; e a direita conservar-se brandamente firme sobre o estribo junto á primeira cilha, e o fovaco para o fazer andar para diante, e ajudar a segurar-lhe as espaduas para o centro, principalmente nos angulos D, e F.

A lição da volta ao revés sobre os quadrados he menos violenta, que sobre os circulos, em quanto o Cavallo marcha pelos quatro lados; mas quando volta nos angulos, necessariamente o animal ha de determinar os movimentos da garupa F, com mais velocidade, porque as espaduas ficão muito unidas nos vertices dos angulos D; e assim ellas, como a garupa, ficão mais em liberdade, logo que passão delles para as linhas do quadrado A, B, G, H.

Deve o Cavalleiro ensinallo a que ande em movimento igual, e ainda nos vertices dos angulos o deve fazer andar unido por effeito das sensações das redeas ambas, e de ambas as pernas: se elle se encoftar com excessão sobre a espadua esquerda (em quanto marcha dobrado para a direita) devem endireitallo, levando a mão esquerda de unhas affina da cernelha para a direita, a fim de que una a espadua de fóra á de dentro; mas logo que obedecer, devem as mãos tornar-se a

pôr no seu lugar, para que não perca a dobra do pescoço, de forte que totalmente se defmanche da sua figura, e acção.

O corpo do Cavalleiro deve sempre equilibrar-se mais sobre o estribo direito; porque quanto mais o Cavallo se dobra, mais a parte convexa (que he a esquerda) soffre o pezo; por isso o do corpo do Cavalleiro se deve apoiar bem sobre a parte concava.

Marchando de passo, e trote, levantão-se mais da terra a mão esquerda, e o pé direito, porque tem mais movimento circular; e a mão direita, e pé esquerdo levantão-se menos, porque a obliquidade da sua direcção não lhe permite dobrar tanto as juntas. Não obstante ficar o Cavallo nesta lição mais sobre a meia garupa esquerda (em quanto anda dobrado para a direita) do que fica sobre a meia garupa direita, em quanto anda dobrado para esta parte, por isso a mão direita, e o pé esquerdo he que entrão mais para baixo do ponto de gravidade.

Modo, por que o Cavallo marca o terreno, marchando sobre a direita.

DE passo, e trote na lição da volta ao revés sobre o quadrado regular para a direita com as espaduas ao centro; a pista da mão esquerda marca a linha N. 1., Letra D, a direita a N. 2., a do pé esquerdo a N. 3., e a do direito a N. 4., Letra F, como se mostra nas pistas em preto da Fig. 1., Est. XLVII.; e como as espaduas no vertice do angulo se unem muito, a mão esquerda move-se em huma oitava porção do terreno, em que se move o pé direito; e por consequencia a mão direita em huma decima parte do terreno, em que se move o pé esquerdo.

Quando galopa nesta lição, a pista da mão direita marca a linha N. 1., Letra C, a da esquerda a N. 2., a do pé direito a N. 3., e a do esquerdo a N. 4., Letra E, como se mostra nas pistas de pontinhos Fig. 1., &c. O Cavalleiro deve ter muito cuidado em que o Cavallo determine a direcção com igualdade, ou o enfine a andar de passo, de trote, ou de galope, ajudando-o promptamente em quanto elle o precisar, disfarçando-lhe porém aquelles erros, ou defezas, que tiverem origem na ignorancia, na construcção, na molestia, e na fraqueza.

Com semelhantes oppostas sensações devem trabalhallos tambem sobre o quadrado regular na lição da volta ao revés, ensinando-os a dobrar-se para a mão esquerda, como se mostra nas pistas da Fig. 2. da mesma Est. XLVII.

Marchando de passo, e trote para a esquerda sobre a Fig. 2., a pista da mão direita marca a linha N. 1., Letra R, a da esquerda a N. 2., a do pé direito a N. 3., e a do esquerdo a N. 4., como se mostra nas pistas de pontinhos Letra R, S.

Galopando sobre a esquerda, a pista da mão esquerda marca a Linha N. 1., Letra Q, a da direita a N. 2., a do pé esquerdo a N. 3., e a do direito a N. 4., Letra O, como se mostra nas pistas em preto da mesma Fig. 2. O Cavallo vai em mais liberdade tambem para esta parte, em quanto marcha sobre as linhas dos lados O, P, V, e X, do que em quanto passa pelos angulos O, e Q.

Passagens de mão, cortando o terreno.

PAra se ensinar o Cavallo a passar de mão da direita para a esquerda, deve o Cavalleiro, quando o sentir mais direito sobre as linhas do quadrado, fazello entrar para diante sobre linhas perpendiculares ao lado do quadrado, e fóra do terreno em que andava, ensinallo a formar hum femicirculo para o ir fazer passar de mão sobre as linhas dos lados do quadrado em que andava, encruzando-o bem entre as forças das redeas direitas, e da perna esquerda, a fim de que na passagem se levante das espaduas, para ser mais prompto quando se desdobra da direita para a esquerda. Os angulos da Fig. 9., Letra M, N, O, e os da Fig. 12. Est. IV. tambem podem formar-se sobre a periferia de qualquer Figura, &c.

As passagens de mão, dividindo o quadrado, como se vê na Fig. 16. da mesma Est. IV., formando fóra do quadrado hum angulo curvilineo Fig. 7. da mesma Estampa, indo-o passar de mão sobre as linhas do quadrado, e ficar marcando o terreno, como se mostra na Fig. 1. da Est. XLVII., são muito vistosas, e maiormente são agradaveis, se pelo femicirculo do angulo se obriga o Cavallo a que forme algumas passadas, fazendo-o determinar com mais velocidade no principio do femicirculo, indo-lha depois modificando de forte que chegue ao vertice do angulo em hum movimento moderado, porque isto concorre para o apromptar com mais facilidade.

Trabalhando-o para a esquerda, se obriga a passar de mão por effeito das fenções das redeas esquerdas, e da perna direita, marcando as Figuras das passagens da esquerda para a direita pelo mesmo modo que tenho dito as deve marcar, e formar da direita para a esquerda.

Movimentos, pelos quaes o Cavallo pôde conbecer que o Cavalleiro o pertende desdobra da direita para a esquerda.

PAra o obrigar a que se desdobre da direita para a esquerda, deve o Cavalleiro affixar-lhe as redeas direitas, segurar-lhe as esquerdas, tendo a mão esquerda de unhas affima, e o dedo minimo voltado para a espadua direita, a mão direita de unhas abaixo; e ao mesmo tempo a perna esquerda deve brandamente avançar-se, e a direita unir-se-lhe ao ventre logo atrás das cilhas, sendo a actividade de humas, e de outras sensações proporcionada á sensibilidade do animal, para o obrigar no tempo da passagem a ir buscar com o pé direito, e a mão esquerda o ponto de gravidade, e logo equilibrar sobre elle, e sobre a mão o pezo do corpo. Digo que a perna sobre o estribo esquerdo deve unir-se firme entre a primeira cilha, e a espadua, para o conduzir assim depois da passagem para a esquerda com a perfeição com que se conduzia, e marcava o terreno para a direita antes da passagem.

E S T A M P A XLVII.

Em que se vê como o Cavallo deve marcar o quadrado da volta ao revés regular para huma, e outra mão.

OS Cavallos destinados para esta lição devem ser muito promptos, bem formados, fortes, e sensíveis; e como os que tem estas qualidades, ordinariamente são colericos, devem ser ensinados com humas sensações o mais que puder ser moderadas, para não lhes exaltar a paixão, de sorte que se defendão, e desobedição com excessão, principalmente nas passagens de mão.

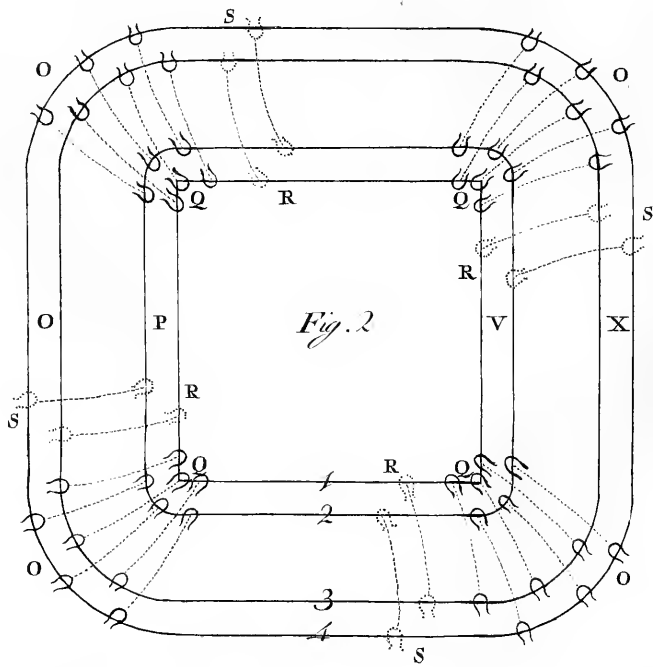
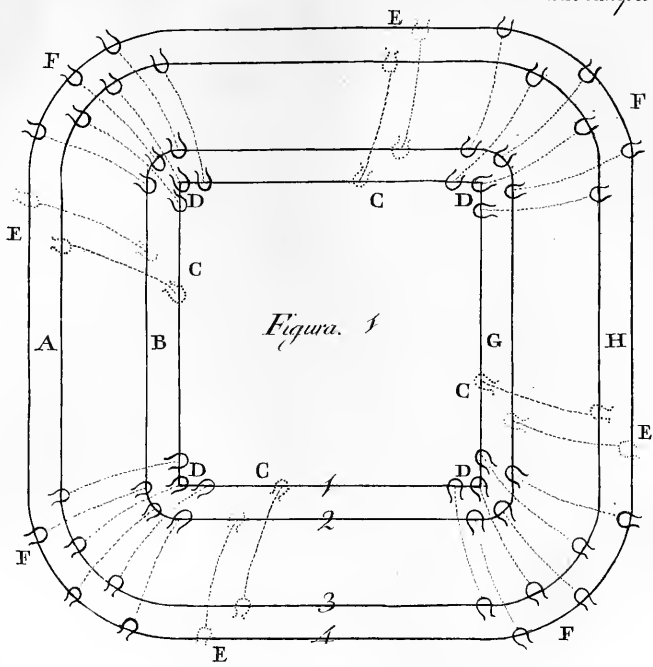
Quando as pístas das mãos vão marcando as linhas do centro Fig. 1., Est. XLVII., N. 1., e N. 2., a garupa anda mais do que as espadas; e por muito que o Cavallo se alargue das ancas, não póde com as pístas dos pés seguir (principalmente nos angulos F) os radios das pístas das espadas D, senão estreitando-se dellas para o centro á proporção do que se alarga das ancas para a circumferencia: o mesmo succede, trabalhando-o sobre a Fig. 2.

Sabida a formalidade de ensinar o Cavallo a passar de mão, marcando as pístas das espadas as linhas da maior circumferencia, devo tambem dizer como se podem formar as passagens de mão, descrevendo a garupa a circumferencia dos circulos, e semicirculos maiores.

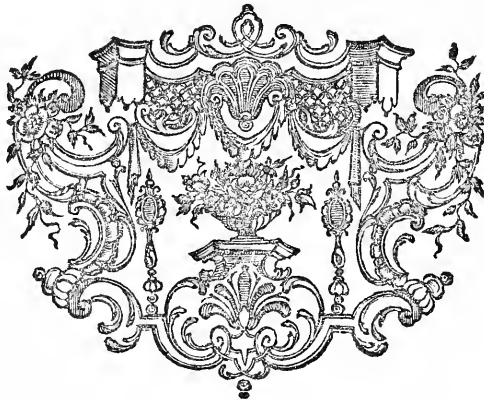
Marchando sobre linhas obliquas para fóra do quadrado, deve o Cavalleiro ensinar o Cavallo a marchar direito pelos lados do angulo, e pelo semicirculo, segurar-lhe com as redeas direitas, e com a perna direita as espadas para o centro, obrigando-o ao mesmo tempo com a perna esquerda a transitar com as ancas por toda a maior circumferencia do angulo, e semicirculo, até pelos seus lados chegar com a garupa ao lugar da passagem: então do vertice sobre as linhas do quadrado em que trabalhava, se ensina a mudar de acção da direita para a esquerda pelo mesmo modo, por que se faz desdobrar na passagem de outra qualquer lição. Não obstante tudo isto, póde o Cavalleiro fazello passar de mão desta para aquella lição, que lhe parecer mais conveniente, e util, pois que o meu intento he unicamente mostrar o modo, por que se fazem as passagens de mão na lição da volta ao revés, tanto descrevendo as espadas a maior circumferencia do arco do angulo, sobre que se fórma a passagem, como obrigando-o a descrever com as pístas da garupa os arcos, ou semicirculos da maior circumferencia.

Quando as pístas das espadas marcão os semicirculos maiores, o pezo do corpo do Cavallo, e do Cavalleiro recahe mais sobre a garupa, do que sobre as espadas; e quando descreve a maior circumferencia do semicirculo com a garupa, recahe a maior parte do pezo do corpo do Cavalleiro, e do Cavallo mais sobre as espadas do que sobre a garupa.

Trabalhando na lição da volta ao revés sobre os circulos, sempre o Cavallo marca o terreno, como se vê na Fig. 1. da Est. XXXVI., e na Fig. 1. da Est. XXXVIII.; pois ainda que pelas diversas figuras planas, de que faço menção na



lição da volta ao revés sobre os circulos , e da mesma sobre o quadrado regular haja as differenças que tenho mostrado , com tudo os movimentos dos Cavallos não perdem a sua ordem , por ser a figura , em que os trabalhão , plana , circular , ou quadrada : bem entendido que ao passo , e trote marcão o terreno com as pistas das mãos , e pés , como se mostra na Fig. 1. da Est. XXXVI. , marchando dobrados sobre a direita. Igualmente andando para a esquerda , da mesma forte dobrados ao passo , e trote , marcão o terreno , como na Fig. 1. da Est. XXXVIII. ; por consequencia , galopando na acção da volta ao revés dobrados para a direita , marcão o terreno , como se mostra nas pistas de pontinhos da Fig. 1. , Est. XLVII. : logo , galopando para a esquerda , marcão o terreno com as pistas das mãos , e pés , como se mostra nas pistas em preto Fig. 2. da referida Est. XLVII.



L I V R O VII.

A R G U M E N T O.

Mostra-se como se deve ensinar o Cavallo a galopar com o freio só : o modo de lhe ensinar a fazer toda a sorte de passagens de mão : prestimos das falsas redeas : effeitos , que fazem os differentes movimentos da mão da redea em todo o corpo do Cavallo : lição do Terra á terra , trabalhando-o com o freio só : lição da volta ao revés tambem com o freio sómente : e lição do meio ar só com o freio.



PERFEIÇÃO das Sciencias , e das Artes sempre necessita da protecção dos Principes ; e só quando elles se dignão promovellas , he que ellas florecem á medida dos desejos com que os mesmos Soberanos as protegem , seja para a utilidade dos seus vassallos , ou para fazer memoravel para os vindouros o lustre da sua época.

Ditoso Portugal, tu o experimentas com o feliz Reinado do Grande, do incomparavel Pai da Patria , Agricultor das Sciencias , e das Artes o Senhor Rei D. José I. Tu viste melhorar muito entre as mais a Liberal, e Nobre Arte da Cavallaria ; e todos conhecemos ainda as vantagens , que ella tem produzido ; pois com a justa protecção deste Augusto Soberano a observamos revestida de huma belleza toda nova , que transporta os animos daquelles mesmos , que se atrevião a escurecella , entendendo que o exercicio da Picaria arruina os Cavallos , e os faz incapazes do uso ordinario , no que se enganavão.

Nós vemos esta Arte em tão pomposo gráo de perfeição , como esteve no tempo de D. João I. , e de D. Duarte , e nos dos seus progenitores , em que ella fez esta victoriosa Monarquia émula daquellas felicidades , que por seu respeito lograrão Persas , Gregos , e Romanos ; e tanta differença lhe consideramos , que todos os estrangeiros admirão a perfeição com que Sua Magestade , SS. AA. , e outros habeis Cavalleiros hoje a maneirão , ou põem em prática nesta Corte.

No Senhor Rei D. José I. deo a Providencia a Portugal hum Principe dotado de tão sublime entendimento , e de huma tão viva penetração de discurso , que parece tinhão os altos desígnios destinado este Principe para nossa felicidade , e augmento das Sciencias , e das Artes. Elle se applicou ao estudo desta : e foi o mes-

mo conhecer as suas utilidades, e os seus prestimos que amar, proteger, e honrar aos que a ella se applicavão; e quando foi que em Portugal se vio (á excepção do Reinado do Senhor D. João II., e D. Duarte) a propria mão, que regiamente sustentava o Sceptro, fazer tanta honra á Arte da Cavallaria, empregando-se com tal desvelo no exercicio della, e no profundo exame dos seus maravilhosos prestimos, &c.

Trabalhava Sua Magestade na Picaria, como insigne Cavalleiro, com preferencia a muitos, e geral aclamação de todos. Elle era dotado de huma gentil, e magestosa presença, de talentos penetrantes, e de bella proporção em todo o corpo. Deo-se ao estudo desta Arte com gosto excessivo, montando a cavallo todos os dias, já para trabalhar no Picadeiro, já para ir á caça, applicações, que sem contradicção o constituirão grande Cavalleiro: por esta razão me proponho mostrar a maneira, com que elle ensinava os Cavallos na lição do galope, e outras, obrigando-os sómente com o freio.

Faço esta memoria do meu Augusto Monarca doze annos depois do seu falecimento, para servir de exemplar aos que desejarem obter o dom de Cavalleiros: tempo em que só me fervem de estímulo para seu louvor as suas heroicas virtudes, e merecimentos. Ah, e se os meus desvelos fossem capazes de tão alta empreza! Mas tendo elle nas suas virtudes, e no seu nome todos os elogios só dignos da sua alta, e de nós sempre faudosa Magestade, eu me contentarei com a facil lembrança que faço, referindo o quanto elle era insigne no exercicio de montar a cavallo, expondo os seus preceitos aos que procurão alcançar os conhecimentos desta util Arte, como o melhor original do mais perfeito Cavalleiro.

Lição do galope, fazendo marchar o Cavallo sobre a direita, ensinando-o com o freio só.

Quando Sua Magestade fazia galopar qualquer Cavallo, dobrando-o só com o freio para a direita, fosse elle sobre as linhas do parallelogrammo, ou da muralha, linhas do quadrado, ou sobre os circulos, com ambas as pernas o ensinava a entrar para diante, ou para a mão: firmava o corpo bem no meio da sella, e com hum perfeito equilibrio se animava, e sustentava a mão esquerda voltada de unhas assima, atrazava a espadua direita, olhava para a parte para onde o Cavallo hia, e á proporção do que elle se dobrava, avançava a espadua esquerda, fazendo-o por meio destas diligencias determinar bem para diante, obrigando-o a que levassê as espadas bem perfiladas pelas linhas da garupa, isto he, obrigando-o a conduzir-se de maneira direito no terreno, que as ancas sempre seguissem as linhas por onde se conduzião as espadas; e quer marchassê sobre linhas rectas, sobre obliquas, ou sobre curvas, sempre o encruzava bem entre as forças da rede: direita, ou de dentro, e da perna esquerda, ou de fóra, de forte que o formava na acção, que se mostra na seguinte Estampa.

E S T A M P A XLVIII.

Sua Magestade ensinando hum Cavallo a galopar para a direita com o freio sô, dobrando-o sobre linbas parallelas á largura do Picadeiro.

Podem os Cavallos galopando ter mais, ou menos velocidade no movimento; mas os tempos com que se movem, sempre são semelhantes em cada qualidade de movimentos, ou elles marchem mais, ou menos dobrados; e tanto sobre a direita, como sobre a esquerda. Principiando pois a galopar, determinando a direcção para diante, e para a direita, Sua Magestade, consentindo com todo o seu corpo no balanço da galopada (sem que de fóra se pudesse perceber) o hia encruzando entre as forças da redea direita, e da perna esquerda, tendo a mão da redea alguma coufa para fóra da cernelha da parte esquerda; e logo que a redea direita fazia a senhação da embocadura, e da barbela mais activa da parte esquerda, o Cavallo era obrigado a voltar, e por consequencia dar a cara para a direita com mais graça, e após isso repetidas vezes lhe trazia a mão esquerda de unhas affima para dentro, a fim de o conservar direito no terreno.

Deita forte lhe formava o balanço do galope sempre igual, e firme entre as senhações da redea direita, e da perna esquerda; e se o Cavallo se desigualava do movimento das espaldas, lançando-se sobre a de fóra, então Sua Magestade, logo que trazia a mão da redea de unhas affima para dentro da volta, affroxando as senhações da perna esquerda, e fortalecendo as da perna direita, o fazia igualar dos movimentos das espaldas, para a garupa as seguir com facilidade (se o Cavallo marchava pelo direito sobre linhas parallelas), e se marchava sobre linhas obliquas, ou curvas, obrigava-o á proporção, sem perder o tempo do movimento, nem a igualdade das distancias do terreno.

Se entrava, ou carregava muito na mão com o pulso muito ligeiro, e flexivel, lhe formava muitas meias paradas, tendo o corpo atrás, e firme algumas vezes, e outras tirando huma redea depois de outra, ou tambem sustentando a mão da redea para si firme, e com força proporcionada á possibilidade, e desordem do Cavallo, para o ensinar com estas diligencias a conservar hum movimento, e acção perfeita, repetindo-lhe deste modo as lições até o aperfeiçoar no seu galope.

Quando o Cavallo se quer fortalecer na defeza de não sahir para diante, ou entrar na mão, deve o Cavalleiro firmar-se bem sobre o ponto de equilibrio; e sem pender para trás, abrandar-lhe a mão, obrigando-o com ambas as pernas a ir para diante, endireitando-o deste modo entre ellas, e as redeas ambas, o mais que póde, até o render facil, e prompto a obedecer a ambas as redeas, e ás pernas ambas.



Passagens de mão, galopando da direita para a esquerda.

A Nimava Sua Magestade qualquer Cavallo sempre bem igual no movimento do seu galope; e quando o principiava a ensinar a passar de mão, encruzava-o cada vez mais entre as forças da redea direita, e da perna esquerda, obrigando-o a marchar humas vezes sobre linhas rectas, e outras sobre curvas, fazendo-o ir sempre bem para diante; e sahindo pelo angulo que lhe era mais conveniente, o ensinava a passar pela maneira seguinte.

Quando queria fazello passar de mão da direita para a esquerda, fazia-o partir para fóra do terreno, em que o trabalhava, dous, ou tres comprimentos do corpo do mesmo Cavallo, ou mais, se era preciso, e com ambas as redeas, e as pernas ambas o ensinava a formar o arco do angulo para ir completar a passagem no lugar que lhe parecia mais proprio, para o fazer desdobrar da direita para a esquerda: então no tempo em que com ambas as redeas, e as pernas ambas o fazia chegar ao vertice do angulo, avançava o quadril, e espadua direita, atrazava a espadua, e quadril esquerdo, seguindo com as mãos, e pernas promptamente estes movimentos, e no ponto da passagem segurava-lhe mais a mão esquerda de unhas affima, a direita de unhas abaixo: unia-lhe a perna direita logo atrás das cilhas, e a esquerda entre a primeira cilha, e o codilho; e prevenido assim, instantaneamente o fazia mudar de acção da direita para a esquerda, fortalecendo, e modificando a actividade das sensações do corpo, mãos, e pernas á proporção da obediencia com que o Cavallo lhe correspondia até o formar na mesma bella acção para a esquerda, em que antes da passagem andava para a direita.

Modo de formar as passadas, ensinando o Cavallo com o freio só.

HAvendo ElRei ensinado hum Cavallo a passar de mão (quando o achava mais facil) tambem o obrigava a formar as passadas pelo arco do angulo: então animava cada vez mais a sua figura, encruzando-o bem entre as sensações da redea direita, e da perna esquerda, fazendo-lhe sentir alguns toques da perna de fóra mais activos, e instantaneamente até formar tres, ou quatro passadas, moderando-lhe logo a força das sensações do corpo, mãos, e pernas até chegar ao vertice do angulo em hum movimento mais modificado, para o fazer desdobrar da direita para a esquerda, sem elle se apaixonar. Ora no tempo da passagem affroxava-lhe as sensações da perna esquerda, e da redea direita, avançava a espadua direita, atrazava a esquerda, fortalecia-lhe as sensações da perna direita, e o Cavallo apôs isso seguia o balanço, e movimentos da galopada para a esquerda na mesma acção, em que antes da passagem se presentava para a direita.

Fórma o Cavallo a galopada com dous balanços, hum das espaduas, e outro da garupa, compostos de quatro movimentos principaes; e a compressão dos musculos de todo o corpo concorre para os referidos movimentos, assim no balanço das espaduas, como no da garupa. O primeiro movimento no balanço das es-

paduas (em quanto anda para a direita) faz avançar a mão direita : o segundo a mão esquerda: no balanço da garupa o terceiro movimento faz avançar o pé direito, e o quarto o pé esquerdo. No balanço das ancas marca primeiro a terra a pista do pé esquerdo N. 4., depois a do pé direito marca a pista N. 3.: logo no balanço das espaduas marca primeiro a terra a pista da mão esquerda N. 2., e depois a pista da mão direita N. 1. marca a ultima posição.

Tendo ElRei feito passar o Cavallo de mão sem accleração de movimento, com ambas as pernas, e as redeas ambas o ensinava a ir para diante, dobrando-o cada vez mais com as forças da perna direita, e da redea esquerda, virando a mão esquerda repetidas vezes de unhas assima, inclinando-a da cernelha para a direita com o dedo minimo voltado para a espadua de fóra, em quanto assim caminhava, sem que isto lhe servisse de embaraço a consentir com toda a sua bella figura na dobra, e no balanço, que o Cavallo observava em todo o corpo, galopando para esta mão. Isto supposto, passo a mostrar a boa ordem com que o Serenissimo Principe D. João ensina os Cavallos, em que anda, dobrando-os para a esquerda.

Lição do galope, fazendo marchar o Cavallo dobrado para a esquerda sómente com o freio.

O Briga S. A. qualquer Cavallo a que principie a galopar alguma cousa dobrado para a esquerda, ensinando-o a entrar para diante com ambas as pernas; e logo com as redeas ambas o encaminha, já momentaneamente, já successivamente, segundo permite a sua sensibilidade: rende-lhe repetidas vezes a mão da redea com o pulso firme, e a mão flexivel, levando-a da cernelha ora para huma, ora para outra parte, endireitando-o por este modo dos movimentos das espaduas, e das ancas. Tambem com todo o seu corpo consente no movimento que o Cavallo faz para galopar; e apòs isso o vai encruzando cada vez mais entre as sensações da redea esquerda, e da perna direita, conservando a mão da redea de unhas assima, com o dedo minimo voltado para a espadua direita, e cada vez a segura mais tempo inclinada para a direita, a fim de que as sensações da embocadura, e barbella sejam mais activas da parte direita, para obrigarem o Cavallo a voltar, e dar a cara para a esquerda, como se mostra na seguinte

E S T A M P A XLIX.

O Serenissimo Principe D. João ensinando hum Cavallo a galopar, dobrando-o para a esquerda com o freio só.

Conserva S. A. o Cavallo sempre igual no movimento, e prompto a obedecer ás sensações da redea esquerda, e da perna direita; e logo que elle se lança sobre a espadua de fóra, o emenda, levando-lhe a mão da redea de unhas abaixo da cernelha para a esquerda, ou para dentro da volta, affroxa as sensações da perna



na direita ; e se he preciso , fortalece as da perna esquerda para o ensinar a inditear-se dos movimentos das espaldas , e collocar bem toda a sua acção sobre a garupa. Quando o ensina a marchar sobre linhas rectas , obriga-o a dobrar-se pouco do pescoço , fazendo-lhe menos activas as sensações da redea de dentro , e da perna de fóra ; e quando o faz marchar sobre linhas curvas , obriga-o a dobrar-se mais , fortalecendo-lhe as sensações das redeas de dentro , e da perna de fóra.

Se o Cavallo péza na mão , isto he , se descansa sobre a embocadura do freio , repetidas vezes lhe fórma meias paradas , e paradas mais , e menos firmes , segundo o Cavallo as precisa ; e neste caso tem o pulso muito ligeiro , e facil , tem o corpo atrás , segura a mão esquerda para si com força , e actividade proporcionada á sensibilidade que lhe acha na boca , e no espinhaço , repetindo-lhe todas estas diligencias as vezes que o precisa , até o ensinar a obedecer , galopando para a esquerda com facilidade , e perfeição.

Se se detem , e não entra para a mão , seja por buscar a defeza de ficar para trás , ou tambem por ser coceguento , e raivoso ao freio , á perna , e á espora , S. A. áquelles , que temem as sensações da embocadura do freio , rende subtilmente a mão , regulando-lhe o seu tacto pela sensibilidade da boca do animal até conseguir delle huma obediencia prompta , e facil.

Se busca a defeza de ficar para trás , por ser coceguento á perna , e espora , firma-lhe então mais o corpo atrás em huma acção forte , e viva , usa menos das sensações das pernas , e esporas , fazendo-lhas sómente sentir , quando elle vai mais facil (mas instantaneamente) , e para o ensinar a que se determine por meio das sensações do corpo , dos joelhos , da falla , e da vara. Tambem he necessario fazer-lhe sentir estas sensações sem tenacidade , usando ora de humas , ora de outras até o aperfeiçoar no movimento do galope , que lhe he mais proprio.

Fórma , com que S. A. ensina qualquer Cavallo a passar de mão , galopando da esquerda para a direita.

Quando S. A. pertende fazer passar o Cavallo de mão da esquerda para a direita sobre o tempo , encruza-o cada vez mais entre as sensações da redea de dentro , e da perna de fóra ; e sem desconcertar a sua bella figura , o obriga a marchar pelas linhas que lhe ficão mais convenientes , e pelo arco , e lados de hum angulo maior , ou menor o faz passar de mão , desdobrando-o com muita facilidade , e desembaraço da esquerda para a direita , já fazendo-o passar de duas , ou de quatro pistas , já formando-lhe as passagens transformadas , ou esperando o tempo de as executar.

Se o faz passar , esperando o tempo , quando elle vai com obediencia , ou ao menos com mais facilidade , obriga-o a formar hum angulo ; e com a redea esquerda , e a perna direita , chegando-o ao lugar da passagem , o faz unir cada vez mais sobre a meia anca esquerda , e então bem no vertice do angulo lhe affroxa a redea esquerda , e a perna direita , fortalecendo-lhe as sensações da redea direita , e da perna esquerda , até o Cavallo se desdobrar da esquerda para a direita. No tem-

po, em que S. A. lhe affroxa a redea esquerda, avança a espadua esquerda, atraza a direita, e finalmente o ensina a formar-se na acção do galope sobre a mão direita com igual perfeição áquella, com que tenho dito o faz galopar sobre a mão esquerda, porque tem a propriedade, e dom de conhecimento de os formar no movimento do galope, que lhe he mais proprio, e affim da mesma forte para os ensinar nas mais lições.

Não se deve entender que o Cavallo passou bem de mão, sómente por se desdobrar da esquerda para a direita, ou da direita para a esquerda, mas sim pelo movimento que faz com todas as partes do corpo, quando o fazem desdobrar de huma para outra mão. Havendo-o pois disposto na lição do galope (seja Potro, ou Cavallo ainda ignorante) querendo-o fazer passar de mão, deve o Cavalleiro dispôr-se, como tenho referido que vi praticar a Sua Magestade, e SS. AA. (Exemplo.) Se o Cavallo anda galopando sobre a direita, deve o Cavalleiro no principio da passagem animar toda a sua figura á proporção da actividade, e viveza com que o Cavallo se determina para o fazer entrar no apoio do freio com suavidade; e logo que usar bem da garupa no principio do semicirculo, recolhendo as pernas bem para baixo do ventre, então o Cavalleiro lhe deve ter o corpo atrás, e firme, unindo-lhe as pernas á barriga, logo atrás das cilhas, atrazando ao mesmo tempo a espadua direita, avançando a esquerda, situando bem toda a sua figura para contrapôr-lhe a força das redeas á força das sensações das pernas, a fim de que o Cavallo lhe obedeça, e se deixe encruzar o mais que puder ser entre a redea direita, e a perna esquerda pelo arco do angulo, e lados d'elle até chegar ao vertice, como tambem depois no terreno, em que trabalhar; pois que de outra forte não se pôde ensinar ao Cavallo, como ha de fazer as passagens de huma para outra mão.

Todas estas prevenções, e movimentos deve o Cavalleiro fazer-lhe sentir de forte, que por effeito da propriedade das sensações com que o ensinão, obedeça com igual facilidade. Se o fizerem passar de mão, cortando o terreno, como se mostra na Est. XV. pelas linhas N. 5., Letra E para L, N. 4., o Cavalleiro o deve endireitar successivamente entre ambas as redeas, e ambas as pernas, o mais que puder ser; e quando o Cavallo chegar com as espaduas ás linhas R no tempo do balanço da garupa, devem desdobrallo da acção, que até alli sustentava, da direita para a esquerda, cuja mudança principia pela redea esquerda, a qual lhe faz voltar a cara, e dobrar o pescoco, e espaduas para a esquerda, principalmente se a perna direita lhe segura logo as ancas para a esquerda. Ora para o Cavallo continuar o seu galope, dobrando-se em boa acção para esta parte, he preciso não só no tempo da passagem avançar o Cavalleiro a espadua direita, e atrazar a esquerda, mas conservar deste modo toda a acção, tendo a mão esquerda de unhas affina com o dedo minimo inclinado para a espadua direita, para que a redea esquerda lhe faça voltar a cara, e dobrar o pescoco, e espaduas do Cavallo para a esquerda: logo em tal caso a mão direita deve conservar-se alguma cousa mais alta, e avançada do que a esquerda, hum pouco de unhas abaixo, para apresentar á vista huma symmetria igual em toda a figura do Cavalleiro.

Se

Se marcha de duas pifas , marca o terreno , como fe mostra nas de G, e N, Eft. XV. ; e fe galopa com as efpaduas dentro , ou ao centro , marca o terreno , como fe vê nas pifas , e linhas de R, e Q. Todas as funções , e movimentos da paffagem fe fazem em quanto o balanço da garupa fe continúa para as efpaduas , a fim de que defcendo ellas no feu balanço , volte o Cavallo para dentro , avance , e alargue a mão , e efpadua efquerda para o centro da volta em que vai andar , unindo a ella a efpadua de fóra. Tambem quando o Cavalleiro fufenta a redea efquerda com mais apoio , trazendo a mão para dentro da volta , deve a perna direita ao mefmo tempo unir-fe ao ventre do Cavallo , para que no balanço com que as ancas fe guem as efpaduas , fe alargue , e fe avance a anca , e a perna de dentro para a volta , e para diante ; e a perna , e a anca de fóra fe atrazem , e fe unão á de dentro. E feja qual for o angulo em que fe formar a paffagem , fempres o Cavallo a deve fazer com facilidade , fendo encaminhado da mefma forte fobre as linhas parallelas ao comprimento , ou á largura do terreno do Picadeiro ; e o Cavalleiro fempres o deve defdobrar da direita para a efquerda com a mefma formalidade de fenfações.

Nas paffagens cortando o terreno , e fobre as parallelas á largura , ou ao comprimento do manejo , tanto que a redea efquerda obriga o Cavallo a voltar para eíta parte , o devem ajudar com a perna direita , logo depois de voltar ; mas nas paffagens fobre os angulos , principalmente rectos , fó o devem ajudar com a perna direita , depois da redea efquerda o fazer voltar para o centro , e avançar a efpadua efquerda , a fim de que no fe gundo tempo fe poffa unir a ella a direita para vencer o preciso terreno , e fe endireitar fobre as linhas da muralha , e depois he que a perna direita do Cavalleiro o deve ajudar a fazer alargar da garupa para avançar a perna efquerda , e unir a ella a direita. Eftas paffagens de mão são boas para ir difpondo , e facilitando os Cavallos tambem com o freio fó , porque lhe obrigão pouco as forças do efpinhaço , garupa , e curvilhões.

Modos de ensinar os Cavallos , que fogem de formar as paffagens de mão , ficando para trás.

HA Cavallos , que fe demorão , quando fentem que os querem difpôr para entrar á paffagem ; e huns fogem das fenfações do freio , e cabeção , outros o fazem por serem muito rudes ás fenfações das pernas : os que o fazem por medo do freio , e cabeção , são fenfíveis da boca , e do focinho ; e os que fe detem á perna , são rudes a ella , ou demaziadamente cocegentos. Tambem fogem por serem fracos , por serem mal formados das pernas , por terem pouco defembarço para alargar , e avançar a parte de dentro , e por lhes cuftar mais a dobrar-fe para humado que para outra mão. Se fogem das fenfações do freio por fenfíveis , devem ajudallos na paffagem , tendo a mão da redea branda , ligeira , e firme : fe fe demorão por serem pouco fenfíveis da boca , focinho , e ventre , deve o Cavalleiro na paffagem ter-lhes mais fortemente o corpo atrás , e a mão firme , contrapondo-lhes as fenfações das redeas ás das pernas com igual força para os fazer entrar para diante ,

te, e mudar de acção mais promptamente na passagem. Logo necessariamente aos que são pouco desembaraçados, he preciso fazellos mais faceis com o successivo costume de os fazer passar de mão nesta, e nas lições antecedentes, principalmente sobre a volta, para os render cada vez mais faceis.

Dos que fogem de formar as passagens, arremessando-se a ellas, entrando muito na mão, ou fugindo para diante; e dos que tomão sentido no lugar, e modo de os passar de mão.

Alguns Cavallos fogem muito para diante, por serem demaziadamente ardentes, e colericos; outros porque são muito coceguentos; e huns, e outros o fazem para se livrarem da sujeição a que os conduzem as sensações das mãos, e pernas do Cavalleiro: a estes devem fazer meias paradas, e paradas firmes nas extremidades das linhas da muralha, e lugar da passagem, maiormente se elles tem boa garupa, isto he, se tem bastante força nas ancas, e não querem usar bem dellas; em tal caso lhes he tambem util parallos nas passagens, e tirallos atrás para os ensinar a que se demorem, percão o seu máo costume, e dem tempo a que os obriguem a formar as passagens sobre huma, ou outra mão regularmente.

Se o Cavallo tomar sentido no lugar, em que o costumão passar de mão, e se for dispondo para a passagem, quando for chegando áquelle sitio, então devem conservallo na figura sem accleração de movimento, e formar-lhe alguns pequenos circulos para o arredondar da direcção das espaldas, e da garupa, a fim de o ir fazer passar de mão em outro lugar, quando for sem essa vontade, para seguir as sensações, que o ensinão a desdobrar-se na passagem de huma para outra parte, quando o Cavalleiro quer.

Logo que se desdobraão, esta casta de Cavallos, de hum para outro lado, devem ensinillos pouco a pouco a que sustentem a igualdade de movimentos, e de acção na dobra de toda a sua figura com aquella graça com que se movião, e situavão no terreno antes de passarem de mão; isto he, se elles antes de passar se dobrarem na figura correspondente á acção em que trabalhão, recommendo que os obriguem a pouco e pouco, porque elles se não determinem a puxar pela mão.

Contra-passagens de mão, e passagens transformadas, trabalhando com o freio só.

Contrapassar de mão para a esquerda he cortar o terreno mais, ou menos largo, Est. XV., pelas linhas F, L; e quando o Cavallo se for chegando á Letra O, ensinando-o a unir-se, e a indireitar-se entre as redeas ambas, e ambas as esporas, como se o quizessem passar de mão: então o devem encruzar mais entre a força da redea de dentro, e da perna de fóra, para o obrigar a que junto ás linhas da muralha faça hum pequeno femicirculo para cima dellas, e determine a direcção dobrado para a mesma volta, em que trabalhava antes de principiar a cortar o terreno, ou contrapassar de mão, seguindo sem dúvida as linhas N, e G, en-

cru-

cruzando-o cada vez mais entre as forças das redeas de dentro, e da perna de fóra: he esta lição boa para segurar a garupa ao Cavallo, alevantallo das espadas, e fazello obediente ás mãos, e pernas do Cavalleiro; do mesmo modo se faz contrapassar de mão para a direita pelas linhas P, L, M, e N, Est. LIX.

As passagens, a que chamão transformadas na lição do galope, podem fazer-se em qualquer parte do Manejo (mas eu faço menção dellas, executando-as sobre a meia volta curva, que tem por centro o angulo do quadrado, Est. LIX., Fig. 2., G, H, I); e tanto que se postar sobre as linhas da muralha dous tempos, ou tres das espadas, e outros tantos da garupa (se anda para a direita), podem carregar-lhe alguma coufa a mão da redea de unhas affina para fóra da cernelha da parte esquerda; e apòs isso fortalecer-lhe a senção da perna esquerda, que logo por effeito da redea direita, e da perna esquerda elle se dobrará, tendo as espadas para o centro dous, ou tres balanços da sua galopada, em que por consequencia as ancas se unem á muralha; mas para o fazer desdobrar da acção, devem obrigar a chegar com as espadas em outros dous, ou tres balanços da galopada ás linhas da muralha, para entrar com as ancas para o centro, e completar a passagem: então instantaneamente se lhe devem affoxar as senções da redea direita, e da perna esquerda, fortalecendo-lhe logo as da redea esquerda, e as da perna direita, para lhe transformar as espadas bem para o centro, e fazello passar com perfeição: estas passagens são muito vistosas, posto que alguma coufa mais violentas que as que se fazem sobre o tempo das espadas, e com tudo ellas não violentão muito as forças dos Cavallos nos rins, garupa, e curvilhões, por serem sempre feitas perto da terra.

Por meio das passagens transformadas se obriga o Cavallo a fazer-se muito agil para voltar sobre humas, e outras partes, e por consequencia obedecer a huma, e outra redea, situar-se bem no terreno, e galopar com facilidade, tanto sobre a volta, e quadrados, como sobre a volta ao revés com o freio só. Tambem para se determinar em toda a qualidade de passagens, deve chegar ao lugar em que o fazem desdobrar de huma para outra acção com a obediencia, e seguuro da cabeça, espadas, e garupa entre as forças com que o obrigão as mãos, e as pernas do Cavalleiro.

Não deve passar, determinando o seu movimento falso, ou desunido, sem observancia de tempo, ou de terreno, antes deve sempre chegar ao vertice do angulo, sobre que se fóra a passagem, em movimento igual, e manso; porque isto serve para o Cavalleiro se fazer obedecer bem do Cavallo, e passallo de mão, quando, e aonde quizer, sem elle ter difficuldade, ou dúvida; e pelo mesmo modo se ensina a fazer a passagem sobre a meia volta da Fig. 4., Est. LIX., D, E, F.

Passagens de mão, esperando o tempo, e o modo de as fazer também sobre a meia parada, e sobre a meia curveta.

HAvendo-se disposto o Cavallo, como tenho dito, e querendo-o fazer passar de mão (esperando o tempo em que se for approximando ao lugar da passagem), devem animallo com ambas as pernas, tendo-lhe a redea de dentro mais firme, e o corpo alguma cousa atrás, em huma acção forte, e viva, para que pela curvidade do meio circulo se levante ás passadas, rebatendo bem os movimentos da garupa, até que sobre o vertice do angulo se desdobre da direita para a esquerda; e para elle se apoiar mais sobre a meia garupa direita, com a redea direita, e a perna esquerda, se obriga vivamente a levantar-se das espaduas para mudar de acção para a esquerda sobre a Letra I, Fig. 2. Logo a redea esquerda, e a perna direita he que o fazem desdobrar de huma para outra mão; e estas passagens lhe obrigão mais que as precedentes as forças dos rins, garupa, e curvilhões: razão, por que he preciso serem elles bem vigorosos destas partes dos seus corpos para as executar com perfeição.

Para lhe ensinar a formar as passagens de mão sobre a meia curveta, deve o Cavalleiro com as mãos, pernas, e corpo obrigallo a esperar o tempo da passagem, quando chega ao lugar, em que o pertendem fazer mudar de acção, fazendo-o levantar em huma meia curveta; e quando for abaixando as espaduas (se o fazem passar da direita para a esquerda), então he que devem dar-lhe liberdade na redea direita, affroxar-lhe a perna esquerda, unindo-a á primeira cilha, fazendo-lhe sentir a direita mais forte logo atrás das cilhas, para se desdobrar da acção da meia curveta, fazendo a passagem de forte, que quando as pistas das mãos tocarem a terra, ha de ter mudado toda a sua acção da direita para a esquerda; mas não se deve pertender que os Cavallos fação esta casta de passagens, sem primeiro estarem bem adefrados na lição das curvetas entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro. Estas passagens de mão são muito vistosas, e proprias para os Cavallos bem formados, fortes, e sensiveis; e o corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro passam nesta pelas mesmas funções por que passam, quando o formão em outra qualquer passagem de mão, só com a differença de ser a passagem feita muito de vagar. Eu confesso que aos Cavallos, que não tem forças competentes para este trabalho, a agilidade do Cavalleiro, e o costume da lição podem de alguma forte substituir-lhe a falta que nellas tiver; mas se os expectadores forem scientes, podem com razão criminar aquelle Cavalleiro, que obriga os Cavallos a formarem estes trabalhos, que elles pela sua debilidade, e construcção não podem executar sem o risco de se arruinarem com o seu uso.

Os Cavallos mal formados, e fracos, sendo muito obrigados, commummente se arruinão, ou se defendem: por isso La Guerinieri diz no Cap. V. Art. 1. » A » maior parte dos que montão a cavallo não tem mais que huma idéa confusa » dos movimentos das mãos, e pernas destes animaes: sendo este conhecimento » aliàs essencial para o Cavalleiro fazer bom uso da lição. »

Ain-

Ainda que ha differentes fórmãs de fazer passar os Cavallos de mão , e mudar de humas para outras acções , he certo que todas as passagens devem fer feitas sobre quatro tempos ; porque elles quando pafsão de mão , necessariamente fe hão de mover sobre os seus pés , e mãos , feirão ellas formadas ao passo , ao trote , ou de galope ; e ainda que faça galopando dous balanços na sua galopada , he sem dúvida que tanto o balanço das espaduas , como o da garupa se compõe cada hum de dous movimentos principaes , ou o Cavallo distribua os movimentos com maior , ou menor velocidade : logo por consequencia com cada braço , e cada perna fórma cada hum dos quatro tempos nas passagens , como tenho ponderado.

Effeitos da mão da redea em commum , trabalhando ao Cavallo com o freio só : e os movimentos principaes , com que ella faz uteis as sensações da embocadura , e da barbella.

OS movimentos da mão da redea fervem para obrigar os Cavallos a que se submettão com igual regularidade a tudo quanto o Cavalleiro quer que elles fação. Pignateli , La Brow , Pluvinel , Newcastle , e outros dizem » O perfeito » Cavalleiro deve ter a mão da redea suave , ligeira , e firme ; » e eu passo a mostrar a razão , por que me parece custa a muitos Cavalleiros adquirir estas effenciaes qualidades.

Se o Principiante nas primeiras lições entrar a trabalhar com as redeas ordinarias do cabeção , terá a mão aspera , e mal posta por dous motivos : Primeiro , a maior força que elle faz para trabalhar , tanto as redeas do cabeção , como as correas de vencer , lhe engrossão a facilidade , e a ligeireza do pulso : o segundo he procedido do primeiro. A maior força , que o Principiante faz para operarem as redeas do cabeção , senão tem ainda ganhado equilibrio , ou affento da fella , elle vai fazendo na mão a segurança , que não tem obtido do seu pouco exercicio , ou tempo de lição , perde a ligeireza do pulso ; e sendo creado com taes principios , pela maior parte ha de ter a mão aspera , e o pulso pouco engraçado na sua flexibilidade , e movimento.

Se ao contrario o Principiante não for creado neste erro , e o fizerem ao principio trabalhar só com as redeas do freio , naturalmente ha de segurar-se menos na mão ; por isso recommendo tanto que não o fação trabalhar com as redeas do cabeção , nem ainda quando andar sobre os circulos , meias voltas , lição da garupa ao Pilão , ou nos reversos da cara contra a muralha , testa , e espaduas contra o Pilão , &c. sem que primeiro observem os Mestres se elle está capaz de vencer as difficuldades , que de ordinario lhe servem de obstaculo para situar-se em boa figura , trabalhando em qualquer destas lições.

Senão fizerem estas advertencias , jámais os Cavalleiros terão boa igualdade de equilibrio , e poderão adquirir aquellas perfeições , que não procedem sómente dos differentes movimentos da mão : e bem se deixa ver que se o Cavalleiro não tiver bom affento da fella , e por consequencia tiver a mão da redea aspera , e o pulso pouco flexivel , não conservará nem a sensibilidade na boca do Cavallo ,

nem a igualdade do feu movimento natural , consistindo nisto a sua maior perfeição.

Tem o Cavallo na construcção de todo o corpo quatro determinações essenciaes, e naturaes, que vem a fer: ir para diante, andar para trás, obliquar para a direita, e obliquar para a esquerda. A mão da redea tem á proporção quatro movimentos tambem principaes, que são, render a mão, ou adiantalla, fustella, ou seguralla mais, ou menos alta, levalla para a esquerda, e trazella para a direita. O principal sentimento da mão procede da maior, ou menor delicadeza do tacto. Ora sendo os homens todos providos de partes nervosas, em as quaes se fórma este sentido, elle necessariamente ha de ser mais delicado em huns, do que em outros homens.

O conhecimento dos differentes genios naturaes dos Cavallos, e das proporções bem symmetriadas, de que se compõem os seus corpos, são a base sobre que se funda a theorica desta Arte: a sua prática porém se faz inutil, se o Cavalleiro com boa ordem não a emprega, distribue, e executa. Não se póde definir o ponto certo do tacto da mão do Cavalleiro, que deve corresponder ao tacto da boca do Cavallo, posto que esta seja bem feita; porque o sentimento nas mãos he tão differente nos homens, como da mesma forte o he nas bocas dos Cavallos: logo o homem Cavalleiro para julgar theorica, e praticamente da qualidade da boca de qualquer Cavallo, deve ter o tacto da mão subtil, pois que este, segundo a melhor opinião, contribue muito para as suas melhores operações.

O Cavallo anda para diante, e para trás, anda, e volta para a direita, e para a esquerda; porém estes movimentos não podem ser postos em prática da parte do animal, sem que a mão da redea contribua com outros tantos movimentos que lhe são correspondentes, como passo a demonstrar. Estando a mão da redea (isto he, a esquerda) em boa situação, e distancia do corpo do Cavalleiro, e do cepilho da fella (de que já tratei), quando quizerem voltar o Cavallo para a direita, devem ter a mão de unhas affima com o dedo minimo inclinãdo para a espadua esquerda, porque affim fica sendo mais forte a redea direita, do que a esquerda.

Quando a mão da redea vai da cernelha para a direita de unhas affima, inclinãdo o dedo minimo para a espadua direita, a redea esquerda fica mais forte, e obriga o Cavallo a que volte para a esquerda. Logo por consequencia, quando a mão se adianta, lhe dá a liberdade para avançar; e quando segura as redeas, o faz não só parar, mas até o obriga a andar para trás. Com tudo, estas differentes situações da mão da redea não bastão sómente para dobrar, e fazer andar bem hum Cavallo, he necessario passar de humas a outras situações em lições diversas com methodo, e arte.

A mão da redea deve ter as qualidades de suave, ligeira, e firme: a suave he aquella que mitiga, e modifica a força das sensações na boca do Cavallo, que he muito sensível, de sorte que o vai reduzindo ao estado de ter prompta, e facil obediencia. Tambem quando he incerto, ou tira pela mão, e facode o freio, a mão suave o rende facil, e firme: logo ella he boa para remediar-lhe tambem a incerteza.

A mão da redea ligeira diminue a grossura do ponto do apoio na boca do Cavallo, que he dotado de huma sensibilidade, que se deixa modificar pela ligeireza do pulso, e da mão, reduzindo-o prompto, e facil em avançar, parar, voltar, recuar, e obliquar para huma, e outra parte, levando sempre a cabeça no seu devido lugar.

A mão da redea firme he a que tem no seu tacto huma connexão perfeita com o tacto, que reside nas bocas dos Cavallos. Ora estando este tacto por effeito das successivas sensações em hum gráo de apoio tal, ou com huma igualdade de força perfeita para o conduzir em todas as suas direcções, sem dúvida caracteriza o bom apoio, que todos os Cavalleiros devem aperfeiçoar pelas sensações das redeas nas bocas dos Cavallos, tanto aos destinados para o manejo, como aos que se applicão para a caça, e para a guerra.

Não se deve subitamente passar do uso da mão ligeira para o da mão firme, ou para o da mão suave, para que o Cavallo não falte á igualdade do apoio, e movimento. Tambem se a mão estiver mais voltada do que deve ser, ou seja de unhas assima, ou de unhas abaixo, não poderá gozar bem dos movimentos do braço, e parecerá todo o seu movimento defeituoso.

Não se devem dar soffreadas aos Cavallos, que tem a boca sensível; porque este costume, ou castigo não só não lhes dá o apoio proprio dos que tem boa sensibilidade, mas falsifica, e destroe a melhor boca, e o melhor apoio; por isso he indispensavel applicar, e regular as sensações da mão pelas redeas ás caimbas, e embocadura, para desta se communicar á barbada, e aos assentos da boca do Cavallo huma força, que lhe vá produzindo hum governo firme, e igual.

Se o dedo pollegar não segura bem sobre o chato das redeas, ellas fahem pela mão fóra, e em tal caso he preciso andar a todo o instante abaixando, e levantando o braço, perdendo assim a boa regularidade do tacto, sem o qual o Cavallo não póde ser perfeitamente igual no apoio, e movimento. Quando a mão segura as redeas, sempre com o mesmo gráo de força, sem lhe dar repetidas vezes a devida liberdade, o Cavallo se vai fazendo cada vez mais insensível, e rude ás sensações da embocadura, donde procede a necessidade de lhe render, e sustter a mão, para lhe regular mais o apoio, e conservar a sensibilidade.

He certo que ha Cavallos, a quem he preciso dar-lhes com o freio alguns toques para cima, e para trás, quando elles se encoistão á embocadura, ou estendem amiudadas vezes o bico para diante, por ter a boca grossa, não só para os fazer desencoistar do freio, mas para os castigar, quando se estendem sobre elle; porém a força do toque deve ser proporcionada á sensibilidade; e senão tem estes defeitos, deve a mão ser firme, e facil para os formar nas acções de que elles são capazes. Dos principios indicados se vê que a delicadeza da sensibilidade de alguns Cavallos não póde ser bem conhecida de todos os Cavalleiros, e de todas as mãos.

A mão da redea posta de unhas assima, inclinando o dedo minimo para a esquerda, sustenta a redea direita com mais apoio, e mais firmeza, principalmente se vai alguma coufa da cernelha para a parte esquerda. Ora se os dedos da mão se

fe affroxão, e abrem mais, quando o Cavallo volta para a direita, diminue-se, e modifica-se a fenção causada pela redea direita; por consequencia, logo que a mão se fecha de unhas affima, tendo o pulso firme, inclinando-se o dedo minimo para a espadua direita (se o Cavallo anda dobrado para a esquerda) a caimba esquerda cobra o seu ponto de apoio, e necessariamente o faz voltar para a esquerda, maiormente se ella se inclina da cernelha para a direita: logo tanto que o dedo minimo, e os mais se affroxão, torna o Cavallo a sentir as fenções da redea esquerda menos activas.

Todos os Cavalleiros devem trabalhar por obter que a sua mão da redea tenha as tres qualidades de suave, ligeira, e firme, para com a primeira dispôr os Potros, com a segunda aperfeçoallos nas lições, para que os destinão, e com a terceira remediar os que tirão pela mão, fazem forças, ou batem no freio: finalmente se o Cavalleiro se servir bem dos differentes movimentos da mão da redea, obrigará, renderá, e conservará toda a forte de Cavallos, dando-lhes governo, apoio, e segurança.

Pela vibração das redeas faz a mão do Cavalleiro communicar a força das fenções das caimbas á embocadura do freio, e desta á boca do Cavallo, e á barbella, que faz successivamente o ponto de apoio sobre a barbada.

Effeitos da força da embocadura do freio, e da barbella.

A Mão do Cavalleiro faz mover as redeas, as redeas fazem mover as caimbas, e estas a embocadura sobre os assentos, ou queixos do Cavallo, como tambem a barbella sobre a barbada: bem entendido, que a redea direita determina, e obriga o Cavallo a voltar para a direita; e a esquerda o faz voltar para esta parte. Ora quando a redea direita puxa, faz com que a embocadura, e a barbella fação hum grande effeito da parte opposta; e igualmente quando a redea esquerda está mais forte, a embocadura, e a barbella apertão mais da parte direita sobre o queixo, e sobre a barbada.

As fenções que a embocadura, e a barbella produz sobre os assentos, e sobre a barbada, depende das caimbas, e das redeas; e he certo que logo que a mão puxa pelas redeas, as caimbas sobem, e a embocadura desce, apoiando-se sobre os assentos, á proporção da força com que as caimbas sobem; e o mesmo effeito pela mesma razão faz a barbella sobre a barbada: logo por consequencia tanto que a mão affroxa a força com que puxa pelas redeas, as caimbas descem, a embocadura sóbe, e a barbella não faz effeito.

Marchando o Cavallo direito sobre linhas rectas para diante, se o Cavalleiro tem repentinamente a mão da redea forte, e para si, a embocadura desce, e faz sobre os assentos e queixos, e a barbella sobre a barbada, huma fenção ingrata, e dura, a qual faz hum poderoso effeito em todas as juntas do corpo do Cavallo para se dobrarem, e comprimirem, por isso todos os seus movimentos se detem, ou absolutamente parão.

Quando a mão segura as redeas hum pouco mais alta, e avançada para diante,

te , approximando-se ás linhas perpendiculares dos torneis das caimbas do freio, então as redeas fazem a fenação da embocadura , e barbella activas para o Cavallo se levantar para cima ; mas não se obriga assim a parar firme , porque o braço do Cavalleiro não se une ao tronco do corpo para com o seu pezo , e união fazer apoiar o Cavallo sobre as ancas.

Para elle recolher a cabeça ; he preciso segurar o Cavalleiro a mão da redea para si , e baixa com proporção ; por consequencia para o Cavallo que péza na mão , que abaixa a cabeça , ou se encapota , governar , e situar melhor a cabeça , he necessario ter o Cavalleiro a mão da redea para si mais alta , e hum pouco avançada do que se costuma fuster aos Cavallos , que não tem estes defeitos.

He certo que unida a força das duas redeas igualmente , quando o Cavalleiro fustem para si a mão , o Cavallo pára , ainda quando vai na mais violenta carreira. Se for galopando , e lhe puxarem pela redea direita só , elle dará o bico para a direita , unirá a espadua direita á esquerda , e formará a parada mais sobre a perna esquerda , do que sobre a direita.

Para o fazer recuar sobre linhas rectas alguma cousa dobrado para a direita , he preciso obrigarllo muito com a perna esquerda , ou ao menos proporcionar a força com que o obriga a perna , á força com que o obriga a redea opposta. O mesmo será preciso , quando se usar assim da redea esquerda , e da perna direita para o fazer recuar para a esquerda.

Quando se trabalha hum Cavallo com a cara contra a muralha , ou sobre os circulos , quanto mais se puxa pela redea direita , mais a espadua desta parte se une á esquerda , de forte que elle se lança ás vezes sobre ella com excessão ; mas logo que se affroxar a redea direita , e o Cavallo sentir mais forte a esquerda , elle se endireitará das espaduas , e unirá pela força da redea de fóra , a espadua esquerda á direita : por isso recommendo tantas vezes tragão os Cavalleiros a mão de fóra para dentro da volta.

Nisto não quero dizer que se traga a mão com extremo para dentro , porque em tal caso voltará o Cavallo para fóra : o que só pertendo , he que se volte a mão de unhas assima , e a tragão para dentro , sem entrar da cernelha do pescoço (Est. III. N. 21.) para a direita mais que tão sómente quanto baste para a fenação da redea esquerda lhe fazer unir a espadua de fóra á de dentro , e o animal se endireitar no terreno com facilidade naquella acção , em que anda trabalhando.

Deve o Cavalleiro (tanto , quando o trabalha para a direita , como trabalhando-o para a esquerda) contrapôr-lhe com o corpo , com o assento , mãos , e pernas a força das ajudas , ou fenações todas acordadas na sua opposição humas ás outras para os Cavallos lhe obedecerem mais facilmente , pois que de outra forte , além de ser impossivel dar-lhes apoio , e governo , elles o perderão pelas seguintes causas.

Se o Cavallo for totalmente ignorante , e o quizerem encaminhar nas primeiras lições só com hum redea , elle não tomará apoio , e governo com tanta facilidade ; e se for mal intencionado , sem dúvida se aproveitará dos movimentos da redea de dentro para defender-se. Os movimentos das mãos , e pernas devem sempre

pre forcejar acordes na sua contraposição para fazer produzir as sensações, principalmente das redeas, com propriedade, para os Cavallos lhes corresponderem com promptidão nas differentes acções em que o obrigação a formar-se.

Quando se trabalham as redeas iguaes, a embocadura affenta por direito sobre os affentos, e então o Cavallo não só tem a cabeça mais livre, direita, e alta, mas pôde voltar promptamente para hum, e outra parte. O modo de trabalhar com as redeas iguaes he bom para ensinar pelo direito os ignorantes, e tambem para render, e trabalhar os destinados para a caça, e para a guerra; porque os que fervem para a campanha, devem com presteza voltar com hum, ou com ambas as redeas, cuja facilidade lhes resulta de os haverem trabalhado com as redeas iguaes: o que concorre tambem para trazerem a cabeça livre para respirar com defafogo, seguindo promptamente as sensações da embocadura, voltando tanto sobre hum, como sobre outro lado.

A mão da redea trabalha humas vezes de unhas abaixo, outras de unhas affima: quando trabalha de unhas affima, puxa pela redea da parte para onde o Cavallo olha, e se dobra; e quando trabalha de unhas abaixo, faz unir hum a outra espadua; por isso a sensação da embocadura, e da barbella obriga mais violentamente da parte opposta: logo o Cavallo, por fugir da sensação que o magôa, volta com mais graça para onde determina a direcção, ou está dobrado.

A força com que o Cavalleiro puxa pelas redeas, deve sempre ser proporcionada ao desembaraço, sensibilidade, governo, construção, e difficuldades do Cavallo: as sensações do equilibrio do corpo, como tambem as das pernas, devem encaminhallo a entrar para a mão com força igual áquella com que o obrigação as redeas, isto he, se elle entrar para a mão, de forte que não obedece com facilidade a hum, e outra redea, não o devem obrigar com as pernas para o não excitar á desobediencia; mas sim quando estiver capaz de se deixar vencer da redea de dentro, o podem ir obrigando mais vivamente com a perna, e equilibrio do corpo, trazendo-o, o mais que puder ser, facil entre a força de hum, e outra redea, e da mesma forte entre a de hum, e de outra espóra, para que não se lhe falsifique o governo da boca, e se desmanche da sua figura, por serem as forças das sensações das mãos, pernas, e corpo do Cavalleiro desproporcionadas humas das outras.

He difficultoso dobrar o Cavallo com o freio só, maiormente para a direita; por isso he preciso acostumallo com o cabeção a soffrer o freio, e com as correias de vencer a dobrar-se para hum, e outra parte. Trabalhando-o com o freio só, muitas vezes he necessario puxar a redea direita com a mão direita, quando a esquerda vem de unhas affima para dentro, já para o advertir do seu erro, se elle duvida voltar, e unir a espadua de fóra á de dentro, já para o castigar, se vai de má tenção.

Explicação-se os modos de render a mão, trabalhando o Cavallo com o freio sô.

AS maneiras de render o freio, que estão mais em uso, fazem-se humas vezes abaixando a mão da redea de unhas abaixo, outras avançando-a para o pescoço do Cavallo, sem que perca a acção, em que trabalha de unhas affima; ou tambem abaixando-a fômente para o cepillo da fella, e todos estes movimentos servem para lhe aliviar o sentimento da embocadura, e barbella sobre a barbadada, e boca, maiormente no tempo em que se lhe formão as meias paradas, as paradas firmes, as falcadas, e as paradas fortes. Os movimentos de render a mão sempre devem seguir-se aos de fuster a mão no tempo, em que o Cavallo vai sobre o balanço das ancas; pois esta he a occasião, em que se faz muito util o render-lhe o freio para o fazer prompto, e facil na parada; e ainda que seja difficiltofo tomar bem este tempo, ou balanço, he sem dúvida huma das lições de maior utilidade, que se lhe pôde dar para o fazer prompto, e obediente á mão, e ás pernas em toda a forte de paradas, e falcadas.

Trata-se do modo de formar a meia parada, e dos effeitos da parada firme, trabalhando-o com o freio sô.

QUando o Cavalleiro premedita dispôr-se para formar o Cavallo na acção da meia parada, deve firmar o seu corpo bem para trás, sem pender com excessô sobre a garupa: o pulso esquerdo devê estar direito pela linha horizontal do cotovelo, e a mão de nivel com elle, tendo firme, e forte o espinhaço no lugar dos rins; e quando as pontas dos pés se segurão sobre os estribos, os hombros, e as espadas igualmente se firmão para trás; porque só estando assim disposto com a firmeza do espinhaço, do assento, e das pernas, se obriga o Cavallo para diante, quando se continúa o balanço das espadas para a garupa, porque então he que se devem fuster as redeas, e obrigallo a parar: a força dos movimentos do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro deve ser proporcionada á velocidade do movimento, e á sensibilidade que o Cavallo tem a humas, e outras sensações; pois que de outro modo não pôde elle recolher as ancas, e as pernas bem para baixo do seu ventre, isto he: se puxarem com muita força, poderá entrar com a garupa demaziadamente, no risco de cahir para trás; e se puxarem com menos força do que he preciso, não fará a parada o pertendido effeito.

A parada firme, seja embora mais, ou menos forte, sempre se executa com as mesmas sensações com que se fórma a meia parada, só com a differença de serem todas as forças della mais unidas, instantaneas, e fortes; e ainda que alguns cuidão que o Cavallo se arruina, quando entra muito com as pernas para baixo do ventre, elles se enganão; pois quando os musculos principaes, e os ligamentos do espinhaço, garupa, e curvilhões até aos jarretes fazem a ultima extensão a que podem alcançar, por se haverem recolhido as pernas para baixo do corpo, as ver-

tebras fervejaes, e lombaes do espinhaço do lugar dos rins junto aos quadrís se elevão para cima, e por este motivo o mesmo espinhaço, quadrís, garupa, e curvilhões se fazem fortes, e ficam bem dispostos para resistir ao pezo, e á força do equilibrio, do assento das mãos, e das pernas do Cavalleiro, formando-se assim o Cavallo em huma acção vistosa, e ao mesmo tempo commoda em todos os seus movimentos. Logo que houver formado a meia parada, ou a parada forte, recolhendo as pernas, e a garupa bem para baixo do corpo, o Cavalleiro deve render-lhe a mão, para elle vir a parar ligeiro, e facil no freio; pois he esta huma das grandes perfeições, que elles podem ter, ou seião destinados para o manejo, para a caça, ou para a guerra.

Pelo contrario se elle, quando he obrigado a formar a parada, não recolhe as pernas, e une as ancas bem para baixo do corpo, apresentando-se na parada froxo do espinhaço, abatendo-o do meio das vertebraes fervejaes até aos quadrís, ficando irto dos curvilhões, facilmente póde arruinar-se de alguma destas partes, além de ficar tambem desta forte em má acção, e ser muito incommodo com estes movimentos para o Cavalleiro: succede isto, porque deste modo não está a máquina de todo o corpo bem disposta, e situada conforme a sua construcção.

Devem pois ter muito cuidado em o indireitar successivamente entre ambas as redeas, e ambas as pernas, para a garupa determinar os movimentos, seguindo as linhas parallelas das espaduas, maiormente se o Cavallo tiver ainda pouca idade. Taes são os principios, que aperfeição o tacto, e apoio pelos movimentos, e ajudas da redea na boca do Cavallo, quando lhe formão as meias paradas, as paradas, as paradas fortes, e as falcadas; e qualquer outro methodo fará nelles muito máo effeito, e huma continuada irrefolução nas suas direcções.

Effeitos da lição das falsas redeas.

Logo que o Cavalleiro fizer afivelar huma redea do cabeção, ou passar huma correa de vencer pelo olho, ou arco de cada banquetta do freio, (Est. V. Fig. 8., Letra I) elle trabalha o Cavallo com falsas redeas, e a embocadura do freio neste caso tem o prestimo de hum simples bridão, porque a barbella não faz sensação activa sobre a barbada: serve isto para principiar a dar governo aos Potros, e para remediar o defeito daquelles Cavallos, que tem os assentos, ou lugar, aonde assenta a embocadura, e a barbella muito sensiveis.

Com o uso das falsas redeas se faz soffrer aos muito sensiveis, as sensações da embocadura sobre os assentos, para depois irem soffrendo as da barbella sobre a barbada: tambem as falsas redeas os determinão muito a voltar facilmente para huma, e outra parte; mas não deve o Cavalleiro esperar que o uso desta lição caleje, e engrosse demaziadamente os assentos na boca do Cavallo, e lhe faça atenuar a sensibilidade, de forte que venha a ter a boca grossa.

Quando a mão puxa pela redea direita, que está preza no arco do olho do freio, a embocadura assenta mais forte sobre o assento, ou queixo da parte direita, porque a barbella não faz effeito sobre a barbada. O Cavallo por fugir desta

oppressão, fim volta para a direita; mas como a barbella não o obriga sobre a barbada da parte esquerda, elle dá a cara para dentro, sem a graça de voltar o bico, inclinando a orelha de fóra para o chão. Semelhantemente quando se lhe puxa pela falsa redea esquerda, volta para a esquerda, por fugir de sensações semelhantes áquellas, de que foge, quando deste modo o obrigão a voltar para a direita.

Eu creio que tenho provado, que, quando o Cavalleiro abaixa a mão da redea, tem o Cavallo liberdade para andar para diante. Quando se sustenta a mão para si, obriga-o a parar, e pôr-se cada vez mais sobre a garupa. Quando a mão se levanta, e se lhe avança para a cernelha, levanta-lhe a cabeça. Quando a mão se abaixa, tendo-a de unhas affima para si, o Cavallo abaixa a cabeça, e recolhe o bico. Quando se leva a mão da redea com arte da cernelha para a esquerda, elle volta para a direita. Logo por consequencia, quando a mão se leva de unhas affima da cernelha para a direita, o Cavallo volta para a esquerda.

Por estes differentes movimentos da mão, e das redeas se vê que o governo della faz mover todo o corpo do Cavallo: por consequencia os Cavalleiros devem ter hum total conhecimento de todos os movimentos das mãos, e dos effeitos das redeas do freio, das suas caimbas, embocadura, e barbella; porque de outra forte não só não trabalhará conforme os preccitos desta Arte, mas obrigará os Cavallos sem actividade, e contra o bom ar, que lhes permite a sua natural construcção.

Lição das redeas de vencer cruzadas.

DEitar os Cavallos á guia, ainda que não lhes dá apoio, e governo, com tudo os dispõem grandemente para se deixarem vencer, e dominar: por isso me proponho dizer como se devem deitar á guia com as correas de vencer cruzadas, ou passadas pelas argolas dos torneis do cabeção; e ainda que elles por meio deste trabalho não adquirem tão bem na sua boca apoio, e governo, porque isso só o póde dar a mão com o feu tacto, e diversas sensações, movimentos do corpo, do equilibrio, e foccorros das pernas do Cavalleiro, com tudo, os Cavallos por este modo se vão pulindo, e fazendo mais mansos, promptos, e iguaes na dobra do pescoço, nos movimentos das espadas, e nos do espinhaço, e da garupa.

Para se usar pois das correas de vencer cruzadas, devem afivelar huma das redeas ordinarias do cabeção na argola do tornel do meio, em que se costuma pôr a guia; (Est. V., Fig. 5., Letra A) e depois das correas de vencer afiveladas de hum, e outro lado na primeira cilha junto da roupa da sella, fazer passar a ponta da correa direita pela argola do tornel esquerdo Fig. 5., Letra Q, e a ponta da correa esquerda pela argola do tornel do cabeção da parte direita Letra Q: desta forte se obrigará a que volte, e ande para diante em hum circulo, que de ordinario, segundo o comprimento das correas, não póde ser muito largo; como se mostra na seguinte Estampa.

E S T A M P A L.

De hum Cavallo , andando á guia para a direita com as correas de vencer cruzadas.

Quem ajudar com o chambríe, açoute, ou vara, deve usar delles, como fica recommendado que ufem, quando o ajudão a deitar á guia pelo largo, cuidando sempre muito em que elle ande para diante em hum movimento igual, e proprio á sua construcção, para que o conductor da guia possa regella, e as correas, conforme o Cavallo o precisar.

He certo que huma redea do cabeção posta na argola do tornel do meio embaraça menos as mãos do que huma guia, e ferve para puxar o Cavallo para diante ; pois como as correas estão prezas ás cilhas, podem obrigallo a dobrar-se para hum, e outro lado ; mas não póde obrigar-se com ellas a que venha para diante, quando duvida, e fica para trás. Igualmente ferve a redea do cabeção no tornel do meio para o deter, ou obrigallo a que faia para fóra, se elle entra muito para o centro, ou para diante ; pois logo que se lhe dá com a redea do cabeção mais, ou menos forte, elle se detem, e se alarga para fóra ; e se pelo contrario sahe muito para fóra, ou fica para trás, segurando-se-lhe a mesma redea, se obriga a entrar para diante, e para o centro.

Quando elle entra bem para diante sobre a circumferencia, e quem o deita á guia puxa com mais força pela correa, que está passada pela argola do tornel de fóra, o Cavallo olha com os olhos ambos para o centro da volta, dobra o pescoço da ganacha, (Est. III., N. 20.) e principio do ezofago N. 23. até ás claviculas N. 28.: então elle volta a cabeça, cruza a mão, e pé de dentro por cima, e por diante da mão, e pé de fóra, para ir usando bem dos movimentos das espadas, e meia garupa de dentro.

Quando se puxa pela correa, que está passada pela argola do tornel de dentro da volta, o Cavallo perde a dobra do seu pescoço, e corpo da parte do centro, entra com as espadas para dentro, e no tempo, em que une a de fóra á de dentro, deixa de entrar com a perna de dentro para baixo do corpo, e de ordinario elle se alevanta mais por diante, porque tem neste tempo menos inclinação no movimento circular, e fica mais para trás. Ora sendo esta lição bem applicada, ella necessariamente o dispõe muito na sua direcção.

Tambem ferve para lhe fazer conhecer, e soffrer as sensações do cabeção sobre o focinho, e da vara sobre a garupa, e sobre o ventre, para ser manso a humas, e outras, porque tudo isto o dispõe muito para o Cavalleiro mais facilmente o vencer, quando montado o obrigão a formar-se naquella acção, e lição, para que tem mais propriedade. Lembra-me este modo de deitar os Cavallos á guia com as correas de vencer cruzadas neste lugar, porque me persuado se deve usar deste trabalho, quando elles estão já com algum desembaraço, para não se confundirem com a sujeição das correas.



Dezezas , de que muitas vezes usão os Cavallos , e meios de as remediar.

AS dezezas, de que usão a maior parte dos Cavallos, ou os trabalhem mais, ou menos curto, procedem muitas vezes mais da ignorancia dos Cavalleiros, que dos defeitos naturaes dos mesmos Cavallos. Com tudo, tres cousas concorrem muito para elles se defenderem. A primeira, procede da ignorancia do animal, falta de uso, e conhecimento da lição. A segunda, do aborrecimento que elles tem concebido ao trabalho, e ao homem, já por haver sido o castigo, e as senções, com que o tem obrigado, mal applicadas, já pelo trabalho ser proprio á possibilidade do animal. A terceira, procede de terem defeitos naturaes, isto he, de serem mal formados, faltos de memoria, folgo, e forças, e em todos, porque muitas vezes as lições, e toques, com que os obrigão, não tem a precisa propriedade para obter delles os movimentos, e acções, com que se pertende, que elles lhes correspondão.

Se as lições, e toques não tem propriedade, he certo que a desobediencia procede da falta do conhecimento do Cavalleiro, mais do que das dezezas do Cavallo: logo por meio de senções proprias, repetidas vezes devem introduzir-lhe o costume de se formar nas acções, e lições, em que os querem conduzir, reduzindo-os assim debaixo das leis da obediencia a mais exacta. Ora se o Cavallo resiste ás senções bem applicadas, procede a desobediencia dos seus defeitos, da malignidade do seu genio, de ser covarde, de ser fraco, de ter má construcção, e de ser doente: muitas vezes procede a desobediencia de huma destas causas; outras vezes de duas, ou tambem de possuir todas juntas: porém em cada hum destes casos devem os Cavalleiros prudentemente lembrar-se, de que a esperança da recompensa he tão poderosa sobre a memoria dos Cavallos, como o medo dos castigos; e por isso recommendo tantas vezes que os affaguem, ou lhes dem alguma herba, e se use com elles primeiro da moderação, que da violencia.

Quando o Cavallo não quer executar huma acção, devem examinar se concorrem para a sua defeza a ignorancia, ou os defeitos do seu corpo: se for a falta de conhecimento, devem por senções proprias á acção que pertendem que elle faça, ensinallo com o costume, e com a paciencia; e só quando não houver outro remedio, se obrigará com o castigo. Se he salto de agilidade, folgo, e forças, devem, por meio dos preceitos, que ficão expendidos, muito mansamente trabalhallo, de forte que elle se vá formando nesta, assim como nas precedentes lições. Ha tambem alguns que sabem, podem, e não querem, abusando tenazmente da brandura, e paciencia, com que o Cavalleiro pertende emendar-lhes os seus erros: estes he certo que devem ser obrigados com o castigo, e com o rigor, antes que se fação absolutamente rebeldes.

Modos de corrigir os Cavallos , que se defendem da sujeição das correas de vencer cruzadas.

SE o Cavallo, quando o trabalhão com as correas de vencer cruzadas, sentindo mais forte a correa, que faz a passagem pela argola do tornel de fóra, dá a cara muito para dentro, e se lança com excessão sobre a espadua de fóra, elle se defende deste modo para não recolher a perna de dentro para baixo do ventre. Ora o meio de remediar-lhe este defeito he affroxar-lhe alguma coufa a correa, que passa pelo tornel de fóra, e fortalecer a que faz a passagem pela argola do tornel de dentro, obrigando-o o Ajudante mais vivamente com a vara sobre a garupa a que entre para diante, dando-lhe alguns toques sobre as ancas.

Quando róla com as ancas muito para fóra, defende-se de se dobrar, e dar a cara para dentro: neste caso lhe devem segurar a redea do cabeção, para que venha para dentro, e para diante, e após isso a correa passada pela argola do tornel de fóra, para que pouco a pouco se dobre para o centro. Quem andar ajudando, o obrigará a que ande igual na distancia do terreno, e no movimento, applicando-lhe o castigo mais sobre a meia anca de fóra; porque em não ficando para trás, necessariamente ha de adquirir mais inclinação circular, e ha de dobrar-se para o centro com mais facilidade, do que se dobra em quanto se lança sobre a espadua de fóra; e aos que tem huma, e outra difficuldade, he conveniente o fazellos muitas vezes passar de mão, para que se obfinem menos nos seus vicios.

Se o Cavallo volta para fóra, e recua para trás, defende-se da sujeição do cabeção, e esta he a peor defeza que elle póde buscar: neste caso deve segurar-se-lhe a redea do cabeção brandamente, affroxando-a, e tornando a sustella muitas vezes, sem o dobrar com as correas, em quanto não entra bem para diante. Ora em quanto fica para trás, he bom deitallo á guia por este modo junto a hum canto do Picadeiro, para que amparado com as paredes do angulo, se possa fazer andar mais para diante; e nas passagens de mão devem fazello sahir para fóra da circumferencia pelas linhas da muralha, para que não fuja tanto com a garupa, e o possam ir indireitando no terreno, para formar o meio circulo do angulo na passagem com perfeição.

Todos os Cavallos tem mais difficuldade em se dobrar para huma, que para outra mão; e quem os deita á guia, deve attentamente observar para onde lhes custa mais dobrar-se, entrarem para o centro, e andarem para diante, para os fazer dar mais alguns passos, para onde tem mais dúvida; mas tanto que derem alguma volta bem, devem parallos, e affagallos, fazendo-lhes dar alguma herva, para que elles vão conhecendo que fazem bem, e algumas vezes he conveniente fazellos defapertar, e mandallos embora.

Deve o Cavalleiro ter muita experiencia para conhecer se as difficuldades procedem da ignorancia do animal, se dos defeitos do seu corpo, da sua obstinação, e capricho, ou tambem da impropriedade das sensações com que o obrigão, para o fazer ajudar, e castigar, de maneira que vá obedecendo.

A natural condição dos Cavallos tem diversidades innumeraveis, e os genios particulares se revestem sempre das defezas geraes, por isso os Cavallos são desagradaveis por quatro motivos; por serem fracos, e faltos de espirito; por serem froxos, e faltos de folgo; por serem preguiçosos, e terem má construcção; e por serem faltos de memoria.

Quatro cousas tambem os fazem agradaveis: a força igual, a ligeireza facil, a memoria, ou lembrança do que se lhes ensina, e a sua bem proporcionada construcção: a combinação destas qualidades os formão mais, ou menos proprios para huns, do que para outros exercicios; e o seu temperamento, e harmonia das partes organicas de que se compõem os seus corpos, ordinariamente decidem do seu bom, ou má prestimo.

Trabalhando-se o Cavallo com o freio, e cabeção, podem-se ir com hum, e outro remediando as suas difficuldades; porque o castigo das redeas do cabeção, ou das correas de vencer unido á força com que o trabalhão as redeas do freio, o obrigão muito a sujeitar-se; porém quando trabalha com o freio só, he necessario dispollo bem, não só por meio das diligencias expendidas, mas tambem por effeito das meias paradas, e paradas feitas sobre huma, e outra mão, e por meio das repetidas lições do recuar, para se unir cada vez mais dos movimentos do pescoço, espaduas, e garupa.

Os que tem a sensibilidade dos assentos da boca muito delicada, além da lição das falsas redeas, devem formar-lhes as paradas, e meias paradas, ajudando-os eom huma, e outra perna a que entrem na mão sem violencia: os que são faltos de sensibilidade, por terem a lingua grossa, os beiços, e assentos carnosos, o canal das queixadas apertado, o pescoço ás avéssas, ou muito curto, e carnosos, os movimentos das mãos, e das espaduas baixos, ou debaixo do corpo, ordinariamente são faltos de exactidão nas paradas, e da mesma forte os que são demaziadamente froxos, preguiçosos, e compridos do espinhaço.

Affim como a todas estas qualidades de Cavallos custa o parar bem, se elles tiverem as espaduas bem formadas, os movimentos dellas, e dos braços altos, e desembaraçados, o espinhaço, e a garupa fortes, e bem proporcionados, a boca de boa sensação, o canal das queixadas largo, a volta do pescoço ás direitas, ou relevada, elles tem as precisas qualidades para fazer bem as paradas.

Dos que parão mal, por serem compridos, e pouco sensíveis.

SE o Cavallo he muito comprido, ordinariamente pára sem graça, e com a cabeça mal segura; e he muito sujeito, se o obrigão com violencia, a arruinar-se, principalmente dos quadrís, e curvilhões. Se he pouco sensível dos assentos da boca, e tem as espaduas mal formadas, e carnosas, commummente pára mal, e sobre a mão: de forte que os que são muito compridos, tem difficuldade em se unir, e ajuntar as forças para fazer bem as paradas; e os que são muito curtos, tambem tem difficuldade em distribuir bem as suas forças para usar bem dellas, quando os obrigão a parar.

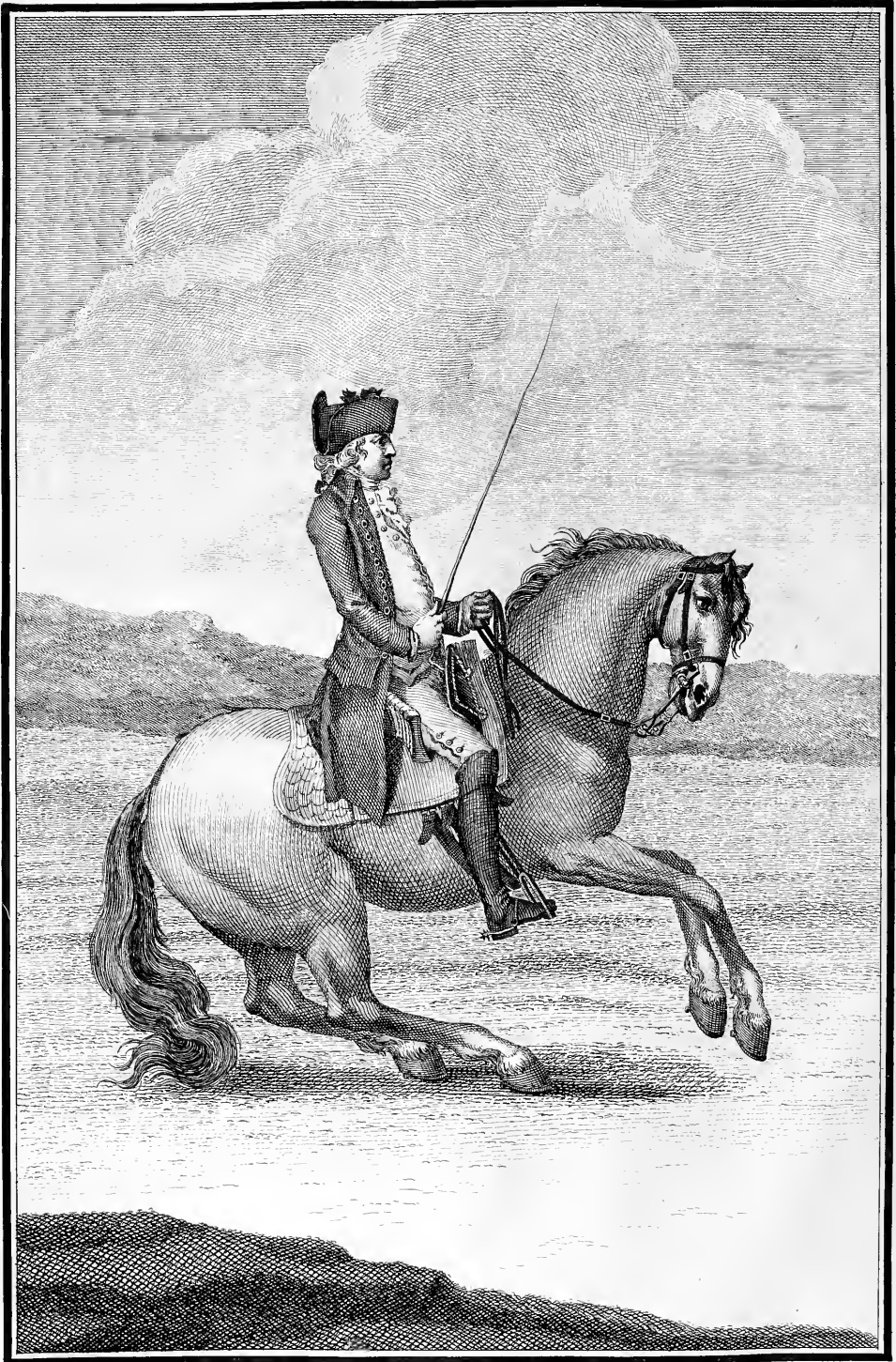
Os que pelas causas ditas não podem formar bem as paradas, empregão, e distribuem mal as forças na carreira, seja correndo por terreno plano, ou desigual; por isso quem experimenta Cavallos para os comprar, deve dar-lhes alguns repeções, para ver se elles podem parar firmes, porque assim se investiga mais o seu prestimo, e qualidades. Os Cavalleiros devem applicar-se ao conhecimento íntimo da disposição da boca, pescoço, espaldas, braços, lombos, quadrís, garupa, curvilhões, e finalmente de toda a estrutura do corpo do Cavallo para julgar com mais acerto do seu prestimo.

Dos que não parão bem, porque se encapotão: dos que parão mal, por se doerem de alguma das partes do corpo: dos que não usão bem das forças, por serem sellados, como tambem dos que se levantão na parada.

OS Cavallos, que se encapotão, communmente o fazem por ter o pescoço muito arqueado, e tambem por terem a cabeça grande, as espaldas grossas, e carnosas, os beiços de forte grossos, que a muitos sobrepõem sobre os assentos dos queixos: estes, e os que tem a boca muito-pequena, ordinariamente são rudes das sensações da boca, e se encapotão: isto he, recolhem a barba demaziadamente para o peito, fazem as paradas muito sobre a mão, e com huns movimentos muito incommodos ao Cavalleiro.

Os que tem curvilhões doridos, os travadouros dos jarretes compridos, e fracos, ou padecem nelles alguma enfermidade, quasi sempre fazem as paradas com receio. Os que são muito sellados, que tem a volta de pescoço ás avéssas, de ordinario, quando lhes formão as paradas, batem na mão, e se despapão, isto he, levantão o focinho para cima com excessão, porque a força dos ligamentos da nuca, e da primeira vertebra cervical (Est. III. N. 19.) dependem muito da boa construção do espinhaço, espaldas, e pescoço, pois todas estas partes se devem unir com proporção para o Cavallo parar bem.

Ha Cavallos, que para se livrarem da sujeição das paradas, quando sentem que o Cavalleiro se vai dispondo para os parar, elles se levantão sem obediencia á mão. Neste caso deve prevenir-se-lhes a defeza, sustendo-lhes a mão baixa, e firme, o corpo alguma coufa inclinado para diante, unindo-lhes as pernas á barriga junto ás cilhas só no tempo da parada. Ora não obstante serem as meias paradas, e paradas uteis pelo decurso da lição, não deve o Cavalleiro usar dellas sem reflectir prudencialmente nas difficuldades dos Cavallos, sejam ellas naturaes, ou adquiridas para as emendar, diminuindo-lhes, ou augmentando a quantidade das meias paradas, e paradas, ou deixando absolutamente de usar dellas; pois elle deve anticipadamente precaver-se para os defeitos não chegarem a ser irremediaveis.



Silva delin^t

Manuel Alegre sculp^t

Motivos , que fazem a parada intempestiva. Causas , por que alguns Cavallos na parada forção a mão do Cavalleiro , e dão bica-das ; e as razões , por que outros temem as paradas.

OS Cavallos muitas vezes fazem as paradas mal , obrigados dos seus defeitos naturaes , e accidentaes ; e outras o fazem obrigados da ignorancia , e das lições mal applicadas. O bom methodo não só ajuda , mas refórma em grande parte a natureza : logo a má lição , e falta de cuidado necessariamente lhes motivará defezas , que poderão chegar a ser irremediaveis. Exemplo: se o Cavallo vai mal situado no terreno , e o obrigão a parar , faz a parada mal. Se foge de algum objecto , que lhe faz medo , e ao mesmo tempo o parão , sem que primeiro o endireitem no terreno , de ordinario não pára bem. Obrigallo a parar com regularidade , usando do freio só antes de o haver desembaraçado para huma , e outra parte por meio do trote , e do galope , e antes de o chegar ao bom estado de entrar na mão , he querello perder , ou suscitar-lhe muitos vicios.

Os que forção , ou tirão pelo freio na parada , estendem o focinho , e dão cabeçadas : fazem isto commummente , porque são fracos das espaduas , ou fellados , e fracos do espinhaço , quadrís , garupa , e curvilhões : em taes casos devem parallos muitas vezes ao passo , e trote , fazendo-lhes sentir as sensações do freio , tendo a mão firme para lhes segurar a cabeça , e ir pouco a pouco minorando o seu defeito : advertindo que ha tambem Cavallos , que pela fraqueza de todo o seu corpo não podem já mais parar bem.

Alguns parão subitamente , por não soffrer sobre os ligamentos das espaduas , e da garupa a violencia das paradas fortes ; outros , porque são faltos de vista , parão tambem de repente , com o temor de estarem proximos a algum perigo : da mesma forte acontece áquelles , que são inteiramente cegos : finalmente as meias paradas , e paradas são boas para obrigar os Cavallos a abaixar , e rebater a garupa , isto he , para os ensinar com ellas a levantar as espaduas para cima das ancas , firmar a cabeça , e adquirir obediencia á mão , e pernas do Cavalleiro ; mas he preciso que elles tenham possibilidade , e disposição para se formar na acção , que se mostra na seguinte

E S T A M P A L I.

Do Cavalleiro formando hum Cavallo na acção da parada firme para a direita : e a lição para o tirar atrás , depois de montado.

PAra elle se igualar nos movimentos do espinhaço , quadrís , soldras , curvilhões , e jarretes , he tambem muito util a lição de o tirar atrás , porque ella serve tambem para o fazer abrir , e alargar-se dos mesmos curvilhões , e soldras , para usar de todos os movimentos do seu corpo com mais perfeição , e desembaraço.

Depois de os haverem adestrado por meio das diligencias ponderadas , os devem tambem formar na lição do recuar. Eu disse o modo , por que os devem dif-

pôr para este fim antes de montados ; agora mostrarei como se devem fazer recuar depois de os montarem, quando os trabalhão com o freio só.

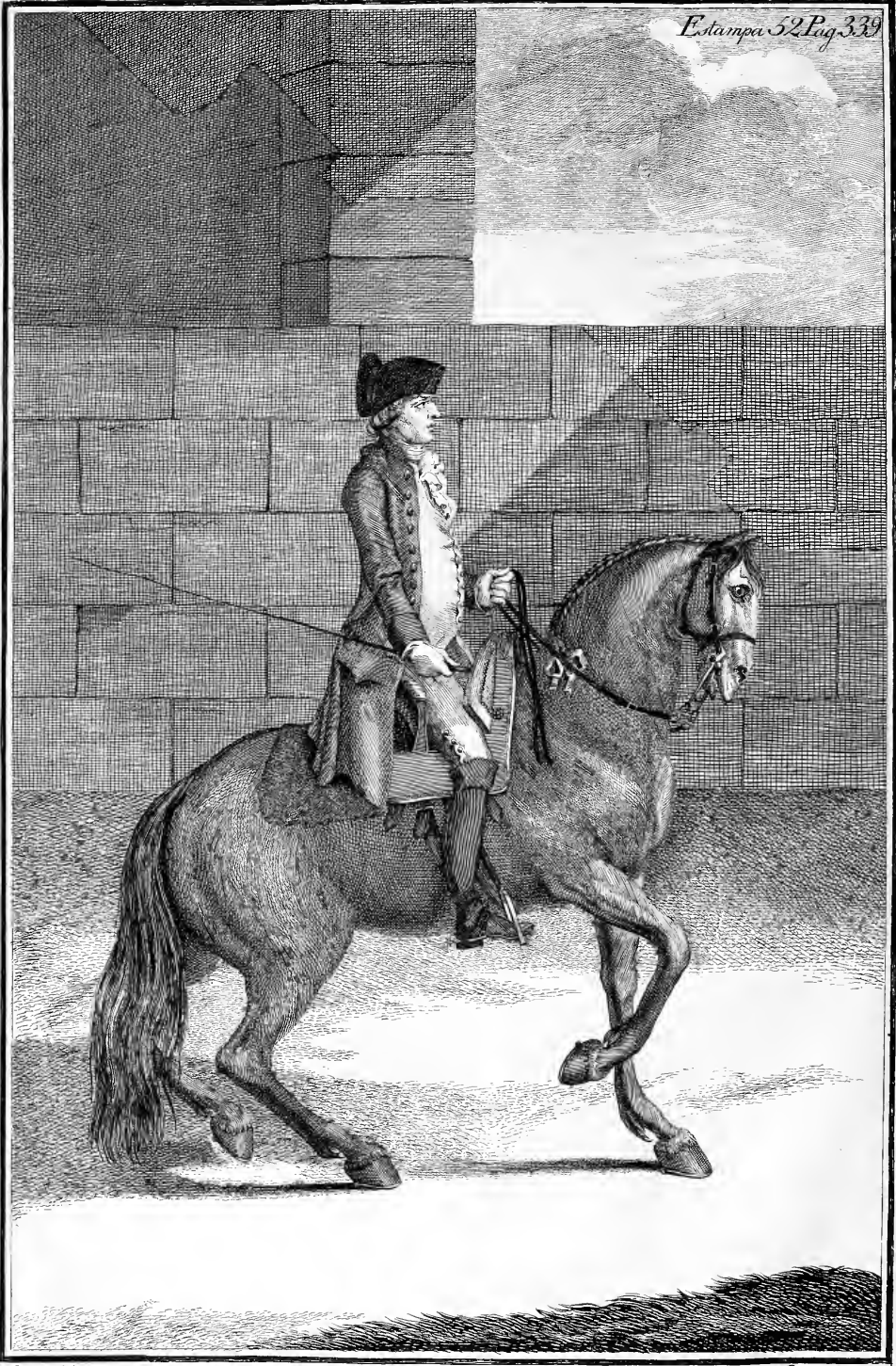
Tendo o Cavalleiro a mão esquerda defronte da barriga sobre o cepilho da sella com as unhas voltadas para si, terá alguma coufa o corpo atrás, puxando, e rendendo-lhe as redeas, a fim de que o Cavallo, obrigado das sensações do freio, e acção da mão, e corpo, ande para trás: se elle determinar os movimentos com mais pressa do que se pertende, em tal caso devem não só render-lhe a mão, e firmar o corpo menos para trás; mas se ateimar, devem unir-lhe as pernas alguma coufa á barriga, para que recue menos apressadamente, dobre os curvilhões, alargue as pernas, e se vá igualando dos movimentos das ancas, e soldras, que he o fim, e objecto desta lição.

Se recua com impaciencia, não obstante haverem-no obrigado deste modo, então devem ter-lhe menos o corpo atrás, abrandar mais a mão, unir-lhe as pernas ao ventre, castigando-o mais forte com a vara sobre a garupa, tanto para se ir formando em boa acção, como para que vá soffrendo as sensações da perna, da vara, e corpo, &c. e distribua as suas forças, e movimentos sem acceleração, e á medida da vontade do Cavalleiro: tambem depois de recuar he bom fazello andar para diante alguns passos, para que aborreça menos este trabalho.

Se não mostra sentimentos de colera, e recua facil na mão com igualdade de movimentos, quando o pararem, devem render-lhe o freio, e affagallo, para lhe mostrar que faz bem: estas diligencias o dispõe muito para ser facil na parada, ligeiro ás impressões da embocadura do freio, e por consequencia obediente á mão, e ás pernas do Cavalleiro; e este deve conhecer se elle tem a força, e desembaraço competente para recuar mais, ou menos espaço, a fim de que não defobedeça, ou se arruine por effeito das defezas de que usão, quando não podem.

Quando elle he froxo, ou comprido de espinhaço, tem as espaduas carnosas, as pernas muito direitas, e juntas, he sellado, tem os curvilhões unidos, as soldras apertadas para as verilhas, he topinho dos pés; e se despapa, ou se encapota, faz com estes defeitos esta lição difficultosa, porque lhe custa alargar-se das ancas, e dobrar os curvilhões, para obedecer ás mãos, e pernas do Cavalleiro, marcando o terreno (como se mostra na Est. LXVII, Fig. 3., e Fig. 4.) Quando recua para a direita, a pista do pé direito marca a linha N. 1., a da mão direita a N. 2., a da esquerda a N. 3., e a do pé esquerdo a N. 4. Recuando para a esquerda, a pista do pé esquerdo marca a linha N. 1., a da mão esquerda a N. 2., a da mão direita a N. 3., e a do pé direito a N. 4., &c.

A regularidade do movimento do recuar faz tambem distribuir as forças do animal por todos os seus musculos principaes: e por elles se participa com igualdade, maiormente ás ancas, e pés: os Cavallos usão das suas forças por meio da lição do recuar, reunindo, e comprimindo os musculos da garupa igualmente, a fim de que os movimentos de todo o corpo tenham a ligeireza, e a força precisa para elles se formarem bem em muitas lições.



Silva delin.

Lucioz sculp.

E S T A M P A L I I .

Do Cavalleiro , fazendo recuar hum Cavallo sobre linbas parallelas á largura do manejo , obrigando-o com o freio sô.

PAra distribuir as forças bem , deve andar para diante , e para trás , igual , e manso : logo he certo que por meio da lição do recuar firma a cabeça , aligeira igualmente as espaduas , e braços , obedece á mão ; e os musculos , que lhe governão as articulações de toda a estrutura do corpo , supportão com mais igualdade o seu pezo ; e por meio destas diligencias se consegue , fazerem todos os movimentos do corpo do Cavallo huma correspondencia maravilhosa.

Em quanto por meio do ensino se não obriga o Cavallo a ir rebatendo os movimentos das espaduas para cima da garupa , supportão os braços a maior parte do pezo ; porque na sua postura vertical carrega sobre elles a cabeça , o pescoço , e as espaduas , por mais bem proporcionado que elle seja ; por isso he necessario fazer com arte repartir o pezo da máquina , ensinando o animal a usar bem das suas ancas , para aliviar artificialmente as espaduas , como parte a mais opprimida ; e he certo que não se repartindo o pezo com igualdade sobre as mãos , e pés , não poderá o Cavallo saltar , ou galopar , nem correr com agilidade , sem o risco de precipitar-se , e ao Cavalleiro , em quanto não reparte o pezo entre si , equilibrando-se sempre : logo por isso he mais usual tropeçarem os Cavallos com as mãos , do que com os pés.

A mão suprema do Creador dispoz a máquina do corpo do Cavallo com equilibrio constante , e esta construcção está fundada sobre os seus braços , e pernas ; mas a natural disposição não basta só , depois das reflexões que tenho feito , para me capacitar , que sem se situar o Cavallo bem sobre a garupa , elle se possa mover nas lições artificiaes com igualdade , depois de ter (além do pezo da sua cabeça , pescoço , e espaduas) na boca hum freio , sobre si huma sella bem apertada , e o pezo de hum homem , que se move sobre ella : por cujos motivos he innegavel que faz bem consideravel differença aquelle , que he exercitado com as diligencias da Arte : daquelle , que sem artificio tem sómente movimentos naturaes , e que não soffre sobre si a oppressão , e o pezo.

Se duvida recuar , he bom mettello com brandura entre os Pilões , porque a lição destes une muito o Cavallo sobre as ancas , obrigando-o juntamente a levantar-se das espaduas , dobrando bem os braços , quadris , e jarretes , porque por este modo se alarga da garupa consideravelmente , e por consequencia elle se dispõe para recuar.

A lição dos Pilões foi inventada por Pignateli ; e posto que La Brow , e Pluvinel a aperfeiçoarão , com tudo não trato do modo que elles seguirão no seu uso , e prefiro o methodo de os metter entre os Pilões adoptado pelo Senhor Rei D. Duarte , o Eloquentes , na sua Arte da Cavallaria Pag. 179. : elle diz » He bom » metter os Cavallos entre os Pilões com o cabeção que inventei , as primeiras

» vezes sem fella, e muito brandamente fazellos mover para hum, e outro lado, a » fim de que se suavifem dos movimentos das ancas, pondo-se bem sobre ellas, » para que soffrão os castigos, e deixem conhecer bem qual he a sua mais natural » propensão, &c. » Este parecer se une mais com a razão, do que a violencia antigamente praticada por muitos Cavalleiros.

Disposições para a lição do terra á terra, trabalhando o Cavallo com o freio só.

FAz o Cavallo, em quanto assim trabalha, hum seguimento de pequenos saltos perto da terra, movendo-se obliquamente, já para a direita, ou para a esquerda; e mettello entre os Pilões, e tirallo atrás repetidas vezes sobre hum, e outro lado, tambem o facilita cada vez mais para ser prompto, e facil nesta lição: ora quando se mette hum Cavallo ignorante entre os Pilões, elle necessariamente vendo que não póde escapar do castigo, impellido do temor, e da oppressão do cabeção dos páos, commette grandes excessos: por isso recommendo que o preparem para o metter as primeiras vezes entre elles, alargando-lhe a fella, o rabicho, as redeas do cabeção, as do freio, e a barbella, &c. obrigando-o a conhecer esta lição por meio de brandas sensações, e proprias para o conduzir áquella acção que delle se exige: isto se entende, se tiver propensão para algum dos ares do manejo.

Tendo propriedade para o terra á terra, e sendo preciso para o unir mais sobre a garupa, (mettello entre os Pilões) pouco a pouco lhe farão sentir delicadamente o açoute sobre ella, para que vá para o cabeção; e logo que se apresentar em alguma acção, usando bem da garupa, devem affagallo, e fazello passar de mão, ou tambem tirallo dos Pilões, augmentando-lhe assim de dia em dia as lições á proporção do seu adiantamento, e obediencia.

Modo, por que o Cavallo equilibra o seu pezo entre os Pilões; e a variedade com que o devem ajudar, e castigar.

DEvem, quando se alevantão das espadas, ter os pés firmes, curvando, e dobrando as soldras, e curvilhões, porque se arruinão muito destas partes do corpo, senão se formão na acção, firmando com as pistas dos pés o ponto de gravidade. Os braços dos Cavallos tem o jogo dos joelhos para diante, como a perna do homem; e as pernas tem o jogo dos curvilhões, como os braços do homem tem os cotovellos. Desta forte quando o Cavallo alevanta as espadas, e braços, dobra os joelhos; e quando se assenta sobre a garupa, dobra os curvilhões; e só no tempo, em que se dobrão os joelhos, e curvilhões, póde alcançar com os pés o ponto de gravidade. Finalmente a lição do recuar, e de os metter entre os Pilões he proveitosa a toda a forte de Cavallos; e sómente pernicioso, quando quem a dirige a faz praticar com demaziada aspereza, ou ignorancia.

As ajudas, e castigos varião, segundo a occasião, e o caso; e nesta; como em

todas as mais lições , fervem para lhe acompanhar a sua disposição , ajudallos a tempo opportuno , e confirmallos na lição : a força dellas sempre deve ser proporcionada pela maior , ou menor sensibilidade do Cavallo ; porque sendo este sensível , principalmente nas lições formadas entre os páos , com a violencia , longe de o fazer corresponder bem , o porão cada vez em maior desordem.

Tratando da lição do galope , disse que o Senhor Rei D. José I. formava qualquer Cavallo na acção do galope com perfeição : agora continuarei a mostrar como elle os formava tambem na lição do terra á terra , obrigando-os com o freio só. Conhecia elle a ordem das leis do movimento , com a qual , por meio do exercicio da Nobre Arte da Cavallaria , se aperfeiçoão os Cavallos nos seus andares , assim naturaes , como artificiaes : sabia que elles na acção do terra á terra são mais unidos , e justos nos seus movimentos , do que no ordinario galope ; e que os balanços do terra á terra procedem de jogo natural dos quadrís , garupa , e curvilhões do animal : não ignorava que os que tem propriedade para se formar na acção do terra á terra , se os obrigão a deter-se , e levantar-se mais das espadas , elles se formão na acção , e balanço do meio ar ; e quanto mais se levantão , e se demorão , mais detidos , e brilhantes são no seu meio ar.

Ora o salto do galope no terra á terra , e no meio ar he semelhante ; mas a determinação do movimento he diversa na obliquidade , no balanço , e no tempo. O Cavallo precisa no terra á terra recolher as ancas bem para baixo do seu corpo , collando as foldras para baixo da barriga com velocidade tal , que parece que o ventre se une a ellas em cada balanço que elle faz : e no meio ar toma hum balanço nas espadas detido , relevado , e largo , repartindo igualmente as suas forças com as espadas , e garupa , e assim marca na lição do meio ar com as pístas dos pés , e mãos quatro tempos iguaes , ou elle ande sobre os circulos , ou sobre o quadrado. Os tempos porém do terra á terra não tem tanta igualdade , nem são tão perceptíveis como os do meio ar , por estar o Cavallo mais unido sobre a garupa , e ser o movimento mais veloz ; ou elle marque o terreno , como se mostra na Fig. 1. da Est. XLII. , ou na da Est. XLIV. A linha que sahe do centro de humma , e outra Figura , mostra como o Cavalleiro deve situar o Cavallo junto ao Pilião , para não se embaraçar com elle.

Quando ElRei obrigava o Cavallo a formar-se na acção do terra á terra , sentava-se bem no meio da sella , sem pender para humma , ou outra parte ; firmava as costas bem para dentro do lugar dos rins até ás espadas , e era firme sobre os estribos , ao mesmo tempo que modificava a firmeza com proporção á maior , ou menor facilidade com que o Cavallo igualava os movimentos , ou tempos do terra á terra : após isso unia-lhe as pernas ao ventre ; e sem lhe atenuar a sensibilidade , fortalecia a sensação da perna de fóra , ou esquerda , e affroxava a da perna de dentro , sem perder o equilibrio , apoiando-se sempre bem sobre o estribo de dentro , e deste modo ajudava os Cavallos com a perna de fóra , sem que os espectadores , que o vião trabalhar , percebessem donde emanava a violencia , ou a moderação com que o conduzia , e obrigava , antes sim parecia que o animal trabalhava mais por sua vontade , que por effeito das diligencias com que era instigado.

Entre a força das sensações da redea direita, e da perna esquerda o hia encruzando cada vez mais, tendo a mão da redea de unhas affima, e o dedo minimo alguma coufa voltado para a espadua esquerda; mas se o Cavallo unia com excessão a espadua direita á esquerda, então com o pulso muito ligeiro, trazendo a mão para dentro, elevando-a para fóra, lhe collocava as espaduas bem adiante da garupa, a fim de o obrigar a seguir a acção, e balanço do bom terra á terra com a igualdade de movimentos de espaduas, e ancas, que se mostra na seguinte

E S T A M P A LIII.

De Sua Magestade, trabalhando hum Cavallo na acção do terra á terra para a direita sòmente com o freio.

Quando principiava a ensinar qualquer Cavallo nesta lição, havendo-o disposto pelas de que tenho tratado, fazia-o galopar unido, e perto da terra; e logo que elle hia com mais facilidade, o ajudava mais fortemente com a redea direita, fortalecia apòs isso as sensações da perna esquerda, e assim animava toda a sua aptitude, de forte que o animal, obrigado de todas estas diligencias, tomava o balanço do terra á terra; e tendo-lhe feito marcar tres, ou quatro tempos d'elle, modificava-lhe as forças das sensações com que o obrigava, para o trazer outra vez ao galope, e o ir facilitando a que tomasse os tempos do bom terra á terra, sem se apaixonar, e confundir; repetindo-lhe desta forte a lição, ou o trabalhasse no circulo com a garupa ao Pilão, ou fobre o quadrado.

Affim o encaminhava ao principio, já com as redeas separadas (se elle desobedecia) já com ellas unidas, (se se sujeitava, e deixava dominar) elle o encruzava desta forte entre as forças da redea de dentro, e a da perna de fóra, para que a sensação da redea direita o obrigasse a dirigir os movimentos da cara, peçoço, e espaduas, dobrando-se bem para dentro da volta, e as da perna esquerda lhe obrigassem a meia anca esquerda a unir-se á meia anca direita, para elle rebater os movimentos das espaduas bem para cima do ventre, quadrís, ancas, e curvilhões; pois que só deste modo pôde formar a verdadeira cadencia do terra á terra.

Ainda que este movimento procede em grande parte do jogo das articulações das juntas das ancas dos Cavallos, he certo que movendo-se a garupa no centro, as espaduas necessariamente caminham pelo grande espaço da maior circumferencia, e tem para transitar mais terreno que a garupa dez, ou doze vezes, e ainda mais, se anda muito curto: nesta lição não pôde jámais obliquar de chapa, sem que as espaduas vão ao menos adiante da meia garupa de dentro da volta, pois elle precisa ligar o balanço das espaduas com o da garupa em todos os tempos, que faz no seu terra á terra, de forte que parece cahir no chão com os pés, e mãos quasi ao mesmo tempo, como faz nos ares altos; mas executa sempre isto com movimento quadernario, a que dá principio em quanto se dobra para a mão direita, pondo primeiro na terra o pé esquerdo, depois o direito, logo a mão esquerda, e

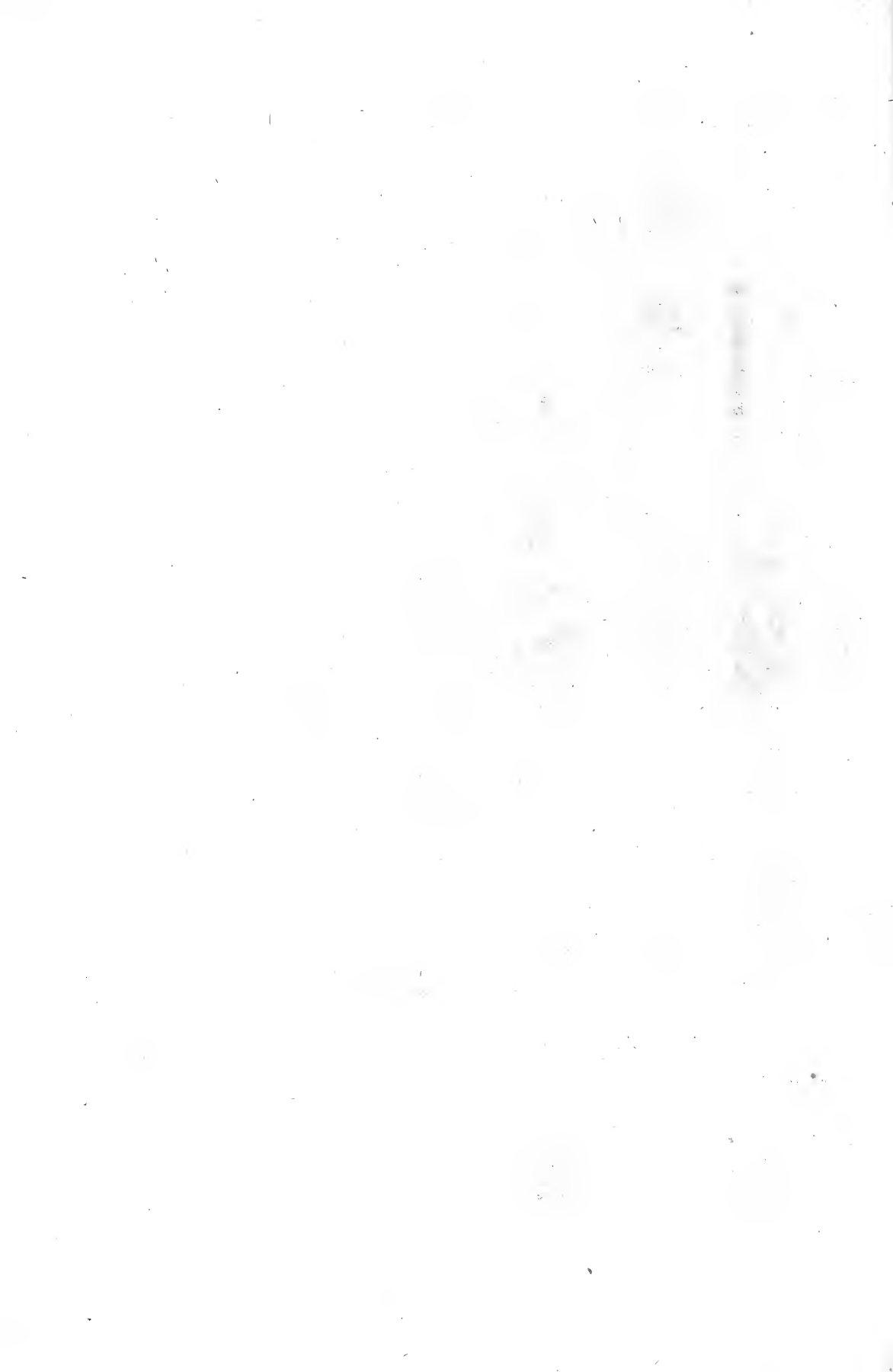
Fig. 1. — L'Inferno per il Cavallo a spasso.

Estampe de l'An. 1782.



Silva delin.

Trois sculp.



ultimamente faz a mão direita a ultima posição, posto que todas ellas se executão com summa brevidade.

Newcastle diz , que o terra á terra he hum seguimento de pequenos saltos, os quaes o Cavallo faz perto da terra ; e tambem he certo ser elle o fundamento das passadas, das poufadas, e de todos os ares altos, ou relevados, porque em quasi todos elles os Cavallos finalizão os seus saltos, cahindo com os pés, e mãos ao mesmo tempo na terra.

Modos, por que Sua Magestade fazia passar de mão qualquer Cavallo sobre a Fig. 2., e Fig. 3. da Est. XLII., trabalhando-o com o freio só. Methodo, com que acordava toda a sua bella figura para o fazer mudar de acção, e unir-se bem sobre a garupa na passagem.

O Brigava-o a passar de mão, trabalhando-o na lição, e acção do terra á terra da direita para a esquerda com o freio só, quando elle hia em movimento mais igual, e se deixava encruzar bem entre as forças da redea direita, e da perna esquerda, obedecendo com facilidade a humas, e outras sensações, e então o ajudava com ambas as pernas, e as redeas ambas a fahir da linha da maior circumferencia (N. 1. da Fig. 1., Est. XLII.) para a Fig. 2. pelas linhas da Letra E hum espaço de terreno correspondente á grandeza dos circulos sobre que trabalhava na Fig. 1., e ás difficuldades do Cavallo, ensinando-o a marchar direito de duas pistas até á Letra F, formando-lhe hum semicirculo della para G, indo-o fazer passar de mão pelas linhas de pontinhos de N para a Fig. 1., desdobrando-o sobre ella da direita para a esquerda; e tanto pelas linhas, como pelo meio circulo E, F, G, a pista da mão, e pé direito marcava a linha N. 1., e a da mão, e pé esquerdo a N. 2.

Tambem com igual facilidade elle obrigava qualquer Cavallo a passar de mão, fazendo-o fahir da Fig. 1. para a Fig. 3., já de quatro pistas, já obrigando-o por hum semicirculo, a que determinasse o movimento a passadas: então pelas linhas da Letra G o fazia fahir bem encruzado entre as sensações da redea direita, e da perna esquerda para a Letra H, e della para I, avivando mais pelo semicirculo toda a sua figura, fortalecendo mais, ou menos, quando era precisa, as sensações da redea direita, e da perna esquerda, tendo o seu corpo atrás, para que o Cavallo fizesse tres, ou quatro passadas; e logo que este lhe obedecia, lhe affroxava a actividade do corpo, mãos, e pernas, a fim de o trazer das passadas ao pequeno galope, e o ir facilitando deste modo a que formasse o semicirculo, sem se apaixonar, sem se atravessar, e sem se confundir no seu trabalho até chegar á linha N. 1. da Fig. 1., em que manejava, antes de principiar a formar a passagem; e do vertice do angulo mistilineo L o fazia passar de mão, obrigando-o a desdobrar-se da direita para a esquerda, com huma bizzaria, e promptidão summamente agradavel; e em quanto o Cavallo hia marchando pelas linhas rectas, e circula-

res,

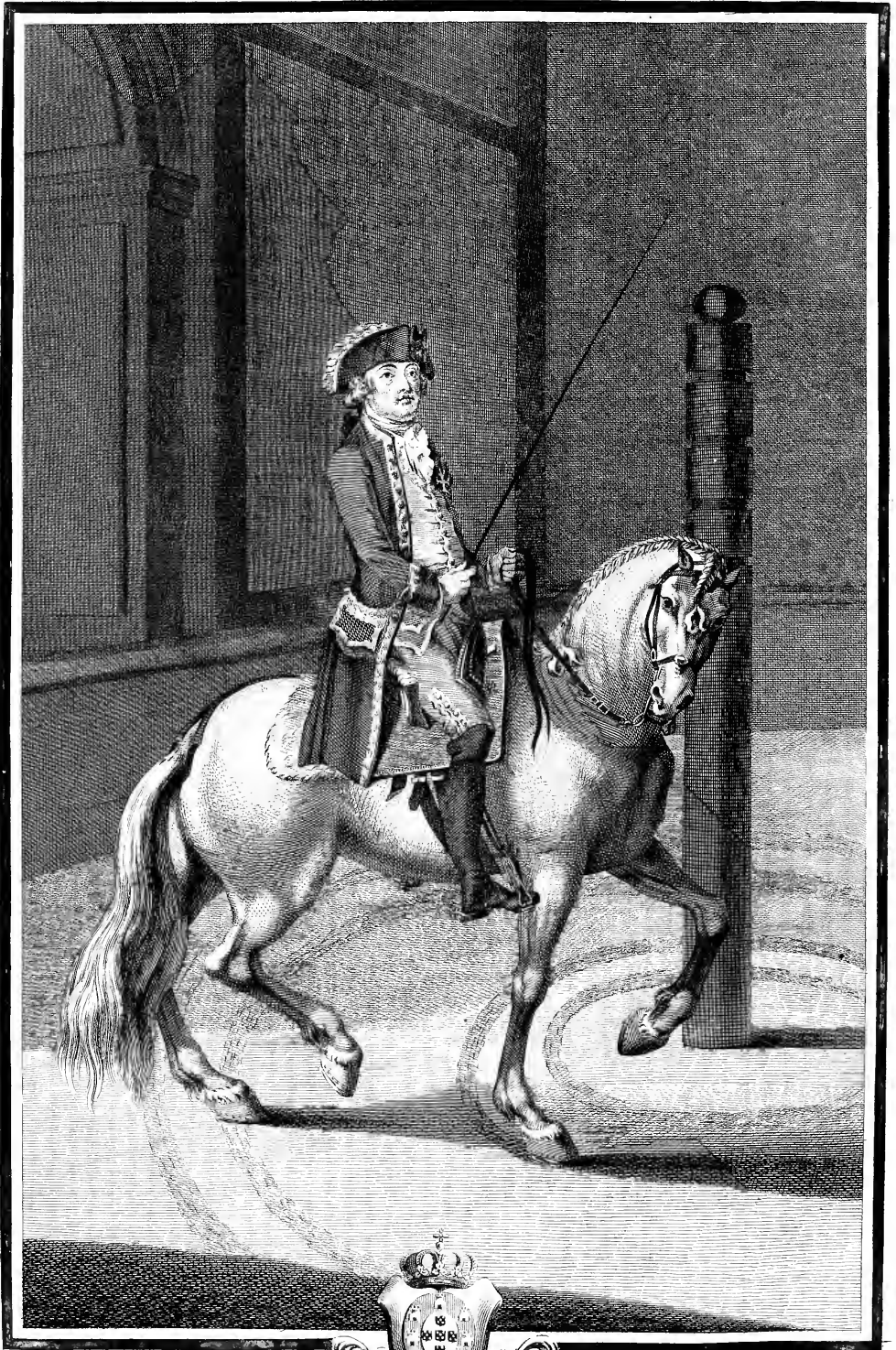
res, a pítta da mão direita marcava a linha N. 1., a da esquerda a N. 2., a do pé direito a N. 3., e a do esquerdo a N. 4.

Na passagem mudava Sua Magestade a acção da sua figura, e apòs isso fazia mudar a acção, e dobra do corpo do Cavallo: então instantaneamente sobre a Fig. 1. o fazia desdobrar da direita para a esquerda; e tanto que elle mudava de acção, obrigava-o com ambas as redeas, e as pernas ambas, primeiramente a entrar para diante; e logo pezando hum pouco mais sobre o estribo esquerdo, ajudava-o na inclinação circular para o centro da volta: e o Cavallo por effeito de todas estas sensações, não só obliquava circularmente para o centro, mas tomava a determinação do balanço do galope igual, e firme no seu movimento, e acção para a mão esquerda, como o era para a direita, antes de fazer a passagem, ou o trabalhasse com a garupa ao Pilão, ou com a cara contra a muralha. Esta boa ordem que Sua Magestade praticava, sem dúvida a devem seguir os mais abalizados Cavalheiros; e tanto quando lhe formarem as passagens de duas, como de quatro pítas.

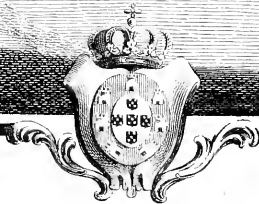
Antes de fazer desdobrar o Cavallo da direita para a esquerda com a redea direita, e a perna esquerda, o fazia unir mais sobre a meia garupa direita, e no vertice do angulo L, Fig. 1.: logo que estava unido, lhe affroxava a redea direita, e a sensação da perna esquerda; e segurando-lhe a redea esquerda com a mão de unhas assima, e o dedo minimo inclinado para a espadua direita, atrazava a espadua esquerda, adiantava a mão, e espadua direita, e assim alternativamente o fazia determinar a direcção para a esquerda, &c. fazia elle estes movimentos em quanto o Cavallo no balanço das espadas mudava a acção, e dobra do corpo da direita para a esquerda, em que por effeito da passagem o obrigava a seguir a mesma lição, e acção, em que o formava para a direita antes de o fazer passar de mão.

Lição da volta ao revés para a direita ao passo, e trote com o freio só.

DEpois de Sua Magestade trabalhar o Cavallo na lição do terra á terra, communmente o passeava na da volta ao revés com a testa contra o Pilão, ou com as espadas ao centro, para o obrigar a completar o seu trabalho sujeito na obediencia da redea de dentro da volta, e de fóra do centro, e da perna da parte do centro, e de fóra da volta para a mão direita, como se mostra na seguinte Estampa.



W. J. G. del.



E S T A M P A LIV.

De Sua Magestade , formando bum Cavallo na acção da volta ao revés para a direita com o freio só.

O Brigava ElRei qualquer Cavallo a formar-se na acção da volta ao revés, dobrando-o para a direita, fazendo-lhe sentir as sensações de ambas as pernas, para que se movesse obliqua, e circularmente para fóra, avançando sempre terreno, o que se não póde fazer sem o encruzar bem entre as forças da redea direita, e da perna esquerda; e deste modo he que elle o fazia entrar com as espaldas para o centro, á proporção do que a garupa fahia para a circumferencia: ora em tal caso, quando a mão do Cavalleiro de unhas abaixo fahe para a esquerda, e a perna esquerda se une mais atrás das cilhas, obriga a garupa a entrar para a direita: e a sensação da emboca dura, e barbela he mais activa da parte esquerda, e por isso o Cavallo volta para a direita dobrado com maior curvidade, e com mais graça.

Em quanto formava o Cavallo nesta acção, avançava a espada esquerda á proporção da dobra que lhe fazia observar no pescoço, e corpo, e da mesma forte atrazava a espada direita, sem já mais perder o equilibrio, que se deve conservar sempre no meio da sella, para o corpo, mãos, e pernas gozarem dos seus movimentos com perfeição.

He a lição da volta ao revés aspera aos Cavallos, porque a perna de dentro da sua dobra do corpo a cada passo vai para fóra do circulo, em que elle anda: fahe do ponto de gravidade, e marca o circulo da maior circumferencia, assim ao passo, como ao trote; e a perna esquerda neste caso, sendo a de fóra desta volta, he a que entra para baixo do ventre, e ponto de gravidade: e assim como trabalhando elle sobre a volta, olha, e se dobra para o ponto do centro, e neste caso o pé de dentro, e a mão de fóra vão buscar o ponto de gravidade; e trabalhando dobrado para a direita, se reparte o pezo sobre a mão esquerda, e pé direito. Quando se dobra para a direita na acção da volta ao revés, a mão direita, e pé esquerdo he que vão buscar o ponto de gravidade, e por consequencia elles soffrem mais o pezo, do que o pé direito, como se vê na Est. XXXVI., Fig. 1., na Est. XLVII., e na Est. LIV.

Quanto menor he o circulo em que trabalham as espaldas, menos, e mais apertado he o seu movimento; assim como tambem á proporção he mais largo o movimento da garupa, quando ella descreve a maior circumferencia: logo pelas mesmas causas, entrando as ancas para o centro, ellas tem menos movimento que as espaldas.

Se o Cavallo se encoitava com excessão sobre a espada esquerda, ou de dentro do centro, ElRei promptamente levava a mão esquerda de unhas affima para dentro da volta, a fim de que o animal se indreitasse, e unisse a espada esquerda á espada direita, e concava; mas logo que lhe obedecia, tornava a levar a mão da redea ao seu lugar, para que o Cavallo se não desmanchasse da sua acção.

Ora quando elle determinava os seus movimentos com desigualdade ao passo, e trote, e ao galope, tambem promptamente para o remediar o ajudava com o equilibrio do corpo, com a mão, com os joelhos, barrigas das pernas, e esporas no tempo em que elle o precisava, encaminhando-o depois com muita moderação para não lhe atenuar a sensibilidade com o successivo costume das sensações, e castigos violentos.

Defta forte os ensinava, e aperfeiçoava na lição, e acção da volta ao revés com as espaduas ao centro, e cara contra o Pilão ao passo, e trote para a direita, obrigando-os a marcar o terreno com as pistas das mãos, e pés, como se vê na Fig. 1. da Est. XXXVI.

Fórmãs de fazer passar de mão os Cavallos, trabalhando-os na lição da volta ao revés, ao passo, e trote com o freio só, marcando as espaduas os semicirculos da maior circumferencia, e a garupa os da menor, Fig. 2., Est. XXXVI.; como tambem marcando as pistas dos pés as linhas da maior circumferencia, e as das espaduas a menor, como se vê na Fig. 3. da mesma Estampa.

Querendo-o Sua Magestade fazer passar de mão da direita para a esquerda, trabalhando-o na lição da volta ao revés, fazia-o fahir da Fig. 1. para a Fig. 2. pelas linhas da Letra M para P, obrigando-o a que marcasse os circulos maiores N. 1., e N. 2. com as pistas das mãos, e os circulos do centro N. 3., e N. 4. com as pistas dos pés; e chegando á Letra O pelas linhas de pontinhos, o passava para a Fig. 1.: então sobre a Letra N affroxava a redea direita, e a perna esquerda, fortalecia a sensação da redea esquerda, e da perna direita, e assim o fazia desdobrar da acção, e passar para a lição da volta ao revés sobre a esquerda.

Tambem o obrigava a passar de mão, fazendo-o partir da Fig. 1. para a Fig. 3.; e pelas linhas F o obrigava mais com a perna esquerda a que marcasse com as pistas dos pés as linhas da maior circumferencia N. 3., e N. 4., e com as pistas das mãos as da menor N. 1., e N. 2.: neste caso lhe hia contrapondo cada vez mais as sensações da redea direita ás da perna esquerda, levando a mão da redea de unhas abaixo para o centro do semicirculo que hia formando com huma força tão proporcionada ás sensações com que o obrigava com a perna esquerda, e á determinação da maior, ou menor velocidade do movimento do Cavallo, que o obrigava a formar-se em boa acção, e decrescer com as pistas da garupa as linhas da maior circumferencia até chegar á Fig. 1., Letra S, em que o fazia passar de mão, e mudar de acção da direita para a esquerda, usando dos mesmos movimentos do corpo, mãos, e pernas, de que já disse usava para o fazer passar sobre a Fig. 2.

Esta lição da volta ao revés dispõe grandemente os Cavallos para se dobrarem com facilidade, e segurarem tanto na igualdade dos movimentos, como na obe-

obediencia da mão , e pernas do Cavalleiro : por isso Sua Magestade os passeava por este modo, quando os pertendia apromptar para a lição do terra á terra.

Lição do terra á terra para a esquerda.

Tendo eu a honra de assistir, e ver andar a cavallo o Excellentissimo Marquez de Marialva D. Pedro frequentemente , levanto a fraca voz para fallar deste Genio extraordinario, que além de insigne Cavalleiro, com as suas virtudes exemplares tem ennobrecido a especie humana. Os seus maravilhosos talentos , as suas gloriosas acções o tem muito distinguido do commum dos Homens da sua classe; e a inexaurivel Natureza tem mostrado que sempre pôde produzir homens grandes, e raros.

Os Persas, os Gregos, e á sua imitação os Romanos, fazião esculpir em marmore , e bronze as distintas acções dos seus Heroes , para que estes monumentos da sua gloria viessem a ser estímulos de honra ás futuras gerações.

Eu não podendo levantar Padrões , nem erigir estatuas a Sua Excellencia, escrevo esta memoria , desejando perpetuar na lembrança dos Homens as suas raras qualidades : este pois que por stirpe dos Heroes famosos he legitimo descendente dos Monarcas Lusitanos , e dos invenciveis Menezes , Grandes Generaes, perfeitos Politicos, Cidadãos zelosos, Grandes em virtudes, em qualidades Grandes , Illustres em Sciencias , em acções famosos. Este Neto do grande General D. Antonio Luiz de Menezes existe entre nós para felicidade da Patria , e lustre das Artes, e das Sciencias. As sublimes qualidades, de que he adornado o seu espirito, sómente as deve á sua profunda meditação , e ao seu genio feliz. Se aqui fora lugar proprio para tecer-lhe hum elogio , sómente me contentára com a eloquencia com que Cicero, e Plinio fizerão immortaes Pompeo, e Trajano: merecêrão tanto louvor aquelles dous Conquistadores, que se empenhárão em fazer nadar em sangue humano a tantos Homens; e Sua Excellencia com objecto mais nobre, como bom politico, se empenha em conservar a paz entre os Homens, e em proteger as Sciencias, e as Artes; porém ainda que eu conheço a debilidade dos meus talentos , não devo deixar em silencio a pericia com que elle maneja a Liberal, e Nobre Arte da Cavallaria.

Trabalha qualquer Cavallo , assim pelo direito , como com a garupa ao Pilaão, com a cara contra a muralha, e espaduas ao centro, e em todos os mais reversos , que elle pôde fazer no manejo ao passo , ao trote , ao galope no terra á terra, e nos ares altos, ou relevados com tanta perfeição, como ainda não vi outro algum Cavalleiro : elle determina todos os movimentos do seu corpo , mãos, e pernas com tal propriedade, e tão acordemente, já para ajudar, já para castigar o Cavallo, que lhe obedece o animal até onde alcança a sua possibilidade.

He certo que sendo raros os Cavalleiros, que podem ajudar, e obrigar nestes trabalhos os Cavallos (com o equilibrio , joelhos , e pernas) a que entrem para diante, e para o freio com perfeição, a elle he isto tão facil, quanto aos mais difficuloso; e maiormente custa se o Cavalleiro tem sempre as curvas das pernas fle-

xiveis, e firmes, como Sua Excellencia, que ainda quando contrapéza para dentro, ou para fóra da volta, sempre o faz, ajudando-se dos seus joelhos, e pernas, sem perder a firmeza do equilibrio, e a flexibilidade das curvas, e por isso os encaminha com huma indizível promptidão.

Os Cavallos, que elle ensina, andão sempre bem para diante, e ao mesmo tempo se dobrão muito, e com graça, e igualdade, tanto marchando para a direita, como para a esquerda, porque lhes busca o apoio, onde elles o tem, segundo a sua constructura; e por isso he que os póde dobrar com tanta perfeição em toda a sorte de trabalhos, assim naturaes, como artificiaes.

Applica-se á Nobre Arte da Cavallaria de forte, que tendo de idade mais de setenta e seis annos, todos os dias preside á Picaria, trabalhando muitos Cavallos, e Potros com tanto desembaraço, e promptidão, como se estivesse em idade juvenil, para exemplo, e confusão da culpavel indolencia a que infinitos Homens se entregão; porque não só nesta, mas em outras Artes, e Sciencias deo a Providencia a este grande Homem aquellas distinctas qualidades, que raras vezes participa aos seus semelhantes.

Ha Cavalleiros, que andão bem sobre Cavallos ensinados por outros: e ha Homens, que tem propriedade, conhecimento, e talentos para os dispor, encaminhar, e ensinar desde os seus primeiros principios, debaixo do methodo regular da Arte, até os formar bem em todas as lições, que lhes são proprias. Ora entre os mais distinctos Professores elle he o que possui esta propriedade, conhecimento, e talentos com mais perfeição: eu o vi trabalhar hum Cavallo, além de outros muitos, chamado Aventureiro, ao qual dispoz desde os primeiros rudimentos debaixo do methodo regular que a Arte ensina, e o chegou a tanta obediencia, que para mostrar quanto o costume, e as sensações bem applicadas rendem os Cavallos faceis, e promptos na presença de Suas Magestades a Senhora D. Maria I., D. Pedro III., e Suas Altezas, o chegou a trabalhar nas seguintes lições.

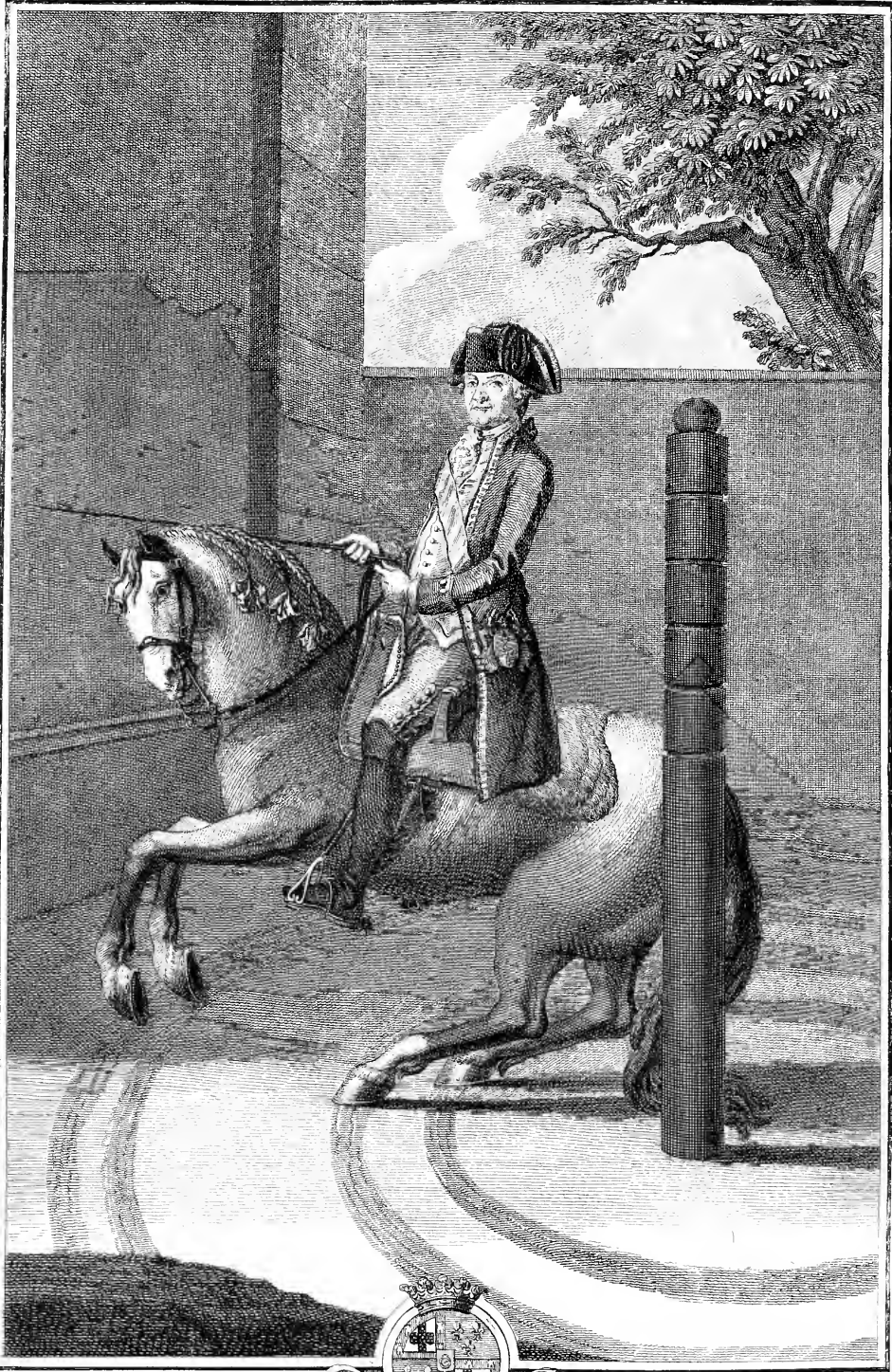
Primeiramente o trotou pelas linhas da muralha com a meia garupa ao centro, depois o fez trabalhar na lição das espadas dentro por todo o terreno, já ao trote, já ao galope: desta o passou á lição da cara contra a muralha, ou espadas ao muro, ao passo, ao trote, e ao galope, fazendo-o passar de mão nas extremidades das linhas rectas da muralha, obrigando-o pelos femicirculos dos angulos a formar as passadas com a maior perfeição: após isso o fez passar á lição dos quatro circulos, como tambem á da volta ao revés, junto ao Pilão do centro, e por todo o terreno, e ultimamente á lição do terra á terra, tanto com a garupa ao Pilão, como sobre o quadrado, e por todo o terreno, formando-lhe nas extremidades das linhas da muralha, humas vezes angulos rectos, outras angulos agudos, e obtusos, ou tambem mestilineos, e curvilineos, chamando-o pelos seus arcos, ou femicirculos, já ás passadas relevadas, deixando-o no fim dellas, humas vezes com a garupa ao centro dos femicirculos, outras formando-lhe pequenos circulos, ora com as espadas, ora com a garupa ao centro, sem que para o obrigar a tudo isto tivesse o Cavallo na boca mais que huma fitta, com a qual se deixava governar: e foi tão exacta a obediencia do animal, que já mais faltou em alguma def-

Marquez de Marabito

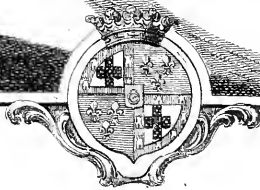
Sta Cruz de Santiago

(Al Sta Cruzes forou criada: a - 2000)

Estampa 55. Pag. 549.



del. del.



destas acções a obedecer a tudo quanto se lhe determinava. Ah! que se Newcastle o víra trabalhar assim, talvez que esquecido do seu Capitão Mafem teria mais que admirar.

Por semelhante modo fez ver ao Serenissimo Infante D. Antonio que o equilibrio do corpo do Cavalleiro no meio da sella he sem contradicção util para o Cavallo se collocar com igualdade, e obediencia nas differentes acções, em que se move: em hum Cavallo chamado Arrogante, que elle ensinou, posta a sella, sem cousa alguma que a apertasse, Sua Excellencia do montadouro se poz a cavallo, e o trabalhou depois em varias lições até á do terra á terra, com tanta firmeza, e segurança, como se a sella estivesse bem apertada. Isto justifica o seu perfeito equilibrio, e tambem que delle procedem muito as leis, que determinão os movimentos dos Cavallos em todas as lições que podem executar: e por isso os da sua lição trazem as espaduas bem no seu devido lugar, de sorte que por muito que se dobrem, são infinitamente sensiveis ás mãos, e pernas, porque elle os encruza bem entre as sensações da redea de dentro, e da perna de fóra, como passo a ponderar.

Senta-se bem no meio da sella para o formar nesta lição; e após isso he que o encaminha com ambas as pernas, e as redeas ambas, para que ande bem para diante; e se he rude, ou pouco facil de alguma parte do corpo, elle lhe conhece a origem do seu defeito, e promptamente lhe applica lições convenientes a vencer-lhe as difficuldades, obrigando-o com toques proprios, de forte que o animal se lhe sujeita quanto póde; e isto he em que consiste o ser bom Cavalleiro.

He difficuloso levar a mão esquerda de unhas affima da cernelha para fóra, sem que se atravesse, ou atraze a espadua direita do Cavalleiro contra a linha circular da espadua esquerda do Cavallo; mas sua Excellencia o faz, conservando sempre a boa symmetria da sua figura, e por isso o ajuda, e encaminha, unindolhe a perna de fóra (seja mais, ou menos veloz o seu movimento) com a actividade, e viveza precisa a fazello obedecer, de forte que parece se determina, e se fórma na acção do terra á terra muito por sua vontade, como se observa na seguinte

E S T A M P A L V.

Do Excellentissimo Marquez de Marialva, formando hum Cavallo na lição, e acção do terra á terra, obrigando-o a dobrar-se para a esquerda com o freio só.

DAs boas articulações das ancas dos Cavallos procede muito a exactidão dos movimentos do terra á terra; e da boa disposição com que Sua Excellencia os fórma logo desde as primeiras lições, lhes resulta tanta facilidade, e tanto desembaraço, que ainda não tendo elles toda a precisa propriedade, lhe obedecem até onde as suas forças podem alcançar. Tem Sua Excellencia facilmente a mão esquerda para a parte de fóra da cernelha do peçoço do Cavallo, (isto he, para a direita) voltando-a com o pulso ligeiro, e firme de unhas affima, e o dedo minimo

inclinado para a espadua direita, sómente quanto basta, a fazer com a senção da redea esquerda, ou de dentro da volta, que o Cavallo lhe obedeça, e volte para a esquerda, quanto elle quer. Neste caso firma os cotovellos pelas linhas perpendiculares dos hombros, e dos ossos dos seus quadrís, para desta forte conduzir as mãos unidas, e fazer seguir huma á outra redea, a fim de o obrigar assim unido a que volte circularmente, e a que determine os movimentos, e a direcção com igualdade.

Galopando-o com a garupa ao Pilão bem encruzado entre as forças da redea esquerda, e da perna direita, por meio das diligencias já notadas, Sua Excellencia aviva mais toda a sua figura, tem o corpo mais firme, e para trás, faz-lhe sentir a redea de dentro mais forte, dando-lhe no tempo, em que elle fórma o balanço, para se levantar das espaduas, hum toque mais forte com a perna direita, ou de fóra da volta, consentindo com a mão da redea, e com o seu corpo, em que o Cavallo, por effeito daquellas senções, tome alguns tempos do terra á terra; e tanto que elle lhe obedece, affroxa-lhe as senções com que o obriga, fazendo-o sómente seguir a acção de hum galope mais modificado, seja para lhe repetir outra vez a mesma lição até se confirmar no terra á terra, seja para o indireitar no terreno entre a redea de dentro, e a perna de fóra.

Passagens de mão da esquerda para a direita.

DEpois de o haver trabalhado na lição do terra á terra, para lhe aliviar a parte de fóra, o obriga a passar de mão da esquerda para a direita. Se o faz marchar sómente de duas pístas, quando sahe da circumferencia para fóra, logo o vai indireitando bem no terreno com as redeas ambas, e ambas as pernas; e assim o faz partir (se anda trabalhando sobre o circulo) da linha N. 1., como se mostra na Fig. 1., Est. XLIV. para a Fig. 2. pelas linhas de E para F, fazendo-o marchar direito de duas pístas, assim pelas linhas E, F, como pelos semicirculos F, G até H, em que o faz mudar de acção. No tempo da passagem aviva toda a sua figura, tem a mão esquerda de unhas assim, e o dedo minimo voltado para a espadua direita, retira para trás a espadua esquerda, fortalece a senção da perna direita, para o Cavallo se unir bem sobre a meia anca esquerda; e logo que elle se une desta forte sobre a linha N. 4., o faz marcar com as pístas das mãos as linhas N. 1., e N. 2. para sobre ellas o fazer passar de mão, desdobrando-o com a redea direita (em toda a sua acção) da esquerda para a direita. Ora no tempo do balanço das espaduas, em que lhe fortalece a redea direita, affroxa-lhe a esquerda; e após isso no balanço da garupa, quando lhe affroxa as senções da perna direita, fortalece-lhe as da perna esquerda para avançar o pé direito no balanço da garupa; e logo que o Cavallo (sendo encaminhado deste modo) determina a sua direcção para diante, fortalecendo-lhe, e modificando humas, e outras senções, o obriga a formar-se na mesma boa acção para a direita, como antes da passagem andava para a esquerda.

Modo de obrigar o Cavallo a passar de mão da esquerda para a direita, marcando quatro pistas, como se mostra na Fig. 3.

Tambem o obriga muitas vezes a que forme a passagem de mão, sahindo das linhas da Fig. 1., Est. XLIV., pelas linhas I: então o aviva, e obriga mais com a perna direita, e com a redea esquerda, para que forme quatro pistas; e pelo femicirculo L, e M o encruza cada vez mais entre as forças da redea esquerda, e da perna direita, modificando-lhe pelas linhas de pontinhos a força com que o obriga, para o fazer mudar de acção sobre N, e seguir as linhas do circulo da Fig. 1. com a mesma boa ordem com que o faz passar de mão, formando-lhe a Fig. 2.

Se o ensina pelos femicirculos a fazer algumas passadas, tendo-o chegado a L, anima, e fortalece mais toda a sua figura, tem a mão esquerda mais de unhas affina, e o dedo minimo voltado para a espadua direita, retira para trás com mais actividade a espadua esquerda; e fortalecendo as sensações da perna direita cada vez mais, obriga o Cavallo a que faça quatro, ou finco passadas, rebatendo bem todos os movimentos das espadas, e corpo para cima da garupa; e logo que elle lhe obedece, Sua Excellencia lhe affroxa as sensações com que o anima, e o faz seguir a acção de hum galope mais modificado, encruzando-o sempre bem entre as forças da redea de dentro, e da perna de fóra, até o fazer passar de mão da esquerda para a direita.

Logo que o faz chegar ao vertice do angulo, seja sobre H, ou sobre N, com a redea esquerda, e a perna direita o obriga a unir-se bem sobre a meia anca esquerda, para o fazer mudar toda a acção da sua figura; e seja a passagem de duas, ou de quatro pistas, tendo assim chegado ao vertice do angulo, lhe affroxa as sensações da redea esquerda, e da perna direita, fortalece as da redea direita, e da perna esquerda, e da mesma forte muda a acção em todo o tronco do seu corpo, para o Cavallo se desdobrar da esquerda para a direita, e seguir a direcção do seu movimento com a mesma brilhante graça para a direita, com que manejava para a esquerda, antes de passar de mão.

Com as mesmas diligencias com que se obriga o Cavallo a mover-se para se formar na lição, e acção do terra á terra, se obriga tambem a trabalhar na lição do meio ar; porque esta só differe da do terra á terra em elle rebater menos os movimentos para cima da garupa, ou em determinar os movimentos mais detidos, e mais lentos das espadas, e garupa, do que na lição do terra á terra.

Eu creio ter bem provado que Sua Magestade obrigava os Cavallos na lição do terra á terra para a direita com ambas as pernas, e com as redeas ambas, para marcharem para diante, applicando-lhe apôs isso alguns toques da perna esquerda mais, e menos activos para os ir encruzando entre as forças da redea direita, e da perna esquerda, a fim de os fazer rebater os movimentos das espadas para cima dos da garupa. E igualmente digo o modo, por que o Excellentissimo Marquez de Marialva lhe faz determinar os movimentos para diante, quando os faz trabalhar nesta lição para a esquerda: logo creio tambem que está provado que

com

com a redea de dentro, e a perna de fóra se obrigão os Cavallos a dobrar-se para dentro da sua volta, e que isso os faz levantar das espaduas, sujeitar da garupa, e rebater os seus movimentos para cima do ventre, e das ancas; e desta forte se obrigão a abraçar, ou alcançar pelos circulos, e femicirculos com as pistas das mãos bem o terreno, que tem para caminhar, seja trabalhando sobre a circumferencia, ou sobre o quadrado longo, ou regular: por consequencia estas diligencias lhe fazem determinar o balanço do galope com igualdade de tempo, movimento, acção, e dobra, tanto para huma, como para outra parte.

Lição da volta ao revés, trabalhando o Cavallo dobrado para a esquerda com o freio só.

HAvendo-o Sua Excellencia trabalhado na acção do terra á terra para a esquerda, como venho de dizer, para finalizar-lhe a lição, o costuma passar na acção da volta ao revés com as espaduas ao centro, e a testa contra o Pilão, a fim de o confirmar na obediencia da redea de dentro, e da perna de fóra; e ainda que eu digo que elle encruza o Cavallo sempre entre as forças da redea esquerda, e da perna direita, nem por isso se deve entender que deixa de o ajudar com ambas as redeas, e ambas as pernas, quando elle lhe duvida, ou determinadamente fica para trás; e tambem quando se desfigura no movimento, e anda mais com a garupa, do que anda com as espaduas; pois havendo semelhantes acontecimentos, (posto que o faça andar para a esquerda) não só o ajuda com a perna esquerda, mas se he preciso, usa da redea direita para o indireitar bem no terreno, a fim de o vir a chegar a encruzar com perfeição entre as forças da redea esquerda, e da perna direita, como todos os Authores recommendão. O mesmo se deve entender, trabalhando-o nesta lição para a direita.

He difficultoso sustentar o Cavalleiro a acção da sua figura com huma symmetria igual para a mão esquerda, maiormente quando se trabalha nesta lição; e sem esta igualdade, não costuma o Cavallo obedecer bem; mas como para o Excellentissimo Marquez não ha nesta Arte difficuldades, e he igual no seu modo de trabalhar, tanto fazendo marchar o Cavallo sobre a direita, como sobre a esquerda, elle lhe une as pernas ao ventre com huns toques instantaneos, e promptos, fazendo-lhe (sempre que elle se deixa dominar) os da perna direita mais activos; e as sensações da redea esquerda, tendo o corpo bem no meio da sella, ou ponto de equilibrio, avançando a espadua direita (não obstante a força centrifuga da dobra do corpo do Cavallo fazer-lhe grande opposição) atraza a esquerda, tem a mão da redea de unhas assima, e o dedo minimo inclinado para a espadua direita, a fim de o encruzar cada vez mais entre as forças da redea esquerda, e da perna direita; e he certo que trabalha assim qualquer Cavallo, ajudando-o sempre com muita actividade ao passo, ao trote, e ao galope, conservando toda a sua figura na acção que se mostra na seguinte Estampa.



E S T A M P A LVI.

Do Excellentissimo Marquez Estribeiro mór, formando hum Cavallo na acção da volta ao revés, dobrando-o para a esquerda com o freio só.

OS movimentos dos Cavallos nesta lição ao passo, e trote são violentos; mas ao galope he o mais rigoroso castigo, que o Cavalleiro lhes póde dar; porque os obriga a formar nesta acção o reverso daquellas, em que elles propria, e naturalmente se movem. Ensina-os Sua Excellencia a determinar o movimento sempre igualmente; e vence isto, segurando-lhes as redeas em tal comprimento, que sem desconcertar-se, ou fazer grandes movimentos, os faz obedecer, já levando-lhes a mão da redea para dentro da sua volta, logo que elles se desigualão dos movimentos das espadas, por se lançarem mais sobre a direita de dentro do centro; já levando a mão de dentro da volta para o ponto do centro, quando se desigualão do movimento, e acção, por se lançar muito sobre a espada esquerda de fóra do centro, e de dentro da sua volta.

Com os movimentos das mãos acorda os dos joelhos, barrigas das pernas, calcanhares, e esporas, de forte que no tempo, em que traz a mão de unhas affirma para a direita, fortalece a senção da perna direita; e quando leva a mão da redea da cernelha para a esquerda, fortalece as senções da perna esquerda para o obrigar a descrever com as pistas dos pés as linhas da maior circumferencia com tanta facilidade, que parece o animal determina os seus movimentos mais por sua vontade, que pela força dos toques com que he obrigado.

Para Sua Excellencia conseguir isto, he que se affenta bem no meio da sella, e ponto do equilibrio, pezando sempre alguma coufa mais sobre o estribo da parte, para onde o Cavallo olha, e se dobra, que he a que sempre fica sendo de dentro da volta: elle se conserva naquella posição para com a força centripeta do pezo do seu corpo aliviar ao Cavallo aquelle pezo, que, por effeito da força centrifuga, lhe recahe mais sobre a perna direita de fóra da volta, e de dentro do centro, a qual sempre se levanta menos do terreno, que a esquerda de dentro da volta nesta lição, para se poder curvar da foldra até ao travadouro.

Passagens de mão da esquerda para a direita, formando o Cavallo na acção da volta ao revés.

QUando o pertende fazer, passa de mão, trabalhando-o na lição da volta ao revés da esquerda para a direita: dos circulos da Fig. 1., Est. XXXVIII., o encaminha, já com a redea esquerda, e a perna direita, já com as redeas ambas, e ambas as pernas, para a Fig. 2., pelas linhas de pontinhos de C para G: então com a redea esquerda, e a perna direita o obriga cada vez mais a marcar com as pistas da mão direita, e esquerda os circulos N. 1., e N. 2.; e com as

Yy do

do pé direito, e esquerdo, os circulos N. 3., e N. 4. mais juntos do centro, encruzando-o affim cada vez mais entre as forças da redea esquerda, e da perna direita, até chegar á Letra A, Fig. 1., em que o faz passar de mão, desdobrando-o da esquerda para a direita. No tempo da passagem affroxa a força das redeas esquerdas, e da perna direita, fortalece as da redea direita, e da perna esquerda, quanto basta a formallo na acção da volta ao revés para a direita com tanta perfeição, como antes da passagem o formava para a esquerda.

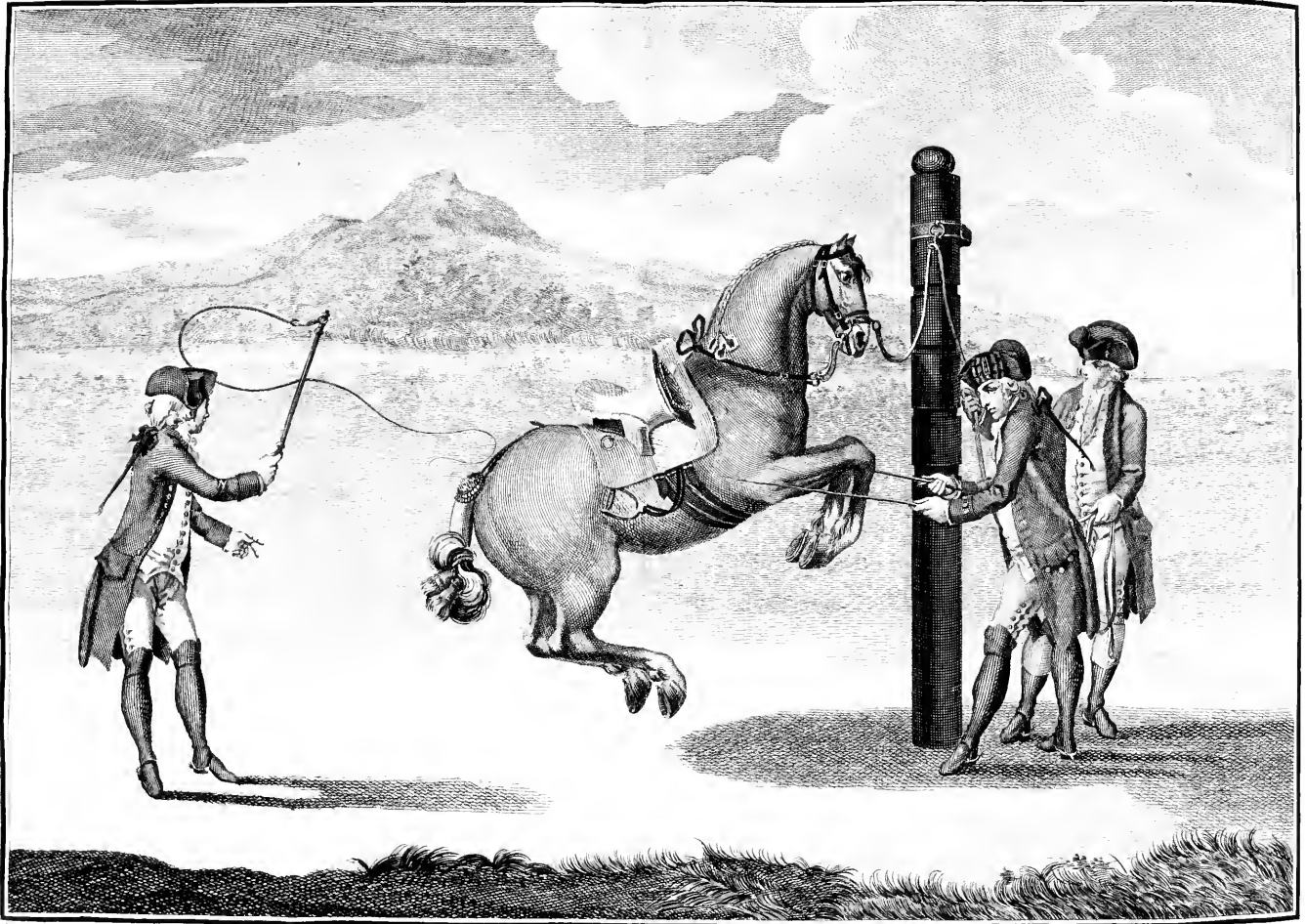
Modo de obrigar o Cavallo a formar as passagens de mão, marcando as pistas dos pés as linbas maiores, e as das mãos as linbas menores, sendo obrigado com o freio só.

FAz tambem passar o Cavallo de mão, obrigando-o a partir, (da Fig. 1., Est. XXXVIII. para a Fig. 3.) e pelas linbas de Letra E, e Z o faz marcar com as pistas da mão direita a linha N. 1., com a da esquerda a N. 2., com a do pé direito a N. 3., e com a do pé esquerdo a N. 4. da maior circumferencia, encruzando-o cada vez mais entre a força da redea esquerda, e da perna direita desde S até O, obrigando-o pelas linbas de pontinhos a ir fazer a passagem sobre as linbas da Fig. 1., Q, onde tambem com a redea direita, e a perna esquerda o desdobra da acção para a direita.

Em quanto o vai encaminhando pelas tangentes E, e Z da Fig. 1., e pelo semicirculo S, e O, lhe rende, e sustem a mão da redea, levando-a de unhas affirma para a direita, e frequentes vezes tambem para a esquerda, affroxando, e fortalecendo alternativamente as sensações de huma, e de outra perna, de tal sorte oppostas ás de huma, e de outra redea, que o Cavallo se conduz, descrevendo com as pistas dos pés os semicirculos N. 3., e N. 4., S, e O, e com os das mãos os semicirculos N. 1., e N. 2., até pelas linbas de pontinhos chegar ao vertice da passagem Q: não obstante Sua Excellencia o faz tambem passar de mão da lição da volta ao revés para aquella, que lhe parece mais conveniente. Eu aqui unicamente mostro o modo, por que o faz passar de mão pelos circulos, e semicirculos com a garupa ao centro Fig. 2., ou tambem marcando o terreno, como se vê na Fig. 3., do que faço menção para dar alguma idéa de formar humas, e outras passagens nesta lição da volta ao revés, tanto fazendo-os marchar dobrados para a direita, como para a esquerda.

Lição do meio ar para a direita.

AInda que a brilhante acção do meio ar seja muito semelhante á do terra á terra, com tudo os movimentos do Cavallo são em grande parte differentes, e por isso se ensinão a formar nesta acção junto ao Pilão do centro, como se mostra na seguinte Estampa.



E S T A M P A LVII.

De hum Cavallo junto ao Pilão do centro na acção do meio ar de firme a firme.

Tendo o Cavallo propriedade para se formar na acção do meio ar , logo que elle galopar , deve ser muito leve na embocadura do freio ; deve ter hum apoio firme, e facil ; deve ter muita sensibilidade ás impressões dos joelhos , barrigas das pernas , e calcanhares do Cavalleiro , sahindo bem da mão , parando com facilidade , e voltando promptamente para huma , e outra parte ; deve ter na sua galopada hum balanço relevado , facil das espadas , e muito igual da garupa ; deve dobrar-se do peçoço para onde olha , e anda com facilidade ; e da mesma forte deve dobrar os joelhos , e as juntas , e travadouros das quartelas , de maneira que mostre as ferraduras das mãos , dobrando igualmente os travadouros dos jarretes , mostrando alguma cousa as ferraduras dos pés , logo depois de deixar ver as das mãos.

Tendo as referidas propriedades , devem mettello entre os Pilões para o fazer unir sobre a garupa , e levantar-se cada vez mais sobre ella igual no movimento , e acção do meio ar ; tendo porém larga a fella , o rabicho , as redeas do freio , e cabeção , quando lhe principião a formar este trabalho . Ora sendo tudo assim disposto , muito mansamente o irão fazendo mover para hum , e outro lado , a fim de que se levante , sem que precise ser muito castigado com a guia , açoute , ou vara : neste caso he bom ajudallo , ora de hum , ora de outro lado : sendo os Pilões no meio do parapeito , e sendo nos lados d'elle (como se mostra na Est. I. , N. 4. , e N. 5.) junto á parede , devem fazello passar muitas vezes de mão para o ajudar por huma , e por outra parte , sem lhe segurar a guia fortemente para baixo , para que não se levante mais da garupa que das espadas , e se desmanche da acção , para que tem propriedade , antes sim devem fazello unir sobre as ancas ; e logo que fizer alguns tempos bem , formando-se na acção , que se mostra na Est. LVII. , devem parallo , e affagallo , para lhe mostrar que faz bem , repetindo-lhe de dia em dia a lição por este modo , até se levantar com facilidade entre os Pilões , para o passar a formar-se na mesma lição do meio ar de firme a firme , como passo a explicar.

Fazendo-o conduzir ao Pilão do centro , a Guia do tornel do meio do cabeção vai ao gancho do correão , (Est. V. , Fig. 10.) e dahí á mão do Ajudante Fig. C. , que a deve segurar em distancia tão proporcionada d'elle , que possa ajudar o Cavallo , sem que este o possa alcançar com alguma patada , quando se levanta , sustendo-lhe a guia firme , e ao mesmo tempo branda para o facilitar a que se levante , sem que fuja do Pilão . Quem ajuda com as varas Fig. 3. deve amparar-lhe as espadas em quanto está levantado na acção ; e quando abaixar , pondo as mãos na terra , deve tocar-lhe sobre as canelas dos braços , para que torne a levantar-se , dobre os braços com igualdade , e una huma á outra a espada.

Não muito longe da garupa deve estar o Mestre, Fig A, com o açoute para o fazer entrar para a acção, tendo cuidado em se postar daquella parte, para onde o Cavallo se encoستا mais: sendo tudo assim disposto, o irão successivamente encaminhando, como tenho dito, para que nos seus saltos recolha as pernas bem para baixo do ventre; e por effeito dos toques da vara sobre as canelas dos braços, recolha, e dobre as mãos para baixo da barriga; e logo que fizer algum tempo bem, proferindo a palavra *bó, bó*, devem affagallo; e depois de defcançar algum espaço, o devem fazer dar algumas voltas á roda do Pilão, sem o Mestre o seguir muito com o açoute, a fim de que não se agite com excessão, em quanto o fazem passear, para o tornar a fazer levantar pelo mesmo modo.

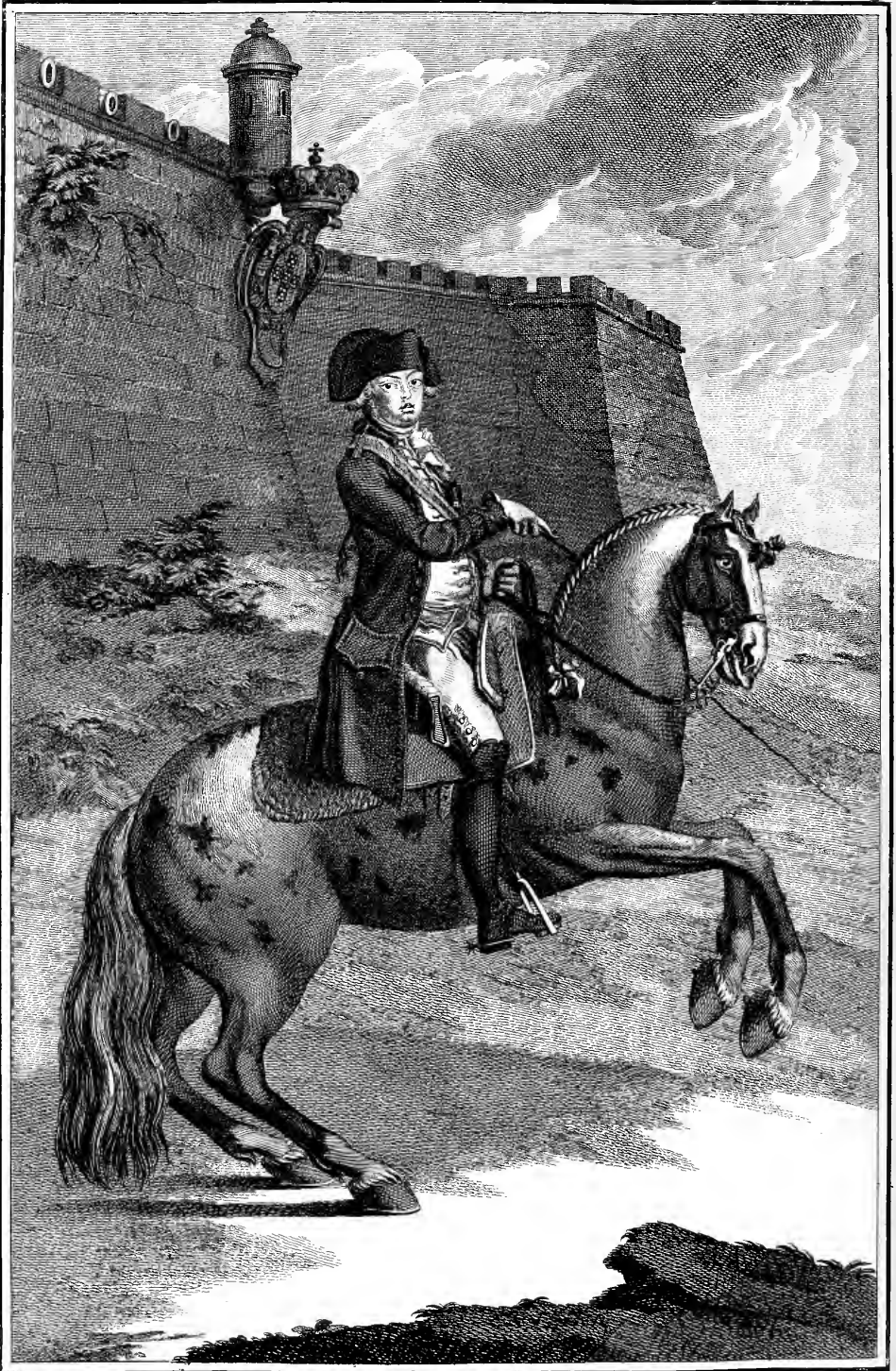
He esta acção muito vistosa, quando os movimentos do animal se determinão em balanço igual das espaduas, e das ancas; pois quando galopa na acção do meio ar, sempre faz huns movimentos altos, e lentos, ou detidos das espaduas, comprimindo toda a sua acção para cima da garupa; mas sem dobrar, tanto os curvillhões, e jarretes, como quando se fórma na acção do terra á terra. Tambem differe o meio ar do terra á terra em fazer o Cavallo quatro tempos distinctos nos dous balanços da sua galopada, porque no terra á terra faz os dous tempos de cada balanço, de forte unidos, que parece que sómente se move com hum tempo no balanço das espaduas, e outro no balanço da garupa, ainda que o ouvido percebe fazer em huma, e outra acção quatro tempos distinctos. Tanto dispondo os Cavallos entre os Pilões, como junto ao Pilão do centro, (se elles tem propensão para se formarem na acção do meio ar) devem ser conduzidos com muita moderação, até que executem o que se pertende que elles fação, sem se apaixonarem com o castigo, a fim de que, depois de montados, o Cavalleiro os possa confirmar nesta lição com mais facilidade.

Eu passo a referir a boa ordem, com que S. A., por meio de sensações adequadas, faz determinar os movimentos dos Cavallos, em que anda, na acção do meio ar, para que os Cavalleiros, seguindo este methodo, ponhão em prática esta lição com boa ordem.

Com as forças da redea de dentro, e da perna de fóra o obriga, quando o principia a fazer galopar, a fim de que determine o balanço do galope unido, para se ir firmando sobre o espinhaço, e quadrís, rebatendo os movimentos bem para cima das ancas, e curvillhões, vai-lhe sustendo cada vez mais o corpo atrás, e a mão para si, consentindo sempre na sua galopada com toda a firmeza do seu corpo, mãos, e pernas, porque só desta forte he que se obriga a formar o seu salto quasi semelhante á Balotada hum pouco menos elevado do que ella, e algum tanto mais levantado, e detido do que o terra á terra. Differe tambem de hum, e de outro em o Cavallo pôr as mãos no chão primeiro que os pés: e na Balotada, e terra á terra determina os seus movimentos com tanta celeridade, que parece elle pôe na terra pés, e mãos ao mesmo tempo.

O meio ar tira a sua denominação de ser hum salto, que elle fórma entre o terra á terra, mais alto na sua elevação de espaduas que elle, e menos elevado que a Balotada. São poucos os Cavallos, que tem propensão para o movimento do

meio



Silva delin.

Froij sculp.

meio ar pela qualidade do balanço, que devem fazer com as espaduas, e garupa, a fim de rebater, e fazer recahir sobre as ancas a maior parte do pezo do feu corpo pela força, e disposição de orgãos, e musculos de que necessitão, quando se levantão no balanço das espaduas, para se indireitar do ventre, foldras, e curvilhões, relevar-se sobre elle, e tornar-se a comprimir successivamente, em quanto se continúa o balanço das ancas para as espaduas; e pelo muito que se detem, e dobrão os travadouros, quando formão o salto deste galope, elles mostrão as feraduras dos pés, e mãos.

E S T A M P A LVIII.

Do Serenissimo Principe D. João, ensinando hum Cavallo na lição do meio ar, dobrando-o para a direita com o freio só.

Com os movimentos da mão, equilibrio, affento, joelhos, pernas, e finalmente com toda a sua bem symmetriada figura, acorda S. A. humas com outras sensações, em tudo proprias, e conformes á determinação dos movimentos, que nesta lição exige do Cavallo, tanto fazendo-o trabalhar sobre linhas rectas, como sobre circulos, conservando-o de huma, e de outra forte no balanço, e movimento do meio ar sempre diligente, relevado, e igual.

Por effeito das sensações da redea direita, ou de dentro, e da perna esquerda, ou de fóra, o encruza cada vez mais entre as forças da redea, e da perna, conduzindo a mão de unhas affima com o dedo minimo voltado para a sua espadua esquerda, conservando a perna esquerda junto ao ventre do Cavallo, fazendo-lhe sentir as suas sensações com toques mais, e menos activos, e instantaneamente applicados, quando redobra o movimento, para assim o igualar entre as determinações da redea direita, e da perna esquerda; e quando o sente mais igual na direcção, e movimento, fazendo-lhe algumas sensações mais activas com a redea de dentro, e a perna de fóra, o obriga a sublimar na sua acção: apôs isso, ánima S. A. cada vez mais toda a sua figura, para que o Cavallo tome com mais graça o balanço do feu meio ar.

Passagens de mão da direita para a esquerda.

Querendo-o fazer passar de mão (ordinariamente se tem pouco desembaraço) das linhas do quadrado, Est. LIX., Fig. 1., o faz partir pelas linhas da Letra B para C: então depois de o encaminhar com ambas as pernas, e as redeas ambas a entrar para diante sobre o vertice C, quando se continúa o balanço das espaduas para a garupa, unindo-o bem com a perna esquerda, e a redea direita sobre a anca direita, instantaneamente o faz mudar de acção da direita para a esquerda.

No tempo, em que S. A. o desdobra da acção, avança a sua espadua direita, atraza a esquerda, sustenta mais firme a redea esquerda, affroxa a direita, e apoia

o seu pezo sobre o estribo esquerdo , para o Cavallo adquirir a inclinação circular na anca esquerda , avançar no balanço das espaduas a mão esquerda , e no da garupa o pé esquerdo ; e elle se determina assim por effeito das sensações mais , e menos activas , com que S. A. lhe faz sentir a redea esquerda , e a perna direita , quando o desdobra de huma , e fórma em outra acção.

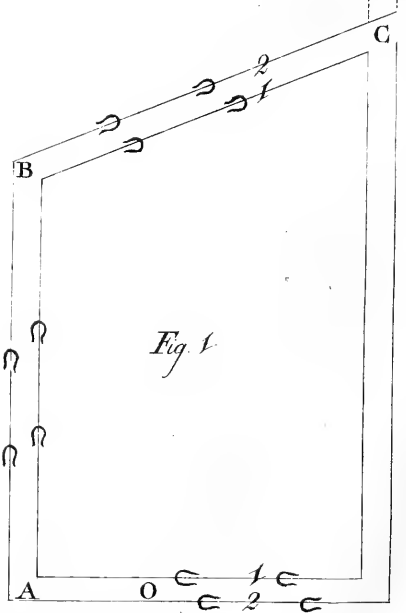
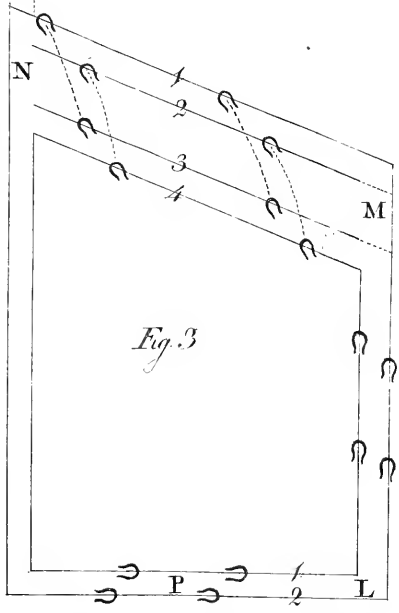
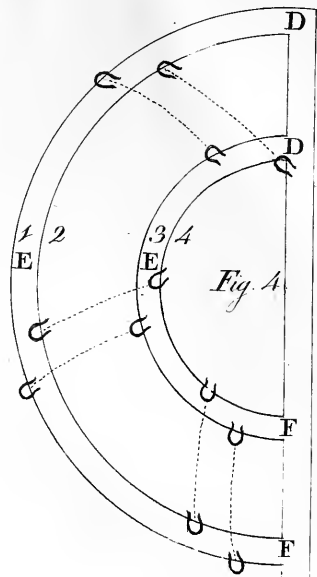
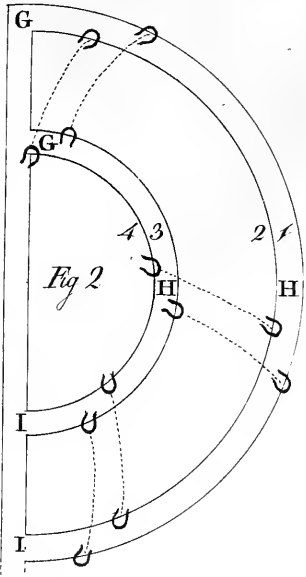
Os Cavallos , que se destinão para a lição do meio ar , devem (além da natural propensão) ser muito animados , e ter bom rim ; isto he , devem ter bastante força no espinhaço , garupa , e curvilhões ; mas a sua força , e actividade deve ser de tal forte ligada , que elle se deixe vencer , e dominar ; e aquelles , que não tiverem estas qualidades , já mais hão de servir bem para formar com perfeição este ar , nem marcarão o terreno , como tenho recommendado. Tambem os que se destinão para a lição do meio ar , não devem ser sómente com o artificio detidos no balanço do seu galope , se elles não tem propensão ; nem tão pouco os devem formar em hum galope muito largo , se elles são propensos ao movimento do meio ar ; mas fim devem os Cavalleiros conservar-lhe aquelle balanço do galope mais proprio á sua construcção , e possibilidade , para exigir delles , como S. A. , a pertendida obediencia.

As lições do terra á terra , e do meio ar , além de vistosas , tem o prestimo de dispôr os Cavallos para os ares altos , e para que se fação menos asperos dos movimentos dos quadris , e curvilhões : advertindo que todos os Cavalleiros devem formar-lhes aquelles exercicios , e movimentos correspondentes á sua compleição , forças , e construcção ; porque tendo as qualidades , que se requerem para os ares , em que os formão , elles se enfeitão , e conservão com saude , quando o exercicio , que he opposto á sua inclinação , e possibilidade , os fatiga , os desgosta , e os conduz a huma infinita multidão de desordens.

Modo de os obrigar a passar de mão sobre a meia volta da direita para a esquerda.

OBriga S. A. tambem o Cavallo a passar de mão sobre a meia volta da direita para a esquerda , fazendo-o partir pelas linhas dos meios circulos G : (Fig. 2. Est. LIX. :) então lhe sustenta a redea direita com a mão de unhas assima ; e tendo o corpo atrás , e firme , fortalece a sensação da perna esquerda , obrigando-o desta forte pela meia volta , não só a que marque quatro pístas , mas a que faça algumas passadas , rebatendo bem a garupa , e determinando os movimentos das espaduas com velocidade activa para cima della , a fim de que faça pelo espaço da meia volta as passadas mais vistosas ; e logo que tem obedecido , S. A. da Letra H até I lhe vai modificando a actividade do movimento , de sorte que chega ao lugar da passagem em hum galope moderado.

Para ser menos veloz no movimento , depois de haver formado as passadas , affroxa S. A. a actividade das sensações de todo o seu corpo , mãos , e pernas , de sorte que chega ao vertice do angulo I , já em hum galope modificado ; e então com huma promptidão summamente agradavel , muda toda a acção da sua Figura



para o desfibrar da direita para a esquerda , fortalecendo-lhe as sensações da redea esquerda , e da perna direita , acordando a opposição de humas , e de outras pelo consentimento de todo o seu corpo com tanta igualdade , que o Cavallo he obrigado não só a desfibrar-se da direita para a esquerda , mas a mover-se com a mesma igualdade, graça , e acção , com que formava os tempos , ou balanços do seu meio ar antes de passar de mão. Em quanto elle marcha pelas linhas da meia volta , a pista da mão direita marca o meio circulo N. 1., a da esquerda o N. 2., a do pé direito o N. 3., e a do esquerdo a N. 4., como se mostra na referida Fig. 2. da seguinte

E S T A M P A L I X.

Dos modos de repartir o terreno para formar as passagens de mão sobre o quarto, e sobre a meia volta para huma, e outra mão.

DEpois de S. A. o fazer passar de mão , obriga-o a determinar a sua direcção por meio de sensações proprias, porque em toda a sua figura se fórma na acção , que se mostra na Est. LVIII., e Est. LX., de modo que por todos os motivos , que tenho ponderado , respeita o Cavallo as bem appropriadas diligencias, com que he obrigado , tanto para a direita , como para a esquerda , como huma ordem absoluta.

Lição do meio ar para a esquerda.

SEndo incontestavel que os movimentos com que os Cavallos se vão conduzindo para a lição , e acção do meio ar, os vão unindo para se aligeirar das espaduas, e se firmar sobre o espinhaço, e quadrís, rebatendo ao mesmo tempo a garupa , e curvilhões para formar bem o seu salto, devem os toques da perna direita , e as sensações da redea esquerda com o seu uso , e applicação ir conduzindo o animal á vistosa acção do meio ar para a esquerda , como deixo notado nesta lição para a direita : logo necessariamente semelhantes movimentos , e forças da redea esquerda, e da perna direita o hão de conduzir, e formar no mesmo ar , e acção para a esquerda, conforme a boa ordem, que S. A. segue, quando os obriga a formar-se nesta lição, e acção do meio ar para a direita: isto supposto, eu passo a referir tambem como o Serenissimo Principe D. José formava os Cavallos na lição do meio ar para a esquerda, e os obrigava a passar de mão da esquerda para a direita.

Fortalecia, e animava S. A. toda a sua figura á proporção da viveza, agilidade , e igualdade com que via determinar a direcção , e movimentos do Cavallo, avançava a espadua direita, atrazava á proporção a esquerda, sustentava a mão da redea de unhas affima com o dedo minimo inclinado para a espadua direita, punha a mão direita quatro pollegadas pouco mais, ou menos mais alta, e avançada do que a esquerda ; e para diante do cepillo da fella firmava o corpo bem no ponto do equilibrio, unia-lhe as pernas ao ventre, fortalecia a direita mais, de forte que huma jogava com a outra , acordando a ligeireza das sensações das redeas com a

dos .

dos joelhos, barrigas das pernas, calcanhares, e esporas, de forte que sem costume permanente com o seu uso instantaneo mais, e menos activo o obrigava a formar-se com toda a perfeição no balanço, e tempo do seu meio ar.

Se o Cavallo descansava na embocadura do freio, ou pezava na mão, S. A. com o pulso muito ligeiro, e firme, trazendo a mão para dentro do centro, ou levando-a para fóra da volta, sustendo-lhe, e rendendo o freio, lhe formava algumas meias paradas mais, e menos fortes, segundo a occasião, e a possibilidade do Cavallo permittia, para o chegar a render firme, e facil ás impressões da embocadura do freio, e igual ás determinações de ambas as pernas.

Defeitos, que servem de embaraço para os Cavallos se formarem bem na acção do meio ar; e os modos, por que alguns se remedeadão.

Costumão alguns deter-se, quando os vão formando na acção do meio ar, por serem muito sensíveis, e temerem que a embocadura do freio lhes affente sobre os affentos, ou tambem por terem os ligamentos das queixadas fracos; e outros se demorão, quando os formão na acção do meio ar, por serem demaziadamente froxos. Ora para remediar os que são muito sensíveis, he preciso conduzil-os com a mão suave, e firme, indreitando-os com ambas as redeas, e as pernas ambas, foccorrendo-os com todos os movimentos do equilibrio, sendo a força de todas as sensações proporcionada á direcção dos movimentos do Cavallo. Logo os que são froxos, devem ser ensinados com a força de toques mais activos, e da mesma forte as meias paradas, e paradas firmes, devem ser-lhes feitas com mais força; e tanto que elles pararem, devem render-lhes a mão.

Ha tambem outros, que se demorão no balanço da galopada, por dobrarem muito as juntas dos travadouros das mãos, Est. III., N. 36., e principalmente perdem o tempo do meio ar, se dobrão muito as juntas dos travadouros dos pés N. 77.: elles por estes motivos redobráo os seus movimentos com desigualdade, maiormente no balanço da garupa.

Tambem alguns não querem, nem podem dobrar as juntas dos quadrís, dos curvilhões, e dos travadouros, por terem as pernas muito direitas, e terem má correspondencia nas articulações destas partes, ou tambem por serem mal formados do espinhaço, e pesçoço: logo os que tiverem estes defeitos naturaes, serão mais difficultosos de remediar.

O remedio mais proprio para emendar os defeitos dos Cavallos, que dobrão muito as juntas dos travadouros das mãos, e pés, he fazellos determinar todos os movimentos com mais velocidade, tanto quando os fazem recuar, como quando os obrigão a marchar para diante: a estes, e aos que são defanimados, he bom dar-lhes tambem alguns pequenos repelões. Sendo que os que tem estas castas de movimentos não chegão a formar-se bem na acção do meio ar, posto que sejam conduzidos com muito cuidado, e boa lição, porque lhes serve de embaraço a impossibilidade que tem na estrutura do seu corpo.

Não devem os Cavallos destinados para a lição do meio ar ser muito barri-
gu-

gudos, nem muito faltos de ventre, devem ter boa boca, e boa vontade, sendo tambem dotados de huma paixão moderada, que se deixa vencer, e dominar: os movimentos de todas as partes do feu corpo devem ser iguaes, e os Cavalleiros devem todos ensinar, dispôr, e ajudar os Cavallos, como tenho dito que os dispõe, ajuda, e obriga S. A. para obterem delles, tanto para a direita, como para a esquerda, os mais bellos movimentos, em que se podem formar nestas lições.

O Cavallo na lição do meio ar marca duas linhas, como se mostra na Est. LIX. O, e P: quando vai sobre a direita, marca a pista da mão direita a linha N. 1., e a da esquerda a N. 2.: por consequencia marchando sobre a esquerda, marca a pista da mão esquerda a linha N. 1., e da direita a N. 2. Na direcção do movimento para a direita marca o pé esquerdo o primeiro tempo, o direito o segundo, a mão esquerda o terceiro, e a direita o quarto, como se mostra nas linhas N. 1., e N. 2. da Fig. 1.: logo na direcção sobre a esquerda, o pé direito marca o primeiro tempo, o esquerdo o segundo, a mão direita o terceiro, e a esquerda o quarto, como se mostra no N. 1., e N. 2. da Fig. 3.

Passagens de mão da esquerda para a direita.

Logo que S. A. meditava em fazer passar o Cavallo de mão da esquerda para a direita, das linhas da Fig. 3., Est. LIX., da Letra L para M, e della para N, o hia encruzando cada vez mais entre as forças da redea esquerda, e da perna direita, de modo que o fazia marcar a linha N. 1. com a pista da mão esquerda, com a da direita a N. 2., com a do pé esquerdo a N. 3., e com a do direito a N. 4.; e do vertice do angulo N sobre as linhas da muralha, quando se continuava o balanço das espaduas para a garupa, o unia cada vez mais com a redea esquerda, e a perna direita sobre a meia garupa esquerda, para instantaneamente o fazer mudar de acção da esquerda para a direita.

No tempo que S. A. o desfobrava da acção, isto he, da esquerda para a direita, avançava a sua espadua esquerda, atrazava a direita, sustentava a redea direita com a mão esquerda de unhas assima, e o dedo minimo inclinado para a espadua esquerda: apoiava mais o seu pezo sobre o estribo direito, para o Cavallo adquirir a inclinação circular da parte direita, e avançar no balanço das espaduas a mão direita, e no das ancas a perna direita, mudando para esta parte a acção, e dobra de todo o corpo. E he certo que elle fazia esta mudança por effeito das proprias sensações com que S. A. lhe encontrava o movimento com a redea direita, e a perna esquerda, como tambem seguia a sua direcção sempre igual pelo bem que era encaminhado entre a força da redea de dentro, e da perna de fóra, trabalhando tanto sobre a direita, como sobre a esquerda.

Modo , por que S. A. fazia passar de mão qualquer Cavallo sobre a meia volta , da esquerda para a direita.

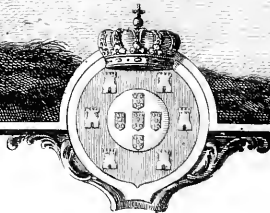
QUando S. A. obrigava hum Cavallo a formar a passagem sobre a meia volta da esquerda para a direita , fazia-o marcar o terreno , como se mostra na Fig. 4. da Est. LIX. : obrigando-o a partir pelas linhas da Letra D , e do vertice do angulo para E , lhe sustentava mais a redea esquerda , e a perna direita , obrigando-o pela meia volta a que fizesse algumas passadas , rebatendo bem os movimentos da garupa , e determinando o balanço das espaldas com huma velocidade activa para cima das ancas ; e logo que havia formado tres , ou quatro passadas , o fazia ir modificando a velocidade com affixar-lhe as forças dos movimentos de todo o corpo , mãos , e pernas , a fim de que chegasse á Letra F , já em hum galope menos veloz : e então he que S. A. com grande desembaraço mudava toda a acção da sua figura para o desdobrar da esquerda para a direita.

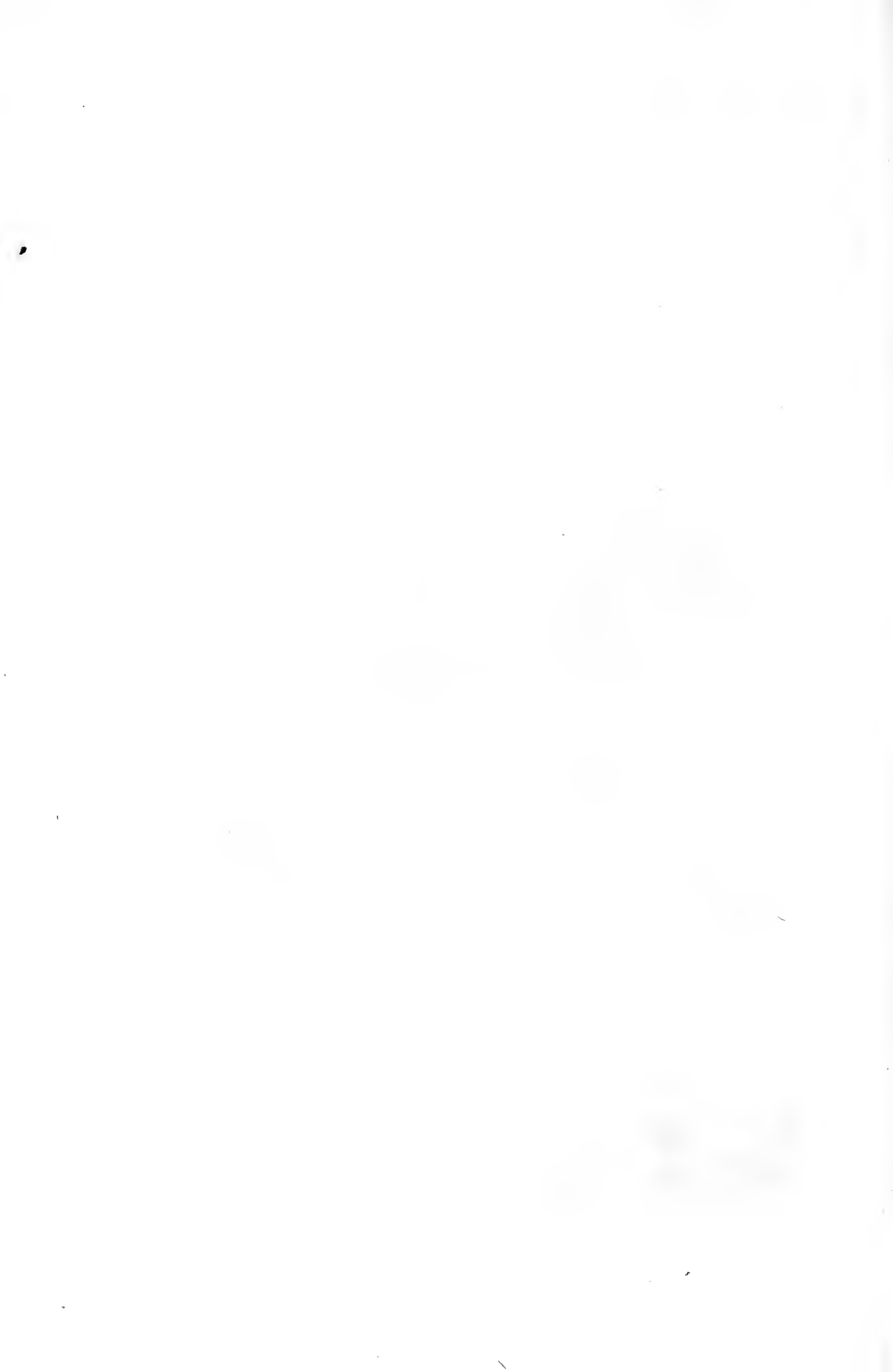
Sobre o ponto do angulo mistilineo F , em que fechava a meia volta , lhe fortalecia mais instantaneamente a redea direita , e a perna esquerda com tanta promptidão , e propriedade , que o Cavallo era obrigado não só a desdobrar-se da esquerda para a direita , mas a formar-se para esta parte na acção do meio ar com a mesma igualdade , e graça com que formava o balanço do seu movimento antes de passar de mão , e ficar trabalhando dobrado para a direita. Este he o methodo de formar tambem qualquer Cavallo na lição , e acção do meio ar para a esquerda , e de passar de mão della para a direita , o qual devem seguir os Cavalleiros para os formar bem , tanto pelo largo , ou parallelogrammo , como sobre estas , ou outras passagens de mão nas vistosas acções , que se observão na Est. LVIII. , e na seguinte

E S T A M P A L X.

Do Serenissimo Principe D. Josè , formando hum Cavallo na lição , e acção do meio ar , dobrando-o para a esquerda com o freio só.

MArchando o Cavallo pela meia volta , (Est. LIX. , Fig. 4.) com a pista da mão esquerda marca a linha N. 1. , com a da direita a N. 2. , com a do pé esquerdo a N. 3. , e com a do pé direito a N. 4. mais proxima ao centro ; e em qualquer parte do manejo , que elle forme semicirculos , ou circulos sobre a direita , ou sobre a esquerda , galopando com a garupa ao centro , marca o terreno , como tenho exposto , e mostro nas Figuras da Est. LIX.





LIVRO VIII.

A R G U M E N T O.

Trata-se do modo com que se deve obrigar qualquer Cavallo a formar na lição, e acção da Pirueta, e da meia Pirueta para a direita, e para a esquerda. Forma com que se devem continuar a ajudar os Cavallos entre os Pilões, para se disporem para os ares altos. Mostra-se que cousa he o ar das Pousadas, e qual o melhor methodo de fazer recuar os Cavallos, obrigando-os o Cavalleiro com o freio sô: a mesma lição das pousadas de firme a firme junto ao Pilão do centro. Volta ao revés na acção das Curvetas sobre a direita, e a esquerda, tanto sem Cavalleiro, como depois de montados os Cavallos.

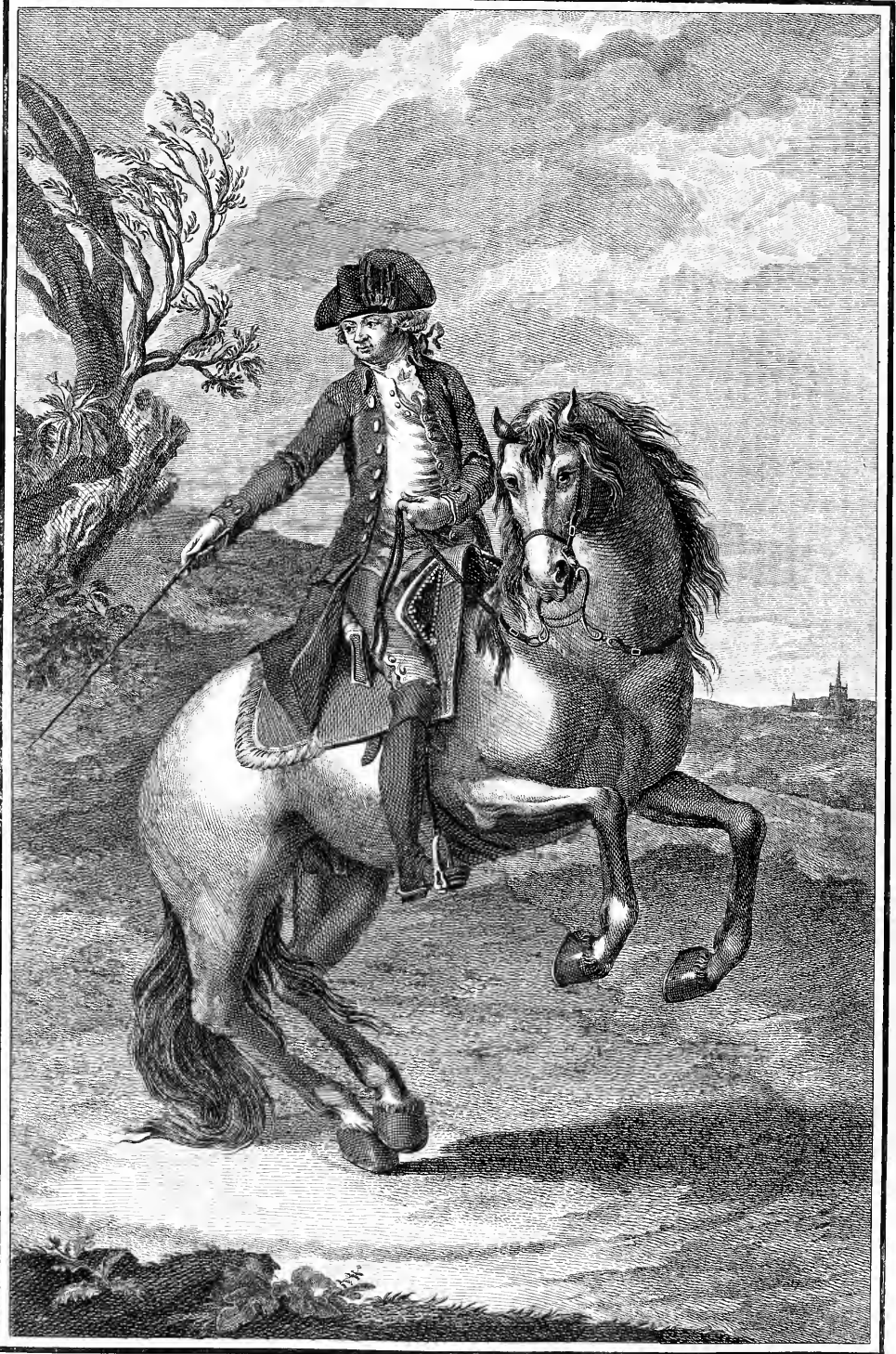
OS Cavallos usão de muitas defezas; comò tenho ponderado nas lições precedentes; e todas as vezes que se não sujeitão promptamente ás fênfações, que o Cavalleiro lhes faz, sendo ellas proprias para os determinar aos movimentos, que delles se exigem; he certo que defobedecem, e se defendem. He bem verdade que humas vezes o fazem por ignorantes; e outras porque as forças dos ligamentos dos seus córpos não tem a precisa possibilidade, e agilidade nas articulações de todas as juntas para serem bons todos os seus movimentos. Porém de qualquer modo que o fação, deve o Cavalleiro encontrar-lhes, e destruir-lhes, quanto for possível, os seus máos costumes: e senão bastarem para rendellos obedientes as expendidas diligencias, segundo a melhor opinião, devem remettellos áquellas lições, para que elles mostrão mais propensão; pois nem a todos os Cavallos se podem formar as lições; seguindo-se regularmente humas a outras sem alguma interrupção, isto he, se elles não tem propensão para o terra á terra, e se confunde com as fênfações proprias para os fazer trabalhar nesta lição, e tem propriedade para fazer as meias Piruetas, e as Piruetas, ou para algum dos ares altos, he melhor passallos áquella, em que elles se deixão vencer, e dominar, do que obrigarlos a sujeitar-se á força de violentos castigos, para que executem aquellas, que talvez por impossibilidade natural não podem pôr em prática, a fim que não aconteça com o rigor fazellos absolutamente rebeldes.

Lição da Pirueta para a direita.

A Pirueta he humma especie de volta que o Cavallo faz no terreno, que occupa o seu comprimento; a garupa deve ficar segura, e firme no centro; porque elle quando volta, firma no chão hum pé, sobre o qual fórma com as espaduas hum circulo perfeito, sem tocar a terra com as mãos; e tanto quando volta sobre hum, como sobre outro lado, deve observar isto com igual regularidade.

As senhações das mãos, do corpo, e das pernas do Cavalleiro devem ser activas, quando obrigão o Cavallo a fazer este movimento. Exemplo: se o obrigão a voltar para a direita, deve a mão esquerda segurar as redeas, estando voltada de unhas affima, com o dedo minimo inclinado para a espadua esquerda, unindo-se as forças das senhações do tronco do corpo, das mãos, das pernas, do equilibrio, da vara, e da falla, para com todas instantaneamente obrigar o Cavallo a que volte com velocidade para a direita; porém a força, e rapidez das senhações para fazer bom effeito, deve ser proporcionada á viveza, defembaraço, e possibilidade do animal.

Para elle fazer bem as Piruetas, deve ser prompto em parar, e voltar, deve ser forte, e igual nas forças do espinhaço, e ancas, sendo facil nos movimentos dos braços, e pernas, tanto voltando sobre hum, como sobre outro lado com forças correspondentes no thorax, e curvilhões; pois de outra forte não póde corresponder com facilidade ás impressões do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro. Ora ordinariamente quando se pertende que o Cavallo faça a Pirueta, devem obrigarlo a galopar; sendo a sua direcção pelo meio do terreno do manejo, e no lugar em que o chamarem á Pirueta, deve ir bem facil, e disposto entre as forças de ambas as redeas, e de ambas as pernas, ou esporas: então depois da meia parada, ou falcada deve o Cavalleiro rapidamente retirar para trás a parte direita do tronco do seu corpo, a fim de que o Cavallo volte com facilidade: as senhações da redea direita, e da perna esquerda ao mesmo tempo devem ser unidas, e activas, para o obrigar a que volte com rapidez no terreno que occupa o seu comprimento: desta maneira creio que todos sabem que o Cavallo necessariamente he obrigado a voltar, firmando-se sobre o seu pé direito de dentro da volta, para onde elle se dobra, ou faz a Pirueta, (N. 3., Est. LXI.) e depois segue a sua direcção sobre as linhas, pelas quaes se determinava o seu galope antes de dar principio á Pirueta, de forte que no tempo em que fórma o circulo, elle se une, e dobra na acção, que se mostra na seguinte Estampa.



ESTAMPA LXI.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção da Pirueta para a direita; e o modo, por que marca o terreno com as pistas dos seus pés, e mãos.

NA Est. LXII. se mostra o modo, pelo qual o Cavallo marca o terreno, formando a Pirueta, e a meia Pirueta para huma, e outra parte, de forte que partindo das extremidades A pelas linhas A, B para a Fig. 2., tendo o Cavalleiro em C o seu corpo atrás, e firme no lugar dos rins, então o deve obrigar com ambas as redeas, e as pernas ambas a que volte sobre o seu pé direito para esta parte: neste caso as ferraduras das mãos, sem tocar a terra, se conduzem pelas linhas circulares D, E, F, descrevendo com as espaduas hum circulo inteiro; e seguindo a sua direcção, finaliza a Pirueta em G, seja fazendo-o passar de mão da direita para a esquerda, seja fazendo-o seguir a mesma direcção sobre as linhas da muralha dobrado para a direita.

Em quanto o Cavallo fórma o circulo da Pirueta, firma o pé direito no ponto do centro N. 4.; e quando dá principio á volta, e da mesma forte quando a finaliza, marca o primeiro tempo a pista do pé esquerdo no circulo N. 3., porque a este tempo já se movê para diante; a pista da mão esquerda faz o terceiro tempo, marcando o circulo N. 2.: logo a pista da mão direita, que marca o circulo N. 1., faz o quarto tempo.

Modos de remediar algumas defezas, de que usão os Cavallos para se eximirem de fazer as Piruetas.

Tendo boa lição, e as qualidades, que se requerem para as fazer, senão as executão, he porque se valem de alguma defeza, e as usuas são quatro: primeira, entezar-se sobre a mão; segunda, levantar-se muito das espaduas; terceira, não voltar com rapidez; e quarta, não sobrepôr bem o pé, e mão de fóra por cima, e por diante do pé, e mão de dentro.

Entezão-se sobre a mão humas vezes por estarem já faltos de folgo, ou cansados; outras por irem de tal modo dobrados, que lhes custa a voltar; e tambem porquê a rapidez com que o tronco do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro, quando se volta para o centro, não os obrigão com a precisa actividade: logo não o devem chamar á Pirueta, quando forem faltos de folgo, ou muito cansados: e da mesma forte se não devem obrigar a que a fação, quando vão mal dobrados; por isso todas as vezes que os chamarem á Pirueta, deve a força das sensações com que os obrigarem, regular-se pelas circumstancias dos Cavallos.

Se se levantão muito das espaduas, devem fazer-lhes sentir alguma coufa tambem a perna de dentro, não levantando a mão da redea muito para cima, avançando-a alguma coufa para diante, e não sustendo o corpo tanto para trás.

Senão voltão com rapidez , porque estão pouco faceis das espadas , não se affentando bem sobre a garupa, tendo pouca obediencia á mão, e ás pernas, neste caso devem facilitallos na sujeição do freio , principalmente por meio da lição dos circulos de quatro pistas, obrigando-os tambem depois a sentar-se sobre as ancas por meio da lição do recuar, de muitas meias paradas, paradas firmes, falçadas, e passadas, fazendo-os voltar muitas vezes sobre hum, e outro lado, a fim de que voltem com obediencia á mão, e ás pernas do Cavalleiro, quando fórmão a Pirueta, &c.

Lição da meia Pirueta para a direita; e o modo, pelo qual o Cavallo marca o terreno para formar esta acção.

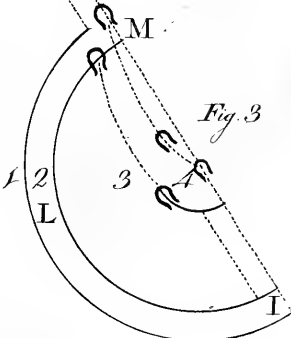
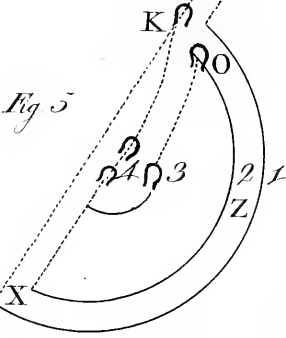
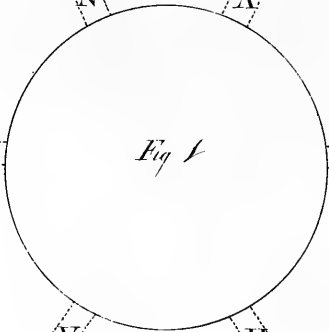
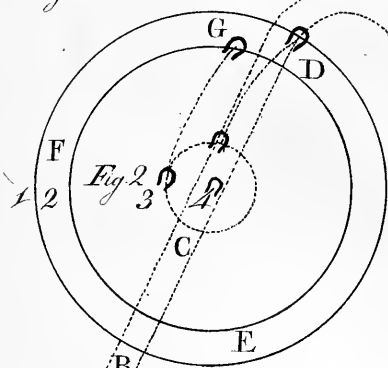
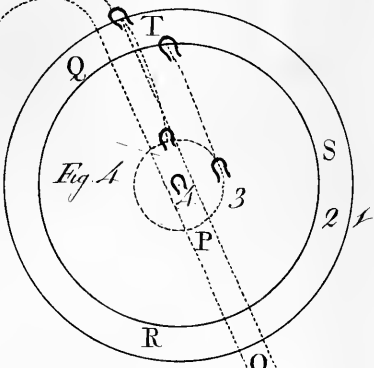
AS meias Piruetas mais vistosas são aquellas, que se fazem no meio, ou centro do manejo; porém as mais faceis são as que se executão nos cantos do Picadeiro, porque os dous lados da parede, que formão o angulo, segurão muito as espadas do Cavallo, e o ajudão para voltar com mais facilidade, de modo que partindo da extremidade H, Fig. 3., pelas linhas H, I, firmando o pé direito no ponto do centro N. 4., o obrigarão a formar o semicirculo I, L, M, usando dos movimentos, e sensações do corpo, mãos, e pernas, como já disse que se use, para o obrigar a formar a Pirueta. O Cavallo em tal caso, tendo a pista do pé direito firme no ponto do centro N. 4., marcará com a pista do pé esquerdo a linha do semicirculo N. 3., com a da mão esquerda a linha N. 2., e com a da mão direita a linha N. 1.

A pista do pé direito N. 4., na Pirueta, e na meia Pirueta, fica no ponto do centro firme atrás da pista do pé esquerdo N. 3., em quanto o Cavallo fórma tanto o circulo, como o semicirculo da Pirueta, e da meia Pirueta sobre a direita; porque he necessario para voltar com a precisa rapidez sobrepôr o pé, e a mão esquerdos bem por cima, e por diante do pé, e mão direita, em quanto as espadas vão no ar, voltando pelo circulo, e semicirculo; mas em tocando a terra com as pistas das mãos, necessariamente marca o terreno, como na lição do galope ordinario.

ESTAMPA LXII.

Do modo, por que o Cavallo marca o terreno, quando fórma a Pirueta para a direita, e para a esquerda, como tambem os semicirculos: do modo de marcar o terreno da meia Pirueta, marchando sobre hum, e outro lado, e a lição da Pirueta para a esquerda.

PAra obrigar, ou ensinar o Cavallo a fazer a Pirueta sobre a esquerda, deve o Cavalleiro segurar a mão da redea de unhas affima com o dedo minimo inclinado para a espada direita. Ora se o obriga a marchar das extremidades N para



O, Est. LXII., Fig. 4., chegando a P, deve o Cavalleiro prevenir-se, firmando o corpo mais, retirando bem a espadua, e toda a parte esquerda do tronco do corpo para trás, obrigando-o instantaneamente com a redea esquerda, tendo a mão de unhas affima, e o dedo minimo inclinado para a espadua direita, encostando-lhe ao mesmo tempo a perna direita com actividade tal, que o fação voltar sobre o pé esquerdo N. 4.; e sem tocar a terra com as ferraduras das mãos, sobrepondo o pé direito N. 3. por cima, e por diante do pé esquerdo, que está firme no chão (como se mostra na Est. LXIII.) se devem conduzir as espaduas pelas linhas circulares Q, R, S, sem tocar a terra, até fechar o circulo sobre T, seguindo o galope sobre as linhas da muralha para a mesma mão esquerda, ou fazendo-o passar della para a direita; e se o não fazem desdobrar de acção, tambem pôde ficar na da volta ao revés sobre a esquerda.

Lição da meia Pirueta para a esquerda.

Tambem se costuma obrigar a partir da extremidade V, Fig. 5., para X; e firmando o pé esquerdo no ponto do centro N. 4., o ensinará a formar o meio circulo X, Z, O, usando o Cavalleiro dos movimentos do corpo, mãos, e pernas, como quando o ensinão a formar a Pirueta para a esquerda; isto he, quando o Cavallo vai mais bem situado no terreno, e facil na mão, o Cavalleiro instantaneamente deve retirar bem para trás a espadua esquerda, avançando a direita, segurando a mão da redea bem de unhas affima, e o dedo minimo inclinado para a espadua direita, fazendo-lhe sentir ao mesmo tempo as sensações da perna direita mais activas, a fim de o obrigar a que volte com rapidez sobre o pé esquerdo; e sem tocar a terra com as ferraduras das mãos, sobrepondo o pé direito N. 3. por cima, e por diante do esquerdo, como se mostra na Est. LXIII., e na Fig. 5. da Est. LXII., finalizará a meia Pirueta em K, seguindo depois a sua direcção de K para V.

Quando o Cavallo fórma a Pirueta, ou meia Pirueta sobre o circulo, ou semicirculo para a direita, no tempo em que põe a mão, e pé esquerdo na terra, a mão direita marca o circulo N. 1., Letra D, a esquerda o N. 2., Letra G, Fig. 2., o pé esquerdo o N. 3., e o direito o N. 4.: e logo que tem feito a meia Pirueta, marca as linhas I, L, M; o pé direito para se firmar no N. 4., marca o primeiro tempo, o esquerdo N. 3. o segundo, a mão esquerda N. 2. o terceiro, e a direita N. 1. o quarto.

Differe a Pirueta da meia Pirueta em fazer o Cavallo hum circulo perfeito na Pirueta, voltando sobre o seu pé de dentro, vindo a ficar com a cabeça voltada para a mesma parte, para que se acha, quando elle dá principio á Pirueta, ficando por consequencia com as pistas das mãos, e pés sobre as linhas, por que marchava antes de dar principio ao circulo. Logo na meia Pirueta necessariamente faz hum semicirculo, como se mostra na Fig. 3., e na Fig. 5., voltando tambem sobre o pé de dentro, e no fim do semicirculo se acha com a cabeça voltada para o lugar, para onde estava a garupa, antes de elle dar principio á meia Pirueta.

Tam-

Tambem quando fórma a Pirueta para a esquerda no tempo , em que põe a mão , e pé direito na terra , a mão esquerda marca o circulo N. 1. , Letra Q, Fig. 4., a direita o N. 2. , Letra T, o pé direito o N. 3., e o esquerdo o N. 4.; e quando faz a meia Pirueta pelas linhas X, Z, O, o pé esquerdo para se firmar no ponto do centro N. 4., marca o primeiro tempo, o direito N. 3. o segundo, a mão direita N. 2. o terceiro, e a esquerda N. 1. o quarto, como se mostra na seguinte

E S T A M P A LXIII.

Do Cavalleiro , formando hum Cavallo na acção da meia Pirueta para a esquerda.

Lição das Pousadas.

AS Pousadas tirão a sua denominação das passadas , e tem muita semelhança com aquelle ar , que os Cavallos tomão nas paradas firmes , á excepção de dobrarem mais os braços , e se levantarem mais das espaduas nas pousadas, do que nas passadas, e paradas: elle toma aquelle ar entre os Pilões, e junto á parede sobre as linhas do parallelogrammo, como passo a mostrar.

Mettendo o Cavallo entre os Pilões com as cordas do cabeção dos páos, largas , e altas , elle naturalmente se convida para o ar das pousadas , e delle para aquelle ar , para o qual tem mais propensão. Logo he certo que faz a pousada natural, e artificialmente , a qual consiste em se levantar muito alto das espaduas, ficando com os pés firmes na terra, e por isso me parece não merece este movimento o nome de ar alto , porque a garupa não acompanha com os seus movimentos os das espaduas, como acontece em todos os ares altos, e relevados, antes he sómente huma boa disposição para elles.

Serve esta lição commummente para o ensinar a levantar-se das espaduas com ligeireza , e dobrar os braços altos , e com graça ; porque desta forte se prepara para se levantar com mais facilidade , e promptidão aos ares altos. He boa tambem a lição das pousadas para remediar o defeito daquelles , que pateão , ou se movem perto da terra, quando os pertendem formar nos ares altos, ou relevados; e tambem são boas para fazer o Cavallo ligeiro na mão , e para o fazer usar bem da garupa, se elle costuma por malicia levantalla, ou tella alta.

Principia-se a ensinar a lição das pousadas ao Cavallo entre os Pilões , animando-o com o açoute sobre a garupa , tocando-se-lhe com huma , ou duas varas sobre as canelas dos braços , para que os dobre com mais graça ; e se depois de levantar-se lhe derem com a vara alguns toques sobre o peito, elle sustentará mais o seu ar no tempo , em que se suspende das espaduas para entrar para o cabeção: por effeito de todas estas diligencias se ensina a dobrar os braços , levantar as espaduas, recolher a garupa, isto he, as pernas bem para baixo do corpo, dobrando os curvilhões ; e logo quando se suspender mais , devem parallo , e affagallo para lhe mostrar que fez bem.

*Cavaleiro desconhecido
Comendador (2) ou Cavaleiro de Cristo (não se distingue se a
insígnia tem ou não o Colar de S. Jorge)*

Estampa 63. Pág. 568.



Alto del.

Se elle quando sentir o toque da vara, ou do açoute, froxamente se encolher, ficar para trás, e se enristecer, e olhar para quem o ajuda, mostrando alguns sentimentos de colera, já escavando a terra, quando o ajudão mais forte, já pondo as mãos, e pés firmes estacados no chão, sem se determinar a levantar-se, vertendo aguas repetidas vezes, quanto mais o obrigarem, mais se ha de abater, e por fim não servirá para esta lição.

Não se deve confundir o ar das poufadas com aquelles contratêmpos, que fazem os Cavallos, que se empinão, ainda que estes se levantem muito das espaduas, porque a differença he muito grande: na poufada está com obediencia á mão, ou redeas do freio, e pernas do Cavalleiro, dobra os braços dos joelhos para os codilhos, recolhe o pescoço para cima das espaduas, e finalmente usa bem do seu espinhaço, garupa, e curvilhões; e quando se empina, estende o pescoço, entéza o espinhaço, os quadrís, e os curvilhões, e pela sua desobediencia fica no risco de cahir para trás, como varias vezes tem acontecido com grande perjuizo, não só do Cavalleiro, como tambem do Cavallo.

Para o ensinar a levantar-se, e obrigarlo a que forme a lição da poufada, depois de montado, deve o Cavalleiro ter o seu corpo atrás, segurar a mão da redea para si, unir-lhe as pernas alguma cousa mais ao ventre, para que por effeito de todas estas diligencias vá comprimindo os musculos de todo o corpo, a fim de se poder levantar com sujeição, e obediencia: e se na acção da poufada se levanta mais do que o Cavalleiro pertende, para remediar-lhe este defeito, he preciso fazer-lhe atar as cordas do cabeção dos páos mais justas, e mais baixas, quando o mettem entre os Pilões, obrigando-o a que forme a lição do suspender, ainda que para ella tenha pouca propensão, até o ensinar a soffrer as sensações, e castigos, sem commetter a violenta desordem de se empinar. Ora vencido nesta difficuldade, podem tornar a ensinallo a seguir a lição das poufadas; mas fazendo-o passar muitas vezes de mão, a fim de que vá fendo cada vez mais igual na sua direcção.

Destá sorte o devem ensinar a formar-se nesta lição, se elle tiver propriedade para ella: e devo tambem lembrar que a fella deve estar larga, em quanto o Cavallo não he montado; e quando o montarem, não devem fazer-lhe apertar as cilhas com excessão, nem deixallas de tal forte largas, que venha a fella a pender para huma, ou para outra parte, ou da mesma maneira a escorregar para trás, porque huma, e outra cousa serve de embaraço a firmar-se o Cavalleiro, e o Cavallo em boa acção.

Obedecendo elle bem entre os Pilões, podem, debaixo da guia sobre as linhas rectas da muralha, ensinallo a que faça huma, ou duas poufadas firmes, isto he, sem se atravessar, ou recuar; e em fazendo alguma bem, devem parallo; e depois que o tiverem deixado socegar, se lhe fará dar alguns passos para diante, fazendo-o passar de mão para o ensinar a marcar a poufada sobre o outro lado, observando attentamente se quando abaixa do seu ar, se apoia muito sobre a embocadura do freio, ou tira pela mão, para lhe applicar os remedios; que tenho dito são proprios para lhe evitar que elle commetta estes defeitos, e antes sim venha a formar a poufada com perfeição.

E S T A M P A LXIV.

Do Cavalleiro, ensinando hum Cavallo a fazer as poufadas para a direita: e o modo, pelo qual marca o terreno nesta lição.

Quando se ensina a formar-se na acção das poufadas sobre as linhas parallelas á largura do Picadeiro, marca o terreno para a direita, como se vê na Fig. 3. da Est. LXVII., a pista do pé direito marca a linha N. 1., a da mão direita a N. 2., a da mão esquerda a N. 3., e a do pé esquerdo a N. 4., por consequencia formando-se na lição, e acção das poufadas para a esquerda, a pista do pé esquerdo marca a linha N. 1., Fig. 4., a da mão esquerda a N. 2., a da direita a N. 3., e a do pé direito a N. 4.

Se elle se apoia muito sobre a mão, quando abaixa da poufada, he bom tocar-lhe o cabeçaõ para cima, sem lhe faltar com as sensações das pernas de repente, em quanto elle desce; e logo que puzer as mãos na terra, tirallo atrás, fazendo-lhe sentir o cabeçaõ, de forte que elle respeite os toques de huma, e outra redea com cuidado pelo decurso da lição: pelo contrario se se detiver, não entrando na mão, entre os Pilões devem ajudallo successivamente, mas com brandura; e quando o fizerem galopar sobre o quadrado longo, e sobre os circulos, devem dar-lhe alguns repellões, e usar das falsas redeas, e dos meios que ficão expendidos na lição dos quatro circulos, para o fazer ir, apoiando-se cada vez mais sobre a embocadura, regulando-lhe sempre a força com que o obrigarém pela sua possibilidade, e conhecimento desta lição, não lhe formando as poufadas, em quanto duvida sahir para diante, e levantar-se entre os Pilões com facilidade; pois quanto mais sagazes são os Cavallos, mais sentimentos de colera mostrão para defender-se, logo que os principião a ensinar a formar-se nas primeiras disposições dos ares altos.

Nesta lição, como tenho dito em outras, ainda sendo o Cavallo fiel, não se devem tirar delle tantos tempos do seu ar, que se atenua com excessõ, e abatido perca a flexibilidade, ou a facilidade de voltar, e acudir, ou seguir com promptidão ás sensações com que o obrigão, e se sirva do seu vigor para defender-se.

Se a desigualdade procede dos movimentos das ancas, (o que se conhece por elle se não mover bem, ou ter zigandé, não querendo por isso ir para trás) depois de ter formado a poufada, será muito bom ensinallo tambem a recuar, sem Cavalleiro, fazendo-lhe sentir o cabeçaõ por effeito dos repetidos toques da guia, fortalecendo, e modificando-lhe a sua força, não só á proporção das difficuldades do Cavallo, mas pela sujeição com que elle acceta este castigo.

Se o destinado para esta lição, quando o fazem recuar, for para trás com muita velocidade, sem recolher as pernas bem para baixo do corpo, em tal caso devem endireitallo com a guia, sem lhe dar com ella fortemente, castigando-o com a vara sobre as ancas até elle ser menos veloz, e recolher as pernas para o corpo, dobrando com igualdade as juntas dos quadrís, curvilhões, e travadouros,

por-

... ..
... ..
... ..

Richmond No. 100 300



porque todos estes recursos o vão conduzindo ao bom estado de obedecer ás mãos, e ás pernas do Cavalleiro com facilidade : advertindo que quando eu digo lhe dem até elle ceder , não pertendo lhe dem por huma vez sómente , mas sim de dia em dia o vão tirando por vezes atrás , para que seja mais facil , e mais igual em todos os seus movimentos.

Disposições para a lição das Curvetas.

O Ar das Curvetas he o trabalho , para que os Cavallos se deixão conduzir com mais facilidade ; porque as meias paradas, as paradas, falcadas, passadas, pousadas , e ainda o movimento do galope , os tem disposto muito para se formarem na acção das curvetas ; pois todas aquellas lições os vão pondo no costume de se levantarem das espaldas , e de se pôrem cada vez mais sobre as ancas, porque em todas ellas necessariamente os fazem determinar para diante, para trás, e para os lados, fazendo-lhe conhecer as sensações, e toques das mãos , e pernas do Cavalleiro , de forte que para os chegar á lição das curvetas , não lhe falta mais do que comprehender a medida, e a cadencia deste ar.

Por meio da lição das pousadas se habilitão para a das curvetas. O ar das pousadas he alto, e muito brando das espaldas, e por isso elle não acompanha esta acção com movimento algum da garupa , antes quando fórma as pousadas procura sustentar-se nesta acção pelo equilibrio ; e quando fórma o ar das curvetas, por ser este mais baixo do que o das pousadas, elle se ajuda mais , que do equilibrio, da força dos curvilhões : logo nas curvetas, quando as espaldas sobem para cima, as juntas dos quadrís, curvilhões, e travadouros se dobrão, e se rebatem para baixo , a fim de elle se poder formar na acção com hum movimento justo , e igual ; mas para se formar na acção das pousadas, apruma-se bem sobre as juntas dos quadrís, e das pernas para poder sustentar a acção mais pelo equilibrio, do que pela força.

Esta lição bem ensinada , e appropriada á força , e construcção do Cavallo não he sómente bella, e vistosa ; porém he necessaria para o segurar , e firmar na sujeição das sensações, e toques das mãos, ou redeas, e das pernas, ou esporas ; e logo que elle apoia as suas forças, e pezo sobre as ancas, alivia o padecimento ás espaldas, e á boca. Todos sabem que se devem regular as lições, e trabalhos ao Cavallo pela sua disposição ; e sendo isto innegavel, pôde-se tambem conhecer a sua aptidão pelo trabalho que tem dado para o desembaraçar. Exemplo : quando elle tem disposição natural para o ar das curvetas, não he inimigo da sujeição que o conduz a ellas , antes se deixa encaminhar facilmente para esta lição , porque tem propriedade para ella.

Newcastle para preparar os seus Cavallos para os ares altos , mostra servir-se pouco dos dous Pilões , e faz ver que junto ao Pilão do centro os dispunha , e confirmava naquelles ares , para que mostravão ter mais propensão ; mas com tudo a lição dos dous Pilões , e o seu uso he excellente para lhes formar as lições dos ares das curvetas, das garupadas, das balotadas, e das capriolas ; e ainda para se

lhe remediarem alguns defeitos , e vícios , como em outros lugares se pondera , não obstante não me agradar o modo , com que antigamente fazião metter os Cavallos entre os Pilões com as falsas redeas , ou as redeas do cabeção afiveladas nos arcos dos olhos do freio , e atadas ás argolas dos Pilões ; porque isto infallivelmente ha de engrossar-lhe as bocas com excessõ , e ha de fazer incerto o governo daquelles Cavallos , que forem mais feníveis.

Causas , por que muitos Cavallos não fazem bem as Curvetas.

TEndo elles os pés , as mãos , e os curvilhões doridos , ou por serem fracos destas partes , ou por padecerem nellas molestias , fogem da lição das curvetas ; por isso quem os dirige , deve usar de toques moderados , regulando-lhes o tempo da lição com muita attenção ás suas difficuldades , para que a impaciencia não os precipite na desesperação. Tambem se elles não conhecem o porque os castigão , elles se abatem , se confundem , e se defendem ; maiormente se o Mestre não conhece bem as suas qualidades: pelo contrario os que são fortes , e bem formados , quando por meio da lição das curvetas se dispõem para os ares altos , elles se unem das articulações da garupa , alargando-se ao mesmo tempo das soldras , dos curvilhões , e dos jarretes , como se mostra na seguinte

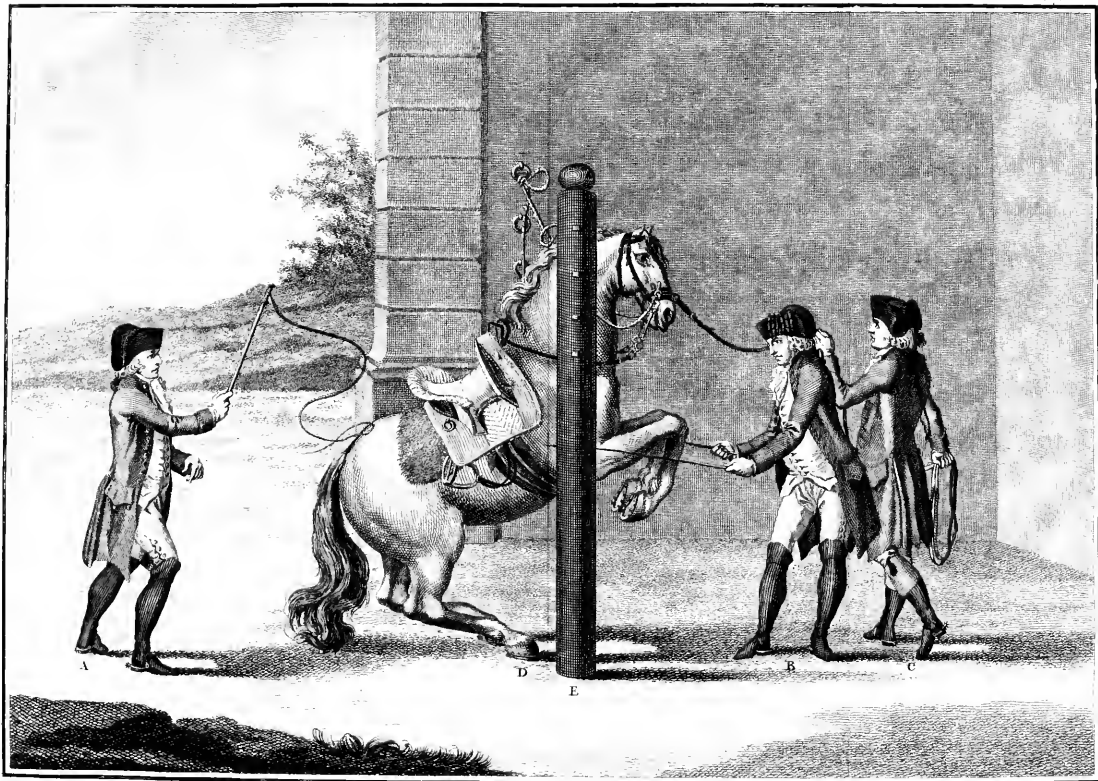
E S T A M P A LXV.

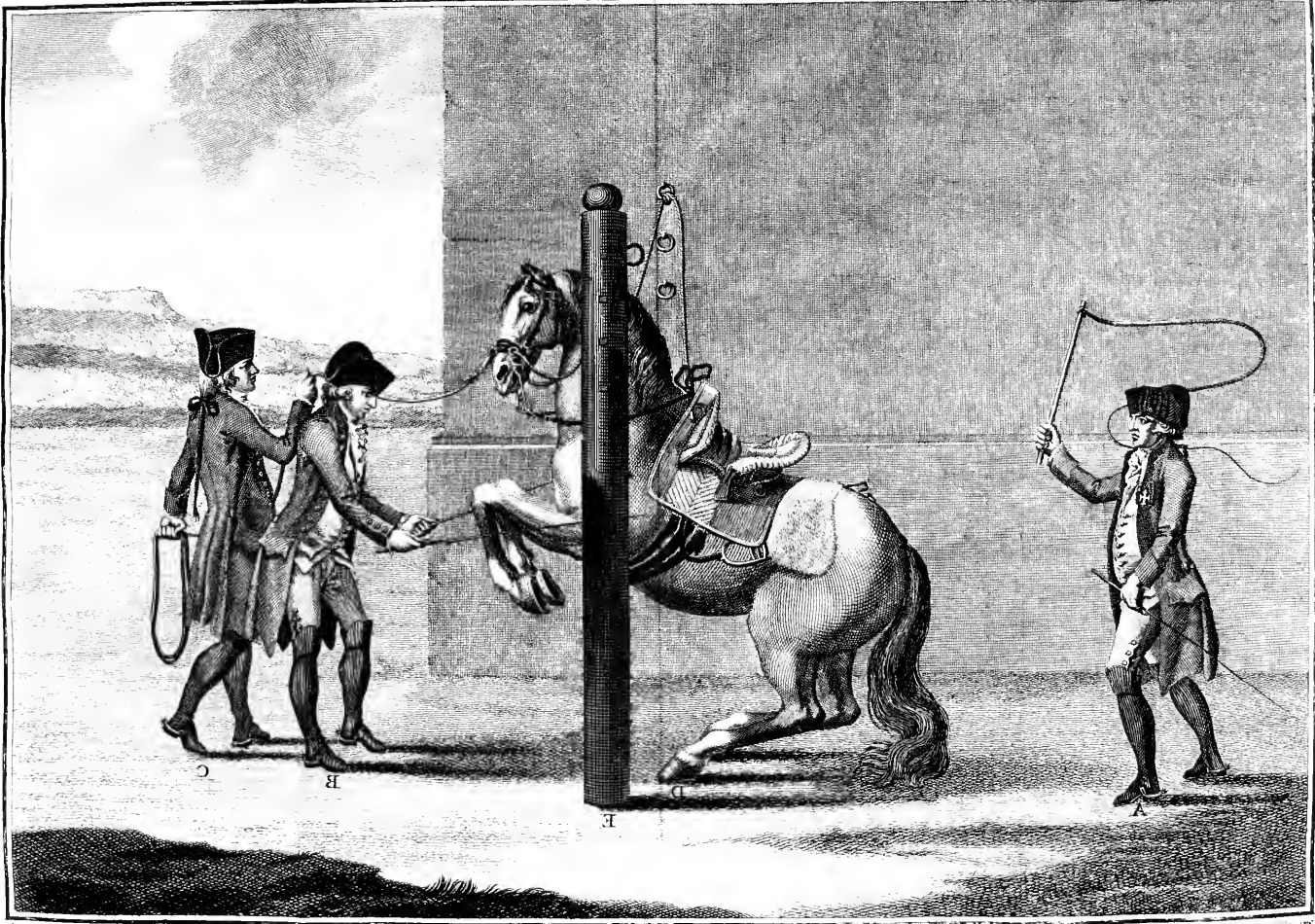
De hum Cavallo na acção das Curvetas entre os Pilões para a direita.

ANtes de o fazer metter entre os Pilões para se formar na acção das curvetas , devem fazello deitar algumas voltas á guia , sem lhe apertar as cilhas , tendo o rabicho tambem largo , ou tirando-lho fóra ; porque ha Cavallos a quem o aperto do rabicho , e cilhas opprimem tanto , que em quanto sentem o feu aperto , e não tem conhecimento do trabalho , em que os vão exercitar , elles não querem recolher as pernas bem para baixo do corpo , nem fazer algum movimento , com que se levantem das espaldas.

Pondo-se-lhe o cabeção dos páos (assim chamado) por servir só para metter os Cavallos entre os Pilões (Est. V. , Fig. 3.) muito brandamente lhe irão dirigindo os toques do chambríe , ou do açoute ao alto da garupa , a fim de que entrando para diante , e achando o embaraço do cabeção dos páos , se levante das espaldas ; e por effeito de toques correspondentes a formar-se na acção das curvetas , recolha a garupa bem para baixo do corpo , e se forme na acção.

Junto aos Pilões devem estar hum , ou dous homens , isto he , hum a cada Pilão , para lhe tocar com huma , ou duas varas delgadas levemente sobre os braços ; pois por effeito destas sensações os Cavallos os dobrão , levantão , e recolhem para baixo do corpo ; e semelhantemente quando os toques das varas se lhe applicão sobre o peito , elles sustentão mais tempo a acção levantados no ar.





Os Cavallos communmente se inclinão a defcançar mais fobre hum, do que fobre outro braço, tendo mais tempo huma das mãos firme na terra: então devem tocar-lhe com a vara no braço, que está firme por huma, e outra parte brandamente, para que levante huma, e outra mão igual no tempo do seu movimento, e altura; mas não deve a pancada ser tão forte que o obrigue a ir com os joelhos ao chão: e logo que fizer alguns tempos no seu ar, ao menos mostrando sujeição, devem parallo, e affagallo para lhe mostrar que fez bem.

Devem fazello passar de mão repetidas vezes, se os Pilões forem nas extremidades do parapeito junto á muralha, como se mostra na Est. I., N. 4., e N. 5., e nas Est. LXV., e Est. LXVI.; mas se forem no meio do parapeito, aonde quem está com o açoute possa ajudar o Cavallo igualmente de hum, e de outro lado, então não se faz preciso passallo de mão, mas sim ajudallo com igualdade, para não se constituir no costume de se entortar mais para huma, do que para outra parte; pois o costume he certo que tem hum grande poder fobre os brutos, que sendo habituados a dobrar-se mais para huma, do que para outra mão, de tal modo se costumão a determinar os movimentos para aquella acção, que lhe fica mais conforme á sua vontade, que depois he difficuloso restituillos ao bom costume que devem seguir.

A maior parte dos Cavallos, quando os principião a metter entre os Pilões, ficão para trás: por isso he muito bom pôr-lhes a guia na argola do tornel do meio do cabeção para os ajudar, ou elles fiquem para trás, ou se levantem para cima, e entrem para diante com excessão; mas sempre os devem ajudar com a guia muito brandamente, não só para não lhes atenuar a sensibilidade do focinho, mas tambem para que por meio do castigo da guia não fiquem muito para trás, e deixem de mostrar a sua natural pensão.

As primeiras vezes que metterem o Cavallo entre os Pilões, devem as cordas do cabeção ficar largas, de forte que entrando elle para diante se deixem ver as suas espadas pela frente dos Pilões. A altura, em que se atarem as cordas nas argolas, tambem deve regular-se pela grandeza, e altura do Cavallo, de forte que elle não fique demaziadamente opprimido, por lhe serem atadas muito altas, ou muito curtas; advertindo que tambem he igualmente máo atallas largas com tanta desproporção, que elle passe por baixo do cabeção para a outra parte dos Pilões.

E S T A M P A LXVI.

De hum Cavallo entre os Pilões na acção das Curvetas para a esquerda.

LOgo que elle pelo costume das repetidas lições se apresentar bem na acção, que se mostra na Est. LXV., e na Est. LXVI., podem mandar-lhe apertar a sella, e fazello montar por hum Cavalleiro, que não seja muito corpulento, para não fatigar muito o Cavallo, e então ensinallo a que faça algumas curvetas, para adquirir a obediencia á mão, e ás pernas do Cavalleiro; e tanto que obedecer, fa-

fazendo-as bem sobre huma , e outra mão , o podem conduzir ao Pilão do centro da primeira volta para aprender a fazer algumas curvetas de firme a firme.

Lição das Curvetas antes do Cavallo ser montado , junto ao Pilão do centro de firme a firme.

JA' se sabe que o Pilão do centro da primeira volta deve ter algumas cavidades, (como se vê na Fig. 2. da Est. V.) em que se possa apertar o correão de gancho do Pilão : a primeira cavidade deve ser alta , para que estando a guia afivelada na argola do tornel do meio do cabeção ordinario , vá ella defcançar no gancho do correão em altura tal que o Cavallo se possa levantar para aprender a fazer bem as curvetas , ficando a guia de forte comprida , que elle tenha liberdade para se levantar.

Se foge com a garupa mais para huma , do que para outra parte , dous Ajudantes com as redeas do cabeção o podem ensinar a indireitar-se das espaduas , para a garupa seguir melhor direcção. Tambem outro Ajudante com duas varas de frente do Cavallo junto ao Pilão o entalará entre ellas , tendo-lhe huma pela parte da espadua esquerda , e outra pela da espadua direita , para com os toques de huma , e de outra o render mais facil , e mais igual na acção das curvetas.

Estando tudo affim disposto , então quem o ajudar com o açoute , fará com elle algum moderado movimento , para ensinar o Cavallo a que se levante ao ar das curvetas : e da mesma forte quem estiver com as varas , muito brandamente com huma , e outra o ajudará , tocando-lhe sobre as ancas , e polpas dos braços , e espaduas , animando-o tambem com a voz , para elle conhecer que pertendem que se levante : recommendo que o ajudem com manfidão , porque as pancadas fortes , em quanto elles ignorão , servem mais para fuscitar-lhe a desobediencia , do que a sujeição ; e logo que se levantar para obedecer , devem parallo , e affagallo para lhe mostrar que fez bem.

Se elle segue com a garupa aquelle que o ajuda com o açoute , dando couces , e mostrando paixão , e colera , então o devem ensinar com mais moderação logo do principio , para não lhe exaltar a colera , e pouco a pouco o ir constituindo perfeito , e igual no seu ar , e movimento. Os Cavallos tem ordinariamente mais geito para se defender com a garupa para huma , do que para outra parte : por isso o Mestre , que ajuda com o açoute , deve segui-lo , e postar-se daquella parte , donde elle tem menos geito para defender-se : pela mesma razão quem ajuda com as varas , deve postar-se , e seguir mais o Cavallo daquella parte , donde elle tem menos agilidade , e huns , e outros devem regular-lhe o castigo , tanto o das espaduas , como o da garupa muito brandamente pelas disposições com que elle o aceita ; porque de ordinario a paciencia do Cavalleiro he mais poderosa para lhe fazer conhecer o que pertendem , do que os demaziados castigos.

He sem dúvida que á proporção do que elle se une das espaduas nesta lição , formando-se na acção sobre as linhas rectas do centro , elle se alarga da garupa ; e que para vencer isto , deve dobrar , e encurvar os ligamentos dos quadrís , e curvilhões ,

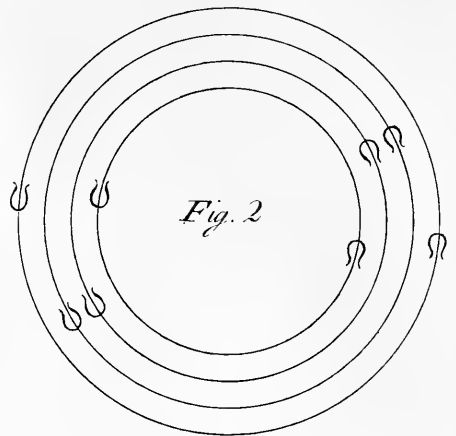
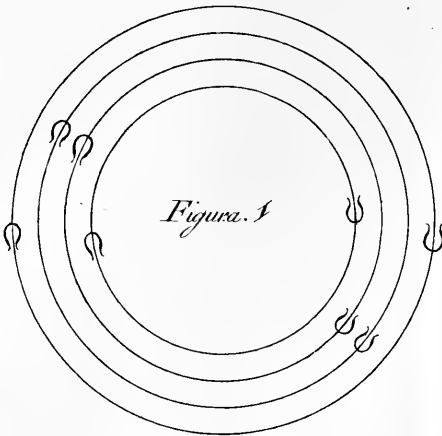


Fig. 3

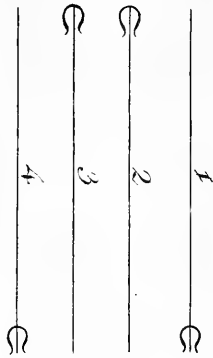
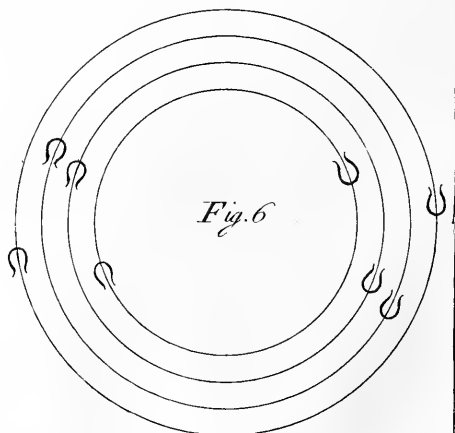
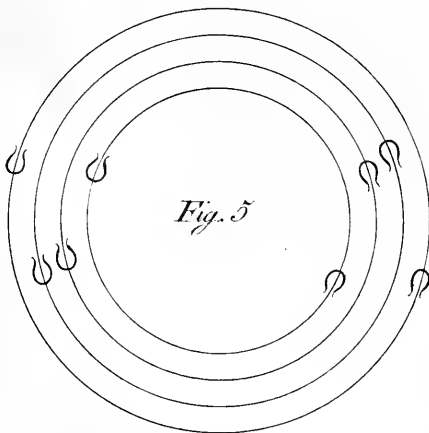
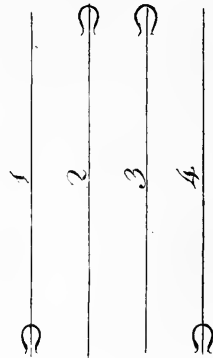


Fig. 4



lhões , como tambem alargar as coxas das pernas para os lados do ventre , e firmar-se fobre os jarretes , levantando os braços , apertando os joelhos hum para o outro , dobrando os travadouros , unindo quasi os rompões , ou talões dos cascos das mãos aos codilhos dos seus braços , e até no ezofago se dobra ; por isso marca o terreno , como se mostra na Fig. 3. , e Fig. 4. da Est. LXVII. , a pista do pé direito (se o Cavallo se dobra para esta parte) marca a linha N. 1. , a da mão direita a N. 2. , a da mão esquerda a N. 3. , e a do pé esquerdo a N. 4. ; e se elle se dobra alguma coufa para a esquerda , a pista do pé esquerdo marca a linha N. 1. , a da mão esquerda a N. 2. , a da direita a N. 3. , e a do pé direito a N. 4. , como se mostra nas referidas Figuras da seguinte

E S T A M P A LXVII.

Do modo , por que os Cavallos marcão o terreno , formando-se na acção das Curvetas sobre linhas parallelas ao centro do manejo , marchando tanto para diante , como para a direita , e para a esquerda: modo , pelo qual marcão os circulos de quatro pistas junto ao Pilão do centro sobre a volta a Curvetas para a direita , e para a esquerda , como tambem os circulos de quatro pistas junto ao Pilão do centro , formando-se na acção das Curvetas sobre a volta ao revés para hum , e outro lado.

DEve-se observar attentamente se o Cavallo nas primeiras lições das curvetas se estende sobre o freio , ou se abaixa as espadas de repente ; porque huma , e outra coufa he de temer , pois elle fórma estas duas acções por effeito de colera , de má construcção , e de fraqueza. Ora quando se estende sobre a embocadura , he bom , em quanto aprende sem Cavalleiro , fazer-lhe atar as redeas do freio tão curtas , que no tempo , em que commette o erro , elle mesmo se castigue ; e se fizer o mesmo depois de montado , deve o Cavalleiro ter o seu corpo atrás , e a mão esquerda alguma coufa mais avançada de unhas affima , e mais alta , como tambem unir-lhe as pernas ao mesmo tempo logo atrás das cilhas , e tocar-lhe a vara sobre a garupa , a fim de o obrigar a que use bem de huma , e de outra anca para se levantar mais das espadas. Quem ajudar com o açoute , deve no tempo em que elle vai abaixar as espadas tocar-lhe na garupa , divertindo-o por este modo de sua má vontade , ensinando-o com estas diligencias a indireitar-se no terreno com perfeição.

Quem o ajudar com as varas , tanto que vir que elle violenta a mão do Cavalleiro , deve tocar-lhe com ellas mais forte ; e tambem o Ajudante , que segura a guia , deve tocar-lhe com ella para cima ; porém huns , e outros toques devem ser conduzidos , de maneira que não obriguem o Cavallo a ficar para trás , ou a entortar-se mais para hum , do que para outro lado. Se elle porém se levanta livre , e facil das espadas , sem se estender sobre a embocadura , e sem precipitar o seu movimento dellas , será facil o formar-se bem na lição das curvetas.

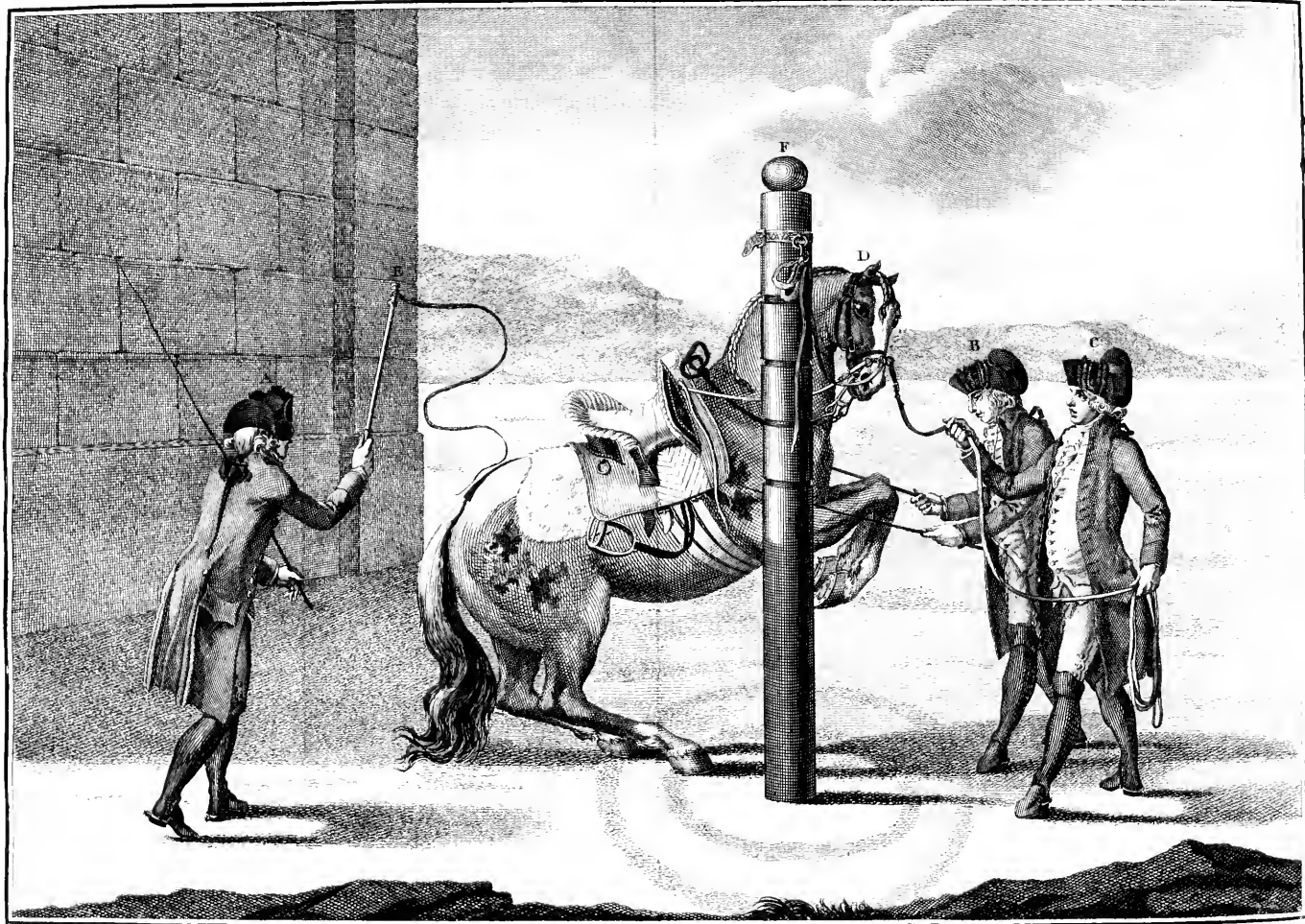
Disposições para esta lição , marchando o Cavallo sobre a volta para a direita.

HAvendo mostrado como se devem preparar, ensinar, prevenir, e castigar os Cavallos entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro para a lição das curvetas de firme a firme, passo também a mostrar a sua continuação junto ao Pilão do centro, formando-se na acção das curvetas sobre a volta para a direita.

Estando elle pelas lições precedentes disposto, e facil em formar as curvetas de firme a firme junto ao Pilão do centro, podem também fazer-lhe atar a redea direita do cabeção (estando ella afivelada na argola do tornel direito) ao gancho do correão do Pilão, sendo o sobredito correão bem facil em andar á roda na sua cavidade correspondente á altura da cabeça do Cavallo. Então o Ajudante C pegará na redea esquerda do cabeção, a qual deve estar afivelada na argola do tornel esquerdo, ficando pela parte de fóra dos circulos em que o Cavallo se move; e o Mestre A com o açoute deve postar-se da parte do centro, ou donde o Cavallo tem mais geito para defender-se, porque necessariamente para o fazer marchar pelos circulos devem ensinallo a fahir do centro para fóra, mas com brandura, aliás elle se encostrará ao Pilão; e se se defender, todos os Professores sabem que necessariamente o devem seguir com o açoute da parte para a qual foge, ou se encosta mais, consentindo porém em que elle se vá arredondando dos movimentos da garupa, e das espadas para fazer o gyro, marcando o terreno em torno do Pilão, como se mostra na Fig. 1. da Est. LXVII.

Da mesma sorte quem ajudar com a vara, deve fazer opposição ás difficuldades do Cavallo; isto he, quando elle entra com as espadas para o centro, deve o Ajudante B chegar-se ao Pilão, ajudallo com a vara sobre a espada de dentro, e fazello fahir para fóra: logo quando fugir com as espadas para fóra, deve o Ajudante seguillo com a vara pela parte de fóra do Pilão, tocar-lhe sobre a espada de fóra, e obrigarlo a ir para diante, para o ensinar a entrar com ellas para o centro: também se lhe deve tocar com a vara sobre os braços, e sobre o peito, quando se demora com as mãos firmes na terra, ou duvida levantar-se.

Se foge muito com a garupa do centro para fóra, o Ajudante C, que está segurando a redea do cabeção de fóra, (ou a guia, se usarem della afivelada na argola do tornel de fóra, por ser a redea ordinaria curta) deve levantar a mão, e dar-lhe alguns toques para cima, e para trás, a fim de o obrigar a levantar-se das espadas, e ir-se apoiando cada vez mais sobre as ancas: á proporção todos os Ajudantes o devem seguir, e ajudar, de maneira que o fação arredondar dos movimentos das espadas, e garupa, sem que elle (se se defender) possa alcançar a algum delles com patadas, couces, ou pernadas; e logo que fizer algumas curvetas bem, devem affagallo, e deixallo dar algumas voltas ao passo bem de vagar, sem o Mestre A o seguir com o açoute, nem o Ajudante B com a vara, para quando for bem manfo parallo, e chamallo á curveta, distribuindo-lhe assim de dia em dia as lições até o ensinar a formar bem na acção, que se mostra na seguinte Estampa.



E S T A M P A LXVIII.

De hum Cavallo na acção das Curvetas junto ao Pilão do centro sobre a volta simples para a direita.

DEvem dispollos , e enfinallos por este modo a formar-se na acção das curvetas sobre os circulos junto ao Pilão do centro sobre a direita , sempre com muita moderação , fazendo-os parar ao principio todas as vezes que se levantarem alguma coufa das espaduas , affagando-os muito , e dando-lhes alguma herva para moderar-lhes a colera ; e ainda que alguns por serem raivosos a não comão , sempre os devem affagar , pondo-lha sobre o focinho ; advertindo que tambem ha muitos que não gostão (por exemplo) da anafa , e gostão de chicoria , ou folhas de parreira , e neste caso se deve buscar aquellas de que elles mais gostarem.

Marchando em torno do Pilão , marca o terreno com as pistas das mãos , e pés , quando se fórma na acção das curvetas , como se mostra nos circulos da Fig. 1. , Est. LXVII. ; a pista do pé direito marca a linha N. 1. , a da mão direita a N. 2. , a da mão esquerda a N. 3. , e a do pé esquerdo a N. 4. , pelo muito que o animal nesta acção precisamente se alarga das ancas , e se une das espaduas.

Disposições para a lição das Curvetas sobre a volta simples para a esquerda junto ao Pilão do centro.

PEla mesma ordem , ou methodo se obriga , e ensina o Cavallo a formar na acção das curvetas para a esquerda sobre a volta junto ao Pilão do centro. O Mestre deve mandar atar a redea do cabeção da parte esquerda ao gancho do correão do Pilão , ficando o Ajudante C com a redea , ou guia da parte direita por fóra dos circulos , em que o Cavallo ha de trabalhar : e quem ajudar com a vara B junto ao Pilão pela parte esquerda , para o ajudar sobre as canas dos braços , cafo que elle affente as mãos firmes na terra , ou tambem sobre o peito , senão se levanta bem das espaduas : sendo tudo assim disposto , o Mestre A com o açoute o deve seguir , e ensinar a que se levante , usando-lhe elle , e os seus ajudantes das prevenções , e cautelas , que ficão ponderadas nesta lição para a direita , a fim de o ensinarem a formar-se nesta acção das curvetas sobre a volta para a esquerda com a mesma brilhante graça com que as deve formar para a direita.

O ar das curvetas , quando o Cavallo está levantado na acção , he firme da garupa ; mas quando elle abaixa deste ar entre cada huma curveta , devem deixallo avançar alguns passos o terreno preciso para formar o circulo á roda do Pilão , e logo tornallo a chamar á curveta para lhe fazer adquirir alternativamente a facilidade do movimento circular , diminuindo-lhe os tempos do passo , ou frote , de forte que faça hum só tempo de passo entre cada huma curveta. Ora se os Cavallos defobedecem porfiadamente a esta lição junto ao Pilão do centro , para os corrigir podem fazellos metter entre os Pilões , e depois tornallos á mesma lição , usando

deste methodo para os ensinar a formar-se nesta acção junto ao Pilão do centro com facilidade. Para o Cavallo se apresentar bem na acção das curvetas junto ao Pilão do centro, deve ter huma igual promptidão de movimentos natural, e adquirida para se formar no feu ar, dobrando-se do ezofago (Est. III., N. 3.) até ás claviculas N. 28., e nas articulações dos braços (N. 32., N. 34., N. 36., e N. 38.) quadrís N. 63., foldras N. 73., curvilhões N. 74., e N. 82., e travadouros N. 77., com a perfeição, que se mostra na seguinte

ESTAMPA LXIX.

De hum Cavallo na acção das Curvetas sobre a volta para a esquerda junto ao Pilão do centro.

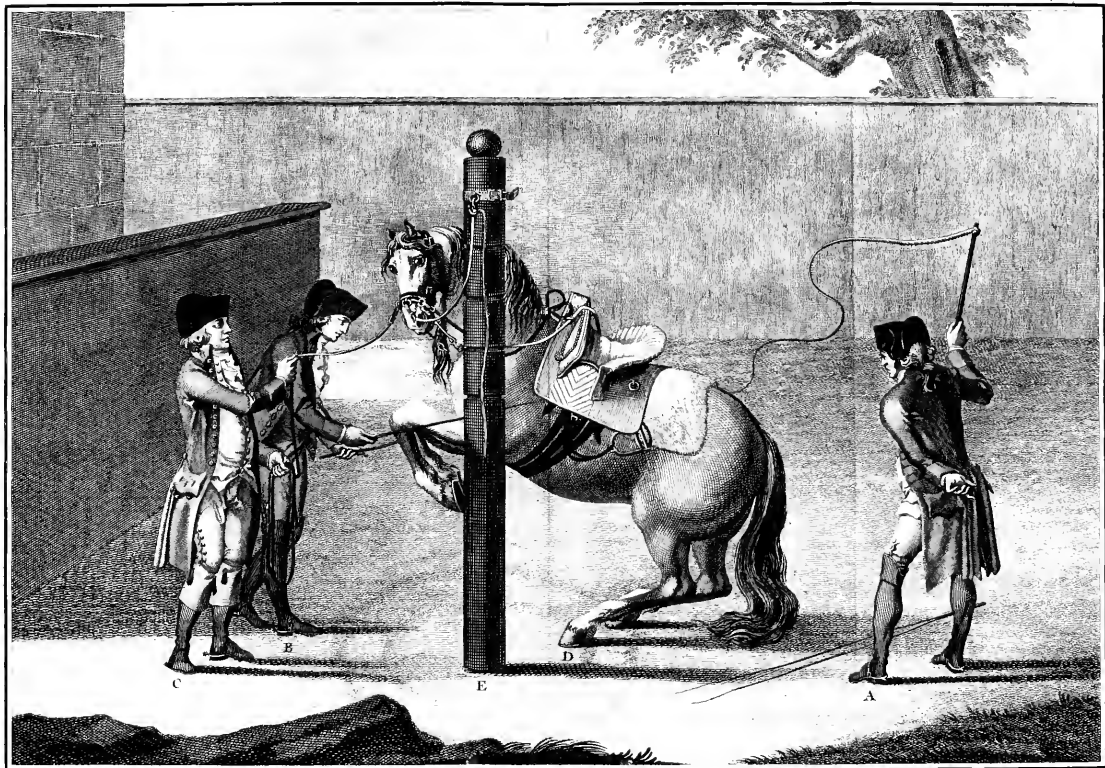
MArchando elle sobre a volta para a esquerda, marca o terreno, como se mostra na Fig. 2. da Est. LXVII., a pista do pé esquerdo marca a linha N. 1. mais proxima ao centro, a da mão esquerda a N. 2., a da mão direita a N. 3., e a do pé direito N. 4. da maior circumferencia.

Disposições para a lição das Curvetas sobre a volta composta ao revés, dobrando-se para a direita.

QUando os Cavallos se formão na acção das curvetas sobre a volta, necessariamente olhão para o ponto do centro; e á proporção da estreiteza do circulo ficão da parte de dentro concavos, e convexos da parte de fóra da volta: logo quando se formão na acção das curvetas sobre a volta ao revés, elles necessariamente olhão para fóra do ponto do centro, e por consequencia ficão concavos da parte de fóra, e convexos da parte do centro: para isto se confequir, deve o Mestre mandar-lhe atar a redea ordinaria do cabeção ao gancho do correão do Pilão N. 1., estando afivelada na argola do tornel esquerdo N. 2., pôr-lhe huma guia na argola do tornel do meio N. 3., e a redea direita N. 4., e afivelada na argola do tornel direito, fazella atar alguma coufa curta ao grampo do cepilho da fella N. 5., ou á fivela do Peitoral N. 6., para lhe fazer dobrar o pesçoço para a direita, como se mostra na Est. LXX. Quem ajudar com a vara, ou ponção Fig. B, deve seguir o Cavallo pela parte esquerda da espadua junto ao Pilão, para com os toques do ponção, e vara, mais, e menos activos, o indireitar da garupa, e unir das espaduas no tempo em que se levanta o mais que puder ser.

O conductor da guia Fig. C deve marchar por fóra dos circulos, que o Cavallo vai marcando no terreno, ensinando-o, e ajudando-o com liberdade, para que as espaduas possão andar unidas nos circulos N. 2., e N. 3., á proporção do que as ancas se alargão para os circulos N. 1., e N. 4., Fig. 5., Est. LXVII.

O Mestre Fig. A com o açoute deve seguir a garupa do Cavallo mais pela parte do centro, para que elle com o pé direito marque o circulo N. 1., &c. Deve ficar o Ajudante Fig. B pela parte do centro entre a espadua esquerda, e o Pilão,



lão, para quando for preciso lhe tocar com o ponção sobre o lugar em que se applicão as esporadas ; e estando tudo assim disposto , com muita mansidão o irão todos encaminhando com repetidas sensações brandamente applicadas, e bem acordes humas com outras , para que chegue a formar bem a curveta. O ponção com que o ajuda a Fig. B, em lugar de bico, deve ter na haste huma roseta, e todo o seu feitio, como se mostra na Fig. 16. da Est. V. ; porque se for de pua, fará ás vezes grande ferida , sem o Ajudante querer. O comprimento da haste basta que tenha sete, ou oito palmos , porque a Fig. B deve conservar-se em tal distancia do Cavallo, que este a não possa offender, posto que na Est. LXX. parece estar junto á espadua.

Esta lição não só fica sendo o reverso da antecedente, em a qual fica mostrado que elle póde fazer as curvetas sobre a volta ; mas nesta elle fica na acção da galopada ao revés, porque avança o seu pé, e mão direitos, e marca o terreno, como se mostra na Fig. 5. , Est. LXVII. , a pista do pé esquerdo marca a linha N. 4. mais perto do centro, a da mão esquerda a N. 3. , a da mão direita a N. 2. , e a do pé direito N. 1. da maior circumferencia.

As difficuldades desta lição a fazem aspera, ainda aos Cavallos mais finos, e mais sensiveis ; mas póde-se conseguir que elles cheguem a fazer as curvetas ao revés , não só porque assim o diz Pignateli folh. 248. , como tambem porque eu vi Cavallos, que se formavão bem nesta acção ; he porém muito necessario ensinillos até perceberem o que se pertende que elles fação, com muita moderação, e paciencia, obrigando-os com sensações proprias ao movimento, e acção, que lhes pertendem ensinar.

Digo que o Cavallo sustenta esta acção, como ao galope , em quanto as espaduas estão no ar ; mas não se deve entender que elle marca o terreno , quando faz as curvetas, como quando galopa na acção da volta ao revés ; porque a differença he muito grande, quando galopa dobrado para a direita sobre a volta ao revés, a meia garupa, e perna esquerda vai seguindo a meia garupa, e a perna direita ; porém em quanto assim trabalha, a perna esquerda he a que entra para baixo do corpo, e marca a linha N. 3. , como se mostra na lição dos quatro circulos da volta ao revés, galopando sobre a direita ; e quando fórma as curvetas sobre a volta ao revés, alarga-se igualmente de huma, e de outra anca, determinando os movimentos das espaduas , e braços lentamente unidos , e por isso marca o terreno, como se mostra na seguinte Estampa.

ESTAMPA LXX.

De hum Cavallo na acção das Curvetas, dobrando-se sobre a volta composta ao revés para a direita.

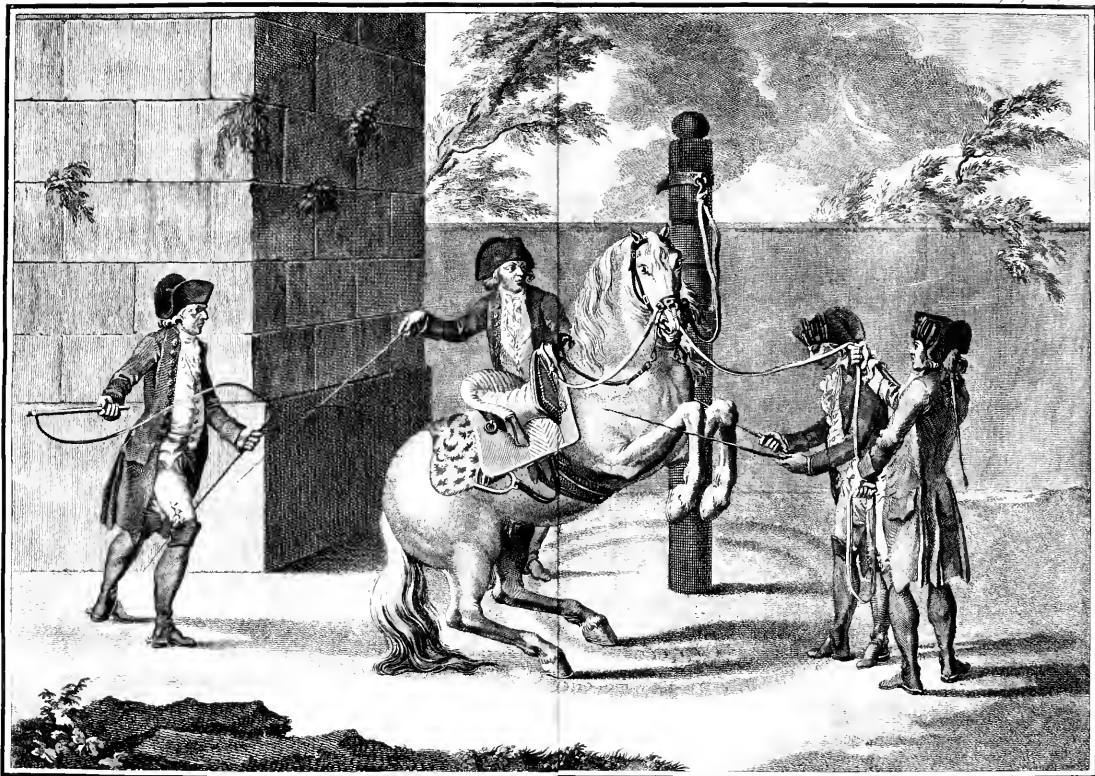
Disposições para a lição das Curvetas, dobrando-se o Cavallo para a esquerda.

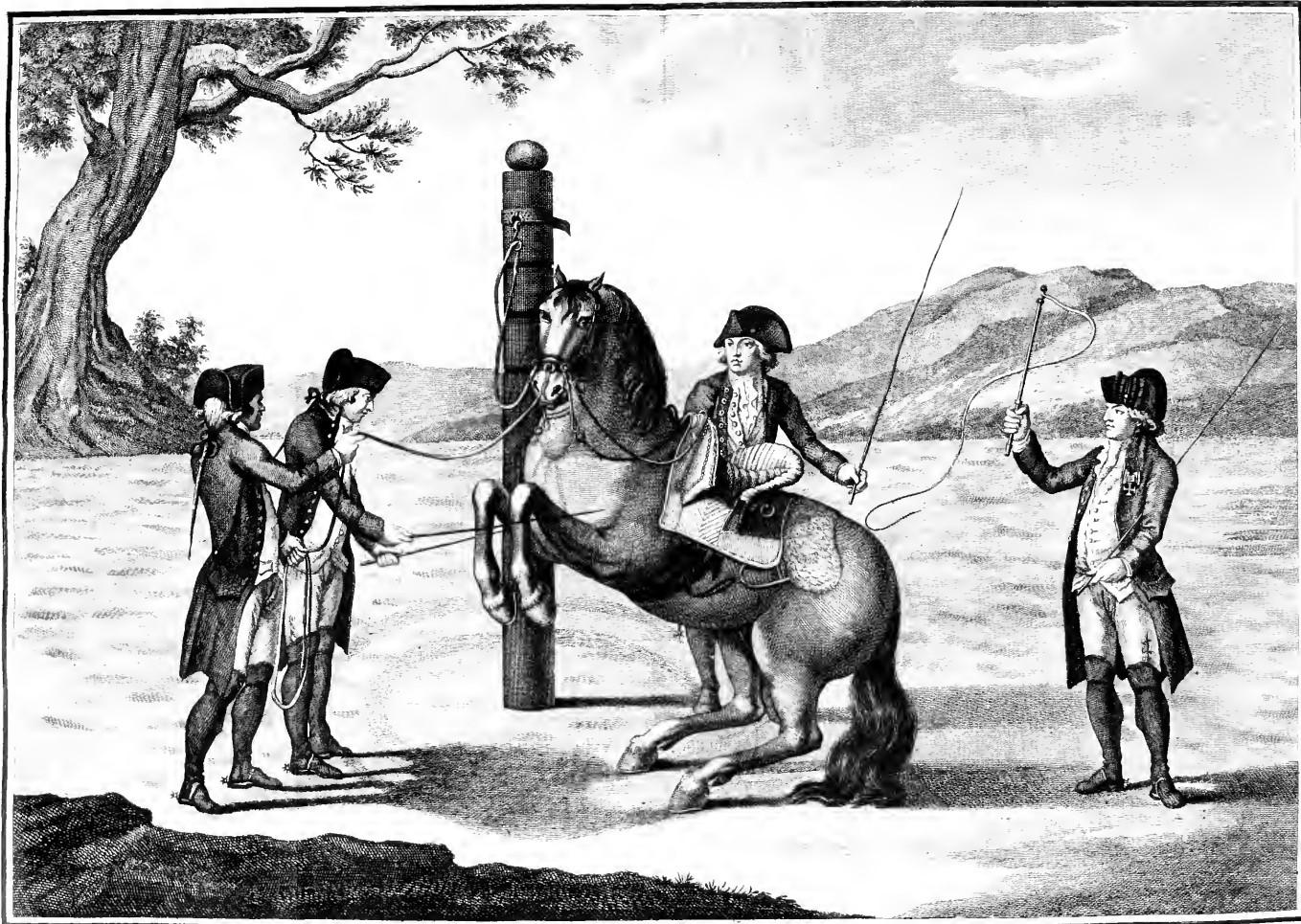
PAra o ensinar, e obrigar a dobrar-se nesta acção para a esquerda, devem fazer-lhe atar a redea do cabeção da parte direita ao gancho do correão do Pilão, a qual deve estar afivelada na argola do tornel direito do cabeção, e da mesma forte (o Ajudante C) afivelar a guia, ou redea na argola do tornel do meio do cabeção, e a redea esquerda do mesmo cabeção fazella atar ao grampo do cepillo da sella (Est. IX., Fig. 17., Letra B, ou á fivela do peitoral Z) alguma coufa curta, para que o Cavallo olhe, e se dobre para a esquerda. O Ajudante C, que fegurar, e conduzir a guia, deve sempre andar por fóra do circulo maior, porque o Cavallo se conduz alguma coufa defronte da espadua de fóra do centro, para a garupa ter a liberdade de sahir para a circumferencia, como se mostra na Fig. 6. da Est. LXVII. O Ajudante B com a vara, ou ponção deve postar-se pela parte direita da espadua do Cavallo junto ao Pilão, a fim de o unir, e fazer igual dos movimentos das espadas.

O Mestre A o ajudará com o açoute pela parte de dentro do circulo, para lhe encaminhar a garupa a que saia do centro para a circumferencia, á proporção do que as espadas se unem, e entrão para o centro. Quem ajudar com o ponção, deve seguir o Cavallo em tal distancia que o possa ajudar, e castigar, sem que elle o possa offender; e sómente o deve castigar no tempo em que desobedecer com tenacidade, regulando-lhe a força do castigo pela disposição com que o animal o sente.

Nesta lição, em quanto as espadas estão no ar, o Cavallo se fórma na acção, como se galopasse para a esquerda, só com a differença de se alargar muito da garupa, quando se levanta das espadas, como deixo ponderado para a direita: por isso em abaixando da acção, marca o terreno, como se mostra na Fig. 6. da Est. LXVII.: a pista do pé direito marca o circulo N. 4. mais proximo ao centro, a da mão direita o N. 3., a da mão esquerda o N. 2., e a do pé esquerdo o N. 1. da maior circumferencia; e só deste modo elle se fórma bem na acção das curvetas sobre a volta ao revés para a esquerda com regularidade semelhante áquella com que as deve formar para a direita.

Eu mostro na Fig. 1., Fig. 2., Fig. 5., e Fig. 6. da Est. LXVII. em circulos o modo, por que os Cavallos marcão o terreno, formando-se na lição das curvetas sobre a volta dobrados para o centro, e sobre a volta ao revés dobrados para fóra delle; e mostro as figuras dos Cavallos nas Est. LXVIII., Est. LXIX., Est. LXX., Est. LXXI. sobre elipfes por causa da perspectiva dos circulos, e para os accomodar mais ás suas acções.





E S T A M P A LXXI.

De hum Cavallo na acção das Curvetas sobre a volta composta ao revés dobrado para a esquerda.

Continua-se a lição das Curvetas de firme a firme, depois do Cavallo montado.

HAvendo-se ensinado, e trabalhado o Cavallo em todas as diferentes acções de curvetas, preparando-o sem Cavalleiro, quando elle se apresentar bem em qualquer das referidas acções, devem parallo, affagallo, e apòs isso mandar-lhe apertar a fella, e fazello trabalhar naquella lição correspondente ao seu conhecimento, e prestimo, dilatando-lhe o trabalho á proporção do seu poder, e folgo: e no dia seguinte, depois de o deitarem á guia, devem principiar-lhe o trabalho pela lição das curvetas, já entre os Pilões, já sobre linhas rectas junto ao Pilão do centro, como tambem sobre a volta para huma, e outra parte, e sobre a volta ao revés. E sendo estes os movimentos com que os devem principiar a ensinar nas acções das curvetas entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro, ajudando-os, e ensinando-os por effeito de toques ministrados sem Cavalleiro: direi tambem como se lhes podem ensinar as lições das curvetas, depois de montados junto ao Pilão do centro de firme a firme.

Deitando o Cavallo á guia, e preparando-o entre os Pilões, depois de o ter montado, e feito conhecer a lição das curvetas, o podem conduzir ao Pilão do centro; e hum Cavalleiro de mediana estatura, não muito pezado, o montará, tendo os estribos alguma coufa mais compridos, do que se costumão trazer nas mais lições, de que tenho tratado, para quando o Cavallo se levantar não pezar o Cavalleiro muito forte sobre elles; advertindo que esta recommendação he sómente para aquelles, que tem pouca firmeza, e pouco uso de ajudar os Cavallos, quando se principião a formar na acção das curvetas; porque os Cavalleiros he certo que ajudão os Cavallos bem em todas as lições, tendo os estribos na sua medida; e recommendo que não se apoie muito sobre elles, para que o Cavallo não perca por este motivo parte do seu ar.

Se o trabalharem com as correas de vencer para o dobrarem com mais facilidade, além de estarem postas, como se costuma usar dellas em outra qualquer lição, necessariamente deve o Cavalleiro segurar a correa direita bem fechada na mão direita com as unhas voltadas para si, e a correa esquerda na mão esquerda, como tambem as redeas do freio, sendo ella com as unhas voltadas para a barriga, da mesma forte que a direita, á excepção de ficar alguma coufa mais alta, e avançada; e se o Cavallo estiver já no estado de trabalhar com o freio só, devem as redeas estar fechadas na mão esquerda, separadas pelo dedo minimo, &c.

O tronco do corpo do Cavalleiro deve estar bem sentado no meio da fella; e para obrigar o Cavallo a levantar as espadas, e abaixar a garupa, deve inclinar-

nar-se alguma coufa no equilibrio dos rins até ao pescoço para trás , mas sem excessão, unindo-lhe as pernas ao ventre, e ajudando-o desta forte com huma, e outra redea quanto baste a fazello levantar ao ar das curvetas ; e depois de levantado , deve o corpo todo consentir em que o Cavallo se conserve algum tempo na acção, já pendendo alguma coufa para trás, se elle se apoia muito sobre a embocadura , já pendendo algum tanto para diante , quando se levanta muito das espaldas, e se enteza sobre os curvilhões, fugindo do apoio da embocadura : isto se faz não só rendendo-lhe o freio , mas unindo-lhe as pernas ao ventre para o fazer agradável na sua aptitude : finalmente não deve o tronco do corpo já mais perder o equilibrio, por pender com excessão para trás, ou por se inclinar muito para diante ; mas deve sim conservar-se nelle, e na situação, que se mostra na Est. LXXII.

Os Ajudantes (A, B, C) do açoute, guia, e vara devem acordar humas, e outras senfações, de maneira que ellas , e as que lhe fizer o Cavalleiro lhe fação perceber o que pertendem que elle faça , aliàs a má , ou intempestiva applicação de humas senfações destruirá a boa direcção das outras , e farão confusão ao Cavallo.

E S T A M P A LXXII.

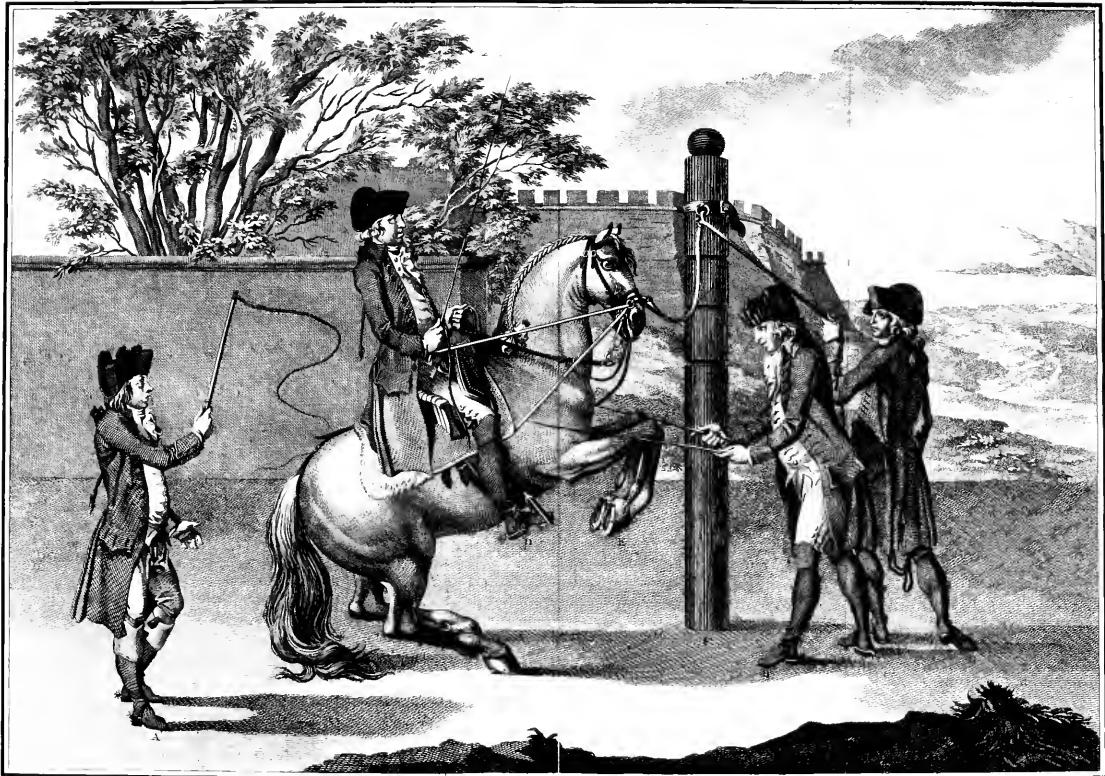
Do Cavalleiro , formando hum Cavallo na acção das Curvetas de firme a firme para a direita.

FAzendo alguma curveta bem, devem parallo, e nesse intervallo deixallo descansar, e tomar folgo, affagando-o, como tenho dito em outros lugares desta Obra , e depois fazello trabalhar por todo o terreno na lição, que julgarem mais conveniente para o dispôr , e instruir no conhecimento da que lhe for mais coadunada com o feu prestimo.

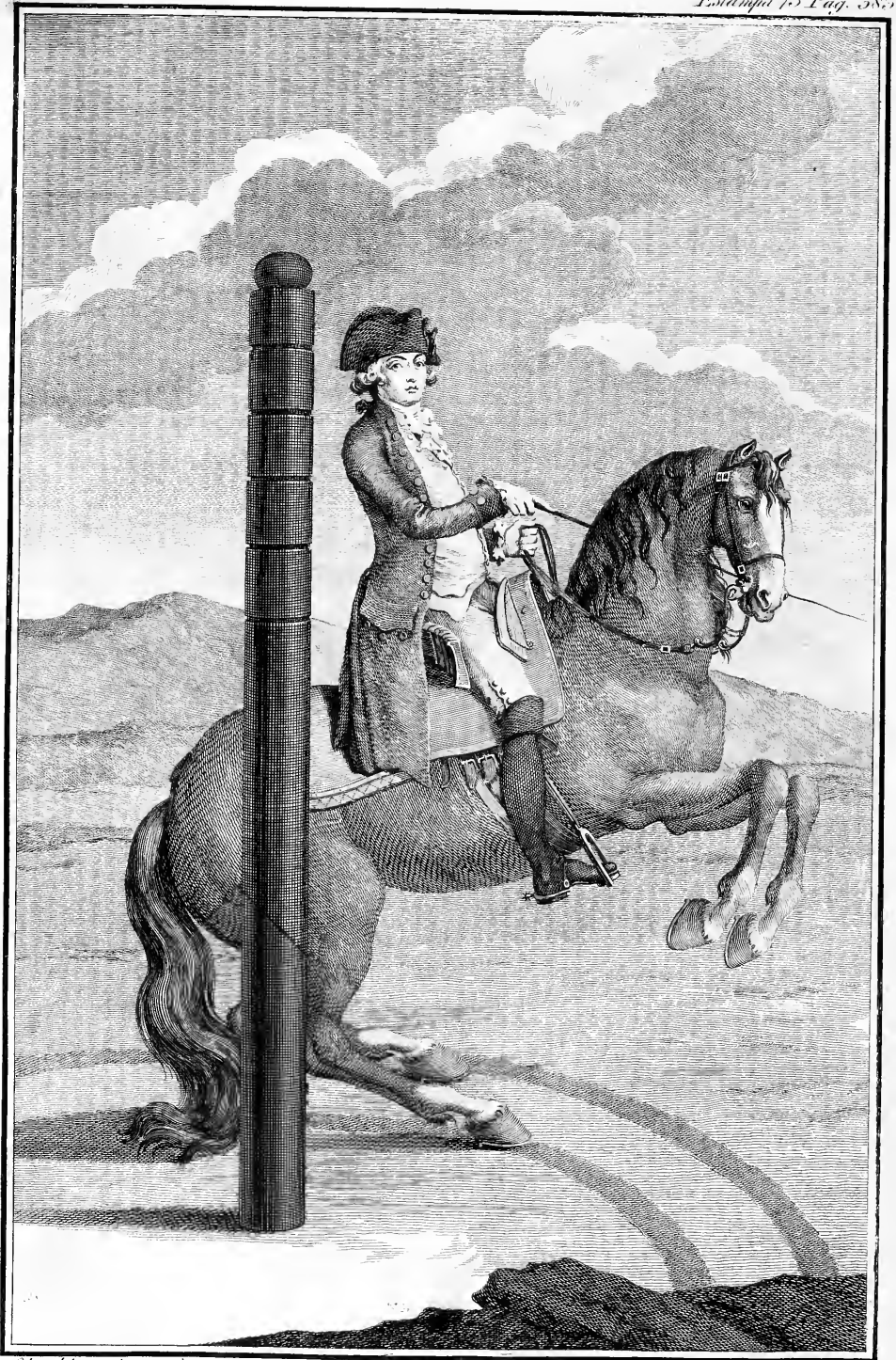
Se em quanto se lhe continúa a lição das curvetas duvida levantar-se, o Ajudante, que segura a guia, deve tella mais firme, como tambem o que ajuda com a vara aos braços, e espaldas deve distribuir , e applicar-lhe as senfações acordes com as do Cavalleiro, e assim quem ajudar com o açoute, conservando-se huns, e outros em tal distancia que possão alcançar o Cavallo, sem que este os possã offender ; e por consequencia as senfações applicadas pelos Ajudantes, pelo Mestre, e pelo Cavalleiro todas devem ao principio ser moderadas, e successivas, para introduzir no animal, com a sua propriedade, o costume, e conhecimento ; mas de forte que lhe atenuem o menos que puder ser a sensibilidade , principalmente com o som da falla, movimentos das redeas, e senfações das pernas.

O Cavallo na acção das curvetas de firme a firme com as suas piftas das mãos fórma linhas naturaes , e com as dos pés já marca linhas artificiaes pelo muito que se alarga da garupa, como se observa nas linhas da Fig. 3., e Fig. 4. da Est. LXVII., em que se vê o modo, por que elle marca o terreno, quando fórma o ar das curvetas de firme a firme sobre linhas parallelas ao centro.

Para se levantar ao ar das curvetas de firme a firme sobre linhas parallelas, tanto junto ao Pilão do centro, como em outra qualquer parte do manejo, sabem







Wilson del et sculp.

todos os Cavalleiros devem firmar o seu espinhaço, e espaldas alguma coufa para trás, sustendo-lhe a mão esquerda de unhas affima, com o dedo minimo voltado para a espada esquerda, unindo-lhe as pernas ao ventre, e se he preciso, ajudando-o com a falla, vara, e mais diligencias já insinuadas nesta lição, até elle se levantar á curveta em qualquer parte do manejo, em que o obriguem que a faça.

Continua-se a lição das Curvetas, ensinando o Cavalleiro o seu Cavallo a formar-se nesta acção sobre a volta simples para a direita.

Tendo mostrado como se fórmão as curvetas sobre as linhas do centro de firme a firme, depois do Cavalleiro montar o Cavallo para o ensinar a obedecer ás mãos, e ás pernas por semelhante modo, vou dizer tambem como se costumão ensinar, e aperfeiçoar na mesma acção das curvetas sobre a volta para a direita, montando-os junto ao Pilão do centro.

Vendo que o Cavallo fórma a acção das curvetas sobre linhas rectas com sujeição á mão, ou redeas, e ás pernas, ou esporas, levantando as espaldas com facilidade, e que no tempo em que vai levantando as mãos, vai igualmente comprimindo as juntas dos braços, das vertebraes cervicaes, do principio do ezofago até ás clavículas, e da mesma forte as dos quadrís, e dos curvilhões, elle o póde considerar capaz de fazer as curvetas, quando o encaminhar a formar os circulos, ou voltas simples em torno do Pilão.

Então o devem conduzir do centro áquella distancia dos circulos, em que ha de trabalhar, unindo-lhe após isso mais as pernas ao ventre, segurando-lhe as redeas mais firmes, e animando o Cavalleiro toda a sua figura para o fazer levantar á curveta, fortalecendo-lhe, e modificando as sensações do corpo, mãos, e pernas, em quanto o Cavallo está levantado, á proporção da sua maior, ou menor sensibilidade até abaixar, pondo as mãos na terra, e então o devem obrigar a que avance algum terreno, movendo-se de passo, ou de trote para o tornar a conduzir á curveta, a fim de que alternativamente vá descrevendo toda a volta a curvetas, formando-se na acção, que se mostra na seguinte

E S T A M P A LXXIII.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas sobre a volta simples para a direita.

EU digo que tendo o Cavalleiro o seu corpo firme, e alguma coufa atrás, animando o Cavallo com as mãos, com as pernas, com a falla, e pela união dos joelhos, e do assento da sella, o fará levantar ás curvetas; e quem o ajudar com o açoute, deve com todo o cuidado fazer-lhe relevar, e rebater os movimentos do pescoço, espaldas, e corpo bem para cima da garupa, ou ao menos o mais que puder ser; e quando o Cavalleiro está bem prevenido, e as suas sensações concorrem para o mesmo fim a que se dirigem as do açoute, para que a sua união

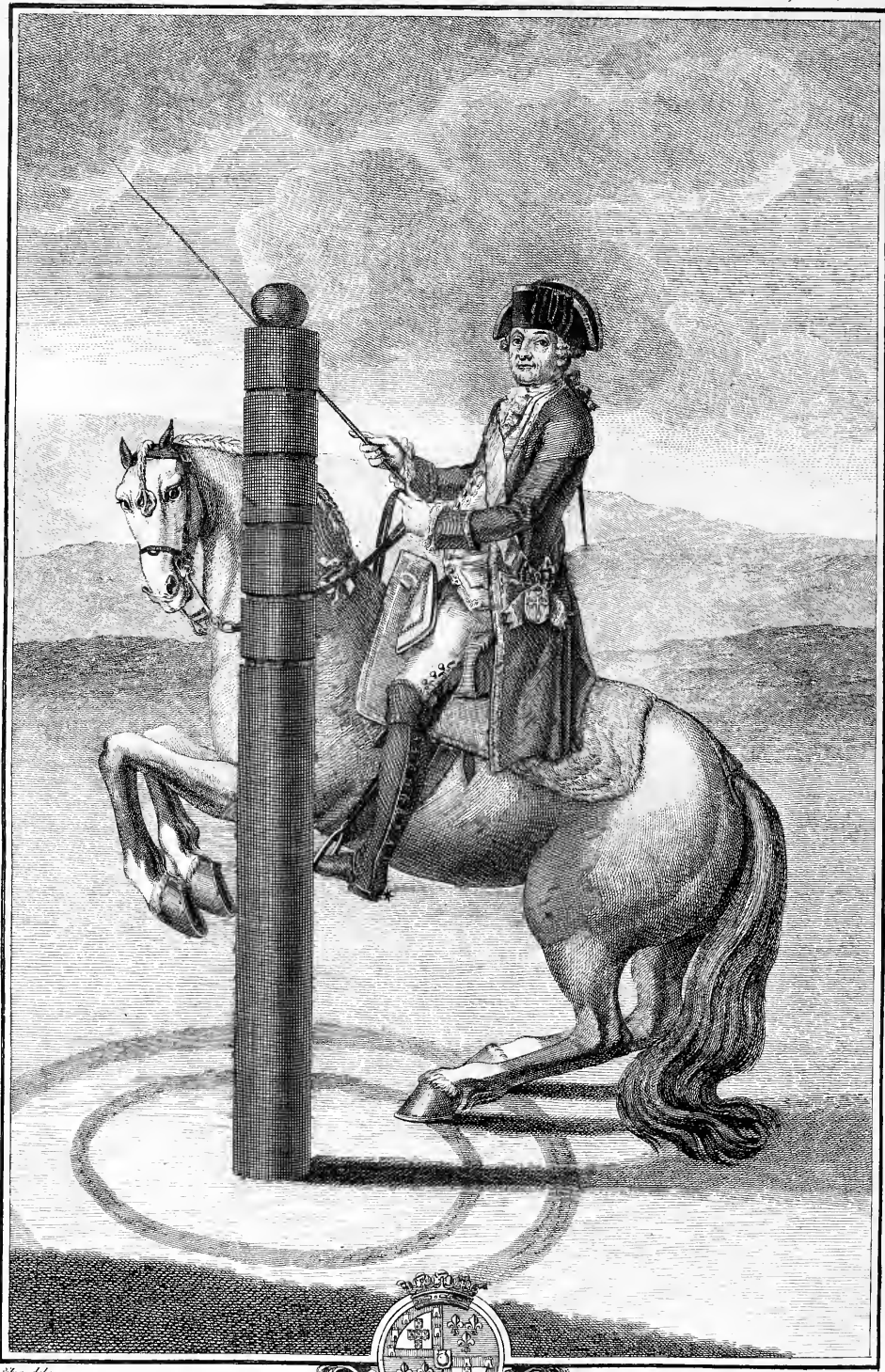
faça produzir de todas bom effeito, he que recommendo feirão acordes humas com outras fenfações. Ora tambem devo advertir que as curvetas limpamente rebatidas não consistem na pressa com que alguns Cavallos as fazem; mas sim no tempo, e igualdade com que se levantão das espadas, e se unem sobre a garupa.

Esta lição os rende muito obedientes, e iguaes dos movimentos dos quadrís, curvilhões, e travadouros, como os mais distinctos Authores dizem. Quando o Cavallo tem chegado ao bom estado de determinar a sua direcção com facilidade por meio das referidas diligencias, já não he preciso ajudallo tanto com o açoute sobre as ancas, porque o Cavalleiro o póde supprir, tocando-lhe com a vara por cima do hombro, ou por baixo do braço sobre a garupa; e creio que todos sabem que os Cavallos commummente correspondem melhor ao toque da vara, sendo-lhe applicada por cima do hombro, e tem mais graça, do que se se usa della sómente por baixo do braço, ao mesmo tempo que o homem tambem fica mais vistoso.

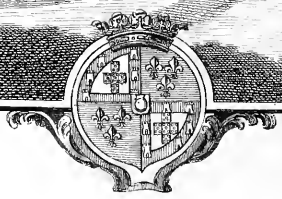
Deve-se conservar o Cavallo no terreno, de maneira que marque a circumferencia igual, e da mesma sorte a determinação do movimento, para que se deixe encaminhar bem com as redeas ambas entre a sujeição de ambas as redeas; que só deste modo póde marchar sobre linhas circulares, vencendo sempre terreno para diante, como se mostra na Fig. 1. da Est. LXVII.; pois tanto antes, como depois de montado, a pista do pé direito marca o circulo N. 1., a da mão direita o N. 2., e da esquerda o N. 3., e a do pé esquerdo o N. 4. da maior circumferencia. Este he o melhor modo de ensinar ao Cavallo a formar a acção das curvetas sobre a volta para a direita; e por isso passo a referir tambem o modo, com que o Excellentissimo Marquez Estribeiro Mór lhe ensina a lição das curvetas sobre a volta, dobrando os Cavallos para a esquerda.

Quando este insigne Cavalleiro ensina qualquer Cavallo a formar-se nesta acção das curvetas sobre a volta, não obstante o ser difficultoso avançar a espadua direita para se perfilar a esquerda com o radio do circulo, que marca a pista do pé esquerdo no circulo N. 1., e na periferia N. 4., consentindo bem nos movimentos, por que se determina o corpo do Cavallo. Sua Excellencia o faz, porque he igual em toda a sua bem symmetriada figura: e elle trabalha nesta, e nas mais lições com perfeição, porque sempre se assenta bem no meio da sella, por isso avança quanto quer a espadua direita, conservando a mão direita de nivel com a esquerda, (porque só deste modo se póde fazer entrar o Cavallo para diante, e para a mão) firma o seu corpo atrás, segura a mão da redea de unhas affima com o dedo minimo inclinado para a espadua direita, a fim de que a redea tire bem pela caimba da parte esquerda, e o Cavallo olhe, e se volte cada vez mais para o centro, a fim de lhe encruzar a garupa entre as forças da redea de dentro, e das pernas, principalmente da de fóra, ou direita, para o fazer seguir melhor os gyros, ou circulos das espadas.

Obriga-o a levantar-se á curveta, sustendo-lhe as redeas, principalmente a esquerda, chegando-lhe as pernas maiormente a direita, e tendo o seu corpo atrás, e firme proporcionalmente; e logo que o animal se levanta das espadas, Sua Excellencia pende para diante, á proporção do que elle as levanta, segura as curvas,



Alfonso del Rio



e os joelhos firmes , mas frouxos ; e por este modo lhe liga , e une as pernas ao ventre , ajudando-o com huma viveza proporcionada á actividade do animal , sem já mais pezar com excessão sobre os estribos ; porque só desta forte he que se ensinão a formar as curvetas com huma medida igual , e com hum apoio justo , e firme.

Ora quando os Cavallos sentem o Cavalleiro nesta aptitude , formão-se na acção das curvetas com facilidade , se elles tem agilidade para este ar ; e pelo contrário , quando não tem propensão , e possibilidade , em os obrigando a levantar-se , (posto que sejião ensinados com esta ordem) elles se atravessão , e se levantão com mais agilidade para huma , do que para outra parte. O mesmo acontece se não podem , se tropinhão , isto he , se põem mal no chão os cascos dos pés , ou são duri-dos dos curvilhões , e jarretes.

Não he necessario que estejião inteiramente perfeitos na lição das curvetas sobre as linhas rectas de firme a firme para os fazer passar á lição das curvetas sobre a volta : antes para elles não estranharem , e fugirem da sujeição circular , he bom , logo que tem algum conhecimento das curvetas de firme a firme , principiallos tambem a formar nas linhas obliquas , e proporções da volta.

Quando se levantão na acção das curvetas , os musculos dos seus corpos todos se comprimem para se ajustar , e suster o seu pezo pelo equilibrio sobre as ancas , da mesma forte que se unem , e se ajustão sobre ellas no tempo em que os obrigão a recuar , Est. XXVIII. , e Est. LII. Sua Excellencia nesta , como em todas as mais lições , os ensina , e os obriga bem , porque as sensações com que os encaminha , todas são conformes ás determinações , e direcção dos movimentos que delles pertende , por isso lhes correspondem acordes em cada diversa qualidade de acções , como se mostra na seguinte

E S T A M P A LXXIV.

Do Excellentissimo Marquez de Marialva , ensinando hum Cavallo a fazer as Curvetas sobre a volta para a esquerda.

PEla mesma maneira que o Cavallo marca o terreno , quando faz as curvetas sobre a volta para a direita , o marca tambem , quando fórma as curvetas sobre a volta para a esquerda , seja sem Cavalleiro , (Est. LXVIII.) ou depois de montado , (Est. LXXIII.) como se mostra nas pistas marcadas na Est. LXVII. , Fig. 2. : nesta a pista do pé esquerdo marca a linha N. 1. , a da mão esquerda a N. 2. , a da direita a N. 3. , e a do pé direito a N. 4.

Quando ensina a passar de mão as primeiras vezes qualquer Cavallo que trabalha neste exercicio , obriga-o a marchar por duas tangentes para fóra da circumferencia , no fim das quaes o faz descrever hum femicirculo de duas pistas ; e se elle se entorta das espaldas , ou da garupa , então o faz mover sobre huma volta bastantemente larga em hum movimento igual , ou marche de passo , ou de trote , para lhe fazer conduzir a cabeça , e espaldas bem circularmente adiante da ga-

rupa; e então, depois de o ter vencido com a redea de dentro, e a perna de dentro nos segundos tempos, que vai formando no balanço das espaduas, o obriga cada vez mais a ficar direito sobre o radio do circulo, porque só desta forte se ensina a distribuir os seus movimentos com igualdade para obedecer ás redeas, e ás pernas facilmente.

Os movimentos que o Cavallo faz com a garupa na lição das curvetas são oppostos aos que faz com as espaduas; pois logo que estas principião a levantar-se á proporção do que se elevão para cima, elle vai abaixando, e comprimindo as juntas do espinhaço, dos quadrís, dos curvilhões, e dos jarretes, ficando desta forte assim dobrado para sustentar a acção do feu ar firme sobre a garupa; e do mesmo modo, á proporção do que as espaduas entrão para o centro, a garupa deve fahir para a circumferencia.

Ainda que eu digo que o Cavallo póde fazer as curvetas, marchando sobre a volta simples, não se deve entender (posto que elle esteja montado) que póde estar firme nesta acção sobre a garupa, e avançar o terreno preciso para formar o circulo, (Est. LXVII., Fig. 1., e Fig. 2.) como tambem as tangentes, e o angulo da passagem; mas sim que abaixando da curveta, de passo, ou de trote, vá descrevendo o gyro dos circulos, como tambem as linhas do angulo, e semicirculos da passagem até o chamarem, ou o obrigarem a que continue a formar a acção das curvetas; pois isto se deve entender da mesma forte, tanto quando se ensina sem Cavalleiro, como depois de o haverem montado. Quando Sua Excellencia lhe fórma as passagens de mão, desdobra-o da acção das curvetas com a mesma regularidade, e boa ordem com que os ensina, e obriga nas mais lições, por ser este methodo sem dúvida melhor.

Continua-se a lição das Curvetas sobre a volta composta ao revés para a direita.

NA lição das curvetas sobre a volta simples, se o Cavallo olha, e se dobra para a direita, fica-lhe o ponto do centro, ou o Pilão da parte direita Fig. 1. Est. LXVII. Na lição das curvetas sobre a volta composta ao revés, quando olha, e se dobra para a direita, fica-lhe o Pilão, ou ponto do centro da parte esquerda, Fig. 5.

Quando passa de mão da volta simples, ensina-se a fahir dos circulos Fig. 1., obrigando-o mais com a redea direita, e a perna esquerda; e se o tornão a vir trabalhar sobre os mesmos circulos, sem o desdobrar da direita para a esquerda, fica trabalhando na lição da volta composta ao revés para a direita, e marca o terreno, como se mostra na Fig. 5.: logo se o fazem passar de mão, quando trabalha sobre a volta composta ao revés para a direita, se o não fazem desdobrar da direita para a esquerda, fica trabalhando sobre os circulos da volta simples, e marca o terreno, como se mostra na Fig. 1.

Na lição das curvetas sobre a volta simples, se o Cavallo olha, e se dobra para a esquerda, fica-lhe o Pilão, ou ponto do centro da parte esquerda Fig. 2.

Na

Na lição das curvetas sobre a volta composta ao revés, quando o Cavallo olha para a esquerda, fica-lhe o Pilão, ou ponto do centro da parte direita Fig. 6.

Quando o fazem passar de mão da volta simples Fig. 2., ensina-se a fahir dos circulos, obrigando-o mais com a redea esquerda, e a perna direita; e se o tornão a vir trabalhar sobre os mesmos circulos, sem o desdobrar da esquerda para a direita, fica trabalhando na lição da volta composta ao revés para a esquerda, e marca o terreno, como se mostra na Fig. 6.: logo se o fazem passar de mão, quando trabalha sobre a volta composta ao revés para a direita, se o não fazem desdobrar da acção, fica trabalhando sobre a volta simples, e marca o terreno, como se mostra na Fig. 2.

Para o Cavalleiro formar o Cavallo na lição, e acção das curvetas sobre a volta composta ao revés para a direita, deve ter a sua mão esquerda de unhas abaixo, e a direita de unhas acima, com o dedo minimo inclinado para a espadua esquerda, algum tanto mais para trás de nivel com a esquerda, e por consequencia a postura de todo o tronco do corpo até aos joelhos segue a symmetria das mãos, porque se deve avançar a espadua esquerda, atrazar a direita; e da mesma forte deve o Cavalleiro situar os seus quadrís para olhar, ou poder ver as linhas dos circulos, que o Cavallo vai marcando, principalmente com as pistas do pé, e mão direita.

O Cavallo obrigado das fenções da redea direita, dá a cara, e o bico para esta parte, e as orelhas, e a cernelha se inclinão á proporção para a esquerda, de forte que andando dobrado para a direita, a orelha esquerda necessariamente deve inclinar-se para o ponto do centro, que lhe fica desta parte; e quando o Cavalleiro o trabalha nesta lição com o freio só, deve a mão esquerda sustentar as redeas com o dedo minimo inclinado para a espadua esquerda.

Hé certo que sempre se entende que elle anda para aquella parte para onde olha, e dá o bico, ou está dobrado, já nas lições sobre linhas rectas, já nos circulos, ou tambem nos reversos sobre linhas curvas: logo olhando para a direita, fica dobrado, e concavo para esta parte, por consequencia elle fica convexo da parte esquerda pela dobra, e direcção do seu pescoço, espaduas, ventre, e ancas: e só a perna de dentro da sua volta, ou direita, em quanto o animal trabalha dobrado para esta parte, não se póde dobrar, e entrar para baixo do corpo, antes perde a forma concava do principio da coxa para baixo, quando o Cavallo se move assim dobrado: por isso o Cavalleiro, trabalhando nesta acção, deve apoiar o equilibrio do seu corpo hum pouco mais para a direita, ou para dentro da volta, do que nas mais lições, para aliviar o pezo á parte de fóra, a fim de que se forme com mais facilidade na acção.

Se o Cavallo se abandona sobre as espaduas, o primeiro movimento para o corrigir deve emanar da mão do Cavalleiro, segurando as redeas mais firmes, levantando mais a mão, tendo ao mesmo tempo o corpo atrás, e firme, para elle se levantar, e sustentar a acção das suas espaduas, e unir, e ajustar-se bem sobre as ancas com igualdade.

Ao passo, e trote sustenta a sua acção igualmente sobre a mão, e pé oppo-

tos, marcando o terreno com as piftas da mão, e pé, quasi ao mefmo tempo; mas quando releva as espadas na acção das curvetas, feja sobre a volta simples, ou compofta, muda os feus movimentos, como fe galopasse; e nestes casos toda a fua acção fe apoia fobre a garupa, a fim de fortificar a aptitude, pela qual fustem, e acompanha a difpozição das curvetas, alargando as pernas, e tendo os pés affastados, ou longe hum do outro, ao menos duas vezes mais do que fe elle paffea, trota, ou galopa fobre a volta, e por iffo marca piftas differentes, como fe mostra nas Fig. 1., Fig. 2., Fig. 5., e Fig. 6. da Est. LXVII.

ESTAMPA LXXV.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas sobre a volta ao revés para a direita.

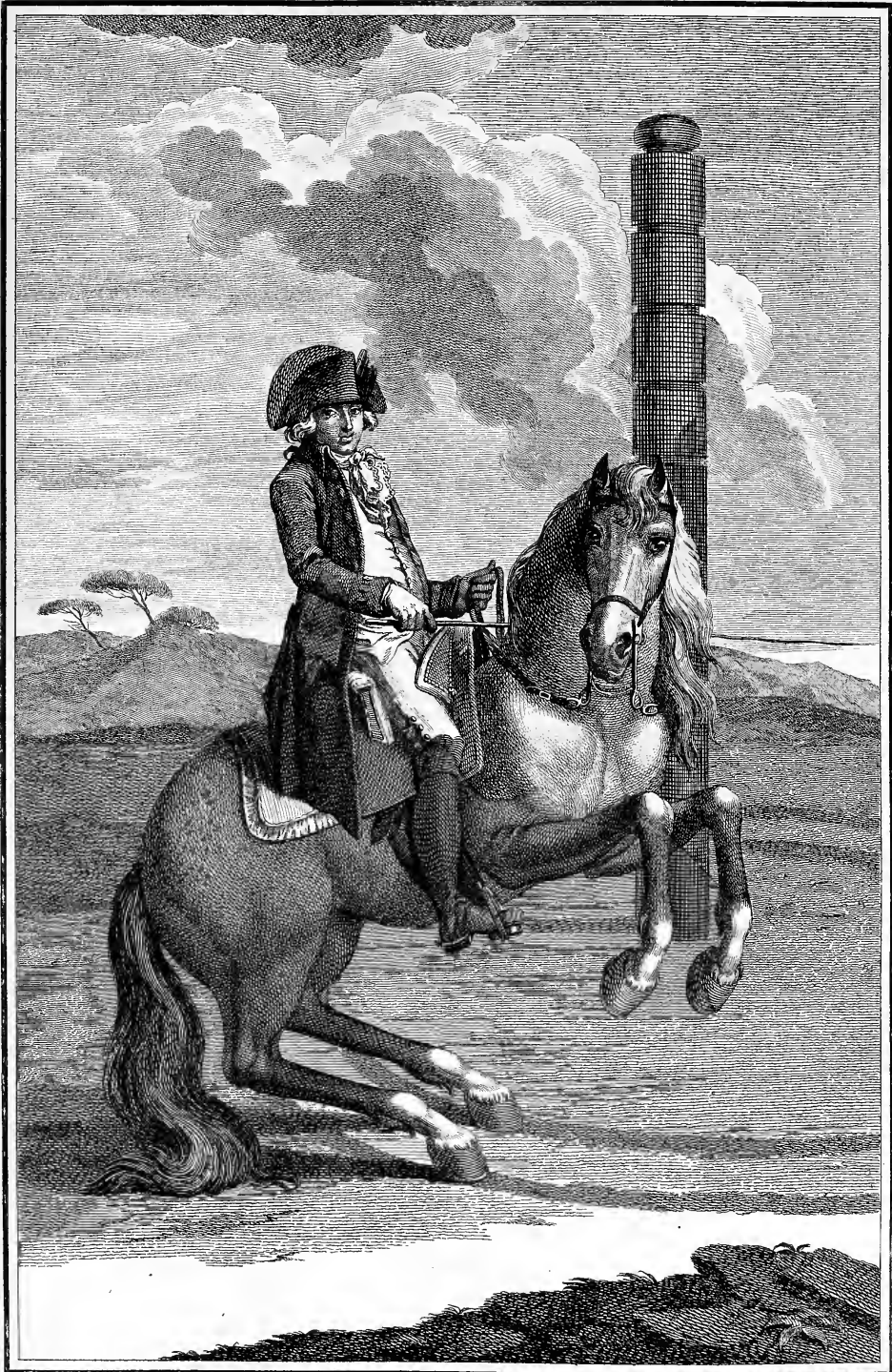
HA tres acções de curvetas diverfas, em cada huma das quaes determina o Cavallo os feus movimentos, marcando o terreno com differença, como fe mostra nas seis Figuras da Est. LXVII.; e em cada huma destas acções he preciso que o obriguem a que fe levante, e fustente o feu ar á proporção do feu poder, por meio das ajudas, e fenfações, que lhe correfpondem, para depois de abaixar da curveta, fazello avançar de trote, ou de passo, a fim de o focegar, dar-lhe folgo, e fazello defcrever, e marcar os circulos, ou linhas fobre que trabalha, com perfeição, tanto quando marcha fobre hum, como fobre outro lado.

Levantar o Cavallo na acção das curvetas, he ensinar-lhe esta lição entre os Pilões, e pouco a pouco pelas repetidas fenfações, de que tenho tratado, introduzir-lhe o costume, para que chegue a rebater os feus movimentos bem para fima da garupa.

Segurallo na acção, he por meio de toques, e diligencias proprias impedillo que ponha com muita brevidade as mãos na terra, fem com tudo o pertender demorar tanto, que elle aborrecido perca a propriedade do movimento, para que tem mais propensão.

Fazello ir para diante, he ensinallo, e obrigallo com ambas as pernas, e com o equilibrio do corpo a que fe apoie entre as fenfações dellas, e das redeas ambas, fem violentar a mão, por fe extender fobre a embocadura, e fem ficar para trás, por fazer pouco cafo dos toques das pernas, e das esporas. Ora quando o Cavallo defta forte faz as curvetas fobre a volta ao revés dobrado para a direita, fe fe deixa encruzar bem entre as forças da redea direita, e da perna esquerda, não fó mostra que tem propriedade para esta lição, mas não lhe he penoso sujeitar-fe ás diligencias, que o vão conduzindo a ella. Quando unir muito a espada direita á esquerda, o que poucas vezes acontece: promptamente o Cavalleiro deve levar a mão da redea do centro para a volta, ifto he, da esquerda para a direita, e tornalla outra vez com promptidão ao feu lugar, fervindo-fe destes movimentos de maneira, que fempre fe confervem as espadas do Cavallo bem adiante da garupa.

Pelas mefmas razões, fe anda trabalhando na lição da volta ao revés fobre a



Silva delin.

Frois sculp.

esquerda, e une muito a espadua esquerda á direita, para o fazer plantar, e marcar bem o terreno, deve a mão do freio de unhas abaixo entrar do centro para a volta, isto he, da direita para a esquerda; e as pernas, e o tronco do corpo do Cavalleiro devem consentir nos movimentos da mão para o indireitar com igualdade entre ambas as redeas. Logo por consequencia, quando as espaduas entrão muito para aquella parte para onde o Cavallo olha, e se dobra, carregando-lhe a mão para fóra da dobra, que elle observa no pescoço, e corpo, a redea de dentro lhe obrigará as espaduas a ir marcar as linhas obliquas, que lhe correspondem de huma á outra periferia da circumferencia, como se mostra na Fig. 11. da Est. IV.

Para o ensinar, e obrigar a que faça as curvetas debaixo de tempos regulares, depois de seguro na acção que deve observar, logo que fizer duas, ou tres curvetas, acabando de fazer a ultima, e estando com as mãos, e pés igualmente firmes no chão com os toques da perna esquerda, e fenções da redea direita, o podem obrigar a que determine a direcção sobre linhas curvas tres, ou quatro tempos ao passo, ou trote para vencer o terreno preciso, e depois devem parallo, e obrigarlo outra vez mais com a redea direita, e perna esquerda a que faça outras tantas curvetas; e tornando-o a parar, devem ir-lhe diminuindo pouco a pouco os tempos do passo, ou do trote, e augmentando-lhe o numero das curvetas, ajustando-o cada vez mais, a fim de que, sem interrupção de tempo, vá formando as linhas da sua direcção, seja obliquando do centro para a circumferencia, seja descrevendo os circulos a curvetas, sem mediar entre huma, e outra curveta mais que hum só tempo de passo, ou de trote.

Deve-se ensinar, e obrigar a que marque o terreno com as pistas das mãos, e pés, como se mostra na Fig. 5. da Est. LXVII.: a pista do pé direito marca a linha N. 1., a da mão direita a N. 2., a da mão esquerda a N. 3., e a do pé esquerdo a N. 4. do circulo menor.

Lição das Curvetas sobre a volta composta ao revés para a esquerda.

DEve-se formar, e ensinar o Cavallo na acção das curvetas sobre a volta ao revés para a esquerda pelo mesmo methodo, e ordem que tenho dito o devem trabalhar, e formar nesta lição, e acção para a direita. Logo necessariamente quando ajusta as forças das ancas para se levantar das espaduas na acção das curvetas sobre a volta ao revés para a esquerda, elle fica situado na acção, como quando galopa unido para a esquerda: a parte esquerda de dentro da volta para onde elle olha, e se dobra, se levanta mais do terreno, e se avança, por isso a direita, que fica da parte do centro, necessariamente se dilata, se atraza, e fica mais em liberdade, e perto da terra nesta lição; e com as pistas dos pés, e mãos marca o terreno, como se mostra na Fig. 6. da Est. LXVII.: a pista do pé esquerdo marca a linha N. 1., a da mão esquerda a N. 2., a da direita a N. 3., e a do pé direito a N. 4. mais perto do centro.

O circulo N. 1. he o da maior circumferencia nesta lição; porque o Cavallo quando está dobrado para a mão direita, avança o seu pé, e mão direita, que ficão da

da parte de fóra do ponto do centro, que he o para onde elle se dobra, olha, e anda Fig. 5. Logo marchando sobre a mão esquerda, pelas mesmas razões avança o pé, e a mão esquerda, e se dobra, olha, e anda para fóra do ponto do centro, como se mostra na Fig. 6. da referida Estampa.

O equilibrio do corpo do Cavalleiro deve apoiar-se mais alguma cousa sobre o estribo esquerdo, quando o Cavallo se dobra para esta parte, para com o seu pezo, e movimento do tronco do corpo lhe aliviar mais a parte direita de fóra da sua volta, e de dentro do centro, a fim de que elle se forme na brilhante acção, que se representa na Est. LXXVI., para o dobrar bem da cabeça, e pescoço: nesta acção devem segurar-lhe a mão esquerda de unhas affima com o dedo minimo inclinado para a espadua direita; deve atrazar-se a espadua esquerda, avançando á proporção a direita, e da mesma forte os quadris, e coxas até ao joelho, segurando-lhe a perna direita logo atrás da ultima cilha, para lhe applicar com ella as precisas fenfações com que se faz obedecer: a perna esquerda necessariamente deve apoiar-se firme sobre o estribo com huns movimentos menos activos para o encruzar bem entre as forças da perna direita, e da redea esquerda, pois só desta forte se lhe ensina a formar as curvetas sobre a volta ao revés, dobrando-o para a esquerda.

O Cavallo em quanto assim trabalha, deve inclinar a orelha direita alguma cousa para o Pilão, ou ponto do centro da circumferencia, que lhe fica pela parte direita; e as espaduas devem seguir bem o meio das linhas, por onde caminham os pés, a fim de marcar as pistas no terreno com a igualdade, que se mostra nos circulos da Fig. 6., Est. LXVII., e na seguinte

E S T A M P A LXXVI.

De hum Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Curvetas sobre a volta composta ao revés, dobrando-o para a esquerda.

LA Guerinieri diz que o trote he fundamento do galope, e que este he o fundamento do terra á terra. Pelas mesmas causas, que elle suppõe ser isto assim, me parece tambem que as curvetas, as passadas, e as poufadas são o fundamento dos ares altos, das garupadas, das balotadas, e das capriolas; e posto que Newcastle diga que a curveta he hum pequeno salto, que o Cavallo faz perto da terra, com tudo a mim me parece ter mostrado que no tempo, em que o animal se fórma no ar das curvetas, firma os pés incontestavelmente no terreno, em quanto as espaduas estão no ar: nos saltos porém he sem dúvida que levantão os Cavallos as mãos, e pés da terra em huns mais, em outros menos, e que na curveta unicamente se move a sua garupa, para se rebater, e sustentar todo o pezo do corpo. Logo os seus movimentos das anças só tem outra direcção, quando as espaduas abaixão do ar das curvetas, e se põem as mãos na terra, como tenho ponderado: motivos, por que não se deve chamar á curveta salto.

As curvetas são o fundamento dos ares altos; porque os Cavallos destinados





ás garupadas, ás balotadas, e ás capriolas, primeiro que se levantem para saltar em algum destes ares, principião a levantar-se das espaduas, e por consequencia se firmão, e dobrão sobre os quadrís, curvillhões, ou jarretes mais, ou menos espaço á proporção da velocidade do salto que pertendem formar: o que elles fazem tambem para se conduzir á acção das curvetas, tanto de firme a firme, como sobre a volta simples, ou na volta composta ao revés; e he tambem certo que elles avançam a meia parte do corpo na curveta, como quando se preparão para galopar; mas as pístas dos pés não se movem, em quanto sustentão a acção da curveta; e quando se preparão para saltar, elles se levantão das espaduas, ajudando-se immediatamente das forças das suas ancas, movendo os pés quanto basta para formar a acção do salto, seja da garupada, da balotada, ou da capriola; e ainda que todos os movimentos das ancas não sejam bem perceptíveis á vista pela brevidade com que o Cavallo se suspende, e move para saltar, he sem dúvida que por todos elles se dispõem para formar os saltos; e nas acções, em que se apresentão, nos deixão bem perceber o quanto isto he certo.

Pignateli, Newcastle, Brogelat, e outros vão conformes com o modo de acordar toda a symmetria do corpo do Cavalleiro nos trabalhos, ou lições expendidas, como fica dito, seja para a direita, ou para a esquerda, e da mesma forte com as outras sensações, de que tenho tratado, para os ensinar, e obrigar a levantar-se á acção das curvetas. Logo necessariamente quando o Cavalleiro trabalha sobre a esquerda não deve pender com excessão para trás, nem para diante, antes sim conservar o equilibrio á proporção do que o Cavallo se levanta, ou se abaixa, mettendo as costas para dentro do lugar dos rins até ás espaduas, deitando o peito para fóra, abaixando, e retirando os hombros para trás, conservando a cabeça direita, e firme, alguma coufa voltada a cara para ondê o Cavallo olha, e se dobra.

Nesta lição de firme a firme sobre a volta simples, e sobre a volta composta ao revés, devem as coxas das pernas ser brandamente unidas ao coxim, e roupás da sella, principiando a sua volta dos ossos dos encaixes dos quadrís até ás curvas, sem pezar muito forte sobre os estribos, principalmente sobre o de fóra da volta, e isto á proporção do que o Cavallo se adianta.

Deve a mão da redea trabalhar sempre de unhas affima, inclinando o dedo minimo para a espadua da parte de fóra da volta, que o Cavallo observa no seu corpo; e quando a sensação da perna de fóra precisar ser mais activa para lhe segurar a garupa, já para o fazer determinar os movimentos della sobre a volta, ou na volta ao revés, já para o acordar com igualdade nos movimentos das espaduas; e mais partes do corpo, deve affoxar-se a força da mão da redea para elle obedecer melhor á perna.

Deve a de dentro apoiar-se firme sobre o estribo, e avançar-se para a primeira cilha, como tambem affoxar-se, e unir-se ao fovaco, junto ao codilho, affoxando-se mais, quando a de fóra segura as espaduas para a volta, a fim de dar liberdade á garupa.

Na lição das curvetas sobre a volta simples, quanto menor he o circulo, em que o Cavallo se move, menos, e mais apertado he o seu movimento da parte con-

cava; e na lição da volta composta ao revés, quanto mais largo he o circulo, mais violentos são os movimentos da parte concava, principalmente quando se obriga a passar de mão, descrevendo a garupa os circulos maiores.

As curvetas feitas sobre linhas rectas da muralha, sendo bem executadas, não tem differença das curvetas formadas sobre linhas rectas de firme a firme junto ao Pilão do centro, posto que fugeitos de bom sentir nesta Arte digão o contrario. Pignateli Cap. VII., Pag. 85. diz que o Cavalleiro deve ajudar o Cavallo, quando o ensina a formar as curvetas, fazendo-lhe sentir ambas as pernas, e as redeas ambas, tendo a mão esquerda hum pouco de unhas affima, inclinando o dedo minimo para fóra da volta, fazendo-lhe sentir mais a perna de fóra do que a de dentro, para que, encruzado entre a redea, e a perna opposta, deixe ver alguma dobra no feu corpo, &c. E igualmente deve isto entender-se, ou o Cavallo ande sobre linhas rectas, ou sobre curvas, tanto sobre a direita, como sobre a esquerda, e do mesmo modo sobre a volta ao revés para huma, e outra parte.

Newcastle fazia obliquar os seus Cavallos com a cara contra a muralha a curvetas, como elle diz no Cap. XXII.; porém como todas as senhações, que o Cavalleiro lhe faz para o obrigar a que determine as suas direcções, são as de que tenho tratado para os formar na acção das curvetas sobre a volta simples, e composta; só digo que assim como se podem formar as curvetas sobre huma, e sobre outra, assim tambem podem formar-se com a cara contra a muralha para huma, e outra mão, só com a distincção do Cavallo ficar mais em liberdade junto á muralha, e ao Pilão do centro, do que sobre os circulos da volta simples, e sobre os da volta composta ao revés.

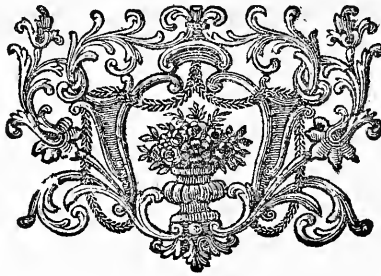
Lição das Curvetas, recuando.

PAra lhe fazer determinar os movimentos, formando-se na acção das curvetas, recuando, deve o Cavalleiro ter a mão da redea de unhas affima, com o dedo minimo inclinado para a sua espadua opposta á dobra do pescoço, e do corpo do Cavallo, tendo-lhe o corpo firme para trás, quanto baste a fazello recuar, segurando-lhe a mão da redea até elle dar alguns passos; e então depois de parar, fazer-lhe sentir com mais actividade as senhações da mão, do corpo, e das pernas, (como digo nas mais curvetas) de maneira que por meio de todas ellas se levante á curveta, e faça duas, ou tres em hum mesmo lugar, para depois o fazerem pelo mesmo modo recuar alguns passos, e tornallo a chamar á curveta, obrigando-o alternativamente a que se costume levantar, o tirem atrás, e o chamem, diminuindo-lhe a quantidade dos tempos do passo, de forte que entre cada dous tempos que recuar faça duas, ou tres curvetas.

Fazendo a primeira, quando fizer a segunda, e abaixar as espaduas para a terra, então deve o Cavalleiro preparar-se para o tirar outra vez atrás, sustendo-lhe, e rendendo a mão, tendo o corpo atrás, e firme, quanto baste a exigir do animal a pretendida obediencia, fazendo-o recuar mais, ou menos forte, segundo elle resistir, ou obedecer, diminuindo-lhe os tempos do recuar; e augmentando-lhe os das

das curvetas á medida do seu desembaraço, até que sem interrupção de tempo, tirando-o dous passos atrás, faça duas curvetas. Esta lição he boa para lhe ensinar a unir as espaduas, e alargar a garupa, como se mostra na Fig. 3., e Fig. 4. da Est. LXVII.

Se elle arrastrar os pés pelo chão quando recuar, então deve o Cavalleiro pender com o corpo alguma coufa para diante, fuster a mão da redea mais forte, baixa, e para si, unir-lhe as pernas ao ventre beím atrás das cilhas, tocando-lhe com a vara por cima do hombro, ou por baixo do braço sobre huma, e outra anca, a fim de que vá rebatendo bem todos os seus movimentos para cima da garupa com igualdade, e promptidão. Finalmente estes são os modos de ensinar os Cavallos a toda a forte de curvetas, que, segundo a commum opinião, são o fundamento dos ares altos, de que passo a tratar, &c.



LIVRO IX.

ARGUMENTO.

Mostra-se o modo, por que se devem ensinar, e dispôr os Cavallos entre os Pilões, para os formar nas lições dos ares altos; e como se preparamo junto ao Pilão do centro de firme a firme para aprender a fazer as Garupadas, as Balotadas, e as Capriolas: qualidades, que devem ter os Cavallos destinados para estes exercicios: e o modo, por que se devem fazer toda a sorte de escaramuças, e mais festejos pertencentes a esta Arte.

NAó ha Cavallo algum, cujo prestimo seja universal, e com propriedade na força, e determinação dos seus movimentos para toda a forte de ares, e trabalhos do manejo: antes pelo contrario cada hum tem sua disposição particular para huma, ou para outra lição; e se o tirão daquelle ar, para que tem propriedade, elle confrangido, e nimamente affectado nas suas acções, corresponde com menos graça áquellas, para que, a pezar de todas as invenções da Arte, e diligencias dos Professores, lhe falta a propriedade.

Aquelles, cuja propensão he toda para os ares altos, ou relevados, ordinariamente são colericos, e por esta causa devem ser tratados com muita brandura, e mansidão, maiormente em quanto os ensinão entre os páos a fazer as acções da garupada, da balotada, e da capriola; porque todo o Cavallo que tem poder excitado da alegria, ou já da adusta cólera, não soffre bem o castigo entre os Pilões, maiormente em quanto ignora.

Todos sabem que os Cavallos colericos, em se preocupando com os castigos, hão de necessariamente usar mal das suas forças: bem assim como os covardes se hão de abater, sendo muito obrigados do castigo: por isso huns exasperados fazem violentos esforços, e outros abatidos decahem em molestias, e defezas irremediáveis: estes os motivos, por que digo que a paciencia do Cavalleiro he muito mais poderosa para ensinar, e vencer este genero de animaes, do que os mais violentos castigos.

Tambem não he absolutamente necessario para os formar nos ares altos da garupada, da balotada, e da capriola havellos passado por todas as lições, que fiação substanciadas; porque ha Cavallos, que tem naturalmente mais propensão, e qualidades para faltadores, do que para os mais trabalhos do manejo; porém he incontestavelmente certo que se elles puderem ir seguindo por ordem as lições, e trabalhos dos seus principios com o methodo regular que a Arte ensina, infallivelmente enfraquecerão menos, e se confirmarão com mais facilidade nos seus faltos, do que os que forem conduzidos, seguindo-lhes sómente a sua natural propensão; porque a determinação dos movimentos dos Cavallos nos ares altos faz em huns consideravel differença dos outros: sendo que para formar bem qualquer destes tres ares de garupada, balotada, e capriola sempre os devem principiar a ensinar entre os Pilões; e eu creio que o seguinte methodo he o melhor.

Disposições para a lição das Garupadas.

PReparado o Cavallo entre os Pilões, como já disse, o Mestre o ajudará com o açoute muito moderadamente, e com a maior attenção deve observar todos os movimentos, e géstos que elle fizer, para lhe dirigir as sensações com propriedade: aos movimentos que tomar; pois que só deste modo o póde ensinar a formar-se naquella acção que lhe he mais propria.

As primeiras vezes que metterem os Cavallos destinados ás garupadas entre os Pilões, devem fazellos mover para huma, e outra parte alguns passos, mandallos passar de mão, e tornallos a obrigar da mesma forte, affagando-os muito, e fazendo-os muito mansamente indireitar, não só quando se levantão, mas quando estão parados, e assim continuar-lhes a lição alguns dias até que deixem perceber o ar, para que tem mais propensão; e logo que isto se conhecer com evidencia, por elle ter formado alguns tempos da acção, para que tem mais propriedade, o devem parar, e affagar, dando-lhe alguma herva para lhe mostrar que fez bem. Já disse que o uso, e as repetidas sensações he que ensinão o animal; mas para se lhe introduzir o costume, e fazer-lhe bom effeito o castigo, he preciso ao Cavalleiro ir prudentemente dispondo-o com industria, e com Arte.

He certo que quando mostrão propensão para se formar na acção das curvetas, logo ao principio tomão os tempos do seu ar, sem acceleração, sem se levantar muito das espaduas, e sem fazer muitos movimentos com a garupa: e então o Mestre com o açoute, e os Ajudantes com a guia, e com a vara o vão ajudando, e ensinando á proporção do seu poder, adiantamento, e idade, para o ir augmentando nos tempos do seu ar: assim os que tem propensão para as garupadas, levantão-se, como se quizessem formar as curvetas; mas em estando com as espaduas altas, firmão-se nas pernas, e saltão para huma, sem mostrar as ferraduras dos pés.

Lição das Garupadas junto ao Pilão do centro, dobrando-se o Cavallo alguma cousa para a direita.

PAra se mover com propriedade para a lição das garupadas, deve levantar-se das espaduas mais que para a lição das curvetas; e tambem devem ajudallo á proporção da obediencia, e conhecimento que vai adquirindo com mais, ou menos actividade para lhe seguiem a propensão. Ora quando se levanta, comprimindo-se igualmente das espaduas, e das ancas, recolhendo os pés, e as mãos para baixo do corpo, elle tem propensão para as garupadas: por meio desta lição segura a cabeça, aligeira todas as determinações dos movimentos dos braços, e apoia-se bem sobre as ancas; porém se pelo decurso da lição formar outra qualidade de saltos, e nelles se desconcertar, ou por ficar no ar em má acção, ou por cahir mal no chão ao desmanchar do salto, nesse caso não o deveráo parar, senão quando se apresentar na acção da garupa, como se mostra na seguinte

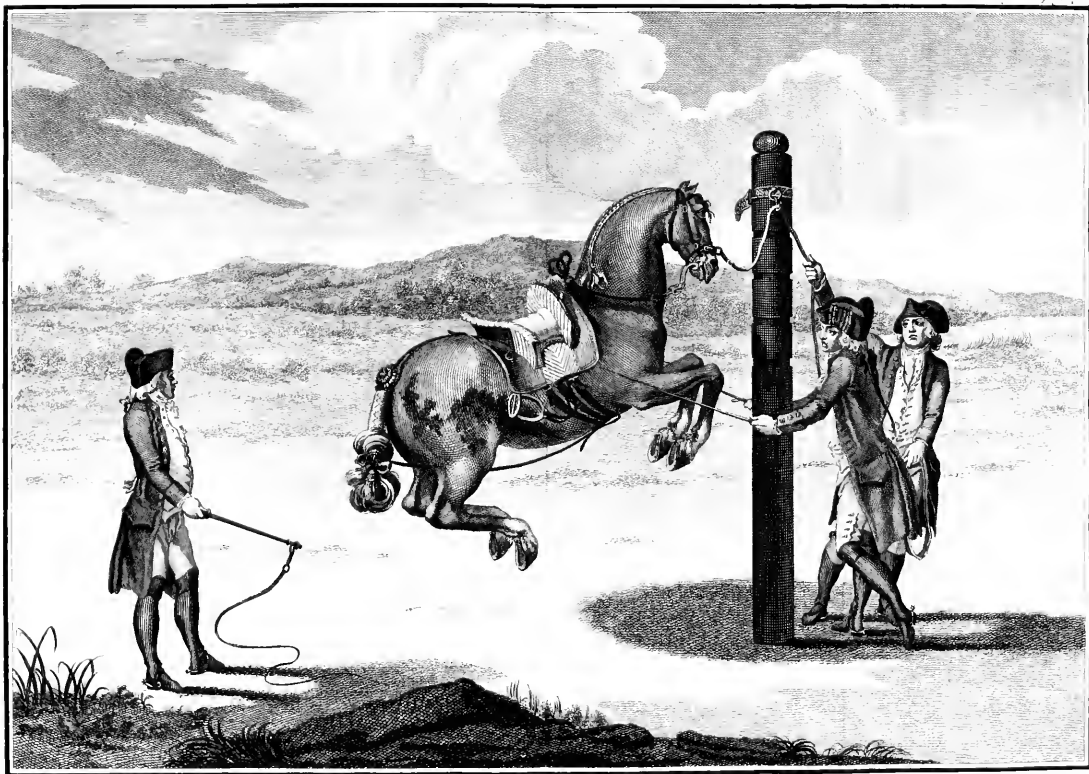
E S T A M P A LXXVII.

De hum Cavallo na acção das Garupadas de firme a firme junto ao Pilão do centro.

DEpois de costumado a fazer as garupadas entre os Pilões, o farão conduzir ao Pilão do centro; e o Ajudante, que estiver com a guia, depois de a descançar no gancho do correão do Pilão, a deve segurar mais, ou menos curta, seguindo a grandeza, e disposição do Cavallo der lugar, sem puchar muito por ella; (principalmente quando o montarem para não o fazer desobedecer á mão, e ás redeas) mas não se deve entender que eu pertendo que as affoxem de maneira, que elle não sinta, quando for preciso, o seu effeito: em quanto não as faz com Cavalheiro, devem as ordinarias redeas do cabeção ser atadas ás cilhas: se levantar muito a cabeça, e se a abaixar, podem ser-lhe atadas aos grampos da sella, ou ás fivelas do peitoral, para de huma, ou de outra sorte o ajudarem a indireitar-se, e unir-se igualmente dos movimentos das espaduas, e do pescoço.

Junto ao Pilão deve postar-se o Ajudante B para o ajudar com as varas a indireitar-se, e fazer-se mais igual dos movimentos das mãos, tocando-lhe com a vara mais sobre aquella, que elle dobrar, e levantar menos, para que venha a levantar-se igualmente de huma, e outra parte.

Quem estiver ajudando com o açoute Fig. A, deve postar-se em boa distancia da garupa, de modo que o Cavallo o não possa maltratar, e elle o faça entrar para a acção: o que se consegue, dirigindo-lhe o açoute ao alto da garupa. Tambem os Ajudantes B, C devem concorrer uniformemente, para que o Cavallo por meio de humas, e de outras diligencias se levante á garupada; e logo que fizer algum tempo com mais propriedade, devem, proferindo a palavra *bó, bó*, parallo, e affagallo, maiormente se estiverem na idéa de suster-lhe a lição por este dia: e sempre



pre as lições dos ares altos lhes devem ser dadas , tanto entre os Pilões , como junto ao Pilão do centro , deitando-os á guia antes de lhes pôr o cabeção dos páos , para depois os apertarem , e os trabalhar montados nesta , ou em outra qualquer lição.

Estando assim bem costumados a fazer as garupadas de firme a firme sem Cavalleiro , devem fazer-lhes apertar a fella , montando-os primeiro entre os Pilões , para os ir obrigando a que executem esta lição com obediencia á mão , e ás pernas do Cavalleiro , a fim de os conduzir depois ao Pilão do centro para fazer as garupadas de firme a firme.

Dezas , de que usão alguns Cavallos , quando os principião a formar para a lição das Garupadas entre os Pilões , e junto ao Pilão do centro sem Cavalleiro.

1 **S**E o Cavallo , quando o obrigão entre os Pilões a dispôr-se para a lição das garupadas , se move com celeridade , e olha para quem o ajuda , físta as orelhas para diante , e pára , he isto final de haver concebido medo ou do castigo do açoute , e da vara , ou das sensações do cabeção , e commummente se defende de levantar-se , encolhendo-se , ficando para trás , e chegando-se muito á parede. Neste caso deve quem o ajuda investigar qual he a causa do seu temor para a evitar , modificando as diligencias com que o obrigão , a fim de que não commetta violentas defordens.

2 Alguns tambem se defendem , movendo-se com mais pressa para huma do que para outra mão , e nem por isso he bom deixar de os fazer passar muitas vezes , e ajudallos de hum , e de outro lado ; pois basta para os vencer que da parte para onde tem menos agilidade os obriguem a formar hum , ou dous tempos mais , do que para onde tem mais defembaraço ; porque isto os irá facilitando da parte , donde tem mais difficuldade , sem que por capricho , ou por odio venhão a obstinar-se no seu erro. Tambem se deve observar se a defobediencia tem origem na molestia , ou na fraqueza , porque estes defeitos não os póde a lição remediar.

3 Se o Cavallo , quando o Ajudante C pucha pela guia com mais força para o obrigar a que se levante , elle firma os pés , estaca as mãos , e pucha para trás , defende-se das sensações que faz a guia sobre o cabeção , neste caso devem fazer-lhe atar logo as cordas mais compridas , e altas com proporção , para não lhe serem tão penosos os toques da guia produzidos pelo cabeção sobre o focinho ; e quem ajudar com a guia , deve repetidas vezes seguralla para diante com brandura , e da mesma forte para cima , dando-lhe logo liberdade para o ir facilitando a que se vá movendo igualmente para huma , e outra parte , de forte que se indireite bem das espadas , e das ancas ; pois em quanto o não fizer , não se ha de levantar bem.

4 Se o Cavallo olha para quem está com o açoute , e da mesma forte para quem está com a guia , e vara , e com as suas mãos , e pés bate na terra , escavando o chão , mostra com isto não só que tem concebido grande cólera contra hum ,

e outro castigo , mas que está disposto a defender-se : logo quem os ajudar neste caso , deve fazer-lhe sentir as sensações do cabeção , das varas , e do açoute com muito cuidado , e muito brandamente , affagando-o muitas vezes ; porém se mostrar alegria , quando se vai dispondo para continuar no seu costume obstinado , quando se vai preparando para continuar na desobediencia , podem castigallo com a guia , açoute , e vara ; e após isso fazello estar parado , e direito.

Depois de se levantar entre os Pilões , bem direito , e facil das espadas , devem obrigarlo a que se vá movendo da garupa com mais actividade : o Mestre A lhe deve fazer ver o açoute por hum , e outro lado , e algumas vezes tocar-lhe com elle brandamente sobre as ancas no tempo , em que está suspenso das espadas ; e logo que se dispuzer bem , fazendo alguns tempos dos seus movimentos conformes á acção das garupadas , devem parallo , e affagallo para lhe mostrar que fez bem , continuando-lhe desta forte as lições de dia em dia , sem o fazer repetir successivamente grande porção de saltos violentos , para que pouco a pouco se vá dispondo , sem aborrecer a lição.

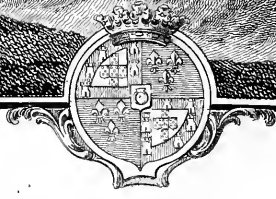
E S T A M P A LXXVIII.

Do Excellentissimo Marquez de Marialva , formando hum Cavallo na acção das Garupadas para a direita.

EU passo a referir a belleza , e boa ordem com que este insigne Cavalleiro sempre costuma ensinar os Cavallos á acção das garupadas para a direita. Logo que premedita chamallos á acção da garupada , anima toda a sua figura , segura-lhe a mão da redea duas , ou tres pollegadas pouco mais , ou menos avancada , e elevada do cepilho da sella , de unhas affima para si , com o dedo minimo inclinado para a espada esquerda , une-lhe as pernas ao ventre igualmente logo atrás da terceira cilha , e desta forte , segurando-lhe a mão , unindo-lhe as pernas , e tendo o corpo atrás , e firme , fallando-lhe , ou abanando-lhe a vara , o faz levantar á garupada , ajudando-o assim alternativamente com as sensações do corpo , mãos , pernas , vara , e falla , em quanto o Cavallo tem folgo , e forças para redobrar o salto , e formar-se na acção , que se mostra na Est. LXXVIII.

Quando o Cavallo se fórma na acção da garupada , levanta-se mais alto do que para se formar na do meio ar , tanto das espadas , como da garupa ; e logo que está no mais subido cume do seu salto , dobra , e arregaça os braços para baixo do seu corpo , mostrando por hum , e outro lado as ferraduras das mãos junto aos codilhos das espadas , retirando ao mesmo tempo os pés , e as pernas bem curvadas para baixo do ventre com igual proporção ; mas não deve mostrar as ferraduras dos pés , ainda que redobre muitas vezes os seus saltos , em quanto elle tem forças para os repetir.

Vendo Sua Excellencia que o Cavallo entre os Pilões faz as garupadas , facilmente o manda tambem conduzir ao Pilão do centro para as fazer sobre as linhas rectas de firme a firme ; e então o obriga a dobrar-se para a direita pela manei-



neira seguinte: segura a sua mão esquerda de unhas affima com o dedo minimo inclinado para a espadua esquerda, levando-a da cernelha para fóra fómte quanto basta a fazello obedecer, e dobrar-se do pescoço para a direita; mas se o Cavallo se dobra muito, e carrega sobre a espadua esquerda, promptamente lhe affroxa o pulso, e traz a mão para a direita, quanto he preciso para o indireitar: apòs isso lhe faz sentir a perna esquerda mais forte que a direita, e volta o feu corpo alguma cousa mais para a direita, á proporção do que elle se deixa encruzar entre as forças da redea direita, e da perna esquerda; e assim alternativamente o obriga a formar as garupadas dobrado nesta acção para a mão direita, fazendo-lhe repetidas vezes sentir as sensações das redeas, das pernas, e as de todo o tronco do corpo espirituosas, e vivas, de maneira que o obriguem a levantar-se com agilidade.

Lição das Garupadas para a esquerda, e noticia de algumas defezas, de que ordinariamente usão os Cavallos, quando os obrigão a formar-se nesta acção.

DEfendem-se os Cavallos de se formar na acção das garupadas depois de montados tambem por diversos modos; e os mais usuaves são finco. Primeiro: encostrar-se á mão, ou pezar no freio. Segundo: fugir com a garupa mais para huma, do que para outra parte. Terceiro: entortar-se das espaduas, carregando mais sobre a de fóra. Quarto: puchar algumas vezes para trás antes de se levantar. Quinto: demorar-se em pé sobre as pernas sem saltar.

1 Se se encostra sobre a embocadura, pezando na mão, precisa o Cavalleiro, quando o chama á garupada, tocar-lhe com as redeas para cima; e logo que se levantar, com o pulso muito ligeiro, render-lhe o freio, ajudando-o instantaneamente com todos os mais movimentos do corpo, das mãos, e das pernas; mas de forte que elle forme o salto sem acceleração: advertindo que se não deve usar dos referidos toques do freio, senão quando o Cavallo se encostra á embocadura, por fugir de se levantar á acção, ou por se abandonar de repente, depois de se haver levantado a ella: em taes casos, quando se usa deste castigo, o Ajudante C deve tocar-lhe com a guia para cima; e quem ajudar com as varas, deve ao mesmo tempo tocar-lhe com ellas sobre o peito, e sobre os braços até elle se emendar.

2 A'quelle, que fugir com a garupa mais para huma, do que para outra parte, devem, se elle foge para a direita, segurar-lhe a perna direita, atrazar bem a espadua direita, avançar a esquerda, não levar a mão da redea da cernelha para a esquerda, indireitando-o repetidas vezes com ambas as redeas, e com ambos os joelhos, fortalecendo-lhe ora hum, ora outro, para lhe ir vencendo a sua difficuldade. Quem ajudar com a guia, deve seguralla alguma cousa firme para a direita, quando o Cavallo fobe; e affroxalla, quando elle desce; mas sem violencia. Quem ajudar com as varas, deve postar-se mais defronte da espadua esquerda, fazendo-lhe sentir as sensações da vara mais vezes sobre ella, que sobre a direita. E quem o ensinar com o açoute, deve tambem postar-se mais da parte da meia anca direita, para com todas estas diligencias o ir indireitando cada vez mais sobre linhas rectas.

Se

3 Se se entortar, lançando-se muito sobre a espadua de fóra, deve o Cavalleiro trazer a mão repetidas vezes para dentro da volta, ou dobra do pescoço do Cavallo; e logo que elle obedecer, render-lhe a mão, tornando-a ao seu lugar, contrapondo-lhe as senhações das redeas ás das pernas, pezando mais sobre o estribo direito, quando a mão entra da cernelha para a direita. Finalmente quem ajudar com a vara, com a guia, e com o açoute, deve conhecer bem o effeito que faz o uso dos movimentos do corpo, mãos, e pernas do Cavalleiro, para os toques do açoute, vara, e guia se acordarem com ellas, de maneira que a sua propria uniformidade faça perceber ao animal o que se pertende que elle execute.

4 Se pucha para trás antes de se levantar, deve, quem o ajuda com o açoute, postar-se bem pelas linhas rectas da garupa; e quem está com a guia, não lhe dar com ella para trás, nem para cima, segurando-a para diante; e tanto que o animal obedecer, dar-lhe logo liberdade. Neste caso quem está com a vara, deve ajudallo mansamente sobre as espaduas só depois d'elle se levantar, e daquella parte para onde se encoستا mais: se se demorar com huma das mãos firme no chão, devem tocar-lhe com a vara sobre ella, posto que seja a mão daquella parte donde elle foge: se ficar para trás por temor do cabeção, devem não só não lhe dar com elle fortemente, mas forrallo, e fazer-lho alargar de modo que o possa soffrer: se conceber raiva contra quem o ajuda com o açoute, deve o Cavalleiro, quando lhe tocarem com elle, fazer-lhe sentir as pernas, e esporas, como tambem a vara, e a falla, para que a diversidade dos toques de humas, e de outras o divirtão mais da sua má tenção.

Se costumão demorar-se em pé sobre as pernas, sem formar o salto, he bom render-lhe a guia, não se postar quem o ajuda com a vara muito perto das espaduas, e o Mestre dar-lhe com o açoute por baixo da barriga nas mãos, já de hum, já de outro lado, a fim de que se mova, e levante com mais facilidade.

Para o Cavallo se dobrar na acção das garupadas para a esquerda, deve o Cavalleiro ter a mão da redea perto do cepilho da sella de unhas affima, e o dedo minimo inclinado para a espadua direita, levando a mão da cernelha para a direita, ou para fóra quanto baste, para que a redea do freio esquerda o obrigue a dobrar-se para esta parte: ao mesmo tempo devem unir-lhe as pernas ao ventre, fortalecendo-lhe as senhações da direita alguma cousa mais atrás das cilhas, para o encruzar cada vez mais entre ellas, e as da redea esquerda, como se mostra na seguinte

E S T A M P A LXXIX.

Do Cavalleiro, formando hum Cavallo na acção das Garupadas para a esquerda.

Quando principia a formar-se nesta acção, não devem dar-lhe fortemente com a vara, ou com o açoute, e menos com o ponção sobre a garupa depois de montado, antes sim devem ajudallo nos lados do ventre, e das ancas para não se desmancharem da boa acção, e dar com a garupa para cima; porque assim



como o Cavallo abaixa a garupa , quando anda á guia , se o castigão fobre ella , depois de montado , e applicado aos ares altos , logo que lhe tocão fobre as ancas , falta mais alto , e dá com ellas para cima.

Em quanto elle fórma a acção das garupadas entre os Pilões , tem o feu corpo , espaduas , e garupa mais direito , que quando fórma esta acção junto ao Pilão do centro ; porém não se eleva a tanta altura entre os referidos Pilões , como junto ao do centro de firme a firme.

Os cocequentos á esporas todos se encolhem , e sentem ainda os mais ligeiros movimentos das pernas , e esporas , comprimindo-se de toda a sua acção com tenacidade , e por isso não tem propriedade para a lição das garupadas , em que os toques das pernas , e das esporas são commummente precisos para os ensinar a comprimir-se , quando se fórmão na acção instantaneamente.

Lição das balotadas para a direita , e algumas explicações de varias defezas , de que usão muitos Cavallos , ordinariamente quando os principião a formar nesta acção.

PRincipiã-se-lhe a ensinar a fazer as balotadas entre os Pilões , e as primeiras vezes devem fazello deitar poucas voltas á guia para hum , e outro lado , sem lhe fazer apertar a sella , o rabicho , e as redeas do freio , e cabeção ordinario , pondo-lhe o dos páos com as cordas largas , e altas , de modo que elle se possa levantar á balotada sem sentir muito a sua oppressão.

O Mestre Fig. A o deve ajudar a entrar para entre os Pilões : o Ajudante C ao mesmo tempo com a guia deve fazer diligencia pelo indireitar das espaduas , sem puchar muito forte por ella , principalmente em quanto o Cavallo está suspenso no ar , para que o temor da guia não lhe faça perder a vontade de levantar-se com promptidão. O Ajudante B com a vara o deve acompanhar , sem lhe dar com grande força ; pois basta só tocar-lhe , para que sustente mais tempo a acção.

Devem muitas vezes fazello passar de mão ; e logo que fizer algum salto conforme á balotada , affagando-o , parallo , e dar-lhe alguma herva para lhe fazer conhecer o que pertendem que faça ; e tanto que pelo costume das repetidas lições fizer bem algumas balotadas , podem fazer-lhe apertar a sella , e montar por hum Cavalleiro , que não seja muito corpulento , para não se fatigar o Cavallo com excessão , e então obrigarallo a que faça algumas balotadas ; e quando mostrar sujeição ás mãos , e pernas , podem conduzillo ao Pilão do centro , para fazer as balotadas de firme a firme em liberdade ; porém as primeiras vezes que o ensinarem , e obrigarem junto ao Pilão , não deve ser montado , nem ter a sella apertada , mas sim como se principia a ensinar entre os Pilões.

Disposto , como tenho ponderado , para o aperfeiçoar na lição das balotadas , devem todos os dias , que elle for ao Picadeiro , principiar-lhe a lição pelo deitar poucas voltas á guia , e depois conduzillo aos Pilões , tendo-lhe as cordas do cabeção dos páos em tal comprimento , que se lhe possam ver as espaduas pela linha da frente dos Pilões , e parapeito ; e tanto que se mover com igualdade para hum ,

e outro lado , tendo adquirido o costume de estar bem direito , e bem unido ao cabeção , podem ajudallo com o açoute sobre as ancas , e ao mesmo tempo com a vara , e com a guia , e acordar as sensações humas com outras , para o obrigar a que se levante , sem já mais o castigar por baixo da barriga , para não se comprimir por effeito das sensações do açoute , e vara applicadas a esta parte , porque o Cavallo deve estender-se mais das pernas , quando faz a balotada , do que quando faz a garupada : logo necessariamente devem todas as sensações nesta lição ser applicadas sobre a garupa , sem o castigar forte com a vara no tempo , em que o castigão , e obrigão com o açoute. Isto supposto , eu passo a referir a boa ordem , com que o Excellentissimo Marquez de Marialva ensina qualquer Cavallo a fazer a acção das balotadas.

Tendo-o ensinado a fazer as balotadas entre os Pilões , e estando o Cavallo facil , como tenho dito , elle lhe manda tirar o cabeção dos páos , e o faz conduzir ao Pilão do centro : ora neste caso o Ajudante C introduz , e descança a guia no gancho do correão do Pilão , segurando-a á proporção do que o Cavallo se levanta , sempre com liberdade : apòs isso Sua Excellencia o faz mover , deitando-lhe o açoute ao alto da garupa ; e logo os Ajudantes B , e C com a vara , e com a guia o devem encaminhar , de maneira que no tempo que as ancas se moverem por effeito das sensações do açoute , as espaduas se elevem para cima por meio dos toques da vara , e guia : e elle fórme toda a acção da balotada de firme a firme , como se mostra na seguinte

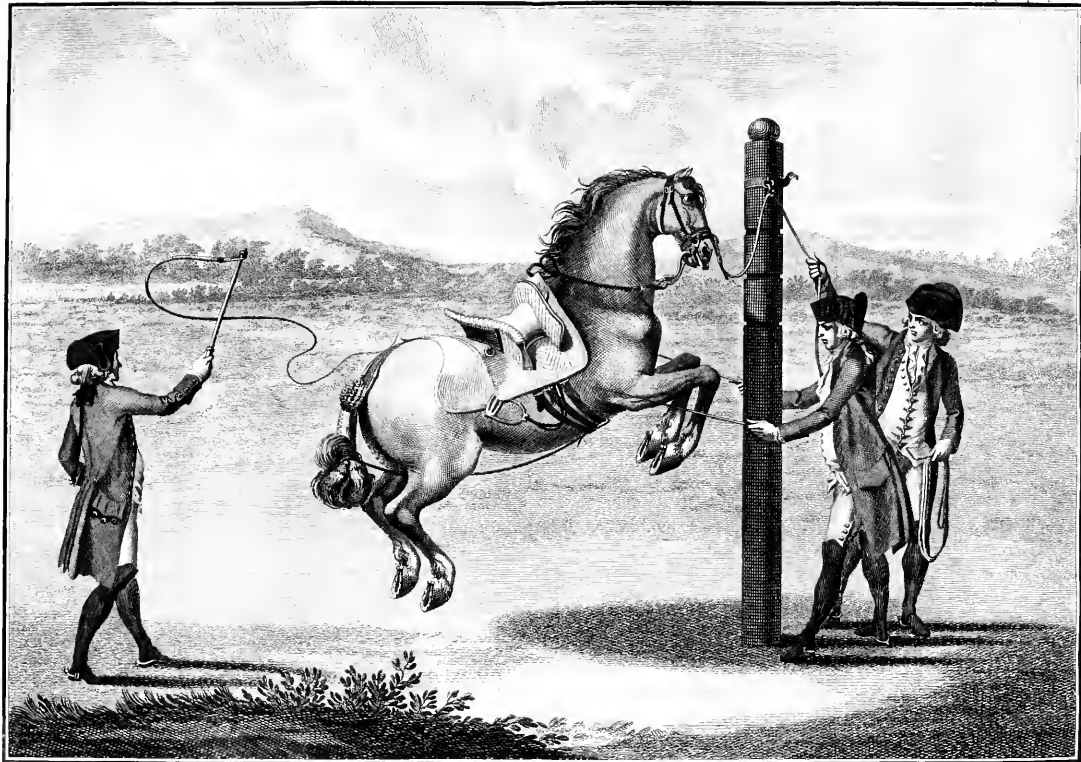
E S T A M P A LXXX.

De hum Cavallo na acção da Balotada junto ao Pilão do centro de firme a firme.

Defendem-se elles de se formar na acção das balotadas por tres modos. Primeiro : entortando-se das espaduas , e pescoço. Segundo : encoftando-se á parede , ou não chegando ao Pilão. Terceiro : cahindo de repente sobre as mãos.

1 Se o Cavallo se entorta , por se lançar mais sobre huma , do que sobre outra espadua , devem em todas as lições , em que o instruirem , seja de passo , de trote , ou de galope , obrigarlo a dar a cara mais para a parte para onde elle se dobra menos : logo entre os Pilões , se se encofta sobre a espadua esquerda , deve o Cavalheiro obrigar-lhe as espaduas com as redeas a que se incline para a direita , e a garupa com a perna direita a que se incline para a esquerda , &c. O Mestre Fig. A com o açoute deve postar-se mais pela parte direita , e da mesma forte o Ajudante B deve postar-se com a vara pela parte da espadua esquerda , tanto junto aos Pilões do parapeito , como junto ao Pilão do centro : logo se a difficuldade consistir em se encoftar sobre a espadua direita , devem obrigarlo pelos mesmos oppostos modos , sem o deixar dobrar o pescoço senão para a parte , para onde elle se encofta sobre a espadua , aliás quanto mais dobrar o pescoço para a esquerda , mais rolará sobre a espadua direita.

Se



2 Se se encoísta á parede, he bom fazello formar na acção mais junto ao Pilão do centro, do que entre os Pilões; e se foge de huns, ou de outro, devem moderar-lhe os castigos, de modo que perca o receio principalmente da guia, e da vara. Tambem alguns fogem de se chegar a elles, porque são faltos de vista.

3 Se cahem de repente sobre as mãos, devem dilatar-lhe as lições mais entre os páos, do que junto ao Pilão do centro, fendo as cordas atadas altas, e curtas com proporção. O Cavalleiro deve ter o seu corpo bem atrás, não lhe fazendo sentir muito as pernas, e esporas, segurando-lhe a mão da redea mais firme no tempo, em que elle está no ar, isto he, (no mais subido cume do seu salto) rendendo-lhe logo o freio, para o não fazer insensível aos seus movimentos: recomendo isto, porque se elle se costuma a cahir de repente sobre as mãos, não sómente desce do salto em má acção, mas de ordinario se arruina dos braços, e espaduas: logo para se conservar, e ser vistoso, deve cahir igualmente no terreno com os pés, e mãos ao mesmo tempo.

Dirigido assim tanto entre os Pilões, como junto ao Pilão do centro, vem a ser facil em se levantar, e formar promptamente na acção das balotadas. Ora quando Sua Excellencia o obriga a formar-se nesta acção, depois de o montar, segura a mão esquerda de unhas assim para si, anima com actividade todo o seu corpo, une as pernas ao ventre do Cavallo, sem pezar muito forte sobre os estribos; e assim ligado, e bem unido, o ajuda com as pernas, mãos, vara, e falla a que se levante á acção da balotada: então o animal por effeito de todas estas diligencias se levanta; e no tempo, em que chega ao cume do salto, Sua Excellencia lhe toca ligeiramente com a ponta da vara por cima do hombro sobre a garupa, fazendo-o por este modo acabar de completar a balotada.

Quando o Cavallo termina esta acção, está com os pés, e mãos no ar em linha horizontal das espaduas á garupa: e em lugar de metter os pés, e pernas para baixo do ventre, arregaça as mãos para os codilhos, como quando fórma a garupada; mas estende alguma coufa as pernas, e volta os travadouros dos jarretes, conservando os curvilhões comprimidos, e assim mostra as ferraduras, ficando curvado sem disparar os couces; e tanto obrigando-o a fazer as balotadas entre os Pilões, como junto ao Pilão do centro, ou em outra qualquer parte do manejo, sempre se conserva bem no meio da sella, e ponto de equilibrio, e a sua mão da redea nesta, e nas mais lições sempre he suave, ligeira, e firme, como tambem as suas pernas são ligadas ao ventre do animal só com aquella propriedade de força, que basta para o obrigar a formar-se na acção, sem lhe atenuar a sensibilidade, nem exaltar a paixão.

Para o dobrar para a direita na acção das balotadas, segura a mão esquerda de unhas assim, com o dedo minimo inclinado para a espadua esquerda: após isso lhe faz sentir com mais actividade as sensações da perna esquerda, para o encruzar cada vez mais entre a força della, e da redea direita, e finalmente olha para onde elle se dobra, para em todas as acções que faz o obrigar tambem por meio do equilibrio, que se mostra na seguinte Estampa.

E S T A M P A LXXXI.

Do Excellentissimo Marquez de Marialva, ensinando o Cavallo a formar a acção da Balotada, dobrando-o para a direita.

HAvendo-o ensinado a formar a acção das balotadas dobrado para a direita, como tenho ponderado, depois de fazer bem alguns saltos, o faz parar, principalmente se elle se vai inflammando; e depois de o affagar, e focegar, o faz tambem passar de mão a passo, e muito manso o ensina a desf dobrar-se da direita para a esquerda, como fica ponderado nas mais lições.

Lição das Balotadas para a esquerda.

DEpois do Cavalleiro fazer passar o Cavallo de mão da direita para a esquerda, todos sabem que deve preparar-se a si mesmo promptamente, segurando a mão esquerda de unhas affima com o dedo minimo inclinado para a espadua direita, avivando toda a sua figura, unindo-lhe as pernas ao ventre para assim o desf dobrar, e ajudar a que se forme na acção das balotadas para a esquerda.

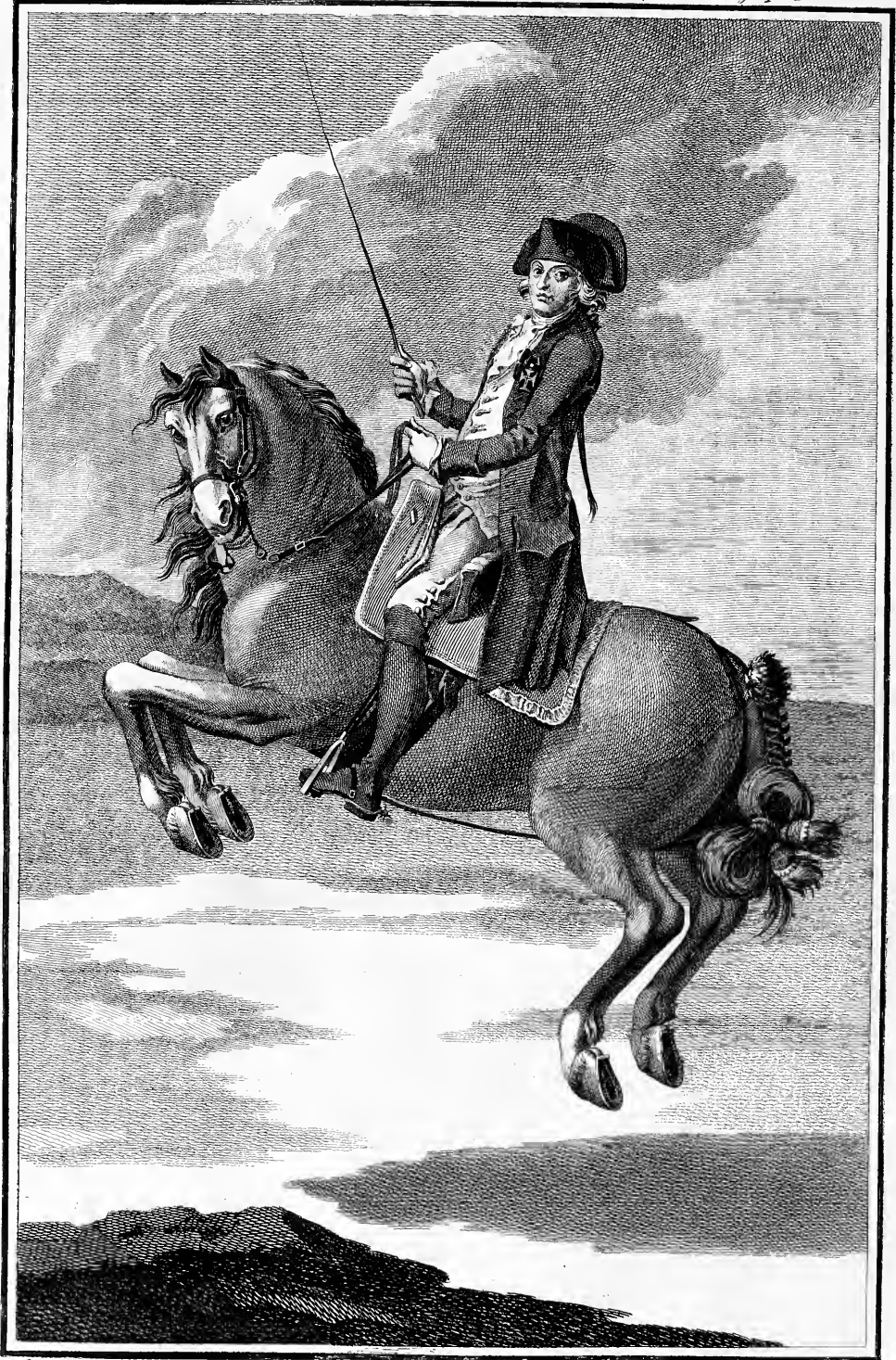
Eu recommendo que o obriguem desta maneira para se levantar ás balotadas dobrado para a esquerda, e que o Cavalleiro segure a sua mão esquerda perto do cepilho da sella de unhas affima com o dedo minimo inclinado para a espadua direita, para a redea, e a caimba esquerda obrigar o Cavallo a dobrar-se para a esquerda. Igualmente deve toda a figura do Cavalleiro voltar-se para esta parte, á proporção do que o animal se dobrar, encruzando-o cada vez mais entre as forças da redea esquerda, e da perna direita; e cada vez que pertenderem que elle faça as balotadas, devem obrigar-lhe a mão, unindo-lhe as pernas, tendo o corpo firme, e apòs isso com a falla, e mais toques, de que tenho feito menção, devem ensinalllo todas as vezes què pertenderem que redobre o salto, e a acção da balotada; e tanto que estiver na maior altura do salto, devem tocar-lhe com a vara sobre a garupa, a fim de conseguir que elle se forme na acção dobrado para a esquerda, como se mostra na Est. LXXXII.

Quando o Cavallo se prepara para formar a balotada, no primeiro tempo move as espadas como para se levantar á curveta, e depois, firmando-se igualmente nos curvilhões, falta de forte, que no tempo, em que chega á maior altura do seu salto, e se acha direito sobre a linha horizontal das espadas á garupa, he que regaça os braços, e move as pernas, extendendo-as alguma coufa, sem acabar de disparar os couces: he esta acção vistosa; mas sempre o salto he menos elevado, do que o da capriola, posto que mais alto do que o da garupada, como se observa na seguinte Estampa.



Silva delin.

Frous sculp.



E S T A M P A LXXXII.

*De hum Cavalleiro , formando o Cavallo na acção das Balotadas ,
dabrando-o para a esquerda.*

TOdas as vezes que o Cavallo se desigular do seu movimento , e acção , o Cavalleiro promptamente o deve remediar por meio das diligencias , que fição expendidas , trabalhando-o nesta , e nas mais lições , tanto para a direita , como para a esquerda ; e se elle resistir com tenacidade , podem para o corrigir fazello metter entre os Pilões do parapeito , e obrigallo , affim pelo que respeita ao Cavalleiro , como pelo que pertence aos Ajudantes A , B , C , sem o trabalhar em liberdade , em quanto elle não ceder do seu erro .

*Lição das Capriolas entre os Pilões , e a mesma de firme
a firme.*

AS primeiras disposições dos Cavallos das capriolas principião a formar-se-lhes entre os Pilões , ensinando-os com a mesma ordem com que os devem formar para as lições das garupadas , e balotadas ; e affim que o Cavallo mostrar propensão para fazer as capriolas , devem ajudallo com mais mimo , e cuidado , do que aos que tem sómente propensão para as mais lições ; porque os que se convidão para as capriolas ordinariamente são mais colericos .

Aos que se defendem furiosos por timoratos , por exasperados , ou por caprichofos , ha dous modos de os corrigir : hum he o tempo , se elles tem pouca idade ; e o outro he a lição , ou o castigo bem applicado . Logo para os fazerem ceder da sua defeza , e capricho , (se elles se não deixão formar nas lições dos ares altos pela sua propensão) he preciso castigallos ; mas moderadamente , porque já mais se apresentão bem nos ares altos , principalmente das capriolas , sendo obrigados com violencia .

Mostrando elles propriedade para esta casta de faltos , devem fazellos metter entre os Pilões com as cordas proporcionalmente compridas , não só para não conceberem tanto temor do cabeção , mas tambem para terem mais defembaraço , quando chegão a completar a capriola .

Os que se apresentão na acção da garupada , e da balotada , ordinariamente o fazem por fugir da oppressão da capriola , ou por não poder alcançar a ella ; e sendo os ares da garupada , e da balotada proprios para segurar-lhes a cabeça , e boca , aligeirando-os ao mesmo tempo das espadas , porque nestes trabalhos devem apoiar-se mais sobre as pernas , do que sobre as mãos : nas capriolas porém , quando elles disparão os couces , e descem da mais forte acção do salto , sempre se vão apoiar muito sobre as espadas , e sobre a mão : logo he preciso artificialmente aligeirallos muito das espadas , para se apresentar com bem facilidade na acção das capriolas .

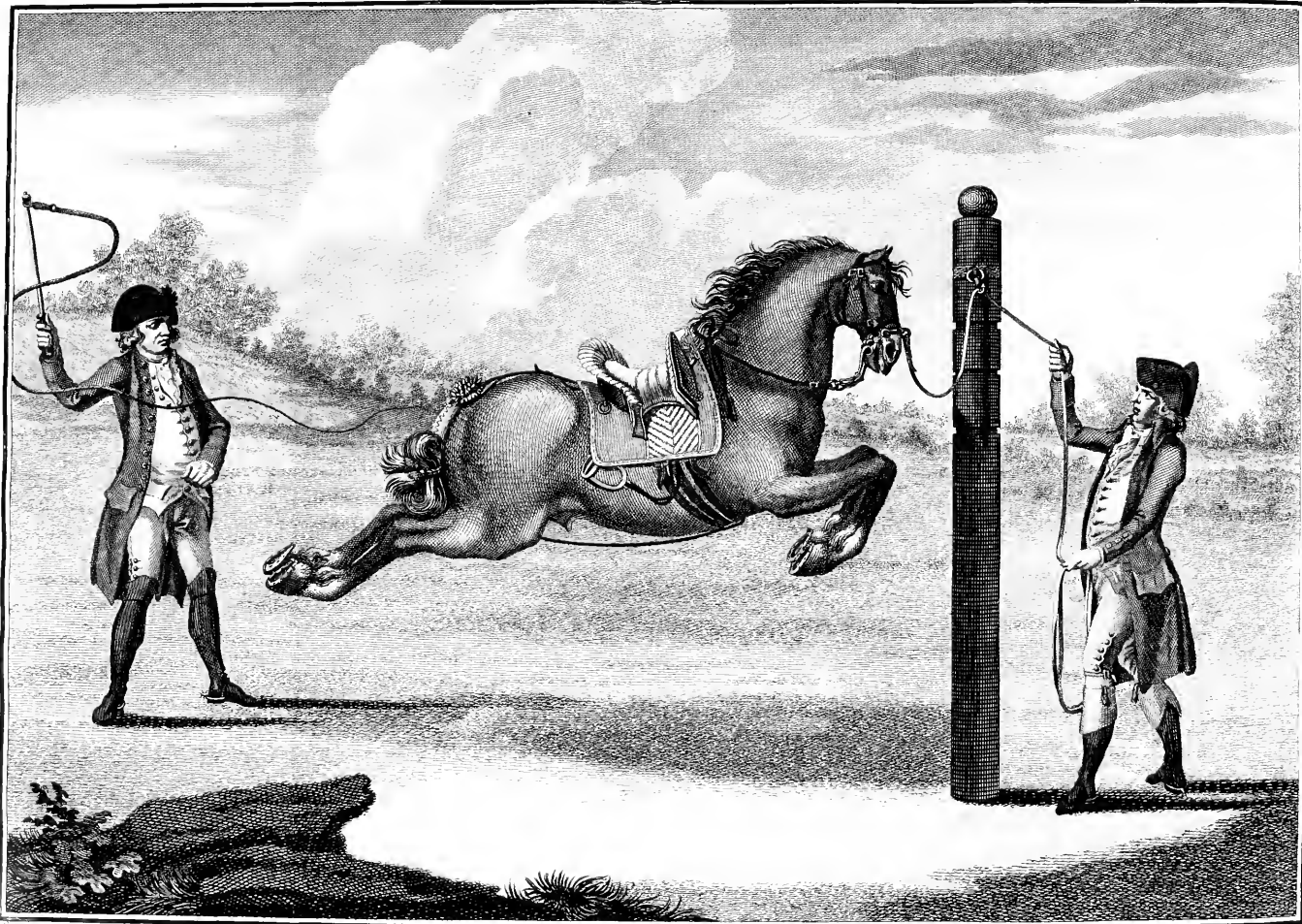
Depois do Cavallo costumado a levantar-se bem das espaduas , lhe irão fazendo encurtar alguma coufa mais as cordas do cabeção para se poder unir , e fe-gurar a elle , quando desce do seu salto ; e quando o virem mais livre dos raiva-ços , que costumão ter ao cabeção dos páos , o podem ir ensinando a dar os couces : o que elle com facilidade fará , logo que lhe roffarem o Ponção sobre a garupa , quando está no mais subido ponto do seu salto.

Os Cavallos destinados para os ares altos da garupada , balotada , e capriola devem trazer rabeira (Fig. 12., Est. V.) não só para não cortarem as fedas do ca-bo , ou cauda , quando disparam os couces , se as encontrão entre as ferraduras , e a parede ; mas tambem porque a correa , que vai das cilhas por baixo da barriga prender na correa , que vai do rabicho afivelar na rabeira , lhe faz cocegas entre as pernas , e elles agitados por ellas disparam os couces com mais força.

Tambem deve o Mestre A , Est. LXXXIII. , reparar não se costume o Caval-lo a dar os couces , extendendo mais huma do que outra perna , para o fazer pas-sar de mão , a fim de que venha a disparar os couces com ambas as pernas igual-mente : sendo que neste exercicio todos extendem mais a perna da parte do centro , do que a da parte da muralha , talvez na esperança de alcançar o Mestre , ou quem está ajudando com o açoute : isto supposto , para o ensinar a que dê os cou-ces com igualdade , he bom que o Mestre com o açoute se lhe poste bem pelas linhas rectas da garupa , ainda que fica sujeito se alguma das ferraduras se despre-ga a poder ella maltratallo. Se tem menos movimento na perna direita , do que na esquerda , o Ajudante C deve segurar-lhe a guia mais para a parte esquerda , para a perna direita se dilatar mais , e o Cavallo adquirir nella maior movimento.

Formando-se bem na acção da capriola entre os Pilões , podem conduzillo á primeira volta ; e junto ao Pilão do centro sobre linhas rectas , ensinallo a que faça a capriola de firme a firme : então o Ajudante C , que está com a guia , depois de a descançar no gancho do correão do Pilão , deve em distancia proporcionada se-gurar o resto della com o possível apoio , e desembaraço.

Junto ao Pilão , deve estar o Ajudante B com a vara , de que deve usar para o fazer unir , indireitar , e levantar das espaduas , como se estivesse entre os Pilões , postando-se mais sempre daquella parte para onde o Cavallo se encosta mais sobre a espadua , entalando-o entre as varas , e obrigando-o a que mova as mãos com igualdade : o que se vence , tocando-lhe mais , ou menos forte sobre aquella mão , que se demora firme na terra. O Mestre deve tambem postar-se de modo que com a maior mansidão o indireite da garupa , a fim de que , por effeito das repetidas lições , o ensine a fazer as capriolas com a facilidade , e perfeição , que se mostra na seguinte Estampa.



E S T A M P A LXXXIII.

O Cavallo na acção das Capriolas de firme a firme junto ao Pilão do centro para a direita.

DEpois delle se unir, quando o ensinarem a fazer as capriolas sobre as linhas rectas, podem tambem ensinallo a que as faça sobre a circumferencia: então he preciso fazer-lhe atar a redea do cabeção da parte do centro ao gancho do Pilão, e no tornel da parte de fóra afivelar-lhe huma guia; e quem ajudar com ella, ha de necessariamente andar por fóra dos circulos, que o Cavallo descreve com as pistas das mãos, e pés em torno do Pilão. O Mestre o irá moderadamente seguindo, obrigando-o com o açoute a que vá fazendo algumas capriolas, passando-o muitas vezes alternativamente de huma para outra mão; e as sensações do açoute, guia, e vara, tanto junto ao Pilão de firme a firme, como sobre as elipses, que se mostrão na Est. LXXXIV., devem ser praticadas, como digo se executem, ensinando-o entre os Pilões, parando-o, e affagando-o todas as vezes que fizer algum salto bem.

Com esta ordem se lhe devem ensinar as lições das capriolas, quando entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro principia a obedecer sem Cavalleiro. Digo que devem muitas vezes parallo, e affagallo, tanto para lhe repetir a lição, como tambem para o fazer passar áquelle trabalho, que lhe julgarem mais conveniente, augmentando-lhe de dia em dia as lições das capriolas, até que as chegue a fazer bem em liberdade, isto he, sem os foccorros da guia, vara, e açoute; mas sim por effeito sómente das sensações, que lhe miniftra o Cavalleiro.

Esta lição deve principiar todos os dias pelo deitarem poucas voltas á guia; e após isso mettello entre os Pilões, conduzindo-o depois ao do centro, como deixo ponderado: se elle porém quando o deitão á guia, salta muito sobre as mãos, deve o Mestre reparar se lhe póde resultar disto o fazer alguns esforços nos braços, e espaldas, porque então he melhor tirallo atrás, e mettello entre os Pilões: por estas, e semelhantes diligencias dispõe, e ensina o Excellentissimo Marquez de Marialva os Cavallos destinados ás capriolas, tanto entre os Pilões, e junto ao Pilão do centro, como tambem sobre as linhas da muralha. Depois fazendo-lhe apertar a fella, os monta para lhes ensinar a conhecer o governo do freio, o apoio da mão, o uso das sensações dos joelhos, das barrigas das pernas, dos calcanhares, e esporas, e ainda o delicado movimento de contrapezar sobre os estribos.

Modo, por que se deve montar o Cavallo das Capriolas entre os Pilões.

AS primeiras vezes hum Cavalleiro pouco corpulento o montará; e para o obrigar, deve sufter a mão da redea perto do cepilho da fella com as unhas voltadas para si; logo fortalecendo toda a sua figura, lhe ligará bem as pernas á bar-

riga; e tendo ao mesmo tempo o corpo atrás, firme, e vivo, segurar a mão para si, e para cima, fallando-lhe com actividade; porque por effeito de todas estas diligencias he que se chama á capriola; e no tempo em que elle chega ao mais subido cume do seu salto, então he que o devem ajudar com a ponta da vara, ou com o ponção sobre a garupa, a fim de o fazer disparar os couces para acabar de completar a capriola.

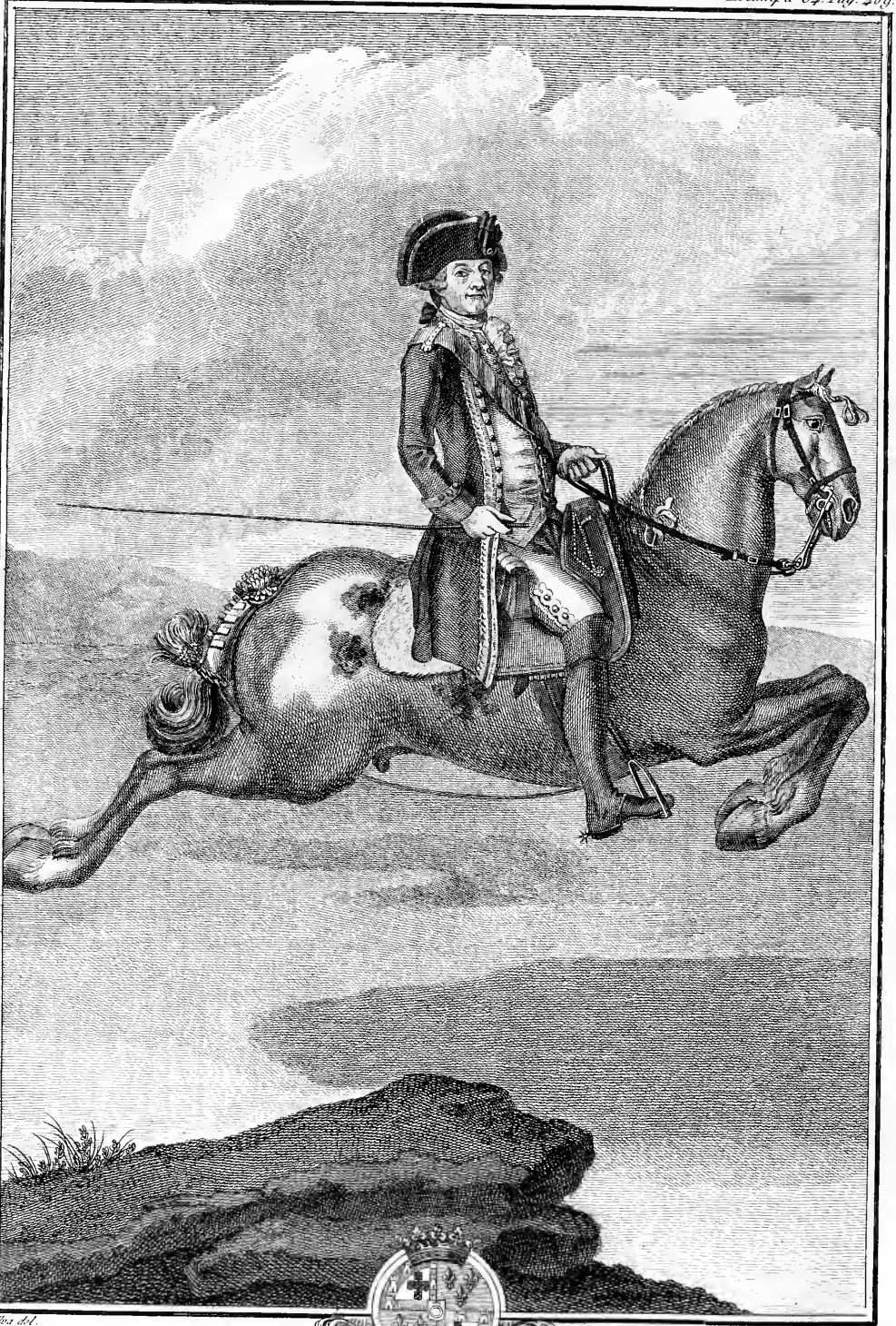
Se for preciso haver quem o ajude com o açoute, guia, e vara, todas as senhações com que o obrigarem, devem acordar-se unidas no tempo, em que elle commette o erro, e o Cavalleiro o insinua, para que pela propriedade, e união de humas, e de outras diligencias, elle siga as determinações, tanto do Cavalleiro, como dos Ajudantes, sem dúvida, ou embaraço.

A capriola he o mais alto de todos os saltos; e para o animal poder em tão breve tempo incluir nelle os movimentos precisos para a formar, he necessario levantar-se a grande altura: por isso eu tenho mostrado que por meio da sujeição adquirida pelas primeiras lições, e pelas das curvetas, garupadas, e balotadas se prepara bem para a das capriolas.

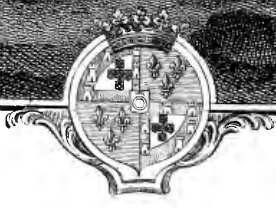
Modo de formar o Cavallo na acção das Capriolas, dobrando-o para a direita.

PAra o dobrar para a direita na acção das capriolas, costuma o Excellentissimo Marquez de Marialva segurar as redeas bem fechadas na mão esquerda, separadas pelo dedo minimo, e este alguma coufa inclinado para a espadua esquerda: firma com viveza todo o corpo atrás, une-lhe as pernas ao ventre, logo atrás da terceira cilha; (sendo por consequencia as senhações da esquerda mais activas) e depois de se haver assim disposto, com a voz, e com as redeas o chama á capriola, encruzando-o cada vez mais entre as forças da redea direita, e da perna opposta, a fim de o confirmar nesta lição bem dobrado por este modo para a direita.

Prepara-se o Cavallo no movimento das espaduas para se formar na acção das capriolas, dobrando-se para a direita, como para se apresentar na acção das curvetas; e depois firmando-se nos curvilhões, he que fórma o salto, de sorte que no tempo, em que chega á maior altura delle, e se acha direito sobre a linha horizontal das espaduas á garupa, he que dispara os couces com tanta velocidade, e força, como se quizesse separar as pernas do corpo: então (ainda que por breve tempo) recolhe os braços, dobrando-os para baixo dos codilhos, dobra os travadouros, e mostra as ferraduras das mãos, e pés, como se vê na seguinte Estampa.



Silva del.



E S T A M P A LXXXIV.

Do Excellentissimo Marquez de Marialva, ensinando o Cavallo a completar a acção das Capriolas, dobrando-o para a direita: e o modo de continuar a mesma lição, dobrando-o para a esquerda.

HAvendo eu dito como Sua Excellencia fórma os Cavallos na acção das capriolas, dobrando-os para a direita, vou tambem dizer como se ensinão a executar a mesma acção, dobrando-os para a esquerda.

Deve o Cavalleiro ter a mão da redea para si perto do cepilho da félla de unhas affima, com o dedo minimo inclinado para a espadua direita, segurando o corpo firme, e toda a sua figura voltada (á proporção do que o Cavallo se dobra) para a esquerda: dève unir-lhe ao mesmo tempo as pernas ao ventre, fortalecendo-lhe apôs isso a redea de dentro mais activamente, para o encruzar bem entre a força da perna direita, e da redea esquerda. Logo tambem para as fazer para esta parte com a viveza dos movimentos do corpo, com a voz, e com os toques das pernas, devem chamallo á capriola, a fim de que por effeito de todas estas diligencias a faça, dobrando-se para a esquerda, com graça igual áquella, com que já disse elle as deve fazer, quando por semelhante modo he obrigado a fazer as capriolas, dobrando-o para a direita.

Ainda que eu digo que os Cavallos, por meio das lições das curvetas, garupadas, e balotadas, se preparão para a das capriolas, com tudo devo advertir que ha muitos, que tendo propensão para as curvetas, não a tem para as garupadas; e fazendo outros as balotadas, não podem alcançar a fazer as capriolas; e he certo que se os obrigão a formar aquelles ares, e saltos, para que não tem propensão, e possibilidade, elles se desgostão, se abatem, e se arruinão.

Os ares da garupada, balotada, e capriola fazem entre si as seguintes differenças: na garupada, quando o Cavallo se levanta á maior altura do feu salto, recolhe as pernas, e os pés, dobrando-os para baixo do ventre, e mostra as ferraduras das mãos, sómente por baixo dos codilhos, por hum, e outro lado das espaduas, como se vê na Est. LXXVIII.

Na balotada, logo que está no mais subido do feu salto, recolhe as mãos dobradas para baixo dos codilhos, como faz na garupada; porém sem curvar tanto as pernas para baixo do ventre: mostra as ferraduras dos pés, e fica bem disposto para disparar os couces, sem acabar totalmente de se estender das juntas dos seus quadrís, e curvilhões, como faz na capriola, e se observa na Est. LXXIX.

Nas capriolas porém sobe para cima o mais que póde; e quando chega á maior elevação do salto, dispara os couces, extendendo-se das juntas dos quadrís, e curvilhões, como se quizesse separar as pernas do feu corpo, como se mostra na Est. LXXXIV.

Todos os Cavalleiros para ensinarem os Cavallos com perfeição em todas as

lições, de que tenho tratado, depois de praticadas as primeiras instruções, devem dispôr-se a si pelo methodo que tenho referido, o qual praticarão, e praticão os insignes Cavalheiros, de que tenho feito menção; porque só pelas expostas diligencias se consegue sujeitarem-se elles, como obedição, e obedecem a estes tão grandes, como não vulgares exemplares, de que me tenho valido para a instrução dos que se quizerem applicar a esta Arte; e ouso dizer, que, seguindo outro methodo, jámais os Cavallos se formarão bem nas brilhantes acções, que se mostram nas Estampas desta collecção, e na seguinte

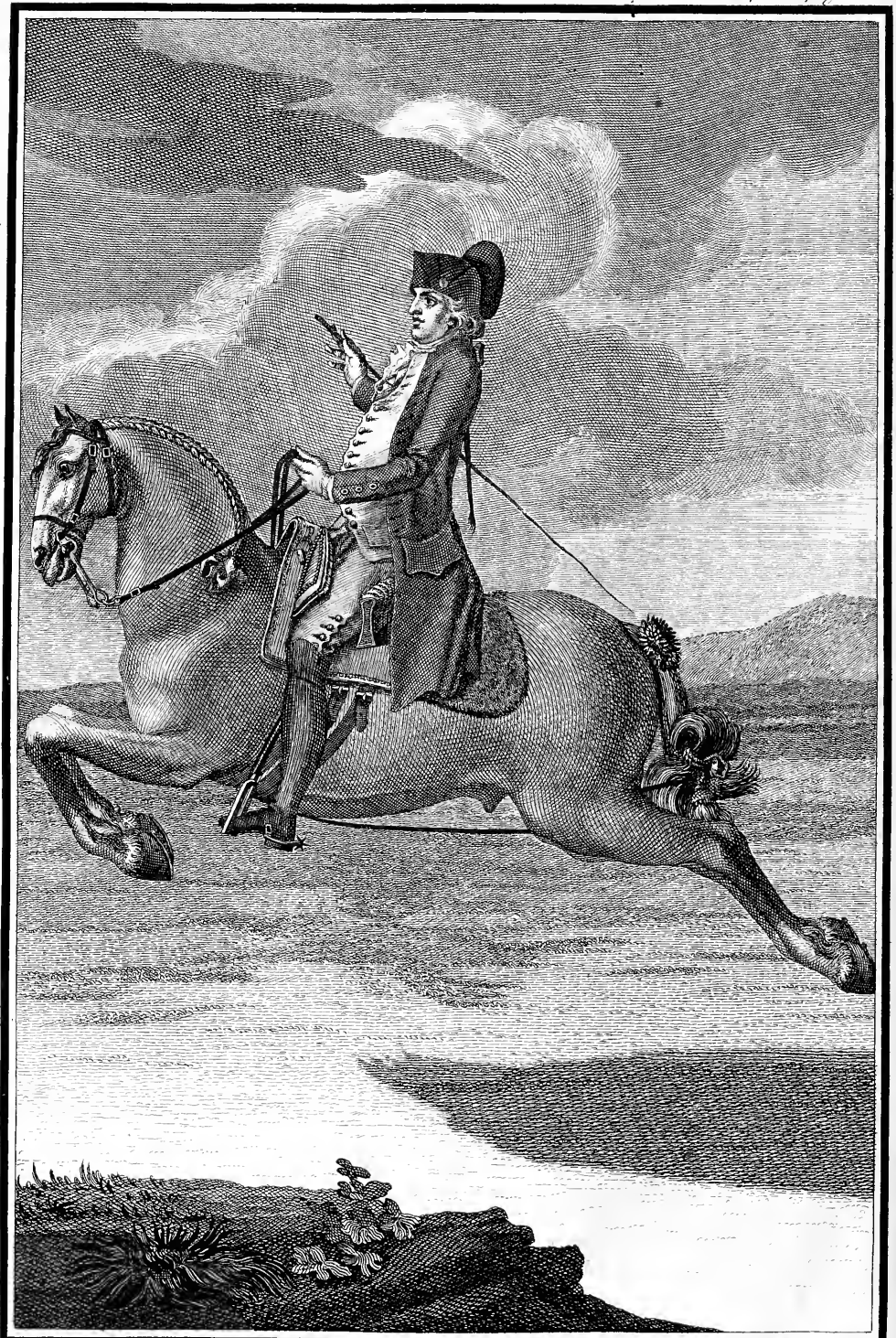
E S T A M P A LXXXV.

O Cavalleiro formando hum Cavallo na acção das Capriolas, dobrando-o para a esquerda.

O Passo, e salto he formado de tres tempos. O primeiro, he de galope curto, junto, e unido, como o terra á terra: o segundo, he huma curveta: e o terceiro huma capriola. Newcastle no Cap. 25. Pag. 138. reprova este ar; e he certo que os mais vigorosos falteadores das capriolas, tendo continuado por muito tempo neste exercicio, fórmão o passo, e salto, para entre a galopada, e curveta descançarem, e tomarem depois melhor o tempo da capriola.

Todos sabem, e eu tenho por muitas vezes repetido, que os Cavallos falteadores são colericos: logo possuindo elles estas qualidades, devem ser tratados com muito cuidado, para que a sua cólera não destrua o seu prestimo. Para os Cavalheiros vencerem as difficuldades, principalmente aos colericos, precisão observar com exacção todo o comportamento dos seus géstos, e movimentos; e tanto que por elles se lhes conhecerem sentimentos de cólera, principalmente nas lições dos ares altos, devem modificar-lhes os castigos, e reduzillos brandamente por lições mais dilatadas, e successivas.

Finalmente os Cavallos destinados para as capriolas, além de fortes, sensíveis, sagazes, e promptos, devem ter boa construcção, isto he, o pescoço bem formado, e antes comprido do que curto junto á ganacha Est. III., N. 23., a cabeça pequena, e escarnada, a boca sensível com boa proporção. Não devem ser compridos de espinhaço, nem demaziadamente altos de pernas, ou muito curtos, e baixos dellas, as canas dos braços devem ser iguaes com as canelas delles, devem ser iguaes no seu poder, tendo boa propensão, ou huma indole, que se deixe vencer, e dominar, &c.



Trata-se de como se costumão formar as Escaramuças , e outros divertimentos proprios para se adestrarem os Cavallos na Arte da Cavallaria , e no modo de manejar as armas.

SÃO as Escaramuças , como tambem as Parelhas , e os desafios das Lanças decontoadas , os das Alcanzias , e outras carreiras , de que vou tratar , muito agradaveis , e festivas para o público nas praças ; mas he preciso em todas haver sempre a boa ordem , que ao diante se dirá.

A' hora determinada , estando patente o objecto a quem se tributão os festejos , devem fazer-se as entradas , as quaes podem constar de diversos divertimentos , como são Danças , Musicas , Batimentos militares , Carros Triunfaes , Mascaras , e outros , &c.

Depois de todos haverem feito o seu dever , e sahido para fóra da praça , devem entrar nella os Pagens , que hão de servir aos Cavalleiros , os quaes costumão fazer tres cortezias para a tribuna , ou camarote principal , trazendo sempre os chapéos na mão , maiormente se as festas forem Reaes , posto que os què servirem de Pagens sejam Fidalgos.

Se os Pagens forem poucos em numero , devem perfilar-se em frente ; mas se forem muitos , então devem formar-se em huma columna de duas fileiras ; e parando no meio da praça , (quer vão formados de huma , ou de outra forte) devem todos ao mesmo tempo fazer a continencia , pondo o joelho esquerdo em terra , sendo mecanicos ; e sendo Fidalgos , só costumão curvar o joelho direito por detrás do esquerdo. Feitas do mesmo modo a segunda , e terceira cortezia , marcharão para diante , dividindo-se em duas fileiras junto á trincheira , para cada huma discorrer por seu lado da praça até á porta , em que se costumão unir a pares ; e depois de perfilados , fazerem huma cortezia geral a todos os espectadores ; e neste caso , sendo mecanicos , só costumão curvar o joelho direito ; e sendo Fidalgos , fazem esta ultima continencia só com o chapéo , e sahem para fóra da praça.

Quando estão presentes Suas Magestades , e Altezas , costumão os Pagens fazer-lhes as cortezias , e logo passar a fazellas ás Damas do Paço , indo defronte do seu camarote junto á trincheira dividir-se , como está recommendado. Sendo os Pagens mecanicos , costumão as Damas sómente levantar-se em quanto as cortejão ; mas sendo elles Fidalgos , logo que entrão na praça , as Damas se levantão em quanto se fazem as cortezias a Suas Magestades , e Altezas , ficando em pé até se lhes fazer a continencia , á qual correspondem , fazendo misura , e não se assentão em quanto elles não sahem da praça.

Logo que sahem os Pagens , immediatamente devem entrar as azemolas , que trazem os caixotes , em que se conduzem os escudos , as lanças de correr Pombos , Argolinha , Estafermo , os Vasos , Alcanzias , Pombos , Bilhas , &c. os quaes caixotes devem os Pagens acompanhar , fazendo-os pôr com ordem nos lugares , que lhes pertencem em cada castello , para servirem aos Cavalleiros com presteza. Sendo os Pagens Fidalgos , não acompanhão os caixotes , mandão fazer esta diligencia por su-

jeitos que elegem para este fim, os quaes costumão vestir com diverso uniforme daquelle, que vestem os Pagens, e Cavalleiros, ficando sempre ao pé dos caixotes para tirar, e guardar nelles quanto os Pagens Fidalgos houverem de minifrar aos Cavalleiros.

Os vestidos dos que fervem de Pagens devem ser uniformes, isto he, os de cada esquadra deverão vestir de sua côr; porque ainda que as Cavalhadas sejam feitas por Fidalgos, e elles possão usar de vestuarios, e mascaras ricas, he mais vistoso serem vestidos deste modo uniforme, do que ser cada hum de sua côr.

He bom haver hum terreno murado em roda junto á porta, aonde he a entrada da praça, para os Cavalleiros montarem a cavallo, e verem se os arreios estão postos em boa ordem, principalmente o freio, e a fella, como tambem se os loros tem os estribos em bom comprimento, se estão as cilhas bem apertadas, o rabicho em boa proporção, e o Cavallo livre de congocha, &c.

Nos ensaios devem os Cavalleiros observar se os Cavallos tem medo dos Peitoraes de guizos, das lanças decontoadas, dos arremecções dos dardos, ou das canas, do estrondo dos Timbales, do éco dos Clarins, e mais instrumentos béllicos, como tambem se se incommodão com os enfeites do pescoço, e cauda, ou com os toques da espada na barriga, e garupa, e finalmente se duvidão chegar-se aos candieiros dos Pombos, Argolinha, Estafermo, &c. para não se arrifcarem a negar-se-lhe o Cavallo por medo de alguma daquellas coufas, de que se ha de usar nos festejos.

Devem os Cavalleiros formar-se em columna para entrar na praça, ao menos de seis cada fileira, os do lado direito costumão vestir-se de huma côr, e os do esquerdo de outra, isto he, se os da fileira direita vestem de encarnado, os da esquerda devem vestir de outra côr, sendo as plumas dos chapéos brancas, e os fiadores das espadas da côr dos vestidos.

Só na mão esquerda se deve calçar luva, a qual deve ser branca, as pulainas de todos os Cavalleiros devem ser brancas, atacadas com fittas da côr do vestido; e senão forem os ditos Cavalleiros penteados de rabo de raposa, devem ser feitos os chicotes com fittas da côr do vestido.

Os Cavallos costumão ser enfeitados nas clinas, e nas caudas com fittas, que lhes fiquem bem, segundo a côr de cada hum: as fellas devem ser as de huma fileira amarellas, e as de outra encarnadas, como tambem as redeas, as cabeçadas, os rabichos, e as pontas das cilhas, &c. os chareis devem ser uniformes com os peitoraes, e enfeites, as ferragens de huma esquadra costumão ser prateadas, como tambem os cópos dos freios, e os estribos: logo por consequencia as ferragens dos jaezes da outra esquadra devem ser dourados, e da mesma forte os cópos dos freios, e os estribos.

Regras geraes das Escaramuças, usando os Cavalleiros nellas das lanças decontoadas.

Sendo tudo em boa ordem, (se entrão na praça com as lanças decontoadas para fazer a primeira Escaramuça) costumão os Cavalleiros confervar os Cavallos na marcha, alguma coufa distantes huns dos outros, para não se maltratarem com as lanças, ou se apertarem, e fazerem os da retaguarda alcançaduras nos pés dos Cavallos da vanguarda.

Costumão os Cavalleiros, formados em columna dous a dous, entrarem de passo até ao meio da praça; e sem tirar os chapéos, fazer com as lanças as continencias de sete tempos.

O primeiro se executa, parando os Cavallos firmes, e bem iguaes todos os pares, emparelhados, ou perfilados hum com outro Cavalleiro.

O segundo pegando bem pelo meio da lança com a mão direita, de maneira que o braço fique alguma coufa arcado, e a mão voltada com as unhas para cima (Est. LXXXVI., Fig. 1., Letra A) descansando sobre o osso do quadril direito Letra B.

O terceiro he affastar o braço para fóra, e levantallo até á altura a que elle póde alcançar Fig. 2., Letra C, brandindo a lança duas, ou tres vezes.

O quarto apresentar a lança, extendendo o braço bem para diante Fig. 3. com as unhas da mão direita voltadas para a Letra D, a fim de que o braço fique direito pela linha horizontal do hombro.

O quinto tornando a levantar o braço até á altura da Letra C para brandir a lança segunda vez.

O sexto he arremeçalla para trás Fig. 4., fazendo-a correr pela mão, de forte que a botana Letra F venha encalhar entre os dedos, e a palma da mão.

O setimo deixar cahir o braço para baixo com graça Fig. 5., até descansar a mão sobre a coxa da perna direita: depois disto fará o Cavalleiro andar o Cavallo para diante alguns passos; e parando-o, fará pelo mesmo modo a segunda, e terceira cortezia: acabada a ultima, deixarão ficar os recontros das lanças de rastos, obrigando os Cavallos a passarem, o mais que puder ser dobrados, hum para a direita, outro para a esquerda, até chegarem á trincheira da tribuna, para quando se dividirem, levantando os Cavallos de galope, traçarem as lanças ao meio, pegando-lhe com a mão direita voltada de unhas abaixo, confervando a lança alguma coufa cruzada sobre o peçoço do Cavallo, como se vê na Fig. 6. da Estampa LXXXVI.

Nas passagens que fizerem as Esquadras huma por junto da outra, devem os Cavalleiros brandir as lanças, levantando o braço direito alto, olhando cada hum com graça, e agrado para o seu competidor.

Se formarem alguns circulos em redopios, será vistoso os Cavalleiros da fileira do centro fazer galopar os seus Cavallos na acção da volta ao revés, para não voltar a cara aos Cavalleiros da fileira que anda por fóra; mas quando o guia da

fileira do centro quizer fahir desta figura para tomar outra direcção, deve fazer pafar o Cavallo de mão, e affim os mais da fua efquadra, até fe arroftarem outra vez com o primeiro guia, e mais Cavalleiros que o feguem.

Nas figuras planas, que huns, e outros vão marcando no terreno, logo que o primeiro guia partir para o fegundo, deve a direcção da figura da Escaramuça permittir que huns, e outros fação paffar os feus Cavallos de mão, de forte que fiquem dobrados huns para os outros, isto he, fe a primeira efquadra vai encontrar a fegunda pelo lado direito, os Cavallos de huma, e de outra efquadra devem galopar dobrados para a direita; e fe fe encontrão pelo lado efquerdo, huns, e outros deverão obrigarlos a galopar, dobrando-os para a efquerda.

Todas as figuras das Escaramuças devem fer contrapofitas, ou defencontradas no terreno para encherem mais a praça; e quando ellas fe acabarem, deverão pofitar-fe os Cavalleiros em linha de batalha, cada Efquadrão em feu castello.

Modo de manejar os arremeções das lanças decontoadas.

A Cabada a primeira Escaramuça, que não deve fer muito dilatada, pois baf-ta que em cada huma figura fe faça huma até duas voltas; e postos os dous Efquadrões em batalha, deverá o primeiro guia fahir do lado direito do feu castello a paffo, cortando o terreno de modo que vá paffar pela vanguarda do castello do fegundo efquadrão. Ora quando chegar defronte do fegundo castello, deverá com o maior defembaraço levantar a lança; e depois de a fazer brandir duas, ou tres vezes, a apresentará; e logo curvando alguma coufa o braço, a arremeçará para trás até encalhar a botana entre os dedos, e a palma da mão, para vir a ficar o recontro da lança de raftos pela terra, conservando-fe por effe modo até haver paffado por toda a frente da vanguarda, para então levantar o Cavallo de galope, e traçar a lança ao meio: o que fe faz, pegando-lhe com a mão direita de unhas abaixo, segurando o refte com a mão efquerda de unhas affima, para fe defender melhor do arremeção do feu contrario.

O guia do fegundo Efquadrão deverá fahir a aceitar-lhe o defafio, o qual por politica deve tambem arremeçar a lança nesta primeira carreira para trás, ainda que o primeiro guia fe ponha em acção de defender-fe.

O arremeção da lança cofturna fazer-fe de quatro tempos.

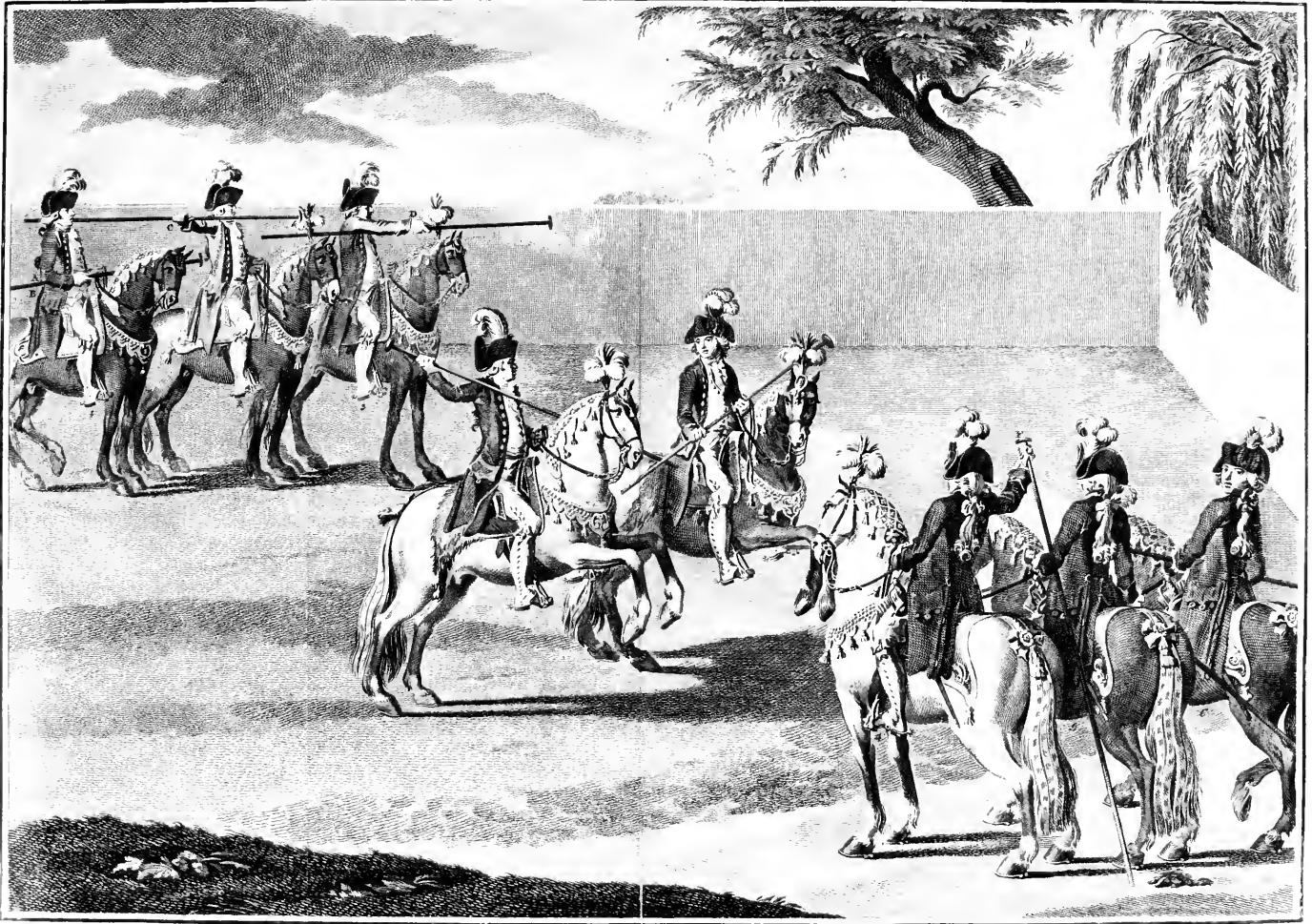
O primeiro he affaltar bem o braço do corpo (Eft. LXXXVI., Fig. 1., Letra C.)

O fegundo apresentar a lança, extendendo o braço para diante quanto elle puder alcançar, ficando a mão na linha horizontal do hombro Letra D.

O terceiro voltar a lança em roda por fima da cabeça, de maneira que o recontro fique voltado para o lado efquerdo Letra E.

O quarto arremeçalla, ou apontalla ao feu competidor, deixando-a correr por entre os dedos, e a palma da mão, de forte que a botana venha encalhar na mão; e tudo isto deve fer feito com tanto cuidado, que lhe não falte a lança fóra da mão, porque fe isto acontece, reputa-fe o Cavalleiro por fraco, e pouco defembaraçado.





Os tempos do manejo da lança devem fazer-se , tendo-a sempre bem fechada na mão, e o tiro offensivo do arremeção deve sempre dirigir-se , ou apontar-se do quadril até ao Joelho.

No tempo, em que o Cavalleiro faz o arremeção, deve o que lhe vai fugindo reparar o golpe, rebatendo-o com o recontro da sua lança, para o que a deve segurar bem com a mão esquerda pela parte que fica para a botana Letra F, dando com a direita, que determina o recontro fortemente para cima, a fim de se livrar do golpe.

Tambem o que vai fugindo, logo que rebate o golpe, deve parar, e a passo fazer marchar o Cavallo para o seu castello, indo pela retaguarda occupar o primeiro lugar do lado esquerdo, donde irá obliquando para o lado direito, á proporção dos Cavalleiros, que vão sahindo delle para correr.

O offensor não deve emprender segundo golpe, ainda que o intervallo do terreno, e do tempo o possam permittir: tambem se deve fazer diligencia por empregar o golpe, quando o que foge vai mais bem disposto para se defender, porque então hum, e outro Cavalleiro ficão mais vistosos nas suas acções.

E S T A M P A LXXXVI.

Seis Cavalleiros correndo lanças decontoadas para a direita.

D Evem os Cavalleiros conservar-se distantes hum do outro, duas braças pouco mais, ou menos, para ser vistosa a carreira, e poderem fazer bem o jogo, ou o choque dos arremeções das lanças.

Aquelle, que correo a lançada, logo que chegar á frente do castello dos seus contrarios, doze até quinze passos pouco mais, ou menos, deve voltar em roda sobre a direita; e depois de fazer assim hum quarto de conversão sobre a direita, fugirá para o seu castello, recolhendo logo a lança, e traçando-a ao meio com a mão direita de unhas abaixo, ajudando-se com a esquerda de unhas acima para se defender daquelle que o vier seguir.

Deste modo correrá alternativamente cada Cavalleiro duas, ou tres carreiras, de forte que o ultimo que finalizar este divertimento, em lugar de fazer o tiro ao contrario como os mais, deve arremeçar a lança para trás, como fizerão na primeira carreira os guias, fazendo logo marchar o seu Cavallo de passo até ao castello do seu esquadrão, levando o recontro da lança de rastos, e o braço extendido sobre a coxa da perna direita, buscando entrar no seu castello pelo lado esquerdo, indo pela retaguarda do esquadrão occupar o lugar que lhe pertence.

Advertencias.

S E a lança quebrar, deve o Cavalleiro lançar logo o resto della para a parte de fóra, e metter mão á espada: ora em tal caso não deverá o competidor fazer-lhe o arremeção da lançada, mas sim apresentalla, e deixalla correr para trás.

Se a lança lhe faltar fóra da mão, aquelle a quem isto acontecer deverá tambem logo metter mão á espada, e defender-se o melhor que puder; e o competidor deve atirar-lhe o arremeção, porque o perdimento da lança ou procede da falta de agilidade, e cuidado, ou de fraqueza.

Se o recontro da lança encalhar entre a perna do que vai fugindo, e o arção da fella, ou a arçoeira, elle fará obliquar o seu Cavallo para fóra, sem fahir muito para diante, ou ficar demaziadamente para trás, a fim de que não succeda entrar a lança, de maneira que o deite fóra da fella.

Se algum dos Cavallos tropeçar, e cahir, deve o Cavalleiro, que fica montado, aprear-se logo, e fazer diligencia por livrar o outro do perigo, o qual senão ficar muito maltratado, montará, e tornará a continuar a carreira; mas no caso de ficar magoado, recolher-se-ha; e em lugar do que deo a quéda, fahirá outro a completar o defaño, ou carreira pelo methodo que fica ponderado.

Regras geraes das Escaramuças, fazendo-as os Cavalleiros com a espada na mão.

Quando não se usa das lanças decontoadas, costumão os Cavalleiros trazer a espada na mão, e em tal caso entrão na praça a pares, formados em columna, mediando sempre entre hum, e outro Cavalleiro hum espaço de terreno semelhante ao que occupa o comprimento de hum Cavallo; e tanto que os guias chegão ao meio da praça, costumão parar firmes, e tirar os chapéos com defembaraço, e boa graça, pegando-lhe com a mão direita pela parte direita do bico de diante, e sem encurvar o braço, de vagar o vão abaixando até a mão, e o chapéo defcançarem sobre o lado da perna direita; e após isso se fazem recuar os Cavallos aquelle espaço de terreno, que a praça permite, porque ao mesmo tempo devem os Cavalleiros de ambas as fileiras fazer tambem as cortezias, e da mesma forte obrigar os Cavallos a que recuem, de maneira que o ultimo da retaguarda faz recuar o seu Cavallo até á parede; porém os que lhe vão ficando para a vanguarda, posto que devão tambem tirar atrás, não os devem deixar perder a observação da distancia, e de terreno, que deve medear entre cada hum, (como deixo notado) tanto fazendo-os marchar para diante, como obrigando-os a recuar.

Se os Cavalleiros não são Fidalgos, e assistem as Pessoas Reaes publicamente, logo que elles chegão á porta da praça costumão tirar os chapéos, marchando até ao meio della descubertos para fazerem as continencias; porém senão assistem Suas Magestades, e Altezas, não tirão os chapéos senão quando chegão ao meio da praça; advertindo que Suas Magestades, e Altezas estão occultos, logo que tem cortinas de alto abaixo pelo vão da boca do camarote, ou tribuna Real, posto que ellas estejam prezas com laços de fittas pelo meio; porque quando assistem publicamente, costuma o Somilher vir correr a cortina para os lados da tribuna: o que se não faz, quando ellas estão prezas, e por consequencia Suas Magestades, e Altezas occultos.

Acabadas as cortezias, costumão os Cavalleiros fazer marchar os Cavallos

para diante, de passo, mas vivo até chegar á trincheira, que fica por baixo da tribuna, ou camarote, para onde se fizerão as continencias, junto da qual, depois de se cumprimentarem huns aos outros com reciprocas cortezias, põem os chapeos; e separamo-se o primeiro guia para a direita, e o segundo para a esquerda, principião a escaramuça.

Logo que voltarem, depois de pôr os chapeos, quando o braço direito descer para baixo, deve ir pela parte de fóra do braço esquerdo puchar pela espada, levantando cada hum o seu Cavallo de galope, dobrando-o para o centro, isto he, o primeiro guia deve-o dobrar para a direita, e o segundo para a esquerda; pois só assim os podem todos fazer galopar dobrados para dentro.

Se as cortezias são feitas, assistindo publicamente Suas Magestades, e Altezas, e os Cavalleiros são Fidalgos, costumão estes tirar os chapeos; quando chegam ao meio da praça; e então o Somilher, ou Camarista acaba de correr a cortina, e Suas Magestades, e Altezas, em quanto se lhes fazem as cortezias, costumão estar em pé, e os Cavalleiros, acabada a ultima, obrigão os Cavallos a la-dear para defronte do camarote das Damas do Paço, a quem fazem huma cortezia, á qual ellas correspondem, &c. e depois vão dividir-se junto á trincheira para dar principio á escaramuça, como já disse.

Se os Cavalleiros são mecanicos, não costumão Suas Magestades, e Altezas ficar em pé, ainda que as cortezias lhes sejam feitas pelo mesmo modo, e sómente as Damas do Paço se conservão em pé, em quanto se lhes fazem as cortezias, sem praticar com elles outro cortejo.

Os Pagens costumão acompanhar os Cavalleiros, por hum e outro lado de fóra da columna; e logo que elles parão a primeira vez, os Pagens ficão firmes até se acabar a ultima cortezia, de forte que acabadas ellas os Cavalleiros partem para diante, e os Pagens de cada esquadra vão postar-se junto dos caixotes, que estão em cada castello: isto serve tambem para ajudar a endireitar os Cavallos quando recuão, e quando marchão para diante.

As figuras da escaramuça devem ser dispostas, tanto nos accommetimentos, como nas retiradas, e divisões, de maneira que os Cavalleiros dem sempre a direita huns aos outros, para quando se encontrarem tocar as espadas brandamente humas pelas outras, fazendo esta acção com os braços direitos altos, e com graça; e acabada a escaramuça, cada fileira se vai postar no seu castello, que sempre deve ser em angulos oppostos.

Tambem se fazem as escaramuças dobradas, isto he, de quatro fios; mas são difficilosas, de forte que ainda sendo compostas de Picadores, lhes custa pollas em prática com perfeição; porque para passarem de humas para outras figuras, necessariamente hão de fazer algumas passagens no centro, e ahi he que está a difficuldade; pois he preciso os Cavalleiros medirem bem as distancias do terreno, e os Cavallos serem muito promptos para passarem huns por entre os outros, sem se embaraçarem: finalmente as escaramuças todas devem ser semelhantes ás evoluções militares, para os Cavalleiros por ellas se adestrarem para a guerra.

Methodo de correr Parelhas.

Posta em prática a escaramuça , para se acabar , correndo parelhas , devem os Cavalleiros no fim da ultima figura encontrar-se defronte da tribuna , ou camarote principal ; e unidos a pares , devem correr a toda a brida emparelhados da trincheira até ao meio da praça , em que devem parar firme para fazer a cortezia com a espada , e marchar de passo até á trincheira , em que novamente devem levantar os Cavallos de galope para ir fazer outra cortezia.

Os Cavalleiros ambos devem correr ajustados , encruzando as espadas huma fobre outra , (Est. LXXXVII. , Letra A) sendo bem iguaes hum , e outro em toda a sua acção , e velocidade ; por isso as cabeças dos Cavallos devem ir iguaes huma com outra : o Cavalleiro , que deixa passar o seu Cavallo adiante , he culpado na falta de boa ordem.

Quando fazem a parada , devem ficar bem perfilados hum com o outro em linha recta , fazendo a continencia da espada de tres tempos.

O primeiro he defencruzar a espada , levando ambos o braço para o lado direito Est. LXXXVII. , Fig. 1. , e Fig. 2. , Letra B , e Letra C.

O segundo apresentar a espada Letra D , levantando-a de forte que cheguem as guardas á altura da cara do Cavalleiro.

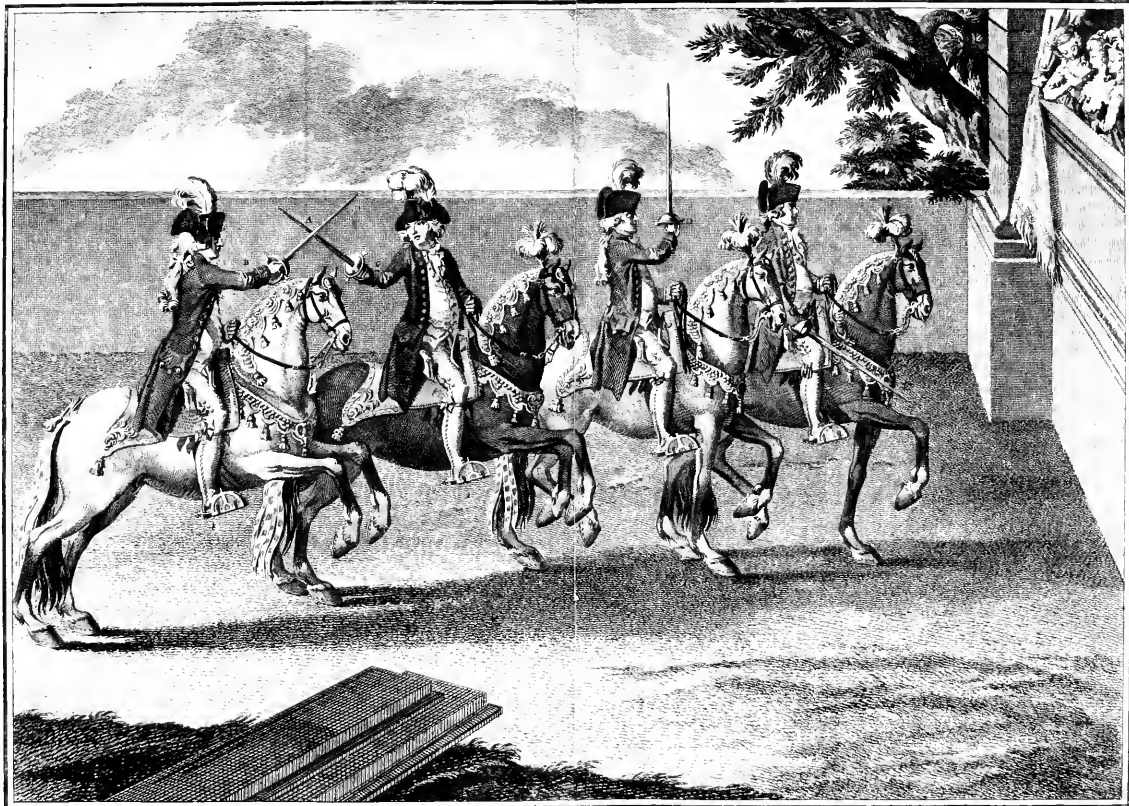
O terceiro fazer a continencia com desembaraço até descançar a mão fobre o joelho direito , ficando a ponta da espada para diante Letra E ; e sendo isto executado com desembaraço , e boa graça , devem fazer marchar os Cavallos para diante de passo até á trincheira , mas vivo , fazendo ambos meia conversão fobre a direita , a fim de virem correr segunda carreira , e fazer segunda cortezia já emparelhados a quatro.

Os Contra-guias , ou segundo par , tendo corrido a parelha , e feito a cortezia , como os guias , ou primeiro par , devem da mesma forte marchar até á trincheira , e fazer meia conversão fobre o lado esquerdo , para se irem encorporar com os guias , de forte que a segunda carreira he feita por quatro Cavalleiros , e a terceira he feita por todos os doze ; a saber : quatro na vanguarda , quatro no centro , e quatro na retaguarda.

E S T A M P A LXXXVII.

Dous Cavalleiros correndo Parelhas ; e o modo de pôr em prática o desafio das Alcanzias.

NO intervallo das escaramuças tenham os Cavalleiros usado nellas das lanças , ou da espada , se quizerem jogar as Alcanzias ; os Pagens lhes devem conduzir os Arnezes , ou Escudos , que tirando-se dos caixotes , lhos devem apresentar em bandejas : costumão elles ser fabricados , huns de sola , (que são melhores) e outros de papelão ; mas assim huns , como os outros devem ser pintados á maneira de





de Arnezes, isto he, dourados, ou prateados, tendo no meio suas tarjas pintadas á vontade do Cavalleiro, em que pela maior parte se costumão gravar as suas armas, ou aquelle emblema, ou inscripção, de que elle quer usar. Tambem deve cada escudo pela parte concava ter duas prezilhas de couro fortes, e massias, (como se vê na Fig. 4. da Est. LXXXVIII., Letra E) a que chamão embraçadeiras, para se poder segurar bem o escudo no braço esquerdo.

As Alcanzias são humas formas de barro oucas, tamanhas de laranjas pequenas, as quaes depois de seccas no forno com pouco calor (para se quebrarem com brevidade) costumão pintar-se de varias cores.

Estando os Cavalleiros formados em batalha, e cada esquadrão em seu castello, os Pagens lhes costumão conduzir as Alcanzias em bandejas, donde as recebem, e guardão em huma algibeira grande, que se manda fazer nos vestidos propria para este fim.

Sendo todos providos dellas, o primeiro guia deve abraçar o escudo no braço esquerdo, ficando-lhe huma embraçadeira pouco affima do fangradouro, e outra pouco affima do pulso para se cubrir com o escudo, quando lhe for preciso, e não lhe embarçarem ellas o poder dobrar o braço, e pegar nas rédeas bem á sua vontade: após isso deve fahir do seu castello, cortando o terreno pelas linhas de pontinhos M, e N, para ir buscar o lado esquerdo do castello, em que está o segundo esquadrão; e tanto que chegar vinte passos pouco mais, ou menos distante d'elle, em quanto passar pela vanguarda, irá lançando algumas Alcanzias para o ar.

Chegando ao lado direito Letra O, levantará o Cavallo de galope; e tanto que o guia, ou Cavalleiro do segundo castello fahir a receber-lhe o desafio, deve o desafiante inclinar-se bem sobre o pescoço do Cavallo, debruçado para a parte direita, e cuberto com o escudo pela esquerda, fugir a toda a brida para ir buscar o lado esquerdo do seu castello, junto do qual poucos passos Letra P deve fazer parar o Cavallo, e entrar pela retaguarda a occupar o primeiro lugar do lado esquerdo.

O guia, ou Cavalleiro do segundo esquadrão deve seguir o do primeiro, conservando-se á sua esquerda; e até elle parar, lhe atirá (durante a carreira) com aquellas Alcanzias que puder; mas logo que fizer a parada, o que o for seguindo deve voltar sobre a esquerda, sem fazer passar o Cavallo de mão, indo assim por toda a frente da vanguarda até ao lado direito Letra Q, do qual pelas linhas de pontinhos deve a toda a brida ir fugindo até ao seu castello, bem debruçado do pescoço do Cavallo para a parte direita, cubrindo-se com o escudo pelo lado esquerdo o mais que puder, de modo que lhe não possa dar com as Alcanzias aquelle, que o segue, como se mostra na Est. LXXXVIII., recolhendo-se tambem pelo lado esquerdo no seu castello a occupar o primeiro lugar desta parte.

E S T A M P A LXXXVIII.

Dous Cavalleiros correndo Alcanzias.

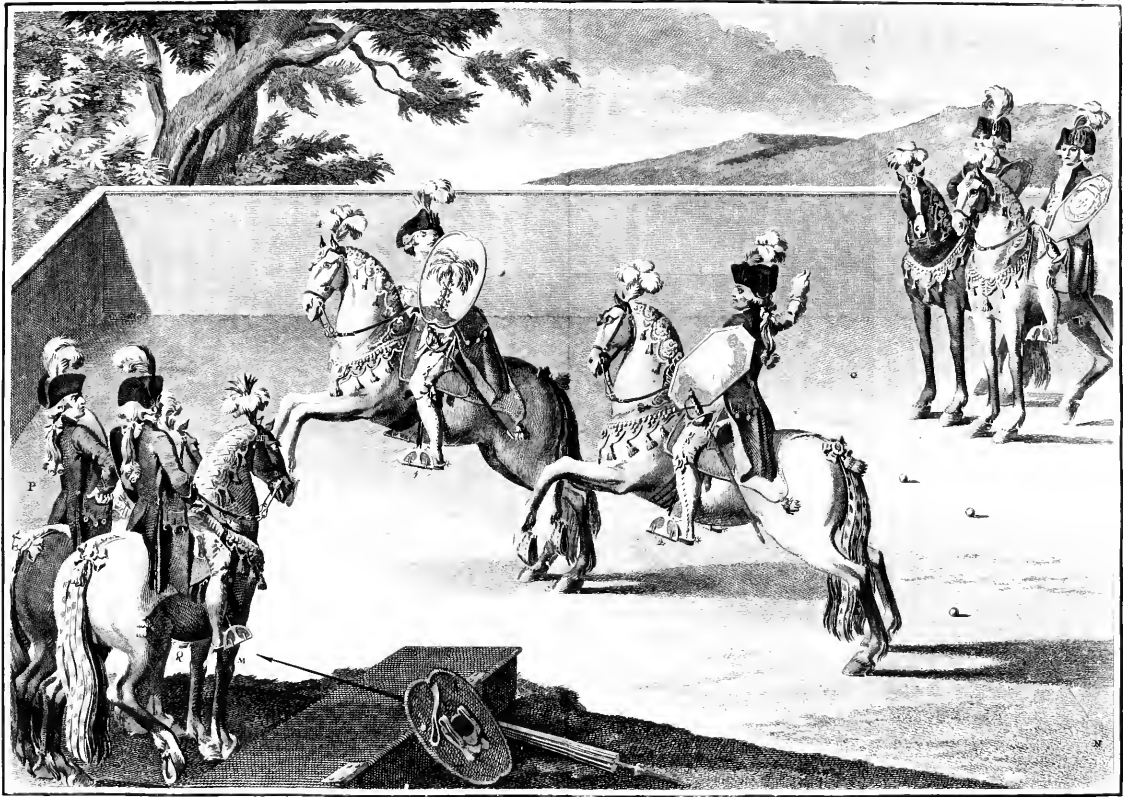
OS mais Cavalleiros devem continuar as carreiras durante este divertimento, sempre com a mesma ordem; e aquelle, que as vier finalizar, quando seguir o que lhe vai fugindo, lançará as Alcanzias para o ar; e quando for perto do castello do Cavalleiro, a quem segue, deve parar firme, e de passo ir pela vanguarda, cumprimentando com o chapeo geralmente a todos os Cavalleiros, os quaes da mesma forte o devem cortejar, indo-se depois incorporar no seu esquadrão, em que se deve praticar a mesma cerimonia de cortezias: advertindo que sempre he costume dar principio a este divertimento o guia da direita, e finalizallo o da esquerda.

Desafio das Canas.

EStando os Cavalleiros formados, como para correr as carreiras das Alcanzias, o primeiro guia sahirá do seu castello, (Letra O, Est. LXXXIX.) cortando o terreno de hum para o outro lado, fazendo marchar o Cavallo de passo muito animado; e se elle for de lição, o obrigará a dobrar-se bem para a direita, levando o Cavalleiro na mão direita huma cana verde, que tenha bastantes folhas, do comprimento de cinco palmos pouco mais, ou menos: o braço direito deve ir arcado, de maneira que a mão descance de unhas affima sobre o osso do quadril, o olho da cana por cima do cepilho da sella se inclinará para a orelha esquerda do Cavallo, e deste modo irá até quinze passos distante pouco mais, ou menos do castello da segunda esquadra; e passando o Cavallo de mão, o dobrará para a esquerda, fazendo-o ladear para esta parte, a fim de poder passar por toda a vanguarda do segundo esquadrão com a frente para elle; e quando for bem no meio do terreno, com a mão direita levantará a cana á altura que o braço alcança, e com o cabo para diante Letra E a deitará para o ar.

Tanto que tiver praticado o desafio deste modo, deve metter a mão á espada, empunhando-a pela parte de fóra das redeas, e do braço esquerdo; e levantando ao mesmo tempo o Cavallo de galope, o fará passar de mão para a direita, fugindo a toda a brida para o seu castello.

O segundo guia, ou o Cavalleiro, que occupar o primeiro lugar do lado direito, deve sahir a aceitar-lhe o desafio, levando duas canas; a saber: huma na mão direita, e outra entalada entre o arção, e o joelho esquerdo; e logo que o primeiro guia puchar pela espada, e marchar, o segundo o deve seguir, fazendo-lhe na carreira com defreza os dous arremeções das canas, como ao diante se dirá.



Advertencias.

Logo que os Cavalleiros se propuzerem para correr canas , cada Pagem por cada vez deve tirar duas canas do caixote, em que ellas se guardão, conduzindo-as pela vanguarda áquelle Cavalleiro a quem ferve. A cana , que se ha de entalar entre a perna, e o arção esquerdo, deve ser-lhe dada pela parte esquerda; e a que leva na mão, pela direita, retirando-se o Pagem logo para junto do caixote , a fim de estar prompto para quando o seu Cavalleiro tornar a correr provello de canas pelo mesmo modo.

O arremeção das canas compõe-se de cinco tempos.

O primeiro se faz , extendendo o braço direito para o lado da perna desta parte com as unhas da mão voltadas para fóra, Est. LXXXIX., Letra A.

O segundo , elevando o braço á altura que alcançar , ficando a mão com as unhas voltadas para a cabeça do Cavalleiro Letra B.

O terceiro , apresentando a cana até a mão chegar á linha horizontal da cara do Cavalleiro Letra C.

O quarto , extendendo o braço para fóra , virando o recontro da cana para a esquerda Letra D.

O quinto , arremeçando-a ao seu competidor , o qual a deve rebater com hum golpe de espada , cortando-a da esquerda para a direita , como tambem as mais que lhe forem arremeçadas , cuidando muito em mover a espada , de forte que se não córte a si , ou ao Cavallo.

Havendo o primeiro guia corrido a carreira , vinte passos pouco mais , ou menos distante do seu castello , deve fazer parar o Cavallo firme , e pela parte de fóra das redeas , e do braço esquerdo metter a espada na bainha , entrando pela retaguarda a occupar o primeiro lugar na frente do lado esquerdo , para ir obliquando até chegar a occupar o primeiro lugar da direita no Esquadrão para tornãr a correr outra , ou mais carreiras.

O segundo Cavalleiro , logo que tiver passado por junto da vanguarda do primeiro castello , sem parar , deve metter mão á espada , e do lado direito do primeiro castello deve fahir outro Cavalleiro para seguir o desafio , o qual se deve pôr em prática em quanto durarem estas correrias pela fórma ponderada , seguindo-se huns aos outros , sem usar das ceremonias , que pratica o primeiro guia ; mas fim atirando-se successivamente os arremeções das canas até se acabarem as carreiras.

Se por algum incidente não fahir Cavalleiro a continuar o desafio , aquelle , que está prompto no campo para puchar pela espada , deve-a empunhar , sem a tirar da bainha , largalla , e retirar-se , fazendo marchar o seu Cavallo de passo para o seu castello , cortejando com o chapeo a huns , e outros Cavalleiros , os quaes lhe devem corresponder da mesma forte ; e o que acabar este divertimento , pela frente do castello dos contrarios lançará as canas para o ar ; e tirando-lhes o chapeo , se recolherá com boa ordem para o seu Esquadrão.

E S T A M P A LXXXIX.

Dous Cavalleiros correndo canas para a direita.

Modo de correr aos Pombos.

AS lanças de correr aos Pombos devem ter de comprimento onze até doze palmos pouco mais, ou menos: o ferro Letra A, Fig. 1., Est. XC., costuma ter hum palmo de comprido, e não deve ser muito grosso no engaste Letra B, sendo na cuspide Letra C bem agudo com dous gumes D, e D até ao engaste, em que se une á madeira da lança: esta, como tambem o ferro, póde ser dourado, e da mesma forte o recontro E, e o seu engaste.

Os Pombos costumão ao menos ser prezos a pares com huns fios de retroz, passados pelas ventas, pelos quaes os Pagens os devem pendurar no gancho do candieiro. Tambem se costumão enfeitar com fittas, segurando-lhas ao pescoço, e algumas galanterias atadas nellas, isto he, alguns dysticos, ou versos engraçados; e tanto que os pendurão, costuma o Pagem retirar-se do candieiro para junto dos caixotes, e estes devem ser cubertos com redes, ou grades, para que não lhes falte o ar.

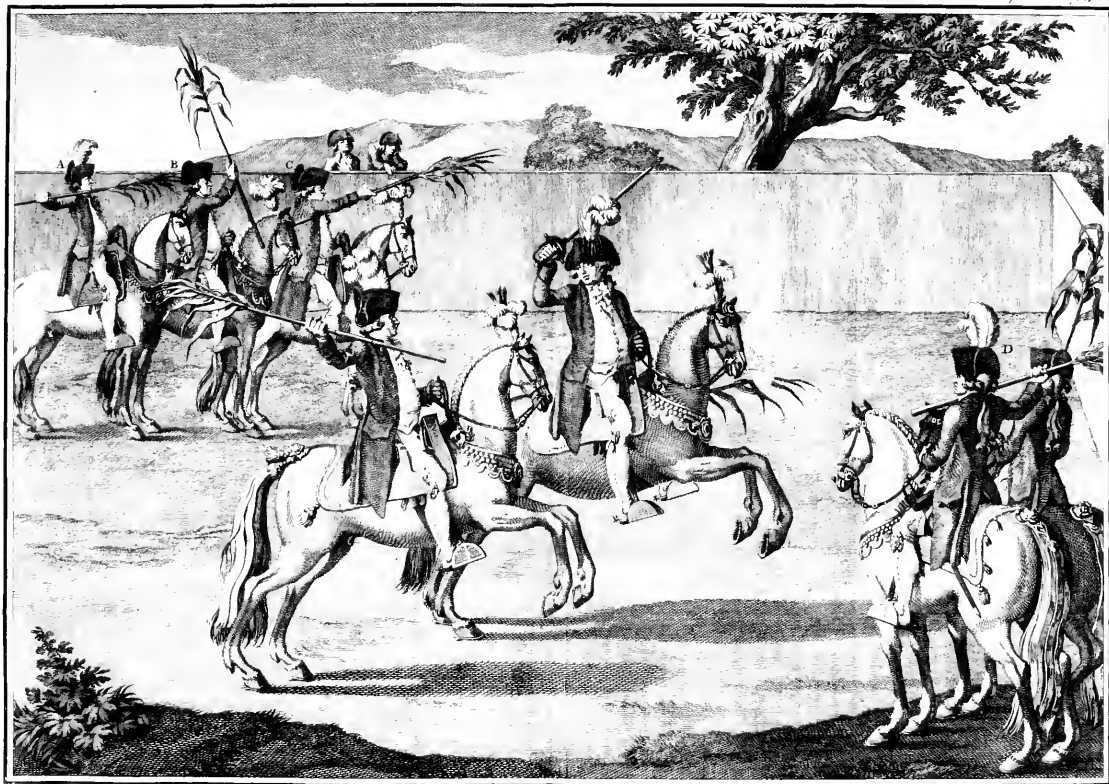
Advertencias.

SE o Cavalleiro errar os Pombos, o Pagem do Cavalleiro, que se fegue, logo que chegar ao candieiro deve soltar os Pombos, que escaparão do golpe, e pendurar os que elle traz. Se o fio, por que estão prezos, quebrar, antes do Cavalleiro fazer a sorte, e os Pombos fugirem, o Cavalleiro deve parar, e ir outra vez para o esquadrão, em quanto o seu Pagem torna a prover o candieiro com outros Pombos. Se o Cavalleiro os acertar, levando-os na lança, ou deitando-os fóra do gancho do candieiro, o Pagem do Cavalleiro que se lhe seguir, deve logo pendurar outros Pombos no candieiro, servindo todos os Pagens alternativamente os seus Cavalleiros deste modo as vezes que lhes tocar a carreira.

Modo, por que se devem formar os Cavalleiros.

QUando os Cavalleiros pertenderem correr estas carreiras, devem formar-se em batalha defronte do candieiro, em que se pendurão os Pombos, tão distante delle, quanto a praça o permittir, e então he que os Pagens costumão dar-lhes as lanças, conduzindo-lhas pela vanguarda.

O guia, que fica no primeiro lugar da direita, costuma fazer a primeira carreira: elle traça a lança ao meio com a mão direita, em quanto fórma hum circulo junto á fileira, e com o braço arcado deve sahir delle, levantando o Cavallo de galope; e se manejar, o obrigará a que forme o circulo com a garupa ao centro, para ter lugar de armar a lança de quatro tempos.



O primeiro se faz , abaixando o braço , de forte que a mão , que está de unhas affima (Letra A, Est. XC., Fig. 1.) se volte sobre o lado da coxa da perna direita, de modo que lhe fiquem as unhas voltadas para fóra Letra B, e por consequencia o recontro da lança Letra C para diante, e a cuspide do ferro Letra D para a garupa.

O segundo tempo se faz levantando o braço alto Letra E.

O terceiro apresentando a lança com o braço bem extendido para diante Letra F.

O quarto encurvando o braço para enristar a lança , fegurando-a bem com a mão de unhas affima Letra G ; e depois do cotovelo direito bem unido ao corpo, se deve abaixar a mão da redea ao Cavallo , para que a toda a brida passe por baixo do candieiro, fazendo o Cavalleiro diligencia por apontar a lança , de maneira que empregue bem o encontro, ou golpe.

Se o Cavalleiro levar algum Pombo na lança, logo que passar para diante do candieiro dez, ou doze passos, deve fazer parar o Cavallo firme, e depois costuma-se offerecer o Pombo áquella pessoa, a quem se quer obsequiar, e por isso nas azas , ou ao pescoco se lhe costuma pôr huma fitta com alguma galanteria para se lhe pegar por ella ; mas se assiste alguma Pessoa Real , não se costumão fazer obsequios deste genero, antes sim deve o Cavalleiro retirar-se á sua estancia, levando o Pombo na lança, da qual o Pagem lho tira, e dá a quem lhe parece.

Tambem se podem metter os Pombos em vasos de barro, que se fazem com diversas fórmas, pintando-os de varias côres, os quaes devem ter alguns buracos; e mettendo-lhes dentro os Pombos pela fórma já dita enfeitados, mas foltos, se lhes costumão tirar as guias de huma aza, de modo que possão voar alguma coufa, levando tambem nas fittas prezos, versos, ou dyfticos engraçados para quem os apanhar se divertir. Cada vaso deve ser pendurado no gancho do candieiro, da mesma forte que se pendurão os Pombos, e os Pagens não devem apanhar os que fogem dos vasos que se quebrão.

Das lanças de correr ao Estafermo he que se costumão servir para quebrar os referidos vasos ; e os tempos de as manejar, devem ser semelhantes aos com que se manejão as de correr aos Pombos ; mas deve applicar-se a botana da lança no vaso, quando o Cavalleiro for bem debaixo d'elle, para não lhe cahirem alguns pedaços em cima; e se errar o vaso, parando o Cavallo firme, desfamará a lança com desembaraço, apresentando-a com a botana para cima em linha perpendicular com o recontro, trazendo a mão no segundo tempo á primeira posição, ficando com o braço bem arcado, e a lança com a botana inclinada para a orelha esquerda do Cavallo.

Esta ordem se costuma observar, ou se acerte, ou se erre o golpe, a fim de que as escaramuças sejam mais vistosas, e os Cavalleiros se constituão desembaraçados na acção, que se mostra na seguinte Estampa.

ESTAMPA XC.

*Dos Cavalleiros correndo aos Pombos.**Disposições para correr ao Estafermo, e a sua construcção.*

AS lanças de correr ao Estafermo devem ter de comprimento doze, ou treze palmos, com grossura proporcionada ao seu tamanho: em huma ponta deve ter hum botão, (Est. XCI., Letra A) e na outra hum engaste chamado recontro Letra B: podem as lanças ser douradas, ou prateadas, e da mesma forte o botão, e recontro, &c.

A madeira melhor para toda a forte das lanças he a faia, e o boreá: a grossura de todas (posto que eu digo que ella deve ser proporcionada ao seu comprimento) deve ficar em tal proporção, que as decontoadas possam vergar, e as de Pombos, Argolinha, e Estafermo não.

Os Cavalleiros devem formar-se em linha de batalha, defronte do Estafermo; e o Guia, que dá principio a este combate, he o do primeiro lugar do lado direito, o qual tanto que sahe da fileira deve levantar o Cavallo de galope, dobrando-o para a direita; e em quanto formar hum pequeno circulo sobre este lado, armará a lança de cinco tempos.

O primeiro se faz, traçando a lança ao meio com a mão direita, levando-a para fóra com desembaraço Letra C.

O segundo curvando o braço, de maneira que fique bem arcado, e a mão de unhas assima sobre o osso do quadril direito com o cotovelo para fóra Letra D.

O terceiro levantando o braço até á linha horizontal do hombro Letra E.

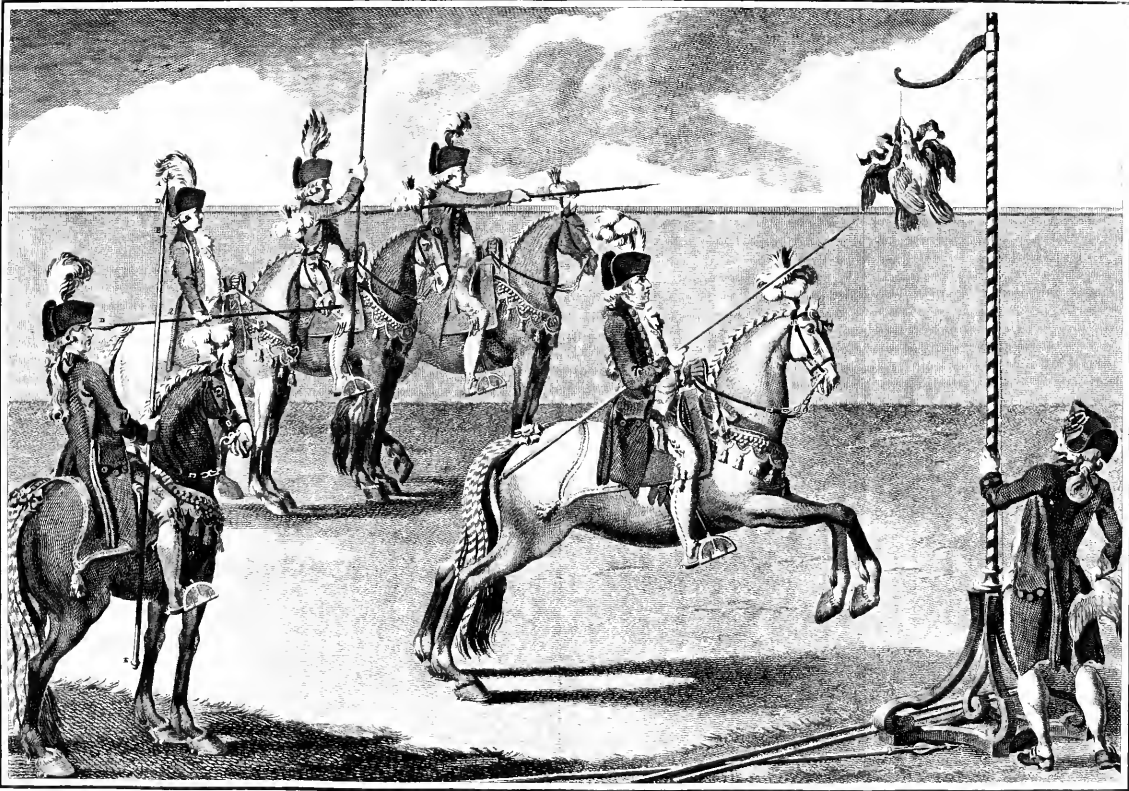
O quarto apresentando a lança com a botana voltada para diante Letra F.

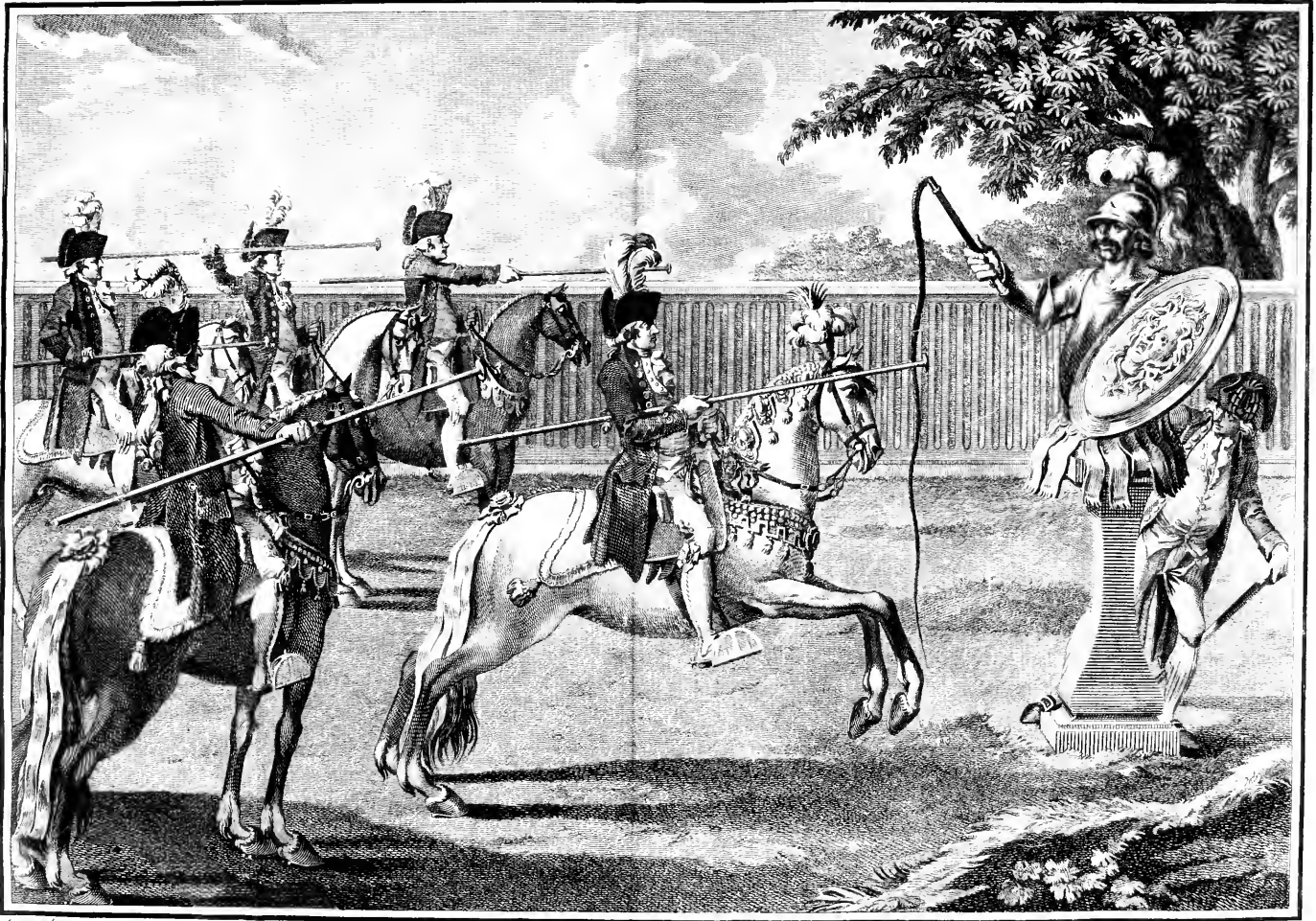
O quinto, enristando-a bem segura entre a mão, braço, e corpo, direita para o Escudo do Estafermo. Depois de tudo isto feito, deve-se abaixar a mão da redea, e fazer correr o Cavallo a toda a brida até a lança pojar, ou encalhar sobre o escudo.

O Estafermo fica pelo lado esquerdo do Cavalleiro, e este lhe deve applicar a lança no escudo, quando vai quasi perfilado com elle, não levando a lança muito comprida para com estas prevenções o toque da lança fazer voltar o meio busto em roda com rapidez, sem que o Cavalleiro seja alcançado pelo azurrague, que se mostra na mão direita.

He o referido Estafermo hum meio busto, construido de madeira, semelhante na figura á de hum homem, o qual deve ter no braço esquerdo hum escudo, ou arnez, e na mão direita hum azurrague de oito, ou nove palmos de comprido; porque sendo maior, alcança muitas vezes o Cavalleiro: cousa que ainda que faça rir aos Expectadores, faz parecer que elle he pouco agil.

Costuma-se pôr o Estafermo sobre hum pedestal, ou pyramide portatil, no qual se possa segurar, e o Estafermo, ou pelo seu pezo, ou pôr haver hum buraco no





terreno, em que elle facilmente se possa pôr, e tirar, sendo tanto o pedestal, como o busto bem pintados, e em boa proporção com a altura natural de qualquer Cavalleiro.

Quando se puzer o Estafermo no lugar, em que ha de servir, deve estar cuberto com hum panno largo, cuja cubertura lhe costuma tirar o Pagem do guia que corre a primeira vez, o qual se retira, e fica assistindo junto ao plinto: outro homem vestido por diverso modo daquelle com que se vestem os Pagens para concertar o Estafermo, isto he, para o virar para aquella parte, donde o hão de buscar os Cavalleiros, os quaes, depois de haverem corrido duas, ou tres carreiras cada hum, costumão passar a outro divertimento.

E S T A M P A XCI.

O Cavalleiro correndo ao Estafermo.

Modo de correr á Barquinha.

A Barquinha he hum vaso de madeira semelhante ao casco de hum Navio, a qual cheia de agua se pendura no gancho do candieiro dos Pombos por humas prizões, que a segurão pelo gurupés, e pela poppa.

Os Cavalleiros tambem costumão formar-se em batalha defronte do candieiro, em que se pendura a barquinha na distancia que a praça o permite.

Ao Guia da direita pertence a primeira carreira, o qual deverá dispôr-se, e armar a lança pelo mesmo modo, por que se costuma armar para correr aos Pombos, e ao Estafermo, de sorte que no tempo, em que a botana tocar a barquinha, deve ir o Cavalleiro já quasi debaixo della, e então applicar-lhe a lança na quilha, e fugir para diante com rapidez, para que a agua, que se entorna della, o não molhe, e todos os mais Cavalleiros devem seguir a mesma ordem até passar a outras carreiras, e o Pagem de cada Cavalleiro costuma levar huma bilha pequena cheia de agua para reformar a barquinha todas as vezes que ella se entorna.

Em quanto os Cavalleiros correm qualquer destas carreiras, sempre devem fahir do primeiro lugar da direita, e os da esquerda ir obliquando para lá, a fim de não se desordenarem. Tambem em toda a forte de carreiras devem fazer galopar, e correr os seus Cavallos unidos para a direita. Nas carreiras, em que houverem de manejar lanças, para as armar, e pôr em ristre, devem formar logo que sahem do esquadrão junto á linha da vanguarda, em que estão postados, hum circulo pequeno de duas, ou de quatro pistas, conforme o conhecimento que o Cavallo tem do manejo, para o Cavalleiro ter tempo de armar a lança, como tenho ponderado. Não trato de outros divertimentos de que tenho visto usar, por não terem a polidez que tem estes, de que faço menção, nem servirem para desembaraçar os Cavalleiros, como servem os de que tenho tratado, e o seguinte, &c.

E S T A M P A XCII.

De varios Cavalleiros, correndo as Cabeças.

O Exercício de correr cabeças tão praticado na Alemanha, e outros Paizes, em que ha frequentes guerras, serve para adestrar os Cavalleiros no jogo, e uso das armas de arremego, no da espada, e no de fazer com certeza as pontarias da pifto-la, &c. e se os Cavallos, em que se faz este exercicio, são de manejo, he este hum dos divertimentos bem vistosos, que se podem fazer na Arte da Cavallaria.

No castello Letra A, Est. XCII., Fig. 1., devem os Cavalleiros formar-se em hum esquadrão; e o guia, que occupa o primeiro lugar da esquerda, deve dar principio ao festejo, passando desta para a Fig. 2., entrando nella pelo N. 1., e da mão do Pagem B deve receber o dardo, o qual se costuma entalar entre a perna esquerda, e o arção da sella, ficando-lhe o Farpão voltado para baixo, recebendo apòs isso do mesmo Pagem a lança de Argolinha, em quanto vai obrigando o Cavallo a que forme hum circulo com a garupa ao centro B, C, D; e sahindo desta circumferencia pelo N. 2. para as linhas N. 3., deve ter armado a lança de finco tempos.

O primeiro se faz, pegando-lhe pelo punho Letra E para lhe ficar a cuspide Letra F para cima, descansando a mão sobre a golilha da sella, junto da arçoeira do lado direito Letra F.

O segundo levantando o braço, e dobrando o fangradouro, de forte que fazendo hum meio circulo venha a ficar a mão direita sobre o cepilho na altura de meio palmo distante d'elle na linha horizontal do cotovelo Letra G.

O terceiro levantando o braço o mais que puder ser, ficando o recontro do punho da lança bem perpendicular com o hombro direito Letra H.

O quarto abaixando a mão com o braço bem extendido para diante, como se apresentão as mais lanças, mas sem a tirar da linha perpendicular, de forte que esta sempre se maneja com a cuspide para cima.

O quinto enristrando a lança bem segura entre o braço direito, e o corpo com o cotovelo bem unido a elle para fazer a pontaria á argolinha Letra G, N. 18. com mais certeza.

Quando o Cavalleiro fizer sahir o Cavallo (da Fig. 2. pelas linhas N. 2. para as linhas N. 3., que ficão rectas ao candieiro da argolinha) deve abaixar-lhe a mão, e a toda a brida fazello correr até passar o candieiro da argolinha; e ou a acerte, ou erre, logo que chegar ao N. 4., deve obrigar o Cavallo a que faça huma meia parada, para que modifique a velocidade do movimento, a fim de poder entrar na Fig. 3., N. 5., obrigando-o a que vá com a garupa ao centro por todo o circulo H, I, L, M.

Recommendo que desta forte o fação andar pelos circulos para haver tempo de entregar a lança da argolinha ao Pagem I, que deve estar dentro da Fig. 3. para a receber, o qual a dá a quem a leve aos Cavalleiros, que estão postados na

Fig.

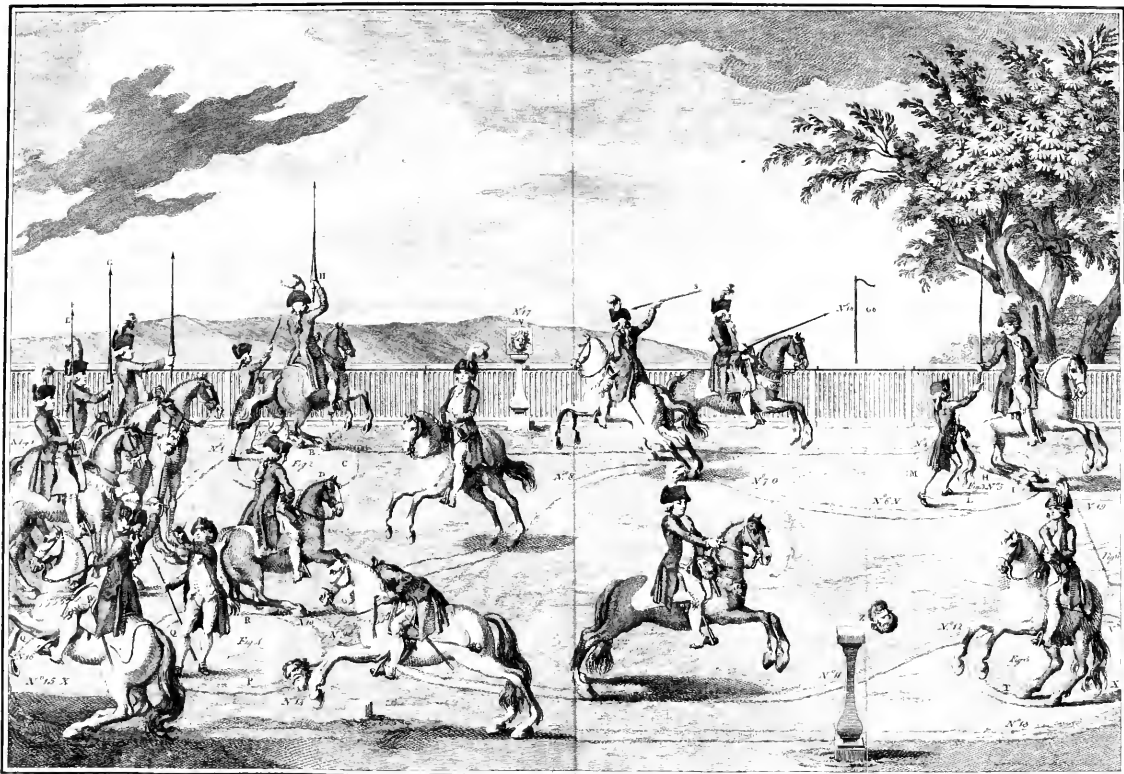


Fig. 2.; pois basta haver meia duzia de lanças para se fervirem todos os Cavalheiros, posto que sejam muitos; porque na praça, sendo as cabeças singelas, apenas andão dez até onze Cavalheiros, e só na primeira carreira se usa desta lança.

Logo que se entrega a lança ao Pagem, deve armar-se o dardo de quatro tempos.

O primeiro se faz, pegando-lhe com desembaraço pela parte de fóra do braço, e redea esquerda, desentalando-o de entre a perna, e o arção para fóra, porque não succeda com o farpão offender-se o Cavalheiro.

O segundo apresentando o dardo com o recontro Letra S voltado para diante, ficando a mão de unhas affima na linha horizontal do hombro.

O terceiro armando o dardo com a mão de unhas affima, affastando-a para fóra do corpo quanto puder.

O quarto arremeçando-o á cabeça de Medusa Letra V, N. 17.

O Cavalheiro em quanto marcha do N. 6., Letra N para o N. 7., Letra O, deve conservar o Cavallo dobrado, e unido para a direita; e tanto que fizer o arremeção do dardo, deve-o fazer passar de mão, e seguir as linhas do N. 8., dobrando-o para a esquerda até chegar ao N. 9., sobre o qual o deve fazer passar de mão para a direita, e entrar na Fig. 4., Letra P, formando o circulo P, Q, R de quatro pistas, de forte que chegando ao N. 10. ha de ter empunhado a pistola de seis tempos.

O primeiro se faz, levando a mão direita por fóra das redeas, e braço esquerdo para tirar a pistola do coldre com facilidade.

O segundo apresentando-a defronte do peito com a boca para fóra, e para cima.

O terceiro segurando-a tambem com a mão esquerda pouco affima dos fechos.

O quarto armando-lhe o cão, ou gatilho com o dedo pollegar da mão direita.

O quinto apontando-a á cabeça de Polyfemo N. 11., Letra Z.

O sexto dar fogo, puchando o gatilho com o dedo index, e mettella de hum tempo no coldre.

Sobre o N. 11. se deve obrigar o Cavallo a que passe de mão, e se dobre para a esquerda até chegar ao N. 12., sobre o qual o devem obrigar a fazer passagem para a direita, formando tambem os circulos da Fig. 5. com a garupa ao centro até chegar outra vez por T, V, X ás linhas do N. 13., pelas quaes a toda a brida deve empunhar a espada para estoquiar a cabeça de Tifeu N. 14.

A espada deve empunhar-se de sinco tempos.

O primeiro se faz, levando com desembaraço a mão direita por fóra das redeas, e do braço esquerdo, fechando a mão no punho.

O segundo tirando-a da bainha, e levantando-a com a ponta para cima, e as guardas voltadas para a cara, trazendo logo a mão para baixo até á linha horizontal do cotovelo.

O terceiro voltando-lhe a ponta para baixo, inclinada para diante.

O quarto debruçando todo o tronco do corpo para o lado direito, a fim de chegar bem á cabeça N. 14.

O quinto he junto ao N. 15., Letra X, levantar o corpo, e braço para fima, parando o Cavallo firme, e marchando de passo até ao N. 16. para entrar pela Letra Q na Fig. 1.

Se se erra a cabeça, mette-se logo a espadua na bainha; mas quando se acerta o golpe, levando a cabeça na ponta da espada, levanta-se o braço a toda a altura a que elle alcança até chegar ao Pagem N. 16., que deve pegar na cabeça para o Cavalleiro metter a espada na bainha, o qual vai occupar o primeiro lugar da direita, porque os Cavalleiros nesta escaramuça principião a fahir da Fig. 1. para a Fig. 2. pelo lado esquerdo Letra A.

As cabeças de Medusa, e de Polyfemo devem ser de páo, e a de Tifeu de papelão; advertindo que a cabeça de Medusa deve ser quadrada, e ao menos de dous palmos.

Fazendo-se esta escaramuça fingela, costumão estar os Cavalleiros todos formados em hum esquadrão no primeiro castello Letra A, e podem andar na praça dez até onze Cavalleiros, isto he, quando o primeiro fahir da Fig. 3., o segundo entrará na Fig. 2., levando todos os mais a mesma distancia de huns aos outros, para não se encontrarem, e desmancharem a boa symmetria, que devem observar para fazer a escaramuça vistosa, contraposta, e igual.

Quando fizerem andar o Cavallo com a garupa ao centro, em qualquer das figuras podem (se elle he de lição) chamallo ao terra á terra; mas quando fahirem das figuras circulares, não deve ir com grande velocidade, para o poderem fazer endireitar bem sobre as linhas, que vai seguindo; e posto que na carreira N. 3., e N. 13. digo lhe abaixem a mão, quando se faz o tiro, seja da argolinha, seja do dardo, pistola, ou qualquer outro, deve o galope já ser mais moderado, não só para os Cavalleiros fazerem melhor as pontarias, mas para os Cavallos fazerem com mais facilidade as meias paradas, as passagens de mão, e as paradas firmes.

Tambem se faz esta escaramuça dobrada, como diz Gaspar Sonheé no seu Tratado da Cavallaria, a qual tem só a differença de se postarem os Cavalleiros em dous castellos hum defronte do outro, de forte que assim como sendo fingela se entra da Fig. 1. para a Fig. 2., por lhe ser a mais contigua, sendo a escaramuça dobrada o esquadrão do castello N. 19., Fig. 6., entra pela Fig. 5., que fica mais proxima ao seu lado esquerdo: logo os circulos, e o modo de cortar o terreno he ás avéssas do da escaramuça fingela do esquadrão da Fig. 1.

Sendo a escaramuça dobrada, deve haver na praça outro candieiro de argolinha pouco adiante da cabeça de Tifeu N. 14.; huma cabeça de Medusa junto á de Polyfemo N. 11., Letra Z; huma de Polyfemo perto do candieiro N. 18., Letra G; outra de Tifeu perto da cabeça de Medusa N. 17., Letra V; advertindo que todas podem estar em distancias iguaes para fazer boa symmetria, como se mostra na Est. XCII. Os Plintos devem todos ser de hum feitio, posto que o da cabeça de Medusa costuma ser alguma cousa mais alto, e o de Tifeu mais baixo.

LIVRO X.

A R G U M E N T O.

Trata-se das qualidades , que devem ter os Cavallos destinados para a guerra: razão , por que devem seguir alguns ares , e trabalhos da Escola: instrucções , que devem saber os Picadores dos Regimentos para ensinar os soldados , e os Cavallos delles , segundo o Regulamento do Senbor Rei D. José I. ; e como devem ser exercitados os Cavallos destinados para a caça , tanto de veação , como volatil , a fim de serem agradaveis , e commodos nos seus movimentos para os Cavalleiros.

AVAIDADE , e a ambição com a devastadora mão da impiedade semeia , e sempre semeou entre os mortaes a fatal discórdia : tem sido quem dá motivos ás cruéis guerras , com que os homens tyrannicamente se perseguirão , e perseguem huns aos outros em todas as idades. He a guerra huma cortadora espada com que o Supremo , e Increado Ente castiga muitas vezes a rebelde malignidade da especie humana ; e os homens com os pretextos honrosos de grandes Generaes , e grandes conquistadores são os Ministros destas infelices execuções. Elles nas horridas batalhas a ferro , e fogo se despedação huns aos outros com ira , e crueldade semelhante , e talvez igual áquella com que lá nas lugubres estancias se dislacerão as almas condemnadas.

Esta infelicidade fez , e fará investigar aos Principes guerreiros , e chefes dos exercitos diferentes industrias , não só para se defenderem dos seus inimigos , mas para fenhorearem os seus contrarios. E este he o motivo , por que os Persas , os Gregos , e os Romanos annexarão ás evoluções , e ensaios da guerra a muito preciosa , e util Arte de montar a cavallo : e estabelecêrão Academias , que protegêrão grandemente , nas quaes se exercitasssem os Cavalleiros , e aprendeffem a subjugar , e dominar os Cavallos para serem promptos em todas as evoluções militares , &c.

Qualidades, que devem ter os Cavallos destinados para a guerra.

NOs corpos de tropa de Cavallaria sempre se buscão os Cavallos para guerrear com as seguintes qualidades. Manfos, fieis, determinados, promptos, e nervofos, com boa boca, com bastante folgo, e com a cabeça segura, isto he, com bom apoio á mão da redea.

Digo que devem ter boa boca, porque o cansaço, e a cólera, que elles adquirem nos combates, os faz entrar na mão, e pezar no freio com excessõ.

Recommendo sejam fortes; mas que a sua força seja ligada, e igual por todas as partes do seu corpo, a fim de que não incommodem tanto o Cavalleiro com a secura, e aspereza dos seus movimentos.

Que sejam sensiveis á espora, sem a má tenção de deter-se a ella; que saibão rebater os movimentos das espadas para cima da garupa, sahindo da mão, e sendo firmes, e promptos em voltar, parar, recuar, e obliquar para hum, e outro lado.

Já mais devem os Cavallos destinados para a guerra ser viciosos, nem medrosos; porque ainda que tenham boas qualidades, tendo estes defeitos, o marcial estrondo, os diferentes objectos, que a cada passo novamente se encontrão, e a cólera a que os excita o estrepito das armas, podem augmentar o seu receio, e fomentar huma total defeza; e creio que será cousa muito perigosa ter o soldado o inimigo para combater, e o seu Cavallo rebellado para dominar.

O defeito de morder, e lançar-se aos outros he nos Cavallos da guerra mui perigoso; porque como elles se enfurecem nos combates, não podem os soldados divertillos das suas más tenções.

Instrucções, que devem saber os Picadores dos Regimentos.

LOgo que as Recrutas chegão ao Regimento, hum Official inferior a pé costuma ensinar cada soldado a perfilar-se direito, marchar, obliquar á direita, e á esquerda, como tambem empunhar, e tirar a espada da bainha, manejar a clavina, carregar, e fazer fogo com ella, e com a pistola, &c. depois entrefachando-os com soldados veteranos, os exercita bem a pé, porque isto os desembaraça muito para se ensinarem a montar a cavallo.

Ensinando-lhe hum Cabo de esquadra tambem a sellar, e armar o seu Cavallo, a primeira lição, que o Picador lhe deve dar, he fazer-lhe ver se os arreios, e armamentos estão bem postos, isto he, se a sella está bem apertada, o freio, e o bridão em boa altura, a barbeta apertada em boa proporção, segundo a maior, ou menor sensibilidade da bocca do Cavallo, da qual o Picador deve conhecer bem para instruir o soldado: o rabicho, e o peitoral deve antes ficar mais largo, do que apertado, como tambem ensinar-lhe a pôr os loros, ou os estribos no comprimento da perna do soldado, e a clavina bem preza no porte-clavina, que pen-de da fivela do peitoral, e da garupa que se afivela no grampo da sella, e se ata no delgado da cronha, &c.

Depois lhe ensinará a pegar com a mão direita juntamente no guarda-faceira, e na redea esquerda, e com a mão esquerda na redea direita, como se vê na Fig. 1. da Est. XCIII., Letra A, B, deixando tão larga huma de outra redea, que se quiser deitar a direita por cima da cabeça sobre o pescoço do Cavallo, não se lhe embarace pela ter curta, ou demaziadamente comprida.

O soldado deve postar-se direito junto á espada esquerda do Cavallo, e montar de cinco tempos.

O primeiro he deitar com a mão esquerda a redea direita por cima da cabeça sobre o pescoço do Cavallo.

O segundo soltar a mão direita do guarda-faceira, e redea esquerda, ajuntando as redeas ambas na mão esquerda separadas pelo dedo minimo, tomando entre os dedos della, e a palma huma boa porção de crina para se segurar melhor.

O terceiro he pegar com a mão direita no estribo esquerdo, mettendo nelle bem o pé esquerdo.

O quarto pegar com a mão direita na arçoeira esquerda, e suspender-se no estribo, subindo até igualar o pé direito com o esquerdo.

O quinto levantar a perna direita, levando-a com desembaraço por cima da garupa do Cavallo até se metter na fella.

Tambem o deve ensinar a desmontar-se com os mesmos tempos até ficar em terra perfilado com a cabeça do Cavallo, segurando-o pelo guarda-faceira, e pelas redeas direita, e esquerda, como já disse esteja para montar.

Quando o soldado for bem instruido em fazer tudo isto, o Picador o deve ensinar a assentar-se bem direito no meio da fella, deixando cahir as pernas direitas pelo lugar das cilhas, brandamente firmes sobre os estribos. Deve tambem dizer-lhe como ha de firmar os hombros para trás, deitar o peito para fóra, levantar a cabeça, e unir os braços ao corpo naturalmente pelas linhas perpendiculares dos hombros para se mover o corpo com facilidade, e poder o soldado olhar por entre as orelhas do Cavallo quinze, ou vinte passos de distancia pouco mais, ou menos para a frente, e da mesma forte quando volta para os lados, ainda que marche, ou volte, correndo a toda a brida.

Depois o deve ensinar a marchar, trotar, e galopar sobre hum, e outro lado, como digo no Livro IV. se ensinarem os principiantes, para saber usar bem das redeas, e fazer voltar o Cavallo para hum, e outro lado, sendo o corpo do soldado firme, e prompto em todos os movimentos que emprender, sejam elles pertencentes ao seu corpo, ou ao manejo das armas, e direcção do Cavallo, como tambem á maior, ou menor velocidade de movimento, com que o pertenderem conduzir.

Estando o soldado bem certo em tudo isto, o deve fazer ajuntar com outros; e com hum Baliza ao lado direito o ensinará a metter mão á espada, empunhando-a com a mão direita por fóra das redeas, e do braço esquerdo, e tirando-a da bainha de tres tempos, conforme o Regulamento Folh. 9.

Quando o Commandante diz: *Esquadrão, ou Companhia Sentido*, os soldados devem todos olhar para a direita, porque o Baliza faz os signaes do lado direito de tres tempos.

No primeiro levão os soldados a mão direita por fóra das redeas , e do braço esquerdo a empunhar a espada , collando primeiro o fiador no pulso.

No segundo tirão a espada da bainha velozmente , e a põe com as guardas tres , ou quatro pollegadas distante dos olhos.

No terceiro tempo o punho direito se abaixa até junto ao quadril também direito , ficando a ponta da espada tres pollegadas pouco mais , ou menos distante do hombro.

Para embainhar se diz : *Sentido , espada na bainha* , e o Baliza do lado direito faz os signaes de quatro tempos.

No primeiro se eleva a espada com rapidez direita com as guardas até de frente dos olhos.

No segundo se aponta na bainha , levando-a por fóra também das redeas , e do braço esquerdo.

No terceiro se mette de repente na bainha.

No quarto os soldados voltão a cara á direita , batendo com a mão direita do arção da sella para o lado da perna direita.

As redeas se igualão de tres tempos.

No primeiro a mão direita se ajunta á esquerda.

No segundo se igualão as redeas , ficando a mão esquerda no seu lugar ; e subindo a direita , chega até ao botão do remate das redeas , para que puchando por elle , ellas se ajustem , e se iguaem.

No terceiro se deixa cahir a mão direita sobre o cepilho da sella , olhando sempre para o Baliza , isto he , ajustão-se as redeas , pegando-lhes com os dedos indice , e pollegar da mão direita , puchando-as por entre os dedos da mão esquerda parallelamente ao corpo até ficarem iguaes , e então se deixão cahir para a direita , batendo com a mão direita no cepilho , como está recommendado.

Se o Commandante manda : *Prender Clavinas na bandoleira* , então se mettem as chaves das bandoleiras nas Clavinas ; e para preparar as Clavinas , arma-se o cão com o dedo pollegar da mão direita : para apontar , levanta-se a Clavina com a mão direita , pegando-lhe com a esquerda no cano , tendo o dedo minimo perto da mola ; e sem largar as redeas , se inclina o corpo alguma cousa para diante firme , e a bocca da Clavina pouco distante da orelha esquerda do Cavallo.

Para fazer fogo une-se o couce da Clavina ao hombro direito , segurando-a com ambas as mãos , e com o dedo indice da direita se pucha o gatilho com força para immediatamente dar fogo.

Pôr o cão no descanso se executa , abaixando-o , e também ao mesmo tempo , o cotovello direito.

Péga-se no cartucho de dous tempos.

No primeiro leva-se com rapidez a mão direita á cartucheira , donde se tira hum cartucho.

No segundo se eleva a mão até ficar perto da cara junto da bocca : apôs isso morde-se o cartucho de dous tempos.

No primeiro leva-se o cartucho á boca , e morde-se na extremidade superior.

No

No segundo rasga-se , e torna o soldado a pollo em igual distancia da sua bocca.

Para escorvar dous tempos.

No primeiro volta-se para baixo a mão direita ; e pondo o dedo pollegar no fuzil , se enche a casuleta de polvora.

No segundo se põe o dedo minimo da mão direita atrás do fuzil , pondo o cartucho direito para cima entre os dedos indice , maior , e pollegar.

Para fechar a casuleta dous tempos.

No primeiro se fecha , puchando-a com rapidez , e o braço direito para o corpo , conservando o cartucho direito , e firme.

No segundo se péga na Clavina com os dous dedos ultimos da mão direita atrás do cão.

Passar armas a carregar hum tempo. Passão-se as Clavinas ao lado esquerdo , e no mesmo tempo se alarga a mão direita da Clavina , ficando com o cartucho tres pollegadas pouco mais , ou menos distante da bocca.

Para metter o cartucho dous tempos.

No primeiro volta-se a mão direita , e mette-se o cartucho na bocca da Clavina , sacudindo-se toda a polvora delle dentro nella.

No segundo vai a mão direita á vareta , a qual se tira de hum tempo , arri-mando o calcador por cima do boldrié : depois se encurta a vareta , e se eleva á altura da bocca da Clavina ; e mettendo-se a vareta nella com força , se calca o cartucho de hum tempo , levando-a até ao fundo do cano : depois se pucha para cima com desembaraço , e então arrumando a ponta ao boldrié , depois se encurta , e eleva á altura da bocca da Clavina , mettendo-a de hum tempo no seu lugar.

Alta a Clavina. Levanta-se esta com a mão esquerda até ficar diante do corpo com a vareta para fóra , e a mão direita no delgado da cronha ; e elevando o couce com a mesma mão ao lado da perna direita , se larga da mão esquerda.

Baixa a Clavina. Deixa-se cahir para o lado direito pendurada na bandoleira com a bocca para baixo.

Preparar a pistola. Péga-se-lhe com a mão direita por cima , e por fóra das re-deas , e da mão esquerda , tira-se fóra do coldre ; e pegando-lhe com a esquerda junto aos fechos , levantando-lhe o cão com o dedo pollegar da mão direita , e elevando-a alta defronte do chapéo com a bocca para cima , á voz do Commandante se dá fogo , puchando-lhe o gatilho , tendo a bocca mais inclinada ao chão , do que o couce : apôs isso se torna a elevar alta , e mette no coldre , tornando immediatamente a empunhar a espada , que está pendurada no pulso pelo fiador.

No Regulamento folh. 10. se vê que he preciso faberem os soldados governar perfeitamente os Cavallos , e tellos adestrados em todos os movimentos necessarios ás evoluções militares ; e isto só se consegue por meio de huma assidua explicação , se bem que hum soldado basta que saiba quaes são os movimentos da mão da redea , do corpo , e das pernas , que obrigão o Cavallo a marchar , voltar , obliquar , e parar , como digo em outros lugares desta Obra.

Atacando com a espada na mão , devem os soldados firmar-se bem sobre os

estribos, fortalecendo o seu corpo no ponto de equilibrio, isto he, bem no meio da fella; e quando em alguma escaramuça, carreira, ou debandada seguir a outro, deve sempre fazer diligencia porque o inimigo lhe fique á direita.

Ainda que he bom costumiar os Cavallos a galopar unidos para a direita, he tambem util faberem os soldados obrigallos a passar de mão da direita para a esquerda, e desta para a direita, sem que por isso percão o galope.

Querendo o Picador indusriallos nisto com facilidade, os ensinará a formar dous circulos, hum ao pé do outro, fazendo-os passar muitas vezes do primeiro para o segundo; e no tempo, em que o Cavallo passar de hum para outro circulo, sem que elle perca a ordem do movimento, o ensinará a fazello passar de mão, desdobrao-o da direita para a esquerda com a redea esquerda, e a perna direita: logo desdobrao-o para a direita, devem fortalecer-lhe esta redea, affrozar-lhe a esquerda, e unir-lhe a perna desta parte.

Devem tambem ensinillos a perfilar-se com o primeiro soldado que lhe fica do lado direito, olhando sempre para a direita, em que está o Baliza, quando se fórma em batalha; mas quando se faz quarto, ou meio quarto de conversão, deve-se olhar para o lado que se move.

Tambem o Picador deve ensinar o soldado a acutilar, e a estoquear hum Pilaão, e da mesma forte a atirar-lhe com a Pistola, e Clavina, pondo-as depois no seu lugar, ficando-lhe sempre a espada pendurada no pulso pelo fiador.

Os Picadores devem saber pôr em prática as seguintes evoluções para adestrar os soldados com propriedade para ellas.

Cada Regimento se divide em quatro Esquadrões, cada Esquadrão tem duas companhias, as quaes para metter em batalha regularmente se formão a dous de fundo. Os melhores Cavallos, e soldados costumão pôr-se nas fileiras da vanguarda, e delles os melhores nos lados das fileiras.

Quando as esquadras vão para as praças de armas particulares, devem os soldados dous a dous marchar em boa ordem formados em columna por duas divisões; e passada a revista, ajuntão-se os Esquadrões na Praça de Armas principal, e por ordem do Chefe, logo que o primeiro tira a espada da bainha, manda buscar os Estandartes, e timbales, e toca o Trombeta.

Quando o Regimento está na parada, e revista, costuma o Chefe estar na frente do primeiro Esquadrão; e em outra qualquer manobra costuma ir para o lugar, em que lhe parece que he mais precisa a sua assistencia, e a do Sargento Mór, para se executarem as ordens com promptidão: e communmente costuma haver dez até doze palmos de intervallo entre cada Esquadrão.

Os soldados devem estar bem direitos, e perfilados, com a cara voltada para a direita. Os Officiaes costumão postar-se dos lados para o centro em cada Esquadrão, segundo as suas graduações, e antiguidades, ficando hum Alferes no centro ao pé do Estandarte, porque deste modo póde o Regimento destroçar por Esquadrões, meios, e por quartos de Esquadrão.

Na retaguarda de cada Esquadrão costumão postar-se quatro Officiaes inferiores para fazerem observar as ordens na ultima fileira, e tambem fazer com que os foldados não fiquem para trás; e para o mesmo fim costuma ficar na retaguarda hum Official subalterno.

Para fazerem ladear os Cavallos de passo, e trote para hum, e outro lado, devem os foldados obrigarallos mais com a redea da parte para onde os fazem ir, e com a perna opposta, porque isto serve para obliquamente avançar terreno para os lados.

Exercitão-se os Cavallos destinados para a guerra a saltar vallados, muros baixos, fossos, e tranqueiras, como ao diante se dirá.

Tambem se ensinão os foldados a destroçar por Esquadrões, meios, ou quartos de Esquadrão, e por quartos de conversão. Quando o Esquadrão, meio, ou quarto volta sobre hum, e outro lado, o Commandante de cada hum he quem manda, ou faz executar a ordem.

O lado que volta deve mover-se com velocidade, diminuindo-se o movimento sobre a frente, de forte que o soldado, que está no centro, volte com pausa, e se vá sempre perfilando com os do lado que se move; porque não só devem os foldados voltar a cara para o Baliza, ou lado que se move, mas conservar em toda a fileira o mais perfeito alinhamento.

As meias conversões executão-se como os quartos; e o lado, que se move quando volta, descreve hum meio circulo.

Marchando em frente, ou obliquamente, os foldados de cada Esquadrão olhão para o seu Estandarte: nas conversões olhão para o lado que se move; e marchando em frente sem Estandarte, olhão para a direita.

Os foldados estando nas fileiras, não devem fazer movimento algum sem ordem. Para o soldado saber atacar a toda a brida, sem se defunir, he necessario que seja exercitado ao principio com huma fileira de companhia, depois com huma fileira de Esquadrão, e ultimamente com toda a primeira fileira do Regimento, e depois com toda a segunda.

Quando o Official, que manda a primeira fileira, diz a primeira vez *Marcha*, toda ella, alinhando-se, e olhando para a direita, deve marchar a passo; e dizendo segunda vez *Marcha*, a fileira deve toda marchar de trote; e dizendo o Official terceira vez *Marcha*, logo toda a fileira deve marchar de galope, augmentando a marcha até que a toda a brida chegue ao inimigo, sem perder a união, e alinhamento.

Os foldados, que estão montados em melhores Cavallos, não se devem adiantar aos mais, e tambem não se devem apertar huns aos outros, para que os Cavallos possam correr com mais desembaraço; e quando o Commandante differ *Alto*, devem todos parar, olhando alinhados para o Estandarte.

As meias conversões, e quartos de conversão, galopando, fazem-se com mais rapidez, do que quando as fazem de passo, e trote, diminuindo a velocidade por cada soldado até ao ultimo do outro lado que volta em peão; e quanto maior for a frente que se mover, tanto maior deverá ser, principalmente nos Officiaes, o cuidado com que se fizer a conversão.

A tropa de Cavallaria costuma alinhar-se para diante, porque os Cavallos ordinariamente não sabem recuar, o que seria util em muitos casos, pois muitas vezes he preciso que as fileiras fação quartos, e meias conversões por pequenas divisões, e pelotões; porém cada fileira deve ser sempre repartida em quatro divisões, ou em oito pelotões. Quando for preciso ganhar terreno á direita, ou á esquerda, o Official manda *A direita*, ou *á esquerda hum quarto marcha*: á primeira voz, se os Esquadrões vão em marcha, fazem alto, e á segunda voz fazem hum quarto, ficando em columna ao lado.

Se for preciso que o Regimento se retire, ou *accommetta*, e o terreno não tiver capacidade para se fazer a meia conversão com toda a frente, o Official manda Fileiras por *Pelotões á direita*, ou *A esquerda meia conversão*: feita a qual, o Regimento faz caras á retaguarda: o que se faz tambem chegando á frente do acampamento para se recolherem as Companhias ás suas ruas.

Os Esquadrões devem saber buscar os seus Estandartes, depois de se desbaratarem; porque ha casos, em que se segue o inimigo com pequenos destacamentos que se debandão, e depois devem reunir-se nos Esquadrões aos seus Estandartes.

Para se executar a debandada, manda o Commandante passar a mão direita no fiador, e tirar a Pistola, de forte que fica a espada pendurada do pulso, e a Pistola na mão com a bocca para cima, tres dedos pouco mais, ou menos distante do bico do chapéo; e debandando-se á direita, e á esquerda, o espaço que o Chefe manda, em disparando a Pistola, pégão outra vez na espada. O Commandante fica com o Estandarte, e o trombetea ao pé, até que querendo elle reunir o Esquadrão, mandando tocar a chamada, á qual acudindo os soldados, devem saber formar-se junto ao Porta Estandarte, e trombetea com brevidade.

Devem os soldados tambem saber carregar, e escorvar a Clavina, estando montados, e os Cavallos devem ser costumados a investir contra o fogo: o que se consegue, fazendo humas fileiras fogo contra outras, passando depois os soldados huns por junto dos outros, &c. e o Picador devé só exercitar os soldados duas horas por dia, apromptando-os para todas as evoluções, que ficão notadas, segundo o Regulamento folh. 25.

Para apear, formar a pé, e montar outra vez a cavallo.

JA' se sabe que quando o Commandante diz *Sentido*, voltão os soldados aprefadadamente as caras á direita; e quando manda *Preparar para apear*, todas as fileiras iguaes se movem para diante finco, ou seis passos para perfilar. Depois pega-se na Clavina atrás dos fechos, faz-se cahir sobre a mão esquerda, ajustão-se as molas ás argolas, e põe-se alta a Clavina: apôs isso levanta-se a Clavina com a mão direita, parallela ao corpo, com os fechos virados para fóra até chegarem á altura dos olhos, leva-se por cima do hombro direito, e deixa-se cahir para trás das costas.

Pé em terra: tira-se o pé do estribo direito, ajustando ao mesmo tempo as

re-

redeas, levantando a perna direita para cima da garupa do Cavallo, detendo-se sobre o estribo esquerdo, até que o Baliza do lado direito faça o sinal para se apearem todos juntamente de hum tempo: ao mesmo em que se desmontão, a mão esquerda traz as redeas por cima da cabeça dos Cavallos; e logo que o pé direito se firma na terra, se faz hum passo largo com o pé esquerdo, voltando-se á esquerda; e ao tempo que se faz o passo, se segura na redea esquerda, e no guarda-faceira com a mão direita, e a esquerda fica segurando a redea esquerda, como se mostra na Fig. 1., Est. XCIII.

Para os soldados se poderem apearem com mais facilidade, desfilão-se as fileiras, adiantando-se mais hum fim, e outro não; e depois de tornarem a montar os da retaguarda, entrão nos seus lugares da vanguarda apressadamente.

Para encadear os Cavallos, fazem os soldados meia volta á direita, e atão os Cavallos huns aos outros. Ha diversos modos de os atar, os melhores são dous.

O primeiro he, se trazem cabeçada simples por baixo da cabeçada do freio Fig. 1. Est. XCIII., haver huma argola Letra F, e nella huma correa forte bem cozida com sua fivela de ferro, e passador Letra G, que se afixe na argola da cabeçada do Cavallo, que lhe fica á esquerda, e assim os mais.

O segundo he trazer na cabeçada simples huma pequena cadeia, que vai tambem prender na cabeçada simples, passada pela mesma argola F, junto da qual ha na cabeçada huma pequena fivela com sua ponta, e passador, em que se afixe, mettendo-a pelo primeiro anel da cadeia, esta he mais forte, mas custa mais a prender. Tambem se atão huns aos outros, passando-lhes as redeas do freio por baixo da cabeça perto da bocca: nisto ha o inconveniente de se poderem quebrar as redeas, e ficarem os soldados sem ter por onde governar os Cavallos. Quando os prendem, seja de huma, ou de outra forte, em estando prezos os Cavallos, devem os soldados todos tomar hum passo para trás; e depois olhando para o Baliza, fazer meia volta á direita, perfilando-se, e deixando cahir as Clavinas.

Marchando cada Esquadrão por si á frente, a vanguarda marcha de vagar, e a retaguarda de cada Esquadrão faz cara do seu centro para os lados, e andão depressa pelas filas, e pelos lados das fileiras dos Cavallos da vanguarda: razões, por que he preciso as fileiras estarem bem perfiladas.

Para formar os Esquadrões em batalha, marchão com passo obliquo ao centro; e logo que se achão bem unidos, e perfilados, devem ter hum intervallo de hum grande passo de hum ao outro pelotão, e de seis passos no centro para os Estandartes.

Quando os Estandartes, e Officiaes vão aos seus lugares, huns fazem quarto á direita, outros o fazem á esquerda para o centro, e marchão á frente dos seus postos no batalhão.

Acabado o exercicio, os Officiaes fazem, huns quarto á direita, outros á esquerda, conforme os seus postos, e marchão para a frente dos seus Esquadrões; e fazendo meia volta, marchão em passo obliquo até chegar á vanguarda.

A retaguarda de cada Esquadrão pelo final do Baliza marcha depressa em

filas pelos lados dos Cavallos da vanguarda dos Esquadrões até se acharem hum passo distantes das frentes dos seus Cavallos, e então se ajustão as molas ás Clavinas, elevando-as para cima do hombro, como para apear: apôs isso, desatão-se os Cavallos, pégão os soldados com a mão direita nõ guarda-faceira, e redea esquerda; e voltando para esta parte, marchão as fileiras seis passos iguaes para a vanguarda até perfilar.

Para dobrar as fileiras, e preparar para montar, se faz hum passo com o pé direito para trás, deitando ao mesmo tempo com a mão esquerda as redeas por cima das cabeças dos Cavallos sobre o pescoço delles; e soltando a mão direita do guarda-faceira, se ajustão as redeas, pegando na crina; e mettendo o pé esquerdo no estribo, montão a cavallo, como já disse.

O capote prezo sobre o cepilho da sella embaraça muito aos soldados o poderem com as redeas do freio governar bem os Cavallos, e por isso he melhor andar elle á garupa.

Os fellins para os Cavallos deste Paiz são máos, porque são mais vivos, e sensíveis, do que os Cavallos de Inglaterra, Hollanda, e outros Paizes, e por isso he melhor usar de boas fellas, porque dão bom commodo aos soldados, e podem governar melhor os Cavallos.

As patronas, que os Officiaes, e soldados trazem penduradas por grandes correas, que lhes chegão quasi aos pés, servem-lhes mais de embaraço, que de utilidade; pois para guardar ordens, seria melhor que as referidas patronas andassem prezas para o lado esquerdo, como anda a cartucheira para o direito.

As espadas não devem ser demaziadamente pezadas, para os soldados poderem usar dellas com mais utilidade, e desembaraço.

As cilhas mestras por cima do coxim, e entre as pernas, magoão nas cochas, e joelhos aos soldados, apertão mal a sella, e servem de embaraço aos estribos.

Nos freios não deve a tropa ter uniforme, antes sim devem usar nos Cavallos de boccados, caimbas, e barbelas, que tenham propriedade no feitio, e circumstancias com as suas difficuldades; mas todas as mais coufas dos Regimentos devem ser uniformes: he bom trazer bridão, para que no caso de se quebrar, ou cortar as redeas do freio, poderem recorrer a elle.

Os Cavallos para as tropas devem ser bem examinados por bons Alveitares para não se introduzirem nos Regimentos molestias contagiosas. Tambem os Picadores devem examinar bem se elles tem as circumstancias que digo precisão ter os Cavallos destinados para a guerra.

As Nações mais illuminadas tem Picadores nos Regimentos para instruir a tropa de Cavallaria; e como objecto principal daquelle corpo, os Chefes não propunhão para Officiaes aquelles, que não mostravão certidão jurada pelo Picador, de que estavão promptos.

Na França, e Alemanha os Picadores dos Regimentos vencião, e vencem serviços com a praça de segundos Tenentes da Companhia do Coronel, e accessõ aos postos do Regimento no fim de dez annos de serviço.

Os Picadores dos Regimentos devem assistir aos exercicios, observando se os

foldados fazem mover bem os Cavallos ; e no caso de errarem as manobras , seja por não saberem governar os Cavallos , ou por estes se não quererem sujeitar , seria bom que o Sargento Mór os remetteste ao Picador , para que no Picadeiro , e nas Praças de Armas particulares os advirta , e igualmente faça trabalhar os Cavallos , de forte que sirvão bem nos Esquadrões.

Tambem deve explicar aos foldados a formalidade de todas as referidas evoluções , e cingir-se a ellas , de forte que em todas as lições que lhes der , os vá dispendo bem para fazerem de todas hum bom uso.

Modo , por que devem ser trabalhados os Cavallos destinados para a guerra.

AS primeiras lições , que digo se devem dar ao Cavallo de o fazer andar de passo , trote , e galope sobre linhas rectas , e sobre os circulos de duas pif-tas , inventados por Pignateli , e La Brow , tirando-lhe a redea de dentro , e encostando-lhe o Cavalleiro ao mesmo tempo a perna de dentro , o rendem muito desembaraçado das espaduas , e facil em voltar.

Quando he duro do peçoço , e espaduas , isto he , quando não volta com facilidade , neste caso he bom separar as redeas do freio , tendo huma em cada mão ; com a direita de unhas affima , e o dedo minimo inclinado para a espadua esquerda , se obriga o Cavallo com a redea , e caimba direita a voltar para esta parte : logo que a redea o obriga , a perna direita deve tambem ajudallo atrás das cilhas , para que volte com mais facilidade. Da mesma forte se obriga para lhe trabalhar as espaduas , e fazello facil em voltar para a mão esquerda , tendo esta de unhas affima , e encostando-lhe a perna esquerda. Isto supposto , a redea direita , e a perna direita obrigão o Cavallo a voltar com facilidade para esta mão ; e a redea esquerda , e a perna esquerda igualmente lhe trabalhão as espaduas , e obrigão a voltar para a esquerda.

Se o foldado encruza o Cavallo entre as sensações da redea direita , e da perna esquerda , elle lhe trabalha a meia garupa esquerda mais , do que a direita. Pelos mesmos motivos , encruzando-o entre a redea esquerda , e a perna direita , se lhe trabalha mais a meia garupa direita , assim obliquando para diante , como ladeando de chapa.

Quando se obriga com a redea , e espora de dentro a ir sobre a volta , a perna de dentro entra para baixo do corpo , e vai seguindo a linha da mão de fóra ; e esta , e a perna de dentro , porque entrão mais para o ponto de gravidade , he que supportão mais o pezo do corpo. Logo quando o encruzão entre a redea de dentro , e a perna de fóra , seja vencendo terreno obliquamente para diante , ou de chapa , ladeando para os lados a perna de fóra , e a mão de dentro , he que entrão para o ponto de gravidade , e por consequencia supportão mais o pezo do corpo.

A lição da cara contra a muralha affirma Newcastle Livro IV. , Cap. IV. he excellente para metter , ou pôr os Cavallos sobre a garupa , e por consequencia fazellos ligeiros , e faceis na mão , sendo elles naturalmente sensiveis.

Se os Cavallos se levantão , ou se empinão para fugir da sujeição de obli-
 quar , os soldados os devem reduzir por meio da lição dos circulos , porque ella
 os põem sobre as espadas , e he por consequencia contraria aos seus vícios ; e se
 nestes casos duvidão voltar , não he máo reduzi-los , atando-lhe huma redea do cabe-
 ção á argola das garupas (Letra N, Est. IX., Fig. 17.) de forte curta , que o obri-
 gue a voltar em roda , fazendo-lhe isto com moderação ; mas tantas vezes sobre hum ,
 e outro lado , que elle volte facilmente , montando-o depois para o confirmar na
 obediencia.

Se o Cavallo se levantar por ser muito sensível dos affentos da bocca , e da
 barbada , a embocadura do freio com que o trabalharem , deve ser de cubos lizos ,
 grossos , e unidos hum ao outro por hum anel tão largo , que se possa mover a
 embocadura no meio , e nos varões do arco , por que se une a caimba á banquetta
 do guarda-faceira , sendo a referida caimba de a firmar , e os éffes da barbella
 grossos , e lizos.

Podem tambem neste caso trabalhallo com falsas redeas (como fica dito) para
 lhe dar governo , e apoio , sem o Mestre da Picaria esperar que os soldados com
 este recurso engrossem as boccas aos Cavallos , e os fação rudes á mão ; e ainda
 que Newcastle no Livro IV., Cap. VIII. diz que as falsas redeas assim postas são
 á má moda , com tudo tira-se dellas a utilidade de se ir dando assim apoio , e go-
 verno áquelles Cavallos , que são muito sensíveis dos affentos da bocca , e da
 barbada.

Os que tem a bocca sensível , communmente costumão ter as queixadas es-
 carnadas , o pello , e a pelle delgada sobre o focinho , e sobre os queixos , os affen-
 tos , e os beiços junto aos colmilhos , delgados , e escarnados , o beiço debaixo
 delgado , e bem unido aos dentes , a bocca nem muito rasgada , nem muito curta ,
 e o movimento das espadas desembaraçado , e livre.

Os que tem a cabeça carnosá , a pelle grossa , o pello denso , grosso , e com-
 prido , os queixos , lingua , e beiços grossos , os colmilhos bem rodeados de car-
 ne , a bocca ou muito grande , ou demaziadamente pequena , o lugar da barbella
 grosso , curto , e carnosó , o beiço debaixo desunido dos dentes , as espadas car-
 nosas , os braços mal formados , e os movimentos frouxos , não servem bem para a
 guerra , porque são rudes , e pouco sensíveis.

Se o Cavallo tiver boas qualidades , usar pouco da garupa , sendo della bem
 formado , e forte para ser mais ligeiro na mão , o Picador o deve fazer tirar atrás ,
 e ajudar com huma vara sobre as ancas , sem o deter quando o recuaõ , para o fazer
 dellas mais agil , e desembaraçado.

He bem verdade que tambem ha muitos , que tendo a cabeça , o pescoço , e
 espadas bem formadas , tem a bocca grossa , e são pouco sensíveis : logo para te-
 rem mais prestimo , devem ser bem unidos sobre a garupa ; e pelo contrario ha ou-
 tros com máos movimentos de espadas , e mal formados dellas , e da cabeça , que
 tem promptidão , e agilidade grande , e destes se consegue melhor do que daquelles
 o servirem bem para a guerra , e para o uso ordinario , sendo bem desembaraçados ,
 e postos sobre a garupa.

A boa mão do Cavalleiro, que trabalha Cavallos para a guerra, deve ter as qualidades de os fazer obedientes, augmentando-lhes a sensibilidade, de forte que os conserve sempre firmes no tacto da embocadura, promptos a obedecer ao mais leve movimento das redeas, e esporas, sahindo para diante com velocidade, obliquando para a direita, e para a esquerda, parando, e voltando facilmente sobre hum, e outro lado, rebatendo sem dúvida os movimentos das espadas para cima das ancas.

O muito uso de trabalhar entre os Pilões põe os Cavallos muito sobre a garupa; mas faz-lhes adquirir grande respeito ao cabeçaço: por isso os destinados para a guerra, em quanto não entrão na mão, voltando com facilidade, não devem ser trabalhados entre os páos.

As voltas, as meias paradas, e as passagens de mão os desembaração, e facilitão muito para voltar, sahir da mão, e parar com facilidade, &c. e só quando os Cavallos são promptos, podem os soldados ganhar facilmente o terreno ao seu contrario, perseguillo, e livrar-se dos muitos perigos, que em semelhantes casos successivamente se encontrão.

Os movimentos da mão da redea ensinão, e obrigão o Cavallo a sujeitar-se a tudo quanto o Cavalleiro quer. Tem elle quatro movimentos essenciaes, que são ir para diante, andar para trás, ladear para a direita, e para a esquerda. Tem a mão da redea quatro movimentos essenciaes, que todos os soldados devem saber pôr bem em prática, os quaes são render a mão, sustella, levalla para a direita, e trazella para a esquerda.

Render a mão, he abaixalla de unhas abaixo, avançando-a para diante. Suffer a mão, he tella o soldado para si de unhas affima firme. Levalla para a direita, he com as unhas voltadas para si levalla da cernelha do pescoço alguma coufa para a direita. Trazella para a esquerda, he pelo mesmo modo levalla alguma coufa da cernelha para a esquerda.

Quando se rende o freio, abaixa-se a mão da redea, e o Cavallo tem liberdade de sahir para diante; por consequencia quando se sustem a mão, o Cavallo pára, ou diminue a velocidade do seu movimento. Quando se leva a mão da redea direita para esta parte (se o Cavallo obedece a ambas as redeas) volta para a direita; e quando se leva a mão para a esquerda de unhas affima, elle volta para a esquerda.

Os Cavallos proprios para a guerra devem obedecer a huma, e a outra redea; e sendo ellas ambas na mão esquerda, elles devem assim marchar, trotar, e galopar sobre huma, e outra parte sem dúvida, sahindo da mão, parando, voltando, e obliquando para hum, e outro lado, sujeitos, e promptos sempre ao mais leve movimento das redeas, e das pernas dos soldados.

Recommendo que saibão conhecer a perna para estarem promptos a unir, e abrir fileiras, preencher unidos os quartos de conversão, atacar o soldado o seu adversario, e retirar-se d'elle com velocidade, ou para se desviar de algum perigo, que por diante por hum, ou outro lado se apresente ao seu Cavallo; e he sem dúvida que tudo isto serve para os soldados se defenderem dos seus offensores, e offenderem os seus inimigos mais a seu salvo.

Tambem devem fer muito promptos em salvar os possiveis vallados, fossos, e tranqueiras, que frequentemente se encontrão na campanha, porque isto por vezes tem salvado a vida a muitos Cavalleiros, e alcançado o fazer o seu nome immortal á posteridade.

Disposições para os Cavallos saltarem vallados, fossos, e tranqueiras.

Dous homens tomarão huma vara de madeira de doze até quatorzé palmos não delgada, e cada hum por sua ponta a segurarão atravessada adiante do Cavallo naquella altura que lhe parecer que elle a póde salvar. Então o Soldado bem unido de toda a sua figura, chamará o Cavallo com as redeas, com as pernas, e com a voz, como se o quizesse obrigar a fazer a curveta; e logo que elle se levantar, o soldado deve render-lhe a mão, e chegar-lhe as pernas mais ao ventre, para que no tempo, em que vem descendo para baixo, alcance, e vença a travessa, que tem diante de si, deitando as mãos no tempo das espadas para a outra banda; e no segundo tempo da garupa deve passar as pernas muito mansamente, e acabar de salvar por cima da travessa para a outra banda.

A' proporção do que o Cavallo se for levantando no seu salto, lhe irão levantando a travessa, costumando-o assim a que se levante, e salve por cima della. Os Inglezes, os Polacos, e outras Nações costumão os Cavallos das suas tropas a saltar desta maneira, como se mostra na seguinte Fig. 3.

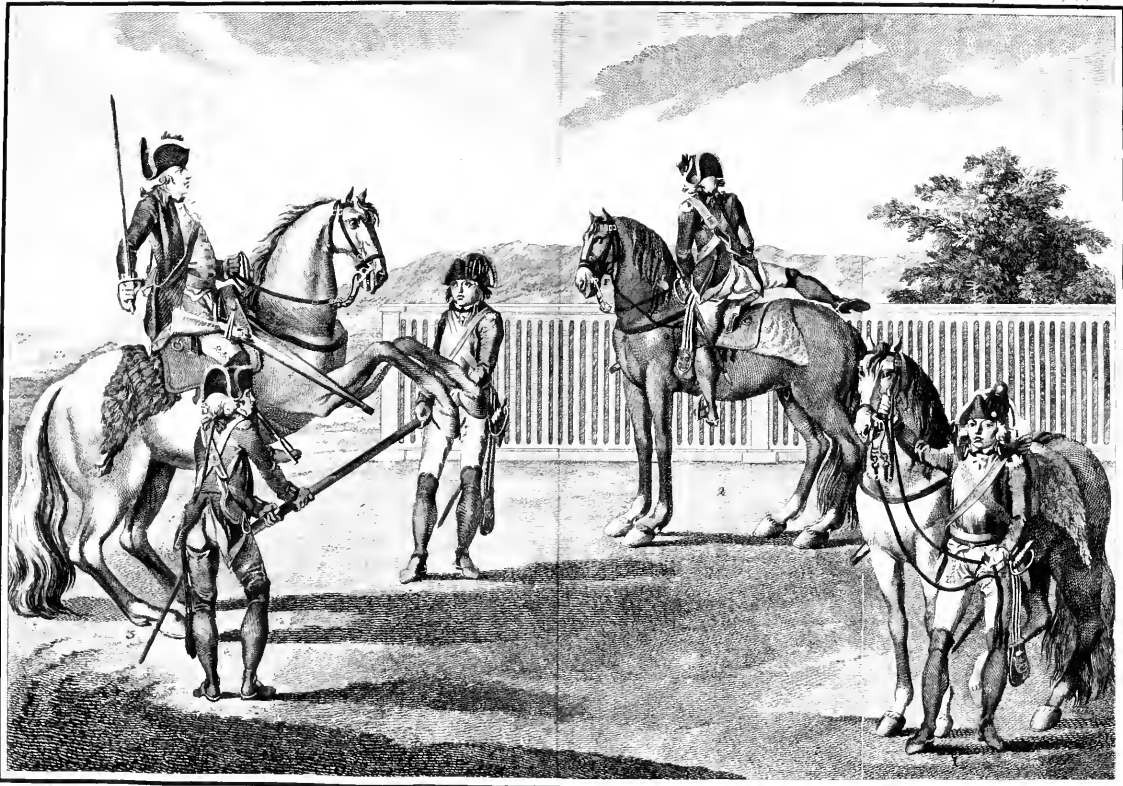
E S T A M P A X C I I I .

Hum soldado a pé junto ao Cavallo, outro montando, e outro saltando a tranqueira.

Depois de o disporem como tenho dito, o devem fazer passear na frente de algum corpo de tropa, quando se fizer exercicio, para o costumarem ao movimento, e rumor das armas, isto he, ao estrepito da artilheria, e mosquetaria, a ver tremular estandartes, e bandeiras, ao estrondo dos tambores, timbales, trombetas, clarins, e mais instrumentos bélicos; e após isto no campo com as redeas do freio iguaes, o devem instruir em passear, galopar, e passar de mão para huma, e outra parte, dando-lhe alguns pequenos repellões, fazendo-lhe amudadas vezes meias voltas, e meias paradas para huma, e outra parte, porque isto o rende obediente, e flexivel ao mais leve movimento da mão, e pernas do soldado.

La Brow afirma que o meio mais facil de costumar os Cavallos aos tambores, armas, e fogo, he o de lhes fazer ouvir o seu estrondo, quando se lhes dá a razão, porque este costume lhes faz perder o horror que antes concebião, seja por humas, ou por outras causas, sem já mais fer preciso cançarem-se os Picadores em buscar outras industrias para lhes vencer estas difficuldades.

Não obstante haver eu dito que dos animaes o mais nobre, animoso, e de mais





mais prestimo para os homens se servirem na campanha, he o Cavallo, com tudo, como não ha regra sem excepção, ha tambem alguns tão medrosos, que em ouvindo, ou vendo aquelles objectos, que motivão o seu temor, perdem de todo o accordo; e por terem hum genio covarde, tremem de medo em ouvindo o marcial estrondo; e ainda que tenham os assentos sensíveis, e boa bocca, perdem a sensibilidade, e se abandonão insensíveis sobre o freio, fugindo sem tino daquelles objectos, causa do seu pavor, commettendo humas vezes huma precipitada fuga, defendendo-se outras desordenada, e vigorosamente, cegos do seu receio: finalmente outros ficão immoveis, fittão as orelhas para diante, e revolvem com violencia os olhos allucinados do seu medo; e huns, e outros, ainda que tenham entre os dentes algum feno, ou herva, affustão-se de forte que não a acabão de comer.

Estas qualidades de Cavallos não servem bem para a guerra; e ainda para o ordinario uso, e serviço na paz, he preciso trazellos sempre em exercicio, porque o descanso, e o descostume de sahirem fóra, muitas vezes os deixa tornar ás suas naturaes inclinações.

Tambem entre os Pilões se lhes podem fazer sentir, e ver todos os objectos, e rumores, que elles temem, affagando-os muito. Isto digo, porque ainda que se affustem, estando bem prezos, não se lhes seguirá entre os páos damno algum, nem offenderáo os moços, ou pessoas, que estiverem ao pé delles.

Os Cavallos timidos, e faltos de espirito ordinaariamente são fracos, ou padecem molestias na vista, e mais partes do corpo, por consequencia os seus defeitos naturaes he quem lhes difficulta o sujeitarem-se a soffrer animosos aquelles objectos, que motivão o seu receio.

Não succede isto facilmente áquelles, que são vigorosos, e tem boa saúde, e boa vista, de forte que os malvistos, covardes, e fracos não são bons para a guerra, nem ainda sendo creados em boa escola; porque a Arte aperfeiçoando-os nos seus movimentos, e no conhecimento da direcção, que devem seguir, não pôde, se elles tem pouca vista, fazellos ver perfeitamente bem, ou supprir-lhes outros semelhantes defeitos da natureza.

Nos limites de hum Picadeiro se devem dar as primeiras disposições a toda a forte de Cavallos; e os destinados para as tropas, logo que tiverem obediencia á mão, e pernas do Cavalleiro, devem fazellos trabalhar no campo, obrigando-os a que andem pelas estradas, e caminhos pouco trilhados, por ladeiras, por cima de pontes de madeira, regatos de agua, matos, e toda a forte de caninhos, para em conclusão não temerem cousa alguma.

Não se devem castigar com a vara os Cavallos, que servem para a guerra, para que elles não temão os movimentos do braço direito do soldado, ou mão da espada: devem-se tambem montar, levando o Cavalleiro a espada á cinta, para que o Cavallo na acção de servir não estranhe os toques da espada na barriga. Tambem os devem costumar aos movimentos, que faz o soldado, quando tira pela espada, clavina, e pistolas, a fim de que soffirão animosos todos os objectos, que na campanha se podem encontrar, isto he, sem temerem aquelles movimentos que faz o Cavalleiro, nem os que fazem os corpos de tropa, não se affustando

em conclusão por cousa alguma, pois que só deste modo he que podem servir bem neste exercicio.

Todas estas advertencias que tenho feito de apromptar, facilitar, e dispôr os Cavallos destinados para a guerra, são recommendaveis; e os Cavalleiros, que as seguirem, acharão os seus Cavallos com facilidade capazes de se servirem delles na campanha, livrando-se melhor dos continuos perigos, que em semelhantes casos a cada passo se encontrão. Isto supposto, eu passo a mostrar como se devem ensinar os Cavallos destinados para a caça.

He o divertimento da caça commummente hum dos recreios o mais proprio, e ordinario a todos os Soberanos, Principes, e Cavalleiros: nelle se encontrão suas semelhanças da guerra pela fadiga, e cansaços com que se pratica este laborioso exercicio, e por alguns perigos que nelle tambem se encontrão, se bem que a maior parte delles tem origem na má escolha que se faz dos Cavallos, ou na má educação com que os criaõ.

*Construcção, e costumes, que devem ter os Cavallos corredores,
que servem para a caça.*

DEve elle não ser muito curto, nem muito comprido do espinhaço, deve ter boa bocca, ser fiel, prompto, e sensível, principalmente á espóra, e falla: deve ter o pescoço bem formado, as espaldas livres, e pouco carnosas nas pontas da frente Est. III., N. 27., o peito largo, as mãos, e pés direitos, e nervosos, as quartelas curtas com proporção, os jarretes bem formados, e ultimamente deve ser ligeiro na mão, e nos seus movimentos, seguro, prompto, forte, e sensível. Ora quando elle he dotado destas qualidades, tem bom folgo; e pelo contrario o que he muito estofado do espinhaço, ou muito fellado, e demaziadamente curto, não tem a agilidade precisa aos bons corredores.

Tambem não são bons para correr á caça (como diz Pignateli) aquelles, a quem hum temor natural embaraça o correr depressa, por terem medo de arriscar as suas forças, correndo estes, e os que tem alguma natural imperfeição, os que são pezados, e preguiçosos de sua natureza; e aquelles, que se desgostão por haverem sido castigados com excessão na carreira até lhes faltar o folgo, tambem se rendem viciosos, e rebeldes facilmente; e os que tem muito rim, e vivacidade, gostão mais de fornecer hum numero de saltos, que de distribuir as suas forças na carreira.

São tambem máos corredores aquelles, a quem a covardia, a fraqueza, a falta de vista, a má construcção, e a malicia obriga a deter-se. He bem verdade que todos estes diferentes Cavallos podem correr; mas sendo elles possuidos de más qualidades, jámais hão de galopar ligeiros na mão com segurança, e dilatado folgo, porque estas circumstancias sómente se encontrão nos que são flexiveis, fortes, e bem formados: por isso só aos que tem boas qualidades, a lição os confirma perfeitamente no seu galope, movimento, e folgo proprio a este exercicio.

O trote rende facil, e desembaraçada toda a forte de Cavallos; mas deve ser-

fer-lhe régulado pela construcção que elles tem , e pelo prestimo que hão de ter. Exemplo: O trote dos que hão de servir para correr no mato , deve ser mais largo , tanto porque a sua construcção o deve permittir , como tambem porque o exercicio , que elles hão de ter , precisa de muita igualdade , e desembaraço.

Os destinados para a caça volátil devem ser trotados mais curto , cortando muitas vezes o terreno , passando-os amiudadamente de mão sobre as linhas da muralha , formando-lhes alguns meios circulos , e angulos huns mais , outros menos agudos , fortalecendo-lhes , ou affroxando-lhes todas as sensações , á proporção do que elles se detiverem , ou se apressarem , até que obedeção com promptidão , e desembaraço.

A huns , e outros , tendo adquirido a facilidade de voltar para huma , e outra parte , lhes devem fazer , trotando , muitas meias paradas , e falcadas com as mãos firmes , e brandas até elles adquirirem apoio : depois devem formar-lhes a lição da cara contra a muralha para lhes dar conhecimento das pernas , ou esporas , fazellos mais sensiveis do ventre , e ensinar-lhes a recolher as pernas bem para baixo do corpo : cousa muito precisa aos Cavallos da caça , ou corredores.

Ainda que os que hão de servir para a caça devem ser trotados em movimento mais seguido , e vivo , que os destinados para o manejo , a fim de que esta lição lhes dê maior facilidade para dobrar , e estender os braços , espadas , e mais partes do corpo com facilidade , e graça , com tudo não pertendo que os estendam tanto no seu trote , que venhão a commetter o defeito de pezar na mão ; mas sim que lhes regulem o movimento do trote pelo seu poder , e construcção com propriedade ao exercicio que hão de ter.

Formando-lhe a lição desta maneira , depois do Cavallo se sujeitar , podem tirar-lhe o cabeção , e com o freio só fazello galopar em hum diligente galope , avançado , e igual , fazendo-lhe algumas meias paradas , e falcadas firmes , e brandas ; porque tudo isto o obriga a sentar-se mais sobre as ancas , segurar o seu apoio , fahir da mão com facilidade , parar , e voltar , rebatendo os movimentos das espadas para cima das ancas , porque todas estas qualidades são precisas ao bom corredor.

Os Cavallos Inglezes , os Polacos , os Napolitanos , e os da Baixa Normandia , mais que outros da Europa , são bons para correr , não obstante o serem corpulentos ; porque grande parte delles tem as boas qualidades , que eu digo que precisão ter os bons corredores : razão , por que fornecem carreiras de tres , e quatro milhas de Inglaterra. Alli os que estão costumados ao exercicio da caça faltão promptamente vallados , estacadas , e vallas , que nos campos frequentemente se encontram ; mas por serem (não obstante a sua boa construcção) ordinariamente mal educados nos seus principios , com brevidade se arruinão , principalmente dos braços ; porque ensinando-os a correr , e saltar , jámais os desembaraço por meio de lição regular.

O Bridão , de que ordinariamente usão os Inglezes nos Cavallos de correr , lhes dá tambem muita occasião a que elles se arruinem , porque não lhes podem com elle segurar tanto a dianteira , isto he , a cabeça , pescoço , e espadas , como com

com o freio; pois as sensações deste os fustem muito por diante, assim nos andares naturaes, como nos artificiaes.

O galope da caça, ou dos Cavallos do campo não deve ser muito relevado, nem detido; mas sim avançado, baixo, e igual. Nos principios não devem obrigarlos por meio de grandes lições. Devem sim fazellos, o mais que puder, ser ligeiros ao freio.

Tanto que os Cavallos, que houverem de servir para a caça, trotarem, galoparem, e tiverem no Picadeiro sujeição á mão, e ás pernas do Cavalleiro, devem fazellos trabalhar no campo, assim como já disse que se devem adestrar os destinados para a guerra.

As lições não lhes devem ser muito dilatadas nos principios, quando os fizerem galopar, porque isto em lugar de augmentar-lhes o folgo, os desgosta, e lhes faz aborrecer o trabalho. Os Cavallos froxos, e preguiçosos abatem-se muito em correndo; e os colericos se chegam a perder o folgo correndo, com facilidade se tornão viciosos, por isso devem os Cavalleiros conhecer bem o espaço de tempo, em que os Cavallos galopão em folgo; e logo que sentirem que elle lhes vai faltando, devem pollos ao passo; e depois de o tornarem a recuperar, he que os devem tornar ao galope, sem os deixar, quando vão do galope ao passo, ou deste ao galope fazer tempo algum de trote, porque isto incommoda muito ao Cavalleiro.

Movimentos, por que se conhece a falta de folgo nos Cavallos.

FAzendo elles maior excessão, o ar que lhes entra pelas ventas, conduzido com agitação pela Trachea, se diffunde pelas ramificações dos bofes, e á proporção do cansaço que o trabalho vai produzindo no animal, o movimento do bofe se agita, e forceja com violencia por lançar pelos orgãos da respiração o ar, e receber outro novamente. O Cavallo abre as ventas com excessão, e ás vezes a bocca, não bastando isto para refrescar os bofes; antes a sua acceleração, batendo no diafragma, faz visivelmente conhecer o seu movimento nos ilhaes, e ás vezes de tal forte a corporea máquina se inflamma, que os bofes, e as valvulas do coração vão perdendo a força, tanto que o Cavallo póde vir a perder a sensibilidade, e as forças, de maneira que chegue a cahir no chão sem acôrdo; em tal caso podem magoar-se algumas das delicadas fibras, que cercão o coração, ou tambem os bronquios, e o Cavallo ficar ou rebentado, ou com a molestia chamada polmoeira.

Por estes motivos, vendo o Cavalleiro que ao Cavallo lhe vai faltando o folgo, deve deixallo descansar; e em tornando a cobrar o folgo, ir-lhe repetindo as lições, mas sem o fatigar com excessão; advertindo que eu não nego que a continuação do trabalho não deixa de lhes ir dilatando o folgo; pois he certo que não sendo costumados ao trabalho, qualquer leve excessão os fatiga muito; por isso lho devem ir augmentando pouco a pouco, até que o costume se chegue a converter em natureza.

A ponta do focinho dos Cavallos destinados para a caça, e para a guerra he bom

bom que lhes fique hum pouco mais livre, e alta, do que aos que se destinão para o manejo, a fim de que possão respirar com mais facilidade; se bem que não pertendo dizer nisto que os deixem estender, e levantar tanto o focinho, que não possão ver bem o terreno por onde andão, porque galopando com a cabeça fóra daquelle lugar que lhes permite a sua construcção, não voltão com facilidade, e vão sujeitos, se tropeção, a cair, porque não se deixão governar bem com o freio.

Para lhes segurar bem a cabeça, e a dobra do pescoço, he bom galopallos na lição da volta ao revés para a direita sobre os circulos, e por todo o terreno do Picadeiro; e á proporção do que elles se deixão encruzar entre a redea direita, e a perna esquerda, podem apertar-lhes affim a volta, ou os circulos para os confirmar na obediencia, e segurança das redeas, indo sempre unidos sobre a mão, e pé direitos. Depois os irão voltando algumas vezes para a direita, e para a esquerda, sem os fazer passar de mão, isto he, sem os obrigar a que se desdobrem da acção, e avancem a mão, e pé esquerdos; pois isto serve para os costumar a que voltem com ambas as redeas, sem se desunir tanto das espaldas, como da garupa.

Não he máo fazellos observar esta lição, tanto nos limites de hum Picadeiro, como pelo campo, a fim de os costumar a ir galopando unidos para a direita por toda a forte de terrenos, e de que não eframhem a desigualdade do campo, do mato, e finalmente não temão coufa alguma.

Devem os Cavallos corredores soffrer bem os movimentos, e acções, que o Cavalleiro precisa fazer para usar da espingarda. Ser socegados ao estrondo dos tiros para todas as partes que for preciso atirar. Tambem serão costumados a voltar com promptidão, e salvar os possiveis vallados, tranqueiras, e vallas (como fica dito dos Cavallos da guerra) para não ser preciso ir tantas vezes buscar as estradas, e caminhos. Devem não ter medo de entrar na agua, nem ter o defeito de se deitar nella. La Brow trata bem do modo com que se devem ensinar os Cavallos destinados para este exercicio. E eu creio que se tiverem sido creados pelos principios, e costumes, que por todo este volume deixo substanciado, elles servirão bem, tanto para a caça, como para a guerra.

Ha outros Cavallos, além dos corredores, a que chamão de *Espingarda*: estes de ordinario devem ser mais pequenos, e ter as qualidades de ser muito seguros, como tambem mansos ao vôo das Aves, e ao movimento das espingardas, sem já-mais se assustarem de coufa alguma. He bom que se jáo costumados a parar, logo que o Cavalleiro proferir a particula *bó*, ou tambem logo que lhes lançarem as redeas sobre o pescoço, ainda que vão galopando. Esta casta de Cavallos são de muita estima para este exercicio; porém como para elles põrem tudo isto em prática he preciso mais curiosidade, do que sciencia, depois dos Cavallos dispostos pelos rudimentos que tenho insinuado, qualquer curioso, ajudado da naturalidade, lhes poderá introduzir estes costumes.

Modo, pelo qual o Senbor Rei D. Josè I. hia ás caçadas.

C Oftumava Sua Magestade ir á caça, tanto de veação, como volatil, com magnificencia verdadeiramente Real : eu vi no dia vinte e hum de Janeiro de 1766 pôr tudo em ordem para ir á caça pela maneira seguinte.

Pelas tres horas da noite alguns tambores tocáão a alvorada por todas as ruas de Salvaterra de Magos ; e segundo era costume, se forão levantando, e partindo para o mato os Batedores, os Caçadores, os Moços de monte, os Emprazadores, e outros muitos criados de Sua Magestade empregados nas caçadas. De forte que no tempo, em que a noite se despedia das estrellas, e a formosa Aurora em seu rosado carro começava a deixar ver que o Sol seguindo-a cuidadoso mostrava á vista na belleza rustica, e simples das montanhas hum dia gracioso, e plausivel, então me vi entre aquella numerosa comitiva, a quem o Monteiro Mór deo as ordens para se dispôr hum cerco regular á primeira mata do Bilrete.

Distribuida a ordem por vinte e dous Emprazadores, por quatorze Guias das alas, por vinte e oito Moços do monte, por trinta e sete Couteiros, e por vinte e seis caçadores, se principiárão a pôr em ordem oitocentos e sessenta Batedores, os quaes se forão dividindo em duas alas, que principiárão a circumdar em torno a referida mata; e sendo tudo assim disposto, forão todos aquelles homens rompendo a espessura dos emaranhados arbutos, e azinhas, de forte que se hião dando as mãos huns aos outros, e as fêras de diversas especies timoratas se conduzião fugitivas, e espavoridas para o centro daquella mata.

Apenas se principiou a pôr toda a gente em boa ordem, principiou a chegar a comitiva de Sua Magestade. Primeiramente dezoito Picadores, servidos de outros tantos moços da Cavalhariça : apôs elles setenta e oito Cavallos á mão, os primeiros dezoito conduzidos por moços da estribeira, e os mais por outros tantos moços da Cavalhariça.

Depois chegarão ao mesmo sitio Suas Magestades o Senhor D. JOSE' I., e a Senhora D. MARIANNA VICTORIA, ambos em huma sege de campo, e logo pelo mesmo modo chegou tambem Sua Alteza o Senhor Infante D. PEDRO, irmão de ElRei, com o seu Camarista D. Vasco da Camara : seguia-se logo o Conde Reinante de Lalippe com o Principe de Mequelemburg, irmão da Rainha da Grão Bretanha, ambos em outra sege: depois dous Camaristas de Suas Magestades com muitas outras grandes Personagens, a quem seguião muitos criados com Cavallos á mão, os quaes todos fazião huma vária, mas agradável perspectiva.

Depois chegou o Excellentissimo Marquez de Marialva, Estribeiro Mór, e seus filhos o Excellentissimo Marquez de Marialva D. Diogo, o Excellentissimo Marquez de Tancos D. Antonio, o Excellentissimo D. José Thomaz de Menezes, e o Excellentissimo D. Rodrigo de Menezes. Apôs elles vinha o Marquez de Angeja, e seu filho o Condè de Villaverde, e outros muitos Fidalgos, até que Suas Magestades montárão a cavallo; e seguidos de muitas Personagens, forão para as portas da atalhada por onde havia de fahir a caça.

ElRei ficou na primeira porta da direita acompanhado do Conde de Lalippe , do Principe de Mequelemburg , do Marquez de Alvito , Marechal General , Aio de Sua Magestade , do Conde , Barão de Alvito , do Marquez de Angeja , do Marquez das Minas , e varios outros Fidalgos , de quatro criados particulares , e feis carregadores , que apromptavão as espingardas com que Sua Magestade atirava , porque o Conde de Lalippe , e o Principe de Mequelemburg não quizerão atirar.

Na segunda porta estava a Rainha acompanhada do Excellentissimo Marquez D. Pedro Estribeiro Mór , do Senhor D. João da Bempošta , do Conde de Val de Reis , dos filhos do Excellentissimo Marquez de Marialva , e outros muitos Fidalgos com feis carregadores.

Na terceira porta estava Sua Alteza o Senhor Infante D. Pedro , irmão de ElRei , ao qual acompanhavão o Conde da Ponte , feu Gentil-Homem , e feu Estribeiro Mór , o Excellentissimo D. Pedro da Camara , o Conde de Aveiras , o Conde da Atalaia , e outros muitos Fidalgos , tres criados particulares , e cinco carregadores.

Batida assim a moita , a que se chama caçar de porta franca , sahirão della muitos Veados , Cervas , Vareiros , Biques , Gamos , e Javalins de hum , e de outro sexo , e assim tambem muitas raposas , e outras féras , em que Suas Magestades , Sua Alteza , e o Marquez de Marialva D. Pedro fizerão grande mortandade , porque todos atiravão insignemente.

Depois mandou Sua Magestade fazer huma calcada , em que se dispoz a gente da batida pelo mesmo modo , indo-se fechar o cerco em hum sitio , em que havia huma grande planice com o mato curto , no qual , depois de fechado o circulo , entrarão Suas Magestades , Suas Altezas , e todos os Grandes , como tambem os Picadores para correr as féras , de que havia dentro nelle grande cópia ; e quando sahia alguma para fóra da ala , era seguida pelos Picadores , de sorte que sempre Suas Magestades , ou Sua Alteza as matavão , posto que ellas se derramassem , fugindo pelos mais espessos matos.

Cada huma das Pessoas Reaes tinha hum guia práctico do Paiz , que a guiava pelo melhor caminho , a fim de não lhe acontecer algum perigo ; mas a Rainha era tão effcaz , que muitas vezes deixava o guia , só por seguir a caça.

Os Cavallos , que servião para correr no mato , erão chapeados , isto he , mettia-se-lhes entre as ferraduras , e as palmas humas chapas de ferro delgadas para não alcançarem estrepes. Tambem os armavão de peitoral do mato , Est. V. , Fig. 15. , e mangas Fig. 17. , com as quaes vestião os braços dos Cavallos , afivelando-lhes as correas dos lados nas fivelas delles , e as duas correas de cima de cada manga , huma á prizão do peitoral , Est. IX. , Fig. 17. , Letra Z , e a outra passada por entre o peitoral do mato , e o peito do Cavallo se hia afivelar na fivela , que se mostra na parte superior da Fig. 15. , Est. V. , e finalmente as çapatilhas Fig. 14. se afivelavão duas nas mãos , e duas nos pés , a fim de lhes servirem de refguardo aos machinhos , e quartelas.

O Marquez Estribeiro Mór corria os Javalins com hum pompilho , e tambem

os Picadores até que Suas Magestades chegassem para lhes atirar. Nestas calçadas corrião muitos Fidalgos, e outros bons Cavalleiros, de forte que divididos em tres ranchos, hum se chamava de ElRei, outro da Rainha, e outro do Infante, e todos por competencia fazião muitas gentilezas, como atropellar os Javalins, voltallos na carreira, e muitas vezes se elles se atovão, os Cavalleiros pondo-se a pé, lhes pegavão com tanta facilidade, que o Conde de Lalippe, e o Principe de Mequelemburg se admiravão de os ver, como tambem da boa ordem com que ElRei, Rainha, e Sua Alteza montavão, corrião, e atiravão, &c. Batêrão-se neste dia tres moitas, e fizerão-se duas calçadas, nas quaes morrêrão fincoenta e sete rezes.

Modo, por que Sua Magestade sabia á caça das Lebres.

FAzia o Senhor Rei D. José I. sempre esta função tambem com apparatus verdadeiramente magnifico: e no Domingo seguinte se fez esta caçada, como passo a referir.

A's oito horas da manhã, depois de ouvirem Missa, entrárão a concorrer para a praça contigua ao Palacio muitos criados de Sua Magestade, donde se principiárão a pôr em ordem pela maneira seguinte.

Sahio o Monteiro Mór do feu Palacio a cavallo acompanhado de muitos Fidalgos, e Nobreza, do Juiz do Crime da Corte, e de trinta e sete Couteiros, vinte e oito Moços do Monte, e dezenove emprazadores, com os quaes marchou para o alto, ou lugar da caçada. Passada a ponte chamada do campo, ao lado esquerdo havia hum magnifico degráo para Suas Magestades, e Altezas se apearem dos Cavallos da Picaria, e tornarem a montar nos Cavallos de campo, ou corredores, como ao diante se dirá. Neste sitio se achavão muitos homens de pé, além dos oitocentos batedores, que costumavão servir no mato, aos quaes o Monteiro Mór, e D. Luiz da Cunha, Ministro, e Secretario de Estado, mandárão formar duas bem dispostas alas. A da direita era commandada por D. Luiz da Cunha, e a da esquerda pelo Monteiro Mór.

Pouco depois se formárão na praça quatro córos de Timbaleiros; a saber: seis Clarins em cada coro, hum Timbaleiro, e hum Clarim mór, todos vestidos de veludo carmezim ricamente agaloados de ouro: junto a cada par de timbales havia dous moços da cavalhariça, que os conduzião a pé dalli até ao campo.

Pouco distante dos Timbaleiros havia duas fileiras de Falcoeiros vestidos de escarlata agaloados de prata, montados a cavallo, e entre cada seis huma de tres gaiolas de Falcões, em cada huma das quaes hião seis açores prezos com cadeias douradas, e monteiras bordadas de ouro: as gaiolas erão de nove palmos de altura com largura proporcionada, erão todas forradas de veludo carmezim agaloadas de ouro, e tambem conduzidas por quatro moços da cavalhariça cada huma. Este luzido apparatus, e os córos de Clarins, tocando alternativamente, fazião assim ordenados aos ouvidos, e aos olhos a mais deliciosa harmonia.

Depois de toda esta comitiva se pôr em marcha, junto ao Palacio montárão Suas Magestades a cavallo pela maneira seguinte.

O Coronel Bartholomeu de Aranda , Mestre da Picaria Real , tomando da mão de hum moço da estribeira hum soberbo Cavallo russo , chamado Gentil , o conduzio ao degráo para a Rainha montar , á qual o Marquez Estribeiro Mór metteo o pé no estribo , e o Serenissimo Infante D. Pedro ajudou a pôr-se a cavallo , como tambem Sua Magestade lhe segurou o estribo direito , e lhe concertou as vestes reaes : apôs isso o dito Mestre da Picaria chegou ao degráo pelo mesmo modo hum excellente Cavallo castanho chamado Filagrana para ElRei montar ; segurando-lhe nas caimbas do freio , o Sargento Mór Carlos Antonio , primeiro Ajudante da Picaria , no estribo direito , e o Excellentissimo Marquez de Marialva , Estribeiro Mór , lhe metteo o pé no estribo esquerdo , e ajudou a montar.

Logo chegou Rodrigo Quarefina , primeiro Mestre da Picaria do Senhor Rei D. José I. , a este tempo destinado para o serviço de Sua Alteza o Senhor Infante D. Pedro ; o qual tomando da mão de hum moço da estribeira hum bello Cavallo castanho chamado Saloio , o chegou ao mesmo degráo para Sua Alteza montar , e o Conde da Ponte , seu Estribeiro Mór , lhe metteo o pé no estribo , e ajudou a pôr-se a cavallo.

Ao mesmo degráo chegou o Capitão José Xavier , hum dos Picadores dos da Picaria Real ; e tomando da mão de hum moço da estribeira hum formoso Cavallo , lhe pegou pelas caimbas do freio para montar o Excellentissimo Marquez , Estribeiro Mór de ElRei , e da mesma forte , e no mesmo lugar montarão a cavallo o Excellentissimo Conde de Val de Reis , Estribeiro Mór da Rainha , e o Excellentissimo Conde da Ponte , Estribeiro Mór do Senhor Infante D. Pedro , só com a differença de não serem servidos estes dous ultimos pelos Picadores da Picaria Real. Ao mesmo tempo montarão a cavallo muitos Fidalgos por diversos sitios para acompanharem a Suas Magestades , que já a esta hora se havião posto em marcha , sendo a primeira Pessoa ElRei vestido de farda escarlate agaloada de ouro com bordadura , e botões de diamantes , em quem ferindo o Sol parecia todo elle hum copioso monte de brilhantes : á direita hum pouco mais atrás o seguia o Excellentissimo Marquez de Marialva , seu Estribeiro Mór , e á esquerda o seu Aio o Marquez de Alvito. Seguia-se a Rainha , que tambem levava á sua direita o Conde de Val de Reis , seu Estribeiro Mór , e á esquerda o Senhor D. João da Bempoita , Mordomo Mór de ElRei. Logo se seguia Sua Alteza o Senhor Infante D. Pedro , da mesma forte acompanhado do seu Estribeiro Mór , Camaristas , e de outros Fidalgos.

Na praça se encontrarão com Suas Magestades o Conde de Lalippe , e o Principe de Mequelemburg , acompanhados de muitos Officiaes Generaes das Tropas do Exercito , e da Marinha , a quem Suas Magestades , e Altezas cumprimentarão com o maior agrado. O Conde de Lalippe acompanhou a Sua Magestade á esquerda , a quem cedeo o lugar o Marquez de Alvito ; e o Principe de Mequelemburg acompanhou a Rainha da mesma forte , a quem cedeo o lugar o Senhor D. João da Bempoita.

O Coronel Bartholomeu de Aranda , Mestre da Picaria de ElRei , acompanhou a Sua Magestade á esquerda do Marquez de Alvito. O Sargento Mór Car-

los Antonio, que servia de Mestre da Picaria da Rainha, a acompanhou á esquerda do Senhor D. João da Bempoíta, e Rodrigo Quaresma acompanhou o Senhor Infante D. Pedro á esquerda do Excellentíssimo D. Vasco da Camara, Gentil-Homem de Sua Alteza.

Depois seguiu-se huma consideravel quantidade de Marquezes, Condes, Viscondes, Fidalgos, e Officiaes Militares, como tambem alguns Picadores, e outros criados particulares de Suas Magestades, e apòs estes muitas pessoas, que costumavão concorrer de varias partes a ver este bello espectáculo.

Tambem com boa ordem se seguiu a pares dezoze Moços da esfribeira, sete com telizes de veludo carmezim ricamente bordados de ouro, bem sobraçados no braço esquerdo, governados pelo seu apontador, e doze com outros tantos Cavallos á destra, dos quaes Suas Magestades, e Altezas se havião de servir para andar no campo.

Depois pelo mesmo modo vinhão mais sessenta moços da cavalhariça com librés agaloadas, os quaes conduzião outros tantos Cavallos para Camaristas, Veadores, Picadores, e outras muitas pessoas, a quem Sua Magestade fazia mercê de mandar dar dos seus Cavallos, os quaes todos hião ricamente ajaezados, porque até os em que hião montados os moços da cavalhariça, hião enftitados, e com chareis bordados, ou agaloados.

Tendo caminhado com esta boa ordem até passarem a ponte do campo, chegando Suas Magestades ao degráo, se apearão dos Cavallos de Picaria, e montarão nos Cavallos corredores de campo, e da mesma forte os mais Fidalgos, e Cavalleiros.

A este tempo chegarão Suas Altezas ao campo, primeiramente em huma magnifica berlinda tirada por seis Cavallos, vinhão quatro Veadores, ou Braceiros de Suas Altezas. Logo se seguia outra berlinda muito mais rica, em que vinhão a Serenissima Princeza do Brazil, hoje Reinante, as Serenissimas Senhoras Infantas D. Marianna, D. Maria Barbara, e D. Maria Benedicta, das quaes Venus, e Diana lá do Olimpo, aonde se havião congregado as celestes Divindades para ver este bello anfítheatro, vencidas se retirarão de affrontadas, porque em Suas Altezas se via a belleza no mais sublime gráo, a magnificencia no mais pomposo estado, e os attributos, e virtudes, que fazem distintas as Heroínas mais decantadas nas historias, unidos em cada huma, como todos sabem; e como não tenho talentos com que tecer-lhes elogios, eu vou seguindo o meu systema, porque a brevidade que observo, não me dá lugar mais que a narrar a ordem com que se seguiu para o campo.

Apòs Suas Altezas hia hum bello coche de estado, e logo outro, em que se conduzia a Camareira Mór, a quem seguiu dous coches com sete Damas, quatro de Suas Altezas, e tres de Sua Magestade, e hum de Açasafatas, e outro de criadas, e muitas carruagens magnificas, tanto de Suas Magestades, e Altezas, como das muitas Personagens, que assistião áquelle acto.

Suas Altezas, a Camareira Mór, as Damas do Paço, as Açasafatas, e criadas na frente do lado direito, sem sahirem das berlindas, assistirão a toda a função, a quem deo principio a Rainha pelo modo seguinte.

Ten-

Tendo montado a cavallo, o seu guia, e hum emprazador, a conduzirão, seguindo-o o Conde Reinante de Lalippe, o Senhor D. João da Bemposta, e o Principe de Mequelemburg, até que Sua Magestade com hum ponção dourado picou na cama a primeira lebre que sahio: apôs isso os moços das trellas soltarão quatro galgos, que correrão a lebre velozmente; mas como ella se lhe hia adiantando muito, o Monteiro Mór mandou aos Falcoeiros lhe soltarem hum Açor, o qual estando já solto da prizão do pé, tanto que se lhe tirou a monteira da cabeça, sahio do braço do Falcoeiro com huma velocidade indizível; e depois de subir muito alto, desceo sobre a lebre como hum relampago, dando-lhe duas pancadas, por cujo motivo os galgos a apanhárão.

Depois EIRei fez levantar outra, que foi da mesma forte surprehendida: o mesmo fez Sua Alteza o Senhor Infante D. Pedro; e tendo sahido muitas lebres, Sua Magestade mandou correr outras por alguns Picadores, e Cavalleiros, que fazião sobre a viçosa relva, matizada de muitas flores, huma perspectiva a mais brilhante que eu vi em meus dias.

Havia no campo, além da comitiva da Casa Real, huma grande quantidade de Fidalgos, e Nobres Cavalleiros, a quem seguião immensos criados seus, formando com as vistosas librés, bem ajazados Cavallos, e grande cópia de carruagens, hum matiz delicioso.

O estrondo dos Timbales, o eco dos Clarins, os relinchos dos Cavallos, a variedade dos vestidos, a multidão das librés, a quantidade dos Cavalleiros, o bem assentado da planície fazia este bello anfithreatro plausível aos nacionaes, e estrangeiros.

A isto se seguiu a vistosa briga de hum milhafre com hum açor, que durou largo tempo: em quanto contendêrão, subia o açor a maior altura, do que o milhafre: este, em quanto o açor subia, fazia diligencia por fugir; mas quando o açor descia sobre elle, o milhafre no ar se voltava com as farpantes unhas para cima, e assim pugnava, hum por se defender, e o outro pelo aprezar, até que da quarta vez o açor cahio com elle em terra, aonde o Falcoeiro o apanhou, e ao milhafre bem feridos.

Ultimamente se combatêrão os açores com alguns Pombos, Pegas, Rolas, e outros volateis com summa fatisfação dos expectadores, até que Fébo se alongou tanto daquelle vistoso sitio, que parecia que além dos horizontes mergulhava os Cavallos do seu carro nas crystallinas aguas do delicioso Téjo, donde por outro opposto lado a bella Anfitrite principiava a mostrar aos Delfins as brilhantes estrellas, de sorte que transpondo-se o luminoso Planeta, por ter feito o seu gyro, a todos parecia que havia sido este dia mais que os outros abbreviado; e Suas Magestades, e Altezas se recolhêrão aos Paços Reaes com a mesma ordem com que havião sahido para o campo, e cada hum dos mais expectadores aos seus aposentos, em que se ouvião recontar com duplicado gosto os prazeres daquella tarde, da qual eu faço esta breve lembrança para mostrar o gosto com que Suas Magestades, e os principaes Cavalleiros de Portugal a seu exemplo prezavão a Nobre Arte da Cavallaria, que sem dúvida floreceo no tempo do Senhor Rei D. José I. com muita van-

tagem a outras Nações, porque Suas Magestades a proteção, e porque os Portuguezes são muito proprios para Cavalleiros.

Finalmente os Mestres da Picaria deveráo fazer adestrar os Cavalleiros, e os Cavallos em todas as lições do manejo de que tenho feito menção, principalmente no Picadeiro Real, a fim de que todas as vezes que for preciso, elles estejam promptos para servir com perfeição: o que se consegue, destinando o Mestre hum, ou dous dias cada mez para se pôem em prática as escaramuças, e carreiras, de que tenho tratado, as quaes todas são proprias para adestrar os Soldados para a campanha, e todos os mais Cavalleiros para o manejo da caça, e divertimentos, que se costumão praticar nesta Arte.

F I M.



<i>Paginas.</i>	<i>Linhas.</i>	<i>Erratas.</i>	<i>Emendas.</i>
10	16 Ibid. 21.	Suecia	Suevia
55	24	dirigir	digerir ✓
		a palavra aqueduto	
		deve sempre entender-se	conducto
87	38	joelho	jarrete
100	31	diversos aqueductos	hum só conducto ✓
109	5	em	fe ✓
165	34	garupa	grampo ✓
176	1	os que	tenão
263	16	espaduas	passadas
269	30	Fig. 1.	Fig. 3.
313	19	facil	fiel
353	32	passa	passar

